

## **AMANDA SALOMÃO**

Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal:  
relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de  
mulheres pertencentes a clubes de leitura

**Dissertação de mestrado**  
**Outubro de 2020**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO  
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBICT  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

**AMANDA SALOMÃO**

Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura

RIO DE JANEIRO

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO  
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBICT  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

**AMANDA SALOMÃO**

Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Dr. Gustavo Silva Saldanha

RIO DE JANEIRO

2020

S1731 Salomão, Amanda  
Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura / Amanda Salomão. -- Rio de Janeiro, 2020.  
323 f.

Orientador: Gustavo Silva Saldanha.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2020.

1. Leitura. 2. Clubes de leitura. 3. Apropriação de saberes. 4. Perspectivas da mulher. 5. Transformação pessoal. I. Saldanha, Gustavo Silva, orient. II. Título.

#### CIP - Catalogação na Publicação

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a),  
sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

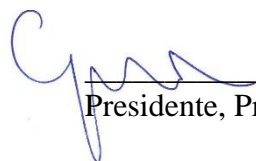
## AMANDA SALOMÃO

Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura


Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.


Rio de Janeiro, 26 de outubro de 2020.

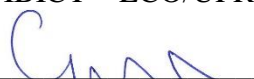
Aprovada por:

  
\_\_\_\_\_  
Presidente, Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha

Banca Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha (Orientador)  
PPGCI IBICT – ECO/UFRJ

p /   
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Gilda Olinto (Examinadora interna)  
PPGCI IBICT – ECO/UFRJ

p /   
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Patrícia Vargas Alencar (Examinadora externa)  
PPGB – UNIRIO

p /   
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont (Examinadora externa)  
PPGCI – UFMG

À minha mãe, às incríveis leitoras que fizeram parte deste estudo e à todas e todos para quem a leitura é uma forma de existir e resistir.

## AGRADECIMENTOS

Aos seres de luz que, nos momentos mais difíceis, sempre encontram uma forma de me mostrar que não estou sozinha.

Aos meus familiares, especialmente minha mãe, Sheila: a nossa relação, rara, preciosa, construída com tanto amor, certamente transcende o plano material e foi um dos elementos que mais contribuiu para que eu pudesse chegar até aqui; obrigada por ser meu porto seguro e me oferecer todas as condições possíveis para que eu pudesse me dedicar a esta pesquisa; à minha avó Ivone, que mesmo não estando mais aqui fisicamente, me dizia desde pequena que o meu lugar era onde eu quisesse. Sinto muitas saudades suas e sei que, de onde você estiver, está me acompanhando e celebrando minhas conquistas junto comigo; ao meu irmão, Bruno, que sempre diz se orgulhar do caminho que percorri até agora e deposita uma crença em mim que eu nem mesmo sabia existir.

Ao meu amor, amigas e amigos, por acreditarem que esse trabalho poderia ser realizado quando nem eu mesma acreditava ser possível. Obrigada pela paciência, por entenderem as ausências, as inseguranças, as indagações e divagações, e me acolherem sempre com carinho, amor, risadas e palavras de incentivo e conforto. Certamente, a caminhada não seria a mesma sem a confiança que vocês depositaram em mim e nessa pesquisa.

Ao meu orientador, Professor Gustavo Silva Saldanha, por enxergar em mim, ainda no primeiro período da graduação em Biblioteconomia, lá nos idos de 2012, uma potência, tal como enxergamos nas leitoras aqui estudadas, que eu nem sabia existir, mas que acabou por transformar a minha vida. Obrigada por me despertar para o potencial da pesquisa científica, por me apresentar diferentes olhares sobre as feiras de livros e sobre a leitura; por me introduzir à Michèle Petit, Nicolas Roubakine, e à tantos outros e outras que, em nosso próprio percurso simbólico desde as feiras, nos trouxeram ao desenvolvimento e concretização deste trabalho. Nada disso teria sido possível sem a sua parceria, empatia e crença no potencial dessa pesquisa.

Ao curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e ao PPGCI IBICT-UFRJ, por me oferecer a oportunidade de começar a percorrer um caminho que tanto me faz feliz. É um privilégio poder conhecer e aprender com docentes e discentes incríveis, que tanto inspiram minha trajetória de pesquisa e me fazem valorizar cada vez mais a qualidade do ensino público.

À banca, composta pelas professoras Lígia Maria Moreira Dumont, Gilda Olinto e Patrícia Vargas Alencar, pesquisadoras incríveis que me incentivaram e incentivam a pesquisar sobre a leitura e sobre a mulher.

Por fim, mas não menos importante, agradeço imensamente às leitoras entrevistadas do Leia Mulheres Rio de Janeiro, por concordarem em compartilhar comigo suas histórias não só de leitura, mas também de vida, me deixando entrever, em pequenos trechos de relatos, por vezes tão íntimos, tão simples, mas de uma potência transformadora significativa, como a leitura transformou, transforma e ainda transformará muitas mulheres ao redor do mundo. No início, quis compreender de que forma a leitura constituía um potencial de transformação nessas entrevistadas e, ao final, quem acabou sentindo-se transformada fui eu.

Meu muito obrigado a todas e todos!



Os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensa-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros (PETIT, 2009, p. 266).

## RESUMO

Trata a leitura como instrumento em potencial de transformação pessoal, a partir das perspectivas da mulher. Busca investigar sob quais condições os saberes apropriados através de experiências de leitura e de seus compartilhamentos em clubes de leitura possibilitam potenciais de modificações de mulheres leitoras. No plano teórico, traz como abordagens centrais as relações epistemológicas estabelecidas entre a abordagem psíquica, fenomenológica e simbólica. Parte das reflexões das considerações psíquicas de Michèle Petit e Nicolas Roubakine, dos estudos fenomenológicos de John Budd e das dimensões simbólicas apontadas por Pierre Bourdieu. No plano metodológico, a pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza exploratória, parte dos estudos de campo, através de intervenções empíricas no clube de leitura Leia Mulheres Rio de Janeiro. Por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas baseadas nos aportes da história de vida tópica em duas mediadoras e três participantes, identifica e analisa o potencial das experiências de leitura para a transformação pessoal. Como resultado, infere os potenciais de transformação pessoal via experiências de leitura a partir das novas possibilidades de enfrentamento aos contextos de crise das entrevistadas e da expansão de suas reflexões sobre a realidade ao redor. Nas considerações finais, posiciona as experiências de leitura como um meio de produção, apropriação e interação de sujeitos com os saberes produzidos e circulados em experiências de leitura subjetivas e intersubjetivas, de modo a possibilitar a aplicação desses conhecimentos nas vivências de mulheres leitoras como potenciais de transformação pessoal.

**Palavras-chave:** Leitura. Clubes de leitura. Apropriação de saberes. Perspectivas da mulher. Transformação pessoal. Ciência da Informação.

## ABSTRACT

It aims to examine reading as a potential tool for personal change, based on woman perspectives. It seeks to investigate the factors that determine the knowledge appropriation at reading experiences and their sharing at reading clubs as potential tool for personal change of women readers. The theoretical approach of this dissertation derives from the epistemological relationship between psychic, phenomenological and symbolic studies. It considers the reflections of the psychic investigations of Michèle Petit and Nicolas Roubakine, John Budd's phenomenological studies and the symbolic dimensions pointed out by Pierre Bourdieu. This research is exploratory in nature and uses a qualitative approach through empirical interventions at the Leia Mulheres reading club. Semi-structured interviews are conducted with two reading mediators and three participants of the reading club, based on the technique of topical life story, in order to identify and analyze reading experiences as potential tools for personal change. As a result, it infers the potential for personal change via reading experiences from the new possibilities of coping with the crisis contexts of the interviewees and from the expansion of their reflections on the reality around them. In the final considerations, it postulates reading experiences as a means of production, appropriation and interaction of individuals with the knowledge produced and circulated in subjective and intersubjective reading experiences, in order to enable the application of this knowledge in the lives of women readers as potentials for personal change.

**Keywords:** Reading. Reading clubs. Knowledge appropriation. Woman perspectives. Personal change. Information Science.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 -</b>	Demonstração de fichamento elaborado a partir do plano de estudo.....	91
<b>Figura 2 -</b>	Esquema teórico-metodológico.....	94
<b>Figura 3 -</b>	Esquema teórico-metodológico do caminho de construção, análise e discussão do <i>corpus</i> .....	133

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 -</b>	Processo de construção do instrumento de coleta de dados.....	113
<b>Quadro 2 -</b>	Relação dos títulos discutidos no Leia Mulheres Rio de Janeiro.....	138

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 -</b>	Faixa etária.....	140
<b>Tabela 2 -</b>	Escolaridade.....	140
<b>Tabela 3 -</b>	Ocupações.....	141
<b>Tabela 4 -</b>	Bairro no Rio de Janeiro.....	141
<b>Tabela 5 -</b>	Renda mensal familiar média.....	142
<b>Tabela 6 -</b>	Influências.....	147
<b>Tabela 7 -</b>	Objetivos.....	150
<b>Tabela 8 -</b>	Sensações individuais.....	152
<b>Tabela 9 -</b>	Marcos de leitura.....	155
<b>Tabela 10 -</b>	Lembranças subjetivas.....	157
<b>Tabela 11 -</b>	Aproximações.....	160
<b>Tabela 12 -</b>	Motivações.....	162
<b>Tabela 13 -</b>	Visões de mundo.....	165
<b>Tabela 14 -</b>	Interpretações.....	174
<b>Tabela 15 -</b>	Sensações compartilhadas.....	176
<b>Tabela 16 -</b>	Lembranças intersubjetivas.....	178

## SUMÁRIO

1	<b>REFLEXÕES INICIAIS</b> .....	12
2	<b>“ENTÃO ISSO ME DESPERTOU...”: horizontes iniciais nos estudos sobre a leitura</b> .....	22
2.1	<b>“SEMPRE FORMOU A FORMA COMO EU VIA O MUNDO...”: a leitura em perspectiva com o potencial de transformação</b> .....	24
2.2	<b>“UM GRUPO DE PESSOAS REUNIDAS FALANDO SOBRE A VIDA, SOBRE IDEIAS, SOBRE LIVROS, LIVROS SÃO ISSO...”: clubes de leitura como espaços de práticas informacionais e experiências compartilhadas de leitura</b> .....	59
2.3	<b>“O PODER QUE TEM O SENTAR EM RODA”:</b> considerações sobre a relação entre mulheres e experiências de leitura à luz dos clubes de leitura.....	73
3	<b>PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO NOS ESTUDOS SOBRE A LEITURA</b> .....	89
3.1	<b>PERCURSO INICIAL DE CONSTRUÇÃO DO MÉTODO:</b> critérios teórico-metodológicos para a operacionalização de conceitos.....	90
3.2	<b>“UMA MARGEM DE MANOBRA SE ABRE”:</b> pesquisa de campo nos estudos sobre a leitura.....	97
4	<b>RESULTADOS ALCANÇADOS: experiências de leitura como potencial para a transformação pessoal das leitoras do Leia Mulheres Rio de Janeiro</b> .....	134
4.1	<b>AS ENTREVISTADAS:</b> quem são as leitoras do Leia Mulheres Rio de Janeiro?.....	134
4.2	<b>HISTÓRIAS DE VIDA, HISTÓRIAS DE LEITURA:</b> o que pensam as leitoras entrevistadas sobre a leitura?.....	142
4.3	<b>“CRUZAR A FRONTEIRA E SALTAR PARA O OUTRO LADO”:</b> horizontes potenciais para a transformação pessoal.....	178
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	258
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	262
	<b>APÊNDICE A - SOLICITAÇÃO DE PERMISSÃO ÀS MEDIADORAS DO LEIA MULHERES RIO DE JANEIRO PARA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO</b> .....	268
	<b>APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA A APLICAÇÃO DO ROTEIRO DE IDENTIFICAÇÃO NO CLUBE LEIA MULHERES RIO DE JANEIRO</b> .....	269
	<b>APÊNDICE C - E-MAIL DE COMUNICAÇÃO AO LEIA MULHERES SÃO PAULO (SEDE) SOBRE O INTUITO DE REALIZAMOS UMA PESQUISA COM O LEIA MULHERES RIO DE JANEIRO</b> .....	271
	<b>APÊNDICE D - CONVITE DE PARTICIPAÇÃO COMO VOLUNTÁRIA EM PESQUISA ACADÊMICA</b> .....	272
	<b>APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA DE HISTÓRIA DE VIDA TÓPICA</b> .....	273
	<b>APÊNDICE F - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA QUESTIONÁRIO</b> .....	275
	<b>APÊNDICE G - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ENTREVISTA</b> .....	277
	<b>ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DE HISTÓRIA DE VIDA TÓPICA</b> .....	279

## 1 REFLEXÕES INICIAIS

Em eco – mas em eco difratado – o texto suscitará, em alguns leitores, não somente pensamentos, mas também emoções, potencialidades de ação, uma comunicação mais livre entre corpo e espírito. E a energia liberada, reencontrada, apropriada ocasionalmente dará força para se passar a alguma outra coisa, sair do lugar onde o leitor se encontrava imobilizado (PETIT, 2009, p. 79).

O contexto da presente pesquisa contempla as perspectivas teóricas, epistemológicas, sociais e aplicadas dos estudos sobre a leitura no escopo da dimensão social da Ciência da Informação. De maneira específica, analisamos e discutimos de que maneira a informação e o conhecimento, aqui tratados como saberes, apropriados por meio das experiências de leitura e de seus compartilhamentos em clubes de leitura se constituem como instrumentos em potencial de transformação pessoal de mulheres leitoras. Pontualmente, o estudo integra e é resultado de pesquisas desenvolvidas no âmbito da leitura no campo informacional ao longo do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, pelo convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCI IBICT-UFRJ).

As inquietações que me conduziram aos estudos desenvolvidos no presente estudo estão circunscritas tanto no meu percurso acadêmico quanto pessoal, que se entrelaçam aos caminhos da leitura de maneira quase que indissociável. No que se refere ao primeiro, formada pelo curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) em 2017, o despertar de um interesse pelas produções e pesquisas no campo da leitura começa de maneira um tanto tímida ainda no segundo período de graduação, no âmbito da disciplina História do Livro e das Bibliotecas e das possibilidades aí vislumbradas de estudar a leitura, leitores e leitoras em seus mais diversos contextos e abordagens.

Nesse cenário, essas inúmeras possibilidades de estudo me levaram à explorar, no trabalho de conclusão de curso (TCC), a contribuição das bibliotecas circulantes – tipo de biblioteca voltado para o aluguel de livros – para o desenvolvimento de mulheres leitoras e escritoras de romances na Inglaterra do final do século XVIII a meados do XIX, cujas práticas estabelecidas por esses espaços nos revelam perspectivas que corroboram as noções da leitura como instrumento em potencial de transformação, ainda que em um recorte espacial e temporal distintos. De maneira específica, através da pesquisa bibliográfica, investigamos como uma das instâncias dessa potência transformadora se manifesta a partir da expansão das possibilidades de inclusão da mulher na economia do livro como leitora e escritora em uma época em que o acesso ao livro e à leitura, sobretudo para as mulheres, era muito restrito.



Ao mesmo tempo, os estudos sobre a leitura se aprofundam e ganham novos contornos em outros momentos da graduação, mais precisamente no cenário de atuação como voluntária desde 2012 no Grupo de Pesquisa *Ecce Liber: filosofia, linguagem e saberes*<sup>1</sup>, liderado pelo Professor Dr. Gustavo Silva Saldanha: é nesse contexto que se estabelecem as aproximações iniciais com a atividade de pesquisa, onde (re)encontro as feiras de livro, recuperando uma conexão estabelecida na adolescência com um espaço que forma e integra todo o meu caminhar pelo universo da leitura e o meu desenvolvimento como leitora, evocando vínculos e vivências ancoradas nas conversas com os livreiros sobre livros, leitura e, até mesmo, aspectos de suas próprias vidas, nas tardes em que passei nas feiras acompanhando suas atividades, tentando entender as interações ali transcorridas, que transcendem a “simples” dinâmica de compra e venda de livros e, não raro, recebendo inúmeras indicações de leitura e enriquecendo meu próprio repertório. A vivência nas feiras, que aprofunda minhas relações com a leitura, se estende à circulação pelo seu universo em outras instâncias, como os eventos literários promovidos por editoras, os contatos aí traçados com leitores e leitoras que resultaram em inúmeros encontros para trocar livros e compartilhar experiências de leitura, ainda que não se tratassem de clubes de leitura propriamente ditos, conforme sua concepção original sugere.

Assim, a trajetória acadêmica como discente do curso de Biblioteconomia e voluntária no *Ecce Liber* recupera essas vivências no universo da leitura a partir de conversas com o Professor Gustavo Saldanha, o que me conduz à retomada das feiras de livro nas experiências com a pesquisa de Iniciação Científica (Bolsa PIBIC), desenvolvida nos anos de 2015 a 2017 sob a orientação do mesmo professor e com o fomento da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Essa investigação, que influencia diretamente as indagações iniciais dos estudos aqui desenvolvidos, inicia-se de maneira efetiva em 2016, durante intervenções empíricas em feiras de livro na cidade do Rio de Janeiro (no Centro Histórico da cidade, promovidas pela Associação Brasileira do Livro, e na Primavera Literária, organizada pela Liga Brasileira de Editores), a fim de analisar a relação simbólica de visitantes, livreiros e livreiras com o livro, a leitura e os saberes circulados nesses *loci*, partindo de aportes do método etnográfico e das entrevistas baseadas na história oral.

---

<sup>1</sup> Grupo de Pesquisa criado em 2011 no contexto da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e formalizado, em 2013, em parceria com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Em uma dessas incursões, me deparei com uma entrevistada que apresentou um relato que talvez possa ser considerado o ponto de partida principal para querer abordar a relação entre a leitura e seus potenciais de transformação: quando criança, estudante de uma escola pública na cidade do Rio de Janeiro, a entrevistada revelou que não tinha condições financeiras de comprar o livro solicitado em sala de aula para uma atividade de leitura; diante desse cenário e identificando seu interesse, seu professor lhe comprou um exemplar de *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Para essa ex-aluna, agora na idade adulta, essa atitude mudou não apenas suas concepções sobre o livro e a leitura, mas também sua própria trajetória pessoal, influenciando em sua formação como leitora, em suas escolhas profissionais e de vida. A atitude de seu professor foi tão significativa que essa ex-aluna (por entre outras razões) tornou-se professora da rede pública de ensino e frequenta até hoje diversas feiras de livro para adquirir livros para estudantes que, tal como ela na infância, não possuem recursos financeiros suficientes para o desenvolvimento das práticas de leitura. Trata-se de fazer por seus alunos e alunas o mesmo que um dia já fizeram por ela. Tal como ocorreu com o TCC, o relato dessa entrevistada também me permitiu inferir que as vivências com o livro e as experiências de leitura em um dado espaço-tempo possibilitam, de alguma forma, horizontes potenciais de significações e ressignificações no cenário subjetivo e/ou intersubjetivo de sujeitos leitores.

Além disso, esse relato me despertou, principalmente, para um olhar que vai além daquele concebido como leitora e estudante do curso de Biblioteconomia, alcançando minha própria condição enquanto mulher, integrante de um gênero historicamente restrito dos processos de produção, circulação, acesso e apropriação do livro e da leitura. Esse aspecto em comum à muitas mulheres, dadas as devidas proporções e particularidades de seus contextos sociais e econômicos, me possibilitou enxergar no relato dessa entrevistada uma vulnerabilidade que transcende essa seara e se aprofunda pela simples condição de ser mulher, elemento que nos une independentemente dos cenários socioeconômicos – em muitas vezes privilegiados em relação à outras mulheres – em que estamos inseridas como leitora e como sujeito, sendo as experiências de leitura um meio para o vislumbre de possibilidades, até então não ou pouco reconhecidas, de ser no mundo social.

Esse olhar retoma o percurso traçado nos estudos desenvolvidos durante o trabalho final na graduação e da pesquisa de Iniciação Científica, na qual a aproximação com a leitura sugere potenciais de transformação nas vivências de mulheres leitoras, sejam estas pessoais ou no meio social em que circulam. Independentemente do contexto e das condições de possibilidades de ocorrência dessas transformações, cabe refletirmos sobre o quanto as

experiências de leitura podem contribuir para que as mulheres ampliem seu universo de escolhas e atuações no mundo social, de modo a transpor barreiras que lhes foram historicamente impostas.

Sob essa ótica, Bourdieu (2004) nos lembra que, ao falar da leitura, é preciso analisar as condições, relações e discursos que envolvem suas práticas, os interesses que circundam e orientam os sentidos que deveriam ser e são apropriados das obras lidas. Especificamente sobre a leitura realizada por mulheres, podemos posicionar esses interesses à luz do que durante muito tempo se considerou uma leitura “feminina”, evocando uma conotação depreciativa para uma experiência pretensamente associada à materiais que não incentivavam tampouco proporcionavam o desenvolvimento de reflexões críticas, atendo-se, pois, ao consumo por lazer, ao escape, ao ambiente privado, ao que era considerado como o círculo de interesses das mulheres. Essas experiências encontravam-se (e não raro ainda encontram-se) envoltas em olhares e práticas que respondem por tentativas de reforçar, via leitura, os padrões estabelecidos sobre a própria condição e atuação da mulher no mundo social, manifestadas através de discursos que preconizam e orientam o que as leitoras deveriam ler e, principalmente, os sentidos e saberes que deveriam ser apropriados dos objetos lidos; esses mecanismos aprofundam as opressões materiais e simbólicas que se expressam nas vivências de mulheres ao redor do mundo em suas mais variadas formas e, por sua vez, na maneira como percebem, concebem e refletem sobre si mesmas e a realidade em que estão inseridas.

Nesse sentido, esses aspectos configuram, pois, um despertar inicial para as minhas indagações sobre o horizonte de possibilidades que se abre via leitura, reconhecendo em sua centralidade alguns vislumbres para que as mulheres encontrem nessas experiências elementos subjetivos que talvez nem soubessem existir em sua consciência, mas que são evocados e se manifestam nas relações estabelecidas consigo mesmas e, em sentido amplo, em suas formas de perceber, conceber e interagir com a realidade ao redor. Principalmente quando compartilhadas, as experiências de leitura expandem essas potencialidades, tornando possível, através das discussões sobre os objetos lidos, das trocas orais e dos laços estabelecidos com outras leitoras, pensar e refletir não apenas sobre o mundo que nos cerca, ainda repleto das mais diversas formas de desigualdades econômicas, sociais e de gênero, mas também sobre suas próprias vidas, sobre o que são e gostariam de ser, ampliando as chances, para recorrermos à Michèle Petit (2009, 2013, 2019), de tornarem-se mais sujeitos de suas histórias.

Esse campo de possibilidades que se abre via experiências de leitura é aqui estudado à luz dos clubes de leitura. Apesar de não estar diretamente envolvida com essas práticas ao

longo de minha trajetória como acadêmica e como leitora, as vivências pessoais no universo da leitura (notadamente os encontros para trocar e falar sobre livros e leitura), somada à minha própria condição como mulher, me levaram a buscar espaços de leitura voltados especificamente para mulheres, partindo do entendimento de que as reuniões entre leitoras nos ofereceriam os construtos para compreender de que maneira suas relações com o ato de ler configuram potenciais de transformação pessoal, caminho que nos conduz, a partir daí, ao *Leia Mulheres Rio de Janeiro*, *locus* de intervenção empírica do presente estudo.

O critério de seleção para os clubes de leitura como objeto de análise parte da noção de que esses espaços, ao reunirem personalidades e contextos plurais, acabam por conjugar experiências de leitura e interações informacionais, sociais e simbólicas igualmente plurais, sugerindo modos distintos e particulares de apropriação de saberes. Especificamente sob a ótica da mulher, propomos que os debates e os saberes resultantes das dinâmicas aí desenroladas podem vir a expandir as possibilidades de reflexões não apenas sobre si mesmas, mas também sobre a realidade ao redor, oferecendo vislumbres sobre potenciais de transformação. Esses aspectos, entre outros fatores analisados ao decorrer do estudo, ancoram nossas propostas em centralizar os clubes como foco de intervenção na análise sobre a relação entre leitura e transformação pessoal na realidade de mulheres leitoras: tratam-se de diversas possibilidades de diálogos, trocas de experiências distintas de leitura, interações intersubjetivas e relações psíquicas, simbólicas e fenomenológicas.

Nesse sentido, os esforços empreendidos neste estudo para analisar e compreender essas relações remontam novamente ao plano das vivências pessoais. Para além das feiras que norteiam os primeiros passos em minha trajetória acadêmica no campo da leitura, encontro em uma concepção trazida por Petit (2013) construtos que dialogam com as propostas teóricas e metodológicas empregadas e permitem o entendimento sobre como os potenciais de transformação via experiências de leitura podem se constituir. Para a antropóloga francesa, que se dedica há anos, pela linha psíquica, a pesquisar sobre as relações entre sujeito e leitura em contextos de crise em diferentes partes do mundo, toda pesquisadora ou pesquisador que se dedica a pesquisar sobre a leitura deve pensar em seu próprio percurso de leitura; isto é, os caminhos pelos quais a leitura os conduziu do que a autora concebe como espaço de intimidade, subjetivo, de relação com “o próprio eu”, para o espaço público, intersubjetivo, de interação com o “outro” e a realidade que os circunda. Falar da leitura é, pois, falar de nós e do outro, recuperar aspectos de nossas histórias de vida que se entrelaçam com a leitura.

Assim, ao pensar no meu próprio percurso como leitora, foi preciso pensar em uma série de relações traçadas com o ato de ler desde a infância, perpassando a adolescência e se

consolidando na vida adulta, na qual o propósito de leitura ultrapassava as noções de aprendizado e lazer para se tornar uma forma de existir e resistir em meio a todos os conflitos existentes ao longo de vivências subjetivas e intersubjetivas. Evoco, por exemplo, *A reunião dos planetas*, obra de Marcelo Ribeiro Leite de Oliveira, que me ajudou a passar por momentos difíceis durante a infância. Retomo também as obras de Jane Austen, das irmãs Brontë, de Khaled Hosseini, Svetlana Aleksievitch, entre tantas outras e outros que, durante diferentes momentos da minha vida, me ofereceram e ainda oferecem não apenas formas de lidar com crises internas, mas também vislumbres sobre possibilidades inúmeras de ser e estar no mundo, sobre as realidades de grupos sociais tão diferentes dos meus, mas que, de algum modo, expandem minhas formas de perceber, conceber e interagir com essa mesma realidade.

Evoco meu percurso como leitora, conforme proposto por Petit (2013), pois, para falar sobre como a leitura oferece potenciais de transformação pessoal de mulheres leitoras, era preciso refletir, primeiramente, sobre como essa potência se manifestou e se manifesta em minha própria vida não apenas durante os meus momentos de crise, como também no cotidiano, naqueles pequenos momentos do dia em que nos voltamos para os livros, sem um objetivo muito claro, e acabamos, ainda que de forma inconsciente, por encontrar nas vivências de outros grupos sociais, do contato com realidades e saberes que desconhecíamos (ou nem sabíamos estar presentes em nossa consciência), formas de nos reconectar com nós mesmos, de vislumbrar possibilidades de ser e existir que nem sabíamos ser possível. Na própria elaboração desta dissertação, a fim de tentar entender como essas leitoras estabelecem relações com a leitura, processos tão subjetivos e singulares em sua essência, eu me peguei refletindo sobre os meus próprios processos de leitura que, tal como para as entrevistadas, em muitas vezes também me eram desconhecidos. Foi através da reflexão de processos que, até então, passavam despercebidos pela minha consciência, que pude tentar começar a indagar de que forma eles reverberam em outras leitoras e constituem, assim, potenciais de transformação.

Por essa razão, uma das possibilidades encontradas para entender como essas relações com as experiências de leitura se constituem está no diálogo entre a epistemologia da Ciência da Informação e os estudos sociais, teóricos e aplicados da leitura propostos por pesquisadores e pesquisadoras de campos fronteiriços, no qual posicionamos a centralidade da fenomenologia, do simbólico e do psíquico. As noções contempladas nos permitem estabelecer aproximações teórico-metodológicas que reconhecem as experiências de leitura como instrumentos de produção, apropriação e interação de mulheres leitoras com os saberes

e, em sentido amplo, com a realidade ao redor, possibilitando a aplicação dos conhecimentos obtidos em suas vivências e ampliando as chances de transformação de si mesmas.

O ponto central do diálogo entre essas abordagens está em entender como os saberes apropriados por meio das experiências de leitura subjetivas (processo de leitura individual, a partir da interação do sujeito com o objeto) e intersubjetivas (compartilhamento de experiências particulares de leitura com outros sujeitos) podem ser concebidos como potências de aplicação para transformações pessoais. Do ponto de vista dessas correntes, orientadas para os estudos informacionais, os atos de leitura, sejam individuais ou compartilhados no âmbito dos clubes de leitura, emergem como uma experiência, um modo de interação dos sujeitos com o mundo à sua volta, de forma a possibilitar múltiplas instâncias de modificações: seja nas formas de conceber a realidade, no conhecimento ou reconstrução de si mesmas, nas relações traçadas consigo mesmas e com o mundo que as cerca.

Reconhecemos, centralmente, a importância do contexto e da subjetividade das leitoras como modo de compreensão das relações que estabelecem com a leitura, permeadas por suas próprias formas de perceber e atribuir sentidos e significados aos objetos e fenômenos que compõem a realidade. Na perspectiva social da Ciência da Informação, entendemos que seria de interesse ao campo investigar as condições e relações que resultam das experiências de leitura de mulheres inseridas no mundo social de diferentes formas, permitindo a análise sobre a maneira em que essas leitoras, influenciadas por suas histórias de vida, produzem e apropriam saberes que podem vir a ser aplicados em suas vivências, mais precisamente nos modos de reflexão sobre si mesmas e o mundo que as cercam, de modo a expandir as possibilidades de significações e ressignificações subjetivas e intersubjetivas.

Assim, para o tema proposto, estabelecemos o seguinte problema de pesquisa: na atualidade, sob quais condições as experiências de leitura constituem instrumentos em potencial de transformação pessoal de mulheres leitoras pertencentes a clubes de leitura na cidade do Rio de Janeiro?

Nessa perspectiva, o objetivo geral do presente estudo é compreender o potencial das experiências de leitura para a transformação pessoal, a partir das perspectivas da mulher. Especificamente, lançamos nossos olhares às condições em que as experiências de leitura individuais e compartilhadas nos clubes de leitura possibilitam apropriar saberes que constituem potenciais de transformação de mulheres leitoras.

Centralmente, tendo como horizonte teórico-metodológico a relação entre as abordagens psíquicas, fenomenológicas e simbólicas, estabelecemos três objetivos específicos para a pesquisa, os quais seguem elencados abaixo:

- a) interpretar a leitura a partir dos potenciais de transformação à luz do discurso informacional, com ênfase aos seus aspectos teóricos, epistemológicos, sociais e aplicados;
- b) identificar as condições resultantes de processos subjetivos durante as experiências de leitura segundo as abordagens fenomenológica, psicossocial e simbólica;
- c) compreender as relações constituídas nas experiências de leitura de mulheres leitoras pertencentes a clubes de leitura a partir de suas histórias de vida.

De modo geral, à luz da abordagem qualitativa, a metodologia da pesquisa contempla os estudos de campo evidenciados por Minayo (2010), através dos quais propomos intervenções empíricas no espaço e nas dinâmicas dos clubes de leitura na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente no contexto do clube Leia Mulheres Rio de Janeiro. A partir do emprego de entrevistas semiestruturadas baseadas nos pressupostos da história de vida tópica, tal como apontam Denzin (1989) e Minayo (2010), somadas à aplicação do questionário de identificação e práticas de observação como ferramentas complementares às técnicas de coleta de dados, nos interessa compreender as experiências de leitura individuais e compartilhadas de mulheres leitoras pertencentes à clubes de leitura, com vistas a identificar e entender sob quais condições estas configuram potenciais de transformação pessoal.

Desse modo, a fim de fundamentar os aportes teóricos selecionados e contribuir para a construção e interpretação do *corpus*, elegemos seis conceitos centrais: leitura; apropriação de saberes; práticas informacionais; clubes de leitura; perspectivas da mulher na leitura; e transformação pessoal. A orientação que circunda a operacionalização desses conceitos é apresentada na forma de um quadro esquemático, que pode ser encontrado na seção secundária 3.1 sobre os critérios empregados para os procedimentos metodológicos do presente estudo.

Assim, o trabalho encontra-se dividido da seguinte forma: na seção 2 “*Então isso me despertou...*”: *horizontes iniciais nos estudos sobre a leitura*, apresentamos os critérios empregados para a construção do referencial teórico da pesquisa, lançando luz aos pesquisadores e pesquisadoras que fundamentam as abordagens psíquicas, fenomenológicas e simbólicas, bem como os conceitos elencados para o estudo, partindo tanto da perspectiva do campo informacional como de áreas correlatadas. Essa seção primária está subdividida nas três subseções que seguem descritas abaixo.

Em 2.1 *“Sempre formou a forma como eu via o mundo...”*: a leitura em perspectiva com o potencial de transformação, discutimos a relação entre as experiências de leitura e seus potenciais de transformação pessoal à luz do discurso informacional e de áreas fronteiriças ao campo. Na subseção seguinte, 2.2 *“Um grupo de pessoas reunidas falando sobre a vida, sobre ideias, sobre livros, livros são isso...”*: clubes de leitura como espaços de práticas informacionais e experiências compartilhadas de leitura, discorremos sobre as dinâmicas transcorridas nos clubes de leitura e a concepção de seu espaço como *locus* privilegiado de reunião de mulheres possuidoras de subjetividades e contextos distintos, cujo compartilhamento não apenas de experiências de leitura, mas também de relatos sobre vivências pessoais denotam modos de produção, circulação, apropriação e mediação de saberes que podem ser aplicados para reflexões sobre si mesmas e o mundo ao redor. Em seguida, em 2.3 *“O poder que tem o sentar em roda”*: considerações sobre a relação entre mulheres e experiências de leitura à luz dos clubes de leitura, abordamos as relações entre mulheres e leitura, lançando um breve olhar aos aspectos sócio históricos que circundam seu desenvolvimento como leitora e, especificamente, às formas em que as experiências de leitura, quando compartilhadas em clubes de leitura, configuram potenciais de expansão das reflexões de mulheres leitoras sobre si mesmas e a realidade ao redor.

Na seção primária seguinte, 3 *Percurso teórico-metodológico nos estudos sobre a leitura*, nos debruçamos sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa, dividindo-a em duas subseções: 3.1 *Percurso inicial de construção do método: critérios teórico-metodológicos para a operacionalização de conceitos*, na qual discorremos sobre as etapas de seleção e operacionalização dos conceitos trabalhados no estudo; e 3.2 *“Uma margem de manobra se abre”*: pesquisa de campo nos estudos sobre a leitura”, em que tratamos das estratégias empregadas para a elaboração do instrumento de coleta de dados, bem como para a construção e interpretação do *corpus* de pesquisa.

A seção primária 4 *Resultados alcançados: experiências de leitura como potencial para a transformação pessoal das leitoras do Leia Mulheres Rio de Janeiro* apresenta os resultados alcançados com o estudo, dividindo-se em três subseções: 4.1 *As entrevistadas: quem são as leitoras do Leia Mulheres Rio de Janeiro?*, em que apresentamos o campo empírico da pesquisa; 4.2 *Histórias de vida, histórias de leitura: o que pensam as leitoras entrevistadas sobre a leitura?*, na qual analisamos os dados levantados a partir das entrevistas realizadas com cinco mulheres leitoras pertencentes ao clube de leitura Leia Mulheres Rio de Janeiro; e 4.3 *“Cruzar a fronteira e saltar para o outro lado”*: horizontes potenciais para a



*transformação pessoal*, seção em que discutimos os dados analisados à luz do referencial teórico proposto. Por fim, na seção 5, apresentamos as considerações finais do estudo.

## 2 “ENTÃO ISSO ME DESPERTOU...”<sup>2</sup>: horizontes iniciais nos estudos sobre a leitura

A leitura nos abre para outro lugar, onde nos dizemos, onde elaboramos nossa história apoiando-nos em fragmentos de relatos, em imagens, em frases escritas por outros (PETIT, 2013, p. 110).

A construção do referencial teórico está ancorada, centralmente, em estudos propostos por pesquisadores e pesquisadoras pertencentes tanto ao campo informacional quanto a áreas fronteiriças, cujas abordagens dialogam com as reflexões desenvolvidas e dão conta de abranger uma temática vasta, complexa, multi e interdisciplinar. Esses aportes fundamentam-se nas perspectivas fenomenológicas, psíquicas e simbólicas tratadas por John Budd (2005), Michèle Petit (2009, 2013, 2019), Nicolas Roubakine (1998) e Pierre Bourdieu (2004), respondendo pelas correntes teóricas que sustentam a presente pesquisa.

Alguns outros referenciais são trazidos para fundamentar os aportes teóricos apresentados acima e os conceitos elencados para o estudo, desenvolvendo-se em torno das sugestões oferecidas pelo orientador, bem como pelo próprio percurso acadêmico da pesquisadora, que envolvem repertórios prévios de leitura sobre a temática. Tratam-se das reflexões propostas por Dumont (1998, 2000, 2002), que apoiam as discussões sobre a leitura; Saldanha (2018, 2019), aporte fundamental para as noções buddianas e roubakinianas aqui dialogadas, sendo esta última somada às perspectivas de Otlet (2018) e Silva e Saldanha (2016); Bourdieu e Chartier (2011), em discussões que fundamentam a perspectiva simbólica bourdieusiana; Marteleto (1995), nos construtos que ancoram as concepções de práticas informacionais e cultura informacional e, mais uma vez, Saldanha (2014), à luz das noções de mediações sócio tecnológicas, ambos aportes considerados centrais para pensarmos as dinâmicas transcorridas nos clubes de leitura e os processos de apropriação de saberes aí transcorridas; Lajolo e Zilberman (1996), que nos oferecem uma perspectiva histórica dos aspectos que circundam o desenvolvimento da mulher leitora e são acrescentadas pelas considerações de Long (2003) sob a ótica da relação entre mulheres e clubes de leitura.

Nessa mesma direção, as abordagens trazidas acima são complementadas por uma revisão de literatura aleatória sobre a temática no discurso informacional e em áreas correlatadas, mapeadas por meio de levantamento bibliográfico nas bases de dados da literatura especializada do campo, como a *Library and Information Science Abstracts* (LISA) e a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). O mapeamento foi realizado no período de abril a outubro de 2019, em buscas combinadas nos campos “todos os campos”,

---

<sup>2</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 5.

“assunto” e “palavras-chave”, a partir dos termos: leitura; práticas informacionais; mulher; clubes de leitura; e transformação pessoal. Na LISA, a fim de expandir os resultados obtidos, adotamos as versões em inglês das palavras-chave: *reading*; *informational practices*; *woman*; *reading clubs*; e *personal change*. Conforme os resultados se apresentavam, utilizamos outros termos que apareciam nos resumos ou palavras-chave dos textos; tratam-se, na verdade, de algumas variantes que contribuíram para a expansão dos materiais recuperados. Alguns termos são: clube literário; grupo de discussão de livros; grupos de leitura para mulher; grupos de leitura; e clube do livro. Para as consultas em língua inglesa, empregamos as expressões *literary club*; *books discussion group*; *women's reading group*; *reading group*; e *bookclub*.

Dentre os resultados recuperados, reconhecemos a centralidade dos trabalhos de Souza (2017, 2018) nos estudos sobre os clubes de leitura, um dos poucos pesquisadores encontrados que se debruça sobre a temática sob a ótica informacional; a esse olhar acrescentam-se os estudos de Dumont e Espírito Santo (2007) na relação específica entre mulheres e experiências de leitura à luz da Ciência da Informação, apoiadas em perspectivas trazidas por Barstow (2003) e Twomey (2007), voltadas especialmente ao contexto dos clubes de leitura.

De modo geral, esses autores e autoras são trazidos como aportes complementares às abordagens fenomenológicas, simbólicas e psíquicas discutidas por Budd (2005), Bourdieu (2004), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) por tratarem-se de temáticas que, apesar de distintas em seus enfoques e interesses, evidenciam como ponto em comum o caráter social da leitura. Tratam-se de estudos que discutem as relações estabelecidas entre mulheres e leitura, lançando luz às possibilidades de apropriação de saberes e potenciais de transformação pessoal decorrentes dessas experiências, sobretudo quando compartilhadas em clubes de leitura.

## 2.1 “SEMPRE FORMOU A FORMA COMO EU VIA O MUNDO...”<sup>3</sup>: a leitura em perspectiva com o potencial de transformação

Mais do que a decodificação dos textos, mais do que a exegese erudita, o essencial da leitura era, ao que parecia, esse trabalho de pensar, de devaneio. Esses momentos em que se levantam os olhos do livro e onde se esboça uma poética discreta, onde surgem associações inesperadas (PETIT, 2009, p. 24).

A leitura pode ser concebida, segundo Dumont (1998), como uma ação e não um ato passivo, configurando sua atividade como uma experiência. Além disso, para a autora, a leitura constitui um ato social, que implica em uma rede intrincada de valores e motivações que não se efetivam em ações isoladas, sendo decorrentes de conjuntos complexos de atividades, sentimentos, desejos e reflexões (DUMONT, 2002). As relações dos leitores e leitoras com o texto partem de um leitor-sujeito, produtor de sentidos, que interage com um texto escrito por um autor-sujeito, também produtor de sentidos. Ambos pertencem a contextos normalmente diferentes, possibilitando múltiplas experiências de leitura influenciadas pelas circunstâncias internas e externas em que estão inseridas.

Nessa perspectiva, segundo Bourdieu (2004), em suas reflexões sobre a leitura à luz do pensamento simbólico, sua prática implica em se interrogar sobre o que significa o ato de ler propriamente dito e, sobretudo, as condições sociais de possibilidades de leitura e de produção de leitores e leitoras, que refletem em suas experiências com o artefato informacional e os sentidos e saberes aí construídos. Há de se pensar, para o autor, nos usos sociais dos atos de leitura, isto é, nas razões que circundam sua produção e apropriação, indagando, pois, sobre os usos para os quais os textos foram feitos, as intenções por trás dos discursos ali contidos, que se direcionam a comunicar, de uma determinada forma, uma determinada maneira de pensar e agir, isto é, orientam o sentido que a obra deve assumir (BOURDIEU; CHARTIER, 2011).

Esse olhar pressupõe uma concepção das experiências de leitura como processos que se estabelecem em relações particulares, circunscritas nos contextos e subjetividades daquele que lê e, em sentido amplo, nas condições sócio históricas que fundamentam esses atos, tomados como todos os elementos que possibilitam a leitura de um material e acabam por orientar, ainda que inconscientemente, as relações estabelecidas com os objetos, seus modos de uso e apropriação. Esses aspectos nos revelam instâncias distintas de produção e aquisição de saberes, como também as diversas potencialidades de transformações daí decorrentes.

---

<sup>3</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 2.

Desse modo, a leitura pode ser concebida como uma experiência particular e subjetiva, na qual a maneira como um indivíduo se apropria de um objeto informacional é um reflexo de sua posição no espaço e no tempo, bem como de suas formas de perceber, interpretar, apreender e se relacionar com a realidade ao redor. Segundo Dumont (2002), o sujeito leitor lê em um processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos.

A partir dessa perspectiva, as investigações sobre a leitura pelo viés da epistemologia informacional nos conduzem ao reconhecimento de Nicolas Roubakine não apenas como uma das aproximações iniciais da Ciência da Informação com reflexões que dialogam com as experiências de leitura, mas também um dos aportes centrais utilizados pelo presente estudo para explorar seu potencial de transformação. No início do século XX, o teórico se dedicou ao desenvolvimento de uma ciência voltada à análise e compreensão dos fenômenos psíquicos relativos à produção, circulação e apropriação do livro, a qual concebe como bibliopsicologia ou psicologia bibliológica (OTLET, 2018; SALDANHA, 2018; SALDANHA, 2019).

As reflexões de Roubakine (1998) sobre o fenômeno do livro estão centralizadas nos leitores e leitoras e em suas experiências psíquicas com os artefatos bibliográficos, o que o posiciona, na visão de Saldanha (2019), como teórico vanguardista nas investigações sobre os processos de leitura na epistemologia do campo informacional. A bibliopsicologia é entendida, pois, como o estudo das relações mentais entre autores e autoras com leitores e leitoras, ambos produtores de sentido, através do livro, com foco para a ação desse artefato sobre os últimos (OTLET, 2018; ROUBAKINE, 1998; SALDANHA, 2018, 2019). Trata-se de compreender a ação desses artefatos na “alma humana”, com foco para a relação entre os processos mentais daquele que escreve e daquele que lê. Conforme já apontado por Dumont (1998), ambos são possuidores de subjetividades e contextos particulares, que impactam diretamente na forma em que se relacionam com o objeto informacional, na realidade criada a partir de sua interação e, sobretudo, em sua apropriação.

A unidade de análise investigada pela bibliopsicologia não é o artefato em si, mas sim as experiências do ser psíquico com esses mesmos artefatos, que estabelecem as reações despertadas e os sentidos e significados atribuídos aos materiais lidos. O objeto, segundo essas concepções, não é um canal, tampouco um tradutor ou transmissor, mas sim um instrumento produto do espírito humano que propicia experiências psíquicas individuais nas quais, durante o ato de ler, ocorrem uma série de processos mentais de ordem informacional, emocional, psíquica e cognitiva (ROUBAKINE, 1998; TSVETKOVA, 2016), tendo por base a circunstância em que se dá a leitura, bem como o contexto e a subjetividade daquele que lê.

Para Dumont (2002), surge, ao final do processo de leitura, a produção de um terceiro sentido, sendo este resultante da visão do autor ou autora somada à da leitora ou do leitor.

Na visão de Roubakine (1998), o indivíduo é concebido como um depósito de fatos bibliopsicológicos, representados por meio dos estados psíquicos transcorridos durante o ato de ler. Nesse sentido, esses fenômenos são estudados à luz das sensações, de ordem cognitiva, emocional e psíquica, provocadas na psique dos leitores e leitoras quando de suas interações com o objeto informacional, sendo transpostas, consciente ou inconscientemente, para os processos de leitura, de maneira a determinar seus modos de uso e apropriação.

Essas noções dialogam com o entendimento de Dumont (2002) sobre a leitura, através da qual, no ato de ler, não é necessário apenas decodificar signos, mas também utilizar todos os sentidos para interpretar e compreender um texto. De modo geral, as sensações despertadas no sujeito durante o ato de ler, influenciadas por seu contexto, subjetividade e condições de leitura, dão sentido e significado ao conteúdo produzido pelo autor ou pela autora. A decodificação e apropriação da linguagem presente em um artefato informacional se dá a partir das impressões apresentadas à consciência do indivíduo em um dado espaço-tempo, sendo a realidade criada em torno da obra igualmente particular e subjetiva.

A bibliopsicologia se dedica, pois, ao estudo dos registros do conhecimento humano (especialmente o livro) sob a perspectiva de cada leitor ou leitora, razão pela qual postula que o conteúdo de um artefato material é sempre variável, sendo tomado como um reflexo da “alma” desses mesmos sujeitos em um dado espaço-tempo, cujos contextos, vivências, percepções e relações com a realidade são particulares e se modificam continuamente, orientando sua influência e apropriação (ROUBAKINE, 1998). Trata-se, pois, de analisar e compreender os fenômenos psíquicos ligados à criação, circulação, utilização e influência do livro no indivíduo, sendo a bibliopsicologia concebida por Saldanha (2018) como uma ciência do comportamento verbal, voltada ao estudo das relações entre o objeto informacional, o sujeito, o contexto no qual encontra-se inserido e as circunstâncias em que ocorrem as experiências de leitura.

Na ótica de Roubakine (1998), os artefatos bibliográficos são frutos de uma condição sócio histórica. Desse modo, segundo Saldanha (2018), a questão proposta pelo teórico russo é se é possível afirmar que todo livro possui um conteúdo próprio, a despeito da subjetividade do leitor ou da leitora, de sua interação com o objeto, das condições de apropriação e do espaço-tempo em que esse processo se efetua. A resposta para essa pergunta está na compreensão dos modos de produção e uso dos artefatos informacionais, trabalhada, em suas

reflexões, à luz das experiências de leitura, concebidas como *práxis* potencial de transformação social.

Nesse cenário, o percurso teórico-metodológico roubakiniano está relacionado ao contexto de opressão social na Rússia no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX. Acusado de divulgar textos revolucionários em 1886, Roubakine foi proibido de ocupar cargos acadêmicos neste ano; orientado ao estudo do povo, lutou contra o analfabetismo das massas populares na Rússia, período em que atuou como bibliotecário, editor, redator, livreiro, propagandista, tradutor, entre outras atividades relacionadas ao mundo do livro (SALDANHA, 2018; SALDANHA, 2019; SAVOVA, 1998; SILVA; SALDANHA, 2016).

Ainda, ao suceder sua mãe no posto de bibliotecário, Saldanha (2018) e Silva e Saldanha (2016) apontam que este fato marcou todo o curso de seu pensamento, estando o objetivo de Nicolas Roubakine posicionado no ideal de alfabetização e preparação das camadas trabalhadoras para o embate dos conhecimentos no império russo. O autor demarca o horizonte principal da bibliopsicologia em encontrar meios para transformar os artefatos bibliográficos em fontes para o entendimento dos impactos do livro na sociedade, caminho pelo qual acreditava, através da noção de que toda palavra é passível de agir sobre os sujeitos, ser possível alcançar uma compreensão coletiva sobre a realidade que nos cerca e proporcionar instâncias de transformação. Trata-se, essencialmente, de se perguntar pelo sujeito por trás do livro.

Desse modo, no pensamento roubakiniano, a concepção sobre a leitura assume contornos sociais, na qual seu conceito se expande para um sentido amplo, que alcança não apenas a leitura de um artefato bibliográfico, mas sim a leitura do mundo. Nessa visão, concebendo o sujeito como um ser psíquico, participante de um mundo de opressões e sofrimentos, o ato de ler é tomado por Roubakine (1998) como instrumento de criação e conscientização crítica coletiva e, por sua vez, resistência e enfrentamento aos contextos de opressões sociais vivenciadas por esses mesmos sujeitos psíquicos (SALDANHA, 2018).

Nessa direção, Saldanha (2019) demonstra a vanguarda das reflexões roubakinianas na epistemologia informacional, pela via bibliopsicológica, a partir dos estudos empíricos acerca das experiências de leitura e dos leitores e leitoras à luz das possibilidades de transformação social. O autor sugere que as inquietações epistêmicas de Nicolas Roubakine postulam a procura pela compreensão do sujeito em sua intersubjetividade, tornando-o parte da construção do social da realidade que concebe formas de percepção e apreensão do mundo (via leitura) e, ao mesmo tempo, possibilita que esse mesmo mundo seja transformado pela *práxis* da leitura e pela “experiência-mundo” desses leitores e leitoras (SALDANHA, 2019).

Mais à frente, investigações sobre a leitura no campo informacional são vislumbradas na década de 1970. Nesse período, a Ciência da Informação centraliza suas reflexões nos indivíduos e na forma como percebem, apreendem, utilizam e interagem com os processos e fenômenos informacionais que ocorrem à sua volta (ARAÚJO, 2003; DUMONT; PINHEIRO, 2015). Nesse cenário, Dumont (1998) aponta que grande parte dos estudos informacionais sobre a leitura desenrolou-se durante muito tempo no contexto dos sistemas de informação, a partir da relação entre os processos cognitivos e o comportamento de busca e recuperação da informação por parte do sujeito. Essas pesquisas desenvolveram modelos que demonstram como o indivíduo, através dos sistemas de busca, apreende a informação apresentada, interpreta o que apreendeu e compara esse saber “novo” com o conhecimento existente em seu repertório informacional<sup>4</sup>, de modo a significar novos saberes ou ressignificar antigos.

Ainda no contexto da relação entre sujeito e sistemas de informação, Budd (2005) acrescenta que a importância das reflexões teóricas sobre a leitura, pela via epistemológica da fenomenologia, está em compreender como os sujeitos transformam informação em conhecimento, sendo este um dos objetos de estudo da Ciência da Informação. A experiência de leitura, nessa visão, torna-se um meio de conhecimento sobre a realidade ao redor, de modo que os saberes daí apropriados podem ser aplicados não somente em outras ações informacionais, como também para avaliar criticamente o mundo que nos cerca.

A partir daí, ainda segundo Budd (2005), podemos entender que, para além do aperfeiçoamento dos sistemas de informação, estudar e teorizar sobre os processos mentais presentes nas atividades de leitura pode nos revelar as formas em que os sujeitos processam as informações adquiridas por meio da leitura e percebem a realidade, desvelando os inúmeros potenciais de aplicação dos saberes daí apropriados, inconsciente ou conscientemente, para transformações de nível pessoal e social, que podem ser traduzidas, entre outros exemplos, em modificações de suas concepções de mundo, melhoria de seus aspectos cognitivos, emotivos e sociais e, até mesmo, das comunidades das quais fazem parte.

Ainda, ancorado nos contextos de vida desses indivíduos, Araújo (2013) atenta para o entendimento do papel ativo dos sujeitos em suas relações com a informação, fundamentando-se nos cenários de produção desses saberes e de suas representações. Ao contemplar esses

---

<sup>4</sup> De acordo com Prado (2013), o repertório informacional consiste em um estoque de informações prévias já conhecidas e utilizadas pelos indivíduos em seus processos mentais, sendo aplicado nas atividades informacionais que exercem no contexto nos quais estão inseridos. Durante o processamento cognitivo de percepção, apreensão e interpretação do objeto, estes passam por análises reflexivas, que relacionam a descrição dos fenômenos dados à consciência e suas articulações com os atos intencionais da mente dos sujeitos.



aspectos, o autor acredita que a Ciência da Informação estaria apta a lidar com as mudanças na sociedade, que influenciam diretamente na maneira como o conhecimento passa a ser produzido, registrado, circulado e comunicado; podemos dizer que o sujeito, imbuído em uma realidade cada vez mais complexa e dinâmica, necessita apropriar saberes que, aplicados em práticas informacionais, o permita conviver no ambiente social e estabelecer relações com outros indivíduos, expandindo as possibilidades de compreensão sobre si mesmo, o outro e o mundo que o cerca (PRADO, 2013).

Nesse sentido, reconhecemos nos conceitos de contexto e subjetividade, tratados por Dumont (1998) no campo informacional sob a ótica sociológica, construtos centrais para pensarmos as experiências de leitura à luz de suas condições fenomenológicas, psíquicas e simbólicas, nos permitindo entender os processos mentais que circundam esse ato.

A primeira noção é evidenciada pela autora a partir da ideia de que uma obra não pode ser interpretada sem referência a algum contexto, isto é, às condições (de ordem interna ou externa) em que se desenrola o ato de ler. Nessa dinâmica, podemos dizer que a compreensão de um objeto informacional se dá através das relações entre sujeito, texto e contexto, uma vez que o último, particular em sua essência, constitui um elemento central para os processos de interpretação e apropriação dos artefatos, seja em experiências de leitura individuais ou compartilhadas. Ao mesmo tempo, para Roubakine (1998), os estados psíquicos dos sujeitos durante a leitura recebem influência, a todo momento, não apenas de suas condições interiores, mas também de seu contato com o ambiente exterior e, por sua vez, das circunstâncias em que o ato de ler ocorre, evidenciando a centralidade do contexto nesses processos. Para o autor:

Nas práticas de leitura, encontramos frequentemente associações de opiniões e ideias do leitor com emoções acidentais provocadas não pelo livro propriamente dito, suas palavras e frases, mas sim pelas circunstâncias que nada tem a ver com esse livro. Só podemos entender e explicar esses fenômenos lembrando detalhadamente todas as circunstâncias que acompanharam a leitura do livro em questão (ROUBAKINE, 1998, p. 163, tradução nossa).

Esses fenômenos psíquicos impactam nas sensações despertadas nos leitores e leitoras, de forma consciente ou inconsciente, durante as experiências de leitura (como pensar, sentem e agem ao interagir com o objeto lido), evidenciando que a maneira como esses mesmos sujeitos se apropriam de uma obra e constroem saberes a partir desta está relacionado mais às condições internas e externas em que ocorre o ato de ler do que ao artefato material propriamente dito.

Desse modo, segundo Roubakine (1998, p. 147, tradução nossa):

Um livro, como objeto material, é um valor constante. Contudo, o estado de consciência, como um fenômeno psíquico, é um valor constantemente variável, estando relacionado às condições intrínsecas e extrínsecas que acompanharam a leitura de um livro nesse momento.

Já em relação à subjetividade, trata-se de concebê-la, segundo Dumont (1998), como o componente que diversifica os atores sociais, tendo por base suas vivências, valores, visões de mundo, bagagem cultural e repertório informacional, isto é, suas formas de perceber e interpretar a realidade, que refletem toda a sua individualidade e desempenham influência central nos processos psíquicos e cognitivos de leitura. De modo específico, a visão roubakiniana propõe que o artefato bibliográfico desperta as qualidades sentimentais e intelectuais do sujeito leitor, que não são partes da obra nela mesma, mas sim dos fenômenos psíquicos evocados durante o ato de ler, de modo a provocar as reações de sensibilidade e imaginação que, à luz de seu contexto e subjetividade, ativam seu conhecimento e apuram seus elementos subjetivos, possibilitando a atribuição de sentido e significado ao objeto lido.

Nessa direção, ainda que sob diferentes aportes teórico-metodológicos, podemos reconhecer o diálogo entre os conceitos de contexto e subjetividade na noção de *mneme* abordada por Roubakine (1998). Para Otlet (2018) e Saldanha (2019), trata-se de um dos conceitos centrais na ciência bibliopsicológica roubakiniana, sendo concebido como a representação da individualidade do sujeito, isto é, todo o conjunto complexo dos fenômenos psíquicos despertados durante o ato de ler, que influencia na capacidade que o objeto livro tem em influir sobre os leitores e leitoras. A *mneme* é compreendida como:

[...] uma noção que representa a memória orgânica hereditária da espécie e a memória individual, capaz de adquirir e de conservar *engrammes*, ou seja, as mudanças na matéria orgânica. A *mneme* é, pois, a totalidade de *engrammes*. Ela não é composta apenas por conhecimentos e ideias, mas também por emoções, sentimentos, desejos, reservas de consciência e de subconsciência. O livro representa, pois, um conjunto de percepções constituídas inicialmente pelo *mneme* (SALDANHA, 2019, p. 10).

Em linhas gerais, segundo Tsvetkova (2016), a *mneme* é entendida como a memória do conjunto das características psíquicas individuais de cada pessoa. Desse modo, o livro enquanto artefato representa para o sujeito leitor um conjunto de percepções e estímulos psíquicos, que se encontram relacionados ao seu contexto de vida, subjetividade, bagagem informacional, referências culturais e vivências individuais e sociais. A percepção, interpretação e apropriação de um objeto informacional se dá a partir de suas aptidões

peçoais e o estado de sua consciência em um dado espaço-tempo. Uma vez que a *mneme* é individual, os reflexos dos textos na consciência do indivíduo, bem como sua apropriação, são igualmente particulares e subjetivos.

Na visão roubakiniana, os leitores e leitoras constituem um conjunto de fenômenos psíquicos complexos, no qual cada indivíduo possui suas particularidades próprias, sendo sua memória orgânica igualmente individual. Nessa direção, um dado livro, seja na interação do sujeito com o artefato material ou com as concepções de outros sobre esse mesmo objeto, pode vir a despertar sensações psíquicas, cognitivas e emocionais vivenciadas em momentos distintos de sua existência, que encontravam-se armazenadas em sua *mneme* e são revividas durante as experiências de leitura de uma obra que, por alguma razão, as evoca.

Esses fenômenos determinam, para o autor, as noções de memória, percepção e imaginação, de modo a evocar sensações que, antes da interação com um dado objeto informacional, o sujeito leitor desconhecia (ROUBAKINE, 1998). Tratam-se de sensações e estados psíquicos manifestados na consciência do indivíduo em diferentes momentos de sua vida, armazenados em sua *mneme* e percebidos quando da experiência de leitura com um material que, por algum motivo, os desperte e vá ao encontro de sua subjetividade, isto é, de seus sentimentos, emoções, ideias, valores e vivências, que representam a realidade criada em torno dessa interação e podem se modificar continuamente. Para o autor, “o livro é um reflexo de nós mesmos em diferentes momentos de nossa existência” (ROUBAKINE, 1998, p. 149, tradução nossa), sendo, portanto, um reflexo do sujeito leitor em um dado espaço-tempo.

Significa dizer que, ao entrar em contato com o objeto livro, o sujeito leitor está a interagir não com o artefato material propriamente dito, mas sim, em sua dimensão psíquica e simbólica, com toda a subjetividade do autor ou autora da obra, bem como com a sua própria, isto é, todos os elementos que integram e formam sua *mneme*, que encontram-se representados em uma palavra ou uma frase presente nessa materialidade.

Essa visão pode ser representada no trecho abaixo trazido por Petit (2019, p. 135):

[...] cada pessoa armazena em seus porões esboços de histórias, fiapos de narrativas, lembranças, algumas palavras ou uma imagem escamoteados durante suas leituras, seus passeios ou suas viagens, que ficam lá, adormecidos, até o dia em que talvez sejam solicitados para compor um devaneio, uma fantasia, um pensamento, um projeto. Fiapos, como eu dizia, pois talvez seja precisamente a partir desse caráter inacabado, desconjuntado e fragmentado que o imaginário se desdobra.

São essas ações que possibilitam os modos de compreensão e apropriação de um texto, bem como o aprendizado sobre nós mesmos e sobre fatos presentes em nosso subconsciente

até então desconhecidos. Durante as experiências de leitura, ao contrapor as construções de sentido do próprio leitor ou leitora com aqueles trazidos pelo autor ou autora da obra, ambos possuidores de subjetividades, vivências, visões de mundo, contextos e valores particulares, se produz um novo sentido. O ato de ler é concebido, segundo as noções de Roubakine (1998), como o conjunto de todos os estados psíquicos daquele que escreve e daquele que lê, simbolizados em uma dada materialidade e que ganham novos contornos dependendo de seus contextos, subjetividades e configurações psicológicas.

Na ótica roubakiniana, as percepções e sensações despertadas durante as experiências de leitura, como as lembranças de certos momentos da existência do indivíduo evocadas por uma passagem ou uma palavra e o conteúdo retido na memória, por exemplo, representam uma série de significados e sentimentos atribuídos a esses mesmos fenômenos, associadas ao estado psíquico do sujeito nesse dado espaço-tempo, a natureza e contexto dessas vivências e às circunstâncias em que a leitura se dá.

No ato de ler, revivemos os estados psíquicos de nosso organismo ao longo da vida, de modo que a atribuição de sentido e significado ao objeto lido é não apenas influenciada pela subjetividade e contexto do sujeito leitor, como também influencia os efeitos provocados nesse mesmo indivíduo e os saberes construídos a partir dessas práticas. As noções apresentadas pelo pensamento roubakiniano nos leva a compreender, pois, as experiências de leitura como reflexos das vivências de leitores e leitoras, influenciadas tanto por seus contextos de vida quanto pelo meio social dos quais fazem parte. Essas vivências são transpostas inconscientemente para os processos de leitura individuais e compartilhados, de forma a orientar a realidade criada pelo indivíduo em torno do objeto informacional e os sentidos e significados atribuídos a esse mesmo artefato. Trata-se de pensar os fenômenos manifestados nas experiências de leitura como parte dos construtos presentes em sujeitos e grupos sociais.

Especificamente, o modo como a leitura repercute no sujeito leitor está intrinsecamente relacionada ao seu contexto, subjetividade e as sensações acumuladas em sua *mneme* que, por sua vez, são influenciadas a todo momento pelo ambiente externo e constituem, pois, o conjunto de suas experiências e vivências (SALDANHA, 2019). Esses efeitos, para Roubakine (1998), podem se dar tanto de forma visível ou psíquica (não visível por outros), sendo a primeira representada por meio dos gestos e ações físicas provocadas por uma dada obra, e a última traduzida em influências de ordem interior, como os desejos, as reflexões e as intenções.

Nessa mesma direção, a perspectiva social e simbólica trazida por Bourdieu (2004) dialoga com a noção proposta por Roubakine (1998), reconhecendo que o texto não constitui um fim em si mesmo, sendo resultado de circunstâncias sócio históricas, de condições de leitura que se estabelecem através de pressupostos construídos intersubjetivamente, dados à consciência do sujeito leitor pelo próprio contexto no qual está inserido. O autor postula que os atos de leitura estão circunscritos em uma dada realidade, em condições particulares de desenvolvimento e acesso ao livro e à leitura, de relações traçadas com o real, que se modificam continuamente (de acordo com os sentidos e interesses que moldam o mundo social em um dado espaço-tempo) e impactam, pois, no que será apropriado do objeto lido (que poderia ser apropriado de outro modo em um outro contexto). Assim, podemos compreender que, apesar de tratar-se de uma interação subjetiva entre sujeito e objeto, as experiências de leitura já são, *a priori*, intersubjetivas, resultados de relações estabelecidas entre leitores e leitoras com a realidade que os rodeiam, com relações construídas com pessoas, espaços e objetos que sugerem modos particulares e distintos de apropriação do texto.

Assim, de acordo com as concepções apresentadas, podemos entender a leitura como uma experiência, diretamente relacionada aos contextos individuais de cada sujeito leitor e suas formas de perceber a realidade que o cerca. A experiência, segundo a visão roubakiniana, é tomada como o conjunto macro dos fenômenos psíquicos contidos no domínio do consciente ou do subconsciente do sujeito, podendo ser uma representação, uma emoção ou um desejo (SALDANHA, 2018; SILVA; SALDANHA, 2016). A partir daí, podemos dizer que, influenciado inconscientemente por sua história de vida e pelo meio social no qual está inserido, o indivíduo torna-se capaz de apreender os significados presentes em um texto, de modo a formular conhecimento a partir dessa leitura para, posteriormente, aplica-lo em sua vivência.

Nesse sentido, na relação proposta entre leitura e potenciais de transformação pessoal, Polleck (2010) evidencia o sentido amplo da noção de transformação, concebendo-a como o ato de mudar em forma, natureza ou caráter. Trata-se, em sua visão, de um processo através do qual aprendemos algo novo ou somos tão afetados por um evento ou uma conversa, por exemplo, que o nosso próprio “eu” acaba por não ser mais o mesmo. Essas instâncias de modificações podem ocorrer, segundo a autora, por meio de uma perda, uma tragédia, interações sociais com outros sujeitos e, principalmente, através das experiências de leitura.

No escopo do presente estudo, ainda que tratemos da leitura à luz das perspectivas informacionais, reconhecemos na perspectiva simbólica atribuída por Bourdieu (2004) às

experiências de leitura, bem como nos enfoques psíquicos trabalhados por Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998), os construtos teóricos que nos permitem entender de que forma a leitura pode constituir um potencial de transformação pessoal. Essas abordagens, apesar de suas particularidades, nos permitem vislumbrar as relações entre sujeito, texto e contexto como condições fundamentais para a criação de uma realidade própria em torno do objeto lido, que recebem influências de suas condições internas e externas de ocorrência e estabelecem a maneira como interagem e significam essas experiências.

Para Petit (2009), o ato de ler implica uma nova forma de perceber, apreender e compreender a realidade, no qual podemos encontrar, através das atividades psíquicas, possibilidades diversas de reconstruções internas e externas que se manifestam como potenciais para que se modifique não apenas o “próprio eu”, como também as coletividades intersubjetivas. Nessa direção, a antropóloga francesa posiciona suas reflexões sobre a leitura à luz de suas potencialidades de transformação sobretudo em contextos adversos, propondo a noção de “espaços em crise”, que compreende os cenários desfavoráveis desencadeados por crises nas macroestruturas sociais, econômicas e políticas.

De acordo com Petit (2009), essas crises se estabelecem quando transformações de caráter brutal ou, até mesmo, práticas de violência constantes e generalizadas, dentre as quais podemos citar como exemplo as ditaduras, guerras, recessões econômicas e crescimento das desigualdades, afetam o campo psíquico e social tanto do sujeito em uma perspectiva individual como de comunidades discursivas que, partilhando ou não uma mesma macroestrutura, alteram e fazem desaparecer os parâmetros nos quais a vida se desenvolve. Independentemente da natureza dessas adversidades, seus transtornos vulnerabilizam homens, mulheres e crianças de maneiras distintas, manifestando-se em maior ou menor nível de acordo com os contextos nos quais se enquadram, bem como os recursos materiais, culturais e afetivos de que dispõem; ambos desencadeiam crises que impactam nas formas em que concebem a si mesmos e a realidade.

Nesse sentido, os estudos desenvolvidos por Petit (2009) centralizam-se nas dimensões psíquicas e simbólicas da relação entre texto e sujeito, enfatizando os modos em que a leitura pode ajudar as pessoas, através da reflexão e entendimento sobre si mesmas, a se construir e a se descobrirem, tornando-se mais autores e autoras de suas vidas e sujeitos de seus destinos. Concebe a leitura, portanto, como um instrumento para dar sentido à experiência de alguém, para dar voz a suas esperanças, desventuras e desejos, constituindo uma contribuição decisiva para que se recupere e encontre a força necessária para superar algum obstáculo.

Especificamente sob o enfoque dos contextos de crise em que Petit (2019) centraliza seu olhar, a autora pontua que o sujeito necessita de figurações simbólicas para sair do caos, interno ou externo, no qual encontra-se inserido. Essas figurações são representadas, entre outros exemplos, pelo objeto livro, através de uma palavra, uma frase, que simbolizam suas angústias, suas crises, mesmo que não falem delas diretamente; simbolizam, através da linguagem utilizada pelo autor ou autora da obra, permeada por suas próprias subjetividades, vivências, contextos e configurações psíquicas, partes de si mesmos que talvez os leitores e leitoras nem soubessem existir, mas que redirecionam seus olhares para lidar com essas adversidades e encontrar formas de transpô-las.

Para a autora, os atos de leitura possibilitam a construção de um espaço de “possíveis”, em que se oferecem outras formas de encarar o mundo, tanto interior quanto exterior; trata-se de uma transformação das emoções e dos sentimentos, uma elaboração da experiência vivida, cenário em que se torna possível projetar ou, ao menos, pensar em projetar o futuro, sendo o ato de ler um modo de o sujeito construir sua própria narrativa, uma sugestão de que a vida tem um sentido. Não é por isso, segundo Petit (2019, p. 63), que o mundo se vê livre de seus sofrimentos, opressões e desigualdades, mas uma “margem de manobra se abre”, isto é, possibilidades de caminhos de vida até então pouco ou não reconhecidos pelas leitoras e leitores, que os permitem lidar melhor com si mesmos e com suas realidades e, sobretudo nos momentos adversos de suas existências, alcançar modos de transpor os obstáculos nos quais sentem-se encurralados. Nesse ponto, a leitura assume uma concepção de construção de sentido e ruptura com a situação mental desses indivíduos, sendo capaz de suscitar atividades psíquicas que evocam uma verdade interior, suas partes mais íntimas, mais subjetivas, talvez perdidas ou desconhecidas até por eles mesmos, de modo a consertar, recuperar “algo que se quebrou na relação com essa história ou na relação com o outro” (PETIT, 2019, p. 43).

Trata-se de entender, pois, os processos de leitura como uma “abertura” para um espaço psíquico e simbólico que permite a construção de um mundo interior, de uma realidade própria, que possibilita a compreensão de aspectos subjetivos até então desconhecidos pela consciência dos sujeitos leitores, de associações inesperadas que, fundamentadas nas sensações desencadeadas pelas experiências de leitura e nas circunstâncias em que ocorre esse ato, proporcionam tomadas de consciência, isto é, construções de sentido sobre novos modos de conceber a si próprio e a realidade, expandindo as possibilidades de traçar novas relações consigo mesmo e com o mundo ao redor (PETIT, 2019).

Essas associações surgem, segundo Petit (2009, 2019), a partir da realidade criada em torno do objeto, que possibilita ao sujeito leitor transcender para outro contexto, abrir-se para

um espaço onde torna-se possível vivenciar o universo da obra como se fosse o seu próprio, estabelecendo vínculos entre suas vivências com os materiais lidos. O livro nos lança para uma “outra cena” (PETIT, 2019, p. 66), em que entramos em um mundo desconhecido, onde surgem momentos de revelações, onde vemos o que não víamos, seja sobre o mundo exterior ou o nosso próprio eu, aspectos de nós mesmos que ainda não havíamos nos dado conta, mas que nos vêm através de uma palavra, uma frase. Recobra-se, a partir daí, possivelmente, novas formas de perceber a realidade que nos rodeia a partir da realidade criada em torno do objeto, a partir da transcendência para esse mundo “desconhecido”, que nos desvela uma série de revelações que passaram despercebidas por nossa consciência, uma série de emoções e sensações, novos modos de conceber esse real, de nos perceber e perceber o mundo ao redor.

Assim, Petit (2013) reconhece que a leitura pode contribuir para a construção da subjetividade do indivíduo, sendo que o que está em jogo é a conquista ou a reconquista da posição de sujeito no meio social em que circula. As experiências de leitura configuram-se, pois, como instrumentos fundamentais para a criação de um espaço próprio dos leitores e leitoras, através do qual poderão dar voz à sua imaginação e transcender para outro contexto, isto é, vivenciar outras realidades a partir da narrativa construída em torno do objeto. Para a autora, o ato de ler possibilita novas construções imaginárias e atividades psíquicas, possibilitando ao indivíduo romper com a situação atual na qual encontra-se inserido e encontrar ou reencontrar vínculo com aquilo que o constitui, lhe dá lugar e vida.

Nesse sentido, segundo Polleck (2010), as experiências individuais de leitura apresentam um grande potencial transformador, uma vez que contribuem para modificações nas vivências dos sujeitos leitores, como desenvolvimento pessoal, emocional e social, que podem se dar, por exemplo, através da melhoria de habilidades cognitivas e de relações interpessoais. Contudo, essa potência é ampliada à medida em que essas práticas são articuladas com outros sujeitos – no caso do presente estudo, no âmbito dos clubes de leitura -, de modo a oferecer aos leitores e leitoras oportunidades de compartilhar, dialogar, negociar e modificar seu entendimento sobre os textos, sobre si mesmos e sobre o mundo que os cercam.

É nesse cenário de práticas e coletividades intersubjetivas que podemos posicionar, mais uma vez, as noções de Roubakine (1998). A partir de seu ideal de alfabetização e preparação das camadas populares no contexto de opressão social na Rússia no final do século XIX ao início do XX, o teórico centraliza suas reflexões nas experiências psíquicas dos sujeitos com os artefatos bibliográficos, de forma a analisar seus impactos nos leitores, leitoras e na sociedade, à luz dos contextos em que são produzidos, circulados e apropriados.



Seu objetivo principal, segundo Saldanha (2019), é encontrar modos para transformar esses materiais em fontes para a apropriação de saberes e compreensão coletiva e crítica da realidade que nos cerca, na qual a ciência seria popularizada e utilizada como instrumento de resistência às opressões sociais; a luta se daria através da socialização do conhecimento, representada na divulgação científica, no estudo dos objetivos da educação e autodidatismo, na transformação de bibliotecas em laboratórios de investigação sobre a circulação de ideias e na organização de atividades de edição e distribuição de livros (OTLET, 2018; SALDANHA, 2018; SILVA; SALDANHA, 2016). Essas atividades se dariam, centralmente, a partir das experiências de leitura, por meio das quais seria possível analisar os fenômenos relativos ao livro, à palavra, ao discurso e à sua influência no sujeito leitor.

Para tanto, na visão roubakiniana, é preciso compreender a condição sócio histórica das classes oprimidas em relação aos objetos bibliográficos (seus contextos e subjetividades), cuja produção, acesso, circulação e apropriação durante muito tempo esteve em domínio quase exclusivo de uma classe cultural dominante (SALDANHA, 2019). A transformação em nível social só poderia emergir diante da apropriação, por parte desses indivíduos, dos saberes produzidos, cujo acesso sempre lhes foi restrito; por essa razão, o pensador russo propõe um método integral de apropriação de saberes que, quando compartilhado em coletividades intersubjetivas, poderia conduzir à uma transformação que ultrapassa a seara pessoal e subjetiva. Trata-se, de acordo com Silva e Saldanha (2016), de modos diversos de compreensão dos efeitos sociais do livro, seus impactos e suas potencialidades.

Sob essa perspectiva, uma das aplicabilidades das experiências de leitura está:

[...] em fazer com que todos que, no regime social atual, são oprimidos, humilhados, ofendidos e empobrecidos, que não têm nem os conhecimentos nem as possibilidades de trabalhar para criar melhores condições, possam, também eles, lutar e trabalhar com sucesso, sem verter lágrimas nem sangue; todos podem aprender a criar uma vida nova, e a criar, sempre e em todos os lugares, com perseverança e entusiasmo, e isso sem que sejam advertidos por aqueles que, hoje em dia, constroem sua felicidade e seu bem-estar sobre a desgraça alheia (OTLET, 2018, p. 48).

É importante mencionar que não é o intuito do presente estudo explorar as análises epistemológicas de Roubakine (1998) à luz da perspectiva social que confere à transformação via leitura. Contudo, suas reflexões sobre como a leitura pode constituir um potencial transformador em situações de opressões sociais nos permite estabelecer relações com as noções oferecidas por Bourdieu (2004) e Petit (2009, 2013, 2019). Conforme mencionado mais acima, a autora postula que o ato de ler simboliza um enfrentamento aos contextos de vida desfavoráveis, sendo o objeto livro um instrumento que possibilita ler o mundo, isto é,

entender a realidade que nos cerca e atribuir significações e ressignificações diversas sobre a forma como a concebemos, oferecendo formas de construir e reconstruir as estruturas psíquicas dos sujeitos em meio aos transtornos causados por essas crises.

A visão de Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) aponta que os potenciais de transformação via leitura, sobretudo no que tange às camadas mais atingidas pelas opressões sociais, como as mulheres, se estabelecem a partir da contribuição do ato de ler para as atividades psíquicas, sendo um meio de compreender a realidade que nos circunda, bem como resistir e aprender a lidar com essa mesma realidade. Especificamente sob a perspectiva da mulher, a noção de transformação por meio da leitura está posicionada no contexto de opressão historicamente vivenciado pelo sexo feminino na seara privada e pública, sobretudo no que se refere aos processos de produção, circulação e apropriação de saberes.

É nesse cenário que as reflexões trazidas por Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) encontram na perspectiva simbólica de Bourdieu (2004) um caminho de convergência que posiciona nas experiências de leitura uma potência de transformação de mulheres leitoras. As concepções do sociólogo francês sugerem que o potencial de transformação da leitura está no poder simbólico exercido pelo livro: “o poder sobre o livro é o poder sobre o poder que exerce o livro” (BOURDIEU; CHARTIER, 2011, p. 243), isto é, o poder emanado do discurso professado pela obra sobre o espaço e o grupo para o qual se destina, moldando as formas em que o mundo social se constrói e a maneira como o enxergamos e interagimos com ele.

Pelo viés bourdieusiano, uma obra não chega ao leitor ou leitora “sem marcas”, ou seja, sem sentidos particulares inscritos pela subjetividade daquele que escreve, que partem de pressupostos implícitos, de categorizações construídas socialmente sobre o que é a realidade (sugerindo que não existe outra forma de concebê-la) fundamentada em interesses de classes sociais dominantes e que orientam, de maneira inconsciente, a apropriação desta leitura. O sentido construído em torno da obra, ainda que de forma inconsciente, é resultado das condições sócio históricas em que o sujeito leitor encontra-se inserido em um dado espaço-tempo, que estabelecem uma determinada configuração para o mundo social; em sua dimensão simbólica, a apropriação do texto constitui uma forma de construir sentido em torno desse mesmo mundo.

Nessa concepção, o livro, enquanto artefato material, atua através de uma espessura simbólica que se manifesta nas experiências de leitura na construção de sentidos em torno do conteúdo produzido pelo autor ou autora, na apropriação que se faz dessa obra à luz de suas próprias vivências e formas de perceber o mundo, configurando potenciais de transformação

de visões de mundo e práticas cotidianas. Trata-se de um poder simbólico emanado por aquele que escreve e consolidado por aquele que lê, transcendendo a materialidade do objeto para agir nas estruturas mentais e, através da estrutura mental, nas estruturas sociais: "[...] por meio de um livro se pode transformar a visão do mundo social e, através da visão de mundo, transformar também o próprio mundo social" (BOURDIEU; CHARTIER, 2011, p. 243).

O que se apropria de um material de leitura é resultado das circunstâncias sócio históricas em que o sujeito leitor está inserido, dos interesses que permeiam e determinam o que deve ser lido e, principalmente, como esse objeto deverá ser lido. Na visão bourdieusiana, esses discursos professados pela obra, capazes de atingir as estruturas sociais, são circunscritos em lutas e interesses de poder, de disputa pela narrativa, pela configuração do mundo social através da manutenção de ideologias dominantes, de esquemas de opressão que moldam esse mesmo mundo social, de forma a incorrer em tentativas de manipular como essa recepção deve ser feita (BOURDIEU, 2004; BOURDIEU; CHARTIER, 2011). Apropriar-se do sentido do texto é, pois, apropriar-se do espaço e do grupo em que esse sentido é evocado.

Para Bourdieu (2004), trata-se de uma disputa travada pelos sentidos possíveis dados à palavra, sendo seu sentido vinculado aos interesses de determinados grupos sociais que visam tornar fundamentais, “verdadeiros”, sentidos e categorias que hierarquizam determinados estratos sociais e vulnerabilizam outros (como, por exemplo, noções sobre o feminino, sobre a atuação da mulher no mundo social, como deveriam se comportar, espaços que deveriam ocupar), manipulando e apropriando-se dos sentidos evocados pela obra como únicos possíveis e sobre os quais o mundo social deveria se pautar.

Por essa razão, na visão de Bourdieu (2004), apesar das tentativas de manipular a apropriação das obras lidas, a consciência da existência desses jogos de poder, manifestados através da distribuição desigual de recursos culturais, econômicos e sociais que visam a reforçar essa desigualdade (analisado na presente pesquisa pela perspectiva da desigualdade de gênero, independentemente das condições socioeconômicas que vulnerabilizam mulheres ao redor do mundo de diferentes formas), isto é, a reflexão crítica sobre o mundo ao redor, que permite ao leitor ou leitora analisar e pensar criticamente sobre as intencionalidades por trás do discurso presente nos materiais de leitura. E é precisamente a tomada dessa consciência que os possibilitam questionar e escapar dos “efeitos” dessas circunstâncias, isto é, de uma apropriação que se direciona para o que as classes dominantes (notadamente os homens) querem que seja apropriado, sentidos que reforçam modos de ser, agir e pensar que oprimem determinados grupos sociais. O autor postula que: “Se é verdade que o que eu digo da leitura é produto das circunstâncias nas quais tenho sido produzido enquanto leitor, o fato

de tomar consciência disso é talvez a única chance de escapar ao efeito dessas circunstâncias” (BOURDIEU; CHARTIER, 2011, p. 234).

No contexto das relações de leitura, podemos dizer que os sentidos retirados das obras lidas influenciam nas ações do sujeito leitor nesse mesmo mundo social, seja para a manutenção de interesses e categorizações preconizadas por ideologias dominantes, sendo o objeto livro um meio de reforçar essas classificações e manter esses mecanismos de poder e opressão (o que se manifesta, entre outros exemplos, na distribuição desigual de recursos que permitiriam o acesso ao desenvolvimento das reflexões críticas), ou, no sentido que mais nos interessa, para ressignificar essas noções, oferecendo vislumbres de possibilidades de ser e atuar no mundo social para além daquelas previamente reconhecidas por sua consciência, que lhes foram “dadas” *a priori* pela própria configuração do que concebem como real.

Na mesma direção apontada por Roubakine (1998), essa potência simbólica outorgada à leitura, sobretudo quando compartilhada, está na possibilidade de apropriação de saberes que propiciam reflexões sobre si mesmo e a realidade ao redor, nas possibilidades de “deturpar” o que poderia ser concebido como o “sentido original” da obra “legitimado” por aquele que escreve e tomado como “verdadeiro”, dando-lhe outros contornos, outros significados que reorientam, a partir da modificação das estruturas mentais das leitoras, o olhar sobre o mundo social. Nesse sentido, Bourdieu (2004) reflete sobre como o poder simbólico de transformação via leitura pode se instaurar a partir da modificação dos interesses e dos atores que estão em jogo, a partir das possibilidades de ressignificação do mundo social, de apropriações que orientam e são orientadas pelos novos sentidos atribuídos a esse mundo via leitura. Isto é, o mundo social se modifica a partir dos novos sentidos atribuídos à sua configuração que, por sua vez, são propiciados por uma apropriação que integra e é resultado dessa mesma (re)orientação.

Desse modo, apesar de voltado para uma transformação que alcança às estruturas sociais que integram e formam a realidade, não sendo, pois, o foco direto da presente pesquisa, podemos articular a contribuição dos estudos de Bourdieu (2004), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) aos propósitos aqui trabalhados. As noções trazidas pelos autores sobre a leitura nos dão a liberdade de adequá-las ao contexto de cada leitora em sua realidade particular e subjetiva, em seu “microcosmo”, cujos potenciais de transformação decorrem não necessariamente de contextos macro de crises, mas que possibilitam, igualmente, oportunidades de encontrar na leitura um meio de se construir ou reconstruir, de alcançar tomadas de consciência de verdades interiores que nem sabiam existir, mas que acabam por despertá-la para alguma percepção diferente sobre si mesma, o outro e a realidade ao redor.

Em outras palavras, as noções teóricas postuladas por Bourdieu (2004), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) nos permitem entender os potenciais de transformação de mulheres não apenas em contextos macro de vulnerabilidades socioeconômicas, mas também na condição tradicional da mulher como sujeito historicamente restrito dos processos do conhecimento, estendendo-se as que passam por períodos difíceis em suas vidas pessoais, isto é, nas microestruturas, seja em decorrência de crises econômicas, sociais, psíquicas, físicas ou emocionais. Essa perspectiva evoca a centralidade das relações das mulheres leitoras não apenas com os artefatos informacionais, mas também com a realidade ao redor como condições que influenciam na apropriação e uso que fazem da leitura em suas “micro realidades”, o que acaba por impactar, necessariamente, em suas ações no ambiente macro, a partir das formas como o sentido sobre o mundo se constrói e se estabelece.

Igualmente, a abordagem psíquica proposta por Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998), cuja análise dos processos mentais transcorridos durante o ato de ler pressupõe a criação de um espaço, uma realidade própria em torno da narrativa, seja em experiências de leitura individuais ou compartilhadas, nos permite vislumbrar de que modo as construções imaginárias e atividades psíquicas revelam novas possibilidades de ser e estar na realidade, de traçar novas relações interiores e exteriores. De maneira específica, a leitura ganha forma a partir de experiências individuais e de seu compartilhamento com outras mulheres, suscitando saberes que podem vir a fazê-las refletir sobre si mesmas e sobre o mundo que as cercam.

Saberes esses que transcendem o conhecimento científico, refletindo na maneira como essas leitoras se enxergam e se posicionam no mundo. Apesar de direcionada aos contextos que envolvem macroestruturas sociais, as noções de Bourdieu (2004), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) sobre a leitura como um instrumento em potencial de transformação podem reverberar em qualquer leitor e leitora que encontra nessa prática momentos de aprendizado e de reflexão sobre si mesmos. Principalmente para as mulheres, que vivenciam diariamente situações de opressão e silenciamento, a leitura emerge como uma atividade de lazer e uma fonte de conhecimento sobre como pensar sobre si mesmas, o outro e o mundo que as cerca. As discussões em grupo ampliam esse potencial ao colocar em diálogo diferentes experiências de leitura e de vida, possibilitando vislumbrar cenários, interpretações e situações nunca antes pensadas e, até mesmo, desconhecidas por sua consciência.

A leitura, a partir dessa visão, descobre e reconhece, desencadeando a abertura de novos caminhos anteriormente não vislumbrados e, assim, possibilitando ao sujeito leitor “seguir com seus próprios passos”. Torna-se possível, através das experiências de leitura, sejam estas individuais ou compartilhadas, estar mais bem preparado para ter o controle do

próprio destino, para resistir a alguns processos de marginalização e, até mesmo, mecanismos de opressões (PETIT, 2013), como ocorre tradicionalmente com as mulheres em diversos lugares no mundo.

Nesse sentido, Petit (2013) entende que é apropriando-se do texto que se torna possível aos sujeitos leitores desenvolver um espaço de liberdade a partir do qual podem dar sentido a suas vidas e encontrar ou voltar a encontrar a energia para escapar dos impasses nos quais se sentem encurralados. Especificamente sob a perspectiva da mulher, Polleck (2010) aponta que as experiências de leitura, sobretudo quando compartilhadas, contribuem para que essas leitoras possam compreender e aprender a lidar com suas identidades, famílias e relações sociais.

Nesse contexto, para além de sua atuação como uma prática de resistência em contextos macro de crises políticas, sociais e econômicas, a leitura emerge como uma espécie de ensinamento de vida, um espaço para a busca de sentido e para descobrir a si mesmo, sendo os saberes daí adquiridos levados para a vida inteira, nos ensinando a lidar com nós mesmos e com o mundo. O livro, segundo Petit (2009, 2013), permite que se abra para o imaginário e o mundo exterior, de modo que algumas frases encontradas em uma obra podem, em muitas vezes, transformar o curso de uma vida. Atentamos, ainda, para a leitura como uma fonte de significações, ressignificações e construções de identidades, a partir dos quais torna-se possível compreender o mundo que nos cerca, configurando potenciais para modificações individuais e, até mesmo, nas coletividades intersubjetivas.

Trata-se, assim, da leitura como um instrumento em potencial de transformação: de si mesmo, de nossas concepções e visões de mundo, de construção e reconstrução de identidades, sentidos e significados. Essa potência se manifesta, fundamentando-se nos pressupostos de Petit (2009, 2013, 2019), através da aplicação – de forma consciente ou inconsciente - dos textos ou passagens de textos para desviar sensivelmente o curso de suas vidas e fazer pensar suas relações com o mundo à luz de seus contextos e vivências. Essa noção é concebida, na visão da autora, como uma “abertura para um outro espaço”, uma experiência que rompe com a situação na qual o sujeito que lê um texto se encontra.

Em outras palavras, significa dizer que é esse rompimento, esse “entrar em outro espaço” que possibilita novas atividades psíquicas e, com isso, novas instâncias de transformações subjetivas e intersubjetivas. Para a autora, essas experiências de leitura, através das atividades mentais de produção de sentido e significado, oferecem uma ruptura com a situação atual na qual o indivíduo encontra-se inserido, bem como novas oportunidades de pensar sobre si mesmo, sobre o mundo que o cerca e sobre o que gostaria de ser. O

potencial de transformação pessoal estaria, portanto, nas mudanças nas formas de enxergar e conceber a realidade e a si mesmo por meio das experiências de leitura à luz de seus contextos de vida.

Igualmente, a noção de transformação proposta por Bourdieu (2004) e Roubakine (1998) se dá no plano social e não apenas pessoal, a partir da concepção dos saberes apropriados por meio das experiências de leitura como instrumentos de reflexão crítica acerca da realidade em que o sujeito se encontra inserido. Apesar de o presente estudo não abordar, em um primeiro momento, a transformação social, os construtos teóricos roubakinianos e bourdieusianos nos permitem compreender as relações traçadas com o real a partir do ato de ler, assumindo que, para atingir um nível intersubjetivo, perpassam, necessariamente, a seara subjetiva.

À luz da epistemologia informacional do campo, significa dizer que a análise das experiências de leitura não pode estar dissociada da compreensão do contexto e da subjetividade dos leitores e leitoras, que orientam a forma como percebem, interpretam e se apropriam do objeto lido. A compreensão coletiva integra e é resultado de uma compreensão que é, *a priori*, individual (situada no social), decorrente dos processos subjetivos de leitura que, quando compartilhados, possibilitam sua ressonância em coletividades intersubjetivas.

Desse modo, fundamentando-se nas noções propostas por Bourdieu (2004), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) como uma das orientações teóricas utilizadas pelo presente estudo para entender a leitura e seu potencial para expandir os horizontes de transformações pessoais, podemos encontrar em suas experiências, sejam estas subjetivas ou intersubjetivas, a evocação de sentidos e significados que refletem e influenciam suas formas de perceber o mundo. Essas sensações atuam nos processos de apropriação de saberes durante a interação entre o sujeito leitor e o artefato informacional e entre esse mesmo indivíduo com outros sujeitos (quando do compartilhamento de suas experiências com esse objeto), constituindo uma dimensão que é, também, fenomenológica, permitindo não apenas a criação de uma realidade particular em torno do texto lido, como também atribuir sentido e significado ao que está sendo lido e à própria experiência de leitura em si. Por essa razão, no plano teórico do presente trabalho, as propostas abordadas pela concepção da leitura em sua perspectiva social, evidenciadas pela ótica psíquica de Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) e pela dimensão simbólica tratada por Bourdieu (2004), nos trouxeram às reflexões dos estudos fenomenológicos de Budd (2005).

Essa escolha parte do entendimento de que a fenomenologia trata a relação entre sujeito e objeto, aqui centralizadas nas experiências de leitura, como fenômenos, analisando

de que maneira esses indivíduos significam e apropriam essas interações. Esses processos constituem uma fonte potencial de reflexão e saberes apropriados durante as experiências de leitura, que permitem ao indivíduo relacionar os aspectos que circundam a recepção e a interpretação de um determinado fenômeno em um dado espaço-tempo com as informações existentes em seu repertório informacional, que refletem seus contextos e visões de mundo e possibilitam o conhecimento sobre essa mesma realidade. Desse modo, a interação fenomenológica entre texto e sujeito, especialmente no que tange aos processos de apropriação de saberes, possui uma via de caráter essencialmente simbólico e psíquico, através da qual os saberes são produzidos, atribuídos de sentido e significado e aplicados nas vivências desses mesmos indivíduos.

Tais noções dialogam com uma das definições de leitura indicadas por Geraldo Prado (2016, p. 103), na qual a mesma é concebida como um “conjunto de conhecimentos adquiridos”. O autor ressalta o ato de ler como um componente do processo de interpretação, isto é, da atribuição de significação e sentido ao que está sendo lido, ilustrando sua relevância como instrumento de obtenção de conhecimento que, quando percebido e apreendido por meio dos processos cognitivos, configura um potencial como mecanismo para modificar realidades.

Segundo Marcos Prado (2013), a interpretação dos fenômenos informacionais implica na capacidade de percepção do sujeito em empreender processos cognitivos para produzir e atribuir significação às manifestações sensoriais suscitadas por suas experiências com o objeto informacional. Durante o ato de ler, a percepção dos saberes contidos nos materiais de leitura permite sua interpretação à luz das visões de mundo e de realidade desse mesmo sujeito. Nessa perspectiva, os reflexos das experiências de leitura no imaginário dos leitores e leitoras, apoiados por seus processos de cognição, contribuem para que criem, a partir de conhecimentos prévios, de suas vivências e do contexto em que se dá a leitura, seu próprio modo de perceber o mundo, a realidade que o cerca e o objeto informacional. O indivíduo realiza a leitura de um objeto, apreende seus símbolos e significados e transforma informação em conhecimento, de forma a tornar-se capaz de perceber e apreender os fenômenos que ocorrem ao seu redor.

Para Lyotard (1973), a partir de suas reflexões sobre o pensamento de Edmund Husserl<sup>5</sup>, o ponto de vista fenomenológico propõe o estudo dos fenômenos na forma em que

---

<sup>5</sup> Edmund Husserl foi um matemático e filósofo alemão que estabeleceu a escola da fenomenologia, rompendo com a orientação positivista da ciência e da filosofia nos séculos XIX e XX, desenvolvendo uma ciência sistemática baseada na redução fenomenológica. A partir da noção de que a consciência transcendental



aparecem à consciência (como nos é dado), pontuando que a fenomenologia revela, nos processos mentais de percepção do real, uma intencionalidade da consciência que não concebe “passivamente” o mundo exterior, mas sim uma consciência que já é intencional, isto é, que percebe ativamente os fenômenos que se desenrolam ao nosso redor, a partir de tentativas de construí-los da maneira mais coerente possível com as subjetividades dos indivíduos.

Na visão de Marcos Prado (2013), a fenomenologia busca, através das interações do sujeito com o objeto, a relação entre as estruturas essenciais desse mesmo objeto com a consciência humana, dotada de subjetividade e atos intencionais. Para que seja possível construir saberes a partir e sobre esse objeto, a corrente fenomenológica se baseia nos processos mentais do indivíduo em relação à sua experiência com o fenômeno, que o permite entendê-lo e formar conhecimento sobre o mesmo. A fenomenologia é concebida, pois, não como uma metodologia, mas sim uma forma de nos preparar a perceber, interpretar e refletir acerca dos objetos que são dados à consciência na forma em que se apresentam, isto é, de acordo com os modos de percepção e concepção da realidade de um sujeito posicionado no espaço e no tempo.

Nesse sentido, a percepção do sujeito sobre esse objeto, bem como a realidade que cria em torno dele e os saberes que retiram daí, partem da noção do real como uma perspectiva construída socialmente e mediada pelo dualismo subjetividade/intersubjetividade; isto é, baseado nas formas de percepção de mundo dos sujeitos e das interações traçadas com outros indivíduos. Trata-se, segundo Marcos Prado (2013) e conforme já apontado por Lyotard (1973), de interpretar os fenômenos manifestados à consciência na forma em que se apresentam na realidade, fundamentando-se na concepção particular dos sujeitos e assumindo, ao mesmo tempo, uma perspectiva social e contextual.

Sob essa ótica, a fenomenologia pode ser caracterizada como uma “ciência da consciência”, sendo tomada como um saber sobre um determinado objeto (LYOTARD, 1973), que se propõe a estudar como esse conhecimento existe para um sujeito; isto é, como o real é percebido em sua subjetividade e contexto. A consciência se constitui como intencional, sendo considerada pelo autor como a relação do sujeito com o mundo, na qual, através da análise das vivências dos sujeitos (subjetivas e intersubjetivas), encontramos fundamento para o conhecimento sobre o objeto (LYOTARD, 1973). A intencionalidade, conceito central dos estudos fenomenológicos, pressupõe não apenas os processos de percepção, mas também a

---

estabelece os limites de todo conhecimento possível, Husserl redefiniu a fenomenologia como uma filosofia transcendental-idealista (EDMUND HUSSERL..., 2019).

imaginação, representação e experiências sociais com o outro; processos esses que configuram atos intencionais da mente, que já possui uma capacidade prévia em realizá-los, acabando por ter influência direta na apropriação de saberes. Trata-se, portanto, de pensar a intencionalidade como um modo de explicar e refletir as relações entre sujeito e objeto e, por sua vez, as formas de percepção dos indivíduos sobre a realidade que os cercam (SALDANHA, 2018).

Nessa visão, o fenômeno é entendido como o que a consciência considera e percebe como real, sendo resultado de vivências de um indivíduo situado no tempo e no espaço (LYOTARD, 1973; SALDANHA, 2018). Cumpre dizer que os objetos e as interações aí estabelecidas constituem fenômenos que, quando percebidos por meio da intencionalidade, pressupõem uma construção particular do que significa a realidade, de modo a criar, em uma dada experiência fenomenológica (como o ato de ler), instâncias relativas e subjetivas do real, que se configuram como tal para determinado sujeito, em um dado espaço-tempo.

Em outras palavras, considerando os enfoques filosóficos clássicos para os estudos sobre a intencionalidade, significa dizer que a mente é concebida como uma entidade fundamentalmente relacional, capaz de estabelecer relações com os objetos que são apresentados à consciência. Isto se dá, segundo Saldanha (2018), pois os atos intencionais da mente influenciam e são influenciados a todo momento pelas relações da consciência do sujeito com o mundo, que implicam em processos particulares e subjetivos de percepção e interpretação do real. Nesse esquema, a mente formula representações de objetos e fenômenos informacionais pertencentes ao mundo e à realidade desse indivíduo. Podemos dizer que os processos psíquicos e cognitivos de apropriação de saberes que se dão durante as experiências de leitura, manifestados por meio das sensações, sentidos e significados aí despertados, são nada mais do que representações da relação da mente com o mundo, influenciadas pelos modos de percepção, interpretação e interação dos sujeitos com essa mesma realidade.

Especificamente na perspectiva informacional, as reflexões fenomenológicas encontram em John Budd (2005) um de seus enfoques centrais. De modo geral, segundo Saldanha (2018), a proposta do autor é investigar as experiências mentais do indivíduo no contexto das ações informacionais, cenário em que posiciona a fenomenologia como contribuição teórica fundamental para entender de que modo o conhecimento, um dos objetos de estudo da Ciência da Informação, é construído. Essas perspectivas se dão, na mesma visão de Roubakine (1998), através da leitura, tomada como uma experiência essencialmente fenomenológica.

Nessa orientação, concebendo a experiência de leitura como um fenômeno da mente, o ponto de vista da fenomenologia proposto por Budd (2005) compreende o ato de ler como um processo de cognição perceptiva centralizada na recepção de qualquer objeto que possa ser lido, no qual a intenção da mente, tomada como ato de entendimento direcionado ao conhecimento desse mesmo artefato, responde às manifestações das percepções de mundo de um sujeito inserido em um dado espaço-tempo. O ato de ler é considerado como um fenômeno entre sujeito e objeto, que torna possível, por meio de processos mentais e atos intencionais da consciência que se manifestam através da linguagem e do discurso, apropriar saberes à luz de modos particulares de percepção e interpretação do mundo ao redor.

Os fenômenos informacionais são, a partir das noções de Budd (2005), tanto os objetos lidos como as experiências subjetivas e intersubjetivas dos sujeitos com esses mesmos artefatos; assim, considerando-se a questão da intencionalidade presente nos estudos da fenomenologia, a leitura é tomada no campo informacional como um ato consciente, que já pressupõe uma capacidade cognitiva prévia em escolher, compreender, apropriar e racionalizar o objeto lido, isto é, transformar informação em conhecimento por meio da percepção, apreensão e interpretação dos fenômenos. Na perspectiva de Budd (2005), os processos mentais transcorridos durante o ato de ler são manifestados pela intencionalidade da mente, direcionada à percepção, interpretação e apreensão de um objeto segundo a forma em que este é apresentado à consciência de um indivíduo possuidor de subjetividades e contextos particulares, sendo possível conhecer e compreender as sensações despertadas por essa interação.

Fundamentalmente, essa intenção representa a relação do indivíduo com o mundo. Segundo o autor, durante as experiências de leitura, os atos intencionais de cognição e apropriação dos saberes produzidos e circulados na interação entre sujeito e objeto estão baseados em suas experiências com o real, a partir de formas individuais de percepção, interpretação e apreensão desse mesmo real em um determinado espaço-tempo (BUDD, 2005). Nesse esquema, para Saldanha (2018), o resultado de tais processos fenomenológicos são, pois, as ações interpretativas, empreendidas pela consciência nas interações do sujeito com o artefato, em tentativas de produzir e apropriar saberes sobre e a partir do mesmo.

Nesse sentido, a corrente fenomenológica pressupõe que os atos intencionais conferem sentido e significado ao artefato que está sendo processado mentalmente, possibilitando a apropriação de saberes. Em outras palavras, significa dizer que o sujeito leitor está, no ato de ler, construindo para si uma realidade própria, um modo individual e subjetivo de apreender e interpretar determinada realidade, de modo a projetar no real o texto lido, sendo o saber

apropriado utilizado em aplicações práticas de seu cotidiano, como a tomada de decisões, o discernimento sobre como proceder diante de uma dada experiência ou a transformação de algum nível de si mesmo, de sua realidade e de sua forma de conceber o mundo.

Em diálogo com Lyotard (1973) e Saldanha (2018), a forma como os fenômenos são percebidos e apropriados (tanto a experiência do sujeito com o objeto quanto os saberes resultantes dessa interação), são influenciados pela relação dos atos intencionais da consciência com o contexto sócio histórico no qual encontram-se inseridos. Sob essa perspectiva, Saldanha (2018) aponta que a capacidade de compreensão dos atos intencionais da mente, isto é, a motivação e intenção por trás de uma ação informacional (no caso, a leitura individual ou compartilhada de um texto e a apropriação dos saberes produzidos e circulados nessa dinâmica) se relativizam, uma vez que estão intrinsecamente relacionadas às percepções de mundo de um sujeito imbuído em suas crenças, valores, relações intersubjetivas, vivências e contextos, que refletem a maneira como percebe e interpreta a realidade ao redor – por sua vez, estruturadas em bases culturais, sociais, políticas, econômicas e simbólicas - e constrói saberes sobre e a partir dessa mesma realidade.

Assim, perceber, interpretar e interagir com a realidade pressupõe, pois, segundo Budd (2005), concebê-la a partir de sua posição em um dado espaço-tempo, à luz de um sujeito igualmente posicionado em um determinado contexto. Para Saldanha (2018, p. 88), sob essa lógica, noções como “realidade”, “espaço” e “tempo” são lançadas no âmbito da contextualização, sendo relativizadas de acordo com a situação do indivíduo, que pode vir a se modificar ao longo de sua existência. Podemos dizer que suas formas de perceber essa realidade e formar conhecimento sobre os objetos e atores que a compõem é, portanto, contextual.

Sob o enfoque simbólico trazido por Bourdieu (2004), podemos pensar que as interações entre sujeito e objeto são concebidas como relações particulares, que devem ser analisadas à luz de suas subjetividades, contextos nos quais encontram-se inseridos e de suas relações com os objetos informacionais. Para o autor, os sentidos e significados atribuídos por leitores e leitoras aos textos lidos são resultantes das condições sociais das quais são parte, de modo que não é possível dissociar a interpretação dada pelos sujeitos aos artefatos de seus cenários sociais e vivências simbólicas com aquele material e a própria realidade em que este está circunscrito.

Para Saldanha (2014), a partir de seus estudos sobre a filosofia simbólica de Ernst Cassirer (2005), o sujeito entra em contato com a realidade por meio de formações simbólicas, partindo do entendimento de que a realidade do mundo, isto é, as formas de

construtos e percepção do real, está em crescente complexidade, de modo que o sujeito se serve de um sistema simbólico para conhece-la. A realidade, segundo o pensamento cassireriano, não é uma coisa singular e homogênea; é, pois, imensamente diversificada, sendo composta por tantos esquemas e padrões distintos quanto há organismos diferentes. Cada ser, para Cassirer (2005), tem um mundo só seu, uma vez que possui uma experiência só sua; essas representações têm influência direta tanto nos processos de construção de realidades quanto nas experiências de leitura, refletindo na atribuição de sentido e significado aos saberes ali presentes.

Segundo Saldanha (2014), Cassirer (2005) busca construir em suas reflexões um modo distinto de compreensão do sujeito, propondo que as práticas humanas são frutos de formações simbólicas imersas em sistemas simbólicos, que sugerem e orientam os modos de construção de conhecimento; além disso, o autor postula que não há outra forma de conhecer o indivíduo senão pela compreensão de sua vida e conduta. Assim, em diálogo com nossas propostas psíquicas e fenomenológicas, podemos pensar que o conhecimento tido como simbólico permite um significado próprio para a apreensão do mundo e dos objetos.

Trata-se de posicionarmos a dimensão simbólica no contexto dos processos de construtos do real, uma vez que essa percepção de realidade (através da intencionalidade da mente) é pautada pelas vivências, e, essas vivências, por sua vez, são fundamentadas e construídas por meio de conjuntos de representações simbólicas. Todos esses componentes dialogam durante os processos de leitura, de modo a conferir sentido ao que está sendo lido e, portanto, apropriar saberes. Destaca-se aí, portanto, o cenário contextual nos quais os processos cognitivos de apropriação e interpretação dos saberes se desenrolam, em claro diálogo com os estudos psíquicos e da fenomenologia, de modo que vivemos por, para e da diversidade simbólica dos artefatos e das interpretações dos artefatos (SALDANHA, 2014).

Neste ponto, podemos recorrer novamente às reflexões de Roubakine (1998). Ainda que, segundo Saldanha (2018), os estudos fenomenológicos de Budd (2005) não se aproximem, pela via epistemológica da intencionalidade, do pensamento roubakiniano, ambas as linhas de argumentação se centralizam nos processos mentais que ocorrem durante as experiências de leitura e em sua concepção como um fenômeno da mente, de modo a possibilitar a análise das sensações e dos efeitos cognitivos, emocionais e psíquicos despertados pelas interações entre sujeito e objeto. Nessa direção, os autores entendem que os indivíduos moldam, através do ato de ler, uma realidade em torno do objeto lido, o que nos permite reconhecer sua conjugação no que se refere ao contexto em que se dá a leitura, sendo o conteúdo apropriado influenciado – e, ao mesmo tempo, resultado - das condições sócio

históricas, bem como da subjetividade e das configurações psíquicas armazenadas na *mneme* desses leitores e leitoras. Esses aspectos estabelecem as formas em que essas mesmas experiências são compartilhadas nos clubes de leitura e apropriadas por outros sujeitos, à luz de sua própria subjetividade e contexto.

Na ótica roubakiniana, o que dialoga centralmente com as noções propostas por Budd (2005), “[...] o efeito produzido por um mesmo livro em um mesmo leitor depende não somente de sua individualidade, mas também de todas as condições de seu contexto, dimensões estas que se alteram continuamente no mundo social” (SALDANHA, 2019, p. 7). Para o teórico russo, se uma obra nos parece diferente em momentos distintos de nossa existência, é devido às influências de nossas vivências, subjetividades e estados psíquicos sobre o ato de ler em um dado espaço-tempo (ROUBAKINE, 1998).

Significa dizer que as experiências de leitura, através das sensações evocadas, representam reflexos do leitor ou da leitora em determinados momentos de sua existência, uma vez que a interação com o objeto informacional se deu em condições e circunstâncias distintas de sua vida (ROUBAKINE, 1998). Trata-se de pensar a leitura como uma experiência particular, cujos processos cognitivos de percepção, interpretação e apropriação de saberes e do próprio objeto livro em si estão diretamente relacionados aos contextos de vida, subjetividades e configurações psíquicas dos sujeitos leitores em um dado espaço-tempo.

A demarcação teórica de Roubakine (1998) nos leva a pensar, de acordo com Saldanha (2019), que o livro enquanto objeto nada mais é do que o reflexo de seus leitores e leitoras, isto é, de suas subjetividades, vivências intersubjetivas, contextos, estados psíquicos, que influenciam nas relações com esses objetos durante as experiências de leitura e, por sua vez, nos processos cognitivos de percepção, interpretação e apropriação de saberes. Com isso, a maneira em que as experiências de leitura são percebidas e associadas aos saberes aí existentes e transpostas para os clubes de leitura é influenciada pela forma que a consciência se relaciona com o mundo, isto é, como concebe os fenômenos que o compõem.

Desse modo, Otlet (2018, p. 46), em suas análises sobre a bibliopsicologia de Nicolas Roubakine, complementa as considerações supracitadas:

[...] o livro não existe para o leitor senão na medida em que ele lhe percebeu o conteúdo, e esse próprio conteúdo, desde que seja percebido, não passa da expressão de todas as faculdades do leitor, de sua alma, complexo de fenômenos psíquicos despertados pela leitura do livro. O conteúdo do livro, fora do leitor, não existe, pois, para cada leitor tomado separadamente, ele se encontra na projeção dos estímulos produzidos pelo livro na alma do leitor.

Fundamentados nas influências exercidas pelo contexto específico de cada indivíduo, apontado por Budd (2005) como dotado de subjetividade e pressuposições sobre o objeto, as sensações advindas da interação fenomenológica entre sujeito e objeto permitem que o sujeito leitor crie uma realidade própria em torno daquele material informacional, que é resultado das formas de percepção de sua consciência sobre o mundo. Segundo Lyotard (1973) e Saldanha (2018), as construções e percepções do mundo que nos cerca, bem como dos fenômenos que dele fazem parte, têm influência direta da consciência e de seus processos cognitivos. De natureza subjetiva e particular, os construtos do “real” divergem de consciência para consciência, isto é, de sujeito para sujeito, em relação intrínseca com o contexto no qual está inserido e refletindo sua própria forma de perceber essa realidade. Nesse ponto, o indivíduo alcança sua capacidade de apropriação de um artefato informacional por meio dos processos psíquicos e cognitivos decorrentes do ato de ler, que implicam não apenas na intencionalidade das atividades mentais, como também no desenvolvimento de uma avaliação crítica de um texto, tendo por base os conhecimentos prévios e as vivências que o levaram até ele.

Nesse contexto, dificilmente existiria uma maneira absoluta e igual de perceber a realidade, visto que as formas de concepção da consciência estão relacionadas às vivências do sujeito e às relações estabelecidas intersubjetivamente em um dado espaço-tempo. A percepção e significação do real, isto é, o que se apropria de um objeto informacional, seria, portanto, uma noção de realidade tal qual ela é apresentada e percebida pela consciência do indivíduo, diferindo de acordo com suas experiências com esses artefatos e de seus processos mentais. Configuram, portanto, instâncias distintas do real, a partir das mudanças constantes da consciência e de suas formas de percepção.

Assim, a partir da relação entre as perspectivas de Budd (2005) e Roubakine (1998), os processos de percepção do real, bem como as interações com os materiais de leitura e as sensações, sentidos e significados daí resultantes, podem vir a se modificar, dependendo do cenário atual de vida desse indivíduo, concebendo, pois, o artefato não como absoluto, mas sim mutável. Otlet (2018, p. 46) ainda acrescenta que “o efeito produzido por um mesmo livro sobre um mesmo leitor depende não só da individualidade, mas também de todas essas condições, que mudam continuamente”. Para o autor, a relação entre sujeito e objeto não se baseia em princípios absolutos, dispondo de uma verdade única e imutável, mas sim em subjetividades diversas de um sujeito posicionado no espaço e no tempo, que refletem nos processos mentais decorrentes de sua interação com o objeto informacional e, no caso do presente estudo, no potencial de transformação daí retirado.

Significa dizer que o conhecimento verdadeiro, o real, são revisados, corrigidos e reformulados a todo tempo, em diálogo com a subjetividade e o contexto do indivíduo. Não existe, a partir dessa noção, um saber "verdadeiro" ou "falso" a ser apropriado ou refutado, mas sim um saber relativo apresentado à consciência, que se modifica continuamente e dialoga com as condições psíquicas, emocionais e cognitivas de um sujeito que forma e integra, ao mesmo tempo, a construção social do real. Isto se dá, pois, para Lyotard (1973), o mundo constitui uma rede de símbolos através dos quais, para construir seus contextos de vida e atingir o “conhecimento verdadeiro”, os sujeitos interagem com esses símbolos e, a partir daí, pensam a realidade. Cumpre dizer que o mundo e os fenômenos existentes, incluídos em complexas redes de símbolos, exercem influência fundamental nos processos de percepção, apreensão e interpretação do contexto que nos cerca, de modo a impactar tanto nas concepções do real quanto nas maneiras em que nos apropriamos dos saberes presentes nos materiais de leitura.

Nesse sentido, a interação entre sujeito e objeto, considerada como um fenômeno, conforme já mencionado por Dumont e Pinheiro (2015), pressupõe uma relação implícita e simbólica entre os dois (LYOTARD, 1973), de modo que a maneira como um sujeito percebe o objeto lido, bem como os sentidos e significados e ele atribuídos, fazem parte de um conjunto de representações simbólicas pertencentes ao contexto desse mesmo indivíduo. Ao transpor essas noções para o cenário das experiências de leitura, a partir das reflexões de Budd (2005) e Roubakine (1998), podemos pensar que as vivências do sujeito leitor, bem como seus valores, visões de mundo e relações intersubjetivas, influenciam diretamente na forma em que um objeto é apresentado à sua consciência, em suas atividades psíquicas e cognitivas e, sobretudo, na maneira em que percebe um objeto informacional e o significa durante o ato de ler.

Essa visão ressalta a importância destacada por Bourdieu (2004) sobre a análise das experiências de leitura à luz das indagações sobre as condições de possibilidades de leitura em que esses atos se manifestam, concebendo-a não como relações objetivas e universais entre um sujeito e objeto, mas sim relações inseridas em um conjunto de representações simbólicas que, próprias de um sujeito leitor posicionado no espaço e no tempo, orientam os modos de uso e apropriação dos textos. A apropriação de um dado livro se modifica à medida em que o universo de sua apropriação se modifica, tendo seu sentido reforçado ou ressignificado à luz das novas noções e interesses que circundam seu espaço em um dado espaço-tempo. O que se apropria do texto está, pois, em diálogo com às próprias concepções da realidade daquele que escreve e daquele que lê.



Nesses processos, segundo Prado (2013), incide sobre a informação aspectos que contribuem para a recepção e interpretação de códigos linguísticos, iniciando a reflexão do sujeito que, através de sua bagagem informacional, visões de mundo e representações culturais, constrói o conhecimento. Assim, segundo Roubakine (1998), o sentido e significado atribuídos à leitura, na medida em que possibilitam a apropriação de saberes, estão relacionados à associação de ideias, emoções e sentimentos particulares de cada sujeito, que representam a realidade criada em torno dessa experiência.

Nessa concepção, a leitura é tomada como fonte de informação, apropriação e interação entre o indivíduo e a realidade que o circunda, tendo em vista sua subjetividade e o contexto no qual encontra-se inserido em um dado espaço-tempo (DUMONT; PINHEIRO, 2015). O ato de ler reafirma-se, dessa maneira, como condição fundamental para que o sujeito leitor desenvolva uma conscientização acerca do mundo ao redor, tornando-se capaz de fazer não apenas uma leitura crítica de si mesmo, mas também, retomando Bourdieu (2004) e Roubakine (1998), uma leitura do mundo, de modo a possibilitar a aplicação dos saberes aí obtidos em suas vivências pessoais, podendo conduzir à transformação pessoal e, até mesmo, social.

Assim, tomando-se a leitura como uma forma de entender a realidade que nos cerca, Dumont e Pinheiro (2015) apontam a apropriação de informação como um conjunto de atos através do qual, durante os processos de leitura, o indivíduo consegue reelaborar seu mundo e suas interpretações sobre ele, reformulando seus conhecimentos prévios a partir da introjeção de novas informações lidas e interpretadas à luz de sua realidade social. A apropriação de saberes por meio da leitura se dá, efetivamente, por meio dos processos de percepção, interpretação e compreensão dos signos linguísticos apresentados no objeto informacional que, no momento de sua decodificação, dialogam com os conhecimentos de mundo do sujeito leitor, suas experiências de vida, contextos sociais e bagagem textual, de modo a fazê-lo refletir sobre o que se está a ler segundo suas visões de mundo e posicionamento na realidade.

Nesse plano, Borges (2016), Dumont (1998) e Petit (2009, 2013, 2019) centralizam uma das possibilidades de expansão do potencial reflexivo decorrente das experiências de leitura na leitura literária. A partir das autoras, podemos entender os textos literários como narrativas que, através de um intuito quase sempre recreativo, lançam mão de aspectos figurativos para que leitores e leitoras possam alcançar a compreensão sobre o que se está a ler à luz de suas próprias inferências, de modo a apropriar, ressignificar e produzir novos saberes.

Seu conteúdo reproduz normalmente situações que transitam entre o real e o imaginário, abordando temáticas que expressam, de forma simbólica, instâncias da realidade que mesclam componentes dos dois cenários, de modo que sua leitura permite não apenas a identificação de situações que dialogam com as vivências de leitores e leitoras, como também a apropriação de saberes que propiciam o desenvolvimento de uma perspectiva reflexiva sobre as condições nas quais eles e outros grupos sociais se encontram. Para Dumont (1998) e Petit (2013), as experiências de leitura literária são concebidas quase sempre como atividades de lazer, sendo um dos principais motivos alegados a distração proporcionada por seu conteúdo. Trata-se, normalmente, de um enredo simples, de fácil apreensão, consumido em momentos de recreação. É, na verdade, de acordo com Dumont (1998), um movimento simbólico de transcendência para outro contexto, a partir do qual torna-se possível imaginar possibilidades de ser e estar que transcendem aquelas vivenciadas pelo sujeito leitor na realidade.

Os debates em torno do potencial dos textos literários como fonte de apropriação de saberes sempre foram tomados como um dos pontos centrais de discussão dos estudiosos da leitura em diversos campos do conhecimento (DUMONT, 2000). A questão norteadora, para a autora, é sobre se esses mesmos textos possibilitam ao sujeito leitor obter algum tipo de conhecimento considerado útil à sua vivência ou se é apenas uma atividade de lazer e um instrumento de fuga para compensar as dificuldades e frustrações do cotidiano.

Segundo as reflexões de Petit (2013), é interessante mencionar que, durante muito tempo, além da noção sempre presente da figura de leitores e leitoras como mero receptores das informações que lhes eram transmitidas, prevalecia igualmente a ideia de que a leitura era uma atividade com um propósito utilitário: lê-se para aprender, para adquirir saberes a serem aplicados nos afazeres laborais. A leitura de lazer, por outro lado, traduzida comumente nos textos literários, era concebida como pertencente ao âmbito privado, sendo tomada como essencialmente feminina, estando associada aos estereótipos de gênero e à noção de que não era possível apropriar conhecimento, mas sim apenas passar o tempo (PETIT, 2013).

Nesse sentido, ao considerarmos a noção de lazer como períodos de abstração das obrigações sociais, entendemos que a leitura literária, em sua concepção como atividade recreativa, pode ser realizada para se libertar das responsabilidades e atribuições diárias, para buscar prazer e alegria e para se auto realizar. Contudo, Dumont (1998) afirma que, mesmo que esse tipo de leitura se constitua, em sua maioria, como uma prática de divertimento, a mesma não se traduz apenas como simples momentos de distração. Para a autora, ao ler um

texto literário para passar o tempo, as leitoras podem estar a receber saberes úteis às suas vivências.

Para Rodriguez (2005), da mesma forma que os textos interferem na vida dos leitores e leitoras de diversas maneiras, esses mesmos sujeitos interpretam e ressignificam aquilo que leem tendo por base suas vivências, contextos e subjetividades, elaborando, por meio das narrativas literárias, percepções que refletem e transformam seus comportamentos e valores sociais. Na visão da autora, essas concepções podem motivá-los a modificar, ainda que minimamente, cenários ou perspectivas de mundo que não os satisfaçam plenamente.

Trata-se, de acordo com Proença Filho (2001), de um objeto de linguagem ao qual se associam uma gama de representações de realidades físicas, sociais e emocionais, mediada pelos signos linguísticos. O texto literário repercute no sujeito leitor à medida em que revela emoções profundas, coincidentes com as abrigadas em seu íntimo; o autor ou autora, igualmente produtores de sentidos, reproduzem elementos que são culturalmente comuns aos indivíduos, sendo o entendimento sobre o que se comunica nesses textos proporcional ao seu repertório informacional, enquanto receptor e usuário de um saber comum. Podemos dizer, desse modo, que o discurso literário se abre a um tipo específico de decodificação, relacionado ao universo de cada leitor ou leitora (DUMONT, 1998; PROENÇA FILHO, 2001).

Podemos recorrer, ainda, à Todorov (2009), para quem a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos; a realidade que a literatura busca compreender é, pois, a experiência humana. Os textos literários possibilitam descobrir novas culturas, compreender melhor as pessoas, suas próprias experiências e, ainda, permitem formas múltiplas de percepção e interpretação do mundo que nos cerca. Isto se dá, pois conforme aponta Souza (2017), tendo por base o conceito de *mimesis* proposto por Aristóteles, a literatura constitui uma instância de representação do real, uma vez que sua estrutura narrativa transita a todo momento entre a realidade e a ficção. A obra literária contribui, a partir dessa noção, para promover a tolerância e o respeito pelo outro e por outras culturas, para proporcionar outros modos de ver a vida, de maneira a atuar como uma ponte entre a nossa realidade e aquilo que não vivemos ou conhecemos apenas superficialmente. Todorov (2009) acrescenta que a literatura propicia a descoberta de mundos que se colocam em continuidade com as experiências vividas, permitindo melhor compreendê-los; amplia o universo, incitando, portanto, outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Para o autor, a literatura pode:

[...] nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (TODOROV, 2009, p. 76).

Para Petit (2013), a realidade criada em torno do texto, especialmente os literários, o espaço psíquico e simbólico para o qual o sujeito leitor transcende durante as experiências de leitura proporcionam, conforme já mencionado, atividades psíquicas e construções imaginárias que o possibilitam estabelecer vínculos e relações entre suas próprias vivências e as experiências do “outro”. Trata-se do que Petit (2019, p. 32) se refere como “desvio pelo outro” que, simbolizado no livro, representa as palavras do autor ou autora da obra, as experiências das personagens, a realidade construída em torno do texto que não é, materialmente, a sua, mas na qual pode projetar sua subjetividade e se enxergar ali, reconhecer nas histórias de “outros” suas angústias, confusões e emoções.

Nesse contexto, Petit (2019, p. 112) afirma:

As histórias fictícias também remendam os rasgos feitos em nosso cotidiano, e apagam aquilo que nele é estranho e inquietante. A ordenação sequencial e a elaboração estética que são intrínsecas a essas narrativas têm a propriedade de acalmar: não estamos mais na desordem, os eventos ganham sentido em uma história colocada em perspectiva. Pela ordem secreta que dela emana, o caos do mundo, interior ou exterior, pode ganhar forma.

É precisamente esse “desvio pelo outro”, sobretudo nos momentos mais difíceis da vida do sujeito leitor, que amplia suas chances de se encontrar, de se abrir para um espaço psíquico e simbólico onde poderá projetar sua subjetividade. Trata-se de conceber as experiências de leitura como instrumentos que simbolizam a reorientação do olhar para além dos espaços psíquicos nos quais os leitores e leitoras encontravam-se inseridos, que sugerem margens de manobra que tornam possível a construção ou reconstrução de si mesmos, a compreensão sobre aspectos até então não reconhecidos e, sobretudo, vislumbres que ofereçam possibilidades de caminhos de vida a serem seguidos, de diferentes modos de ser e estar na realidade, constituindo os potenciais de transformação pessoal que nos interessa aqui alcançar. As experiências de leitura configuram-se, assim, como meios para o desenvolvimento de significação ou ressignificação das concepções sobre si mesmo, o outro e o mundo ao redor.

Relacionado à subjetividade e intrinsecamente ligado ao real, simbólico e imaginário, os processos cognitivos decorrentes das experiências de leitura de textos literários, que

conjugam os contextos de vida, as concepções de mundo, o simbólico e o imaginário do sujeito leitor, acabam por trazer à luz, durante o ato de ler, múltiplas referências arquivadas em seu repertório informacional. Este, por sua vez, dialoga em sua mente elementos reais e imaginários, de modo a revelar diversas possibilidades de decisão e discernimento à luz de suas próprias concepções da realidade (DUMONT, 1998). São esses processos que possibilitam a apropriação de saberes nas experiências de leitura de obras literárias, através do diálogo entre os saberes arquivados em nosso repertório textual e as novas informações introduzidas a partir de uma nova leitura, que podem ser ressignificadas ou traduzidas na obtenção de novos saberes.

Nessa visão, para Dumont (1998) e Souza (2017), os processos cognitivos de leitura, sobretudo a literária, apresentam grande potencial para incentivar leitores e leitoras a questionar sua realidade e buscar soluções para situações que estejam vivenciando no momento ou que não os estejam satisfazendo plenamente. Nesse cenário, podemos acrescentar ainda que, ao inspirarem-se na realidade ao abordarem temas que circulam entre o real e o imaginário, os textos literários possibilitam a reflexão e o debate sobre questões e abordagens que, talvez, dificilmente fossem discutidas ou pensadas em outros espaços. Em muitas vezes, tratam-se de temáticas que expandem as possibilidades de reflexão, identificação e autoconhecimento, de modo que, quando discutidas, podem vir a produzir saberes transformadores. A leitura é, pois, concebida à luz de sua atuação como agente fomentadora de reflexão e tomada de decisão, através, sobretudo, da perspectiva crítica direcionada às obras lidas.

Nesse sentido, segundo Dumont (1998) e Petit (2009), o ato de ler, independentemente do tipo de leitura e do propósito que circunda sua prática, possibilita a construção de novas experiências imaginárias e atividades psíquicas e, por sua vez, de novas realidades. O imaginário põe em movimento, leva a outro lugar, sendo a partir de seu estímulo que pode despertar o leitor ou a leitora para a ideia de transgredir os limites de seus contextos de crise e ser um pouco mais sujeitos de suas vidas (PETIT, 2013). Dessa forma, a leitura está a proporcionar a oportunidade de utilizar os saberes adquiridos para organizar sua história e reconstituir a si mesmo.

Nesse contexto, é importante destacarmos que as noções sobre a leitura e seu aprendizado, segundo Rebello (2015), durante muito tempo recaíram sobre um processo no qual o sujeito leitor não estabelecia nenhum tipo de diálogo ou interação com o texto, limitando-se apenas à decifração dos signos linguísticos, de modo a atuar como um mero receptor de informações. Os estudiosos da leitura não consideravam todo o contexto subjetivo

por trás desses leitores e leitoras que, certamente, influenciava em suas interpretações do texto. Os indivíduos eram tomados essencialmente como passivos dos conteúdos que lhes eram apresentados, restringindo as possibilidades de reflexões críticas sobre o que se estava a ler.

Contudo, relacionada à subjetividade do indivíduo e influenciada, segundo Dumont (1998), por um conjunto de variáveis sociais, motivacionais e circunstanciais que não se efetivam em ações isoladas, a leitura não é uma recepção passiva, mas sim um ato ativo, decorrente dos processos mentais resultantes da interação entre texto e sujeito. Desse modo, para que exerça seu potencial de transformação, a leitura precisa ser compreendida em diálogo com os cenários de construção de realidade de cada indivíduo, que refletem em seus processos de leitura e na maneira como os saberes aí presentes são apreendidos (BUDD, 2005; ROUBAKINE, 1998). O sujeito leitor é, assim, essencial na atribuição de significados e construção de sentidos no ato da leitura, qualificando-o, portanto, não como passivo, mas sim ativo nos processos de interpretação.

Nesse sentido, Petit (2009, 2013, 2019) aponta, especialmente no que tange aos textos literários, que as experiências constantes nas páginas de um livro, quando resgatadas por meio da leitura, afetam o campo de percepção de leitores e leitoras, refletindo, de forma simbólica, o que são e as formas que interagem com o mundo. Para que se sintam afetados e impactados por uma obra, segundo Dumont (1998), essa leitura deve ir ao encontro de seu repertório informacional, seus anseios e de seu contexto, tocando em algum nível de sua subjetividade, algo que faça sentido e que os façam sentirem-se reconhecidos em uma obra.

Nesse contexto, Petit (2013) evoca novamente o comportamento ativo do sujeito nas experiências de leitura, reconhecendo nas atividades psíquicas que ocorrem durante o ato de ler a apropriação de saberes e a elaboração ou reconquista dos indivíduos na posição de sujeitos e na reconstrução de si mesmos. A autora aponta que os leitores e leitoras buscam nos livros e na leitura respostas para muitas das inquietações que enfrentam, as quais descobrem, em um trecho ou uma frase, que outros também vivenciam esses mesmos conflitos. Em muitas vezes, o que é sentido por um sujeito leitor também é sentido por uma personagem, despertando sensações, lembranças e angústias; algo que, conforme já apontado por Dumont (1998), acaba por tocar seu íntimo e o faça se identificar com o objeto lido, para então construir sentido. A leitura é, portanto, um meio pelo qual o indivíduo pode se encontrar, se reconhecer, se construir ou reconstruir. Novamente, segundo Petit (2013), as práticas de leitura permitem ao sujeito leitor descobrir que existem outras realidades possíveis, sugerindo

que poderá participar ativamente de seu destino. Reafirmam-se a subjetividade e a construção de sentido, tornando a leitura um instrumento em potencial de transformação.

Especialmente quando compartilhadas no âmbito dos clubes de leitura, as experiências de leitura ressaltam a importância da intersubjetividade, das trocas entre sujeitos leitores possuidores de subjetividades e contextos distintos, como elementos centrais que potencializam as possibilidades de transformação. Os clubes configuram, pois, espaços privilegiados de produção, circulação, mediação e apropriação de saberes que podem ser aplicados para expandir as reflexões sobre nós mesmos, o outro e a realidade ao redor. Cumpre-nos, desse modo, entender o que são esses ambientes e a natureza das dinâmicas aí transcorridas, aspectos abordados na próxima seção.

## 2.2 “UM GRUPO DE PESSOAS REUNIDAS FALANDO SOBRE A VIDA, SOBRE IDEIAS, SOBRE LIVROS, LIVROS SÃO ISSO...”<sup>6</sup>: clubes de leitura como espaços de práticas informacionais e experiências de leitura compartilhadas

A leitura favorece as transições entre corpo e psiquismo, dia e noite, passado e presente, dentro e fora, perto e longe, presente e ausente, inconsciente e consciente, razão e emoção. E entre eu e os outros. É por meio de intersubjetividades gratificantes que surge o desejo de ler, e o ato de dividir é inerente à leitura como a todas as atividades de sublimação (PETIT, 2009, p. 139).

Sob a ótica informacional, podemos conceber os clubes de leitura como espaços privilegiados de compartilhamento de experiências de leitura. Nesses ambientes, torna-se possível verificar a ocorrência não apenas de interações sociais, como também de práticas informacionais diversas, a partir das quais os diálogos entre e dos sujeitos com os elementos que compõem e formam esses *loci* podem vir a despertar leitores e leitoras para modos distintos de uso, sentido e significação dos saberes aí construídos, circulados, mediados e apropriados.

A partir do entendimento de Marteleto (1995) de que as práticas informacionais podem ser tomadas como mecanismos através dos quais os significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos em seus contextos de vida, as dinâmicas transcorridas nos clubes de leitura nos revelam uma rede complexa de formações simbólicas fundadas em uma dada cultura informacional, que se respaldam em modos particulares de percepção, interpretação e interação do indivíduo com a realidade ao redor, transpostas para suas vivências e relações traçadas com os elementos que

---

<sup>6</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 3.

compõem o clube. Vislumbram-se nesses espaços, normalmente pela via da linguagem oral, trocas de diferentes experiências de leitura, que permitem não apenas o compartilhamento de interpretações distintas sobre os materiais debatidos, como também possibilidades diversas de significações e ressignificações dos saberes aí produzidos e circulados.

Nesse cenário, trazemos o conceito de cultura informacional tratado por Marteleto (1995), ancorado na relação estabelecida entre cultura e informação e concebida como nuclear para compreendermos as percepções dos sujeitos da realidade que os cercam a partir de coletividades intersubjetivas, lançando luz às formas como dão sentido e produzem conhecimento sobre esse real e os elementos que o compõem. A autora pontua a cultura como o conjunto de artefatos construídos pelos indivíduos em sociedade, através do qual interagem com a realidade e dão sentido às suas vivências materiais e simbólicas, ao passo em que a informação se refere não apenas às relações dos indivíduos com essa realidade e os fenômenos informacionais que aí ocorrem, mas também com os objetos criados intersubjetivamente, isto é, por meio de relações e práticas sociais.

No contexto das práticas informacionais, as noções trazidas pela autora nos permitem conceber os clubes de leitura como espaços de sociabilidade formados em um dado contexto sociocultural que, ao inserirem-se em uma cultura informacional, nos quais os sujeitos interagem entre si por meio de dinâmicas sociais e informacionais, permitem a produção e apropriação de saberes, uma vez que, segundo Souza (2017), as experiências de leitura, quando compartilhadas, expandem as possibilidades de reflexões, significações e ressignificações plurais. Podemos dizer, com isso, que o espaço de sociabilidade criado por esses clubes abre caminhos para novas práticas e trocas informacionais diversas, de modo a tornar possível a construção de novas realidades e imaginários em torno dos elementos que compõem esse *locus*.

Desse modo, para que possamos analisar as experiências compartilhadas de leitura à luz de seu potencial de transformação pessoal a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura, torna-se necessário, primeiramente, entender o que são esses clubes, suas dinâmicas e como se articulam no contexto de sua ocorrência, de modo a verificar como se desenrolam nesses espaços as práticas informacionais, as trocas e apropriações de saberes.

Para tanto, a fim de delimitar a fundamentação teórica desta seção, partimos de alguns autores e autoras centrais, que nos oferecem subsídios para compreender melhor o contexto de ocorrência dos clubes de leitura: no campo informacional, nos debruçamos em Souza (2017, 2018), um dos poucos pesquisadores da área que desenvolve estudos transversais aos clubes



de leitura, para entender a natureza e as dinâmicas aí desenroladas; com vistas a complementar as noções sobre as atividades que se dão nesses *loci*, trazemos como apoio as considerações teóricas e conceituais de Marteleto (1995) sobre as práticas informacionais e cultura informacional, bem como Saldanha (2014) à luz da noção de mediações sóciotecnológicas, ambas concepções posicionadas como fundamentais para entendermos a produção, circulação, mediação e apropriação de saberes nesses ambientes. Todos esses construtos teóricos nos permitem entender o potencial dos clubes de leitura para constituir ambientes propícios para o desenvolvimento de práticas informacionais coletivas, nos quais as mulheres podem não apenas compartilhar suas experiências simbólicas, fenomenológicas e psíquicas com o objeto informacional, mas também aspectos de suas vivências, de modo a expandir as possibilidades de significações e ressignificações dos saberes aí trocados e circulados e, com isso, os potenciais de transformações.

Assim, segundo Souza (2018), os clubes de leitura, em sua concepção contemporânea, são entendidos como espaços nos quais ocorrem encontros regulares (presenciais ou virtuais) de grupos de pessoas, com o intuito de discutir uma seleção de livros que, em sua maioria, são lidos previamente, sendo estes compostos quase sempre (mas não restritos) por textos literários<sup>7</sup>. Vale mencionarmos que a não leitura da obra escolhida não constitui um impeditivo para a presença no encontro.

A dinâmica dos clubes de leitura ocorre de maneira semelhante em praticamente todos os contextos em que se apresentam: seleção das obras a serem lidas antes dos encontros por parte dos próprios integrantes ou mediadores, podendo esta ser estabelecida de forma presencial, anteriormente à reunião seguinte, ou virtual, em algum *blog* ou perfil em redes sociais criados para o grupo; leitura do texto escolhido antes da reunião; e compartilhamento das experiências individuais de leitura e debate com os demais participantes do clube sobre o texto escolhido (SOUZA, 2017). Sua composição inclui, em sua maioria, mulheres brancas de classe média e com escolaridade avançada, embora os clubes congreguem também pessoas de diferentes idades, etnias, classes sociais e capital cultural, abrangendo, portanto, indivíduos pertencentes à vivências e contextos sociais distintos (LONG, 1992; SOUZA, 2018).

---

<sup>7</sup> Souza (2017) estabelece uma diferença de denominação entre clube de leitura e clube do livro, servindo de fundamento para nossas escolhas em utilizar o termo “clube de leitura” no presente estudo. Para o autor, trata-se de um esclarecimento para evitar confusões com os clubes nos quais as pessoas pagam uma quantia mensal a uma entidade para receber em troca um número determinado de títulos, como é o caso das concepções brasileiras sobre o modelo de clube do livro. Já em um clube de leitura, os integrantes podem pegar o livro emprestado em uma biblioteca ou pedir para um amigo, pois o seu intuito final não é, necessariamente, a posse da obra, mas sim ter condições de discuti-la com outras pessoas. Acreditamos, portanto, que esta diferenciação deva ser estabelecida para não confundir o clube idealizado para a discussão de livros com o clube voltado para assinaturas.

Além disso, Álvarez Álvarez (2016) e Barstow (2003) acrescentam que, em sua maioria, as atividades que ocorrem nos clubes de leitura demandam a presença de um ou mais indivíduos para orientar o desenrolar dos debates e assumir as responsabilidades relativas à administração dos encontros, o que se traduz na figura dos mediadores e mediadoras. Algumas de suas atribuições são indicadas por Álvarez Álvarez (2016): reserva do local onde se dará a reunião; seleção das obras a serem lidas e discutidas (quando não escolhidas em conjunto com as demais participantes); atualização das redes sociais do clube, caso existam; agendamento dos encontros; e, sempre que necessário, organização dos tempos de fala de cada membro. Nesses encontros, Souza (2017) aponta que o foco central não é a leitura coletiva dos textos a serem debatidos, ainda que, em muitas vezes, ocorra a leitura de trechos e passagens das obras; seu objetivo principal é o compartilhamento das experiências vivenciadas pelos sujeitos leitores no ato de ler, como, por exemplo, opiniões sobre as leituras, vivências pessoais à luz da literatura, o comportamento das personagens, as linguagens e as estratégias literárias empregadas, o que aprenderam com os textos, entre outros aspectos (ÁLVAREZ ÁLVAREZ, 2016).

Nessa visão, Álvarez Álvarez (2016) destaca a natureza colaborativa das trocas de experiências de leitura no espaço dos clubes de leitura, indicando que, na maioria dessas reuniões, independentemente de seu propósito, os diálogos são igualitários por entre seus membros, além de não restringirem a participação de qualquer indivíduo em razão de sua idade, cultura, formação acadêmica ou quaisquer outros motivos. Ainda, Souza (2017) ressalta o caráter recreativo dessas discussões, apontando que grande parte de seus integrantes não é especialista em literatura, de modo que os debates giram mais em torno das sensações vivenciadas durante o ato de ler do que a estrutura formal e a análise textual da obra em si.

Em termos de uma breve contextualização histórica, podemos dizer que os clubes de leitura fazem parte de uma tradição anglo-saxônica, sendo sua ocorrência majoritária nos Estados Unidos e Inglaterra. Atualmente, estimativas apontam que, a partir da década de 1990, existiam milhares de clubes de leitura no Reino Unido e nos Estados Unidos (PETIT, 2009; SOUZA, 2018); esses números significativos, de acordo com Souza (2017), se dão em razão da divulgação dos clubes de leitura em diferentes meios de comunicação nessa mesma década, contribuindo para um crescimento dessas práticas nos cenários norte-americano e britânico. Contudo, Petit (2009) aponta também para a expansão dos clubes de leitura em países como Holanda, Grécia e Espanha, nos quais prevalecem, em sua maioria, a reunião de mulheres. Igualmente, na América Latina, a autora posiciona a existência de clubes de leitura,

sobretudo a partir dos primeiros anos do século XXI, em regiões que vivenciam crises econômicas, políticas e sociais, como México, Argentina e Colômbia.

Com a expansão cada vez maior da *internet* a partir dos anos 2000, o crescimento e a divulgação dos clubes de leitura ganharam novos contornos, estendendo suas práticas também para o cenário virtual. Nesta nova modalidade, segundo Souza (2017), torna-se mais simples e ágil organizar e divulgar encontros, apresentar as obras a serem debatidas e explicar a proposta dos clubes, possibilitando às participantes e interessados e interessadas acompanhar e interagir com suas atividades mais facilmente. Para o autor, o impacto da *internet* foi tão significativo para o desenvolvimento dos clubes de leitura que muitos surgiram exclusivamente *online*, ainda que esse modelo seja menos frequente que os presenciais.

No Brasil, as atividades praticadas pelos clubes de leitura apresentam instâncias menores de atuação e consolidação. Nesse cenário, Souza (2018) sinaliza a quantidade pouco expressiva não apenas das práticas de clubes de leitura propriamente ditas, como também de estudos científicos sobre o tema, atentando para a ausência de uma bibliografia satisfatória, o que acaba por restringir inferências mais sólidas e possibilidades de pesquisas mais abrangentes. Por outro lado, na bibliografia internacional, Souza (2017) aponta para a predominância de estudos sobre os clubes de leitura na América do Norte, ao menos até o início do século XXI; suas temáticas principais discorrem sobre o tipo de leitura debatida, o perfil de seus participantes, bem como a natureza e os benefícios advindos dessas práticas.

O autor atenta para a importância de analisar e compreender as razões que motivam leitores e leitoras a participarem desses encontros, seus gostos literários, o que esperam das experiências de leitura compartilhadas e o impacto que as obras discutidas em grupo têm na vida de seus membros. Por essa razão, Sanchez-García e Yubero (2015) ressaltam a necessidade de a comunidade científica, tanto em nível nacional como internacional, desenvolver estudos sobre os clubes de leitura, atentando para sua contribuição para os processos de produção, circulação e apropriação de saberes, que contribuem para o desenvolvimento das capacidades de pensar criticamente, dialogar e decidir em torno das situações da vida cotidiana.

Nessas reuniões, Álvarez Álvarez (2016) entende que se produz um rico intercâmbio informacional, uma vez que os textos são analisados à luz das perspectivas e das experiências de cada um de seus membros. Essas práticas são consideradas por Long (1992) e Peplow (2011) como um ato social, uma vez que dialogam experiências de leitura de sujeitos normalmente pertencentes a contextos e subjetividades distintas, que são transpostas para os

processos de leitura. Quando compartilhadas, essas experiências permitem ressignificar e construir saberes, expandindo o potencial da leitura como instrumento de transformação.

Além disso, para Souza (2017), os clubes de leitura constituem, mais do que ambientes para discussão de experiências de leitura, espaços de sociabilidade, nos quais os sujeitos podem frequentar não apenas pelo prazer de debater as obras escolhidas, mas também para fazer novas amizades, formar vínculos de convivência e aprender com o outro e sobre o outro. Barstow (2003) ainda acrescenta que as práticas informacionais que se desenrolam nos clubes de leitura contribuem para a criação de laços entre suas participantes e entre essas mesmas participantes com os objetos informacionais, o espaço e as dinâmicas do grupo. Trata-se, desse modo, de conversar, sentir-se integrada e compartilhar experiências não apenas relacionadas aos materiais de leitura, como também de vida.

Isto se dá, pois os relatos de muitas das e dos participantes dos clubes de leitura, segundo Peplow (2011) e Souza (2017), giram em torno não apenas das discussões sobre as leituras realizadas e das possibilidades de interações sociais nesses espaços. Nesses clubes, segundo Barstow (2003), o discurso se torna pessoal à medida em que os participantes relacionam suas leituras com suas vidas e experiências pessoais: seja através do compartilhamento das experiências individuais de leitura, dos debates sobre o objeto informacional e de temáticas relacionadas à sua leitura, como as vivências dos indivíduos que passaram ou passam por situações semelhantes às apresentadas no texto, as sensações e lembranças aí evocadas, a identificação do conteúdo da obra com o contexto no qual encontram-se inseridos e, sobretudo, os novos saberes apropriados por meio dessas discussões, que podem ser ressignificados e ganhar novos contornos a cada nova leitura ou discussão.

Esses ambientes configuram, portanto, *loci* privilegiados de práticas informacionais e interações sociais, nos quais os compartilhamentos sobre as experiências de leitura individuais possibilitam compreender, produzir e apropriar saberes sobre o outro e sobre si mesmo. Nesse cenário, a diversidade característica das histórias de vida dos integrantes desses clubes potencializa o alcance das discussões, abrindo espaço para interpretações e reinterpretações diversas sobre um mesmo texto e, por sua vez, novas reflexões.

De maneira específica, com base nas considerações de Salomão e Saldanha (2017, 2018) sobre as relações simbólicas a partir de intervenções urbanas em feiras de livros, podemos verificar que são muitos os *loci* de atuação social nos quais os saberes são construídos, circulados, mediados e apropriados, nos quais posicionamos os clubes de leitura, ainda que esses ambientes não sejam o foco central dos estudos epistemológicos no discurso

informacional. São tomados como espaços que possibilitam, através das interações sociais aí estabelecidas, a ocorrência de diversas práticas informacionais, nas quais torna-se possível verificar a produção e circulação de saberes.

Para os autores, esses espaços são fundados sob construções simbólicas, que permitem aos seus atores interagir com os elementos informacionais aí existentes e apropriar e significar saberes nos contextos de sua ocorrência. Especificamente nos ambientes dos clubes de leitura, podemos verificar, normalmente pela via da informação oral, uma rede aberta de interações sociais, informacionais e simbólicas, através das quais linguagem, discurso, experiências, objetos e sujeitos são produzidos, transferidos e conjugados nas trocas e debates ali estabelecidos, de modo a refletir não apenas as diferentes experiências individuais de leitura, como também as histórias de vida às quais estão entrelaçadas.

Desse modo, a abordagem epistemológica dos autores sobre as feiras de livro pode contribuir para pensarmos os ambientes dos clubes de leitura como espaços privilegiados de apropriação de saberes, uma vez que se configuram igualmente como palco de diálogos entre indivíduos, práticas coletivas e tecnologias de informação. Essas dinâmicas de produção de sentido e significado partem das interações dos sujeitos com os elementos que formam esses ambientes, bem como de sua relação com outros indivíduos através de trocas orais, de modo a se apresentar como *loci* de compartilhamento e intercâmbio de linguagens, práticas informacionais e significações diversas. Nesse sentido, as interações que ali se desenrolam sugerem dinâmicas coletivas de produção, circulação, mediação e apropriação de saberes, permitindo que diferentes experiências de leitura sejam compartilhadas e os saberes daí resultantes significados e ressignificados.

Significa dizer que essas interações com o universo informacional dos clubes de leitura, influenciadas pelos contextos de vida, representações culturais e visões de mundo de seus participantes, permitem a criação de experiências psíquicas, fenomenológicas e simbólicas que, por meio da atribuição de sentido e significado às dinâmicas informacionais ali vivenciadas, possibilitam modos particulares de apropriação de saberes. Assim, podemos conceber esses ambientes como *loci* de sociabilidade que, através das interações sociais e mediações inerentes às práticas e trocas informacionais, possibilitam a criação de múltiplas realidades e sentidos em torno do objeto lido, significando o espaço do clube, os elementos que o compõem e as experiências vivenciadas à luz de suas próprias concepções do real.

Na epistemologia informacional do campo, esses espaços, em seu potencial para a apropriação de saberes, encontram-se imersos em uma cultura informacional, sendo tomados como “não tradicionais” no escopo da produção de conhecimento, quando comparados às

bibliotecas, arquivos e museus, de modo a constituírem-se como *loci* alternativos de construção, circulação e obtenção de saberes. Essas noções partem das reflexões de Shera (1977), evidenciadas e articuladas por Salomão e Saldanha (2018), sobre espaços sociais diversificados, nos quais o conhecimento se manifesta sob diferentes linguagens e perspectivas. Reafirmam-se aí os construtos do social (formas de perceber o mundo, em determinado espaço-tempo) na configuração do real, por meio da qual é através de representações simbólicas que percebemos a realidade e formulamos conhecimento sobre ela.

Esses ambientes, nos quais podemos enquadrar os clubes de leitura, são estudados pelos autores à luz da noção de “zonas de prosa”, que representam o “[...] conjunto de espaços onde podemos perceber construções distintas de produção e de apropriação do conhecimento, onde a oralidade possui uma forma de atuação constante [...]” (SALOMÃO; SALDANHA, 2018, p. 172).<sup>8</sup> Sob essa ótica, trata-se de conceber os clubes de leitura, sob a ótica de Saldanha (2014) e Salomão e Saldanha (2018), como territórios que permitem trocas informacionais que transcendem os tradicionais “modos científicos” de produção, mediação e apropriação de conhecimento, no qual essa mediação, ao mesmo tempo, humana e tecnológica resultante do compartilhamento das histórias de vida e interações com os materiais de leitura despertam para a apropriação de saberes populares e, até mesmo, científicos, que podem ser aplicados nas vivências dos sujeitos leitores de modos diversos.

De acordo com Saldanha (2014, p. 1218), são nessas “zonas de prosa” que:

[...] o diálogo se afasta da ‘dialética’, onde o ‘discurso’ se afasta da ‘erudição’, e as trocas linguísticas ordinárias ganham o ‘empoderamento’ de produção e redefinição de significados. [...] Trata-se de um modo de conhecer distinto, que ora quebra com as ‘regras’ dos regimes lineares de informação, ora reapropria a ordem dos fluxos de um sistema sócio-político de informação pré-determinado.

Ainda, para Saldanha (2014, p. 1219), essas incursões nas práticas informacionais coletivas sugerem a “[...] ‘dessacralização’ do ponto de vista do olhar simbólico sobre a epistême [que] (re)estabelece, pois, para os estudos informacionais, o papel das trocas cotidianas, a relevância da materialidade e a prioridade intersubjetiva sobre a subjetividade”.

Nessa perspectiva, podemos entender que a apropriação de saberes se dá não somente a partir da relação subjetiva entre sujeito e objeto, mas também a partir da articulação entre a

---

<sup>8</sup> Não é nosso foco estudar a institucionalidade dos espaços coletivos de práticas informacionais. Contudo, a questão que se coloca é que, através das interações que aí se desenrolam, mediadas pelos artefatos de informação e pelos próprios sujeitos (sobretudo pela via da linguagem e da oralidade) em mediações sociotecnológicas, sugerem possibilidades de significações e ressignificações plurais, que convergem e sobrepoem objetos e fenômenos informacionais, tal como se dá em bibliotecas, arquivos e museus.

intersubjetividade, representada nos indivíduos participantes dos clubes de leitura, e artefatos significados na ação. Os elementos que compõem e integram as dinâmicas de compartilhamento de diferentes experiências de leitura, sobretudo pela via da linguagem oral, são privilegiados como mediadores simbólicos de produção, circulação e apropriação de saberes (SALDANHA, 2014; SALOMÃO; SALDANHA, 2017).

É nesse contexto que podemos trazer as reflexões trabalhadas por Almeida (2008) e Saldanha (2014) sobre as mediações sóciotecnológicas. A escolha pela análise dos processos de apropriação de saberes no contexto dos clubes de leitura sob a ótica da mediação sociotecnológica parte do entendimento de que essa mediação está inserida em uma cultura informacional, que dialoga múltiplas experiências individuais de leitura, permitindo a atribuição de sentido e significado aos elementos que compõem seu *locus* e que os saberes aí construídos sejam trocados e debatidos. Esses aspectos nos permitem compreender as dinâmicas das práticas e trocas informacionais em clubes de leitura.

Para Almeida (2008), a mediação pode ser entendida, em linhas gerais, como as conexões que se estabelecem entre as ações sociais e as motivações individuais e/ou coletivas, sendo as primeiras inseridas nos sistemas de compreensão intersubjetivas, que evidenciam o papel do sujeito nas dinâmicas dessas ações. Em sua natureza fundamentalmente contextual, Carlos Cândido de Almeida (2012) e Saldanha (2014) apontam que os processos de mediação se estabelecem, para além das dimensões tradicionais de instituições informacionais (como bibliotecas, arquivos e museus), também através de um contexto sociosimbólico, a partir do entendimento de que a cultura e a linguagem atuam como espécies de mediações “primárias”, na qual o sujeito entra em contato com uma realidade simbolizada.

Especificamente no contexto das propostas de mediações sociotecnológicas, Saldanha (2014) aponta que a noção “social” gira em torno dos saberes produzidos e circulados pela via humana, na qual o “social” refere-se aos saberes produzidos e circulados pela via humana, constituídas, primordialmente, pelas práticas sociais e informacionais à luz da oralidade, e “tecnológica” no que tange à concepção do objeto livro como artefato da tecnologia de comunicação, linguagem e mediação, cuja interação com o indivíduo e os demais atores que compõem esse *locus* sugere modos distintos de construção, circulação e apropriação de saberes.

A partir de Almeida (2008), esses aspectos desvelam os clubes de leitura não apenas como espaços de circulação e mediação de saberes, mas sim, em suas estruturas simbólicas, *loci* de produção de sentidos e significados, de modo que o sujeito leitor é concebido não somente como um simples decodificador dos signos linguísticos contidos nos textos

discutidos e nas práticas informacionais aí estabelecidas, mas também um produtor de sentidos. Essa noção sugere que os sentidos e significados não são imanes aos objetos, mas sim construídos processualmente por sujeitos interpretantes, com o apoio de linguagens e dispositivos.

De modo específico, esses saberes podem ser apropriados por meio do contato com esses artefatos em sua forma material (ação de abrir e fechar o livro, marcar as passagens que mais interessam, leva-lo para as discussões, recordar um trecho, narrar a experiência com esse objeto), bem como através das concepções de outros indivíduos sobre esse mesmo artefato de modo imaterial (trocas de informação em experiências compartilhadas de leitura essencialmente pela via oral), configurando uma mediação que é, ao mesmo tempo, humana e tecnológica (SALDANHA, 2014; SALOMÃO; SALDANHA, 2018), instrumento, portanto, privilegiado de significação e ressignificação de saberes.

Sobressaem-se nesses cenários, centralmente, as concepções da oralidade como fonte de troca e apropriação de saberes privilegiados nos clubes de leitura. As dinâmicas de trocas informacionais baseadas na informação oral são encontradas, segundo Turner (2010), principalmente em espaços informais de práticas informacionais, como são os casos dos clubes de leitura aqui estudados. Isto se dá, segundo a autora, pois grande parte das trocas informacionais desenroladas nesses espaços partem de interações sociais, por meio dos relatos e narrativas trocadas em diálogos intersubjetivos; evidenciam-se aí trocas de saberes que mesclam as opiniões das leitoras sobre os textos lidos com suas próprias experiências de vida, contribuindo para a significação e ressignificação de conhecimentos novos e antigos.

Reafirmam-se portanto, novamente, a contribuição das trocas cotidianas, das relações intersubjetivas entre indivíduos possuidores de personalidades, representações culturais e contextos sociais plurais, que articulam modos particulares e “diversificados” de construção e apropriação de saberes no cerne do discurso epistemológico informacional (SALDANHA, 2014). Mais uma vez, a oralidade atua como elemento central para expandir as possibilidades de transferência de sentidos e significações de um sujeito para o outro, ambos influenciados por seus contextos, subjetividades e configurações psíquicas, isto é, modos de perceber a realidade, podendo vir a alcançar, até mesmo, a transposição de barreiras sociais, econômicas, culturais e simbólicas (ALMEIDA, 2008).

Nos encontros do clube, Souza (2017) indica que é frequente os leitores e leitoras, durante os compartilhamentos de suas experiências de leitura, vincularem o objeto lido com o mundo que os cercam, isto é, com o contexto no qual encontram-se inseridos; o sujeito leitor relaciona o conteúdo dos textos com os acontecimentos da atualidade, suas vivências ou



alguma situação que esteja vivenciando no momento. Esses aspectos nos permitem observar que os indivíduos se apropriam dos textos de forma individual, sendo o ambiente dos clubes de leitura um meio através do qual se evidencia a singularidade de cada interpretação. A partir do compartilhamento das experiências subjetivas de leitura, em conjunto com as reflexões realizadas e as sensações suscitadas pelo objeto lido, as leitoras e leitores podem, durante os processos de leitura, significar ou ressignificar suas interpretações sobre o texto, passando a percebê-lo de outra forma. Assim, podemos dizer que os efeitos da leitura permanecem após o fechamento do livro, sofrendo, a todo momento, interferências externas do contexto no qual encontra-se inserido.

Nesse mesmo sentido, a partir das reflexões coletivas, torna-se possível refletir sobre um aspecto que não tinham dado atenção suficiente no momento da leitura individual, bem como sobre situações não vivenciadas por si mesmos, mas sim por outros participantes, que podem acabar por fazê-los repensar sobre seus valores, crenças e contextos, de modo a ressignificá-los e construir novos saberes. Em outras palavras, significa dizer que a leitura compartilhada possibilita, portanto, uma experiência coletiva de interpretação dos objetos lidos e de suas nuances, permitindo que os indivíduos possam trocar não apenas suas vivências com a leitura, como também aspectos de suas histórias de vida e do contexto nos quais encontram-se inseridos. Ampliam-se, portanto, as possibilidades de construção de novos saberes; as participantes aprendem com as suas próprias experiências, bem como com as experiências de vida, crenças e visões de mundo das demais participantes, possibilitando a reflexão e a compreensão e, assim, a apropriação de saberes.

Segundo as observações de Saldanha (2014) em torno das comunidades discursivas presentes em feiras de livro e feiras de antiguidade, podemos pensar nossas análises sobre os clubes de leitura e a presença de mediações sociotecnológicas. Para além dos relatos orais ali compartilhados, que privilegiam as mediações humanas, temos a participação de mediações tecnológicas de distintas manifestações da linguagem, na forma, não propriamente dita, das modernas tecnologias de informação e comunicação (como celulares e leitores digitais), mas sim da concepção do livro como artefato tecnológico de comunicação, linguagem e mediação. Nesses espaços de sociabilidade nos quais se desenrolam práticas e trocas informacionais constantes, seja nas feiras de livro, de antiguidade ou clubes de leitura, encontram-se igualmente “[...] um conjunto de microgrupos distintos, de idades diferentes, que se reúnem objetivamente a partir de relações com uma certa ‘materialidade’ que existe, em sua macroestrutura, a partir de camadas intangíveis de elementos simbólicos” (SALDANHA, 2014, p. 1217).

Compreendemos, a partir desse olhar, que as dinâmicas de produção, circulação, mediação e apropriação de saberes articuladas nesses espaços vislumbram manifestações e práticas complexas de interações sociais e informacionais - tanto dos sujeitos com os objetos informacionais quanto desses mesmos sujeitos com outros sujeitos -, respondendo por uma relação entre artefatos tecnológicos e sujeitos como "metamediadores", isto é, aproximações intrínsecas e indissociáveis entre mediação humana, por meio dos relatos e das experiências de leitura compartilhadas oralmente e mediações técnicas, a partir da interação (subjéctiva e intersubjéctiva) com o artefato livro (SALDANHA, 2014, p. 1218).

A própria materialidade do livro, circunscrita nas atividades de leva-lo para as discussões, marcar as passagens que mais interessam e se enquadram naquele contexto, bem como os gestos mais simples de abrir o livro, recordar uma passagem, fechá-lo novamente e narrar sua experiência com esse objeto (outrora puramente subjéctiva a agora compartilhada, discursiva), denotam a indissociabilidade entre as mediações humanas e técnicas e as múltiplas formas de apropriação de saberes.

Desse modo, podemos dizer que o espaço dos clubes de leitura abre caminhos para novas práticas sociais e informacionais, possibilitando a construção de novos sentidos e significados em torno dos elementos que compõem esse *locus* e, portanto, novos modos de produção, circulação e apropriação de saberes. São ambientes que conjugam, segundo Saldanha (2014), elementos centrais para a epistemologia da Ciência da Informação, como as tecnologias de linguagem e informação, experiências compartilhadas de leitura, trocas informacionais, interações sociais que, inseridas em uma dada cultura informacional, permitem olhares plurais sob e sobre os saberes ali produzidos, mediados e apropriados.

Para Burwell (2007), ainda que as experiências com os artefatos informacionais que as leitoras e leitores transferem para as discussões nos clubes de leitura estejam imersas em redes simbólicas de concepções inconscientes, moldadas por suas relações particulares com a realidade ao redor, quando compartilhadas em grupo, essas mesmas experiências podem receber novos contornos, uma vez que o sujeito leitor, imbuído em um contexto e subjetividade particulares, interage com indivíduos igualmente possuidores de contextos e subjetividades próprias. Com isso, segundo Peplow (2011), surgem inúmeros sentidos e significados resultantes dessas interações, de modo que os saberes aí circulados e apropriados podem ser não apenas ressignificados, como também co-construídos coletivamente.

Nessa direção, Burwell (2007) sugere que as possibilidades de apropriação de saberes emergidas nesses ambientes pressupõem, pois, a influência dessas manifestações simbólicas de percepção do real na atribuição de sentido e significado às experiências de leitura, sejam

estas individuais ou compartilhadas, de modo a estarem associadas não apenas ao artefato informacional em si mesmo, mas também e, sobretudo, aos discursos que envolvem esses mesmos objetos, intrinsecamente relacionados ao seu contexto de produção e circulação.

Ainda, as relações estabelecidas entre os sujeitos e as experiências subjetivas e intersubjetivas de leitura podem vir a suscitar a criação de significados, lembranças e valor simbólico que, quando dialogados com suas vivências e repertório textual, promovem mudanças internas e externas (DUMONT; PINHEIRO, 2015). Assim, a partir das interações intersubjetivas traçadas nos *loci* dos clubes de leitura, torna-se possível aos seus participantes construir uma rede de representações simbólicas coletivas em torno dos elementos e características desses ambientes, sendo os atores, o objeto livro (em sua concepção material e imaterial) e as conversas, parte dos processos de construção de saberes, permitindo atribuir-lhes sentido e significado e, assim, apropriá-los (SALOMÃO; SALDANHA, 2017).

Centralmente, são essas representações simbólicas (os sentidos e significados atribuídos aos elementos do clube) evocadas por um dado relato oral, uma experiência de leitura, o compartilhamento de uma vivência que dialoga com a obra lida ou uma passagem da obra que, dialogadas com a subjetividade e o contexto do sujeito leitor, despertam sensações psíquicas, cognitivas e emotivas. De modo específico, são essas sensações que ficam após o fechamento do livro e o encerramento da reunião, despertando lembranças afetivas às leitoras participantes do clube que podem se manifestar em momentos distintos de suas existências.

Conforme já apontado por Budd (2005) e Saldanha (2018), esses fenômenos são percebidos por meio da linguagem e do discurso que, por sua vez, são construídos a partir das representações simbólicas dos sujeitos que fazem parte dessas coletividades. Podemos entender que os saberes apreendidos a partir das experiências de leitura, bem como a forma em que são comunicados através da linguagem e da informação oral nas coletividades intersubjetivas o são (e, ao mesmo tempo, fazem parte) de trocas que se respaldam em representações simbólicas, que atuam como reflexos imateriais de suas visões de mundo, cultura, crenças, comportamentos e maneiras de percepção do real e dos fenômenos. Ao compartilhar suas experiências de leitura, estão compartilhando também suas vivências, visões de mundo e crenças, elementos fundamentais que influenciam nos processos cognitivos de leitura. Essas noções não apenas articulam as dinâmicas informacionais desenroladas nos clubes de leitura, como também nos revelam as inúmeras possibilidades de transformações pessoais desencadeadas pelas práticas coletivas de experiências de leitura.

Assim, nesse *locus* dito como “não tradicional” e “informal”, encontramos um espaço alternativo, porém propício, para as práticas informacionais de circulação e apropriação de

saberes, mediadas, ao mesmo tempo, pelos artefatos de tecnologia da informação, qual seja o objeto livro (mediação tecnológica) ou através das interações informacionais, por meio dos relatos orais sobre experiências de leitura e de vida (mediação humana), tal como já indicado por Saldanha (2014). Especificamente pela via da mediação humana, a informação oral, em suas estruturas linguísticas, atua como instrumento no qual os saberes são transmitidos e circulados nos clubes de leitura, diversificando e potencializando as formas de apropriação de informação e conhecimento.

Entendemos, assim, que as características que constituem esses ambientes, compostos por uma pluralidade de personalidades, representações culturais e contextos sociais, marcam as formas particulares de apropriação de saberes. Reafirmam-se, de forma simbólica, as conversas, as trocas de experiências, as linguagens, a centralidade da oralidade e, conseqüentemente, das mediações sociotecnológicas, para articular a circulação e construção desses saberes. Configura-se, desse modo, como um espaço de sociabilidade e um *locus* de interações sociais e informacionais, nos quais as relações entre o objeto livro, em sua concepção material e imaterial, dialoga com as interpretações e visões de mundo dos sujeitos leitores e das conversas ali instauradas, sendo mediadas pela via social/humana e tecnológica (SALOMÃO; SALDANHA, 2017).

Suas práticas denotam, portanto, não apenas as simples trocas informacionais ocorridas nesses espaços, como também as experiências de leitura e histórias de vida ali compartilhadas, que nos permite um olhar sobre a produção, circulação e apropriação de saberes, que se dão essencialmente por meio das mediações sociotecnológicas desenroladas nesses espaços. Os elementos desses clubes de leitura (o livro, os relatos, as conversas) estão a atuar primordialmente como mediadores simbólicos de apropriação de saberes, denotando seu potencial de transformação pessoal (SALDANHA, 2014; SALOMÃO; SALDANHA, 2017).

Sob a ótica específica da mulher que nos interessa analisar, as dinâmicas de compartilhamento de experiências de leitura e de vivências pessoais transcorridas nos clubes de leitura possibilitam às leitoras a atribuição de sentidos e significados a esse espaço e aos elementos que o compõem, bem como a apropriação de saberes a partir das relações traçadas com os artefatos informacionais e dos laços simbólicos construídos com as demais participantes. Tratam-se, pois, de conceber os clubes de leitura como *locus* privilegiado para que essas mesmas leitoras apropriem saberes que propiciem a expansão de reflexões sobre si mesmas e a realidade ao redor, podendo se estender para transformações em seus próprios cenários de vida. São esses aspectos que serão aprofundados na seção seguinte.

### 2.3 “O PODER QUE TEM O SENTAR EM RODA”<sup>9</sup>: considerações sobre a relação entre mulheres e experiências de leitura à luz dos clubes de leitura

Nós sentíamos, quando estávamos juntas, que éramos quase absolutamente livres  
(NAFISI, 2003, p. 28, tradução nossa).

O trecho que dá nome ao título desta seção, extraído do relato de uma das leitoras entrevistadas, surge no contexto de sua fala em que destaca a contribuição da reunião entre mulheres para compartilhar não apenas suas experiências de leitura, mas também vivências pessoais que são evocadas quando da discussão sobre uma determinada obra que as vinculam ao espaço dos clubes de leitura e umas com as outras. Esse trecho nos deixa entrever de que maneira esses encontros para falar sobre a leitura e a vida configuram potenciais para que mulheres leitoras possam, a partir dos atos de leitura e, principalmente, de seu compartilhamento, dar voz aos seus pensamentos, desejos, intenções e reflexões, sobre aspectos que talvez não soubessem estar presentes em seu íntimo, mas que as incentivam a tornarem-se mais sujeitos de suas histórias, como nos lembra Petit (2013), e expandir, ressignificar as relações traçadas consigo mesmas e com a realidade ao redor.

Nesse sentido, Perrot (2007, p. 93) destaca que a leitura realizada por mulheres – notadamente as mulheres brancas<sup>10</sup> -, tradicionalmente tomada como “feminina” em uma conotação depreciativa e estereotipada, associada à esfera privada, doméstica, sempre esteve circunscrita nos mais diversos tipos de controle social e censuras de cunho moral e religioso, vindo a resultar no que se concebia como a abertura das “portas perigosas do imaginário”, isto é, o acesso à informação e ao conhecimento, ao livre pensamento, às reflexões advindas dos atos de leitura que poderiam, eventualmente, conduzir à uma subversão do que sempre foi entendido como sua função social.

Por essa razão, recorrendo às considerações de Bourdieu (2004) e Roubakine (1998) sobre a necessidade de entendermos as condições sócio históricas que circundam a apropriação dos artefatos de leitura, podemos postular que, para compreender as relações estabelecidas entre mulheres leitoras com as experiências de leitura e, por sua vez, os

<sup>9</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 3, parafraseada da obra *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarisse Pinkola Estés.

<sup>10</sup> É preciso destacar que os estudos e as noções sobre a relação entre mulheres e leitura, principalmente no que se refere às concepções das práticas de leitura realizada por mulheres como pertencentes ao âmbito privado, do lar, centralizam-se, em sua maioria, nas mulheres brancas de classes médias e médias-altas. Essa ressalva é trazida para que saibamos que, ao nos referir à mulher leitora no espaço-tempo do estudo, estamos tratando da mulher branca, sendo as mulheres não-brancas restringidas do acesso ao livro, à leitura e aos processos de produção e apropriação de saberes de maneira significativamente mais opressora.

potenciais de transformação que estas proporcionam, é preciso analisar as circunstâncias externas que envolvem esses atos de leitura em um dado espaço-tempo, não sendo possível entender essas relações sem considerar os contextos que as circundam. Sob esta perspectiva, podemos dizer que as experiências de leitura realizadas por mulheres receberam influências de condições exteriores que nada tem a ver com suas capacidades de produzir, transmitir e apropriar saberes.

Essas restrições relacionam-se, entre outras razões, às afirmações de Bourdieu (2004) e Twomey (2007), para quem a leitura está vinculada às relações de poder e controle de camadas sociais menos favorecidas e oprimidas, como as mulheres. As práticas de leitura realizadas pelas mulheres, sobretudo as mulheres brancas, estiveram quase sempre associadas à leitura íntima e privativa do lar, sob à tutela dos homens, que empreendiam esforços para que elas se mantivessem afastadas das discussões políticas, sociais e literárias que se davam na esfera pública e dos processos de aprendizado e produção de conhecimento.

Na perspectiva de Bourdieu (2004), os estudos sobre as práticas de leituras realizadas por mulheres nos levam a indagar de que modo os materiais que durante muito tempo foram produzidos e destinados às mulheres, bem como a censura e o controle sobre o que liam e, principalmente, sobre como deveriam ler, partem de disputas simbólicas pela construção de um mundo social em que a condição e atuação da mulher estão circunscritas em interesses voltados à manutenção do poder dominante (exercido pelos homens), manifestados nas relações desiguais entre homens e mulheres, que envolvem a distribuição igualmente desigual de recursos econômicos, sociais e culturais que restringem seu universo de escolhas sobre como atuar e se relacionar com esse mesmo mundo.

De modo específico, são esses interesses, de fundo ideológico, político e social, que circundam o desenvolvimento da mulher leitora, moldando o panorama das relações estabelecidas com a leitura, baseadas em pressupostos construídos socialmente, em relações que transcendem o objeto lido e se respaldam em sua posição enquanto mulher no espaço e no tempo. A partir do olhar de Bourdieu (2004), analisar e compreender as relações entre mulheres e experiências de leitura implica em conceber essas interações à luz de seus contextos de ocorrência, considerando todas as condições sociais de possibilidades de leitura, isto é, todas as competências desenvolvidas e os instrumentos distribuídos de forma desigual com o intuito de manipular as apropriações e os sentidos atribuídos pelas mulheres ao objeto lido, sendo estes de acordo com os interesses dos homens.

Esses aspectos, em conjunto, impactaram não apenas no atraso da educação formal da mulher e em seu desenvolvimento como leitora, mas também e, principalmente, nos processos

de produção e apropriação de saberes, impactando em suas formas de percepção da realidade ao redor e de si mesmas, que perduram de maneira material e simbólica até os dias de hoje e influenciam nos efeitos dos textos lidos nas mulheres leitoras e em como se apropriam desses mesmos artefatos e aplicam os conhecimentos aí obtidos em suas vivências. Sujeitas à modelos de comportamento que sempre responderam por uma divisão de papéis sociais entre homens e mulheres, estas permaneceram, durante muito tempo, restritas da participação na esfera pública, sobretudo no que se refere à educação, mercado de trabalho e os processos relativos à produção e apropriação de materiais de leitura. A partir dessa noção, as mulheres precisaram, em muitas vezes, romper com os padrões impostos pela sociedade para poderem expandir suas chances de acesso e desenvolvimento das práticas de leitura (PERROT, 2007).

Nesta seção, interessa-nos compreender as relações entre mulheres e experiências de leitura, iniciando com os aspectos que influenciaram em seu desenvolvimento como leitora, sobretudo o controle social masculino e os materiais de leitura consumidos, que impactam no que se concebia e, de certa forma, ainda se concebe, como leitura realizada por mulheres e nas obras que lhes são pretensamente destinadas. Contemplamos ainda as experiências de leitura realizadas por mulheres, especialmente as compartilhadas no âmbito dos clubes de leitura, como instrumentos em potencial de ampliação de suas reflexões sobre si mesmas e o mundo ao redor, com ênfase para como esses espaços, a partir da troca de relatos não apenas de leitura, como também de vida, podem ajudar mulheres leitoras a significar ou ressignificar suas próprias noções e relações consigo mesmas e com a realidade ao redor.

No que se refere ao primeiro aspecto, partimos das noções de Dumont e Espírito Santo (2007) e Lajolo e Zilberman (1996) para compreender o desenvolvimento das práticas de leitura realizadas por mulheres, ancorando a demarcação teórica do conceito perspectivas da mulher na leitura em Bourdieu (2004) e Roubakine (1998), a partir dos quais extraímos e articulamos elementos que propõem as experiências de leitura, sobretudo as compartilhadas, como instrumentos de expansão de um potencial reflexivo e, até mesmo, desenvolvimento de uma conscientização crítica e de instâncias de transformação de grupos sociais historicamente oprimidos, nos quais as mulheres se inserem.

Nesse contexto, Lajolo e Zilberman (1996) apontam que a formação e o desenvolvimento das práticas de leitura realizadas por mulheres estão intrinsecamente atrelados às discussões sobre a educação da mulher, dialogadas no cenário de ascensão da classe burguesa e das reformas religiosas europeias. Com vistas a atender às demandas de uma nova camada social que surge em meados do século XVII, centralizadas na preparação do sexo masculino para assumir responsabilidades concernentes à seara pública, como

discussões políticas e filosóficas, sustento da casa e trabalho, a noção que prevalece à época posiciona como fundamental capacitar a mulher para assumir as funções domésticas de que a classe emergente carece. Tal concepção parte da perspectiva de que a formação dos quadros para a sociedade burguesa não depende unicamente das escolas, mas também dos ideais de lar e família, reconhecidos na figura da mulher e no que era concebido como suas aptidões naturais no que tange ao preparo dos homens para assumir esses cargos, tornando-a o maior exemplo e símbolo do modelo de vida familiar (HALL, 2003; LAJOLO; ZILBERMAN, 1996).

Igualmente, as demais transformações características desse período, dentre as quais podemos destacar a expansão dos centros urbanos e das atividades comerciais que, por sua vez, contribuíram para a ampliação do mercado de trabalho e o aumento das taxas de alfabetização por entre certos estratos sociais (homens e algumas mulheres das classes privilegiadas), influenciaram de maneira significativa no cenário social da época, suscitando noções de cunho ideológico, moral e religioso sobre família, lar, costumes e comportamentos. Nessa conjuntura, segundo Vasconcelos (2007), podemos observar a estruturação de uma sociedade baseada na separação dos papéis sociais entre homens e mulheres, naturalizando e idealizando a crença de que as mulheres possuíam habilidades inatas para atuar exclusivamente na esfera doméstica.

Para tanto, as mulheres deveriam se dedicar às competências que as possibilitavam conseguir um bom casamento e administrar a vida familiar, de modo que o desenvolvimento intelectual não estava contemplado no círculo de atividades pertencentes ao seu universo. Nesse plano, estando a mulher no centro da esfera doméstica, uma educação sólida era considerada desnecessária e além de sua capacidade, conforme apontam Dumont e Espírito Santo (2007) e Vasconcelos (2007). Uma vez que deveriam ser preparadas para ocupar a posição de mãe e esposa, pensava-se que poderiam passar muito bem com as poucas aptidões que lhes eram ensinadas, sendo estas voltadas, em sua maioria, aos cuidados domésticos; o trabalho fora de casa caracterizava um ultraje ao que era concebido como sua “feminilidade”.

A noção de instrução aqui é tomada, segundo Perrot (2007, p. 93) como contrária ao papel e à “natureza” da mulher, evocando a ideia de que “a leitura abre as portas perigosas do imaginário” e partindo da consideração de que o acesso à leitura e às possibilidades de exercer o livre pensamento que suas experiências propiciam, fora do controle masculino, estimulariam uma espécie de “subversão” ao que era concebido como sua função social. Por isso, considerava-se que era necessário educa-las, mas não instruí-las, isto é, ensinar-lhes os



saberes que seriam úteis ao cumprimento de suas tarefas, do que era concebido como seu papel de mulher, representadas em suas funções como donas de casa, esposas e mães.

É preciso destacar, contudo, que não havia, nesse período, uma separação tão lapidar entre público e privado, bem como a restrição da mulher a uma esfera exclusivamente privada (JINZENJI, 2010); as fronteiras mais rigidamente estruturadas referem-se às camadas privilegiadas, restando aos estratos menos favorecidos, à exemplo das classes trabalhadoras, como orientação moral e ideológica. Segundo Carvalho (2014), além da desigualdade de acesso ao conhecimento e à educação formal entre homens e mulheres, também por entre o sexo feminino a disparidade era notória: o acesso ao conhecimento era possível, em sua maioria, às mulheres brancas das classes abastadas, ainda que controladas pelos padrões sociais; as mulheres não-brancas e pertencentes aos estratos menos favorecidos encontravam-se ainda mais restringidas do acesso à produção e apropriação de saberes.

Igualmente, ainda que essas concepções tenham se desenvolvido com mais ênfase no continente europeu, as noções acerca dos modelos de comportamento e papéis sociais entre homens e mulheres alcançaram o território brasileiro, sobretudo em razão das influências europeias que perduraram durante todo o século XIX até às primeiras décadas do século XX (JINZENJI, 2010). Em ambos os cenários, apesar das diferenças sociais, econômicas, históricas e culturais, o tratamento e as concepções dadas às funções desempenhadas pelas mulheres e, nesse contexto, suas experiências de leitura, era muito semelhante.

Nesse contexto, Lajolo e Zilberman (1996) atentam para a precariedade existente no que se refere à educação das mulheres, mesmo aquelas pertencentes às classes mais abastadas, tornando-se esta uma necessidade no contexto de ascensão de uma sociedade burguesa, que se desenvolveu na Europa a partir do século XVII e tem seu início efetivo no Brasil em meados da década de 1870. Nesse contexto, segundo as autoras, podemos observar uma mudança de orientação ideológica: a camada social emergente não mais se satisfazia inteiramente com os modelos políticos, econômicos e culturais do país, considerados conservadores e ultrapassados; queriam modifica-la, de modo a tornar o Brasil um “país moderno”, adaptado às inovações tecnológicas e novos costumes característicos do final do século europeu.

Sob esta perspectiva, a instrução da mulher, anteriormente rudimentar, se desenvolve de forma mais efetiva, ainda que restrita e sob a vigilância masculina; a preocupação central está posicionada, tal como no continente europeu, mais em preparar os homens para assumir a vida pública do que tentar equilibrar o atraso sempre existente no que se refere à alfabetização das mulheres. Essas perspectivas retomam as concepções evidenciadas por Lajolo e Zilberman (1996), nas quais a formação dos quadros para a nova ordem social que se

delineava depende não apenas da instrução formal, mas também dos cuidados da mulher com o lar.

Tais aspectos de caráter social e econômico repercutiram consideravelmente nos processos de produção, circulação e apropriação de saberes. Nesse contexto, sobressaem centralmente o barateamento dos materiais de leitura – em comparação aos séculos anteriores - a emergência de novos gêneros literários, bem como leitores, leitoras e práticas de leitura, o que se traduz, de maneira específica, na ascensão e disseminação de romances e publicações periódicas, direcionados sobretudo ao público feminino. Sob esta ótica, surge a necessidade de instruir as mulheres, através da leitura, sobre as melhores condutas e comportamentos a serem seguidos para se preparar e assumir suas funções sociais, qual seja o casamento, a administração da vida privada e o cuidado com os filhos e maridos (DUMONT; ESPÍRITO SANTO, 2007; VASCONCELOS, 2007). Novamente, a instrução e, nesse contexto, as experiências de leitura, estão voltadas para a preparação da mulher para atender aos propósitos de uma sociedade patriarcal e não para explorar sua subjetividade e desenvolver a si mesma.

Nesse contexto, Dumont e Espírito Santo (2007) apontam para diversas fontes de informação, em especial as já mencionadas publicações periódicas e os romances, como instrumentos que contribuíram de maneira efetiva para o desenvolvimento de mulheres leitoras. Especificamente sobre este último, Vasconcelos (2007) aponta que, em muitas vezes, esses materiais, ao apresentarem um conteúdo simples e de fácil apreensão, constituíam não apenas uma fonte de lazer, como também uma das poucas formas de instrução às quais as mulheres tinham acesso. Para a autora, eram nesses materiais que se veiculavam, em grande parte, informações relacionadas ao que se considerava o círculo de interesses da mulher, qual seja o mundo doméstico. Em sentido amplo, essas leituras lhes ajudavam a exercer suas funções, de modo a reforçar e expandir as noções sobre os atributos concebidos como “naturalmente” femininos, bem como sobre o próprio ideal de feminilidade, influenciando no controle social sobre as mulheres e nas concepções sobre suas práticas de leitura.

Nessa mesma direção, à medida em que o desenvolvimento da mulher como leitora se acentua (dadas as devidas proporções das camadas sociais que tinham meios de acessar à leitura), emergem igualmente as preocupações e debates acerca dos materiais lidos pelas mulheres, bem como seus efeitos e quais leituras mais se adequam a esse público. Para Lajolo e Zilberman (1996), ainda que a educação das mulheres configurasse um elemento central para consolidar a nova ordem social vigente, também acarretava riscos, representados nos livros lidos - em especial os romances -, na cultura adquirida e nas possibilidades de

igualdade que se esboçava entre os sexos. Nesse ponto, a instrução e apropriação de saberes pelas mulheres tornam-se perigosas, cabendo advertir sobre a importância de fixarem-se limites e censurarem-se os “excessos”; sob esta noção, condenam-se gêneros e preferências e acusa-se de vicioso o gosto e as práticas de leitura, uma vez que poderiam desvirtuar as mulheres de suas funções sociais. Segundo Abreu (2003), as práticas de leitura realizada por mulheres, especialmente de textos literários e, nesse contexto, de romances, suscitavam nos homens o receio de que as elas pudessem vir a subverter o que era concebido como seu papel social. Receava-se que os processos mentais que se desenrolam durante as experiências de leitura despertassem ideias transgressoras nas leitoras, influenciando-as a seguir as personagens em seus “piores desvios” (PETIT, 2013) e tornarem-se resistentes a cumprirem suas “funções”.

Nesse cenário, retomando as perspectivas trazidas por Bourdieu (2004) sobre a necessidade de se indagar sobre os interesses que circundam as condições de possibilidades de leitura em um dado espaço-tempo, podemos dizer que a produção de materiais direcionados para as mulheres correspondiam à duas intenções principais: lazer e educação moral. Para Vasconcelos (2007), essa visão parte da perspectiva de que as obras lidas pelas mulheres deveriam conter um propósito didático e não apenas recreativo, de modo a instruí-las e capacitá-las a desenvolverem suas atividades na esfera doméstica; grande parte dos textos direcionados às mulheres tinham como intuito instruir através do exemplo, de modo a exaltar a virtude e punir os vícios. Contudo, ao criarem narrativas que apresentavam situações tidas como “moralmente condenáveis” e, ainda, estimularem a imaginação, os homens acreditavam que os materiais de leitura pudessem suscitar nas mulheres a vontade de transgredir os valores morais e sua função social, tornando-os instrumentos capazes de corromper a mente das mulheres, de excitar seus sentidos (ABREU, 2003; VASCONCELOS, 2007). Ainda, tais concepções partem da crença, segundo Abreu (2003), de que o contato com essas leituras e as inúmeras possibilidades de interpretações daí resultantes poderiam vir a alterar a percepção de mundo e o conjunto de valores pelos quais as mulheres deveriam se pautar. Assim, tornava-se necessário controlar seus materiais de leitura, com vistas a garantir que não fossem ser desvirtuadas das tarefas às quais estavam relegadas.

Nesse sentido, o tipo de leitura mais adequado às mulheres eram os textos considerados edificantes, isto é, de cunho moral e religioso, que tratavam de temáticas concernentes ao universo da mulher, isto é, que reforçassem os ideais preconizados do que se considerava como feminino, aprofundando mecanismos de opressões que se efetivavam simbolicamente através do objeto livro, da leitura. Tratam-se de obras, de acordo com

Dumont e Espírito Santo (2007), que contemplam o amor fraternal – jamais o carnal - a harmonia familiar e as temáticas religiosas; materiais políticos, filosóficos e científicos não estavam incluídos no ideal de leituras direcionadas às mulheres.

Segundo Dumont (1998) e Dumont e Espírito Santo (2007), essas crenças partem da noção não apenas de que as mulheres não possuíam capacidade intelectual suficiente para apreender temas considerados mais edificantes, mas também por serem esse tipo de obra a que mais recebia investimentos por parte dos editores para serem publicadas e, por sua vez, direcionadas às mulheres. Novamente, a ideia central era produzir materiais de leitura capazes de corresponder não apenas aos padrões concebidos como sua função social, mas também de criar nessas leitoras expectativas que atendiam aos interesses da ordem social vigente, propondo modelos de feminilidade que refletiam – e ainda refletem, de certa forma -, padrões e estereótipos que oprimem mulheres em diversas partes do mundo, como: felicidade alcançada somente através do casamento, administração do lar, o não questionamento de pais e maridos e outras temáticas que respondiam aos interesses de uma sociedade patriarcal. Esses aspectos nos revelam que grande parte dos materiais de leitura lidos pelas mulheres, durante muito tempo, reforçaram não apenas os padrões e o comportamento da mulher em concordância com os interesses masculinos - uma vez que eram os homens que participavam, em sua grande maioria, dos processos de produção, circulação e transmissão dos materiais de leitura -, como também estereotiparam a leitora e sua leitura como um todo.

Reafirmam-se, mais uma vez, as noções trazidas por Bourdieu (2004) sobre o poder simbólico que o discurso emanado pelo livro exerce sobre o grupo e o espaço no qual é evocado, reforçando concepções que vulnerabilizam e oprimem mulheres e o seu universo de escolhas, criando configurações e sentidos que estereotipam não apenas os tipos de obras que consomem, como também os efeitos simbólicos que essa leitura reforça na realidade dessas mulheres, evocando classificações sobre o que seria uma leitura “feminina” (vinculada à conotação depreciativa de lazer, ao escape, à materiais considerados frívolos, que não possibilitam a apropriação de saberes), bem como sobre o que seria o feminino propriamente dito, o comportamento mais adequado à mulher, isto é, sentidos construídos que refletem e moldam as configurações do que se concebe como real e verdadeiro, restringindo consideravelmente as ações e o universo de escolhas de atuações da mulher no mundo social.

Essas noções se estendem ainda às críticas direcionadas aos clubes de leitura em sua concepção como espaço de produção e apropriação de saberes potencialmente transformadores, reforçando ideais estereotipados sobre a natureza e as dinâmicas aí transcorridas. De acordo com Barstow (2003) e Souza (2017), durante muito tempo, o tipo de

leitura privilegiado nesses ambientes, especialmente nos encontros voltados para as mulheres, girava em torno dos textos literários, sobretudo os romances sentimentais. Esses aspectos compõem algumas das críticas aos clubes de leitura apontadas por Souza (2017, 2018), que se traduzem, sobretudo, na natureza e escassez de diversidade nas escolhas das leituras a serem debatidas e no perfil de seus participantes, compostos majoritariamente por mulheres. Essas críticas sugerem que a seleção constante de um mesmo tipo de leitura – quase sempre ficção e, nesse cenário, os romances escritos por mulheres –, acaba por provocar discussões superficiais, uma vez que se tratam de enredos previsíveis e repetitivos, que não instigam o pensamento crítico e nem questionam os estereótipos presentes nesses materiais sobre a figura da mulher.

Nesse contexto, Barstow (2003) aponta que, por essa razão, os clubes de leitura compostos por mulheres receberam críticas diversas, sendo concebidos mais como encontros sociais do que literários. Eram tomados como espaços para reunir mulheres com características similares que utilizavam o livro como um pretexto para se encontrar e conversar mais sobre suas vivências do que sobre as experiências de leitura em si. Os clubes de leitura, a partir dessa noção, são tomados como *loci* de identificação pessoal e coletiva, nos quais as interpretações seriam pouco variadas por congregarem mulheres – normalmente brancas, com escolaridade avançada e pertencentes às classes médias – que se identificam e se reconhecem nos estereótipos sociais, culturais e de gênero reforçados por essas obras (SOUZA, 2018), de modo a restringir o poder transformador que resulta da troca de interpretações distintas de leitura.

Dentre as demais críticas, encontram-se aquelas direcionadas à crença de que os clubes de leitura voltados para mulheres buscam evitar livros considerados “difíceis” e que provoquem o pensamento crítico, partindo da noção de que os textos sentimentais constituem seus interesses únicos de leitura (BARSTOW, 2003). Para a autora, tais aspectos ilustram não apenas os estereótipos em torno da leitura realizada por mulheres, nos quais as experiências de leitura são pretensamente direcionadas somente aos romances sentimentais e materiais considerados menos críticos e edificantes, mas também a ideia de que a popularidade de obras escritas por mulheres é um argumento contra sua qualidade estética e textual. Para Souza (2018), essa noção acaba por alimentar a visão simplista de que os clubes de leitura não possibilitam a apropriação de saberes, limitando-se à encontros realizados por mulheres que desejam preencher o tempo com discussões consideradas banais.

Outras críticas, também ancoradas na concepção de que os clubes de leitura são ambientes voltados simplesmente para a discussão entre mulheres, sugerem que suas

dinâmicas deveriam ultrapassar o caráter normalmente recreativo das discussões, a partir da noção de que o debate apenas por lazer restringe as possibilidades de reflexões sólidas sobre o texto, resultando em discussões rasas e frágeis (SOUZA, 2017). Nesse cenário, Souza (2017) nos oferece alguns outros exemplos para além da crítica à pouca diversidade na seleção dos textos, evidenciados através da noção de que a obra recebe pouca atenção nessas discussões, de que as participantes dos clubes, além de serem quase sempre homogêneas, não possuem capital intelectual e cultural suficientes para abordar os textos em sua profundidade e, sobretudo, que os enredos dos materiais escolhidos são frágeis e repetitivos, de forma a resultar em reflexões superficiais, que não possibilitam a construção ou apropriação de saberes.

Nesse contexto, podemos retomar as considerações de Bourdieu (2004) sobre os discursos simbólicos que circundam as críticas direcionadas aos clubes, e Twomey (2007), no que se refere à leitura como instrumento de controle de grupos sociais menos favorecidos, como as mulheres. Para a autora, conforme já mencionado, as restrições de acesso feminino aos processos de produção e apropriação de saberes estão relacionadas às práticas educativas historicamente desenvolvidas em grande parte do Ocidente, sendo a falta de acesso e habilidade das mulheres para educarem-se, sobretudo por meio da leitura, uma ferramenta para manter os sistemas culturais e políticos de poder, nos quais a educação – e a falta dela – são utilizados como instrumentos contra as mulheres no mundo todo, restringindo significativamente suas possibilidades de inserção na vida pública fora dos padrões patriarcais estabelecidos.

Novamente, as noções de Bourdieu (2004) aprofundam essa visão ao propor a apropriação da leitura como produto sócio histórico de condições de possibilidades de leitura manifestadas na distribuição desigual dos recursos que possibilitam o acesso, o uso e apropriação do livro, que ancoram-se em pressupostos e intenções sobre para quem esse livro será direcionado, o porquê e de que forma deverá ser apropriado. No caso das leituras realizadas por mulheres, há de se pensar em quais interesses circundam a produção e circulação de materiais que durante muito tempo lhes foram destinados e tomados como o que deveriam ler e, principalmente, como deveriam ler, o que nos leva às críticas e concepções depreciativas direcionadas à reunião de mulheres para discutir leitura, relegando-as sempre ao consumo de materiais que não poderiam contribuir com nenhum saber “útil” às suas vivências, que apenas reforçam a visão construída socialmente de que não possuem capacidade intelectual para ler e discutir obras consideradas “edificantes”.

Tratam-se de noções sobre os clubes de leitura a partir do que se concebe como as discussões transcorridas nesses espaços, respaldadas em interesses que partem de disputas simbólicas pela construção do sentido de um mundo social em que a atuação da mulher está circunscrita na esfera privada, do lar, respondendo pela manutenção de ideologias dominantes, sendo o objeto livro um meio simbólico de reforçar os estereótipos que aprofundam as relações desiguais entre homens e mulheres, que mantêm mecanismos de poder e opressão que se manifestam nas condições desiguais de acesso ao conhecimento, de atuação no mundo social para além daquela estipulada e dada como o sentido “verdadeiro” proposto pelo autor ou autora, o modo “verdadeiro” de apropriar esses artefatos para pensar e refletir sobre a realidade.

Nesse sentido, essas concepções nos permitem compreender de que maneira o controle social e as restrições de cunho moral e ideológico impostas às práticas de leitura realizadas por mulheres refletem em suas experiências de leitura até os dias de hoje e na maneira em que apropriam saberes. Igualmente, embora essas limitações, ao menos no contexto da sociedade ocidental, existam em menor proporção, o controle sempre existente no que se refere às práticas de leitura e à apropriação de saberes por parte da mulher, sob o pretexto de que eram perigosas e poderiam desvirtuá-las do que era concebido como sua função social, impactaram, de maneira simbólica e material, não apenas em seu desenvolvimento intelectual, como também em suas possibilidades de construção e reconstrução pessoal – isto é, o modo como se enxergam, como pensam o mundo e, a partir daí, como se transformam.

Em outras palavras, a maneira como as mulheres desenvolveram suas experiências de leitura e se apropriaram dos objetos informacionais esteve envolta, durante muito tempo, em um sistema simbólico de discurso, noções e representações masculinas sobre o papel assumido pela mulher na sociedade, sobre como deveriam se comportar, quais tipos de leitura deveriam consumir e, principalmente, como deveriam conceber a realidade à sua volta a partir desses artefatos (BOURDIEU, 2004; TWOMEY, 2007). Contudo, para a autora, apesar de a leitura ter atuado como um instrumento de autoridade para manter a hierarquia dos sistemas políticos ao longo da história, muitos grupos sociais, inclusive as mulheres, a utilizaram como um modo de “subversão” às noções dominantes, de resistir a esses mecanismos de opressão, sobretudo por meio das experiências compartilhadas de leitura nos clubes de leitura.

Igualmente, na perspectiva simbólica bourdieusiana, ter consciência dessas condições sócio históricas, da existência de recursos aplicados de maneira desigual para orientar a apropriação de um texto de acordo com interesses dominantes, o que se manifesta nas possibilidades de reflexões críticas decorrentes das experiências de leitura, torna possível

subverter o que “deveria” ser tomado como sua apropriação, deturpar os sentidos e as intenções propostas pelos sentidos inscritos por aquele que escreve, voltadas para manipular mulheres e conduzi-las ao que era interessante às ideologias dominantes masculinas. Podemos articular, pelo viés de Bourdieu (2004), que a tomada de consciência dessas condições de possibilidades de acesso às práticas de leitura no espaço e no tempo seria o ponto de partida para questionar essas mesmas circunstâncias que direcionam os atos e apropriações de leitura aos interesses dominantes de uma dada época.

É nesse cenário que podemos posicionar os clubes de leitura e sua contribuição para oferecer às mulheres leitoras horizontes potenciais de expansão de uma perspectiva reflexiva sobre si mesmas e sobre a realidade ao redor, possibilitando vislumbres sobre novas relações a serem traçadas com suas próprias subjetividades e novos modos de ser e estar no mundo social. Sob essa perspectiva, Long (2003) aponta que os clubes de leitura oferecem uma chance para que as mulheres, historicamente restritas dos processos de produção e apropriação de saberes fora do que era considerado como sua função social, possam se sentir parte de um mundo maior, de se expressar, descobrir e valorizar suas próprias vozes e habilidades, de modo a não apenas compreender melhor o seu lugar no mundo, como também vislumbrar horizontes de escolhas sobre qual seria esse lugar.

Ainda que as discussões desenroladas nos clubes de leitura não tenham como foco central a análise dos aspectos técnicos da obra propriamente dita e que, em muitas vezes, suas participantes possuam poucas diferenças culturais, ideológicas e socioeconômicas entre si, existem inúmeros benefícios resultantes da reunião de mulheres para discutir suas experiências de leitura que, não raro, transcendem o conteúdo do artefato informacional propriamente dito. Além disso, Long (2003) acrescenta que, apesar das semelhanças características das integrantes dos clubes de leitura em termos de raça, gênero, educação e condição socioeconômica, qualquer diferença, quando vivenciada no contexto de um grupo social pequeno – como o caso dos clubes de leitura – pode ser significativa. Essas distinções são concebidas, segundo a autora, a partir da noção de que essas mulheres estão inseridas na realidade social de maneiras múltiplas, uma vez que possuem vivências, contextos e subjetividades igualmente particulares. Ao mesmo tempo, Long (2003) indica que, para que a discussão possa prosseguir e as leitoras se sintam confortáveis em compartilhar não apenas suas experiências com as obras lidas, como também suas vivências, é preciso que esse grupo possua semelhanças e interesses em comum. Para a autora, “[...] somente através do compartilhamento das diferenças que as discussões em torno dos livros se tornam mais do que ler um livro sozinho” (LONG, 2003, p. 110, tradução nossa).



Nesse contexto, apesar dessas críticas, os perfis dos clubes de leitura, seja no Brasil ou no exterior, parecem vir se modificando significativamente ao longo dos últimos anos, ao menos no que se refere ao tipo de leitura escolhida. Identificam-se atualmente, sobretudo em decorrência da expansão do acesso à *internet* e das mudanças sociais, políticas e culturais, um público não apenas mais heterogêneo, mas também com um gosto de leitura mais diversificado (SOUZA, 2017), que se traduz, em muitas vezes, na leitura de textos não literários e no desejo de discussões de obras que contemplem temáticas relacionadas aos contextos vivenciados na atualidade e que possibilitem reflexões críticas sobre a realidade na qual estamos inseridos.

As temáticas abordadas nas obras discutidas nesses clubes, que não se restringem ao conteúdo da obra propriamente dito, podem suscitar inúmeras ideias sobre o papel ocupado pelas mulheres na sociedade, de modo a fazê-las refletir sobre suas condições e, possivelmente, conceberem a si mesmas e ao mundo de outra forma. Segundo Long (1992), as dinâmicas interpessoais e as formas coletivas de apropriação textual predominantes nesses clubes os tornam espaços privilegiados para despertar reflexões que contenham um poder transformador tanto para o indivíduo como para o grupo como um todo. As discussões que se desenrolam nos clubes de leitura permitem que seus membros reflitam sobre suas escolhas e orientações de vida, utilizando os livros como "lentes" para vislumbrar a vida de outros grupos sociais, de modo que podem se utilizar das opiniões de membros desses mesmos grupos sobre essas leituras para pensar sobre suas vidas, sobre o próprio eu e o outro, podendo apropriar muito ou pouco dessas discussões em suas escolhas de vida e situações do cotidiano (LONG, 1992). Tratam-se, desse modo, de inúmeras as potencialidades de espaços e ressignificações que podem ser pensadas, repensadas e vivenciadas a partir das discussões dessas leituras.

Nesse sentido, Long (2003) e Twomey (2007) apontam que os clubes de leitura acabam por atuar como uma espécie de resistência à ordem patriarcal historicamente vigente, nos quais as mulheres encontravam-se quase sempre restritas dos processos de produção e acesso aos bens culturais e intelectuais. Nesses encontros, torna-se possível debater e refletir sobre o lugar da mulher na sociedade, sobretudo em relação aos homens e sobre suas próprias vidas em relação à valores e categorias estabelecidos pela sociedade tanto nos textos lidos como na realidade, à exemplo da religião, raça, família, sexualidade e a esfera pública como um todo. Tais aspectos lhes permitem pensar sobre a ocupação de seus espaços sociais e sua posição na sociedade, expandindo, assim, as potencialidades de ressignificação e transformação pessoal.

As discussões desenroladas nesses encontros versam sobre temáticas que possibilitam relacionar os objetos lidos não apenas à realidade social como um todo, mas também aos seus próprios contextos de vida, estabelecendo relações entre os textos e suas vivências. Assim, podemos pensar que esses debates suscitam, para além da produção e apropriação de saberes literários, possíveis conscientizações dos espaços ocupados pelas mulheres na esfera pública, de modo a permiti-las apropriar esses conhecimentos e aplica-los em possíveis transformações em seus cenários de vida. Desse modo, as experiências de leitura, sobretudo quando compartilhadas, configuram-se como meios pelos quais as mulheres podem refletir e discutir seus valores, impressões e interações com os objetos informacionais, de modo a ampliar as possibilidades de reconhecimento enquanto sujeitos pertencentes a um gênero tradicionalmente subtraído dos processos de produção de conhecimento (LONG, 2003; SOUZA, 2018).

Para Twomey (2007), esses encontros podem configurar, pois, espaços privilegiados de potenciais de transformação. A autora parte da noção de que o ato de ler pode ser concebido como um processo relacional entre leitores e leitoras e texto que, quando representado através de práticas sociais no contexto em que se encontram, como os clubes de leitura, constituem um potencial de conhecimento de mundo e apropriação de saberes que podem ser empreendidos para transformações. Em outras palavras, Twomey (2007) aponta que as discussões que se desenrolam nos clubes de leitura oferecem reimaginações múltiplas sobre o mundo que nos cerca, construindo um espaço para que as mulheres possam pensar fora dos padrões tradicionais da imaginação literária, quase sempre prevalecidas pelos fundamentos e noções masculinas.

Desse modo, segundo Long (2003), as discussões que se desenrolam nos clubes de leitura podem oferecer diferentes formas de "narrar a si mesma", isto é, de se expressarem, de entender suas vivências e, até mesmo, modificar suas escolhas de vida, constituindo outros modos de ser e estar no mundo. Para a autora, são essas experiências, possíveis através das experiências subjetivas de leitura e do compartilhamento das experiências dessas mesmas leituras com outras mulheres, que contribuem para a formação de identidades e desenvolvimento pessoal, que podem conduzir à eventuais transformações pessoais.

Nesse sentido, retomamos, segundo Dumont e Espírito Santo (2007), a noção de que, apesar das inúmeras restrições impostas ao desenvolvimento intelectual feminino e aos materiais de leitura consumidos pelas mulheres, as atividades mentais decorrentes das experiências subjetivas e intersubjetivas de leitura, em muitas vezes, levam à percepções, interpretações e apropriações de saberes distintos da intenção original do autor ou autora da

obra. Isto ocorre, para as autoras, porque os sentidos e significados atribuídos aos processos de leitura estão diretamente relacionados à subjetividade e ao contexto dessas leitoras, de modo a resultar em percepções que relacionam a leitura atual com leituras anteriores, com o meio sócio histórico no qual encontram inseridas, bem como com a opinião de outrem, o que acaba por ocasionar interpretações distintas que dependem da particularidade de cada leitora.

Assim, podemos dizer que as experiências de leitura, individuais e compartilhadas, proporcionam, através dos processos psíquicos e cognitivos do sujeito leitor, possibilidades de ressignificação da realidade na qual encontra-se inserido, de modo a conceber essa mesma realidade e, nesse contexto, a si mesmo, oferecendo novos significados para formar e definir o indivíduo como um ser social. Nesse sentido, Barstow (2003) aponta que, independentemente do tipo de literatura escolhida e da natureza das experiências de leitura compartilhadas, o ambiente dos clubes de leitura constitui um espaço no qual as mulheres podem interagir umas com as outras, trocar suas experiências de vida, os obstáculos sociais que lhes são impostos e, ainda, fazer amizades. Esses ambientes configuram, além disso, espaços nos quais as mulheres podem ser ouvidas e ouvir umas às outras (SOUZA, 2018), a partir da noção de que suas vivências são significativas e dignas de serem compartilhadas.

Retomando uma das falas de Roubakine (1998) sobre a importância da leitura como um instrumento de transformação de classes sociais tradicionalmente oprimidas, podemos entender que as mulheres sempre sofreram opressões por parte de uma ordem social patriarcal, que censurava suas práticas de leitura como uma forma de exercício de dominação e poder, para que não se desvirtuassem do que era concebido como sua função social. Apesar desse contexto de opressão social às mulheres e ao que era lido, as experiências de leitura possibilitam a apropriação de saberes que permitem a reconstrução e ressignificação de si mesmas, o que expande suas possibilidades de transformação. Igualmente, permite vislumbrar outros cenários para além daqueles previamente estabelecidos como sua função natural. As experiências de leitura, tanto individuais como compartilhadas, surgem, pois, como uma possibilidade para que as mulheres possam se expressar, pensar sobre si mesmas, sobre suas formas de conceber o mundo e, principalmente, sobre suas possibilidades de atuação nesse mesmo mundo.

Nessa mesma lógica, para Dumont (1998, 2002), histórica e socialmente, o ato de ler está circunscrito em um conjunto complexo de práticas sociais, nos quais a leitura encontra-se relacionada às lutas políticas e sociais ao decorrer da história. Contudo, o sujeito leitor não é um receptor passivo das informações que lhe são transmitidas durante as experiências de leitura, mas sim ativo, produtor de sentido. A potência simbólica de transformação trazida por

Bourdieu (2004), na mesma direção já ressaltada por Roubakine (1998), está nas relações intersubjetivas, aqui posicionadas nas experiências compartilhadas de leitura. Essas trocas de relatos de leitura e de vida, a partir das discussões entre mulheres inseridas na realidade de formas distintas, possuidoras de contextos e subjetividades diferentes, oferecem possibilidades de subverter as noções previamente estabelecidas sobre como o mundo social deve ser construído, criando, através das possibilidades de reflexão sobre si mesmas e a realidade ao redor, novos sentidos e significados para a configuração do real, propiciando vislumbres de horizontes que reorientam o olhar e sugerem que esse mesmo mundo pode ser construído e percebido de outra forma.

### 3 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO NOS ESTUDOS SOBRE A LEITURA

Tudo começa, como veremos, com situações gratificantes de intersubjetividade, encontros personalizados, uma recepção, uma hospitalidade. A partir daí, as leituras abrem para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito.  
(PETIT, 2009, p. 32).

Segundo Dumont (1998), dificilmente podemos restringir a delimitação do campo de estudos da leitura à uma única área do conhecimento, uma vez que suas facetas são múltiplas e seus estudos perpassam e pressupõem, invariavelmente, abordagens disciplinares distintas, que buscam contemplar todas as particularidades inerentes a um tema tão abrangente. Assim, uma vez que os estudos sobre a leitura permitem olhares e abordagens não só multidisciplinares, como também interdisciplinares, consideramos a interdisciplinaridade característica da Ciência da Informação para tratar da temática sob inúmeras perspectivas. Foi necessário, para analisar um tema tão complexo e singular, explorar áreas correlatas ao campo informacional para compreender de que modo as experiências de leitura individuais e compartilhadas podem contribuir para a apropriação de saberes e configurar potenciais de transformação pessoal.

Em sentido geral, a abordagem metodológica da pesquisa contempla os estudos de campo propostos por Minayo (2010), direcionados às análises da relação entre leitura e transformação pessoal a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura na cidade do Rio de Janeiro. De caráter qualitativo e natureza exploratória, o estudo encontra nas bases lógicas de investigação as orientações do método indutivo, através do qual buscamos compreender sob quais condições as experiências de leitura constituem instrumentos em potencial de transformação pessoal de mulheres leitoras.

Na parte inicial da pesquisa, ao longo do desenvolvimento do referencial teórico, nos dedicamos à identificação dos conceitos a serem operacionalizados nos estudos de campo, de modo a orientar o processo de construção e análise do *corpus*. Para tanto, partimos das indicações de leitura apresentadas pelo orientador e pela pesquisadora, que fundamentam as abordagens centrais utilizadas no presente estudo; para os construtos que complementam esses delineamentos, realizamos uma revisão de literatura aleatória através do levantamento bibliográfico em bases de dados reconhecidas no campo informacional. Na etapa dos estudos de campo, propomos intervenções empíricas no espaço dos clubes de leitura na cidade do Rio

de Janeiro, a partir de entrevistas semiestruturadas, tendo por base os aportes das técnicas de história de vida tópica apontadas por Denzin (1989) e Minayo (2010).

Assim, apresentamos, nas próximas seções, o percurso que orienta a construção do método e do *corpus*, bem como os processos de análise e discussão dos dados coletados, estando as seções divididas da seguinte forma: indicação dos critérios empregados para a operacionalização dos conceitos identificados no referencial teórico; e delimitação dos procedimentos metodológicos adotados para a etapa dos estudos de campo, descrevendo os fundamentos e métodos utilizados para os processos de coleta, análise e discussão dos dados.

### 3.1 PERCURSO INICIAL DE CONSTRUÇÃO DO MÉTODO: critérios teórico-metodológicos para a operacionalização de conceitos

[...] o sentido de um verso, de uma máxima ou de uma obra muda pelo simples fato de se achar mudado o universo das máximas, dos versos ou obras simultaneamente propostos àqueles que o apreendem [...] o anacronismo destemporaliza a obra, arranca-a do tempo, ao mesmo tempo em que a temporaliza ao ‘atualiza-la’ continuamente pela permanente reinterpretação  
(BOURDIEU, 2004, p. 146).

Ao decorrer da construção do referencial teórico, nos dedicamos a analisar e compreender, à luz do pensamento informacional e de áreas fronteiriças ao campo, a temática da leitura em seu potencial de transformação pessoal, com ênfase para mulheres leitoras pertencentes a clubes de leitura. Nesta fase, identificamos os conceitos centrais da pesquisa, que orientam e articulam, nas etapas de coleta, análise e discussão de dados, o marco teórico desenvolvido com os dados obtidos nas incursões empíricas. As reflexões apresentadas no referencial teórico foram orientadas para a produção das ferramentas de coleta, análise e de discussão do *corpus*, combinando elementos das perspectivas psíquicas, fenomenológicas e simbólicas com as inferências que esperávamos encontrar a partir das intervenções realizadas nos clubes de leitura.

Desse modo, antes de adentrar no desenvolvimento do referencial teórico, nos dedicamos, no período de abril a junho de 2018, à leitura dos textos utilizados como base teórica para a construção do plano de estudo submetido ao PPGCI como pré-requisito parcial de ingresso. Nessa etapa, centralizamos nossos olhares na identificação de possíveis conceitos e esboços para o objeto de estudo, analisando o foco e as abordagens teóricas de cada texto e de seus autores e autoras. Para cada leitura finalizada, registramos nossas impressões em um fichamento elaborado pela própria pesquisadora (FIGURA 1), cujo intuito era descrever as principais inferências e apontamentos resultantes dos materiais lidos. Na etapa de elaboração

do referencial teórico, este fichamento foi revisado, sendo de grande auxílio para o estabelecimento dos conceitos centrais e de seus respectivos delineamentos teóricos.

Abaixo, segue um exemplo da estruturação do quadro:

**Figura 1** – Demonstração de fichamento elaborado a partir do plano de estudo

Referência	Foco do artigo	Apontamentos
RODRIGUEZ, Simone Meirelles. Leitoras com coração: usos de leitura dos romances sentimentais de massa. <i>Revista Letras</i> , Curitiba, n. 65, p. 23-37, jan./abr. 2005.	Rodriguez (2005, p. 24-25) busca analisar como as leitoras do sexo feminino lidam com os romances. Isto é, o uso de leitura e formas de relacionamento e entendimento com e dos textos.	Tal abordagem, de entendimento e utilização dos textos literários, pode lançar luz na forma como essas leitoras se apropriam desses romances e usam as informações contidas ali para transformar suas realidades. Em muitas das leitoras entrevistadas pela autora, é a possibilidade de sonho proporcionado pelos textos que motivam a leitura desses romances. Segundo Rodriguez (2005, p. 26), ao passo que as leitoras querem imaginar-se no lugar da heroína e se deixar levar pelo enredo, podem chegar a transpor tais cenários, em algumas vezes, para fora do plano imaginário. E no real que elas parecem projetar o texto lido. Essas leitoras tentam modificar suas realidades, inspiradas pela "leitura fácil" dos romances. As leitoras interagem com os textos, envolvem-se e buscam relações entre suas experiências pessoais e ficcionais. Também existe a leitura crítica do romance (p. 28), a partir da qual, com elementos da vida pessoal, a leitora se coloca em posição de identificar-se ou não com aquela personagem e, assim, tecer críticas a favor ou "contra" seu comportamento. Ainda, para as leitoras entrevistadas por Rodriguez (2005, p. 29), as situações vivenciadas pelas heroínas nos romances raramente são passíveis de serem aplicadas na realidade, mas podem ser consideradas como pontos de partida para uma possível mudança no cotidiano ou em cenários mais relevantes de suas vidas. É uma espécie de motivação para mudar.
DUMONT, Ligia Maria Moreira. Lazer, leitura de romances e imaginário. <i>Perspectivas em Ciência da Informação</i> , Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 117-123, jan./jun. 2000.	Dumont (2000) analisa a leitura de romances, o lazer e os desdobramentos que essa leitura exerce no imaginário de seus leitores, bem como a apropriação de informação e conhecimento que por parte dos leitores a partir da leitura descontraída de um romance. Esse conhecimento pode vir a ser utilizado <i>a posteriori</i> , dependendo do contexto e da subjetividade deste indivíduo. A autora fundamenta-se nas concepções sobre o lazer para analisar a leitura de romances como atividade de entretenimento.	Dumont (2000, p. 117) considera, tendo por base estudiosos da leitura, que a leitura de romances é indubitavelmente uma atividade de lazer e entretenimento, que proporciona aos seus leitores momentos de distração. Para a autora (p. 118), ao ler um romance para passar o tempo (atividade de lazer), o leitor pode estar recebendo informações úteis às suas relações de trabalho, por exemplo, bem como à sua vivência. Dumont (2000) depreende tal concepção a partir da eventual relação entre lazer (tido normalmente como uma atividade fora do contexto das obrigações) e obrigação, a partir de onde pode, concomitantemente, entreter-se e obter conhecimento "útil" à sua vida e às suas "obrigações". O lazer é entendido como liberatório de obrigações, isto é, compensa ou substitui algum esforço que a vida social impõe. Nesse sentido, a leitura de romances se constitui como um escape para compensar as frustrações e dificuldades do dia a dia. Para Dumont (2000, p. 122), a leitura de romances está ligado ao real, simbólico e imaginário. Considerando a imaginação como um dos componentes da aprendizagem, deduz-se que a leitura de romances pode suscitar algum tipo de aprendizado, uma vez que estimula a imaginação do leitor. Desse modo, as situações retratadas nos romances remontam, em muitas vezes, à acontecimentos vivenciados por esses sujeitos na vida real, de modo que o limite entre ficção e realidade seja muito tênue. O leitor acaba por se identificar com as cenas reproduzidas ali e projetam no real o texto lido, tal qual mencionado por Rodriguez (2005). Isso está relacionado diretamente

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2018).

Essas análises preliminares nos permitiram pensar em algumas noções que poderiam vir a constituir os conceitos centrais do estudo, quais sejam: leitura, mulher, projetos de leitura, práticas informacionais e transformação social. Nessa mesma direção, essas leituras iniciais nos guiaram às contribuições teóricas ligadas à temática da leitura tanto sob a ótica informacional quanto de áreas fronteiriças ao campo, nos permitindo estabelecer como abordagens teóricas principais, pela via epistemológica da Ciência da Informação, as reflexões dos estudos fenomenológicos, psíquicos e simbólicos.

A partir da entrada no PPGCI, revisamos essas etapas ao longo do desenvolvimento do referencial teórico, nos aprofundando e delineando esses conceitos de acordo com as abordagens teórico-metodológicas às quais fomos guiados. Na ocasião, contávamos com seis conceitos preliminares: leitura; apropriação de saberes; projetos de leitura; práticas informacionais; perspectivas de gênero na leitura com foco na mulher; e transformação social.

Nesse momento, pensávamos em tratar da leitura como um instrumento de transformação a partir de duas vertentes: projetos de leitura e transformação social. Interessava-nos analisar de que modo as experiências de leitura individuais e compartilhadas em projetos de leitura voltados para mulheres constituíam um potencial de transformação na vida de leitoras em sua dimensão macro, isto é, através dos reflexos das experiências de leitura não apenas em seus contextos de vida, como também nas estruturas sociais em que estão inseridas.

Em relação à primeira orientação, a dificuldade em mapear projetos de leitura voltados exclusivamente para mulheres, somado aos caminhos percorridos pela pesquisadora no que se refere às vivências em experiências compartilhadas de leitura, nos levou a privilegiar o ambiente dos clubes de leitura como objeto de intervenções empíricas em detrimento dos projetos de leitura. Já em relação ao segundo ponto, os dados emanados do *corpus* da pesquisa nos conduziram à reformulação de algumas de nossas hipóteses iniciais, como a abordagem do potencial de transformação social via leitura, sugerindo que a potência transformadora identificada nos relatos das leitoras entrevistadas se dá em um plano pessoal e subjetivo e não da emancipação do sujeito em uma dimensão sociopolítica, análise que uma abordagem voltada para a transformação social poderia eventualmente implicar. Por esses motivos, optamos por abordar o potencial da leitura como instrumento de transformação pessoal de mulheres leitoras, deixando a proposta da transformação social para estudos futuros.

Esse movimento metodológico se estende para a revisão do conceito “perspectivas de gênero na leitura com foco na mulher”: trabalhar a questão de gênero também implicaria, necessariamente, em discussões complexas e profundas da emancipação da mulher como sujeito sociopolítico, o que sugeriria uma abordagem sob a perspectiva da transformação social, dimensão que não nos aprofundamos no presente estudo. Desse modo, delimitamos esse conceito como “perspectivas da mulher na leitura”, para, entre outras razões, não incorrerem em discussões que fogem ao propósito da pesquisa.

Assim, propomos seis conceitos centrais: leitura; apropriação de saberes; práticas informacionais; perspectivas da mulher na leitura; clubes de leitura; e transformação pessoal. São esses conceitos que guiam a construção do *corpus* de pesquisa, configurando-se como orientação teórica para as etapas posteriores de coleta e análise de dados. Para compreender o potencial da leitura para a transformação pessoal, os conceitos foram operacionalizados à luz das aproximações epistemológicas entre as reflexões sobre a leitura no campo informacional e as correntes limítrofes à Ciência da Informação. Nesse contexto, foi necessário mesclar



técnicas advindas de diferentes teorias, nos quais nos aproximamos, para além dos enfoques fenomenológicos trabalhados por John Budd (2005) no discurso da epistemologia informacional e das perspectivas simbólicas evidenciadas por Ernst Cassirer (2005) e Pierre Bourdieu (2004), às abordagens psíquicas propostas por Michèle Petit (2009, 2013, 2019) e Nicolas Roubakine (1998).

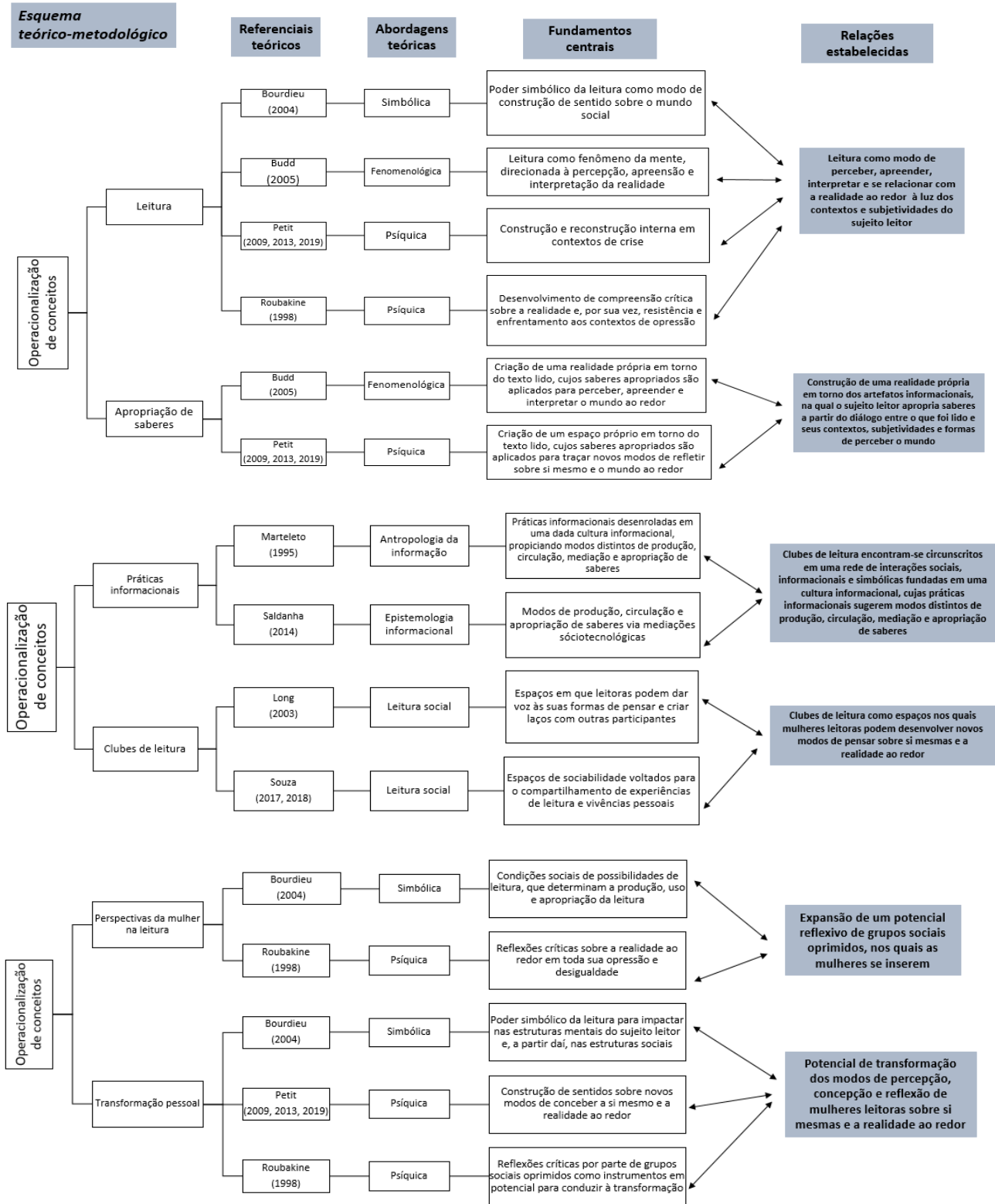
Na proposta do presente estudo, as abordagens psíquicas, fenomenológicas e simbólicas nos permitem analisar, nas etapas posteriores de intervenções empíricas, sob quais condições as mulheres participantes de clubes de leitura se apropriam dos saberes construídos e circulados nas práticas informacionais que ali ocorrem e os aplicam consciente ou inconscientemente para transformações pessoais. Essas leitoras, certamente, têm diferentes contextos, subjetividades e estados psíquicos que influenciam na maneira como atribuem sentidos e significados e apropriam saberes nas experiências de leitura individuais e compartilhadas. Esses aportes nos possibilitam, portanto, adentrar algumas instâncias da realidade construída a partir da interação entre essas mulheres leitoras e o objeto informacional, de modo a entender como se sentem em relação às experiências de leitura e como interpretam e atribuem sentido e significado a esses materiais e, a partir daí, ao mundo que as cercam. Permite-nos compreender, ainda, parte de suas histórias de vida a partir do momento em que estas se relacionam com a leitura, revelando acontecimentos que contribuíram para que percebessem e interpretassem a realidade e as próprias experiências de leitura de uma determinada forma.

Vale mencionar que não é nosso intuito nos aprofundar no debate epistemológico entre a abordagem do psíquico, do simbólico e da fenomenologia, mas sim estabelecer, no contexto da Ciência da Informação, relações que nos permitem entender as dimensões e os processos de apropriação de saberes decorrentes das experiências de leitura com a perspectiva informacional e os potenciais de transformação pessoal sob a ótica da mulher. Desse modo, a produção do referencial teórico se deu no período de fevereiro a outubro de 2019, tendo como fundamento central os seis conceitos elencados.

Ao final do desenvolvimento do referencial teórico, temos como resultado o esquema metodológico apresentado abaixo, que estrutura toda a orientação teórica que permeia os conceitos elencados para a pesquisa e, por sua vez, os processos de construção, análise e interpretação do *corpus*. Especificamente, indicamos os autores e autoras que servem de aporte para cada conceito, seguido das abordagens teóricas que fundamentam seus estudos e das noções centrais que sustentam a articulação de seus enfoques com os potenciais de

transformação via leitura que nos interessa explorar. Por fim, apontamos as relações estabelecidas entre as concepções propostas pelos referenciais teóricos utilizados:

**Figura 2 – Esquema teórico-metodológico**



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

Para a orientação teórica do primeiro conceito estabelecido, leitura, trazemos as concepções de Bourdieu (2004), Budd (2005), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) no cerne dos estudos sobre a leitura pela perspectiva psíquica, fenomenológica e simbólica, partindo de suas considerações sobre as relações resultantes dos processos de leitura como modo de analisar e compreender de que maneira os sujeitos interagem com os objetos lidos à luz de seus próprios contextos, subjetividades e concepções do real.

Sobre o conceito apropriação de saberes, nos aprofundamos nas reflexões trazidas por Budd (2005) e Petit (2009, 2013, 2019) para entender de que modo esses processos se estabelecem nas experiências de leitura individuais e compartilhadas nos clubes de leitura, reconhecendo na construção de uma realidade própria em torno dos artefatos informacionais atividades mentais que dialogam o que foi lido e discutido aos contextos, subjetividades e formas de perceber, apreender e interpretar o mundo das leitoras entrevistadas. Os sentidos e significados atribuídos à essas interações oferecem construtos para a apropriação de saberes que podem ser aplicados para refletirem sobre si mesmas e a realidade.

No conceito práticas informacionais, trazemos Marteleto (1995) e Saldanha (2014) para analisar e discutir como os clubes de leitura encontram-se circunscritos em uma rede de interações sociais, informacionais e simbólicas, cujos relatos orais sobre diferentes experiências não só de leitura, mas também de vida, sugerem modos distintos de produção, circulação, mediação e apropriação de saberes. Para entender essas relações, destacamos especificamente a noção de mediação sociotecnológica trabalhada por Saldanha (2014) e cultura informacional tratada por Marteleto (1995), ambas concepções que circundam as dinâmicas transcorridas nos clubes de leitura, nos permitindo verificar de que maneira as leitoras interagem e atribuem sentidos e significados aos elementos que compõem esses espaços e, a partir daí, apropriam os saberes aí construídos, circulados e mediados.

Para demarcar o contexto no qual as práticas informacionais dialogam e se articulam, posicionamos os clubes de leitura como quarto conceito trabalhado, partindo da noção de que sua natureza essencialmente intersubjetiva, bem como as dinâmicas que se desenrolam em seu espaço, oferecem modos distintos de produção, circulação, mediação e apropriação de saberes. Esses processos se manifestam não somente a partir das discussões sobre os artefatos informacionais propriamente ditos, mas também através das relações estabelecidas por entre as participantes, que trocam relatos orais tanto sobre suas experiências de leitura como vivências pessoais, configurando esse ambiente como *locus* de sociabilidade fundado em uma dada cultura informacional, conforme proposto acima. Como fundamentação teórica, partimos da contribuição dos estudos de Souza (2017, 2018), um dos poucos pesquisadores

encontrados que desenvolveu pesquisas sobre os clubes de leitura no campo informacional, acrescidas das perspectivas de Long (2003), sob a ótica social, dos clubes de leitura como espaços para que mulheres leitoras possam dar voz às suas formas de pensar e criar vínculos simbólicos com outras leitoras, possibilitando novos modos de refletir sobre si mesmas e o mundo ao redor.

O conceito perspectivas da mulher na leitura é trazido à luz das reflexões de Bourdieu (2004) e Roubakine (1998), cujos estudos nos possibilitam interpretar as experiências de leitura, sobretudo quando compartilhadas, como instrumentos de expansão de um potencial reflexivo e, até mesmo, desenvolvimento de uma conscientização crítica de grupos sociais historicamente oprimidos, nos quais as mulheres se inserem. Essas noções são articuladas ao entendimento de que as práticas de leitura realizadas por mulheres sempre estiveram e ainda estão circunscritas em interesses que orientam os modos de uso e apropriação dos artefatos informacionais, preconizando a construção de sentido sobre um mundo social que visa à manutenção do poder e da opressão manifestada através das relações desiguais entre homens e mulheres.

Para o conceito transformação pessoal, trabalhamos centralmente com as noções teóricas de Bourdieu (2004), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998). As concepções propostas pelos autores, apesar de voltadas para o potencial de transformação nas estruturas sociais, nos permite uma interpretação das experiências de leitura, sobretudo quando compartilhadas, como instrumentos que possibilitam ao sujeito leitor apropriar saberes que podem ser aplicados em suas vivências para expandir os modos de reflexão sobre si mesmo e, em sentido amplo, sobre a realidade ao redor. Essas reflexões, fundamentadas nos contextos, subjetividades e formas de conceber o real de mulheres leitoras, proporcionam vislumbres de novas possibilidades de pensar e se relacionar com o “próprio eu” e o mundo que as cercam, constituindo uma potência para reverberar em suas ações e atuações nesse mesmo mundo.

Em sentido amplo, esses conceitos orientam o percurso teórico-metodológico de toda a investigação. Os conceitos estabelecidos guiam, especificamente, o *locus* de intervenção das incursões empíricas, a escolha do instrumento de coleta e análise de dados e a seleção dos sujeitos da pesquisa, nos permitindo realizar aproximações entre os dados produzidos durante a produção do referencial teórico com aqueles que pretendemos coletar nos estudos de campo. Desse modo, na próxima seção, abordamos o caminho percorrido ao decorrer das etapas empíricas, com foco para os procedimentos metodológicos adotados e os critérios empregados para o desenvolvimento das categorias de análise e discussão do *corpus*.

### 3.2 “UMA MARGEM DE MANOBRA SE ABRE...”<sup>11</sup>: pesquisa de campo nos estudos sobre a leitura

E, durante a vida inteira, de forma discreta ou secreta, um trabalho psíquico acompanha essa prática, os leitores escrevem sua própria geografia e sua própria história entre as linhas lidas (PETIT, 2019, p. 52).

Após a leitura dos textos utilizados para a elaboração do plano de estudo de ingresso no PPGCI IBICT-UFRJ, nossas ideias iniciais versavam sobre o mapeamento de projetos de leitura voltados para mulheres, com o intuito de encontrar mulheres leitoras que nos permitissem a identificação de potenciais de transformação via leitura. Ao decorrer da concepção dessas propostas, incorríamos sempre na seguinte questão: por onde começar as buscas por projetos de leitura desta natureza? Ao longo do mês de março de 2018, nos encontros de orientação e discussões entre pesquisadora e orientador sobre a seleção de estratégias metodológicas, decidimos começar o mapeamento por fontes de informação ligadas ao campo informacional que nos levassem ao conhecimento sobre a existência de projetos de leitura voltados especificamente para mulheres.

Nesse primeiro momento, nossa escolha metodológica versou sobre tentativas de contato com algumas estudiosas da área de Ciência da Informação envolvidas, direta ou indiretamente, com a temática da leitura. A escolha partiu tanto das sugestões do orientador quanto da importância e reconhecimento dessas mesmas pesquisadoras para a leitura no campo informacional. Interessava-nos coletar dados que pudessem contribuir para a produção do *corpus* de pesquisa, configurando essas pesquisadoras como uma espécie de fontes de informação pessoal para contatos e construção de um mapeamento de projetos de leitura, de modo a possibilitar a identificação e comunicação posterior com mulheres leitoras.

Para tanto, no início de abril de 2018, realizamos o primeiro contato, via *e-mail*, com três pesquisadoras da área, a fim de apresentar nossas propostas e verificar o interesse delas em participar. Ainda no começo do mesmo mês, após o retorno positivo de todas, encaminhamos um segundo *e-mail*, descrevendo como se daria o processo de coleta de dados, qual seja a entrevista não estruturada fundamentada nos pressupostos da história de vida. Para a realização dessas entrevistas, propusemos a segunda semana de maio. A ideia central era ter uma entrevista mais aberta, a partir de uma pergunta geral, permeada por abordagens particulares, como: “Conte-nos sobre sua trajetória acadêmica nas pesquisas sobre leitura”, a partir da qual, conforme o caminhar das entrevistas, direcionaríamos para delineamentos mais

---

<sup>11</sup> Trecho retirado de PETIT, Michèle. *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 63.

específicos: “Comente sobre sua experiência e relação com projetos de leitura”; “Conhece algum projeto de leitura ou possui algum contato que nos leve a esses projetos?”. Em linhas gerais, o intuito era que essas pesquisadoras nos contassem suas experiências na pesquisa científica e acadêmica, à luz de questões que circundam projetos de leitura.

Nas semanas seguintes, após a apresentação do instrumento de coleta de dados, não obtivemos retorno das pesquisadoras. Por esse motivo, optamos por deixar a estratégia metodológica inicial como orientação para as etapas posteriores e começamos a pensar em abordagens alternativas, dentre as quais adotar os clubes de leitura voltados para mulheres como objeto central de incursões nos estudos de campo.

O critério empregado para modificarmos o *locus* de intervenção empírica dos projetos para os clubes de leitura está relacionado tanto à ausência de resposta por parte das pesquisadoras, bem como às dificuldades encontradas em mapear projetos de leitura voltados para mulheres no espaço-tempo do estudo. Assim, considerando as experiências da pesquisadora com as feiras de livro, encontros para troca de livros e eventos literários promovidos por editoras, pensamos que os clubes de leitura seriam ambientes privilegiados de análise das relações subjetivas e intersubjetivas de mulheres com a leitura. Nesse sentido, partimos da noção de que esses espaços, ao reunirem mulheres possuidoras de contextos e subjetividades distintas, podem nos revelar nuances plurais de interações de leitoras com a leitura; o compartilhamento das experiências individuais de leitura dessas mesmas mulheres no ambiente dos clubes de leitura, somado aos saberes aí circulados e apropriados, nos oferecem um olhar sobre os inúmeros potenciais de transformação pessoal daí resultantes.

Desse modo, empregamos os estudos de campo evidenciados por Minayo (2010), através dos quais estabelecemos intervenções empíricas nos clubes de leitura. O intuito principal foi mapear mulheres leitoras que pudessem contribuir para a pesquisa através de relatos sobre suas experiências de leitura individuais e compartilhadas, esta última com ênfase aos clubes de leitura. Nessa orientação, com vistas a estabelecer o recorte metodológico para as intervenções empíricas e para os processos de coleta de dados, delimitamos como espaço geográfico a cidade do Rio de Janeiro, especialmente por questões estratégicas de tempo, locomoção e participação nos encontros dos clubes de leitura. Assim, a partir de consultas realizadas em fontes de informação gerais sobre a leitura conhecidas pela pesquisadora, como *sites* de editoras e perfis em redes sociais envolvidos com a divulgação de notícias e eventos sobre a leitura e assuntos transversais às suas práticas, chegamos ao clube de leitura Leia Mulheres Rio de Janeiro, selecionado como *locus* de intervenção central da pesquisa.

A escolha por esse ambiente como foco de mapeamento de experiências individuais e compartilhadas da mulher com a leitura se dá por se tratar de um clube de leitura voltado para a leitura e discussão de obras escritas exclusivamente por escritoras mulheres. Por esse motivo, o clube atrai, em sua maioria, mulheres, possibilitando debates que giram em torno não apenas da temática de gênero e da representação e espaço ocupado pela mulher no mercado editorial, na literatura e na seara pública como um todo, mas também sobre as próprias vidas e experiências de leitura dessas integrantes. Esses aspectos nos revelam de que forma as participantes interagem com os objetos informacionais, as sensações daí advindas e, sobretudo, sob quais condições significam e apropriam esses artefatos, nos permitindo analisar e compreender os potenciais de transformação daí decorrentes.

Nessa direção, foi preciso recorrer à uma abordagem metodológica que pudesse nos ajudar a entender, sob a perspectiva das mulheres leitoras, se e sob quais condições as experiências de leitura constituem potenciais de transformação pessoal. Com base nas correntes epistemológicas empregadas, que privilegiam o contexto e a subjetividade do indivíduo para compreender as relações de leitura, buscamos encontrar um método que nos permitisse analisar e compreender como as leitoras atribuem sentidos, significados e apropriam saberes nas experiências de leitura individuais e compartilhadas à luz de suas próprias realidades.

Isto se dá, segundo Dumont (1998), pois os relatos dos sujeitos estão permeados pelo sentido que dão à ação, de modo a demandar a análise e o conhecimento de seus contextos para apreender a realidade. Assim, para identificar esses aspectos, era preciso, pois, conhecer essas mulheres, adentrar suas vivências a partir do momento em que estas se relacionam com a leitura, para entender de que maneira apropriam e significam essas experiências. Para tanto, realizamos incursões empíricas no clube de leitura Leia Mulheres Rio de Janeiro nos meses de outubro e novembro de 2019<sup>12</sup>, tendo como abordagem metodológica para a coleta de dados o emprego de entrevistas semiestruturadas fundamentadas nos pressupostos da história de vida tópica, segundo as orientações de Denzin (1989) e Minayo (2010).

Inicialmente, nosso intuito era utilizar a história oral como instrumento principal de coleta de dados. Contudo, em razão do espaço-tempo da pesquisa, que não nos permitia correr o risco de a entrevistada não adentrar na temática da leitura em seus relatos, optamos por utilizar a história de vida tópica como abordagem teórica estrutural e metodologia central para a coleta de dados, restando a história oral como aporte teórico-conceitual. Além disso, no

---

<sup>12</sup> Os encontros ocorreram nos dias 31 de outubro e 27 de novembro de 2019.

plano da abordagem de história de vida tópica, nossa intenção inicial era realizar uma entrevista não estruturada; contudo, dada a complexidade da temática trabalhada e dos pontos que nos interessava analisar, optamos pelo uso das entrevistas semiestruturadas.

As técnicas de história de vida tópica empregadas envolvem a realização de uma entrevista na qual a entrevistada nos conta a história de sua vida, a partir do momento em que a mesma se relaciona com a temática da leitura. No contexto das técnicas de história de vida, Denzin (1989) e Minayo (2010) atentam para duas modalidades características: a história de vida completa, que recobra todo o conjunto da experiência vivida por uma pessoa, grupo ou instituição; e a história de vida tópica, concebida como a cobertura das experiências de vida de um determinado sujeito a partir de seus relatos orais, com ênfase para uma parte específica de sua vida pessoal, que se relaciona à temática de interesse da pesquisa.

Nesse sentido, Minayo (2010) entende a história de vida, especialmente a tópica, como aquela que, apesar de estimular a narrativa livre, tal qual pressupõe o método, o pesquisador ou a pesquisadora determina o tema e, por sua vez, tenta impor limites ou interferir no relato sempre que necessário para que este não fuja ao objetivo proposto. Para a autora, essa técnica busca combinar, no momento da narrativa, observação, relatos introspectivos de lembranças e relevâncias e roteiros mais ou menos centrados em algum tema. Misturam-se aí, fundamentalmente, elementos da vida pregressa das entrevistadas e a temática da pesquisa em si, revelando a fundo o significado de suas falas e oferecendo caminhos para novas compreensões das realidades dessas leitoras. A ênfase está, pois, na centralidade das entrevistas de história de vida tópica como modo de compreensão das interações de mulheres com as experiências de leitura. Acreditamos ser possível, a partir dessa técnica, identificar mulheres leitoras cuja relação com a leitura demarca potenciais de transformações pessoais.

Nesse contexto, ainda que tenhamos utilizado a história de vida tópica como abordagem central de coleta de dados, o questionário fechado e as práticas de observação constituíram técnicas privilegiadas para complementar o método principal, agregando aos processos de construção do instrumento de coleta de dados. De modo geral, as imersões no espaço dos clubes de leitura, bem como a aplicação do questionário de identificação, configuraram uma espécie de ambiência de campo para entender o que é o Leia Mulheres Rio de Janeiro e identificar mulheres leitoras que pudessem ser entrevistadas para a pesquisa.

A participação nos dois encontros do clube, somado ao referencial teórico, nos permitiu pensar e construir o roteiro de entrevista de história de vida tópica, uma vez que, conforme apontado por Minayo (2010), pudemos observar as ações, eventos e conversas transcorridas nesse *locus*, de modo a compreender sob quais condições as mulheres leitoras se



articulam e compartilham não apenas suas experiências de leitura, mas também as histórias de suas vidas e como as mesmas se entrelaçam com os objetos informacionais que interagem. Nessa perspectiva, podemos recorrer às mesmas inferências às quais Petit (2009) chegou a partir de suas intervenções em projetos de leitura na América Latina: as trocas e conversas com as integrantes dos grupos nos permitiram entender melhor o grupo do que a imersão nesse *locus* propriamente dita. O questionário de identificação e as práticas de observação constituem ferramentas complementares para a coleta de dados.

Assim, traçamos alguns critérios para a delimitação das mulheres a serem entrevistadas. Em um primeiro momento, tendo por base um conhecimento prévio sobre algumas dinâmicas do clube, reconhecidas pela pesquisadora ao acompanhar sua atuação pelas redes sociais e em uma experiência *in loco* em março de 2019, estabelecemos que as entrevistas seriam realizadas não apenas com as integrantes do Leia Mulheres, mas também com as mediadoras, caso demonstrassem interesse e disponibilidade em participar. Essa estratégia metodológica surgiu especificamente a partir da intervenção pré-teste que realizamos na reunião do Leia Mulheres Rio de Janeiro em 11 de março de 2019, a qual decidimos participar como uma espécie de mapeamento da adequação do clube para os propósitos do estudo. Na ocasião do encontro, que transcorreu na Biblioteca *Maison de France*, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, as práticas de observação das dinâmicas do grupo nos ofereceram alguns esboços para pensarmos a seleção das mulheres a serem entrevistadas.

A partir daí, tendo por base nossas observações preliminares, foi possível estabelecer dois eixos principais para a seleção das entrevistadas: mulheres envolvidas com a leitura a partir da mediação dos encontros, o que se traduz na figura das mediadoras do Leia Mulheres; e mulheres que se relacionam com a leitura através da participação nas reuniões, representadas nas integrantes do clube. Para essa orientação, trata-se de um ponto de vista sob a ótica tanto de quem já estabeleceu uma relação prévia com a leitura a partir da organização dos encontros, seleção das leituras a serem debatidas e mediação das práticas informacionais que se desenrolam nesse *locus* quanto daquelas que estão ali na posição de participantes.

Nesse contexto, a seleção das entrevistadas se deu a partir de uma intervenção empírica no encontro de outubro de 2019 do Leia Mulheres Rio de Janeiro, que ocorreu na Blooks Livraria, no bairro de Botafogo, na Zona Sul da cidade. Inicialmente, havíamos preparado um roteiro de identificação (APÊNDICE A), na forma de um questionário fechado a ser aplicado em todas as participantes do clube ao final do encontro, inclusive as mediadoras. Nosso intuito era coletar dados preliminares que nos permitisse identificar e

verificar a disponibilidade dessas mulheres para participar do estudo, bem como selecionar quais delas mais se aplicavam aos propósitos da pesquisa.

Assim, antes de aplicarmos o questionário nas integrantes do clube, entramos em contato com as quatro mediadoras do Leia Mulheres Rio de Janeiro no dia 24 de outubro de 2019, via *instagram*<sup>13</sup>, a fim de nos identificar e apresentar o escopo da pesquisa, de modo a verificar se seria possível realizarmos a dinâmica no dia do encontro, que se daria em 31 de outubro. Dos quatro contatos realizados, apenas uma retornou, colocando-se à disposição para contribuir para o estudo e comunicar as demais mediadoras sobre a proposta. A partir daí, ela propôs que, antes de seguirmos diretamente para a aplicação do método, nos encontrássemos com as demais mediadoras para explicarmos melhor o intuito da pesquisa; mediante nossa concordância, marcamos o encontro para o mesmo dia do evento, em uma cafeteria em frente à Blooks Livraria, onde se dão todas as reuniões do clube.

Das quatro mediadoras no Rio de Janeiro, apenas três puderam comparecer. Em nosso encontro, após explicar os objetivos da pesquisa e como se daria a aplicação do questionário de identificação, as mediadoras acharam a ideia interessante e concordaram em contribuir para o estudo, mas tinham algumas preocupações: a primeira delas era a de que o projeto Leia Mulheres havia se expandido de forma significativa desde o momento de sua criação, em 2015, ocasionando a publicação de muitos trabalhos sobre a temática, de modo que seria interessante mandarmos um *e-mail* para o clube fundador, Leia Mulheres São Paulo, manifestando o nosso interesse em utilizar o Leia Mulheres Rio de Janeiro como parte do objeto de estudo da pesquisa de dissertação. Basicamente, o *e-mail* consistiria em dizer que ainda não havíamos prosseguido com a pesquisa de campo no clube, mas que tínhamos conversado com as mediadoras no Rio de Janeiro e estávamos avisando sobre a nossa intenção de realizar intervenções empíricas nesse espaço. O *e-mail* foi enviado no dia 5 de novembro de 2019 (APÊNDICE C), o qual obtivemos concordância por parte do Leia Mulheres São Paulo; a segunda preocupação, um pouco mais sensível e complexa, era com as participantes do grupo. De modo geral, as mediadoras não viram problema em nos conceder entrevistas; contudo, em relação à aplicação do questionário nas demais integrantes, afirmaram que as discussões, em muitas vezes, envolvem o compartilhamento de relatos íntimos e pessoais, de modo que era fundamental garantir que a pesquisa não prejudicaria a integridade dessas mulheres, bem como não as exporia ou se utilizaria de suas falas para fins

---

<sup>13</sup> A opção de contatar as mediadoras através desta rede social se dá em razão da ausência de outra forma de contato. Assim, uma vez que as identificamos por meio do site Leia Mulheres, optamos por busca-las no *instagram* e traçar a comunicação.

comerciais. Mediante essa questão, mencionamos a aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a ser assinado pelas participantes que concordassem em responder ao questionário e participar das demais etapas do estudo, de modo a garantir que a pesquisa não ofereceria risco à sua integridade, que os dados pessoais seriam anonimizados e utilizados estritamente para finalidades acadêmicas.

Além disso, dado o esclarecimento em relação às questões éticas, as mediadoras, tendo por base suas experiências com o clube e o conhecimento prévio sobre algumas das participantes, propuseram uma abordagem alternativa para a realização do método: ao invés de seguirmos o nosso propósito inicial de aplicar o questionário em todas as participantes do grupo para depois selecionar as que mais se adequavam aos objetivos da pesquisa (o que acabaria por incorrer, de certa forma, em critérios subjetivos de seleção), elas se ofereceram a nos apresentar algumas mulheres que poderiam contribuir de modo significativo para a pesquisa.

Esta ideia parte de duas noções centrais: 1) para que não fizéssemos uma seleção aleatória ou subjetiva das mulheres a serem entrevistadas, tendo por base apenas as nossas observações e as informações básicas de identificação expostas no questionário, as mediadoras quiseram nos mostrar quem eram as mulheres que participavam sempre das reuniões, que já eram conhecidas e mais ativas nas discussões do grupo, pressupondo que as mesmas estariam mais inclinadas à contribuir para a pesquisa; 2) preocupando-se novamente com as integrantes do clube, as mediadoras sugeriram nos apresentar às mulheres leitoras ao invés de aplicarmos o questionário no grupo todo, uma vez que essa dinâmica poderia vir a intimidar as participantes e, eventualmente, fazer com que se sentissem observadas durante todo o encontro; além da perda da confiança que nos era essencial para dar continuidade à pesquisa, tal atitude poderia inibi-las de darem suas opiniões ao decorrer das discussões.

Desse modo, no mesmo dia do encontro, findada a reunião, as mediadoras nos apresentaram seis mulheres previamente selecionadas por elas, as quais nos permitiram explicar os propósitos da pesquisa e verificar sua disponibilidade e interesse em participar. A partir daí, aplicamos o questionário fechado (APÊNDICE B) em nove mulheres, sendo três mediadoras e seis participantes, através do qual pudemos coletar dados preliminares de identificação, como nome, sexo, gênero, faixa etária, endereço, escolaridade, ocupação, renda mensal familiar e concordância em contribuir como voluntária para o estudo, nos permitindo mapear quais mulheres mais se adequavam aos nossos intuítos. Todas as leitoras em que aplicamos o questionário assinaram o TCLE (APÊNDICE F).

Das nove mulheres previamente selecionadas, entramos em contato com seis leitoras, partindo do critério mencionado anteriormente e totalizando, portanto, seis entrevistas. A orientação empregada para definir a quantidade das entrevistas realizadas se dá em razão da longa duração dos relatos baseados nos pressupostos da história de vida; ainda que, neste estudo, utilizemos a técnica da história de vida tópica (consideravelmente mais objetiva e menos longa), foi necessário reduzirmos o número das entrevistas para seis, de modo a possibilitar a realização de uma análise satisfatória dos dados coletados no espaço-tempo da pesquisa.

Para selecionar quem seriam as seis mulheres entrevistadas, optamos por contemplar as mediadoras e participantes do Leia Mulheres que apresentavam idades, ocupações, bairros e rendas mensais mais diferentes possíveis entre si, apesar das similaridades de condições socioeconômicas apresentadas em suas respostas no questionário. Nesse ponto, partimos da noção de que esses aspectos nos permitem vislumbrar contextos de vida e perspectivas distintas sobre como essas mulheres se relacionam com as experiências e os clubes de leitura, nos relevando inúmeros potenciais de transformação.

Assim, no dia 6 de novembro de 2019, entramos em contato, via *e-mail*, com as seis mulheres selecionadas (APÊNDICE D), convidando-as a participar da pesquisa como voluntárias. Na ocasião, recebemos o retorno positivo de quatro delas: uma nos informou que não poderia realizar a entrevista pessoalmente e, sobre a segunda, tivemos dificuldade em encontrar um horário disponível para realizarmos a entrevista. Com isso, em 2 de dezembro de 2019, entramos em contato com as demais mulheres selecionadas, recebendo o retorno de uma delas, que concordou em participar do estudo. Contamos, ao final, com cinco entrevistas: duas realizadas com as mediadoras e três com as participantes do Leia Mulheres.

A partir daí, agendamos as entrevistas para dias e horários disponíveis tanto para a pesquisadora quanto para as entrevistadas. As entrevistas foram realizadas pessoalmente entre novembro de 2019 e janeiro de 2020, em cafeterias na Zona Sul e no Centro da cidade o Rio de Janeiro. Quatro entrevistas transcorreram nos dias 12, 14, 21 e 22 de novembro, enquanto uma ocorreu em 6 de janeiro de 2020, de acordo com a disponibilidade da entrevistada. Para realizar as entrevistas, utilizamos os gravadores do celular, mediante a autorização das entrevistadas por meio do TCLE (APÊNDICE G); o relato de cada uma das entrevistadas foi transcrito ao decorrer do mês de dezembro de 2019, sendo a última entrevista transcrita em janeiro de 2020.

As cinco entrevistas duraram, em média, 35 minutos. Em todos os encontros, o protocolo de atuação foi semelhante: breve contextualização sobre a pesquisa; explicação

sobre a condução das entrevistas; e apresentação do TCLE, informando sobre a técnica de coleta de dados, a gravação e a anonimização dos dados pessoais fornecidos. Após os devidos esclarecimentos, iniciamos as entrevistas, nas quais as entrevistadas falaram livremente sobre suas relações com a leitura. Interferimos de maneira pontual sempre que necessário, seja para reconduzir as entrevistas, de modo a não dispersá-las de nosso foco central, interagir para deixá-las mais confortável ou para elucidar alguns pontos não compreendidos. Ainda, tentamos não induzir as entrevistadas às respostas que seriam mais interessantes ao estudo, evitando propor alternativas para as perguntas realizadas ou sugerir alguma linha de raciocínio.

Em relação à estruturação das entrevistas, o próprio instrumento de coleta de dados pressupõe que a entrevistada fale livremente sobre o tópico de nosso interesse – qual seja sua relação com a leitura. Contudo, com vistas a tornar as narrativas mais flexíveis e dinâmicas, bem como deixar as leitoras mais à vontade para discorrer sobre suas relações com a leitura, elaboramos um roteiro (APÊNDICE E) que nos permitiu deixar as entrevistadas falarem livremente sobre suas experiências de leitura e, ao mesmo tempo, interferir sempre que necessário para reconduzir os relatos. Vale mencionar que, ainda que as entrevistas contemplem um tema central, o roteiro tem como intuito principal introduzir algumas abordagens específicas que buscam mesclar dados sobre as histórias de vida dessas mulheres e sua formação como leitora, bem como suas relações e experiências com os clubes de leitura. Por trás do roteiro, circundam as noções teóricas que envolvem os conceitos estabelecidos no referencial teórico, de modo a servir, nos processos de análise dos dados, como instrumento de orientação construído *a priori* para a elaboração de categorias analíticas.

Com base no questionário previamente aplicado, através do qual coletamos dados preliminares de identificação, dividimos o roteiro de entrevista de história de vida tópica em dois eixos centrais, sendo o primeiro voltado para a análise do desenvolvimento das trajetórias de leitura das entrevistadas e o segundo para suas vivências no clube de leitura. Além disso, uma vez que as entrevistas seriam realizadas tanto com as mediadoras como com as participantes do Leia Mulheres Rio de Janeiro, optamos por incluir dois tópicos no roteiro direcionados às organizadoras, quais sejam o “Funcionamento e dinâmica dos clubes” e “Critérios de seleção dos títulos”, com vistas a conhecer, do ponto de vista de quem organiza os encontros, um pouco mais a natureza e as dinâmicas desse *locus*; os dados coletados desses dois últimos tópicos foram utilizados para acrescentar àqueles levantados durante os processos de ambientação nos estudos de campo, bem como para compor o campo empírico.

Assim, totalizamos 16 tópicos contemplados no roteiro:

- Histórias de leitura, cujo foco está em analisar e compreender a formação e o desenvolvimento das entrevistadas como leitoras:

- **Principais influências de leitura**

- Proposta: identificar quais foram as principais influências no desenvolvimento de leitura das entrevistadas;
- Referenciais teóricos: Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
- Fundamentação teórica: as influências no desenvolvimento de leitura das entrevistadas estão associadas às relações traçadas com pessoas, objetos e/ou espaços que, à luz de seus contextos, circunstâncias de aproximação com o ato de ler e subjetividades em um dado espaço-tempo, podem despertar o interesse pela leitura e impactar na forma em que se relacionam com os artefatos informacionais e lhes atribuem sentido e significado.

- **Objetivos de leitura**

- Proposta: verificar os objetivos que circundam as experiências de leitura das entrevistadas, isto é, as razões que as levam ao ato de ler;
- Referenciais teóricos: Dumont (1998); Petit (2009, 2013, 2019);
- Fundamentação teórica: os objetivos que circundam os atos de leitura das entrevistadas contribuem para a análise e compreensão sobre as circunstâncias nas quais essas experiências encontram-se inseridas, bem como a maneira como as entrevistadas as significam.

- **Desenvolvimento das preferências de leitura**

- Proposta: analisar o desenvolvimento das preferências de leitura das entrevistadas ao longo de suas trajetórias como leitoras;
- Referenciais teóricos: Dumont (1998); Petit (2009, 2013, 2019);
- Fundamentação teórica: as preferências de leitura das entrevistadas estão associadas às relações traçadas sobre e a partir das experiências com um artefato, nas quais, influenciadas por seus contextos de vida, subjetividades e circunstâncias do ato de ler, determinam a maneira como se sentem em relação a esse mesmo artefato (se vão gostar, se identificar ou não com essa obra ou tipo de leitura) e, por sua vez, o significa. Desse modo, analisar o desenvolvimento das preferências de leitura dessas leitoras nos permite compreender de que modo

estabelecem relações com as experiências de leitura e como essas conexões são transpostas para as práticas informacionais transcorridas no Leia Mulheres.

- **Marcos no desenvolvimento de leitura das entrevistadas**

- Proposta: identificar obras ou tipos de leitura que tenham marcado as entrevistadas;
- Referenciais teóricos: Dumont (1998); Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
- Fundamentação teórica: os marcos desses artefatos nas entrevistadas são influenciados não apenas por seus contextos e subjetividades em um dado espaço-tempo, como também pelos sentidos e significados conferidos, de forma simbólica, a períodos de suas existências nos quais esses artefatos tiveram importância, isto é, foram ao encontro de algo que tocou seu âmago e fez sentido; no qual puderam se identificar e relacionar esses momentos de suas vidas, de alguma forma, ao exposto nesses materiais (seja de maneira intrínseca, relacionado ao conteúdo da obra, ou extrínseca, associado à relevância que aquela obra ou tipo de leitura exerceram em períodos de suas vidas). Esses aspectos estabelecem os modos de apropriação e uso desses artefatos e dos saberes daí retirados em suas vivências.

- **Sensações advindas das práticas de leitura individuais**

- Proposta: investigar as sensações despertadas nas entrevistadas ao decorrer de suas experiências individuais de leitura;
- Referenciais teóricos: Budd (2005); Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
- Fundamentação teórica: as experiências de leitura despertam nas leitoras sensações influenciadas por seus contextos, subjetividades e circunstâncias em que se dá o ato de ler em momentos distintos de sua existência. São essas sensações, evocadas pela leitura de uma dada obra, que permitem a construção de uma realidade própria em torno do objeto lido e, com isso a atribuição de sentido e significado, de modo a impactar nos saberes apropriados durante os processos de leitura e em como estes constituem potenciais de transformação pessoal.

- **Lembranças especiais com a leitura**

- Proposta: identificar as lembranças especiais das entrevistadas relacionadas às experiências de leitura ao longo de suas vidas;

- Referenciais teóricos: Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
  - Fundamentação teórica: as lembranças das entrevistadas com as experiências de leitura estão imbuídas em relações traçadas intersubjetivamente com o mundo ao redor, estando fundamentadas em seus contextos, subjetividades e circunstâncias em que se dá o ato de ler em um dado espaço-tempo. Essas recordações representam uma série de sentidos e significados atribuídos a períodos de suas existências (associadas à momentos, pessoas ou espaços) em que o ato de ler ou o objeto livro, por alguma razão, assumiram relevância central; quando da interação com um material de leitura que desperte essas leitoras para a recordação desses momentos, essas experiências evocam lembranças até então armazenadas, mas talvez não reconhecidas por sua consciência, possibilitando a atribuição de sentido e significado ao que foi lido. Esses aspectos podem vir a impactar na influência que essas experiências exerceram em momentos determinantes de suas vidas a ponto de possibilitar vislumbres de potenciais de transformação.
- Vivências nos clubes de leitura, voltado para a compreensão das experiências de mulheres leitoras nesses espaços e como interagem com as práticas informacionais que ali se desenrolam:
- **Como chegaram ao Leia Mulheres Rio de Janeiro**
    - Proposta: verificar de que forma as entrevistadas chegaram ao Leia Mulheres Rio de Janeiro, seja como participantes ou mediadoras;
    - Referenciais teóricos: Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
    - Fundamentação teórica: a aproximação das entrevistadas ao Leia Mulheres está vinculada às relações estabelecidas com a leitura ao longo de suas vidas, influenciadas por suas subjetividades e contextos, que orientam a maneira como chegaram e interagem com o clube.
  - **Razão para se reunir para debater sobre uma obra**
    - Proposta: verificar a razão das entrevistadas para se reunir com outras leitoras para discutir sobre uma obra, isto é, porque acreditam que essas mulheres se reúnem para debater em torno de um determinado texto;
    - Referenciais teóricos: Bourdieu (2004); Budd (2005); Roubakine (1998); Twomey (2007);



- Fundamentação teórica: entender de que forma as razões que circundam a reunião das entrevistadas com outras leitoras para debater sobre um determinado texto possibilitam a discussão desses artefatos – escritos exclusivamente por autoras mulheres – como um meio de entender não apenas a si mesmas, como também a realidade que as cerca, incluindo a posição ocupada por elas mesmas e por outras mulheres nessa mesma realidade (concebida a partir de sua condição como sujeito historicamente oprimido e restrito dos processos de produção, circulação e apropriação de saberes). Esses aspectos nos permitem compreender de que maneira as experiências de leitura compartilhadas podem vir a propiciar a apropriação de saberes a serem aplicados para a reconstrução e ressignificação de si mesmas, de modo a expandir os potenciais de transformação pessoal.

- **Motivação para participar dos encontros**

- Proposta: identificar as motivações que circundam a participação das entrevistadas no Leia Mulheres, seja como frequentadoras ou mediadoras;
- Referenciais teóricos: Budd (2005); Petit (2009, 2013, 2019); Souza (2017, 2018);
- Fundamentação teórica: a motivação das entrevistadas para participar do Leia Mulheres Rio de Janeiro está associada às relações construídas com a leitura ao longo de suas vidas, baseadas em seus contextos, subjetividades e circunstâncias em que se dá a aproximação com o clube. Analisar essas motivações nos permite vislumbrar sob quais condições as dinâmicas aí transcorridas se relacionam com elas, de modo a compreender como interagem com esse espaço e produzem significado aos e sobre os elementos que o compõem, configurando potenciais para pensarem ou repensarem seu próprio eu e a realidade que as cerca.

- **Funcionamento e dinâmica dos clubes (apenas para as mediadoras)**

- Proposta: compreender de que modo se desenrolam as práticas informacionais no Leia Mulheres, bem como compor o campo empírico do estudo através dos relatos das entrevistadas;
- Referenciais teóricos: Marteleto (1995); Saldanha (2014);
- Fundamentação teórica: as reflexões sobre espaços alternativos de produção, circulação, mediação e apropriação de saberes, à luz das quais posicionamos os clubes de leitura, nos permitem entender sob quais condições se desenrolam as práticas informacionais nesses ambientes. Podemos vislumbrar o funcionamento

e as dinâmicas do clube a partir da noção de que esses espaços estão inseridos em uma cultura informacional, sendo compostos por um conjunto de microgrupos distintos, que se reúnem em torno de uma materialidade (objeto livro), sendo permeadas, em sua macroestrutura, pelos discursos e vivências das participantes.

- **CrITÉRIOS de seleção dos títulos (apenas para as mediadoras)**

- Proposta: identificar com os critérios que circundam a seleção dos títulos a serem discutidos no Leia Mulheres, bem como compor o campo empírico do estudo através dos relatos das entrevistadas;
- Referenciais teóricos: Bourdieu (2004);
- Fundamentação teórica: os critérios de seleção dos títulos estão circunscritos em redes simbólicas, fundamentadas nos discursos presentes nos contextos de vida das mediadoras. Essas escolhas partem de suas histórias de vida, experiências e vivências com a leitura e com os caminhos que as levaram à leitura; baseiam-se, portanto, em uma rede de concepções inconscientes, que orientam o que desejam ler, suas opiniões e o que esperam das obras a serem discutidas.

- **Dinâmicas das reuniões permitem o diálogo, a troca, o trato igualitário**

- Proposta: verificar se as dinâmicas transcorridas no Leia Mulheres possibilitam o diálogo igualitário por entre suas participantes, permitindo às entrevistadas se sentirem à vontade para se expressar e manifestar suas opiniões;
- Referenciais teóricos: Marteleto (1995); Saldanha (2014); Souza (2017, 2018);
- Fundamentação teórica: a partir da noção de que os clubes de leitura oferecem dinâmicas igualitárias de compartilhamento de experiências de leitura, nas quais todas as participantes têm a chance e se sentem confiantes para manifestarem suas opiniões e se expressarem, as leitoras acabam por se sentirem acolhidas e estabelecerem relações simbólicas com esse espaço e os elementos que o compõe, de modo a significar e apropriar saberes das experiências aí vivenciadas.

- **O que pensavam e pensam das discussões nos encontros do clube**

- Proposta: analisar as concepções das entrevistadas sobre as dinâmicas e discussões desenroladas nos clubes de leitura antes de participar do Leia Mulheres e o que pensam agora que o frequentam;

- Referenciais teóricos: Budd (2005); Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
  - Fundamentação teórica: as concepções das entrevistadas sobre as discussões e dinâmicas transcorridas nos clubes de leitura antes de frequentá-los e após sua participação são reflexos de suas subjetividades, contextos e das circunstâncias em que essas impressões foram formadas em um dado espaço-tempo. Essas opiniões estabelecidas *a priori* podem ser corroboradas, rejeitadas ou ressignificadas a partir de sua participação no clube, influenciando na maneira como se relacionam com esse espaço e os elementos que o compõem. Nesse sentido, entendemos que o potencial de apropriação de saberes a partir das práticas informacionais desenroladas no Leia Mulheres está associado à forma como as entrevistadas pensam as dinâmicas e discussões ali transcorridas, que influenciam nos sentidos e significados que lhe são atribuídos e se vão apropriar muito ou pouco do que é debatido ali. Especificamente no que se refere às possibilidades de discussões nesse espaço sobre a mulher, entender as impressões das entrevistadas sobre esses aspectos pode lançar luz ao potencial desses debates para que essas leitoras reflitam tanto sobre a questão da mulher na sociedade como um todo quanto sobre si mesmas, de modo a influenciar na maneira em que aplicam os saberes daí apropriados em suas próprias vivências.
- **Mudança nas preferências de leitura a partir dos encontros do clube**
    - Proposta: analisar se e de que forma as preferências de leitura das entrevistadas se modificaram a partir de sua participação no Leia Mulheres;
    - Autor e autora centrais: Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
    - Fundamentação teórica: a diversidade das temáticas contempladas pelos textos lidos e discussões desenroladas no Leia Mulheres podem vir a despertar o interesse das participantes para tipos de leitura até então não considerados. Essas preferências dialogam centralmente com as circunstâncias em que ocorrem os encontros do clube e com a subjetividade e o contexto das leitoras nesse espaço-tempo. Nesse sentido, uma obra discutida, não considerada até então como interesse de leitura, pode vir a dialogar com alguma situação que a leitora esteja vivenciando, de modo a evocar sensações que a permitam atribuir sentido e significado a esses artefatos e, com isso, apropriar saberes que podem ser aplicados em suas vivências de inúmeras formas.

- **Sensações advindas das práticas de leitura compartilhadas**

- Proposta: identificar as sensações despertadas nas entrevistadas ao longo do compartilhamento de suas experiências de leitura nos encontros do Leia Mulheres;
- Referenciais teóricos: Budd (2005); Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
- Fundamentação teórica: as relações intersubjetivas traçadas nos clubes de leitura, bem como os elementos que os compõem, quando associadas às experiências individuais de leitura das entrevistadas, permitem a evocação de sensações que dialogam aquelas despertadas durante a leitura subjetiva com as novas suscitadas a partir de seu compartilhamento. Essas sensações são despertadas a partir das discussões de obras que dialogam com algum nível de seu contexto e subjetividade em um dado espaço-tempo, permitindo atribuir sentido e significado à essas experiências e apropriar saberes que, aplicados em suas vivências, podem vir a constituir potenciais de transformação pessoal.

- **Lembranças especiais com a vivência no Leia Mulheres Rio de Janeiro**

- Proposta: analisar as lembranças especiais das entrevistadas relacionadas às suas vivências no Leia Mulheres;
- Referenciais teóricos: Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
- Fundamentação teórica: as lembranças das vivências com o Leia Mulheres evocadas nas entrevistadas estão permeadas pelas relações estabelecidas com o clube e os elementos que o compõem, representando os sentidos e significados atribuídos ao seu espaço e às experiências de leitura aí compartilhadas. Um determinado relato oral sobre a leitura ou a vida, uma determinada obra ou experiência de leitura, quando evocada durante as dinâmicas desenroladas nesses espaços, podem dialogar com algum nível da subjetividade e contexto de vida das entrevistadas que, à luz das circunstâncias atuais de leitura, despertam recordações de acontecimentos de sua existência que, por alguma razão, dialogam com a experiência vivenciada no clube naquele momento. Analisar as lembranças das entrevistadas com o Leia Mulheres nos permite entender de que forma estabelecem relações simbólicas com esse espaço e atribuem sentido e significado às experiências de leitura aí compartilhadas, evidenciando a maneira como estas influenciam no potencial de transformação pessoal daí retirado.

Nesse contexto, vale mencionar que, embora tenhamos elaborado um roteiro para orientar a condução das entrevistas, não seguimos à risca sua ordenação, uma vez que os tópicos eram abordados pelas entrevistadas a partir do fluxo das narrativas. Uma vez que partimos da proposta de deixa-las relatar livremente sua relação com a leitura, os tópicos apontados no roteiro eram inseridos sempre que necessário e de acordo com o contexto das falas das entrevistadas. Portanto, cabe-nos ressaltar que a ordenação dos tópicos foi apenas uma orientação lógica elaborada *a priori* para conduzir as entrevistas.

Abaixo, apresentamos um quadro que exemplifica os processos de construção do instrumento de coleta de dados:

**Quadro 1** – Processo de construção do instrumento de coleta de dados

<b>Etapas</b>	<b>Período</b>	<b>Descrição</b>	<b>Estratégias selecionadas</b>
Seleção do tipo de entrevista	Set. 2019.	Entrevistas semiestruturadas, baseadas nos aportes da história de vida tópica	Entrevistas de relatos de vida, nas quais as entrevistadas narram suas histórias de vida e como se relacionam com a leitura.
Ambiência nos estudos de campo	Out./Nov. 2019	Incurção empírica nos encontros de outubro e novembro do Leia Mulheres Rio de Janeiro	Práticas de observação como técnica complementar ao método principal, com vistas a entender a natureza e as dinâmicas do clube e identificar possíveis mulheres leitoras a serem entrevistadas para a pesquisa
Seleção dos sujeitos	Out. 2019	Mediadoras e participantes do clube de leitura Leia Mulheres Rio de Janeiro	Incurções empíricas no encontro de outubro do Leia Mulheres, através da aplicação de questionário fechado em 3 mediadoras e 6 participantes
Condução das entrevistas	Nov. 2019	Roteiro de entrevista, baseado em dois eixos centrais: histórias de leitura e vivência nos clubes	Apenas uma pergunta geral e aberta, que visa deixar a entrevistada falar livremente sobre sua história com a leitura. Sempre que necessário, introduzimos abordagens específicas para redirecionar os relatos de acordo com nossos interesses de pesquisa.
Realização das entrevistas	Nov. 2019/Jan. 2020	Cinco entrevistas semiestruturadas, baseada nos pressupostos da história de vida tópica	Utilização de celular para as gravações de áudio das entrevistas
Transcrição das entrevistas	Jan. 2020	Transcrição das entrevistas	Transcrição realizada no computador a partir das gravações
Armazenamento	Nov. 2019/Jan. 2020	Armazenamento das transcrições e áudios dos dados coletados a partir das entrevistas realizadas com as leitoras	Cada entrevista terá uma identificação própria para sua transcrição e áudio correspondentes, sendo salvas em pastas no <i>notebook</i> , <i>pen drive</i> e na nuvem ( <i>Google Drive</i> )
			As entrevistas serão identificadas pela sua ordem de ocorrência, seguidas de sua numeração correspondente e data de realização (Entrevista1_data; Entrevista2_data)
			Dados coletados em formato físico e eletrônico. O primeiro consistirá dos termos de compromisso assinados pelas entrevistadas e o segundo dos áudios e das transcrições das entrevistas
Memória dos dados de pesquisa	Nov. 2019/Jan. 2020	Celular, nuvem ( <i>Google Drive</i> ), <i>pendrive</i> e <i>notebook</i> para não perder os dados das entrevistas	Escolhemos quatro opções de armazenamento para garantir que, caso haja algum problema em um desses suportes, já tenhamos outro

Ética e privacidade	Dez. 2019/Jan. 2020	Anonimização dos dados das entrevistas, para assegurar a confidencialidade da identidade das participantes	TCLE assinado por cada entrevistada, que garante a utilização dos dados das entrevistas para fins acadêmicos e garante a não divulgação de dados pessoais nem quaisquer informações que possam vir a revelar a identidade das entrevistadas
			Digitalização dos TCLE assinados pelas entrevistadas, não sendo os mesmos divulgados
			Os TCLE serão anexados na mesma pasta eletrônica onde se encontram as transcrições das entrevistas e os áudios
			As entrevistadas serão nominadas, na pesquisa, por Entrevistada 1, Entrevistada 2 etc.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

De modo geral, não encontramos muitas dificuldades para o desenvolvimento do estudo. Os principais contratemplos estão na conciliação de horário entre pesquisadora e entrevistada para a realização das entrevistas, bem como os esforços para não deixá-las fugir ao tema da pesquisa e nem induzi-las às respostas que seriam mais interessantes ao estudo.

Durante as entrevistas, as leitoras sentiram-se à vontade para nos relatar suas experiências de leitura e aspectos de suas vivências que se relacionam com suas trajetórias de leitura, de modo que muitas lembranças de suas vidas, de trechos e obras que as marcaram eram trazidas à tona de formas variadas, à medida em que os tópicos eram mencionados e, até mesmo, em partes distintas das entrevistas, quando algumas lembranças eram retomadas. Uma vez que o próprio método estabelecido para a coleta de dados pressupõe adentrar nas vivências e histórias de vida das entrevistadas para entender como se relacionam com as experiências de leitura, muitos de seus relatos envolvem não apenas suas relações atuais com o ato de ler, como também períodos em que a leitura desempenhou relevância central, isto é, que as marcaram de alguma forma e, por isso, foram evocados no momento da entrevista, orientando o espaço-tempo dos dados oferecidos. Por essa razão, em alguns momentos, as entrevistas funcionaram como uma espécie de “terapia”, uma vez que tratavam de temáticas que faziam as leitoras recordarem períodos difíceis de suas vidas, de modo que muitas delas nos relataram, até mesmo, aspectos íntimos de suas vivências, que se relacionam com suas experiências de leitura. Seus depoimentos relacionam-se, portanto, às suas histórias de vida e, nesse contexto, às lembranças que lhes vinham à mente quando um tópico era mencionado, estando envolvidas em uma série de recordações e vivências simbólicas que podem ter passado despercebidas por sua consciência ao longo de suas vidas, mas são retomadas no momento da entrevista ao evocar elementos que dialogam diretamente com seus contextos e subjetividades. É por essa razão que os dados extraídos do *corpus* de análise, constituído pelas transcrições das entrevistas realizadas com cinco leitoras integrantes do Leia Mulheres Rio de

Janeiro, centralizam-se em aspectos que nos permitiram identificar e articular os potenciais de transformação pessoal que nos interessa alcançar, orientando e, até mesmo, reorientando nossos olhares sobre o próprio movimento teórico-metodológico do estudo.

Nesse sentido, no que se refere ao processo de análise de dados, uma vez que os relatos das entrevistadas apresentam elementos particulares e subjetivos, foi preciso realizar um exame minucioso da transcrição das entrevistas, na qual identificamos semelhanças e divergências entre as narrativas e delimitamos as categorias de análise tendo como orientação os discursos das leitoras, o referencial teórico e os tópicos elencados no roteiro de entrevista de história de vida tópica. É interessante destacar que, ao decorrer desse processo, os dados analisados nas entrevistas reconfiguraram algumas de nossas hipóteses iniciais e delineamentos teóricos, de modo que alguns tópicos do roteiro, estabelecidos *a priori* como instrumento norteador para a elaboração de categorias analíticas, foram revisados e delimitados, restando alguns apenas como orientação teórica para a construção de novas categorias.

Esse movimento metodológico do estudo percorrido a partir dos dados emanados do *corpus* responde pela demarcação de novos olhares direcionados tanto às entrevistas quanto às articulações teóricas propostas. Desse modo, durante os processos de análise e discussão, alguns dos dados oferecidos pelas entrevistadas que se enquadram nos tópicos do roteiro estabelecidos *a priori*, previamente categorizados e delimitados como categorias analíticas (variáveis), se antes nos eram centrais, receberam posteriormente novos contornos à luz das reconfigurações das hipóteses. Por essa razão, em algumas das categorias de análise apresentadas, optamos por utilizar a variável “não identificado” para representar os dados mencionados nas entrevistas, mas que deixaram de corresponder diretamente ao propósito central da pesquisa.

Desse modo, os tópicos do roteiro Principais influências de leitura; Objetivos de leitura; Sensações advindas das práticas de leitura individuais; Marcos no desenvolvimento de leitura das entrevistadas; Lembranças especiais com a leitura; Como chegaram ao Leia Mulheres Rio de Janeiro; Motivação para participar dos encontros; O que pensavam e pensam das discussões nos encontros do clube; Sensações advindas das práticas de leitura compartilhadas; e Lembranças especiais com a vivência no Leia Mulheres Rio de Janeiro assumem, respectivamente, as seguintes configurações nas categorias de análise: Influências; Objetivos; Sensações individuais (sensações despertadas nas experiências de leitura individuais); Marcos de leitura; Leituras subjetivas (lembranças das entrevistadas relacionadas ao seu desenvolvimento como leitoras); Aproximações; Motivações; Visões de mundo

(impressões sobre os clubes de leitura antes de participar do Leia Mulheres Rio de Janeiro) e Interpretações (impressões sobre os encontros do Leia Mulheres Rio de Janeiro); Sensações compartilhadas (sensações despertadas nas experiências coletivas de leitura); e Lembranças intersubjetivas (lembranças das vivências das leitoras no Leia Mulheres Rio de Janeiro).

Os demais tópicos do roteiro, por não corresponderem diretamente às reconfigurações de nossas hipóteses iniciais, foram utilizados como orientação teórica para a construção de outras categorias de análise. É o caso dos tópicos Desenvolvimento das preferências de leitura; Mudanças nas preferências de leitura; Razão para se reunir para debater sobre uma obra, Dinâmicas das reuniões permitem o diálogo, a troca, o trato igualitário, Funcionamento e dinâmica dos clubes e Critérios de seleção dos títulos, que compõem a categoria Interpretações (impressões sobre os encontros do Leia Mulheres Rio de Janeiro).

No que se refere às variáveis que integram às categorias de análise formuladas, trouxemos para a etapa de discussões aquelas que mais se adequam ao referencial teórico desenvolvido e às categorias discursivas elencadas, respondendo pelos objetivos centrais da presente pesquisa. As demais variáveis não discutidas restam como parte do processo de análise dos dados coletados a partir das entrevistas com as cinco leitoras do Leia Mulheres.

Quanto à técnica empregada para a apresentação dos dados analisados, optamos por examinar a fala de cada uma das entrevistadas sobre as categorias em detrimento de uma análise geral de seus relatos. Esse critério responde pela necessidade de compreender à fundo seus contextos e subjetividades a fim de verificar as influências em seu desenvolvimento como leitoras e nos sentidos e significados atribuídos às experiências de leitura individuais e compartilhadas, identificando de que forma constituem potenciais de transformação pessoal. As categorias de análise estabelecidas estão distribuídas em tópicos, nos quais apresentamos os relatos de cada uma das entrevistadas sobre a temática abordada; igualmente, o depoimento de cada leitora é precedido por passagens retiradas de suas próprias narrativas, cujas frases simbolizam os aspectos mais marcantes de suas falas sobre a questão tratada.

Além disso, ao final de cada categoria, ilustramos quantitativamente os dados coletados em formato tabular. Essa quantificação responde à uma visualização do que está em discussão na pesquisa qualitativa, sem intuito de obedecer a qualquer princípio estatístico ou afirmar que as respostas obtidas correspondem à realidade macro da sociedade. Trata-se de um critério quantitativo com vistas a abrir uma visão para o plano qualitativo, no qual buscamos organizar e compreender melhor as variáveis formuladas.

As orientações que circundam as categorias de análise seguem apresentadas abaixo:



### ○ **Influências**

- Proposta: analisar quais foram as principais influências no desenvolvimento de leitura das entrevistadas;
- Referenciais teóricos: Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
- Fundamentação teórica: o desenvolvimento de leitura das entrevistadas está circunscrito em uma rede complexa de relações estabelecidas ao longo de suas vidas com pessoas, espaços e objetos que, à luz de seus contextos, subjetividades e circunstâncias de ocorrência do ato de ler em um dado espaço-tempo, lhes despertaram o interesse pela leitura. Essas influências exercem impacto significativo na maneira como essas leitoras vivenciam as experiências de leitura e lhes atribuem sentido e significado;
- Tópico do roteiro de história de vida tópica embasado: principais influências de leitura;
- Variáveis:
  - Família: relações estabelecidas com mãe, pai, tia, bisavó e avó, que circundam objetos informacionais e atos de leitura, como elementos de influência na trajetória de leitura das entrevistadas;
  - Escola: atividades de leitura ou relacionadas à leitura realizadas em aula e acesso à biblioteca escolar como fatores principais de influência;
  - Amizade: indicação de amigos, ainda que não centrais, como uma das influências no desenvolvimento da trajetória de leitura das entrevistadas.

### ○ **Objetivos**

- Proposta: verificar os objetivos que circundam as experiências de leitura das entrevistadas ao longo de suas trajetórias como leitoras;
- Referenciais teóricos: Budd (2005); Dumont (1998); Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
- Fundamentação teórica: à luz dos contextos e subjetividades das entrevistadas, verificar as possibilidades de transformação pessoal através de suas experiências de leitura implica em compreender os objetivos que circundam essas práticas, uma vez que se trata de um dos meios que estabelecem os atos intencionais que orientam os modos de apropriação de um texto, os sentidos e significados que lhe são atribuídos e os saberes daí retirados. Ao investigar as razões que levam as entrevistadas à leitura de uma dada obra, podemos entender as circunstâncias em que se deram essas

experiências e de que forma essas leitoras traçam relações com o que está sendo lido, apropriando saberes que podem vir a ser aplicados em suas vivências;

- Tópico do roteiro de história de vida tópica embasado: objetivos de leitura;
- Variáveis:
  - Lazer: abstração das obrigações sociais, buscar entretenimento, passar o tempo com uma atividade que proporciona prazer; um momento de descanso;
  - Escapismo: fugir, durante as experiências de leitura, de contextos e situações que, em um dado momento da vida das entrevistadas, não as satisfaziam;
  - Lidar com situações difíceis: enfrentar situações difíceis e crises vivenciadas pelas entrevistadas em determinados períodos de suas vidas, ocasionados por doenças, conflitos familiares e pessoais;
  - Obtenção de conhecimento: aprender ou compreender melhor um determinado assunto;
  - Reflexão: refletir e pensar não apenas sobre o conteúdo da obra, como também sobre os contextos que a circundam;
  - Obrigação: cumprir alguma atividade escolar.

○ **Sensações individuais**

- Proposta: identificar as sensações despertadas nas entrevistadas durante as experiências individuais de leitura;
- Referenciais teóricos: Budd (2005); Petit (2009, 2013, 2019), Roubakine (1998);
- Fundamentação teórica: as experiências de leitura das entrevistadas com um dado artefato informacional, ao dialogarem com algum nível de seus contextos, subjetividades e circunstâncias em que se dá o ato de ler em um dado espaço-tempo, evocam, consciente ou inconscientemente, sensações de ordem psíquica, emocional e cognitiva. É a partir dessas sensações, que podem até então estar armazenadas, mas serem pouco ou não reconhecidas por sua consciência, que torna-se possível atribuir sentido e significado aos materiais lidos, nos permitindo entender de que modo essas leitoras apropriam saberes durante os processos mentais transcorridos no ato de ler e potencializam as chances de sua aplicação para transformações pessoais.
- Tópico do roteiro de história de vida tópica embasado: sensações advindas das práticas de leitura individuais;
- Variáveis:

- Identificação: leituras que tocam em algum nível da subjetividade e contexto das entrevistadas, que fazem sentido, de modo a sentirem-se identificadas e reconhecidas na obra lida, seja através das histórias narradas ou das personagens que a integram;
  - Motivação: estímulo para lidar com situações difíceis pelas quais as entrevistadas estejam passando em um dado momento de suas vidas;
  - Prazer: sensação de satisfação, bem-estar e auto realização;
  - Transcendência para outro contexto: criação de um espaço próprio, no qual as entrevistadas envolvem-se com as obras lidas a ponto de sentirem-se parte destas, vivenciando não suas próprias realidades, mas sim o universo das histórias, de modo a romper com a situação atual na qual encontram-se e possibilitar novas construções imaginárias e atividades psíquicas;
  - Entendimento sobre si mesma: sensação despertada a partir do repertório oferecido por uma dada obra (situações, conflitos e emoções vivenciadas pelas personagens semelhantes às suas próprias), que auxilia as entrevistadas a compreenderem aspectos de si mesmas até então não reconhecidos ou pouco compreendidos.
- **Marcos de leitura**
- Proposta: analisar e compreender de que forma os objetos informacionais marcaram as entrevistadas, fundamentando-se nos sentidos e significados atribuídos a momentos de suas existências em que esses artefatos assumiram relevância central;
  - Referenciais teóricos: Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
  - Fundamentação teórica: os modos como os artefatos informacionais e o contato com esses mesmos objetos marcam as entrevistadas estão associados não apenas aos seus contextos e subjetividades, como também aos significados e sentidos conferidos, simbolicamente, a períodos, situações ou vivências nos quais esses materiais assumiram relevância central. Tratam-se de circunstâncias em que essas leitoras puderam se identificar ou relacionar, de alguma forma, determinados momentos de suas vidas a esses artefatos, seja a partir do conteúdo da obra ou ao que essa mesma obra representou em um dado período de sua existência. Esses aspectos nos revelam de que maneira as entrevistadas estabelecem conexões simbólicas com os objetos informacionais e as experiências de leitura e os transferem para os modos de apropriação e uso desses artefatos em suas realidades.

- Tópico do roteiro de história de vida tópica embasado: marcos no desenvolvimento de leitura das entrevistadas;
- Variáveis:
  - Obras que marcaram as leitoras: títulos que marcaram momentos distintos da vida das entrevistadas, seja por meio de relações simbólicas estabelecidas, por alguma razão, com esses materiais, ou pelas influências dessas obras em suas realidades;
  - Descoberta de canais de leitura no *youtube*: canais de leitura na plataforma como marcos nas relações das entrevistadas com a leitura, sobretudo no que se refere aos modos de ler e no desenvolvimento de preferências de leitura.
- **Lembranças subjetivas**
  - Proposta: analisar e compreender as lembranças das entrevistadas referentes às experiências de leitura e/ou aos artefatos informacionais ao longo de suas vidas;
  - Referenciais teóricos: Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
  - Fundamentação teórica: as lembranças das entrevistadas com as experiências de leitura e/ou os artefatos informacionais estão imbuídas em uma rede complexa de formações simbólicas traçadas intersubjetivamente com a realidade ao redor, estando fundamentadas em seus contextos, subjetividades e circunstâncias em que se dá o ato de ler em um dado espaço-tempo. Essas recordações representam uma série de sentidos e significados atribuídos a períodos de suas existências em que o ato de ler ou o objeto livro assumiram relevância central; quando da interação com um material de leitura que desperte essas leitoras para a recordação desses momentos, essas experiências evocam lembranças até então armazenadas, mas talvez não reconhecidas por sua consciência, possibilitando a atribuição de sentido e significado ao que foi lido. A recordação desses momentos quando da leitura de um dado material ou, até mesmo, durante a entrevista, nos revela de que modo as entrevistadas estabeleceram e estabelecem relações simbólicas com a leitura e os objetos informacionais, que impactam diretamente nos modos de uso e apropriação dos saberes daí retirados em suas vivências.
  - Tópico do roteiro de história de vida tópica embasado: lembranças especiais com a leitura;
  - Variáveis:

- Lembranças associadas à momentos difíceis: recordações relacionadas às crises vivenciadas pelas entrevistadas em algum período de suas vidas, no qual a leitura assumiu relevância central ao ajuda-las a lidar com essas situações;
  - Lembranças associadas à infância e adolescência: relação com um dado período da infância e adolescência das entrevistadas em que perceberam seus primeiros interesses pela leitura;
  - Lembranças afetivas: recordações que se relacionam com situações nas quais a leitura e o objeto livro assumiram relevância central ou atuaram como uma espécie de vínculo afetivo das leitoras com pessoas e espaços.
- **Aproximações**
- Proposta: investigar sob quais condições se deu a aproximação inicial das entrevistadas com o Leia Mulheres Rio de Janeiro, seja como participantes ou mediadoras;
  - Referenciais teóricos: Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
  - Fundamentação teórica: a aproximação das entrevistadas com o Leia Mulheres está permeada por uma série de relações traçadas intersubjetivamente com o universo informacional e com os contatos traçados a partir daí ao longo de suas trajetórias de leitura, tendo por base seus contextos e subjetividades em um dado espaço-tempo. Essas relações estabelecidas com objetos, pessoas e espaços, de forma material e simbólica, influenciam na maneira em que essas leitoras interagem com as experiências de leitura, bem como o interesse despertado, por alguma razão, para a participação no clube. Essa aproximação nos revela as conexões estabelecidas com a leitura que as trouxeram àquele espaço, lançando luz nos modos de atribuição de sentido e significado ao Leia Mulheres e na apropriação e uso dos saberes ali produzidos, circulados e mediados.
  - Tópico do roteiro de história de vida tópica embasado: como chegaram ao Leia Mulheres Rio de Janeiro;
  - Variáveis:
    - Atuação na *internet* no universo literário: relações prévias das entrevistadas com o mundo dos livros, seja através da participação como produtoras ou espectadoras de *blogs*, canais de leitura, páginas em redes sociais e eventos literários;

- Indicação de amigas: contato com amigas envolvidas com o universo literário que conheciam a iniciativa do Leia Mulheres Rio de Janeiro e, a partir daí, convidaram as entrevistadas a participar também.
- **Motivações**
- Proposta: analisar e compreender as razões que levam as entrevistadas a participarem dos encontros do Leia Mulheres Rio de Janeiro;
  - Referenciais teóricos: Barstow (2003); Budd (2005); Petit (2009, 2013, 2019); Souza (2017, 2018);
  - Fundamentação teórica: as razões que levam as entrevistadas a participarem dos encontros do Leia Mulheres estão associadas, primordialmente, às relações subjetivas e intersubjetivas construídas em torno da leitura ao longo de suas trajetórias como leitoras, sendo influenciadas pelos contextos, subjetividades e circunstâncias em que o interesse em fazer parte do clube emerge. Desse modo, a partir da concepção dos clubes de leitura como espaços de sociabilidade e compartilhamento de experiências de leitura e de vida, propomos que essa participação pode ser motivada não somente pelo gosto e prazer em debater sobre um texto, mas também como um meio de estabelecer novas interações e vínculos simbólicos, refletir e conhecer novas temáticas e a realidade ao redor e, até mesmo, aprender com e sobre o outro. Analisar esses aspectos nos permite compreender de que maneira as experiências de leitura compartilhadas configuram potenciais de apropriação de saberes e reflexão de seu próprio eu, o outro e a realidade ao redor.
  - Tópicos do roteiro de história de vida tópica embasado: motivação para participar dos encontros;
  - Variáveis:
    - Compartilhar experiências de leitura: compartilhar impressões e interpretações distintas de leitura, de modo a ouvir o que outras leitoras pensam sobre uma dada obra e refletir sobre as opiniões que emergem das discussões;
    - Ler mais obras escritas por mulheres: potencial das discussões sobre textos escritos exclusivamente por mulheres para conhecer e debater sua atuação no cenário editorial e literário como um todo e refletir sobre o porquê de existir uma tendência em ler, comprar e desenvolver projetos de leitura que focam mais nas obras produzidas por homens do que pelas escritoras mulheres;

- Importância dos debates em grupo: relacionado à importância do compartilhamento de ideias em grupo, independentemente da temática, como forma de ampliação das perspectivas tanto sobre a obra discutida como a realidade ao redor, de modo a propiciar a reflexão sobre pontos de vista até então não considerados e o aprendizado a partir dos saberes trocados nesses encontros;
  - Encontrar as amigas: momento em que podem encontrar as amigas para conversar não apenas sobre livros e leitura, mas também sobre a vida;
  - Diversificar os materiais de leitura consumidos: motivação relacionada ao desejo de sair do que consideram sua zona de conforto, isto é, expandir os tipos de obras lidas através de indicações de leitura não reconhecidas ou pouco consideradas ao longo de sua trajetória como leitora.
- **Visões de mundo**
- Proposta: identificar as concepções das entrevistadas sobre as dinâmicas e discussões transcorridas em clubes de leitura antes de participar do Leia Mulheres Rio de Janeiro;
  - Referenciais teóricos: Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);
  - Fundamentação teórica: as impressões das entrevistadas sobre os clubes de leitura antes de integrar o Leia Mulheres partem de experiências estabelecidas previamente com esses espaços, fundamentadas em seus contextos, subjetividades e circunstâncias em que essas opiniões foram formadas em um dado espaço-tempo. Essas percepções estabelecidas *a priori* podem vir a ser corroboradas, rejeitadas ou ressignificadas a partir de sua participação no clube, seja como frequentadora ou mediadora, de modo a influenciar na maneira como concebem e se relacionam com o espaço e atribuem sentido e significado aos elementos que o compõem. As relações daí traçadas impactam diretamente na apropriação dos saberes aí produzidos, circulados e mediados, bem como na aplicação desses mesmos saberes para transformações pessoais.
  - Tópico do roteiro de história de vida tópica embasado: o que pensavam e pensam das discussões nos encontros do clube;
  - Variáveis:
    - Debates desrespeitosos: concepção de que, dependendo do teor das discussões desencadeadas pelas obras lidas, os ânimos pudessem se alterar, de modo a ocasionar conflitos desrespeitosos;

- Ênfase nos aspectos teóricos e políticos da obra: ênfase dos clubes de leitura mais nos aspectos teóricos da obra (sob um viés técnico e especializado) do que nas experiências vivenciadas pelas leitoras durante o ato de ler;
  - Previsibilidade de opiniões: noção de que, ao frequentar um clube de leitura com assiduidade e, por esse motivo, conhecer um pouco da forma como os demais participantes pensam e se comportam, os debates pudessem se tornar previsíveis, isto é, as leitoras já esperariam alguns dos comentários e opiniões que pudessem emergir das discussões;
  - Ideia de intimidação: impressão de que as participantes seriam chamadas a se manifestar durante as discussões, de modo a ter de apresentar opiniões consideradas brilhantes (sob o ponto de vista técnico e literário) sobre as obras lidas;
  - Dinâmica de palestras: concepção de que, nas discussões dos clubes de leitura, as mediadoras seriam as únicas a se manifestarem sobre os materiais lidos e as participantes atuariam apenas como ouvintes;
  - Ênfase nos aspectos literários dos textos: ideia de que os debates transcorridos nos clubes de leitura focassem apenas nos aspectos literários dos textos lidos, como, por exemplo, na construção de personagens e nos gêneros literários;
  - Percepções anteriores semelhantes à sua atuação original: percepção de que as dinâmicas dos encontros do clube seriam da forma como o são.
- **Interpretações**
- Proposta: analisar as impressões das entrevistadas sobre as dinâmicas transcorridas no Leia Mulheres Rio de Janeiro, sobretudo no que se refere à como pensam o ambiente do clube, a manifestação das leitoras, as discussões sobre as obras lidas e se estas permitem refletir sobre a questão da mulher, isto é, sua posição na realidade social;
  - Referenciais teóricos: Bourdieu (2004); Barstow (2003); Budd (2005); Long (2003); Marteleto (1995); Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998); Saldanha (2014); Souza (2017, 2018); Twomey (2007);
  - Fundamentação teórica: as concepções das entrevistadas sobre as dinâmicas transcorridas no Leia Mulheres estão associadas às conexões simbólicas estabelecidas com o espaço e os elementos do clube que, à luz de suas subjetividades, contextos e circunstâncias em que essas impressões foram formadas, influenciam nos sentidos e significados que lhe são atribuídos, bem como nos modos de apropriação dos saberes ali produzidos, circulados e mediados. O ambiente privilegiado dos clubes para o



compartilhamento de diferentes experiências de leitura e de vida oferecem à essas leitoras possibilidades múltiplas de pensar sobre si mesmas, o outro e a realidade ao redor; especificamente no que se refere às discussões sobre a mulher, entender suas opiniões sobre esses aspectos nos revelam o potencial desses debates para que as entrevistadas reflitam tanto sobre a questão da mulher na sociedade quanto sobre si mesmas, de modo a influenciar na maneira em que aplicam os saberes daí apropriados em suas próprias vivências e expandir os potenciais de transformação pessoal.

- Tópico do roteiro de história de vida tópica embasado: o que pensavam e pensam das discussões nos encontros do clube; razão para se reunir para debater sobre uma obra; dinâmicas das reuniões permitem o diálogo, a troca, o trato igualitário; funcionamento e dinâmica dos clubes; critérios de seleção dos títulos;
- Variáveis:
  - Ambiente propício para o compartilhamento de diferentes experiências de leitura: uma vez que o Leia Mulheres reúne leitoras possuidoras de diferentes contextos e subjetividades, as discussões transcorridas no clube permitem vislumbrar opiniões e interpretações diversas sobre os materiais lidos;
  - Questões sobre a mulher não constituem o foco do clube, mas surgem inevitavelmente: as discussões transcorridas no Leia Mulheres não têm como foco principal debater questões sobre a mulher que envolvam aspectos teóricos e especializados sobre o feminismo, mas sim os materiais lidos e as experiências de leitura propriamente ditas; contudo, por tratar-se de um grupo frequentado, em sua maioria, por mulheres que discutem exclusivamente obras de autoria feminina, as discussões perpassam questões sobre sua posição no contexto sociocultural, ainda que o grupo raramente se aprofunde nessas discussões;
  - Discussão sobre o livro como objeto de entretenimento: desejo das leitoras do clube de debater não apenas as questões políticas e sociais tratadas nas obras, mas também se as personagens foram bem construídas, se a história é inspiradora, se puderam se identificar ou não e se esta experiência lhes proporcionou momentos de lazer;
  - Compartilhamento de vivências pessoais: ao relatarem suas experiências de leitura, as leitoras sempre trazem aspectos de suas vivências e histórias de vida que, por alguma razão, se relacionam com as obras lidas;
  - Oportunidades de aprendizado: o clube configura um espaço privilegiado de aprendizado, uma vez que congrega pessoas com diferentes contextos de vida e

visões de mundo, de modo a propiciar debates igualmente distintos sobre os materiais lidos e expandir as possibilidades de as leitoras aprenderem com as ideias circuladas;

- Possibilidades de reflexão: as dinâmicas transcorridas no Leia Mulheres contemplam debates que transcendem o conteúdo das obras lidas, de modo a permitir o aprofundamento das percepções e reflexões sobre um determinado assunto, bem como pensar sob perspectivas distintas até então não reconhecidas ou consideradas pelas entrevistadas;
- Preocupação com a fala e escuta das participantes: preocupação em fazer com que todas as participantes que desejam expressar suas opiniões possam se manifestar, de modo a não deixar que alguém monopolize a fala e que as leitoras saibam que podem ser ouvidas e que seus depoimentos e opiniões são dignos de ser compartilhados;
- Diminuição do caráter intimista das reuniões: o aumento da quantidade de participantes do Leia Mulheres acaba por fazer com que a sensação de proximidade, bem como o espaço de fala, diminua, uma vez que muitas leitoras sentem-se envergonhadas em manifestarem-se em público;
- Incipiência de opiniões políticas e sociais diversificadas: apresentação de visões e pensamentos semelhantes no que se refere às questões políticas que surgem nas discussões sobre uma dada obra, de modo que as mesmas acabam por não crescer tanto como debate, isto é, no sentido de contemplar perspectivas distintas sobre uma mesma temática;
- Ausência de um caráter surpreendente: conhecimento, em algum nível, do comportamento e das formas de pensar de determinadas leitoras que frequentam o clube com assiduidade, de modo a inferir, antes das discussões, alguns dos comentários e opiniões que surgem eventualmente.

○ **Sensações compartilhadas**

- Proposta: identificar as sensações de ordem informacional, emocional, social e psíquica despertadas nas entrevistadas a partir do compartilhamento das experiências de leitura no Leia Mulheres Rio de Janeiro;
- Referenciais teóricos: Budd (2005); Petit (2009, 2013, 2019); Marteleto (1995); Roubakine (1998); Saldanha (2014);

- Fundamentação teórica: as discussões transcorridas no Leia Mulheres sobre obras, temáticas e/ou relatos que dialogam, por alguma razão, com algum nível da subjetividade ou contexto das entrevistadas em um dado espaço-tempo evocam sensações que transcendem a interação entre sujeito e objeto, alcançando uma dimensão intersubjetiva através de indivíduos e artefatos significados na ação; respaldam-se, pois, nas dinâmicas desenroladas nesses *loci* (conversas sobre vivências e histórias de vida, relatos orais sobre interpretações distintas de um determinado texto), que possibilitam relacionar o que foi lido com o que está sendo discutido ali, de modo a despertar sensações até então armazenadas, mas não reconhecidas por sua consciência. Desse modo, essas sensações são influenciadas e influenciam, ao mesmo tempo, a maneira como essas leitoras constroem relações simbólicas com o espaço e os elementos que compõem o clube; influenciam na forma como significam os debates ali desenrolados, impactando diretamente nos modos de apropriação e uso dos saberes resultantes dessas dinâmicas em suas vivências.
- Tópico do roteiro de história de vida tópica embasado: sensações advindas das práticas de leitura compartilhadas;
- Variáveis:
  - Interesse nas interpretações de leitura das participantes: despertar do interesse em ouvir as diferentes percepções e interpretações das leitoras do Leia Mulheres, sejam as participantes ou mediadoras, sobre as obras discutidas;
  - Pertencimento a um grupo: sensação de pertencer a um “grupo seguro”, no qual é possível a troca de experiências de leitura e de vida, atuando como suporte para o enfrentamento de situações difíceis vivenciadas pelas entrevistadas;
  - Orgulho em fazer parte da iniciativa do Leia Mulheres: orgulho em fazer parte de uma iniciativa que propõe e incentiva a leitura de obras escritas exclusivamente por mulheres;
  - Acolhimento: sensação de bem-estar e conforto ao conversar com outras leitoras, possibilitando a troca não apenas de experiências de leitura, como também de vida.
- **Lembranças intersubjetivas**
  - Proposta: investigar as lembranças das entrevistadas sobre suas vivências no Leia Mulheres Rio de Janeiro;
  - Referenciais teóricos: Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998);

- **Fundamentação teórica:** as lembranças das entrevistadas sobre suas vivências no Leia Mulheres estão fundamentadas nas relações simbólicas estabelecidas com os elementos que compõem o clube, que lhes permitem atribuir sentido e significado às situações vivenciadas nesses espaços que, por alguma razão, ficaram armazenadas em sua consciência. Essas recordações lhes vêm à tona, pois dialogam com algum nível de suas subjetividades e contextos, despertando recordações que encontram-se associadas aos seus sentimentos, valores e vivências. As lembranças manifestadas na consciência das entrevistadas nos revelam de que maneira elas significam as dinâmicas transcorridas no clube de leitura e aplicam os saberes daí apropriados em suas vivências.
- **Tópico do roteiro de história de vida tópica embasado:** lembranças especiais com a vivência no Leia Mulheres Rio de Janeiro;
- **Variáveis:**
  - Lembranças relacionadas às situações difíceis vivenciadas pelas leitoras: recordações associadas às vivências com integrantes do clube que passaram por momentos difíceis ocasionados por doenças graves, nas quais o Leia Mulheres as ajudou a lidar com essa situação.

No que se refere à etapa de discussão dos dados, o percurso teórico-metodológico percorrido a partir da análise dos relatos das cinco entrevistadas nos conduziram à dois horizontes centrais de potenciais de transformação pessoal, exercidos em maior ou menor nível de acordo com seus contextos e subjetividades em um dado espaço-tempo:

### **1. Categoria discursiva “Espaços em crise”**

Proposta central: potenciais de transformação pessoal identificados nas experiências de leitura à luz dos contextos de crise, isto é, como o ato de ler ajudou as entrevistadas a lidar com os períodos de adversidade vivenciados ao longo de suas existências a partir da construção e/ou reconstrução de suas formas de enfrentar essas situações, vislumbrando novas possibilidades de se relacionar com si mesmas e, em sentido amplo, com a realidade ao redor;

Referenciais teóricos: Budd (2005); Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998).

### **2. Categoria discursiva “Transformação psíquica”**

Proposta central: potencial das experiências de leitura individuais e compartilhadas para expandir a reflexão das entrevistadas sobre a realidade ao redor;

Referenciais teóricos: Bourdieu (2004); Budd (2005); Petit (2009, 2013, 2019); Roubakine (1998).

Na primeira categoria, trabalhamos centralmente com as perspectivas trazidas por Budd (2005), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998), na tentativa de estabelecer relações entre as experiências de leitura individuais e compartilhadas com os potenciais de transformação pessoal, especificamente através da noção de “espaços em crise” tratado pela antropóloga francesa à luz da abordagem psíquica. Cumpre destacarmos que essa concepção é trabalhada pela autora nos contextos de crise em macroestruturas socioeconômicas, desencadeados por ditaduras, recessões econômicas e instabilidades políticas, entendendo que a crise se instaura sempre que os meios de regulamentação, sociais e psíquicos, praticados pelo sujeito se tornam ineficazes para lidar com as opressões vigentes na realidade.

Nesse enfoque, as experiências de leitura, ao propiciarem a criação de um espaço próprio em torno da narrativa, seja em experiências de leitura individuais ou compartilhadas, aspectos ressaltados por Budd (2005) e Roubakine (1998) pela via epistemológica informacional, pressupõe atividades mentais que permitem às leitoras abrirem-se a um novo espaço psíquico e simbólico, em que torna-se possível traçar novas relações consigo mesmas e formas de ser e estar na realidade. Desse modo, podemos estender a noção de espaços em crise, com as devidas particularidades da abordagem macrosocial de Petit (2009), para as leitoras que vivenciam adversidades internas em seus próprios contextos, em seu microcosmo, nos quais encontram nos atos de leitura os construtos que as permitem romper com a situação na qual encontram-se inseridas e vislumbrar novas possibilidades de ser.

Para Petit (2009), apesar de voltado para o contexto de macroestruturas sociais, a noção de espaços em crise, subjetiva em sua essência, nos dá a liberdade de adequá-la ao contexto de adversidades que não são necessariamente desencadeadas por desequilíbrios na ordem social macro, mas sim por conflitos que se estabelecem na realidade micro vivenciada por cada sujeito leitor que, no caso das leitoras aqui trabalhadas, decorrem não diretamente das opressões intrínsecas ao simples fato de serem mulheres (apesar de essas serem inerentes a sua condição como sujeito), mas sim de crises ocasionadas por doenças graves, depressões, falecimentos, conflitos internos e familiares que, em maior ou menor nível, abalam seu espaço psíquico, impactando nas percepções e relações que traçam consigo mesmas e com a realidade ao redor.

Essa visão é corroborada abaixo de maneira significativa por Petit (2009), consolidando a delimitação teórica proposta:

Para além dos ‘espaços em crise’, as páginas que seguem tratam de todos nós. Se me interessei por essas temáticas foi provavelmente porque fuzei muito nos livros para enfrentar as angústias que tive que atravessar. **Mas em algum momento da vida, cada um de nós é um ‘espaço em crise’.** Os seres humanos têm, diga-se, uma predisposição originária, antropológica, à crise: nascendo prematuros, nós somos marcados por uma fragilidade cujos vestígios permanecem ao longo da vida. Porém, saídas nos são oferecidas para que não sejamos atingidos pelos componentes destrutivos daquilo com que somos confrontados (PETIT, 2009, p. 33, grifo nosso).

Para a categoria seguinte, transformação psíquica, concebemos as experiências de leitura individuais e compartilhadas à luz de seu potencial para a expansão da reflexão sobre a realidade ao redor, tendo por base, fundamentalmente, a contribuição teórica de Bourdieu (2004), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998). Na visão petitiana e roubakiniana, os processos mentais decorrentes do ato de ler propiciam atividades psíquicas e cognitivas que rompem com a situação atual das leitoras em um dado espaço-tempo (manifestadas em suas formas de pensar, agir e se relacionar com a realidade), oferecendo “aberturas” para o vislumbre de cenários ou temáticas anteriormente não reconhecidas ou pouco contempladas por sua consciência, de modo a ampliar as possibilidades de refletirem à luz de novos modos de percepção, apreensão e interpretação da realidade; os potenciais de transformação pessoal se efetivam a partir da aplicação, consciente ou inconsciente, dessas reflexões para o desenvolvimento de uma conscientização crítica sobre o mundo ao redor, podendo vir a reverberar em suas formas de se relacionar e atuar nesse mesmo mundo.

Nessa mesma direção, a perspectiva simbólica bourdieusiana evoca a centralidade da leitura para entender de que modo esta constitui um instrumento em potencial de transformação da visão sobre o mundo social, isto é, das formas em que as leitoras percebem, concebem, refletem e interagem com a realidade, de modo a utilizar essas reflexões para modificarem instâncias de suas vivências, mais precisamente nas relações que traçam consigo mesmas e com esse mesmo mundo. O simbólico, aqui, é articulado à luz de relações estabelecidas entre autor e sujeito, ambos posicionados na realidade social de maneiras distintas, mas cujas atividades mentais de leitura possibilitam refletir, significar ou ressignificar visões de mundo que reverberam em atuações distintas nesse mesmo mundo, para além das eventuais intenções e interesses que circundam a produção e circulação daquele material.

Especificamente nessa categoria, nos deparamos com alguns dados que reconfiguraram algumas de nossas hipóteses iniciais, dentre as quais destacamos o recorte teórico-metodológico nas experiências de leitura literária e a articulação teórica de Roubakine (1998) à luz da noção de opressão. Em relação ao primeiro aspecto, os enfoques

anteriormente centralizados nos textos literários partem da crença de que estes, por constituírem o tipo de leitura mais contemplado no *Leia Mulheres*, podem ser concebidos como instrumentos privilegiados de análise sobre a expansão de um potencial reflexivo via leitura; contudo, essas indagações preliminares são reformuladas à medida em que os dados levantados nos relatos das entrevistadas evidenciam que esses mesmos potenciais, sobretudo quando das experiências de leitura compartilhadas, decorrem não apenas de obras de literatura, mas também e, principalmente, da discussão de livros de não-ficção. Em razão dessa inferência, foi preciso reorientar os delineamentos teóricos propostos à luz de autores e autoras que reconhecem nas experiências de leitura, independentemente do tipo de material lido, os elementos que nos permitem identificar potenciais de transformação pessoal.

No que se refere à segunda reformulação, a ótica simbólica e psíquica trabalhada, respectivamente, por Bourdieu (2004) e Roubakine (1998), propõe que, para que possamos compreender o efeito dos artefatos informacionais nos sujeitos leitores – a ponto de estes configurarem, via experiências de leitura, potenciais de transformação -, é preciso entender sua condição sócio histórica no espaço-tempo, isto é, as circunstâncias internas e externas de apropriação dos materiais de leitura. Isto pressupõe analisar, portanto, os contextos de vida das entrevistadas, suas subjetividades, condições de possibilidades de acesso ao livro e à leitura; todos os aspectos que influenciam, direta ou indiretamente, na maneira como se apropriam e utilizam esses artefatos em suas realidades.

Apesar de direcionado aos cenários de opressões sociais de camadas menos privilegiadas (notadamente as classes trabalhadoras), as considerações do teórico russo se adequam aos sujeitos que vivenciam opressões em suas mais diferentes formas, reconhecendo nas experiências de leitura, sobretudo as compartilhadas, as possibilidades de desenvolvimento de uma conscientização crítica que pode ser direcionada para transformações que transcendem a seara pessoal e alcançam um nível social. Ainda que posicionado nos contornos sociais atribuídos à leitura, os enfoques bourdieusianos e roubakinianos nos permitem uma articulação teórica com os clubes de leitura, nos quais podemos considerar que as discussões transcorridas nesses espaços oferecem dinâmicas de produção, circulação, mediação e apropriação de saberes à luz de formas particulares de concepção do real, que se socializam ao expandir o potencial reflexivo das leitoras sobre a realidade ao redor sob uma perspectiva crítica.

Desse modo, no caso das entrevistadas contempladas por esse estudo, não há como desconsiderarmos seus contextos de privilégios, uma vez que seus níveis escolares e socioeconômicos, que pressupõem possibilidades de acesso ao livro e à leitura e, ainda, a

disponibilidade de tempo para ler e participar de um clube de leitura em uma quarta-feira à noite, já denotam, em relação às demais mulheres na sociedade que se encontram em cenários de vulnerabilidades não apenas de gênero, mas também sociais e econômicos, certas prerrogativas e atos intencionais de mentes que se predispõem a apropriar e refletir criticamente sobre os materiais lidos. Contudo, apesar desses fatores, o pensamento roubakiniano abrange as mais variadas formas de opressões sociais vivenciadas ao redor do mundo; em outras palavras, se essa opressão não decorre de uma condição socioeconômica, ela surge a partir de uma opressão de gênero, inerente ao simples fato de serem mulheres.

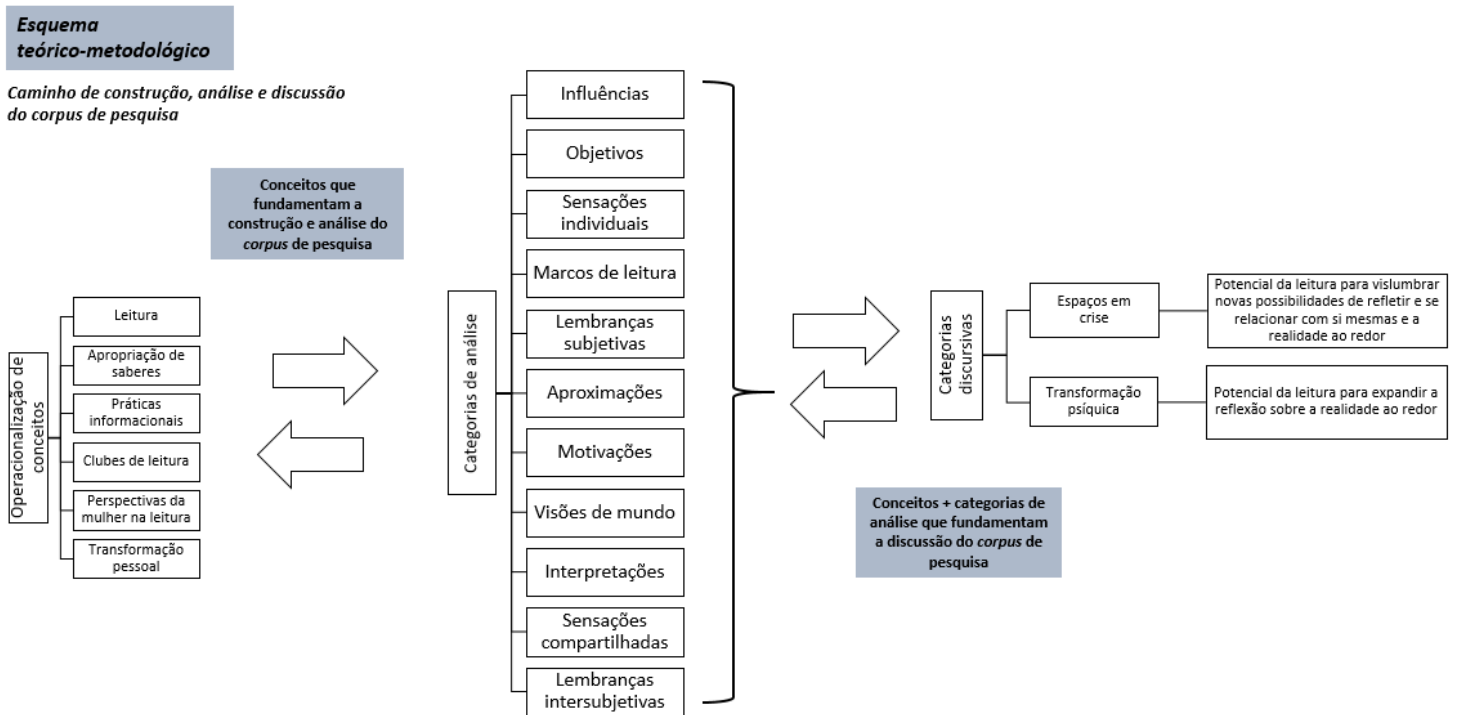
Apesar de, em seus discursos, as entrevistadas não mencionarem alguma situação de opressão vivenciada diretamente por elas, elas não apenas têm noção da existência dessas opressões (não apenas com elas, como também com outras mulheres, e de forma mais severa, ao redor do mundo), como também se utilizam das discussões no clube (e da leitura) para entender seus privilégios e expandir suas reflexões sobre opressões vivenciadas mais drasticamente por outras mulheres. Além disso, o simples fato de discutirem obras escritas exclusivamente por mulheres, de terem um clube voltado especificamente para esse propósito, o que veremos evidenciado em muitas de suas falas, nos demonstra a necessidade de entendermos como as opressões atingem diferentes mulheres, de diferentes modos, independentemente de seu contexto socioeconômico.

Por essa razão, em ambas as categorias discursivas propostas, as noções trazidas por Bourdieu (2004), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998), apesar de voltadas para o “social”, nos dão a liberdade de articulá-las às realidades de cada uma das cinco entrevistadas, cujas relações com as experiências de leitura são manifestadas à luz da condição tradicional da mulher como sujeito historicamente restrito dos processos de leitura e daquelas que passam por momentos de adversidades em suas vidas pessoais. Os atos de leitura oferecem à essas leitoras oportunidades de reconhecer, mesmo que inconscientemente, formas inúmeras de construção ou reconstrução, de alcance de tomadas de consciência que nem sabiam estar latentes em seu íntimo, mas que as despertam para percepções diferentes sobre si mesmas, sobre temas e perspectivas até então desconhecidas ou pouco vislumbradas. Esses aspectos reverberam nos modos como pensam suas próprias realidades e de outros grupos sociais, configurando construtos privilegiados que demonstram potenciais de transformação via *práxis* da leitura.

Ao final, temos a estrutura esquemática abaixo que orienta todo o percurso teórico-metodológico do processo de construção, análise e discussão do *corpus* de pesquisa:



**Figura 3** – Esquema teórico-metodológico do caminho de construção, análise e discussão do *corpus*



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

O esquema metodológico apresentado acima contempla os conceitos elencados no referencial teórico, que fundamentam a construção das categorias analíticas decorrentes do processo de análise das cinco entrevistas realizadas e, juntas, nos direcionam aos dois horizontes de potenciais de transformação identificados nos relatos das entrevistadas, trazidos como categorias de discussão do *corpus* de pesquisa. Na seção seguinte, analisamos e discutimos os resultados alcançados no presente estudo.

#### **4 RESULTADOS ALCANÇADOS: experiências de leitura como potencial para a transformação pessoal das leitoras do Leia Mulheres Rio de Janeiro**

E talvez sejam as palavras de um homem ou de uma mulher que tenham passado por provas muito distintas, às vezes em épocas antigas ou do outro lado do planeta, as que darão a esse leitor uma metáfora de onde extrairá novas forças  
(PETIT, 2013, p. 27).

Nessa seção, apresentamos os processos de análise e discussão dos dados coletados através das entrevistas fundamentadas nos aportes de histórias de vida tópica com cinco leitoras que fazem parte do clube de leitura Leia Mulheres Rio de Janeiro. Para além da ambientação durante os estudos de campo, as incursões empíricas aplicadas em dois encontros do grupo e os relatos oferecidos pelas participantes e mediadoras do Leia Mulheres nos permitem conhecer um pouco mais o clube de leitura, de modo a compreender sob quais condições se desenrolam as práticas informacionais, bem como as interações por entre as mulheres leitoras, configurando ambas como instrumentos para analisarmos os potenciais de transformação pessoal resultantes das experiências de leitura individuais e compartilhadas.

Na primeira seção, apresentamos o campo empírico do estudo, discorrendo sobre a natureza do clube de leitura que realizamos a intervenção, com foco para sua constituição, dinâmica, funcionamento, obras e público contemplados. Ainda, a partir dos dados coletados por meio da aplicação do questionário fechado, delimitamos quem são as leitoras entrevistadas que fazem parte do Leia Mulheres Rio de Janeiro. Em seguida, discorreremos sobre a análise dos resultados, tendo como foco central os relatos levantados através das entrevistas de história de vida tópica realizadas com as participantes e mediadoras do clube; a partir de suas narrativas, estabelecemos onze categorias de análise que nos permitem vislumbrar as relações traçadas por essas leitoras com as experiências de leitura individuais e compartilhadas. Por fim, na seção de discussão dos dados, trabalhamos as categorias de análise à luz do referencial teórico, a partir dos quais identificamos dois horizontes potenciais de transformação pessoal.

##### **4.1 AS ENTREVISTADAS: quem são as leitoras do Leia Mulheres Rio de Janeiro?**

Tecer narrativas, remontar o mundo  
(PETIT, 2019, p. 88).

O Leia Mulheres pode ser entendido como uma iniciativa. No ano de 2014, a escritora e crítica literária britânica Joanna Walsh propôs o projeto #readwomen2014 (#leiamulheres2014, na tradução livre para o português), que consistia em ler mais escritoras

mulheres. Esse projeto parte do entendimento de que o mercado editorial ainda é consideravelmente mais restrito às mulheres, de modo que as escritoras acabam por não receber tanta visibilidade quanto os homens. Incentivar as obras escritas por mulheres é uma forma de trazer à tona a desigualdade de gênero no espaço literário (LEIA MULHERES, c2015a).

A partir desta noção, em 2015, Juliana Leuenroth, Juliana Gomes e Michelle Henriques, ex-livreiras da Livraria da Vila, em São Paulo, aproveitaram o poder de alcance da *hashtag* através das redes sociais e adotaram a versão traduzida para o português: #LeiaMulheres, trazendo a ideia de Walsh para o Brasil e criando o clube de leitura Leia Mulheres (LEIA MULHERES, c2015a).

Tomado como um evento presencial que ocorre mensalmente em diversos estados brasileiros, em espaços sociais e culturais múltiplos, como livrarias, bibliotecas, praças e parques, o clube propõe a leitura e discussão de obras de ficção e não-ficção escritas por mulheres, desde as clássicas até as contemporâneas. As reuniões são gratuitas e não demandam inscrição prévia: basta aparecer, preferencialmente com a leitura do mês realizada, e participar das discussões. A escolha dos títulos a serem debatidos segue critérios particulares de cada clube, sendo as únicas regras: os livros selecionados e a mediação dos encontros devem ser realizados exclusivamente por mulheres. Além disso, apesar de serem reuniões voltadas para as mulheres, o clube não restringe a participação de homens (LEIA MULHERES, c2015a).

Em cada cidade participante do Leia Mulheres, os debates são guiados por mediadoras, responsáveis por conduzir as dinâmicas e a organização do grupo. O primeiro encontro ocorreu na cidade de São Paulo em 2015, percorrendo posteriormente mais de 40 cidades brasileiras e a cidade do Porto, em Portugal. No Estado do Rio de Janeiro, o clube conta com participações nas cidades de Angra dos Reis, Campos, Campos dos Goytacazes, Itaboraí, Macaé, Niterói, Nova Iguaçu, Petrópolis, Rio de Janeiro (com um clube separado em Campo Grande) e Volta Redonda<sup>14</sup> (LEIA MULHERES, c2015b), em encontros – quase sempre mensais – que ocorrem em livrarias, museus, praças, bibliotecas ou demais espaços à critério da mediação local. As obras debatidas são indicadas pelas mediadoras e/ou participantes.

---

<sup>14</sup> Dados coletados em fevereiro de 2020. Conforme exposto no site Leia Mulheres, informações sobre os encontros dos clubes de Campo Grande e Volta Redonda não são atualizadas desde julho e março de 2018, respectivamente. O mesmo ocorre quando buscamos os perfis dos dois clubes em redes sociais, de modo que não sabemos se estes ainda permanecem ativos.

Na cidade do Rio de Janeiro, recorte metodológico de intervenção empírica do presente estudo, os encontros do Leia Mulheres ocorrem desde 2016, sempre na Blooks Livraria, localizada no bairro de Botafogo, na Zona Sul da cidade (LEIA MULHERES, c2015c). As reuniões se dão, normalmente, na última quarta-feira à noite de todo mês e têm duração de cerca de duas horas, sendo as datas estabelecidas entre as mediadoras e a livraria no início de cada ano. Nos dias do evento, quando chegam ao espaço, as participantes já encontram a estrutura montada, isto é, cadeiras dispostas em forma de círculo e o painel de divulgação do clube no centro, de modo que só precisam sentar e dialogar sobre as obras escolhidas. A mediação dos encontros é feita, comumente, por quatro mediadoras, apesar de, em algumas reuniões, nem todas apresentarem disponibilidade para participar, de modo a contar com duas a três delas.

Inicialmente, quando o clube não enchia tanto como hoje em dia, as mediadoras pediam para cada frequentadora se apresentar – normalmente para quem participava pela primeira vez -, perguntavam se todas conseguiram ler a obra escolhida, se a leram por inteiro e se gostaram. Uma vez que, atualmente, o Leia Mulheres está atraindo cada vez mais participantes, é mais difícil realizar a dinâmica inicial de apresentação, enfatizando o diálogo nas experiências de leitura propriamente ditas. Ainda, as discussões não assumem o formato de palestras, na qual somente as mediadoras falam e as frequentadoras escutam. Há uma preocupação em dar voz à todas as leitoras e leitores que desejam se manifestar, demonstrando que seus depoimentos merecem ser ouvidos, e de deixar à vontade aquelas e aqueles que não querem emitir opiniões, de modo a ocasionar debates, até então, sempre muito respeitosos.

No que se refere aos títulos contemplados no Leia Mulheres, as mediadoras se reúnem, no início e no final de cada ano, para decidir sobre quais obras serão selecionadas, priorizando a pluralidade das leituras a serem debatidas. Assim, elas tentam variar, a cada encontro, a autora, o gênero literário, a nacionalidade da escritora, a época em que a obra foi escrita e sua disponibilidade no mercado editorial, isto é, não estar esgotado e ser fácil de encontrar. Esses critérios são aplicados tanto para possibilitar a descoberta de novas autoras e conhecer a ampla atuação de mulheres no mercado editorial, bem como para não privilegiar apenas um tipo de leitura. Por esse motivo, apesar de o clube ser voltado, em sua maioria, para textos literários, os encontros também abarcam obras de não-ficção, como biografias, teses de doutorado e livros de divulgação científica, gêneros já contemplados nas reuniões do clube. Além disso, os critérios envolvem também a seleção de obras que as mediadoras já leram e querem que todo mundo leia - seja porque gostaram, acharam interessante ou que o debate

vale à pena – como os livros que nunca leram, mas desejam ler; não raro, elas propõem obras que gostariam de ler, mas que, fora do clube, dificilmente o fariam. Essa pluralidade permite descobrir gêneros e interesses de leitura cuja existência desconheciam, o que acaba por possibilitar a reflexão sobre assuntos antes nunca pensados ou contemplados apenas de forma superficial.

Apesar do planejamento anual de leituras, a relação de livros sofre eventuais alterações ao longo do ano, seja em decorrência da disponibilidade das mediadoras (devido, sobretudo, à quantidade de trabalho e, por isso, não terem tempo de ler uma obra mais extensa), lançamentos de livros que desejam ler, parcerias com editoras, desejos de leitura das mediadoras (se planejaram a leitura de um livro para determinado mês, mas não estão interessadas em lê-lo naquele período, trocam o título) e indisponibilidade do livro no mercado editorial.

Nesse contexto, as fontes utilizadas para fundamentar os critérios de seleção dos títulos estão relacionadas, essencialmente, aos interesses, experiências e atuações acadêmicas e profissionais das mediadoras, centralizadas nas áreas de Ciências Sociais e Humanas, sobretudo os campos de Direitos Humanos, Filosofia, Relações Internacionais e Mercado Editorial. O conhecimento obtido a partir das vivências nesses ambientes acabam por influenciar diretamente na escolha dos textos a serem debatidos. Ainda, as mediadoras também consideram o acompanhamento das mídias sociais, *sites* literários e de editoras e lançamentos de livros, a fim de verificar o que seria interessante trazer para os debates, bem como os tipos de leitura que não são contemplados há um tempo.

As temáticas abordadas pelo clube são diversas, sendo normalmente relacionadas aos textos selecionados e seus contextos de circulação, bem como às experiências de leitura das participantes, de modo a dialogar com suas histórias de vida e a questão da mulher – ainda que raramente sob um viés teórico e especializado. Quando surgem tópicos dessa natureza ou que as mediadoras não tenham muito conhecimento sobre, acham interessante que as frequentadoras tragam suas próprias vivências para agregar aos debates.

Nessas reuniões, as discussões giram em torno de textos pertencentes aos mais variados gêneros, incluindo clássicos da literatura, obras reconhecidas pela crítica, livros pouco conhecidos do público em geral e, até mesmo, materiais de não-ficção. Nessa dinâmica, as integrantes do clube escolhem textos que encorajam a discussão que gostariam de ter, de modo a expandir as possibilidades de reflexões acerca da temática a que o clube se propõe: a posição e visibilidade da mulher no espaço editorial, literário e público. Tratam-se, em muitas vezes, de obras que fogem à lógica do *best-seller* e que não raro revelam e discutem aspectos

que transcendem o conteúdo do texto propriamente dito para alcançar debates em torno da condição da mulher na seara literária e pública como um todo.

Abaixo, apresentamos a relação dos títulos discutidos no Leia Mulheres Rio de Janeiro no período compreendido entre 2016, data de início do clube, a 2019, quando as intervenções empíricas foram realizadas:

**Quadro 2** – Relação dos títulos discutidos no Leia Mulheres Rio de Janeiro<sup>15</sup>

	2016	2017	2018	2019
Janeiro	Não há registros	Hibisco roxo (Chimamanda Ngozi Adichie)	Entre amigos (Sally Rooney)	Orlando (Virginia Woolf)
Fevereiro	Não há registros	Não há registros	Dias de abandono (Elena Ferrante) Texto literário	A vegetariana (Han Kang) Texto literário
Março	Não há registros	Precisamos falar sobre o Kevin (Lionel Schriver)	Quarto de despejo (Carolina Maria de Jesus)	Mulheres, raça e classe (Angela Davis)
Abril	As meninas (Lygia Fagundes Telles)	Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio (Herta Müller)	A caminho de casa (Yaa Gyasi)	Fique comigo (Ayòbámi Adébáyò)
Maio	A cor púrpura (Alice Walker)	Só garotos (Patti Smith)	As luas de Júpiter (Alice Munro)	Fun home (Alison Bechdel)
Junho	Vozes de Tchernóbil (Svetlana Aleksévitch)	A vida imortal de Henrietta Lacks (Rebecca Skloot)	Livre (Cheryl Strayed)	A falência (Júlia Lopes de Almeida)
Julho	As águas-vivas não sabem de si (Aline Valek)	Não há registros	Garotas mortas (Selva Almada)	A casa dos espíritos (Isabel Allende)
Agosto	A história dos meus dentes (Valeria Luiselli)	Sempre vivemos no castelo (Shirley Jackson)	A floresta escura (Nicole Krauss)	Argonautas (Maggie Nelson)
Setembro	As boas mulheres da China (Xinran)	Não há registros	O peso do pássaro morto (Aline Bei)	Memórias da plantação (Grada Kilomba)
Outubro	O hospício é de deus (Maura Caçado)	Frankenstein (Mary Shelley)	Poderosa chefona (Tina Fev)	Putafeminista (Monique Prada)
Novembro	A mão esquerda da escuridão (Ursula Le Guin)	Não há registros	No seu pescoço (Chimamanda Ngozi Adichie)	Memórias de Adriano (Marguerite Yourcenar)
Dezembro	Não há registros	Não há registros	O livro das semelhanças (Ana Martins Marques)	A lista (Jennifer Tremblay)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

Os textos selecionados, bem como os temas abordados por esses clubes, constituem potenciais para discutirmos tanto o espaço ocupado pelas mulheres na sociedade quanto as possibilidades de transformações a partir dessas discussões. Tendo por base o quadro

<sup>15</sup> Dados coletados em fevereiro de 2020, com base nas informações disponíveis no *site* oficial do Leia Mulheres e no perfil do *instagram* do Leia Mulheres Rio de Janeiro (@leiamulheresrj).

apresentado acima, é interessante mencionar que as obras contempladas pelo Leia Mulheres não são, em muitas vezes, de fácil leitura e compreensão, de modo a demandar, por parte de suas leitoras, certo nível de instrução e conhecimento sobre a condição feminina e assuntos relacionados aos aspectos políticos, sociais e culturais que circundam essas temáticas.

Podemos compreender, portanto, que as temáticas abordadas no clube Leia Mulheres buscam, a todo encontro, transcender o caráter da discussão literária sobre a obra em si para alcançar reflexões críticas sobre os contextos sociais, políticos, econômicos e culturais que nos cercam. Tais aspectos podem ser observados na própria natureza da seleção dos livros a serem debatidos; tratam-se de materiais que buscam não apenas entreter e proporcionar momentos de lazer, mas além disso, fazer com que as leitoras e leitores pensem criticamente sobre a realidade das mulheres como um todo e, em maior nível, sobre a própria realidade na qual estão inseridas.

Com base na ambientação de campo realizada no Leia Mulheres nas reuniões dos dias 31 de outubro e 27 de novembro de 2019, bem como nos relatos das mediadoras quando da realização das entrevistas, é possível inferir que o público e as temáticas abordadas no clube se modificam a cada encontro, dependendo do título selecionado e do público participante. As entrevistas das mediadoras atentam para a participação majoritária de mulheres brancas de faixas etárias diversas, possuidoras de escolaridade avançada, residentes em bairros localizados na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, região concebida como uma área “nobre”, e fora de condições de vulnerabilidades socioeconômicas. O clube apresenta pouca participação de homens – ainda que esta não seja proibida.

Nessa direção, ainda que o público que frequenta o Leia Mulheres Rio de Janeiro não seja tão variado em termos econômicos e sociais, aspecto bastante comentado pelas entrevistadas, o clube também conta, dependendo do título selecionado, com a participação de mulheres moradoras de bairros além da Zona Sul da cidade, como Zona Oeste e Baixada Fluminense que, em muitas vezes, trazem vivências que as participantes mais assíduas (pertencentes à realidades significativamente distintas) não vislumbram com tanta profundidade. A maioria das entrevistadas afirma lamentar a pouca pluralidade das participantes, conscientizando-se sobre sua condição de privilégio e sabedoras de que, ao propor reuniões à noite, no meio da semana, e em um bairro “nobre” da cidade do Rio de Janeiro, acabam por restringir a participação de leitoras pertencentes a outros contextos socioeconômicos. Contudo, independentemente do público abarcado, valorizam a existência do clube como meio de discussão sobre a condição da mulher na seara literária e pública

como um todo e desejam que a iniciativa possa se expandir para outros bairros e classes socioeconômicas.

Essencialmente, o grupo das cinco leitoras entrevistadas é formado por mulheres brancas, que se identificam com o gênero feminino e que já possuíam experiências prévias com a leitura antes de frequentar o Leia Mulheres Rio de Janeiro, seja através da atuação em *blogs* e redes sociais, ou atividades relacionadas ao universo da leitura, à exemplo de projetos de leitura, debates, bienais do livro e grupos voltados para a discussão de materiais de leitura.

Quanto à faixa etária, tratam-se de leitoras entre 25 e 40 anos, distribuídas da seguinte forma: três possuem entre 25 e 30 anos e duas encontram-se na faixa dos 30 anos, sem ultrapassar os 40 anos.

**Tabela 1 – Faixa etária**

<b>Faixa etária</b>	<b>Número de leitoras</b>
25 a 30 anos	3
31 a 40 anos	2
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2019).

No que se refere à escolaridade, as cinco entrevistadas possuem ensino superior completo, sendo que duas possuem pós-graduação em nível mestrado. Das que concluíram a pós-graduação, uma delas realizou especialização e mestrado em Literatura Brasileira e a segunda na área de Direito, com foco para o campo de Direitos Humanos. Dentre as que possuem o ensino superior completo, uma cursou Letras Português/Literatura em uma instituição pública na cidade do Rio de Janeiro; duas formaram-se em Direito também pela universidade pública; as duas últimas entrevistadas cursaram Jornalismo, sendo que uma delas concluiu a graduação em uma faculdade em Curitiba, no Paraná, e a outra, além de Jornalismo, cursou Cinema em uma instituição privada na cidade do Rio de Janeiro.

**Tabela 2 – Escolaridade**

<b>Escolaridade</b>	<b>Número de leitoras</b>
Ensino superior completo	3
Pós-graduação (Mestrado)	2
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2019).



As ocupações das entrevistadas encontram-se distribuídas da seguinte forma: duas são advogadas; duas são servidoras públicas; e uma trabalha com produção de conteúdo na *internet*. Uma das funcionárias pública é formada em Letras, enquanto a segunda, formada em Jornalismo e Cinema, atua no setor público na área de Recursos Humanos. Outra leitora, também formada em Jornalismo, desempenha atuação profissional como produtora de conteúdo em um canal literário no *youtube*.

**Tabela 3 – Ocupações**

Ocupação	Número de leitoras
Advogada	2
Servidora Pública	2
Produtora de conteúdo	1
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2019).

A maioria das entrevistadas mora, atualmente, em regiões consideradas “nobres” na cidade do Rio de Janeiro: três residem na Zona Sul e duas no Centro e na Zona Norte da cidade, respectivamente. Dentre as que moram na Zona Sul, uma mora na Urca; duas moram em Botafogo; a segunda morou na Pavuna, bairro da Zona Norte do município do Rio de Janeiro, até os 20; durante a faculdade, dividiu o apartamento com uma amiga na Lapa, no Centro da cidade e, após se casar, mudou-se para Botafogo. A única leitora que mora na Zona Norte da cidade reside no bairro da Tijuca, mas morou a maior parte de sua vida em Campo Grande, na Zona Oeste. A última entrevistada mora na Lapa, no Centro da cidade do Rio de Janeiro.

**Tabela 4 – Bairro no Rio de Janeiro**

Bairro	Número de leitoras
Botafogo	2
Centro	1
Tijuca	1
Urca	1
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2019).

A maioria das leitoras não apresenta condições de vulnerabilidade socioeconômica, sendo que quatro das entrevistadas possuem renda mensal familiar média acima de R\$4990,00 (acima de cinco salários mínimos), ao passo em que apenas uma possui renda familiar mensal de R\$998,00 (até um salário mínimo).

**Tabela 5** – Renda mensal familiar média<sup>16</sup>

<b>Renda mensal familiar</b>	<b>Número de leitoras</b>
Até R\$998,00	1
Acima de R\$4990,00	4
<b>TOTAL</b>	<b>5</b>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2019).

Após a apresentação das cinco mulheres leitoras entrevistadas, abaixo analisamos os dados coletados a partir das entrevistas de história de vida tópica, que tratam de suas relações com as experiências de leitura individuais e compartilhadas.

#### 4.2 HISTÓRIAS DE VIDA, HISTÓRIAS DE LEITURA: o que pensam as leitoras entrevistadas sobre a leitura?

E as histórias são desvios que nos permitem simbolizar nossa própria experiência, dar sentido a ela, sabê-la compartilhada, mas também reencontrar de vez em quando, sob as palavras, as sensações de deslumbramento provocadas em nós pela descoberta dos seres e das coisas  
[...]  
(PETIT, 2019, p. 99).

Nessa seção, elencamos categorias de análise de acordo com os relatos apresentados pelas entrevistadas, o que nos permitiu não apenas traçar semelhanças e divergências entre os seus discursos, mas também compreender suas relações com as experiências de leitura individuais e compartilhadas. Essas categorias são orientadas e adaptadas do referencial teórico e dos tópicos estabelecidos no roteiro de entrevista de história de vida tópica.

- **Influências**

E aí isso foi me expandindo...<sup>17</sup>

As principais influências de leitura verificadas nos discursos das leitoras são família, escola e amizade, sendo estas exercidas em maior ou menor grau de acordo com suas histórias

<sup>16</sup> De acordo com o valor do salário mínimo em vigência em 2019.

<sup>17</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 5.

de vida. A variável família é encontrada nas narrativas das cinco entrevistadas; somente duas entrevistas não contemplam a escola como fator de influência; e, por fim, a variável amizade é identificada em apenas um relato.

“Quando eu percebi, me lembrei que ler era legal...”

O relato da Entrevistada 1 apresenta três influências de leitura, exercidas em maior ou menor nível de acordo com suas vivências: família, escola e amizade. No que se refere ao contexto familiar, a leitora indica sua avó materna como seu primeiro referencial cultural, sobretudo em relação aos textos literários. Especificamente, sua avó se interessava pela leitura e escrita de poesia, atividades que a própria leitora começou a exercer ainda na adolescência e pratica até hoje; contudo, ela não deixa claro se sua avó exerceu alguma influência, ainda que de maneira indireta, em seu desenvolvimento como leitora. Nesse sentido, apesar de possuir livros disponíveis em casa, ela relata que seus pais liam, em sua maioria, obras de não-ficção relacionadas aos ofícios laborais, de estudo, religião e para se informar sobre os acontecimentos do mundo, de modo a não se dedicar tanto às leituras por lazer. Em sua opinião, seus pais viam a leitura como uma espécie de “caminho de melhoria”, isto é, em suas próprias palavras, como uma forma de se educar e sair da condição de vulnerabilidade. Apesar disso, seu pai e sua mãe não a incentivavam, particularmente, a ler textos literários – em sua casa, não havia muitos livros desta tipologia -, mas sim a praticar a leitura de modo geral.

A principal influência em seu desenvolvimento como leitora está posicionada no ambiente escolar, contexto em que descobriu e redescobriu que gostava de ler. Inicialmente, ela comenta que foi através dos livros paradidáticos solicitados pelo colégio, ainda no ensino fundamental, o primeiro momento em que percebeu o interesse pela leitura. No entanto, no ensino médio, a leitora afastou-se dos livros temporariamente para se dedicar às atividades que envolviam música (seu interesse à época), à exemplo do coral do colégio, voltando a se interessar e realizar as práticas de leitura, já no último ano escolar, em um momento considerado muito difícil em sua vida. Até então, ela relata que passou por um período, durante a adolescência, no qual esteve permeada por diversos conflitos familiares, entre os quais menciona o divórcio dos pais, que a fez se sentir muito solitária e aumentou a proteção da mãe, bem como a rigidez de sua educação, traduzidas, centralmente, na ausência de incentivo às atividades artísticas, como a escrita e leitura de poesia e obras literárias em geral. Além disso, nessa mesma época, teve de lidar com o falecimento de duas pessoas muito próximas, por motivos de doença. Essas duas situações, especialmente a última, contribuíram

para que se sentisse muito desajustada, perdida e desanimada com a vida, o que resultou em sua desmotivação para ir à escola e estudar, pois achava que não lhe serviria para nada. Ela pontua, inclusive, acreditar ter tido um princípio de depressão nessa época. Em razão desses acontecimentos, a leitora ficou em recuperação, no último ano do ensino médio, em diversas disciplinas, inclusive Literatura. Desse modo, ao ter de ler uma série de textos literários para realizar as provas, essas obras acabaram por despertar novamente seu interesse pela leitura, configurando um marco decisivo em sua vida. Nessa mesma época, um outro aspecto ressaltado pela leitora está nas aulas de Literatura; apesar de não simpatizar e admirar a professora como pessoa, suas aulas contribuíram para lembrá-la de que “ler era legal” (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado). Além dos textos apresentados, as aulas de Literatura ultrapassavam as paredes das salas de aula: não raro, a professora levava os estudantes para áreas externas do colégio para falar sobre temáticas como Arcadismo e Romantismo; sobre Barroco, uma vez os convidou ao Centro da cidade do Rio de Janeiro para conhecer as igrejas e o fórum. Em sua opinião, a leitora não fazia ideia de que as aulas de Literatura podiam ser tão boas e inspiradoras, não apenas pelos textos lidos, mas também pela possibilidade de sair da sala de aula e levar os estudantes para inúmeros espaços que, em muitas vezes, ilustravam os conteúdos ensinados em aula. Sob esta perspectiva, pensou que dar aula de Literatura deveria ser ótimo, o que acabou por influenciar não apenas em seu desenvolvimento como leitora, despertando um interesse e predileção pela Literatura Brasileira, como também em suas escolhas acadêmicas, traduzidas na graduação em Letras Português/Literatura e mestrado em Literatura Brasileira, áreas em que a Entrevistada 1 sentiu-se profundamente identificada.

Por fim, a Entrevistada 1 considera o tópico amizade como uma de suas influências de leitura, ainda que em menor grau, se comparados aos fatores família e escola. No período difícil pelo qual estava passando na adolescência, um amigo leitor lhe emprestou alguns romances evangélicos que, de alguma forma, a ajudaram a lidar com essas situações conturbadas.

“Eu chegava da escola todos os dias e fazia minha mãe ler para mim...”

No discurso da Entrevistada 2, podemos encontrar a família e a escola como influências centrais de leitura. Segundo a leitora, até o início de sua adolescência, sua mãe não trabalhava fora, o que contribuiu para que as duas passassem mais tempo juntas, sendo uma de suas atividades as práticas de leitura e construção de histórias; todos os dias, ao chegar da escola, pedia para a mãe ler para ela. Além disso, apesar de ter sido sua mãe quem sempre lhe

deu os livros, recorda que seus contatos iniciais com a leitura envolviam também ler as obras disponíveis em casa e na casa de seus familiares. A Entrevistada 2 comenta que a casa de sua bisavó materna (e não tanto a bisavó propriamente dita) exerceu influência considerável em seu desenvolvimento como leitora: na casa de sua bisavó, havia uma estante sem dono específico, composta por obras pertencentes a vários de seus familiares, sendo esses livros, portanto, “de todo mundo” (ENTREVISTADA 2, 2019, não paginado); por esse motivo, retirava sempre dali algumas obras para ler, sobretudo os livros espíritas que eram emprestados por entre seus familiares, que integra grande parte dos materiais lidos durante a infância. Por esse motivo, diz acreditar que o que marcou suas primeiras referências e fontes de leitura foi, além de sua mãe, a estante na casa de sua bisavó, razão pela qual acredita associar suas primeiras experiências de leitura mais à casa dela do que a ela propriamente dita.

Além disso, o colégio exerceu certa influência em seu desenvolvimento como leitora, apesar de tal tarefa, mesmo que no ambiente escolar, ainda ser desempenhada pela figura materna. Segundo a leitora, no período de alfabetização, sua mãe escrevia e contava histórias infantis para ela e seus colegas de classe no colégio; ela não se recorda se esta era uma prática comum, mas revela que a escola propunha algumas atividades aos pais, dentre as quais estava incluída a contação de histórias, realizada por sua mãe através de narrativas que ela mesma criava. A partir daí, ao longo do ensino fundamental, quando suas práticas de leitura já estavam um tanto delimitadas, a Entrevistada 2 recorda-se que a escola passou a exercer mais influência do que sua família em seu desenvolvimento como leitora. Sempre no momento de compra do material escolar, ela lia todos os livros paradidáticos solicitados pela escola, antes mesmo de iniciar o ano letivo. Ela comenta que a prática não está associada tanto ao seu interesse pelos títulos em si, mas sim ao próprio gosto de ler e ter algum material disponível para tal.

“Eu sempre tive essa relação afetiva com a leitura...”

As principais influências de leitura da Entrevistada 3 estão posicionadas na família, especificamente na mãe e no pai, a partir da qual desenvolveu uma relação afetiva com os livros. Tendo em vista que seus pais se divorciaram quando tinha apenas dois anos de idade, sua forma de conexão com o pai se dava através da literatura. Uma vez que seu pai era professor de Literatura e adorava ler, a leitora revela que, sabedora disso, lia os livros para contar para ele; nessa época, seu contato com ele era tão escasso que, sendo a única filha a desenvolver o gosto pela leitura, essa prática tornou-se uma forma de relação afetiva que os

conectava: “Era o nosso assunto... provavelmente, era o único assunto que a gente tinha” (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado). Apesar dessa relação de leitura com o pai, ela revela que sua mãe lia bastante e, de certa forma, também acabou por influenciá-la em seu desenvolvimento como leitora. Isto se dá, pois, tendo em vista que seus irmãos eram mais velhos, seus pais divorciados e sua mãe trabalhava fora, a leitora sentia-se muito sozinha em casa, pois não podia exercer as mesmas atividades que e com eles, de modo que sua mãe sempre lhe trazia livros para que pudesse ler nesses momentos. Em sua opinião, trata-se de uma forma de carinho, de sua mãe demonstrar que lembrava dela.

“Quando minha tia percebeu, eu estava lendo...”

No discurso da Entrevistada 4, podemos identificar na família, principalmente em sua tia, uma de suas principais influências de leitura. A leitora comenta que, sempre que a tia ia à sua casa, sua mãe pedia para que ficasse com ela, uma vez que precisava colocar a filha mais nova para dormir. Esse momento era só delas, o qual se traduzia, quase sempre, em brincar de “escolinha”. Ela recorda que, a partir dessas brincadeiras, quando sua tia percebeu, estava aprendendo e lendo de verdade, de modo a dar início, ainda na infância, em seu desenvolvimento como leitora.

“Eu li tudo, sem nem saber o que era...”

As influências centrais no desenvolvimento de leitura da Entrevistada 5 estão posicionadas na família e na escola. Inicialmente, a leitora revela que as práticas de estudo realizadas constantemente por seu pai e sua mãe, atividades que sempre presenciou em casa, influenciaram, de alguma forma, em seu interesse pela leitura, ainda que não entendesse muito bem o que estavam fazendo: “[...] meu pai fez faculdade de Direito e eu via ele lendo aquela Constituição e aí eu pegava para ler e não entendia nada, então eu acho que, talvez, seja por aí. E aí eu tentei buscar alguma coisa que eu entendesse...” (ENTREVISTADA 5, 2020, não paginado). Em sua casa, não havia muito estímulo por parte de seus pais à leitura literária; havia o incentivo ao estudo, a partir da noção de que este mudaria suas perspectivas de vida; entretanto, em termos de formação cultural e prazer com os objetos lidos, a leitora não recebeu estímulos. Ela credita a ausência de incentivo ao fato de seus pais não realizarem a leitura de textos literários (igualmente por falta de estímulo ao longo de suas vidas), mas apenas de materiais de estudo, de modo a não possuir experiência suficiente de leitura para orientá-la sobre quais obras desta tipologia poderiam vir a interessá-la. Um outro aspecto mencionado pela leitora, ainda no cenário familiar, refere-se aos livros de sua avó paterna,

alocados em uma estante de sua mãe, os quais não sabe muito bem a razão para estarem ali, mas lembra-se de retirar para ler inúmeras obras espíritas cujas imagens chamavam sua atenção, acabando por despertar seu interesse pela leitura. Nessa ocasião, ao vê-la em contato com materiais que, ainda criança, não tinha condições de entender, sua mãe ligou para a avó dizendo que mandaria os livros de volta. A partir dessa situação, “[...] eu lembro que a minha avó foi em um sebo e comprou um monte de livros clássicos para mim. E eu lembro disso até emocionada... tem uns que eu tenho até hoje... eu devorei... [...]” (ENTREVISTADA 5, 2020, não paginado). Assim, seus pais perceberam seu gosto pela leitura e passaram a incentivá-la a ler, o que se traduzia em passeios para livrarias, empréstimos de livros com colegas de sua idade e compra de inúmeras obras para ler durante as férias, caso aprovada no colégio.

Apesar das referências familiares, a Entrevistada 5 relata que sua principal influência de leitura está posicionada no ambiente escolar. Ainda no ensino fundamental, em razão da ausência de incentivo em casa de leitura literária, o contato da leitora com os textos literários se dava através dos materiais paradidáticos, os quais sempre lia antes do início do período letivo. Um pouco mais à frente, a leitora teve acesso à biblioteca do colégio em que foi cursar o ensino médio, a qual lhe abriu muitas portas e expandiu seus interesses de leitura, de modo a influenciar significativamente em seu desenvolvimento como leitora. Nesse período, ela relembra que a biblioteca escolar exerceu um marco em sua vida literária, uma vez que a permitiu ter acesso à diversos tipos de leitura cuja existência até então desconhecia.

**Tabela 6 – Influências**

<b>Variáveis</b>	<b>Número de leitoras</b>
Família	5
Escola	3
Amizade	1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

- **Objetivos**

Cada livro tem o seu papel específico.<sup>18</sup>

De modo geral, podemos extrair dos relatos das leitoras as seguintes variáveis: lazer, verificado em quatro entrevistas; escapismo; e lidar com situações difíceis, fatores identificados em duas narrativas; obtenção de conhecimento; obrigação; e reflexão, objetivos mencionados apenas uma vez por três leitoras.

<sup>18</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 4.

“Literatura como salvação da vida...”

Verificamos no relato da Entrevistada 1 três objetivos centrais de leitura: obrigação; escapismo; e lidar com situações difíceis. Durante um período do ensino médio, quando encontrava-se em um momento difícil de sua vida e, por isso, ficou de recuperação em Literatura, as práticas de leitura cumpriram um propósito de obrigação, uma vez que era necessário ler uma série de textos para realizar as provas. Após, quando ainda estava passando por situações difíceis em suas vivências, as leituras realizadas tinham como objetivo proporcionar um escapismo, uma forma de fugir de uma realidade que, naquela conjuntura, não a satisfazia. Ao mesmo tempo, a leitura também atuava como um meio de lidar com as situações difíceis pelas quais estava passando, uma vez que os textos lidos dialogavam diretamente com o que estava sentindo naquele momento.

“Eu lembro, quando criança, de passar as tardes na rede lendo o dia inteiro...”

Os objetivos principais de leitura da Entrevistada 2 são lazer e reflexão. No período da infância e adolescência, a leitura era o seu momento de tranquilidade e paz e, como sempre preferiu ficar com os seus livros do que interagir com as pessoas, essa atividade configurava sua principal forma de lazer, de passar o tempo fazendo o que gostava. A leitora recorda que sempre achou mais interessante ler do que qualquer outro tipo de atividade, como a televisão, por exemplo. Em sua opinião, era mais fácil encontrar um livro que queria de acordo com o que desejava ler no momento do que achar um programa de televisão na grade fixa que a agradasse. Além disso, ao longo da entrevista, ainda que não tenha pontuado especificamente a reflexão como um de seus propósitos de leitura, afirma interessar-se por livros que a fazem refletir e pensar (sua relação com a realidade e não apenas o conteúdo literário), constituindo uma das razões que orienta seu ato de ler: “Eu gosto de livros que me fazem refletir, que me fazem pensar, porque eu pego um livro, às vezes de literatura, e eu reflito ao redor dele também” (ENTREVISTADA 2, 2019, não paginado).

“Os livros me salvaram muito nessa época”

No discurso da Entrevistada 3, foi possível verificar os seguintes objetivos de leitura: lazer; escapismo; e lidar com situações difíceis. Durante boa parte de sua infância e adolescência, em razão de ficar muito tempo sozinha em casa e não poder realizar os mesmos programas que os seus irmãos, seu intuito central de leitura era o lazer e o escapismo, a fim de poder passar o tempo com uma atividade que lhe oferecesse algum tipo de entretenimento e,



ainda, abstrair a solidão sentida, situação que, naquele momento, não a satisfazia. Já no início da vida adulta, as experiências de leitura assumiram, essencialmente, tanto o caráter de escapismo como um meio de lidar com uma situação de crise. Nesse contexto, a leitora recorda que teve uma doença grave aos 21 anos de idade, a qual configurou um momento muito difícil em sua vida, tanto pela própria ocasião da doença quanto pelo tratamento desgastante. Foi nessa época que conheceu *Harry Potter*, de J. K. Rowling, o qual lia um por dia e, sempre que acabava, recomeçava a leitura. Durante esse período, ela lembra que “os livros me salvaram” (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado). Sob essa perspectiva, a leitora aponta que lia vários tipos de leitura, mas que, ao ler *Harry Potter*, esquecia, em algum nível, a realidade na qual encontrava-se inserida que, naquele momento, era difícil de lidar.

“Você sempre vai aprender alguma coisa...”

As variáveis que podemos extrair a partir da narrativa da Entrevistada 4 são lazer e obtenção de conhecimento. Em sua opinião, cada livro possui um papel específico de acordo com o contexto vivenciado, o que acaba por orientar suas escolhas de leitura. Desse modo, a leitora revela que, em muitas vezes, quando se propõe a ler uma obra literária, dentre as quais menciona como um dos exemplos a literatura jovem-adulto, está em busca de um momento de lazer, quando deseja ler um conteúdo considerado “mais leve”. Ao mesmo tempo, grande parte de seus intuitos ao ler um material de não-ficção, por exemplo, está em aprender mais sobre um determinado assunto e obter conhecimento. Ela afirma: “Cada livro serve para alguma coisa e cada livro, para mim, ao mesmo tempo, serve para tudo e você sempre vai aprender alguma coisa” (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado).

“A leitura me levou a conhecer muita coisa...”

No relato da Entrevistada 5, podemos identificar seu principal objetivo de leitura, sobretudo durante a infância e o início da adolescência, era o lazer. A leitora recorda que, nesse período, não apenas estudava em um colégio afastado de sua casa, como também tinha pouco convívio social – uma vez que estava constantemente estudando para ingressar no ensino médio de uma escola técnica federal e seus irmãos eram mais novos -, de modo que a leitura se tornava uma forma de lazer, a qual praticava, até mesmo, durante o trajeto até a escola. Ao cursar o ensino médio em uma escola técnica federal, teve acesso à biblioteca, a qual a permitiu realizar diferentes tipos de leitura literária, também por lazer. Essas experiências possibilitaram a construção de conhecimentos sobre lugares nunca antes

visitados, bem como sobre realidades – vivenciadas pelas personagens – cujas reflexões ainda eram incipientes.

**Tabela 7 – Objetivos**

<b>Variáveis</b>	<b>Número de leitoras</b>
Lazer	4
Escapismo	2
Lidar com situações difíceis	2
Obtenção de conhecimento	1
Reflexão	1
Obrigação	1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

- **Sensações individuais**

Parece que você está menos solto no caos...<sup>19</sup>

Nesta categoria, as respostas estão sintetizadas através das seguintes variáveis: identificação, verificado no relato de quatro leitoras; transcendência para outro contexto, fator identificado em duas entrevistas; motivação; prazer; e entendimento sobre si mesma são sensações extraídas uma vez dos relatos de diferentes entrevistadas.

“Ler um texto que parecia que me entendia...”

As sensações mais evidentes durante as experiências de leitura da Entrevistada 1, sobretudo ao longo da adolescência, concebida como um dos períodos mais difíceis de sua vida, são identificação, motivação e entendimento sobre si mesma. Especialmente nesses momentos turbulentos de sua vida, essas sensações eram percebidas, entre outros exemplos, através das experiências de leitura das poesias de Fernando Pessoa e Álvaro de Campos (heterônimo de Pessoa), bem como as obras de Franz Kafka, considerados autores que falavam exatamente sobre a forma em que a leitora se sentia, de modo que a literatura, nesse período, atuava como uma espécie de “salvação de vida”, em suas próprias palavras, uma forma de lidar com as crises pelas quais passava. Desse modo, a leitora sentia que a leitura a oferecia uma motivação para enfrentar as dificuldades, bem como um entendimento sobre si mesma.

<sup>19</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 1.

“O que me relaciona com o livro mesmo são sentimentos...”

A sensação verificada no relato da Entrevistada 2 é a identificação. Ela revela que se envolve completamente com as obras lidas: sente-se feliz, triste e revoltada com e pelas personagens. Trata-se de se identificar com o material lido e sentir-se “ao redor da leitura” (ENTREVISTADA 2, 2019, não paginado), isto é, de entrar no clima do livro que está lendo. Além disso, o ato de ler dá prazer à leitora.

“O *Harry Potter* existia e eu não estava ali...”

No que se refere à Entrevistada 3, podemos inferir a partir de seus relatos que a principal sensação despertada pelas experiências de leitura, sobretudo em um período conturbado de sua vida, é de transcendência para outro contexto. Ao enfrentar um momento de crise ocasionado por uma doença grave, ela relata a sensação de transcendência para outro contexto, manifestada especificamente na leitura de *Harry Potter*, que a fazia se sentir como se não estivesse doente e fazendo tratamento, mas sim vivenciando aquela história junto com as personagens.

“Quando eu leio essas coisas, parece que eu sinto...”

Com base nos relatos da Entrevistada 4, posicionamos a identificação como uma das principais sensações advindas de suas experiências individuais de leitura. Para a leitora, suas interações com o objeto informacional são sempre muito intensas, de modo que se sente preenchida e, não raro, “atropelada” pelas histórias lidas. Ao terminar de ler *A culpa é das estrelas*, de John Green, ela relembra que a obra tinha sido tão impactante, havia mexido tanto com as suas emoções, que sua primeira reação foi mordê-lo, literalmente; ela atribui tal reação ao fato de não saber o que fazer com os inúmeros sentimentos despertados pelo livro.

“Me sentia absorvida e passava a madrugada lendo...”

A partir dos relatos da Entrevistada 5, as principais sensações advindas das experiências individuais de leitura se dão através de dois pontos principais: transcendência para outro contexto; e identificação. A leitura sempre fez com que sentisse como se não estivesse ali, vivenciando sua própria realidade, de tão mergulhada no universo da história; a leitora se sente tão absorvida pelas narrativas que, não raro, passava a madrugada inteira lendo, de modo a conhecer lugares que nunca tinha ido. Sobre a identificação, aponta que sente as dores das personagens de maneira tão intensa que, em épocas em que está mais

sensível, sabe não poder ler determinados livros, pois estes a deixariam mais triste. Para a Entrevistada 5 (2020, não paginado): “O personagem é como se fosse uma pessoa da sua família, então você sofre junto [...] Você tem que digerir durante um tempo aquilo ali, porque é como se você tivesse vivido, morrido e não vai voltar [...] É como se você vivesse uma outra realidade.”

**Tabela 8** – Sensações individuais

Variáveis	Número de leitoras
Identificação	4
Transcendência para outro contexto	2
Motivação	1
Entendimento sobre si mesma	1
Prazer	1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

- **Marcos de leitura**

São essas pequenas frases que ficam...<sup>20</sup>

Nesta categoria, os marcos nas trajetórias de leitura das leitoras estão centralizados, em sua maioria, em obras que as marcaram de modos distintos; apenas um relato não contempla algum livro específico que marcou o desenvolvimento de leitura da entrevistada, posicionando a descoberta de canais de leitura no *youtube* como um marco em sua trajetória.

“Me fez ter certeza de que era isso que eu queria trabalhar e estudar...”

A Entrevistada 1 menciona dois contos de Clarice Lispector, *O primeiro beijo e outros contos* e *Laços de família*, como marcos em sua trajetória não apenas como leitora, mas também de vida. Ela relembra que, no final do ensino médio, quando já havia “redescoberto” seu gosto pela leitura, especialmente Literatura Brasileira, suas experiências com essas obras provocaram sensações nunca antes sentidas; ainda que a leitora não especifique a natureza dessas sensações, ela revela que essas duas aproximações iniciais com a autora a fizeram ter certeza de que era na área de Literatura que gostaria de trabalhar e estudar.

<sup>20</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 4.

“Um livro que eu li deve ter uns 20 anos e ainda é referência...”

A Entrevistada 2 indica *Manu: a menina que sabia ouvir*, obra de literatura infantil escrita por Michael Ende, como um dos livros que mais a marcaram. A leitora afirma não saber, exatamente, o tipo de relação existente entre ela e esse material, tampouco a razão pela qual esse título ainda desperta tanto seu interesse, mesmo que já o tenha lido há mais de vinte anos. Contudo, ao longo da entrevista, memórias lhe vieram à mente sobre ter sido este um livro encontrado na estante da casa de sua bisavó materna, o qual retirou para ler e acabou por se interessar, de modo a guarda-lo até hoje. Ela comenta que sua edição está muito precária, por tratar-se de um exemplar da década de 1980, mas que o conserva até hoje da melhor forma possível, pois tem uma relação afetiva muito forte com esse material. Outras memórias surgiram à leitora em momentos distintos da entrevista, os quais, ainda que não mencione como um marco central em sua trajetória de leitura, lembra da primeira edição brasileira de *Harry Potter* como uma das obras presenteadas por sua mãe na infância, o qual guarda até hoje por conter uma dedicatória dela: “[...] [Minha mãe] veio falando que ela tinha visto no jornal uma história de um bruxinho, que ela ia comprar para mim o livro. Foi assim que *Harry Potter* entrou na minha vida” (ENTREVISTADA 2, 2019, não paginado).

“Mudou completamente a minha forma de me relacionar com a leitura...”

Os relatos da Entrevistada 3 permitem identificar um marco em sua trajetória como leitora na descoberta do *youtube* como uma plataforma na qual os leitores podem criar canais para falar sobre livros, o que mudou significativamente suas formas de se relacionar com a leitura, tanto no que se refere aos modos de ler como no desenvolvimento de suas preferências. Nesse contexto, a leitora recorda que se sentiu maravilhada com essa descoberta, sobretudo porque, até então, suas escolhas de leitura envolviam sugestões de amigas e amigos e materiais que, por algum motivo, interessavam-na ao passar por uma livraria, ao passo que o hábito de acompanhar canais de leitura no *youtube* contribuiu para que lesse de forma mais sistemática e intencional, de modo a expandir as possibilidades de descoberta e aprofundamento nos tipos de leitura que mais a interessavam: “Comecei a ler muito mais sistematicamente, muito mais intencionalmente. ‘Esse tipo de livro que eu quero ler, quero me aprofundar nesse autor, participar de projetos de leitura...’ Mudou demais [...]. Eu leio mais e leio melhor” (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado).

“Olha o quanto isso me trouxe de lá...”

Para a Entrevistada 4, existem duas obras que mais a marcaram: *Harry Potter*, de J. K. Rowling, e *A culpa é das estrelas*, de John Green. Sobre o primeiro título, a leitora revela que o livro apresenta um grande potencial de ensinamento, uma vez que demonstra a importância do amor e algumas analogias políticas que, quando criança, não compreendia, mas que, atualmente, admira o quanto aprendeu a partir dessa experiência de leitura. A leitora relembra alguns trechos do livro, que contemplam frases que a marcam até hoje: “Você pode encontrar a luz mesmo em tempos escuros” e “Não é porque existe só na sua cabeça que não é real” (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado). Ela comenta que são essas pequenas frases que permanecem após a leitura de um livro. Desse modo, afirma que *Harry Potter* não apenas marcou momentos de suas vivências, mas também fez muita diferença em sua vida literária.

Sobre a segunda obra indicada, *A culpa é das estrelas*, trata-se, sob sua ótica, de um livro que ensina sobre a vida, o amor e o sofrimento. Novamente, ela recorda-se de algumas partes do livro que a marcaram:

Tem um momento que, para mim, é muito forte no livro, que é quando a Hazel [personagem principal] tem um momento em que ela fala que os pais dela talvez preferiam não ter tido ela para não ter que passar por tantos sofrimentos. Só que ela perde o namorado, e aí o pai dela pergunta: ‘E aí, valeu à pena?’ E ela fala que ela passaria por tudo de novo. E ele fala: ‘É assim que a gente se sente em relação a você.’ Gente, eu acho isso tão forte. Eu acho muito marcante, porque ensina sobre a vida e sobre o amor de uma forma muito bonita (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado).

“Não sei... abriu os olhos...”

A Entrevistada 5 pontua três obras lidas na idade adulta, que não apenas marcaram o que considera como um período de transição para a vida adulta em termos de expansão dos tipos de leitura consumidos, como também contribuíram para ampliar suas percepções e reflexões sobre o mundo como um todo, sobretudo a existência de realidades diferentes da sua: *A redoma de vidro*, de Sylvia Plath; *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus; e *As vinhas da ira*, de John Steinbeck. Em sua opinião, uma vez que já vinha, há algum tempo, estudando o feminismo e se dedicando à leitura da literatura feminina e feminista, as duas primeiras obras citadas, em especial a primeira, abriram seus olhos para compreender que nem tudo o que as mulheres passam se dá em uma dimensão individual, mas sim coletiva. Nessa ocasião, a experiência com o objeto informacional despertou a leitora para a compreensão do que muitas mulheres no mundo passam, inclusive, em situações semelhantes às dela própria.

Em relação à *Quarto de despejo*, segundo título indicado, esta obra também a despertou para a existência de contextos de vida desfavoráveis de mulheres que, apesar de saber que sempre existiram, as sensações de identificação suscitadas por essa leitura a fizeram sentir as mesmas dores que a personagem e perceber que existem mulheres em situações piores que as suas, o que acabou por impactar em suas formas de percepção dessas mesmas realidades.

Igualmente, sobre *As vinhas da ira*, trata-se de uma obra que recebeu de presente de seu ex-chefe, no segundo ano da faculdade de Direito, cuja leitura a possibilitou vislumbrar não apenas outras realidades, como também, em suas palavras, “a vida das pessoas da forma mais crua” (ENTREVISTADA 5, 2020, não paginado).

**Tabela 9 – Marcos de leitura**

Variáveis	Número de leitoras
Obras que marcaram as leitoras	4
Descoberta de canais de leitura no <i>youtube</i>	1
Não identificado	1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

### • Lembranças subjetivas

Os seus livros me salvaram...<sup>21</sup>

Nesta categoria, uma vez que as recordações estão vinculadas às relações particulares e subjetivas das entrevistadas com a leitura, optamos por categorizar as variáveis de acordo com as associações de lembranças e não as lembranças propriamente ditas, extraíndo de seus relatos respostas que remetem à três aspectos centrais: lembranças associadas à infância e adolescência, identificadas no discurso de duas entrevistadas; lembranças associadas a momentos difíceis, verificado em um relato; e lembranças afetivas, fator também extraído da narrativa de uma leitora. Apenas em um relato não foi possível identificar lembranças ao decorrer das trajetórias de leitura de uma das entrevistadas.

“A gente tem essa tradição...”

No desenrolar dos relatos da Entrevistada 2, surgiram recordações de lembranças associadas à infância e adolescência. Desde os dez anos de idade, ela e sua mãe frequentam a

<sup>21</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 3.

Bienal do Livro do Rio de Janeiro: trata-se de uma tradição estabelecida entre as duas, na qual iam de manhã e percorriam quase todos os corredores e *stands* do evento. A leitora relembra de percorrer, principalmente, os *stands* pertencentes a livreiros e não às grandes editoras, nos quais vendem-se livros à preços mais acessíveis e dos mais variados tipos de editora e gênero literário, pois sempre gostou mais de “escavar” nessas bancadas de livros “aleatórios e misturados”.

“Eu chorava de soluçar...”

A principal lembrança de leitura verificada no relato da Entrevistada 3 está relacionada às situações difíceis vivenciadas durante determinados momentos de sua existência, a partir das quais, durante o período em que esteve doente, o ato de ler, sobretudo a série *Harry Potter*, desempenhou um papel fundamental para ajudá-la a lidar com essa crise. Nesse contexto, a leitora recorda que, após a recuperação de sua doença, ao visitar o bar em que J. K. Rowling escreveu *Harry Potter* em Edimburgo, na Escócia, deparou-se com uma série de mensagens de leitores que relatavam lembranças de suas próprias relações com a obra, inclusive de pessoas que passaram por circunstâncias semelhantes às suas.

“Os patins perderam todo o brilho dele, porque chegaram os livros...”

Ao longo da narrativa da Entrevistada 4, surgiram memórias, associadas ao período da infância e adolescência, que marcaram, de alguma forma, seu desenvolvimento como leitora; trata-se de “[...] uma historinha muito engraçada que eu adoro contar e que é muito marcante para mim” (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado). Em seu aniversário de sete anos, a leitora desejava muito ganhar um par de patins, de modo que sua tia a presenteou, junto ao capacete e a joelheira. No entanto, ela recorda que, nessa mesma ocasião, ao receber livros de presente de sua tia-avó, seu comportamento mudou completamente:

Foi até eu terminar de calçar os meus patins, colocar a joelheira... estava toda paramentada e chegou minha tia-avó, me desejou feliz aniversário e me deu um pacote. Eu abri e eram dez livros, tipo esses livros fininhos, histórias de bichinhos... e daí eu olhei para aquilo, sentei no chão, esparramei aqueles livros todos e eu fiquei sentada lendo de patins. Fiquei sentada de patins, com joelheira, lendo o resto da noite. [...] os patins perderam todo o brilho dele, porque chegaram os livros e eu devo ter lido os dez livros ali [...] (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado).

A partir dessa experiência, os pais e as pessoas próximas à leitora passaram a perceber seu gosto pela leitura e começaram a presenteá-la constantemente com livros infantis. Uma outra lembrança relatada ao longo da entrevista está associada ao período da adolescência, no



qual a leitora percebeu que “não conseguia” ficar sem ler um livro: “Foi um dia em que eu fui deitar para dormir. Eu lembro que entrei em crise em casa, deixando os meus pais malucos, porque eu não tinha nada para ler. E então meu pai apontou a estante dele e falou ‘sirva-se’” (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado). Essa experiência contribuiu para que a leitora tivesse acesso à uma série de livros cuja existência até então desconhecia.

“Pelo carinho que eu via de eles tentando, de alguma forma, me orientar...”

As lembranças de leitura da Entrevistada 5 estão relacionadas às suas memórias afetivas com livros que seu pai e sua avó a presentearam. Essas recordações estão associadas não especificamente às histórias das obras em si, mas sim ao que considera o carinho de ambos ao presenteá-la e tentarem, ainda que sem muitas referências culturais, oferecer algum tipo de orientação em seu desenvolvimento como leitora. Desse modo, “[...] a lembrança afetiva que eu tenho acho que não é tanto pelo livro se relacionando com a minha vida, mas muito mais pelo livro mesmo como presente. Pelo ato em si” (ENTREVISTADA 5, 2020, não paginado). A leitora menciona, em suas próprias palavras, os “livros afetivos da infância”, dentre os quais destaca as obras de Clarice Lispector e Érico Veríssimo, presentes de sua avó, os quais guarda até hoje por seu valor simbólico, e a coleção de *Harry Potter*, dada por seu pai. Em relação ao último, a leitora pontua que:

Toda vez que saía um lançamento, meu pai ia para a fila para pegar no primeiro dia, porque, senão, eu ficava muito brava. Tinha que ser no primeiro dia. E ele, geralmente todo final de ano, enfrentava a fila do lançamento para trazer para mim o livro no primeiro dia do lançamento. Então, quando terminou, eu não sabia o que fazer. Eu pensei: ‘E agora?’ (ENTREVISTADA 5, 2020, não paginado).

**Tabela 10** – Lembranças subjetivas

Variáveis	Número de leitoras
Lembranças associadas à infância e adolescência	2
Lembranças associadas a momentos difíceis	1
Lembranças afetivas	1
Não identificado	1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

- **Aproximações**

Como assim eu nunca fui no Leia Mulheres?<sup>22</sup>

No que se refere às aproximações das entrevistadas ao clube, encontramos as seguintes variáveis: atuação na *internet* no universo da leitura, verificado no relato de três leitoras; e indicação de amigas, identificada em duas das cinco entrevistadas.

“O Leia virou uma escola para mim...”

A aproximação da Entrevistada 1 com o Leia Mulheres Rio de Janeiro está diretamente relacionada à sua atuação na *internet* no universo da leitura. Inicialmente, a leitora relata que seu interesse pela leitura a despertou para a vontade de falar sobre as obras lidas com outras pessoas, de modo a criar um *blog* literário, que acabou por possibilitar contatos e amizades com leitoras que também tinham *blogs* e canais de leitura em redes sociais. Nesse contexto, sua atuação na *internet* no mundo dos livros, bem como os contatos daí traçados, a levou a conhecer as fundadoras do Leia Mulheres São Paulo, sede do projeto original. Uma vez criado em São Paulo, a leitora acredita que as fundadoras já estavam em processo de expansão do clube para o Rio de Janeiro, verificando possibilidades de espaço para os encontros, de modo que perguntaram se ela e outras duas amigas também atuantes no universo literário estavam interessadas em tornarem-se mediadoras do Leia Mulheres Rio de Janeiro. Ela revela que, devido à sua insegurança, ficou receosa de assumir essa responsabilidade e disse que frequentaria apenas como participante. Desse modo, uma outra mediadora foi convidada a participar em seu lugar, mas assim que saiu, uma vez que ia em todos os encontros e as duas primeiras mediadoras já eram suas amigas, começaram a apresentar a leitora também como mediadora, de modo que acabou por ser incluída.

“Eu vou frequentar o Leia Mulheres para voltar a ler...”

Igualmente, a aproximação da Entrevistada 2 também está vinculada à sua atuação na *internet* no universo da leitura. A leitora possui um *site*, no qual realiza análises da cultura pop, bem como de obras literárias em geral; ainda, como parte de uma das atividades que exerce, escrevia para outros *sites*. A partir dessa atuação, em 2016, o *site* de um dos projetos com os quais mantinha contato, que se dedicava a promover a literatura escrita por mulheres, convidou o *site* no qual a leitora escrevia para falar em um evento sobre ler mais mulheres, o

---

<sup>22</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 4.

qual compareceu para representa-los. Na ocasião, estavam presentes duas mediadoras do Leia Mulheres Rio de Janeiro para falar sobre o projeto, razão pela qual soube da existência da iniciativa. Com isso, a leitora passou a frequentar o clube inicialmente de forma esporádica, devido à ausência de tempo livre disponível por causa do mestrado, mas que, após termina-lo, se comprometeu a voltar a participar das reuniões com mais assiduidade, a fim de conseguir retomar a leitura de obras literárias e não apenas de temas relacionados aos seus estudos.

“Quando estamos lá, nós quatro, por motivos diferentes... o Leia é muito isso...”

Identificamos no relato da Entrevistada 3 sua atuação na *internet* no universo da leitura, especificamente como participante de projetos de leitura *online* e espectadora de vários canais literários no *youtube*, como fatores de aproximação inicial com o Leia Mulheres. Nesse período, entrou em contato com o canal de uma das mediadoras do clube na cidade do Rio de Janeiro que, em um dos vídeos, divulgou o projeto e despertou seu interesse em participar. A leitora relembra que, antes de tornar-se mediadora, frequentou o clube durante cerca de um ano como participante; o convite para a mediação está diretamente relacionado às suas experiências como participante no Leia Mulheres, uma vez que foi nesse contexto que conheceu as demais frequentadoras, dentre elas as mediadoras, e foi convidada. Ela não sabe dizer, exatamente, como foi cogitado o convite entre as mediadoras para mediar as reuniões do clube, mas recorda ter se sentido insegura ao ser convidada.

“Fiquei com mais vontade de me relacionar com pessoas que também gostavam de ler...”

A aproximação inicial da Entrevistada 4 com o Leia Mulheres Rio de Janeiro está relacionada à indicação de amigas. Inicialmente, a leitora teve conhecimento sobre a iniciativa do projeto através de sua atuação na *internet* no universo da leitura, à exemplo de *blogs* sobre literatura, o que a permitiu conhecer outras pessoas que também gostavam de ler. Contudo, especificamente sobre sua chegada ao clube, sua participação está relacionada ao convite recebido por uma amiga para frequentar uma das reuniões. Em 2017, relata que criou um canal literário no *youtube* para falar sobre livros, atividade que despertou mais ainda seu interesse em interagir com outras leitoras para compartilhar experiências de leitura. Nesse contexto, recorda nunca ter participado de um clube de leitura, mas que uma amiga sua, que conheceu através de um *blog* literário, foi estudar na cidade onde morava, de modo a apresenta-la ao Leia Mulheres de lá, o qual começou a frequentar. Desse modo, uma vez que estava sempre na cidade do Rio de Janeiro por causa de seu namorado, a leitora procurou uma edição do clube e começou a frequentar as reuniões. Atualmente, ela participa do Leia

Mulheres nas duas cidades, ainda que frequente e mais os encontros no Rio de Janeiro, tanto por passar mais tempo na cidade, como pela pluralidade de títulos contemplados e das experiências de leitura trocadas.

“Eu acho que o Leia veio justamente para adicionar isso...”

As aproximações iniciais da Entrevistada 5 com o Leia Mulheres Rio de Janeiro se deram através da indicação de uma amiga da faculdade, que compartilhava de seu interesse pela leitura. Durante um período, as duas dividiram um apartamento, de modo a trocarem constantemente livros, indicações e perspectivas de leitura; até então, não frequentava o clube por trabalhar demais e, por isso, não ter tempo. Contudo, ao casar e se mudar para o bairro no qual os encontros do Leia Mulheres acontecem, essa amiga a convidou para participar do clube.

**Tabela 11 – Aproximações**

Variáveis	Número de leitoras
Atuação na <i>internet</i> no universo da leitura	3
Indicação de amigas	2
Não identificado	3

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

- **Motivações**

Hoje é o dia do meu clube...<sup>23</sup>

No que se refere às razões que levaram as leitoras a participarem do Leia Mulheres Rio de Janeiro, encontramos as seguintes respostas: compartilhar experiências de leitura, seja na posição de emissora ou ouvinte, extraído de quatro entrevistas; importância dos debates em grupo, fator verificado em dois relatos; encontrar as amigas; ler mais obras escritas por mulheres; e diversificar os materiais de leitura consumidos são aspectos identificados uma vez nos relatos de diferentes entrevistadas.

“O Leia era o meu momento mensal de ouvir um monte de gente falando...”

Em seu relato, identificamos que as motivações principais da Entrevistada 1 para participar do Leia Mulheres estão posicionadas em dois fatores: ter interlocutores para emitir

<sup>23</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 3.

visões e interpretações sobre um texto, posicionado na variável compartilhar experiências de leitura; e ler mais obras escritas por mulheres. Sobre o primeiro tópico, a leitora afirma que, uma vez que já falava sobre livros na *internet*, queria ter outras pessoas com quem compartilhar suas experiências de leitura, visto que nem sempre é fácil encontrar alguém que goste dos mesmos livros e queira falar deles; o clube, nessa visão, torna-se um espaço para dividir com outros leitores e leitoras suas experiências individuais de leitura. Especificamente sobre ler mais obras escritas por mulheres, esta motivação parte da noção de, apesar de conhecer escritoras mulheres que considera maravilhosas, a Entrevistada 1 achava que não apenas lia mais homens, como também seus autores favoritos eram, em sua maioria, homens; ela pontua que considera este um comportamento muito naturalizado, pois, normalmente, temos uma tendência a comprar, falar e desenvolver projetos de leitura que focam nas obras produzidas por autores homens. Em sua opinião, ao reunirem-se para discutir autoras mulheres, torna-se possível debater e conhecer sua atuação no cenário literário e editorial como um todo e refletir sobre o porquê de privilegiarmos escritores homens.

“Eu sempre achei a ideia de clube de leitura muito legal...”

A principal razão para a Entrevistada 2 participar do Leia Mulheres está posicionada na variável compartilhar experiências de leitura na posição de ouvinte. Apesar de não interagir muito, a leitora revela gostar dessa parte da interação do clube, pois interessa-se em ouvir o que as outras leitoras pensam sobre as obras lidas, o que lhe possibilita analisar se tiveram percepções diferentes das dela e refletir sobre as opiniões trocadas e circuladas.

“Da força que eu acho que tem pessoas se reunirem para debater...”

A motivação identificada no discurso da Entrevistada 3 para participar do Leia Mulheres está relacionada à importância dos debates em grupo e ao desejo de compartilhar experiências de leitura. Em sua opinião, o compartilhamento de ideias em grupo, independentemente da temática, é sempre importante; no caso específico da leitura, acredita que o debate amplia as perspectivas e as experiências não apenas com o objeto informacional, mas também com a realidade ao redor, de modo a propiciar a reflexão sobre pontos de vista que, em muitas vezes, ela mesma não havia notado quando da leitura individual.

“Eu acho incrível pensar no Leia Mulheres... que ele existe, que está em várias cidades do Brasil, até em cidades pequenininhas...”

As principais razões apresentadas no relato da Entrevistada 4 para participar do Leia Mulheres estão posicionadas nas variáveis compartilhar experiências de leitura; e, principalmente, na importância dos debates em grupo, sobretudo de obras escritas por mulheres. Para a leitora, o clube não é apenas um espaço de discussões sobre diferentes experiências de leitura, mas também de debates sobre temáticas que, em muitas vezes, transcendem o conteúdo dos objetos lidos, isto é, que expandem as reflexões para seu contexto de circulação.

“Eu queria sair da zona de conforto...”

No discurso da Entrevistada 5, as razões para frequentar o Leia Mulheres estão associadas a dois aspectos centrais: encontrar suas amigas; e diversificar os materiais de leitura consumidos. No que se refere ao primeiro aspecto, identificamos que, na visão da leitora, ir às reuniões do clube configuram oportunidades para que possa encontrar suas amigas e conversar não apenas sobre livros e leitura, mas também sobre suas próprias vidas. No entanto, a leitora relata que sua participação no clube está relacionada, primordialmente, ao desejo de sair do que considera sua zona de conforto, isto é, os materiais de leitura comumente consumidos. Ao participar das reuniões, está em busca de novas indicações de leitura, a fim de conhecer diferentes leitoras e tipos de leitura, ler mais mulheres e refletir sobre obras até então pouco exploradas, de modo a expandir suas experiências de leitura: “Eu acho que o Leia veio justamente para adicionar isso... eu senti que encaixou na minha vida para sair da minha zona de conforto e ‘vamos refletir’” (ENTREVISTADA 5, 2020, não paginado).

**Tabela 12 – Motivações**

<b>Variáveis</b>	<b>Número de leitoras</b>
Compartilhar experiências de leitura	4
Importância dos debates em grupo	2
Ler mais obras escritas por mulheres	1
Encontrar as amigas	1
Diversificar os materiais de leitura consumidos	1
Não identificado	3

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

- **Visões de mundo**

É isso que eu imaginava que era o clube do livro...<sup>24</sup>

As cinco entrevistadas apresentam percepções diferentes sobre os clubes de leitura antes de frequentar o Leia Mulheres, sendo estas voltadas às seguintes noções: debates desrespeitosos; ênfase nos aspectos teóricos e políticos da obra; previsibilidade de opiniões; ideia de intimidação e de dinâmica de palestras; e ênfase nos aspectos literários dos textos. Apenas em um relato identificamos percepções anteriores semelhantes à sua atuação original.

“No início, eu achava que podia rolar isso... de a discussão ser muito militante e nem tanto a partir da experiência de leitura...”

Identificamos no relato da Entrevistada 1 duas percepções sobre os clubes de leitura antes de começar a frequentar o Leia Mulheres: debates desrespeitosos; e ênfase nos aspectos teóricos e políticos da obra. A leitora relata que, em algumas experiências prévias em grupos de discussão sobre cultura, política e filosofia, presenciou alguns debates teóricos e políticos sobre feminismo que tornaram-se acalorados, razão pela qual receou que, apesar de o Leia Mulheres contemplar, em sua maioria, textos literários de autoria feminina e não, necessariamente, de cunho feminista, as discussões pudessem oscilar mais para os contextos teóricos e políticos que circundam a obra e menos para as experiências de leitura, isto é, para como as leitoras se sentiram durante a leitura do texto. Nesse sentido, sua preocupação central como mediadora e não especialista na temática (uma vez que ainda estava iniciando suas leituras sobre esses assuntos) era de as participantes acharem que ela não tinha repertório teórico suficiente para discutir e mediar as questões de cunho feminista que poderiam eventualmente surgir, de modo a resultar em debates desrespeitosos.

“Você já começa a esperar o que vai acontecer...”

As impressões da Entrevistada 2 acerca dos clubes de leitura estão centralizadas não no contexto anterior à sua participação no Leia Mulheres, mas sim na relação estabelecida entre quando não frequentava o clube com tanta assiduidade e no cenário atual, no qual participa mensalmente das reuniões. As concepções anteriores da leitora estão posicionadas no que se refere como previsibilidade de opiniões, partindo da noção de que, ao frequentar o clube todo mês, os relatos de leitura compartilhados pelas demais participantes pudessem se tornar previsíveis. Em sua visão, a assiduidade de sua participação no clube faz com que ela

---

<sup>24</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 4.

conheça, de certa forma, as perspectivas de leitoras que participam com a mesma frequência que ela, de modo que, ainda que não possua uma relação de intimidade com algumas das participantes, acaba por conhecer, em algum nível, seu comportamento e a forma como pensam, inferindo alguns dos comentários ou opiniões de determinadas pessoas. Por esse motivo, acreditava que as discussões pudessem se tornar previsíveis, não apresentando mais o mesmo caráter surpreendente de quando não sabia nada sobre as participantes e, assim, não fazia ideia de quais interpretações e reflexões apresentariam sobre os objetos lidos.

“Eu tinha essa sensação de que vou chegar lá e vou ter que ter uma opinião”

As percepções da Entrevistada 3 sobre os clubes de leitura antes de participar do Leia Mulheres estavam associadas à duas ideias principais: ideia de intimidação e dinâmica de palestras. Sobre o primeiro aspecto, por ser tímida e não gostar de se expor, a leitora acreditava que, ao chegar às reuniões do clube, teria de se posicionar e apresentar uma opinião genial sobre a obra discutida. Além disso, acrescenta que a prática de apresentação de cada participante no início dos encontros, não mais utilizada hoje em dia em razão da grande quantidade de frequentadoras, reforçava, em sua opinião, a noção de intimidação. A leitora pontua que, ainda que a prática seja positiva por um lado, uma vez que é interessante saber o nome das pessoas e chama-las como tal, também acaba por intimidar algumas delas, visto que podem se sentir envergonhadas de falar em público. No que se refere ao segundo fator, a leitora concebia os encontros dos clubes de leitura como uma espécie de palestra, na qual apenas as mediadoras falavam sobre os materiais lidos e as participantes ouviam. Essa noção parte de suas experiências como telespectadora de canais de leitura no *youtube*, nos quais, em sua maioria, dadas as distinções características de ambos os espaços, seguiam essa dinâmica.

“Totalmente diferente do que eu imaginava...”

As impressões da Entrevistada 4 sobre o que seriam as reuniões dos clubes de leitura antes frequentá-los envolvem a ênfase nos aspectos literários dos textos, como a construção das personagens, os gêneros e escolas literárias, por exemplo. A leitora afirma que esses tópicos surgem eventualmente, mas que não configuram o foco principal do clube.

“Eu já imaginava que ia ser mais ou menos na mesma pegada...”

O relato da Entrevistada 5 é o único no qual podemos verificar percepções anteriores semelhantes à sua atuação original. Uma vez que já participou de grupos que se dedicam à discussão de textos sobre feminismo, apesar de o mesmo apresentar uma dinâmica e um



público com tipos e objetivos de leitura distintos, acreditava que as atividades dos clubes de leitura, especificamente o Leia Mulheres, seriam semelhantes: práticas de leitura individual e posterior discussão dos livros escolhidos, tendo por base as percepções de cada participante.

**Tabela 13** – Visões de mundo

Variáveis	Número de leitoras
Debates desrespeitosos	1
Ênfase nos aspectos teóricos e políticos da obra	1
Previsibilidade de opiniões	1
Ideia de intimidação	1
Dinâmica de palestras	1
Ênfase nos aspectos literários dos textos	1
Percepções anteriores semelhantes à sua atuação original	1
Não identificado	2

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

#### • Interpretações

Eu acho que o Leia virou uma espécie de lugar para a gente debater as coisas do mundo atual a partir da leitura...<sup>25</sup>

No que se refere às impressões das entrevistadas sobre o Leia Mulheres e, especialmente, as discussões que transcorrem nesses espaços, podemos encontrar as seguintes variáveis: ambiente propício para o compartilhamento de diferentes experiências de leitura, identificado em quatro entrevistas; possibilidades de reflexão, verificado no relato de três entrevistadas; compartilhamento de vivências pessoais; preocupação com a fala e escuta das participantes; e oportunidades de aprendizado, impressões extraídas de duas entrevistas; discussão sobre o livro como objeto de entretenimento; diminuição do caráter intimista das reuniões; ausência de um caráter surpreendente nos debates; e incipiência de opiniões políticas e sociais diversificadas são fatores identificados uma vez em diferentes relatos. No que se refere à discussão de temas que circundam a questão da mulher, deixamos as entrevistadas livres para manifestarem suas opiniões sobre o que entendiam por esse tópico, de modo a evitar induzi-las em quaisquer respostas que seriam de maior interesse ao estudo; apenas três leitoras expressaram suas impressões, sendo a questão da mulher concebida à luz das temáticas teóricas e especializadas sobre o feminismo, na qual podemos verificar que,

<sup>25</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 1.

ainda que não constituam o foco central dos debates do clube, esses assuntos surgem inevitavelmente, uma vez que o clube se propõe a discutir obras escritas exclusivamente por mulheres.

“O Leia virou uma escola para mim...”

As impressões da Entrevistada 1 sobre os encontros do Leia Mulheres envolvem os seguintes fatores: oportunidades de aprendizado; possibilidades de reflexão; discussão sobre o livro como objeto de entretenimento; compartilhamento de vivências pessoais; preocupação com a fala e escuta das participantes. Especificamente sobre a discussão de temáticas que circundam a questão da mulher, verificamos a variável questões sobre a mulher não constituem o foco do clube, mas surgem inevitavelmente.

Para a leitora, o clube configura um espaço privilegiado de aprendizado, uma vez que congrega pessoas com diferentes contextos de vida e visões de mundo, de modo a propiciar debates igualmente distintos sobre os materiais lidos, expandindo as possibilidades de as participantes aprenderem não apenas com as ideias circuladas, mas também umas com as outras. De modo específico, ela comenta que sempre achou o Leia Mulheres um espaço muito rico para aprender, tanto com e sobre as diferentes visões de mundo expressadas pelas participantes quanto para lidar com suas próprias inseguranças, sobretudo no que se refere a se manifestar em público.

Essas concepções dialogam com o segundo tópico indicado pela leitora, no qual aponta que a participação no Leia Mulheres oferece possibilidades de expansão do potencial de reflexão sobre o mundo. Na visão da Entrevistada 1, as discussões que se dão no Leia Mulheres contribuem para aprofundar suas percepções sobre a realidade ao redor, bem como a pensar sob outros pontos de vista, uma vez que múltiplas interpretações de leitura e opiniões são circuladas e dialogadas nesses espaços. Especificamente, ela pontua que os debates sobre livros cujas temáticas considera complexas e sensíveis, dentre os quais menciona *Put a feminist*, de Monique Prada<sup>26</sup>, e *Argonautas*, de Maggie Nelson<sup>27</sup>, a permitiram entender melhor a complexidade de determinados assuntos, tendo por base as perspectivas distintas circuladas nas reuniões do clube, provenientes de participantes possuidoras de contextos e subjetividades igualmente diferentes. Além disso, acredita que essas duas leituras a permitiram pensar e refletir sobre o próprio meio no qual estamos inseridos.

---

<sup>26</sup> Texto discutido no Leia Mulheres Rio de Janeiro de outubro de 2019.

<sup>27</sup> Texto discutido no Leia Mulheres Rio de Janeiro de agosto de 2019.

Sobre o terceiro tópico, existe a vontade, por parte das participantes e das mediadoras, de falar sobre o livro à luz do que considera como um “objeto de entretenimento”, isto é, não apenas das discussões teóricas e políticas eventualmente extraídas das obras lidas, como também se a história é inspiradora e se tiveram momentos de lazer. Apesar de achar que existem pelo país projetos do Leia Mulheres que se propõem a debater obras mais voltadas para os livros de não-ficção e com um viés mais político, percebe que, ao menos na cidade do Rio de Janeiro, mesmo que proponham alguns textos de não-ficção que estimulam a discussão política - algo que as mediadoras verificaram ser necessário para incentivar o debate na sociedade, desconstruir algumas de nossas visões de mundo e formar pensamento crítico -, muitas das leitoras desejam ler uma história inspiradora, que ofereçam momentos de lazer e na qual possam se identificar com as personagens e se sentir inspiradas. A Entrevistada 1 pontua que as mediadoras tentam, mesmo quando as participantes acham que não conseguiram se identificar com as obras, que estas não as inspiraram em nada, ressaltar a importância de discutir esses materiais, uma vez que sempre podemos aprender sobre humanidade tanto com os textos lidos como com as discussões daí decorrentes.

Sobre suas percepções acerca das discussões transcorridas no clube sobre a mulher, a leitora centraliza suas visões nas temáticas feministas e teóricas, pontuando que, na edição do clube na cidade do Rio de Janeiro, o número de pessoas especializada na leitura teórica feminista é muito pequeno, de modo a raramente ocorrer debates aprofundados sobre esses tópicos. Em sua opinião, ainda que existam pessoas interessadas na temática e que, até mesmo, estudem esses assuntos no ambiente acadêmico, os debates não oscilam para um viés teórico e especializado sobre a questão feminista, centralizando-se na experiência de leitura propriamente dita, isto é, no que concebeu acima como discussão do livro como “objeto de entretenimento”. Quando questões teóricas surgem eventualmente, as discussões são respeitadas e as participantes apresentam grande disponibilidade para explicar certos temas que nem sempre estão claros para o restante do grupo.

Desse modo, uma vez que as leitoras ali presentes não se manifestam de um lugar de especialista, até porque os assuntos tratados no clube são sempre muito variados, as mediadoras gostam que as frequentadoras tragam suas vivências para agregar às discussões. A leitora relembra que a experiência de leitura no Leia Mulheres sobre um texto já lhe incentivou a querer falar sobre suas próprias vivências pessoais. Essas situações ilustram uma questão interessante colocada pela mediadora ao longo da entrevista, que se relaciona com a própria proposta do Leia Mulheres: uma vez que a maioria das frequentadoras do clube são mulheres – embora os encontros não sejam proibidos aos homens -, há uma preocupação em

fazer com que essas leitoras saibam que podem ser ouvidas e que seus depoimentos e opiniões são dignos de ser compartilhados, isto é, fazer com que todas aquelas que desejam se manifestar ou não, estejam confortáveis para tal. Essa preocupação parte da noção de que nos ambientes acadêmicos e profissionais existe uma disponibilidade maior para ouvir homens do que mulheres, de modo que as mediadoras querem que as participantes se sintam em seu direito de falar e escutar.

“Não acho que o mundo da leitura seja restrito à leitura...”

Verificamos no relato da Entrevistada 2 as seguintes percepções sobre as reuniões do Leia Mulheres Rio de Janeiro: ausência de um caráter surpreendente nos debates; ambiente propício para o compartilhamento de diferentes experiências de leitura; possibilidades de reflexão; e, sobre a questão da mulher, esta não constitui o foco do clube, mas surge inevitavelmente.

Sobre a ausência de um caráter surpreendente nos debates, a leitora parte da noção de que, ao participar do Leia Mulheres com assiduidade, acaba por conhecer, de certa forma, as perspectivas de determinadas leitoras que participam com a mesma frequência que ela; isto é, seu comportamento e a forma como pensam, de modo a inferir alguns comentários ou opiniões de certas pessoas sobre as obras discutidas; isso faz com que não se sinta mais tão surpreendida pelas interpretações apresentadas pelas participantes. A Entrevistada 2 relata:

Pelos livros que eu leio para o Leia, acho que, em alguma medida, já começa a antecipar alguns comentários que vão vir de pessoas que já... que eu sei que frequentam e já sei mais ou menos como se comportam. Então talvez, com o passar do tempo, as discussões acabam sendo mais previsíveis, não porque não sejam boas, mas porque você já conhece, em alguma medida, as pessoas que estão ali. Mas sempre tem gente nova, então sempre tem... são pessoas que eu não conheço tão a fundo, então obviamente sempre surpreende. Mas, no começo, tinha mais a questão da surpresa, ‘vamos ver o que vai ser falado’ e, hoje em dia, já não tem tanta surpresa assim do que vai ser falado. Você já espera um posicionamento ou outro (ENTREVISTADA 2, 2019, não paginado).

Mesmo assim, uma vez que, a cada encontro, sempre aparecem pessoas novas, a leitora aponta que perspectivas e comportamentos diferentes em relação à um material de leitura sempre surgem. Por essa razão, em sua opinião, a ausência de um caráter “surpreendente” nas discussões do clube não prejudica, de maneira alguma, a qualidade dos debates; os pontos de vista dialogados, ainda que de pessoas não mais tão “desconhecidas” assim, sempre agregam às suas experiências de leitura.

Nesse sentido, o que se relaciona centralmente ao segundo ponto mencionado pela Entrevistada 2, qual seja a variável compartilhamento de diferentes experiências de leitura, ela acredita que o Leia Mulheres constitui uma oportunidade para conhecer as opiniões e interpretações de outras frequentadoras sobre os objetos lidos, de modo a analisar se tiveram percepções diferentes das dela.

Me faz pensar coisas, às vezes, sobre perspectivas que eu não pensaria normalmente, não pensei antes quando estava lendo e não pensaria. Às vezes, eu não concordo, mas eu gosto de ver essas outras perspectivas se misturarem e comparar com a minha e mudar um pouco ou não um sentido ou outro (ENTREVISTADA 2, 2019, não paginado).

Esses aspectos contribuem para que desenvolva diferentes modos de leitura. Na perspectiva da Entrevistada 2, quando um sujeito se acostuma a discutir os livros lidos, acaba por desenvolver um olhar mais pontual e sensível ao seu conteúdo, de modo a perceber e levantar questões que, caso o propósito de leitura fosse outro que não o de debater, passariam despercebidas. Ela revela uma perspectiva interessante:

Eu acho que, quanto mais você lê com essa perspectiva de debater, conversar sobre alguns pontos que são mais ressaltados, que passariam despercebidos, você começa a notar mais. Você chega lá e levantam vários pontos que você nem ligou, e aí, com o tempo, eu acho que você vai aprendendo a ficar mais sensível para esses outros pontos que surgem, que você não repararia normalmente (ENTREVISTADA 2, 2019, não paginado).

Nessa direção, a leitora confere às discussões decorrentes das experiências compartilhadas de leitura possibilidades de reflexão. Em sua opinião, o universo da leitura não é restrito ao ato de ler, de modo que a reflexão e o diálogo sobre um objeto informacional transbordam as fronteiras de um livro específico e acabam por transcender a maneira que pensa e percebe essa mesma realidade em outros momentos, isto é, fora do clube, modificando, não raro, os sentidos atribuídos a um dado material de leitura ou assunto. Ela afirma que as discussões transcorridas no Leia Mulheres a fazem pensar e repensar sobre as percepções e interpretações obtidas nas experiências individuais de leitura, tanto em relação ao livro propriamente dito quanto ao contexto no qual encontra-se inserido:

Especificamente sobre a questão da mulher, a leitora comenta que as discussões que transcorrem no Leia Mulheres não têm como foco principal debater temáticas teóricas e especializadas sobre o feminismo, mas sim os materiais lidos e as experiências das participantes com estes objetos. Eventualmente, sobretudo em leituras de textos de não-ficção, os debates oscilam entre temáticas mais rasas ou profundas sobre a questão da mulher, mas,

quase sempre, os tópicos são voltados para a discussão das experiências de leitura em si e sobre o conteúdo do livro. Para a leitora, isso se dá em decorrência de, por tratar-se de um grupo frequentado, em sua maioria, por mulheres que discutem obras de autoria feminina, as discussões perpassam, inevitavelmente, questões que perpassam o feminismo, ainda que o grupo raramente se aprofunde nessas discussões:

Eu acho que, em grande parte, fica mais ao redor da literatura mesmo. Mas sempre passa por essas questões, talvez por ser um grupo mais de mulheres, geralmente tem uns dois ou três homens só na roda e também por serem livros escritos sempre por mulheres. Não tem como não parar para pensar o que o fato dessa escritora ser mulher influencia no conteúdo desse livro. Acho que sempre passa por aí o pensamento, mas não sempre aprofunda nessa discussão (ENTREVISTADA 2, 2019, não paginado).

“Que os Leias se multipliquem pelo Brasil e pelo Rio de Janeiro”

Podemos extrair quatro pontos principais acerca das percepções da Entrevistada 3 sobre o Leia Mulheres: preocupação com a fala e escuta das participantes; diminuição do caráter intimista das reuniões; ambiente propício para o compartilhamento de diferentes experiências de leitura; e compartilhamento de vivências pessoais.

No concernente ao primeiro tópico, a leitora pontua que as mediadoras buscam sempre ser acolhedoras com todas as frequentadoras e não deixar que alguém monopolize a fala, uma vez que há um cuidado especial em democratizar o espaço. Isto se dá, pois, em sua visão, o clube propõe uma construção coletiva em torno dos textos lidos, tendo por base as interpretações de leitura compartilhadas nesses encontros, de modo que é interessante que toda opinião seja manifestada. Por isso, as mediadoras sempre se preocupam em fazer com que todas as participantes que desejam exprimir suas opiniões possam se manifestar.

Já em relação ao segundo aspecto, a leitora menciona que, desde quando começou a frequentar o Leia Mulheres, o volume de participantes aumentou consideravelmente. Como mediadora, ao mesmo tempo que acha interessante o fato de esta iniciativa alcançar cada vez mais pessoas e da possibilidade de participar de um clube de leitura ser maravilhosa, a grande quantidade de frequentadoras acaba por fazer com que o caráter intimista das reuniões, isto é, a proximidade por entre as participantes, diminua. Em sua opinião, quanto mais pessoas, menos intimista e menos espaço de fala, pois muitas leitoras sentem-se acanhadas em manifestarem-se em público. Nesse contexto, ela aproveita para comentar que acredita que o aumento considerável de participantes no Leia Mulheres possa ser um indicativo de que existem poucos clubes de leitura em diferentes lugares:

Sobre os dois últimos aspectos mencionados, a leitora aponta que o clube constitui um espaço privilegiado para o compartilhamento de diferentes experiências de leitura, uma vez que permite refletir tanto sobre as opiniões concebidas quanto sobre aspectos que passaram despercebidos quando da leitura individual. A Entrevistada 3 revela que, não raro, já participou de reuniões em que, logo após seu término, recomeçou a ler o livro que tinham acabado de debater, pois havia uma série de questões que passaram despercebidas quando o leu sozinha; ainda, já chegou aos encontros do clube sem saber o que pensar sobre uma determinada obra, mas que, ao desenrolar dos debates, inúmeras questões surgiram, possibilitando a construção e manifestação de suas próprias impressões. Desse modo, pontua que o compartilhamento de diferentes experiências de leitura oferece, sobretudo, oportunidades para que as participantes possam se manifestar através de depoimentos de suas vivências pessoais, despertadas pelas discussões sobre os objetos lidos.

“O Leia faz isso... ele me tira do meu lugar de conforto”

Em relação às percepções da Entrevistada 4 sobre os encontros do Leia Mulheres estão os seguintes aspectos: ambiente propício para o compartilhamento de diferentes experiências de leitura; oportunidades de aprendizado; e incipiência de opiniões políticas e sociais diversificadas.

No que se refere à variável compartilhamento de diferentes experiências de leitura, a leitora pontua que, a partir do momento em que um sujeito realiza uma leitura para discuti-la coletivamente, o livro cresce, uma vez que se torna possível dialogar perspectivas e interpretações distintas sobre uma mesma obra e perceber aspectos não percebidos quando da leitura individual. A Entrevistada 4 relata:

Ler, por regra, é uma experiência solitária. Só que, a partir do momento que você tem um clube do livro, que você lê para discutir, vira uma experiência coletiva. E isso é muito legal. É como eu falei: tudo cresce, você se encontra com a opinião de outras pessoas sobre aquilo e, às vezes, você discorda, às vezes concorda... às vezes, você percebe uma coisa que não tinha percebido (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado).

Em sua opinião, ao debaterem sobre suas experiências de leitura, as participantes sempre se preocupam em comentar sobre o contexto no qual a obra encontra-se inserida, representadas, em muitas vezes, através de reflexões de natureza política e social, bem como a maneira em que esses materiais se relacionam com suas vivências. Por essa razão, acredita que o compartilhamento de diferentes experiências de leitura a despertam para pontos de vista anteriormente despercebidos e perspectivas que a tiram de sua “zona de conforto”, isto é, que

a fazem refletir sobre temáticas até então não pensadas ou contempladas de forma incipiente: “[...] todo o livro cresce quando a gente tem a oportunidade de discutir [...]” (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado). A leitora ilustra essa situação a partir da experiência de leitura do texto de não-ficção de Grada Kilomba, *Memórias da plantação*<sup>28</sup>, o qual tratava-se de um livro que não estava pensando em comprar no momento, mas que, após sua leitura e discussão no Leia Mulheres, afirma ter saído outra pessoa, uma vez que o material propõe reflexões que nunca havia pensado. A Entrevistada 4 ainda acrescenta que, mesmo que não aprecie, em algumas vezes, a leitura indicada pelo Leia Mulheres, se propõe a ler textos diferentes dos quais, não raro, nunca tinha ouvido falar se não fosse pelo clube:

[...] Não ia chegar sozinha nele, então... mesmo que a leitura tenha sido ruim, eu acho que nenhuma experiência de leitura é inválida. Mesmo que você não goste, mesmo que você ache que o livro não te trouxe nada, toda experiência de leitura é válida. Você sempre consegue aprender alguma coisa com aquilo (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado).

Por essa razão, afirma que o sujeito sempre aprende algo com as experiências de leitura, sendo os encontros do Leia Mulheres espaços privilegiados para esse tipo de aprendizado. Nesse ponto, ela comenta que, durante alguns meses de 2019, as mediadoras propuseram livros de não-ficção, que incentivaram o debate de temas que transcendem o conteúdo do livro e se ampliam para aspectos que ocorrem na sociedade, como o já indicado *Memórias da plantação*. Para a Entrevistada 4, tratam-se de discussões muito interessantes, através da qual torna-se possível aprender sobre diversos assuntos.

Apesar dessas oportunidades de aprendizado e trocas de diferentes pontos de vista sobre um mesmo material de leitura, a leitora aponta que as participantes que frequentam o clube apresentam, de modo geral, visões e pensamentos muito semelhantes no que se refere à algumas questões sociais e políticas que surgem nas discussões, de modo que as mesmas acabam por “não crescer” tanto como debate, isto é, no sentido de contemplar perspectivas distintas sobre uma mesma temática, proporcionando reflexões que, talvez, transformem as participantes. A leitora acredita que o clube ofereceria mais oportunidades de debates diversificados e possibilidades de reflexões e transformações caso as frequentadoras apresentassem opiniões diferentes ou, até mesmo, opostas. Em sua opinião, isso se dá, pois as participantes, em sua maioria, estão inseridas no que denomina como uma “elite cultural” na qual ela mesma se inclui – quase todas moradoras de “zonas nobres” da cidade do Rio de Janeiro, com boa escolaridade e disponibilidade em comparecer mensalmente aos encontros

---

<sup>28</sup> Texto discutido no Leia Mulheres Rio de Janeiro de setembro de 2019.



do clube em uma quarta-feira à noite – e que poucas pessoas têm acesso. A leitora acredita que, apesar de as discussões proporcionarem reflexões interessantes e que tiram, em muitas vezes, as participantes de suas “zonas de conforto”, potencializando suas chances de transformação, as mesmas seriam melhores se abarcassem um público mais diversificado.

“Primeira vez que eu fui e me abriu os olhos...”

Dentre os fatores identificados no discurso da Entrevistada 5 sobre suas impressões acerca dos encontros do Leia Mulheres, estão os seguintes: ambiente propício para o compartilhamento de diferentes experiências de leitura; possibilidades de reflexão; e, sobre os tópicos que circundam a questão da mulher, tratam-se de temáticas que não constituem o foco do clube, mas surgem inevitavelmente.

No que se refere ao primeiro tópico, a leitora aponta que o clube, uma vez que discute, em sua maioria, obras literárias, contempla mais as reflexões de cunho subjetivo e particular de cada leitora, sendo estas de acordo com suas vivências. Em sua opinião, as discussões configuram uma espécie de projeção de si mesmas nas personagens e nas interpretações de leitura, sendo estas orientadas por seus contextos e subjetividades, de modo a possibilitar o compartilhamento de diferentes pontos de vista sobre um mesmo material e ampliar as chances de reflexão. Nesses encontros, as experiências compartilhadas de leitura possibilitam analisar os livros sob perspectivas que, em muitas vezes, não são alcançadas na leitura individual, pois cada leitora possui histórias de vida diferentes que, por sua vez, resultam em percepções igualmente distintas, de modo que os debates propiciam a compreensão sobre o porquê de uma participante ter pensado de uma forma e outra de outro modo.

Além disso, o que se relaciona ao segundo tópico mencionado, qual seja a variável possibilidades de expansão, a Entrevistada 5 pontua que as obras debatidas nas reuniões às quais compareceu contribuíram para ampliar e aprofundar suas reflexões sob perspectivas até então – quando não - pouco vislumbradas, de modo a ressignificar muitos dos seus modos de percepção, apreensão e interpretação sobre determinadas temáticas. Ela relembra, especificamente, de sua primeira experiência no Leia Mulheres, no qual o texto selecionado para discussão, *Putafeminista*, de Monique Prada, modificou significativamente suas formas de conceber a temática da prostituição.

Especificamente sobre a questão da mulher, a leitora menciona não saber se é a intenção do clube debater sobre a temática no sentido de propor discussões feministas de cunho teórico e especializado em torno das obras lidas. No entanto, acredita que os livros escritos por mulheres acabam por contemplar, invariavelmente, assuntos que envolvem

discussões sobre o que é ser mulher na sociedade atual, seja através da abordagem de temas que tratam do feminismo, da maternidade ou dos corpos da mulher, por exemplo. Em sua opinião, ainda que não seja o objetivo central do grupo, ao reunir mulheres e homens para discutir obras escritas por mulheres, sempre surgem assuntos sobre feminismo e que englobam o tema como um todo.

**Tabela 14 – Interpretações**

<b>Variáveis</b>	<b>Número de leitoras</b>
Ambiente propício para o compartilhamento de diferentes experiências de leitura	4
Questões sobre a mulher não constituem o foco do clube, mas surgem inevitavelmente	3
Possibilidades de reflexão	3
Preocupação com a fala e escuta das participantes	2
Compartilhamento de vivências pessoais	2
Oportunidades de aprendizado	2
Discussão sobre o livro como objeto de entretenimento	1
Diminuição do caráter intimista das reuniões	1
Ausência de um caráter surpreendente nos debates	1
Incipiência de opiniões políticas e sociais diversificadas	1

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

- **Sensações compartilhadas**

Tem uma força aí...<sup>29</sup>

Centralmente, os principais aspectos extraídos das sensações advindas das experiências de leitura compartilhadas no Leia Mulheres são: interesse nas interpretações de leitura das participantes, verificado em dois relatos; pertencimento a um grupo; orgulho em fazer parte da iniciativa do Leia Mulheres; e acolhimento são sensações extraídas uma vez em diferentes narrativas. Apenas em duas entrevistas não foi possível identificar sensações advindas das experiências compartilhadas de leitura no clube.

<sup>29</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 3.

“Tem relação com entrar um pouco na cabeça de outra pessoa...”

A sensação identificada no relato da Entrevistada 2 está relacionada ao interesse nas interpretações de leitura das participantes. A leitora relata sentir curiosidade em saber como as pessoas pensam, uma das razões pelas quais acredita gostar tanto de ler:

Tem relação com entrar um pouco na cabeça de outra pessoa. E debater os livros também é uma forma de entrar na cabeça das pessoas, então eu gosto bastante de ouvir mais do que de falar. Por isso que eu não falo tanto, mas eu gosto de ouvir e refletir sobre as discussões (ENTREVISTADA 2, 2019, não paginado).

Em muitas vezes, ainda que não concorde com as perspectivas apresentadas, gosta de refletir e comparar o seu ponto de vista com os das demais participantes, de modo a modificar ou não algum sentido atribuído às obras discutidas.

“A importância de respirar essa atmosfera quando você está passando por um momento difícil...”

No discurso da Entrevistada 3, podemos verificar que, em sua aproximação inicial com o clube de leitura, quando atuava apenas como participante, a principal sensação era de pertencimento a um grupo; após tornar-se mediadora, indica as sensações de orgulho em fazer parte da iniciativa do Leia Mulheres; e acolhimento, traduzida no sentimento de sentir-se bem nesse espaço e à vontade para trocar experiências de leitura e de vida. Em relação à sua experiência como participante, a leitora revela que, nesse período, acabou por adoecer novamente, ocasião na qual o clube se tornou um “grupo seguro”, que a ajudava a passar por uma situação difícil; desse modo, sua principal sensação era de estar em um coletivo, em suas palavras, de pertencer à um grupo seguro. Ela comenta que, quando começou a frequentar o Leia Mulheres, os encontros não eram tão cheios tal como atualmente e as participantes eram, quase sempre, as mesmas, de modo que muitas delas preocupavam-se e acompanhavam a vida umas das outras e, até mesmo, tornavam-se amigas. Ainda, apesar de muitas nem mesmo saberem pelo o que ela estava passando, tratava-se de um momento de troca e de estarem juntas; esses encontros a ajudaram a passar pela situação difícil ocasionada por sua doença. Nas reuniões do clube, as participantes não conversam apenas sobre as obras lidas, mas também sobre histórias de vida, ainda que não falem especificamente dos momentos difíceis pelos quais estão passando. A leitora ressalta que se sente “nutrida” ao encontrar-se sempre com um grupo de mulheres para conversar não apenas sobre livros, mas sobre vivências, ideias, pensamentos e opiniões.

Após tornar-se mediadora, a leitora revela que as principais sensações decorrentes dos encontros são de orgulho em fazer parte da iniciativa do Leia Mulheres e acolhimento. Ela recorda-se que uma das ex-mediadoras utilizou uma expressão que acredita adequar-se às suas sensações ao participar do clube: “é quentinho” (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginada). Trata-se, em sua opinião, de uma espécie de acolhimento, um espaço no qual as pessoas podem sentar e conversar, trocar experiências não somente de leitura, mas também de vida.

“É uma troca muito boa...”

A principal sensação no que se refere às experiências de leitura compartilhadas verificadas na narrativa da Entrevistada 5 está no interesse nas interpretações de leitura das participantes. Ainda que esta sensação não esteja centralizada diretamente na experiência em grupo, relaciona-se a ele, pois, segundo a leitora, ao realizar, individualmente, as leituras para os encontros do Leia Mulheres, sente-se curiosa para saber se, no dia da reunião, as opiniões das leitoras serão semelhantes às suas ou se terão visões diferentes, bem como se vão reparar nos mesmos pontos em que ela reparou. Os encontros do clube possibilitam a construção de um espaço de troca de ideias, no qual as participantes podem compartilhar e debater suas diferentes perspectivas sobre os textos: “É muito legal quando eu chego lá e vejo ‘Ah, eu pensei da mesma forma’ ou ‘Eu pensei diferente, mas essa parte, realmente, se destacou’” (ENTREVISTADA 5, 2020, não paginado).

**Tabela 15** – Sensações compartilhadas

<b>Variáveis</b>	<b>Número de leitoras</b>
Interesse nas interpretações de leitura das participantes	2
Pertencimento a um grupo	1
Orgulho em fazer parte da iniciativa do Leia Mulheres	1
Acolhimento	1
Não identificado	3

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

- **Lembranças intersubjetivas**

Talvez eu não tivesse a noção de que o Leia tivesse se tornado uma coisa nesse nível para as pessoas...<sup>30</sup>

Uma vez que as lembranças das entrevistadas de suas vivências no Leia Mulheres Rio de Janeiro estão intrinsecamente relacionadas aos seus contextos e subjetividades, optamos por categorizar suas respostas de acordo com as associações de recordações e não as lembranças propriamente ditas. Nesta categoria, das leitoras cujas recordações foram identificadas, as lembranças estão associadas a um aspecto principal: situações difíceis vivenciadas pelas leitoras, verificado em duas entrevistadas. Em três relatos não foi possível extrair recordações que correspondam aos propósitos do presente estudo.

“Eu não sei se eu, que sou mediadora, valorizava o Leia nesse nível...”

As lembranças das vivências da Entrevistada 1 no Leia Mulheres encontram-se associadas às situações difíceis vivenciadas por duas participantes, ocasionadas por doenças graves. A primeira recordação envolve uma frequentadora que veio a falecer em razão de uma enfermidade grave: na última reunião em que compareceu, sua doença já estava em um estágio avançado, de modo a prejudicar os movimentos de seu corpo; nessa ocasião, ela não pôde permanecer até o final do encontro. A leitora relembra que, após a reunião, essa participante enviou uma mensagem às mediadoras, dizendo que faria de tudo para ir ao próximo evento e que, mesmo não indo ao Leia Mulheres com a frequência que gostaria, continuava a ler os livros em casa, pois aprendia muito com as discussões do grupo e era um momento em que se sentia muito feliz e à vontade. Ela aponta que foi uma surpresa ler uma mensagem tão emocionante, pois não fazia ideia de que as frequentadoras, essa em especial, valorizavam o clube nesse nível. O segundo relato refere-se à outra participante – sobre a qual preferiu não se aprofundar -, que também vivenciou um problema de saúde, a partir do qual as reuniões do clube constituíam, durante esse período difícil, uma espécie de “respiro”.

“Já aconteceu tantas vezes e foi tão bonito...”

As lembranças especiais da Entrevistada 3 de suas vivências no Leia Mulheres estão relacionadas às situações difíceis ocasionadas por doenças (vivenciada por ela mesma), nas quais o clube constituiu uma espécie de espaço de acolhimento que contribuiu para que pudesse passar por esse período. A leitora, que já havia passado por uma ocasião similar

---

<sup>30</sup> Trecho retirado do relato da Entrevistada 1.

anteriormente, relembra que, no dia em que recebeu o diagnóstico de sua última doença, havia encontro do Leia Mulheres, o qual, apesar de acreditar não conseguir comparecer, pois estava muito triste com a notícia, resolveu ir mesmo assim, abstraindo um pouco a adversidade vivenciada.

**Tabela 16** – Lembranças intersubjetivas

Variáveis	Número de leitoras
Lembranças relacionadas às situações difíceis vivenciadas pelas leitoras	2
Não identificado	3

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

Após a análise dos dados, discutimos na seção seguinte os relatos das cinco entrevistadas à luz das categorias analíticas estabelecidas e do referencial teórico.

#### 4.3 “CRUZAR A FRONTEIRA E SALTAR PARA O OUTRO LADO”<sup>31</sup>: horizontes potenciais para a transformação pessoal

Quase nada mudou na mesmice ininterrupta de nossa vida cotidiana. Mas em algum outro lugar eu mudei (NAFISI, 2003, p. 343, tradução nossa).

A expressão utilizada por Petit (2009, p. 75) é trazida especialmente por tratar-se de uma expressão que simboliza uma das concepções centrais exploradas pelo presente estudo sobre os potenciais de transformação via leitura. Na visão da autora, “cruzar a fronteira e saltar para o outro lado” representa uma “abertura” para um espaço psíquico e simbólico, repleto de novas possibilidades de modos de ser e refletir, na qual o sujeito leitor rompe com a situação atual em que se encontra a partir de novas construções imaginárias e atividades psíquicas proporcionadas pelas experiências de leitura, sejam estas individuais ou compartilhadas.

Ao analisar os relatos das cinco leitoras entrevistadas, pudemos entrever em seus discursos a existência de possibilidades de aberturas diversas, cujas relações com a leitura configuram potenciais de transformação pessoal que talvez nem elas mesmas tenham percebido. Suas histórias, de vida e de leitura, são contadas a partir de lembranças que lhes vêm à mente no momento da entrevista, de momentos e vivências que as marcaram por alguma razão e que são, em muitas vezes, evocadas muito tempo depois, mas que, para

<sup>31</sup> Expressão retirada de PETIT, Michèle. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 75.

recorreremos à Dumont (1998), foram ao encontro de algum nível de seu contexto e subjetividade e “fez sentido”. Esse “fazer sentido”, simbólico em sua essência, representa uma abertura psíquica, tal como pontuado por Petit (2009), para os horizontes potenciais de transformação em suas vivências.

Por isso, reconstruímos parte das histórias de vida das entrevistadas pelo olhar da leitura, buscando entender as relações traçadas por essas leitoras ao longo de seus caminhos de leitura como elementos centrais que nos conduzem à identificação de potenciais de transformação pessoal. Para tanto, é preciso compreender de que modo esse percurso se constrói, de que maneira suas histórias de vida, contextos, subjetividades e relações subjetivas e intersubjetivas traçadas com a realidade constituem construtos fundamentais para entendermos os potenciais dessas leitoras para “cruzar a fronteira e saltar para o outro lado”.

Assim, o caminho teórico-metodológico percorrido até aqui através da análise dos dados coletados nos relatos das cinco entrevistadas nos permite vislumbrar dois horizontes centrais de potenciais de transformação pessoal, exercidos em maior ou menor nível de acordo com seus contextos de vida, subjetividades e circunstâncias de ocorrência do ato de ler em um dado espaço-tempo: espaços em crise e transformação psíquica, os quais seguem discutidos abaixo.

- **Espaços em crise**

Ler serve para encontrar fora de si palavras à altura de sua experiência, figurações que permitem encenar, de maneira distanciada ou indireta, aquilo que vivemos, sobretudo os capítulos difíceis de nossa história. [...]. Ler serve para descobrir, não por meio do raciocínio, mas de uma decifração inconsciente, que aquilo que nos assombra, nos intimida, pertence a todos (PETIT, 2019, p. 54).

Na primeira categoria discursiva trabalhada, os potenciais de transformação pessoal decorrentes das experiências de leitura individuais e compartilhadas à luz dos cenários de crise são mais evidentes nos discursos das Entrevistadas 1 e 3. Para ambas as leitoras, dadas as devidas particularidades de seus contextos e subjetividades, a leitura constituiu, em determinados períodos difíceis em suas vidas, um modo de enfrentar as situações adversas vivenciadas, de encontrar, ou voltar a encontrar, a si mesmas. Assim, para que possamos entender como a leitura configura um potencial de transformação pessoal dessas entrevistadas, é preciso mergulhar em suas histórias de vida e, mais precisamente, em suas crises.

No contexto das Entrevistadas 1 e 3, foi em um período de suas vidas repleto de adversidades, seja em razão de conflitos pessoais, familiares, doenças graves e falecimentos, que suas trajetórias de vida e de leitura as conduzem ao que a Entrevistada 1 concebe por “literatura como salvação da vida” (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginada), e ao que a Entrevistada 3 se refere como “os livros me salvaram muito nessa época” (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado). Esses trechos dialogam de maneira central com as propostas oferecidas por Petit (2009, 2013, 2019), uma das autoras principais utilizadas para tratarmos dos potenciais de transformação pessoal à luz dos contextos de crise, representando uma forma de encontrar na leitura um modo de lidar com esses transtornos, a força necessária para sair do espaço psíquico no qual estavam inseridas.

Dadas as devidas particularidades de suas histórias de vida, que apresentam razões e contextos subjetivos que desencadearam momentos de crise, para ambas as leitoras as experiências de leitura constituem formas de lidar com essas circunstâncias adversas, de encontrarem a força necessária para continuar a viver e sair dessas situações. Os caminhos de vida e de leitura percorridos por essas leitoras, apesar de distintos entre si, convergem em aspectos centrais, nos permitindo entender de que maneira o ato de ler proporcionou novas possibilidades para enfrentar e conceber as conjunturas difíceis pelas quais estavam passando. Particularmente, seus discursos apontam para a contribuição de pessoas, objetos e espaços que, em maior ou menor nível, despertam sensações e permitem a apropriação de saberes que associam-se de forma simbólica às suas experiências de leitura individuais e compartilhadas, revelando os potenciais de transformação pessoal que aqui nos interessa alcançar.

No caso da Entrevistada 1, os relatos de sua história de vida evidenciam a adolescência como um dos períodos mais adversos de sua existência, no qual esteve envolta por uma série de conflitos pessoais e familiares, desencadeados, principalmente, pelo divórcio dos pais e falecimento de duas pessoas muito próximas em decorrência de doenças graves. Essas situações, a última em especial, a levaram a sentir uma espécie de desajuste e desânimo em relação à vida – o que ocasionou, até mesmo, um princípio de depressão –, de modo a se sentir desmotivada para ir à escola e estudar, por achar que estas atividades não lhe trariam benefício algum; por esses motivos, ficou em recuperação, no último ano do ensino médio, em diversas disciplinas, dentre elas Literatura; centralmente, é a partir desse cenário que a leitora foi conduzida à redescoberta de seu interesse pela leitura e, a partir daí, ao seu uso como uma forma de lidar com as crises vivenciadas. Ao mesmo tempo, as crises enfrentadas pela Entrevistada 3, ainda que diferentes em seus aspectos centrais, também se manifestam em torno de doenças graves, ocasionadas não em pessoas próximas, mas sim nela própria em



dois momentos de sua vida adulta, o que a levou a encontrar nas experiências de leitura individuais e compartilhadas um modo de entender e lidar com esses períodos difíceis.

Especificamente no caso da Entrevistada 1, ainda que o contexto familiar não tenha exercido influência tão central como a escola em sua trajetória de leitura (por esta última ter assumido um papel decisivo em momentos marcantes de sua vida), podemos pensar que seu pai e sua mãe exerceram, ainda que inconscientemente, ainda que a leitora mal tenha se dado conta, uma das primeiras influências em sua trajetória de leitura, facilitando o caminho para que a escola pudesse, em momentos determinantes da vida da entrevistada, exercer sua influência central e, com isso, estabelecer os vínculos simbólicos com a leitura e suas formas de se relacionar com ela em seus períodos de crise.

Até então, apesar de ter livros disponíveis em casa, seus pais não a incentivavam, particularmente, a ler literatura (raramente tinham textos literários em casa), mas sim a praticar a leitura de modo geral, concebendo essa atividade como um “caminho de melhoria”, isto é, uma forma de se educar, de apropriar saberes que, aplicados em suas vivências, expandem as possibilidades de sair de uma eventual condição de vulnerabilidade socioeconômica. Essa noção pode estar ancorada em suas próprias experiências de vida: ambos os pais da Entrevistada 1 enfrentaram situações de dificuldades econômicas, mas, ainda assim, conseguiram cursar nível superior - ainda que ela não deixe claro se eles alcançaram uma situação econômica confortável por isso -, razão pela qual podem acreditar que a leitura pode ser um instrumento para sair dessa condição de vulnerabilidade. De maneira específica, os atos de leitura desempenhados por seus pais se desenvolviam em torno das obras de não-ficção, cumprindo um intuito de apropriar saberes a serem aplicados em suas vivências para se informar sobre o que estava acontecendo no mundo, estudarem e exercerem seus ofícios laborais. Possivelmente, o início do interesse da Entrevistada 1 pelos textos literários, sobretudo poesia, está relacionado à sua avó materna, indicada como seu primeiro referencial de leitura literária, que também exercia e tinha um interesse pela escrita e leitura de poesia.

Nesse contexto, podemos trazer as reflexões propostas por Petit (2019, p. 158) sobre a importância das relações intersubjetivas, especialmente no contexto familiar, para a “abertura de um caminho para a leitura”, através do qual, apesar de os pais da Entrevistada 1 recorrerem ao ato de ler com o propósito utilitário e não incentivarem particularmente a leitura literária, o simples fato de terem livros em casa, de se dedicarem a essa prática e incentivar a leitura como um “caminho de melhoria”, do qual possivelmente eles se beneficiaram, já é um indicativo dessa influência na leitora, ainda que de modo inconsciente, facilitando o caminho

para que a escola exerça, em momentos decisivos de sua vida, relevância central para que ela descubra que gosta de ler e, principalmente, para que torne a leitura uma prática na qual pode encontrar um instrumento para lidar com suas crises.

A partir daí, para a Entrevistada 1, foi no ambiente escolar, indicado na categoria de análise “Influências”, onde a leitora encontrou nas experiências de leitura individuais não apenas um instrumento para lidar com as crises vivenciadas, como também vislumbres de possibilidades de caminhos a serem seguidos. A influência do colégio em sua trajetória de leitura está presente em dois momentos: na primeira vez em que descobriu que gostava de ler, ainda no ensino fundamental, através dos livros paradidáticos; e na redescoberta de seu interesse pela leitura, já no ensino médio, em um período muito difícil de sua vida.

Nesse momento, tal como demonstrado na categoria de análise “Objetivos”, suas experiências de leitura desenvolvem-se, inicialmente, em torno de um intuito de obrigação, isto é, de ler os materiais necessários (normalmente “clássicos” da Literatura Brasileira) para tirar uma nota boa na prova de Literatura e passar de ano. Contudo, são essas mesmas interações com os artefatos informacionais que despertam, curiosamente, um interesse nessas obras, algo que ela não havia percebido até então.

Acrescentam-se a esse cenário as aulas de Literatura, instrumento igualmente fundamental não apenas para despertar o seu interesse pela leitura, especialmente a Literatura Brasileira, como também para lhe oferecer novos vislumbres sobre aspectos até então pouco ou não considerados por sua consciência. Os textos trabalhados pela professora e, sobretudo, as dinâmicas de levarem os alunos e alunas para espaços externos que ilustravam os conteúdos ensinados em aula, serviram para (re)lembra-la não apenas de que “ler era legal” (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado), mas também de que dar aula de Literatura deveria ser ótimo, representando um momento decisivo tanto em seu desenvolvimento como leitora como no vislumbre de perspectivas de caminhos de vida a serem seguidos até então não considerados ou reconhecidos como possíveis em sua realidade.

Vale mencionar, conforme já indicado acima, que esse “relembra-la” está associado, possivelmente, à primeira vez em que descobriu que gostava de ler, também no ambiente escolar, prática “deixada de lado” durante boa parte de sua adolescência para se dedicar às atividades que envolviam música. Já no ensino médio, as circunstâncias de vida que a conduziram às experiências com os textos “lidos por obrigação” despertaram-na novamente para a descoberta de um interesse esquecido, mas que poderia estar latente em sua consciência graças às conexões simbólicas estabelecidas com os livros paradidáticos no ensino fundamental e da figura da avó materna como primeiro referencial cultural.

No caso da Entrevistada 3, por outro lado, a categoria de análise “Influências”, especificamente a variável “família”, demonstra que o início de sua relação com a leitura está circunscrito em uma rede de conexões simbólicas e afetivas estabelecidas com os pais, construídas a partir da leitura como um modo de “[...] ter uma conversa com meu pai e uma forma de a minha mãe mostrar que lembrava de mim [...]” (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado). Em ambas as ocasiões, as experiências de leitura denotam um caráter simbólico, atuando como um elo entre a leitora e seu pai, o qual não via com muita frequência em razão do divórcio com a mãe, mas que, por gostar e ser professor de Literatura, a leitora lia para contar suas experiências para ele quando se encontrassem, para ter algum “assunto”, sendo uma forma de estabelecer vínculos afetivos com uma pessoa que tem um significado importante em sua vida. Ao mesmo tempo, a relação simbólica estabelecida com a leitura também se dá a partir dos livros presenteados pela mãe para que pudesse ler nos momentos em que sentia-se solitária em casa, cujo gesto configura um modo carinhoso de demonstrar que lembrou dela. Revela-se aí, à luz de Roubakine (1998), a leitura como um instrumento de construção de conexões simbólicas em torno de uma materialidade em comum, não vinculada ao artefato propriamente dito, mas sim às circunstâncias que envolvem a ocorrência desse ato, a qual une e relaciona seus sujeitos de alguma forma, influenciando na maneira como a leitora interage com esses objetos e lhe atribui sentido e significado ao longo de sua trajetória de leitura.

Essas conjunturas demonstram que, nesse período, seus objetivos de leitura, apesar de contemplarem o lazer, já denotam, ainda na infância e adolescência, a presença significativa de um escapismo, da utilização da leitura como uma forma de abstrair de uma realidade que, naquele momento, não a agradava; esses dois intuitos se estabelecem em momentos da vida da Entrevistada 3 em que sentia-se solitária em casa por não poder exercer as mesmas atividades que e com os irmãos mais velhos, por ter os pais divorciados e por sua mãe trabalhar fora, de modo que o ato de ler constituía, ao mesmo tempo, um modo de passar o tempo com uma prática que lhe oferecia entretenimento e abstrair a solidão. Contudo, esse objetivo de escapismo se manifesta de maneira mais efetiva, representando um elemento central em seu potencial de transformação pessoal, no período em que a leitora desenvolveu uma doença grave pela primeira vez no início da vida adulta, situação em que podemos verificar de que maneira as relações simbólicas traçadas com a leitura a partir do contexto familiar contribuíram para que buscasse nos livros mecanismos para enfrentar as crises vivenciadas, conduzindo-a à concepção de “os livros me salvaram” (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado), isto é, fizeram com que conseguisse lidar melhor com esses transtornos.

Assim, podemos dizer que os relatos de vida das Entrevistadas 1 e 3 nos deixam entrever de que maneira as relações simbólicas traçadas com pessoas e espaços as conduziram a buscar nas experiências de leitura, de forma consciente ou inconsciente, um instrumento para lidar com as adversidades em determinados momentos de suas vidas. Conforme nos revela as variáveis presentes na categoria de análise “Objetivos”, nesse momento difícil enfrentado pelas leitoras, apesar das particularidades de seus contextos de crise, seus intuítos de leitura convergem entre si, assumindo dois propósitos centrais: escapismo e lidar com situações difíceis.

*A priori*, os objetivos de leitura das entrevistadas, intimamente interligados entre si, se desenvolvem em torno da necessidade de fugir de uma realidade que, naquela conjuntura, não as satisfazem, mas que acabam por oferecer, a partir das sensações desencadeadas, ferramentas para lidar e enfrentar suas crises. Com base nas considerações de Petit (2009), entendemos que isto se dá, pois o ato de ler, independentemente de seu intuito, proporciona novas construções imaginárias e atividades psíquicas que, ao longo dos processos de leitura, permitem ao sujeito leitor correlacionar aspectos de suas vivências e subjetividades com o que está sendo lido.

Surgem aqui possibilidades de lidar com os períodos difíceis pelos quais as leitoras estão passando através da apropriação de saberes que, segundo Dumont (1998), permitem a reflexão sobre o que se está a ler para além da obra propriamente dita, abrangendo toda a relação de seu conteúdo com a realidade ao redor e, mais precisamente, com aquilo que estão sentindo no momento. Trata-se, conforme já abordado por Petit (2009, 2019), de uma abertura para um outro espaço psíquico e simbólico, no qual o pensamento, a lembrança e a imaginação de um futuro tornam-se possíveis.

De maneira específica, Dumont (1998) e Petit (2009, 2013) apontam que esse diálogo se dá a partir da forma como um determinado trecho ou passagem de uma obra dialoga com o íntimo das leitoras, com partes de si mesmas que elas nem sabiam existir, mas que sempre estiveram presentes em sua consciência, de modo que, ao pegar uma obra para ler para fugir de sua realidade, para esquecer momentaneamente os cenários nos quais estão inseridas, as leitoras estão, inconscientemente, a apropriar saberes que lhes permitem refletir, entender e descobrir aspectos de si mesmas até então desconhecidos por sua consciência, bem como sobre as situações que estão vivenciando.

No escopo das propostas trabalhadas, podemos dizer que essa reflexão é alcançada através das relações entre sujeito leitor, texto e contexto (DUMONT, 1998), concebidas como elementos determinantes nos processos de interpretação e apropriação dos objetos lidos, seja

em experiências de leitura individuais ou compartilhadas, estabelecendo de que maneira as leitoras interagem, pensam e agem com o artefato quando diante de situações, de ordem interna ou externa, vivenciadas por sua consciência em um dado espaço-tempo.

Entendemos, segundo Dumont (2002), que a leitura não é um ato que se efetiva em ações isoladas, sendo sua experiência circunscrita em um processo de interação entre sensações, emoções e pensamentos, influenciados pelos cenários de vida das leitoras em um dado espaço-tempo. Esses processos baseiam-se nas relações das entrevistadas com a realidade, possibilitando a atribuição de sentidos e significados ao objeto lido, bem como a apropriação de saberes que as permitem relacionar aspectos de suas vivências com os materiais de leitura.

Especificamente sob os enfoques psíquicos, fenomenológicos e simbólicos trabalhados, a apropriação de saberes durante as experiências de leitura se dá à luz da relação estabelecida entre a consciência das entrevistadas, intencional em sua essência, com o mundo ao redor, que pressupõe formas particulares de interpretar um objeto informacional e construir conhecimento sobre ele. Na visão de Budd (2005), as leitoras estão, no ato de ler, a construir uma realidade própria em torno do texto lido, isto é, um modo individual e subjetivo de produzir sentido e significado sobre o objeto apresentado à sua consciência, sendo as sensações manifestadas durante os processos psíquicos e cognitivos de leitura reflexos da relação da intencionalidade de sua mente com o mundo que, por sua vez, são influenciados por modos igualmente singulares de percepção, interpretação e interação com a realidade ao redor.

Conforme já tratado ao longo do referencial teórico, podemos dizer que os estudos fenomenológicos de Budd (2005) encontram no enfoque psíquico roubakiniano a concepção das experiências de leitura como um fenômeno da mente, que pressupõe a criação de uma realidade em torno do artefato informacional, e na ótica pettitiana a noção dessa mesma realidade como uma abertura para um espaço psíquico e simbólico construído a partir da narrativa. É à luz dessas perspectivas que torna-se possível analisar os processos e sensações despertadas pelas interações entre sujeito e objeto.

Para Roubakine (1998), as sensações despertadas durante os processos mentais de leitura evocam os estados psíquicos vivenciados ao longo da existência do sujeito leitor, que encontram-se armazenados em sua *mneme* e são recuperados quando da interação com um objeto que vai ao encontro de seus contextos, subjetividades e configurações psicológicas em um dado espaço-tempo, isto é, da maneira como pensam, agem e sentem em determinadas conjunturas de suas vidas. É através da interpretação da obra lida de acordo com seus

contextos de vida, suas formas de perceber e conceber o mundo, que propicia a criação de uma realidade própria em torno do texto, despertando sensações de ordem cognitiva, emocional e psíquica, que ativam seu conhecimento e apuram seus elementos subjetivos, refletindo os modos de concepção da realidade dessas leitoras, bem como a maneira que atribuem sentido e significado aos objetos lidos e apropriam saberes.

Nessa lógica, o pensamento roubakiniano pressupõe o livro, enquanto artefato material, como a representação de um conjunto de percepções e estímulos psíquicos, isto é, o reflexo da consciência do sujeito leitor em um dado espaço-tempo, nos quais a apropriação de saberes a partir da interação com esse objeto encontra-se relacionada à maneira como esse mesmo material dialoga com o contexto de vida, subjetividade, bagagem informacional, referências culturais, vivências individuais e sociais das entrevistadas, isto é, à associação de sentimentos, emoções, ideias, valores e vivências, que representam a realidade criada em torno dessa experiência de leitura.

A criação dessa realidade em torno do texto, mediada pela linguagem, torna possível, segundo Budd (2005), relacionar os saberes armazenados no repertório informacional das leitoras, constituído por seus conhecimentos prévios, vivências, subjetividades e visões de mundo, com as novas informações obtidas a partir das experiências de leitura. Em diálogo com a filosofia simbólica trabalhada por Cassirer (2005), trata-se da decodificação de signos linguísticos repletos de significações que partem das subjetividades e contextos tanto daquele que escreve como daquele que lê que, traduzidos em símbolos, permite a criação de uma rede simbólica que desencadeia sensações que encontram-se intimamente relacionadas aos contextos, subjetividades e estados psíquicos das entrevistadas em um dado espaço-tempo (CASSIRER, 2005; DUMONT, 1998; ROUBAKINE, 1998).

Desse modo, significa dizer que os objetivos que circundam as experiências de leitura das Entrevistadas 1 e 3, diretamente relacionados às situações vivenciadas em períodos de crises em suas existências, desencadeiam uma série de sensações, de cunho emocional, cognitivo e psíquico, também intimamente associadas aos seus contextos de vida, que lhes permitem criar uma realidade própria em torno dos artefatos informacionais com os quais interagem. Ainda ancorados em Roubakine (1998), podemos dizer que os efeitos dessas experiências de leitura na consciência dessas leitoras estão representados nas influências de ordem subjetiva, como os desejos, as reflexões e as intenções, que se manifestam em suas estruturas psíquicas e cognitivas através da aplicação dos saberes apropriados para lidar e entender melhor não apenas as situações de adversidade que estão vivenciando, como também a si mesmas.

Na visão de Petit (2009) e Roubakine (1998), são as sensações despertadas pelas experiências de leitura em momentos que marcam as leitoras de alguma forma ou que a leitura tenha desempenhado uma relevância central (como nos contextos de crise das entrevistadas), que contribuem para que estabeleçam relações simbólicas com a leitura e signifiquem suas experiências, de forma a concebe-las, consciente ou inconscientemente, como um instrumento capaz de ajuda-las a entender a si mesmas e, em sentido amplo, a realidade ao redor.

A capacidade de atribuir sentidos e significados que as possibilite apropriar um artefato informacional está diretamente relacionada às sensações evocadas pela leitura de uma obra em um dado contexto, quando possuidora de uma dada subjetividade. Tendo como fundamento as representações simbólicas de percepção do real transpostas para os processos de leitura, os sujeitos leitores revivem, nas experiências de leitura individuais ou intersubjetivas, lembranças, sensações e vivências que são evocadas ao ler ou ouvir uma história, sendo simbólicas em sua essência, de modo a conferir sentidos e significados próprios ao que foi lido.

Nos casos das Entrevistadas 1 e 3, ao lerem por obrigação, escapismo ou para lidar com alguma situação difícil, podemos dizer que as leitoras revivem durante os processos de leitura, de modo consciente ou inconsciente, os estados psíquicos vivenciados ao longo de suas existências, sobretudo durante os períodos de crise, evocando sensações que correlacionam as obras lidas com seus contextos, subjetividades e configurações psicológicas nesse espaço-tempo. Dessa forma, podemos dizer que os cenários de adversidades vivenciados por essas duas leitoras orientam as sensações despertadas quando de suas experiências de leitura nesses momentos, sejam estas individuais ou compartilhadas, determinando de que maneira apropriam os saberes aí produzidos e os transferem para suas vivências, refletidas no potencial de transformação de suas formas de conceber e lidar com essas situações.

Em outras palavras, de acordo com as considerações de Petit (2009), é a relação estabelecida entre os contextos, subjetividades e estados psíquicos das leitoras com as obras lidas que as permitem aprender sobre si mesmas e sobre fatos presentes em seu subconsciente até então desconhecidos, como foi o caso das sensações despertadas, por exemplo, na Entrevistada 1, para quem as experiências com obras consideradas centrais em sua trajetória de leitura lhe proporcionaram uma espécie de “organização interna” que, até então, ela desconhecia ou só entendia de forma desorganizada.

Especificamente, os cenários de crise vivenciados ao longo de sua adolescência despertaram sensações que ficaram armazenadas em sua consciência e foram retomadas

quando das experiências de leitura das obras de Franz Kafka e das poesias de Fernando Pessoa e Álvaro de Campos (heterônimo de Pessoa); leituras que, apesar do objetivo central de escapismo, da tentativa de fugir daquela realidade, acabam por ir ao encontro de sua subjetividade e contexto, isto é, das situações difíceis que estava enfrentando, do que estava sentindo e vivenciando naquele momento. Os processos psíquicos e cognitivos transcorridos durante a interação da Entrevistada 1 com os artefatos informacionais propiciam a criação de uma realidade própria em torno dos textos lidos, uma abertura para um outro espaço, evocando sensações que lhe possibilitam atribuir sentidos e significados a esses materiais e, assim, apropriar saberes.

Nesse momento tão conturbado de sua vida, de tantos desajustes, as sensações despertadas durante suas experiências de leitura são, centralmente, de identificação, motivação e entendimento sobre si mesma, conforme demonstrado na categoria de análise “Sensações individuais”. No que se refere ao primeiro aspecto, seu relato nos revela a presença de uma identificação com os textos lidos, isto é, uma espécie de reconhecimento, como se as obras tivessem sido escritas para ela; trata-se de “ler um texto que parecia que me entendia” e “[...] alguém falou do que eu sinto” (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado). Essa identificação está também representada através da sensação de ler os livros, mas sentir que, na verdade, eram os autores quem a liam: “Uma sensação muito mágica... esses caras me leram. Eu estou lendo o livro, mas é um livro amigo” (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado), de modo que, nesses períodos de crise, a leitura atuou, nas próprias palavras da leitora, como “salvação da vida” (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado).

Ao mesmo tempo, a sensação de identificação evocada na Entrevistada 1 dialoga centralmente com as sensações despertadas na Entrevistada 3 ao longo de suas experiências de leitura. A variável “transcendência para outro contexto”, apontada na categoria de análise “Sensações individuais”, é recuperada quando das leituras realizadas no período em que a leitora esteve doente pela primeira vez, no qual a interação com as obras literárias, especificamente a série *Harry Potter*, da escritora britânica J. K. Rowling, despertou a sensação de não estar doente e fazendo tratamento, mas sim vivenciando aquela história junto com as personagens: “Eu estava lendo *Harry Potter*... eu era uma estudante de Hogwarts. O *Harry Potter* existia e eu não estava ali... eu não era uma pessoa doente, fazendo tratamento” (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado).

As sensações de identificação e transcendência para outro contexto verificadas nos relatos das entrevistadas decorrem, na visão de Petit (2009, 2013, 2019), do fato de que muitos leitores e leitoras buscam nos livros, consciente ou inconscientemente, respostas para



as inquietações que vivenciam, de modo a descobrirem, em um trecho ou uma frase, que outros também passam por esses mesmos conflitos. A autora pontua que o ato de ler possibilita a apresentação de um mundo outrora desconhecido pelas leitoras, isto é, a construção de uma realidade em torno do texto, conforme já tratado por Budd (2005) e Roubakine (1998), no qual elas podem estabelecer conexões entre o objeto lido e suas próprias vivências, buscando, inconscientemente, elementos vinculados às questões que estão enfrentando, de modo a suscitar novas construções imaginárias e atividades psíquicas que as permitam significar essa experiência. A entrada em um espaço próprio construído a partir da narrativa possibilita às entrevistadas vivenciar outras realidades, podendo contribuir para que encontrem sentido para suas vidas, delimitem a si mesmas, tracem seus próprios contornos e, principalmente, para que se sintam vinculadas aos outros, sejam esses “outros” as próprias personagens, o autor ou autora da obra, aquele ou aquela que já leu, está lendo ou a lerá algum dia; ao descobrir o que outras pessoas pensam sobre as mesmas angústias e perguntas que elas fazem, estão a partilhar, simbolicamente, as mesmas sensações, emoções e confusões, sentindo, pois, que não estão sozinhas (PETIT, 2009, 2013, 2019).

São as sensações desencadeadas por essas experiências, rememoradas a partir dos estados psíquicos vivenciados ao longo da existência dessas leitoras, para recorrermos à Roubakine (1998), que podem tocar seu íntimo e fazer com que surjam, conforme já trabalhado por Petit (2013, 2019) ao longo do referencial teórico, associações inesperadas, isto é, construções de sentidos em torno do objeto lido que evocam tomadas de consciência sobre reflexões, intenções e desejos que até então as leitoras nem sabiam ser possíveis, expandindo as chances de romperem com a situação na qual encontram-se inseridas e abrirem-se para o vislumbre de novas possibilidades de ser e atuar em seus próprios contextos e no mundo social. Trata-se, de acordo com a autora, de romper com a situação atual na qual as leitoras encontram-se inseridas, “cruzando a fronteira” e “saltando” para um espaço que as ajudam a encontrar ou reencontrar o vínculo com aquilo que as constitui, lhes dá o sentido para encontrar a energia para escapar dos obstáculos nos quais se sentem encurraladas, sendo o artefato livro, em sua concepção simbólica, um instrumento privilegiado que possibilita essa abertura.

Um dos exemplos dessas tomadas de consciência se manifesta no discurso da Entrevistada 1 ao evocar as associações inesperadas despertadas durante as leituras realizadas na adolescência, quando ainda cumpria um objetivo de obrigação: “Nossa, que coisas interessantes. Onde eu estava que não prestei atenção nessas coisas?” (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado). Essas reflexões servem de fundamento para que a leitora redescubra seu

interesse pela leitura e relembre que “ler era legal”, bem como a desperte para uma verdade interior que a permite enxergar nas aulas de Literatura uma atividade que ela mesma gostaria de exercer, mas que até então não havia percebido.

Em relação à esta última, essa revelação está associada aos atos de leitura diversos que se desenvolviam, direta ou indiretamente, em suas aulas de Literatura, como ler os textos literários e as possibilidades de transcender as paredes da sala de aula para falar sobre temáticas relacionadas à leitura, que despertaram uma vontade talvez latente em sua consciência. Possivelmente, esse interesse surge, segundo as propostas de Petit (2019, p. 119), a partir dos novos olhares, das novas configurações e sentidos que esses espaços materiais assumem ao estarem associados à essas aulas e às experiências daí desencadeadas, sendo um modo de se relacionar com esses ambientes com “os olhos que a literatura nos empresta”. No caso da Entrevistada 1, especificamente, as aulas de Literatura lhe emprestavam um outro olhar, simbólico em sua essência, sobre os espaços para onde iam, os textos lidos, adquirindo sentidos e significados que os tornam conhecidos, familiares, a ponto de ganharem novos contornos e lhe despertarem associações inesperadas, tomadas de consciência de uma verdade interior, de um “onde eu estava que não prestei atenção nessas coisas?”, que enxerga nessa experiência vislumbres de caminhos de vida que pode vir a seguir.

Podemos evocar também as lembranças de leitura da Entrevistada 3, posicionadas na categoria de análise “Lembranças subjetivas”, mais precisamente na variável “lembranças associadas a momentos difíceis”: o contato da leitora com um espaço relacionado à sua experiência de leitura com *Harry Potter*, qual seja um bar na Escócia em que a autora J. K. Rowling escreveu a obra, recupera sensações e recordações de períodos de sua existência em que a leitura dessa série assumiu relevância central para ajudá-la a enfrentar a primeira doença grave que teve. Isto se deu, especificamente, através do contato com mensagens deixadas no bar por leitores e leitoras que indicavam suas recordações de leitura com a obra – muitas das quais de pessoas que passaram por situações de doença semelhantes às suas:

Eu entrei no banheiro, tinham [mensagens de] várias pessoas ‘Eu estava doente e os seus livros me salvaram!’. Eu chorava de soluçar. Tem uma foto minha com a cara assim... eu tirei uma foto no espelho do banheiro, muito emocionada. [...] Eu lembro dessa época de... os livros me salvaram muito nessa época... (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado).

As reflexões de Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) nos permitem inferir que essas lembranças vêm à mente da Entrevistada 3 a partir das conexões simbólicas estabelecidas com a leitura ao longo de sua vida, que recuperam, quando diante de alguma

situação que a remeta a essa interação, não apenas as sensações, como também os sentidos e significados atribuídos a essa experiência de leitura no período em que esta assumiu relevância central para lhe ajudar a lidar com um momento de adversidade, apropriando saberes que podem ter passado despercebidos por sua consciência, mas que ainda assim influenciaram na maneira como se apropriou desse material e o utilizou, inconscientemente, para pensar, agir e se relacionar com o contexto de crise que lhe era apresentado.

Na visão de Petit (2019), a realidade criada em torno da narrativa deve conter toda uma espessura simbólica, que permite à leitora evocar relatos, sensações e lembranças de suas experiências de leitura e de todas as circunstâncias nas quais esta esteve circunscrita em um dado espaço-tempo – pessoas, espaços, objetos, momentos marcantes -, isto é, os estados psíquicos vivenciados ao longo de sua existência, conforme já proposto por Roubakine (1998), que encontravam-se até então armazenados em sua consciência e são rememorados no momento presente, ao se deparar com uma interação, uma experiência que vai ao encontro de seu íntimo e recupera essas recordações. De maneira específica, é essa espessura simbólica a qual Petit (2019) se refere, isto é, as formações simbólicas estabelecidas com a leitura ao longo de sua vida, que conecta a Entrevistada 3 com as palavras da autora, do universo criado em *Harry Potter* – ainda que não diretamente através do contato com o artefato material em si -, que permite que entre nesse espaço, que dê voz à sua imaginação e crie sua própria realidade.

Tal como ocorreu com a Entrevistada 1 em suas aulas de Literatura, o espaço do bar, físico, material, ganha, assim, novos contornos, significados e sentidos ao abrir-se para um outro lugar, simbólico, imaginário. No momento em que a Entrevistada 3 se depara com as mensagens de outros leitores e leitoras que encontraram na leitura de *Harry Potter* a mesma “salvação” que ela, esse *locus*, repleto de lembranças, de conexões simbólicas estabelecidas com a leitura particularmente em um momento difícil de sua vida, faz com que a leitora “salte” para um outro espaço, no qual pode vir a rememorar e reconhecer aspectos de si mesma, sua própria experiência de leitura com a obra, as personagens, as histórias, todos os elementos que compõem a realidade criada em torno do objeto e, em um momento de crise, serviram para ajuda-la a transcender, refletir, pensar e abrir-se para um espaço novo, para novas formas de enfrentar essas adversidades (PETIT, 2019).

Assim, podemos dizer que as associações inesperadas que se manifestam através de sensações que as Entrevistadas 1 e 3 nem sabiam que estavam presentes em seu íntimo evidenciam um movimento psíquico que rompe com o espaço no qual se encontram e oferecem, de modo inconsciente, ferramentas para lidar com as crises vivenciadas e

vislumbrar novas possibilidades de caminhos a serem seguidos, de reconexão com si mesmas. Reafirma-se aí um potencial de transformação, de abertura, para recorrermos à Petit (2013, 2019), que nem sempre é reconhecido pelas leitoras no momento de ocorrência do ato de ler, mas sim muito tempo depois, quando diante de alguma experiência que as remetam a elas, como o caso da Entrevistada 3 acima relatado, que revela uma tomada de consciência sobre a importância que a leitura teve em um momento adverso de sua vida para lhe ajudar a passar por isso; tomada de uma verdade interior que, possivelmente, a leitora nem sabia existir.

Nesse sentido, podemos retomar as reflexões propostas pelo pensamento roubakiniano, no qual as sensações despertadas no indivíduo durante o ato de ler, influenciadas por seu próprio contexto, subjetividade e condições de leitura, dão sentido e significado ao conteúdo produzido pelo autor ou autora da obra. Comparam-se durante os processos de leitura, inconscientemente, os saberes armazenados no repertório informacional das leitoras com aqueles novos apropriados a partir da interação com esse material em um dado espaço-tempo, quando possuidoras de um determinado estado de consciência, de modo a resultar em um “novo sentido”, conforme apontado por Dumont (2002); um sentido resultante dos saberes apresentados por aquele que escreve, que configuram reflexos de sua própria subjetividade, contexto e configurações psicológicas, somado aos saberes apropriados pelas leitoras em experiências de leitura individuais ou compartilhadas, possibilitando a utilização desse “novo sentido” para reformular suas interpretações e conhecimentos prévios ou construir novos saberes.

A partir desse “novo sentido”, essas leituras oferecem às leitoras possibilidades de refletirem sobre si mesmas, sobre pontos de suas subjetividades que nem elas entendiam ou entendiam apenas de maneira desorganizada, de modo a alcançar uma compreensão sobre o que está se passando internamente. De modo específico, as sensações de identificação e transcendência para outro contexto despertadas nas entrevistadas surgem a partir do diálogo dessas experiências de leitura, seja a partir das histórias narradas ou de um determinado trecho, com as situações difíceis que estão enfrentando, como nos revela o discurso da Entrevistada 1, para quem os autores falavam exatamente sobre a forma como ela estava se sentindo em um período conturbado de sua vida; ou a Entrevistada 3, que evoca, a partir das leituras de *Harry Potter*, uma realidade na qual não está doente e fazendo tratamento, mas sim vivenciando possibilidades ainda desconhecidas sobre ser em seu contexto de vida, que lhe oferecem, mesmo que inconscientemente, formas de se reconstruir, se reconectar consigo mesma através da realidade para qual transcende por meio da narrativa para lidar com os transtornos causados por sua doença (PETIT, 2009, 2013, 2019). São essas sensações,

resultantes do diálogo entre aspectos de suas vivências e subjetividades com o que está sendo lido, que fazem com que as leitoras encontrem sentido em uma obra (DUMONT, 1998), de modo a estabelecerem relações simbólicas com essas experiências e atribuírem sentidos que as permitem apropriar saberes.

Nessa direção, para Petit (2009, 2013), conforme mencionado anteriormente, é a partir das novas construções imaginárias e atividades psíquicas desencadeadas pelas sensações despertadas durante as experiências de leitura que torna possível às entrevistadas refletirem sobre aspectos de si mesmas até então desconhecidos, bem como vislumbrar novas possibilidades de ser no mundo, caminhos a serem percorridos, realidades a serem vivenciadas que, até então, não eram reconhecidas ou consideradas como possíveis por sua consciência, de modo a encontrar a força necessária para lidar e sair dessa situação. Segundo a autora:

O que descrevem os adolescentes e adultos, independentemente de sua classe social, quando evocam as leituras importantes de suas vidas? Algumas vezes, uma página ou uma frase que leram e que falaram algo sobre eles. Essas frases, esses fragmentos de textos, funcionam como *insights*, como tomadas de consciência súbitas de uma verdade interior, como esclarecimentos sobre uma parte de si mesmos até então desconhecida. Isso permite a eles decifram sua própria experiência. É o texto que ‘lê’ o leitor, que sabe muito sobre ele, sobre regiões nele que ainda não haviam sido exploradas. O texto, de maneira silenciosa, vai liberar algo que o leitor tem dentro de si. E às vezes o leitor encontra ali a energia, a força para sair de um contexto em que estava preso [...] (PETIT, 2013, p. 46).

As reflexões apresentadas acima por Petit (2013) se manifestam através da variável “entendimento sobre si mesma”, identificada no discurso da Entrevistada 1 na categoria de análise “Sensações individuais”. Para a leitora, as sensações despertadas pelas leituras das já mencionadas obras de Franz Kafka, Fernando Pessoa e Álvaro de Campos a possibilitaram não apenas compreender melhor o contexto de crise que estava vivenciando, como também organizar os efeitos de desânimo e desajuste desencadeados: “[...] é um negócio que você não sabe elaborar o que está sentindo e passando. Parece que esses livros criam um repertório que te ajudam a entender uma coisa que você entendia só de um jeito caótico” (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado). Ela complementa: “Parece que a gente vira um pouquinho mais protagonista da nossa narrativa quando a gente vê a coisa mais organizada. Parece que você está menos solto no caos” (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado).

O trecho trazido pela Entrevistada 1 nos permite evocar uma colocação de Petit (2009), extraída do relato de uma professora de literatura que acompanha jovens com grande desamparo psíquico, na qual a autora pontua como as experiências de leitura, sobretudo de

textos literários, despertam sensações que possibilitam aos leitores e leitoras perceberem e compreenderem aspectos de suas histórias de vida, de si mesmos, que não entendiam ou não haviam se dado conta até então. Para Petit (2009, p. 113), o ato de ler, ao dialogar centralmente com o contexto e subjetividade do sujeito leitor em um dado espaço-tempo, o permite rememorar sua própria história, especialmente os “capítulos mais difíceis”, fazendo com que “[...] as páginas dolorosas de nossas vidas [possam] ser lidas de maneira indireta”.

Esse “ser lidas de maneira indireta” ao qual Petit (2009, p. 113) se refere pressupõe, como nos revela o próprio relato da Entrevistada 1, alcançar, através da leitura, das palavras utilizadas pelo autor ou autora da obra, uma compreensão sobre si mesma, suas angústias, as crises e desajustes nos quais encontra-se encurralada e não sabe como articular. Centralmente, é a linguagem simbolizada no livro, própria do universo do autor ou autora, que organiza a desordem interna vivenciada pela leitora em seus momentos mais adversos, o que ela entendia até então de forma caótica. Trata-se de organizar, de simbolizar nas palavras do autor ou autora sensações e verdades interiores que estavam latentes na consciência da leitora, mas que ela não havia reconhecido – ou percebido apenas superficialmente - até o momento dessa leitura.

Nesse sentido, para Petit (2009), a leitura, em sua dimensão simbólica, deixa entrever, através dos processos psíquicos e cognitivos aí desenrolados, aspectos da história de vida das leitoras, representados nas palavras e frases apresentadas no livro, que são elucidados sem que elas precisem falar diretamente sobre si.

Mais uma vez, podemos trazer as considerações de Roubakine (1998) no que se refere à importância que as circunstâncias em que ocorre o ato de ler exercem para a apropriação do objeto informacional e, por sua vez, sua atuação simbólica como potencial de transformação. Essa apropriação é um reflexo das condições psíquicas, subjetividades e contextos dessa leitora em um dado espaço-tempo, que reconhece as sensações despertadas durante as experiências de leitura como resultados não da interação com o livro enquanto artefato material propriamente dito, mas sim das conjunturas em que ocorreu essa mesma interação que, dada em outro momento de sua existência, possivelmente não produziria o mesmo efeito, as mesmas sensações, os mesmos sentidos e significados que a permitem sentir-se identificada nessa obra e, por isso, entender melhor partes de si mesma até então pouco ou nada exploradas.

Ainda no que se refere à Entrevistada 1, é a partir daí que surge a sensação de motivação evocada com a experiência de leitura desses materiais para continuar e enfrentar as dificuldades vivenciadas, conforme apontado na categoria de análise “Sensações individuais”.

Essa motivação decorre, segundo Petit (2009, 2013), das atividades psíquicas transcorridas durante o ato de ler, cujos saberes apropriados possibilitam uma “abertura” para um outro espaço psíquico e simbólico, no qual os materiais lidos despertam sensações que a fazem refletir sobre a realidade de crise vivenciada e sobre suas formas de ser e atuar no mundo, propiciando o alcance desse entendimento sobre si mesma, sobre esses aspectos internos anteriormente concebidos de forma caótica.

É nesse cenário, para Petit (2009, 2013), que podemos vislumbrar o potencial que as experiências de leitura revelam para que as leitoras possam tornar-se mais autoras de suas vidas, mais protagonistas de suas histórias. De maneira específica, a antropóloga francesa postula que os potenciais de transformação pessoal estão nas possibilidades de reconstruções internas, empreendidas, de forma consciente ou inconsciente, através dos processos psíquicos e cognitivos transcorridos durante o ato de ler. Tratam-se de processos que dão sentido às suas experiências de leitura, dando voz à imaginação e ecoando suas intenções e desejos, permitindo que as entrevistadas reflitam, descubram e entendam aspectos de si mesmas até então desconhecidos, de modo a contribuir para a construção ou reconstrução de sua subjetividade e, assim, para que se encontre e/ou recupere a força necessária para transpor esses impasses.

O potencial aí identificado para conduzir as leitoras às transformações pessoais fundamenta-se na noção de que, ao modificarem suas estruturas psíquicas, as entrevistadas abrem-se para possibilidades não apenas de novas formas de conceber a si mesmas e as situações que estão vivenciando, como também para novos caminhos de vida a serem percorridos, até então não reconhecidos como possíveis por sua consciência (PETIT, 2009, 2013). Essa potência é demonstrada, entre outros exemplos, na forma como determinadas obras marcaram não apenas a trajetória de leitura da Entrevistada 1, como também sua vida, possibilitando-a organizar melhor suas crises internas e, ainda, conceber novas oportunidades de caminhos a serem percorridos.

Seus relatos de vida sugerem que o interesse inicialmente despertado no ambiente escolar pelos textos literários e pelas aulas de Literatura, ambas atividades que circundam e orientam as experiências de leitura da Entrevistada 1 durante os momentos de crise na adolescência, a conduziram às obras de Clarice Lispector, consideradas um marco tanto em seu desenvolvimento como leitora quanto em sua trajetória de vida, conforme apresentado na categoria de análise “Marcos de leitura”, na variável “obras que marcaram as leitoras”; a leitora revela que essas experiências provocaram sensações nunca antes sentidas, fazendo com que tivesse certeza de que queria estudar e trabalhar com Literatura, intenção que se reflete

em sua graduação na área de Letras Português/Literatura e mestrado em Literatura Brasileira, as quais sentiu-se profundamente identificada. Nesse ponto, ainda que a leitora não tenha seguido esse caminho em sua trajetória profissional por razões que fogem ao propósito do presente estudo, essas possibilidades foram cogitadas em um momento de sua existência em que sentia-se perdida, encurralada em suas crises. Tratam-se de obras e experiências de leitura que representam marcos em sua vida, isto é, que assumem relevância em determinados momentos de sua existência ao lhe oferecer novas perspectivas de vida em relação ao espaço psíquico no qual se encontrava anteriormente, em que estudar e ir à escola não lhe trariam benefício algum, atuando, segundo Petit (2019, p. 31), “para que se abra os olhos diante daquilo que não se via”. Revela-se aí um movimento psíquico, uma ruptura que contribuiu não apenas para que a leitora entendesse e lidasse melhor com os cenários de crise vivenciados, como também um potencial para que tomasse parte ativa em suas decisões.

À luz das reflexões de Petit (2013), a interação com esses artefatos a partir da “redescoberta” pelo gosto de ler em um momento conturbado de sua vida e considerando todos os processos mentais, as sensações e os saberes aí envolvidos, oferecem, conforme já mencionado, tomadas de consciência que representam rupturas com as situações psíquicas nas quais a leitora encontrava-se inserida, configurando uma abertura para um outro espaço, isto é, a reorientação de um olhar que se volta para novas possibilidades de ser no mundo social. Na visão da autora, é esse “romper” que configura um potencial para que a leitora utilize os saberes apropriados através das experiências de leitura para modificar instâncias de sua vida, seja no plano psíquico, através do entendimento sobre si mesma e sua realidade e nas novas relações aí traçadas, ou, até mesmo, nas ações empreendidas na realidade social.

Contudo, é interessante mencionar que essas tomadas de consciência, ainda que se manifestem de forma efetiva em torno das experiências individuais de leitura das Entrevistadas 1 e 3, não se restringem ao plano subjetivo, podendo também ser verificadas através de suas experiências de leitura compartilhadas no cenário do Leia Mulheres Rio de Janeiro. Estas, seja através de uma lembrança ou das sensações despertadas por sua participação no clube, nos revelam, à luz dos contextos de crises das leitoras, alguns dos potenciais de transformação que nos interessa alcançar.

Retomamos, centralmente, as lembranças das Entrevistadas 1 e 3 de suas vivências no Leia Mulheres, as quais remontam, dadas as devidas particularidades de suas histórias de vida, aos momentos difíceis vivenciados tanto por elas mesmas quanto por outras participantes, apontando para tomadas de consciência que evidenciam a importância que o clube exerce para ajudar pessoas a passar por adversidades. Essas reflexões encontram-se



pontuadas na categoria de análise “Lembranças intersubjetivas”, representadas através da variável “lebranças relacionadas às situações difíceis vivenciadas pelas leitoras”.

No caso da primeira entrevistada, essa tomada de consciência surge muito tempo depois da ocorrência de seus períodos de crise, sendo evocada nas lembranças de situações envolvendo doenças graves que transcorreram não com ela, mas com duas participantes do clube: na primeira ocasião, temos um relato de uma das frequentadoras, que veio a falecer posteriormente em razão de uma enfermidade, mas que antes enviou uma mensagem às mediadoras dizendo que, mesmo que não pudesse ir aos encontros do clube com a frequência que gostaria - em razão do estágio avançado de sua doença -, continuava a ler em casa os livros selecionados para discussão, pois não só aprendia muito com os debates do grupo, como também essas dinâmicas configuravam momentos em que se sentia feliz e à vontade; a segunda conjuntura aponta para as reuniões do Leia Mulheres como uma espécie de “respiro” durante períodos de crises, isto é, um espaço cujas dinâmicas ajudam as leitoras a enfrentarem os transtornos causados pelas adversidades que estão passando. Em ambos os casos, a leitora demonstra que “[...] talvez eu não tivesse a noção de que o Leia tivesse se tornado uma coisa nesse nível para as pessoas. Porque ainda me parecia um momento de se juntar e bater um papo, sei lá... falar do livro, falar de uma história legal” (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado).

Igualmente, para a Entrevistada 3, suas lembranças das vivências no Leia Mulheres denotam a concepção do clube como um ambiente que contribuiu de maneira significativa para que conseguisse enfrentar um novo período de adversidade em sua existência, ocasionado também por uma doença, mas desta vez em decorrência do tratamento da primeira enfermidade que desenvolveu no início da vida adulta. Nesse cenário, a leitora evoca algumas recordações que lhe vieram à mente no momento da entrevista, especialmente relacionadas ao dia em que recebeu o diagnóstico de sua última doença:

[...] eu tinha Leia no dia e falei: ‘Cara, eu não vou conseguir, eu não vou... não estou legal e tal...’ e eu fui! Eu estava com um *feeling* de que ia ser bom. Durante duas horas eu nem pensei naquilo e estava ali, conversando sobre um livro... sair daquela... eu me lembro muito desse dia [...]. Tantas coisas legais... tantos momentos bonitos de pessoas que se colocam, que contam experiências, contam histórias de vida e se emocionam... já aconteceu tantas vezes e foi tão bonito... (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado).

Nesse sentido, podemos dizer que as lembranças de ambas as entrevistadas de suas vivências no Leia Mulheres, que as possibilitam concebe-lo como um instrumento para auxiliar no enfrentamento aos períodos de crises (tanto delas mesmas quanto das demais

participantes), são marcadas pelas conexões simbólicas estabelecidas, primeiramente, entre as leitoras e a leitura ao longo de suas vidas e, a partir daí, com o espaço e os elementos do clube. Sob a ótica do pensamento roubakiniano, as recordações evocadas nas experiências compartilhadas de leitura se manifestam a partir da relação entre as práticas informacionais coletivas transcorridas nesses espaços com os contextos e subjetividades das leitoras em um dado espaço-tempo, que rememoram, de forma consciente ou inconsciente, não apenas os sentidos e significados atribuídos, como também as sensações despertadas em momentos que, de algum modo, são significativos em suas trajetórias de vida e demonstram a importância que o ato de ler (no caso da Entrevistada 3, também os clubes de leitura) representaram para que pudessem lidar com os transtornos causados por essas adversidades.

De maneira simbólica, as lembranças das Entrevistadas 1 e 3 as remontam aos contextos de crise em que tiveram de enfrentar situações de doenças e falecimentos, sejam estas vivenciadas por elas mesmas ou por pessoas queridas e conhecidas. À luz das perspectivas trabalhadas, partimos da noção de que as sensações aí despertadas ficaram armazenadas em sua *mneme* ao longo de suas existências, sendo retomadas quando em circunstâncias vivenciadas nos clubes de leitura que recuperam recordações desses momentos difíceis, seja através de um determinado trecho ou palavra presente em uma obra e evocada nas discussões ou, até mesmo, um relato oral de alguma participante sobre suas experiências de leitura e de vida (ROUBAKINE, 1998).

Ainda de acordo com a visão de Roubakine (1998), podemos dizer que são esses processos mentais transcorridos durante as experiências de leitura compartilhadas que estreitam os vínculos simbólicos estabelecidos entre as leitoras com o espaço e os elementos do clube, propiciando sensações de natureza emotiva, psíquica e cognitiva que impactam não somente na maneira como traçam associações entre suas vivências e as práticas informacionais desenroladas nesse *locus*, como também no modo como atribuem sentidos e significados e apropriam os saberes ali produzidos e circulados. É a partir dessas formações simbólicas que surgem as possibilidades de ocorrência das associações inesperadas e tomadas de consciência tratadas por Petit (2019), vinculadas às concepções sobre o Leia Mulheres não apenas como um ambiente para se juntar e bater um papo, falar do livro e de uma história legal (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado), como também um ambiente capaz de auxiliar mulheres leitoras a lidar com situações difíceis, conforme percebido pela Entrevistada 1 a partir das experiências de outras participantes e tal como ocorreu com a Entrevistada 3 em seus próprios períodos de crise.

Essas concepções são mais evidentes no discurso da Entrevistada 3. A sensação de “pertencimento a um grupo”, variável apontada na categoria de análise “Sensações compartilhadas”, é despertada a partir da relevância que o Leia Mulheres exerceu para lhe ajudar a lidar com as crises desencadeadas pela segunda vez em que desenvolveu uma doença grave, conforme já mencionado. Nesse período atribulado, a sensação evocada a partir de sua participação no Leia Mulheres se manifesta através da maneira como suas vivências no clube dialogam com seus contextos de vida e subjetividades nesse espaço-tempo. Por ser menor do que é hoje, frequentado quase sempre pelas mesmas leitoras, o clube lhe oferecia oportunidades de troca, de estar junto à outras mulheres, representando um momento em que podiam compartilhar não apenas suas experiências de leitura, como também de vida, de modo a proporcionar uma sensação de estar em um coletivo, de pertencer ao que se refere como um “grupo seguro”. A leitora nos revela:

[...] eu fiquei doente de novo, enquanto estava frequentando o Leia. Eu tive um problema, até decorrente do tratamento que eu fiz, que me deixou super mal. E, nessa época, eu estava frequentando o Leia e era exatamente a mesma sensação, só que diferente. Tipo, não é... eu não escapava dos meus problemas na história. Tinha também o fator de distração do livro, mas o fato de estar naquele coletivo... e era sempre... quando eu comecei, o Leia era bem menor do que ele é hoje. Tinha menos gente, eram sempre as mesmas meninas e virou meio tipo amigas. A gente se conhecia e sabia... como é que tá aquilo, sabe... de você acompanhar, de estar num coletivo, num grupo seguro. Às vezes, as pessoas nem todas sabiam pelo o que eu estava passando, mas era um momento de troca, de estarmos ali juntas. E isso foi muito importante. [...] Depois teve até um momento que... não sei se alguém comentou com você, mas uma das frequentadoras ficou doente e faleceu. E uma das últimas postagens que ela fez foi um comentário no *post* [de uma das mediadoras] sobre o encontro e ela falava exatamente isso. Tipo, a importância de respirar essa atmosfera quando você está passando por um momento difícil. De troca, de... não sei se estou conseguindo colocar em palavras (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado).

No relato acima da Entrevistada 3, é interessante observarmos que, apesar da presença do objetivo de escapismo e sensação de transcendência para outro contexto, apontados como elementos centrais em seus atos de leitura nos momentos em que esteve doente pela primeira vez, as sensações advindas das experiências de leitura compartilhadas transcendem a interação subjetiva entre leitora e objeto, alcançando na intersubjetividade, isto é, nas conexões simbólicas estabelecidas com outras mulheres e com o espaço do clube a partir de um objetivo e uma materialidade em comum – manifestados na troca de relatos orais sobre a leitura e sobre a vida por entre as participantes -, o diálogo com seus contextos e subjetividades que, nesse período de crise, evoca a sensação de “pertencimento a um grupo”.

Especificamente sob a lógica roubakiniana, podemos estabelecer uma relação direta com as sensações evocadas em suas experiências no clube: o fato de a leitora receber o diagnóstico de sua segunda doença e ficar “duas horas sem pensar naquilo” tem menos a ver com o artefato material em discussão propriamente dito e mais com as circunstâncias em que esse ato ocorre, no qual a sensação de pertencimento a um grupo, de “estar naquele coletivo” (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado) propicia a construção ou ressignificação de saberes, sentidos e significados que a permitem reencontrar no ato de ler formas de lidar com suas adversidades e, conforme já mencionado por Petit (2009, 2013, 2019), vislumbrar novas possibilidades de conceber a si mesma e sua própria realidade.

Além disso, o discurso da leitora nos permite compreender que, ainda que não falassem especificamente sobre os momentos difíceis pelos quais estavam passando, o próprio ato de mulheres possuidoras de subjetividades e contextos distintos se reunirem em torno de um objetivo e uma materialidade em comum para conversar não apenas sobre a obra propriamente dita, mas também sobre vivências, pensamentos e opiniões que surgem a partir da discussão desse artefato, estreitam seus vínculos simbólicos com o espaço e os elementos que compõem o clube, fazendo com que atribua sentidos e significados que contribuem para que se sinta à vontade em compartilhar aspectos de suas histórias de vida; a Entrevistada 3 está a apropriar, mesmo que de modo inconsciente, saberes que despertam a sensação de pertencer a um grupo seguro, encontrando aí uma forma de lidar melhor com as suas crises:

[A gente] falava sobre histórias de vida, mas a gente não falava da doença, dos momentos difíceis, mas era... tem uma força aí. Ter um grupo de pessoas, no caso só mulheres, com um componente focado de forma diferente. Tipo, um grupo de pessoas reunidas falando sobre a vida, sobre ideias, sobre livros... livros são isso, né. Histórias de vida, ideias, pensamentos, opiniões e tal [...] Uma coisa que nutre, sabe? Que faz muito bem. Quando a [participante que faleceu] falou isso, e logo depois ela faleceu, eu fiquei muito emocionada [...] A gente não tem ideia da importância... e eu tinha passado por isso há pouco tempo, sabe... e eu tinha esquecido, porque, às vezes, a gente fica naquela correria de organizar, botar mais cadeira, mas não é nada disso que importa. É você estar ali, a troca... presente... uma escutar a outra... a Clarissa Pinkola, [do livro] *Mulheres que correm com os lobos*, ela tem um texto que eu até citei... um texto que eu escrevi sobre... que fala disso... o poder que tem o sentar em roda. Eu acho que é isso (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado).

Desse modo, as concepções oferecidas acima pela Entrevistada 3, junto às lembranças evocadas por ela mesma e pela Entrevistada 1 sobre a participante que faleceu, evidenciam, conforme já pontuado, a atuação das práticas informacionais desenroladas nos clubes de leitura para a construção de laços afetivos e simbólicos entre as leitoras e entre essas mesmas

leitoras com os elementos que compõem esse *locus*. Nesse ponto, as considerações de Marteleto (1995) retomam a noção de que essas práticas, posicionadas em uma dada cultura informacional, permitem aos seus integrantes criar uma rede complexa de sentidos e significados fundados em seus próprios contextos e subjetividades, possibilitando às entrevistadas correlacionar, consciente ou inconscientemente, aspectos de suas próprias vivências e experiências pessoais em um dado espaço-tempo aos relatos orais ali compartilhados, sejam estes relacionados diretamente aos momentos de crise que vivenciam ou já vivenciaram ou a outros aspectos que rememoram, por alguma razão, essas lembranças (ROUBAKINE, 1998).

De maneira específica, o relato acima das sensações evocadas na Entrevistada 3 demonstra a recordação de momentos de crise vivenciados em sua existência que assemelham-se às crises também vivenciadas por outras participantes, estreitando as conexões simbólicas e afetivas, os elementos que lhe permitem relacionar sua vida aos saberes produzidos e circulados no clube, de modo a apropriar-se do que é discutido ali e concebe-lo, ainda que muito tempo depois (no momento da entrevista) como um instrumento que a ajudou a lidar melhor com suas próprias adversidades. Essa perspectiva é ressaltada por Souza (2018) ao propor que as práticas transcorridas nos clubes de leitura propiciam reflexões coletivas em torno de aspectos que as leitoras podem não ter dado atenção suficiente ou não lhe vieram à mente no momento da leitura individual, mas que são retomadas nas dinâmicas do Leia Mulheres a partir dos relatos de situações vivenciadas não apenas por elas mesmas, mas também por outras participantes, que acabam por rememorar suas vivências em um dado espaço-tempo e fazê-las repensar seu próprio eu, bem como seus contextos de crise, suas realidades.

Em outras palavras, podemos dizer que as relações intersubjetivas traçadas nos *loci* dos clubes de leitura, quando dialogadas às experiências individuais de leitura das entrevistadas (sobretudo nos momentos em que o ato de ler desempenhou relevância central), permitem a evocação de sensações que dialogam aquelas despertadas durante a leitura subjetiva com as novas suscitadas a partir das dinâmicas de compartilhamento de experiências de leitura. Essas sensações transcendem a interação material entre sujeito e objeto, respaldando-se nos atores sociais, nas conversas, nos relatos, nas trocas sobre vivências que possibilitam relacionar o que foi lido com o que está sendo discutido ali, de modo a despertar sensações até então pouco ou não reconhecidas por sua consciência; trata-se de pensar, segundo Saldanha (2014), que os processos de leitura se estabelecem não apenas nas interações subjetivas das leitoras com o objeto material, mas também intersubjetivamente,

com sujeitos e artefatos significados na ação, que atuam como mediadores simbólicos, via linguagem oral, de produção, circulação e apropriação dos saberes produzidos e circulados nesses ambientes.

Reafirma-se, de maneira simbólica, a importância das mediações sociotecnológicas trabalhadas por Saldanha (2014) que, a partir das interações sociais e informacionais entre as participantes, via relatos orais de vida e de leitura (mediações humanas), e entre essas mesmas leitoras com o objeto livro em sua concepção como artefato tecnológico (que atua como mediador para as discussões que transcendem o conteúdo da obra), reconhecem nas relações intersubjetivas entre mulheres possuidoras de contextos, subjetividades e configurações psicológicas plurais, modos particulares de apropriação de saberes que podem ser aplicados nas vivências das entrevistadas no plano psíquico e/ou prático. As experiências compartilhadas de leitura denotam, pois, a centralidade da intersubjetividade para que essas leitoras possam pensar sobre si mesmas, suas realidades e crises, demonstrando a potência que esses saberes configuram para possibilitar transformações pessoais.

Essas perspectivas são também corroboradas de maneira significativa pela contribuição do Leia Mulheres no que se refere ao enfrentamento de outras crises manifestadas ao longo das vivências das Entrevistadas 1 e 3. Nesse contexto, as leitoras encontraram nas práticas de compartilhamento de experiências de leitura instrumentos para lidar com conflitos de autoestima e autoconfiança que, ainda que não diretamente vinculados aos momentos de adversidades mais marcantes de suas vidas, como as situações de doenças graves e conflitos internos discutidas acima, influenciam igualmente no modo como se enxergam, se relacionam consigo mesmas e com a realidade ao redor. Com efeito, podemos dizer que as dinâmicas transcorridas no Leia Mulheres contribuíram para expandir os modos de reflexão das entrevistadas sobre si mesmas, oferecendo potenciais de transformação sobretudo no que tange às novas possibilidades de lidar com essas questões e, assim, traçar novas relações consigo mesmas, bem como vislumbres de outras formas de ser e atuar em seus contextos de vida.

Centralmente, partimos da noção de que esse conflito de autoestima e autoconfiança está relacionado à maneira como essas leitoras se enxergam e lidam com si mesmas, de modo a impactar na forma como percebem, se relacionam, se posicionam e atuam no mundo. Esses aspectos podem ser considerados como crises internas, ainda que não tenham marcado um determinado período de suas vidas. Não podemos dizer, exatamente, se os conflitos que circundam as questões de autoestima e autoconfiança das Entrevistadas 1 e 3 estão diretamente associados aos seus momentos de crise trabalhados, que contemplam situações de

doença, perda de pessoas queridas, conflitos pessoais e familiares (ainda que esses acontecimentos possam, de alguma forma, ter impactado na maneira como as entrevistadas se enxergam e se relacionam consigo mesmas em momentos distintos de suas vidas). Contudo, podemos dizer que esses conflitos denotam, igualmente, exemplos de desajustes internos que, ainda que não marquem um determinado momento de suas vidas, está ali, inconscientemente, influenciando em aspectos distintos de suas vivências, na maneira como percebem, concebem e se relacionam com si mesmas e com o mundo ao redor.

Os relatos das Entrevistadas 1 e 3 nos revelam que suas atuações iniciais no Leia Mulheres, conforme pontuado na categoria de análise “Aproximações”, na variável “atuação na *internet* no universo da leitura”, estão diretamente associadas às conexões simbólicas traçadas com a leitura ao longo de suas vidas. No caso da primeira leitora, esses vínculos refletem não apenas nas já mencionadas trajetórias acadêmicas seguidas, como também na criação, na idade adulta, de um *blog* literário nascido da vontade de compartilhar suas experiências de leitura com outras pessoas, o que acabou por possibilitar contatos e amizades com leitoras que também tinham *blogs* e canais de leitura em redes sociais, que a convidaram a participar do Leia Mulheres e, posteriormente, a ser uma das mediadoras do clube; a Entrevistada 3, igualmente, tendo por base suas experiências prévias com o universo da leitura, precisamente com os canais de leitura que acompanhava na plataforma *youtube*, estabeleceu contatos que a conduziram ao Leia Mulheres. De modo específico, sua aproximação está relacionada à atuação em projetos de leitura *online* e como espectadora de canais literários no *youtube*; esse contexto a conduziu à descoberta do clube através do canal de leitura de uma das mediadoras do Leia Mulheres na cidade do Rio de Janeiro que, em um dos vídeos, divulgou o projeto e, somado ao seu jeito de falar sobre a leitura, acabou por despertar seu interesse em participar do clube. Para ambas as entrevistadas, a experiência inicial no clube despertou inseguranças que remontam, ainda que de forma inconsciente, à uma série de sensações manifestadas e experiências vivenciadas em determinados momentos de suas existências, relacionadas tanto a conflitos pessoais ou ao universo da leitura propriamente dito, que moldam suas concepções iniciais, bem como a maneira como interagem com o Leia Mulheres.

Para a Entrevistada 1, a sensação de insegurança despertada pelo convite para ser mediadora, por exemplo, é vislumbrada a partir da recordação de uma experiência prévia da leitora em outros espaços de discussão de leitura, que demarcam suas impressões iniciais sobre o que poderiam ser os encontros de clubes de leitura, conforme apontado na categoria de análise “Visões de mundo”, nas variáveis “debates desrespeitosos” e “ênfase nos aspectos

teóricos e políticos da obra”. As impressões resultantes de sua participação em grupos de discussão sobre cultura, política e filosofia, nos quais presenciou debates acalorados e desrespeitosos sobre a temática feminista, estenderam-se, posteriormente, para suas próprias concepções acerca das reuniões do Leia Mulheres: a leitora receou que as discussões transcorridas no clube, apesar de voltadas para leitura de textos de autoria feminina e, não necessariamente, de cunho feminista, poderiam vir a contemplar mais os aspectos teóricos e políticos que circundam as obras e não como as leitoras se sentiram durante as experiências de leitura, de modo a ocasionar eventuais conflitos desrespeitosos que, como estudiosa iniciante dessas temáticas, acreditava não ter repertório teórico suficiente para discutir e mediar. Por essa razão, antes de aceitar o convite para ser mediadora, a Entrevistada 1 optou por frequentar o clube, primeiro, apenas como participante, para que pudesse se ambientar melhor com as dinâmicas do Leia Mulheres. Ainda assim, mesmo após tornar-se mediadora, a leitora demorou a se manifestar nos encontros, uma vez que não se sentia confiante o suficiente para expor suas percepções sobre as obras lidas, partindo da crença de que poderia acabar falando algo irrelevante ou, até mesmo, equivocado, de modo que preferia ouvir as outras participantes mais do que falar; ela nos revela: “No início eu não falava, ficava ouvindo...” (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado).

No discurso da Entrevistada 3, por outro lado, verificamos que suas impressões iniciais sobre os clubes de leitura estão relacionadas à noção de intimidação, variável presente na categoria de análise “Visões de mundo”, que evidencia a crença de que, ao chegar aos encontros do Leia Mulheres, a leitora teria de se posicionar e oferecer uma opinião “genial” sobre a obra discutida, além de precisar se apresentar (prática realizada no início de cada dinâmica, quando o clube era menor). Podemos dizer que essas perspectivas denotam aspectos de sua própria subjetividade e contexto, vinculados às experiências vivenciadas em momentos distintos de sua existência, que impactam, por alguma razão, em sua autoconfiança, fazendo com que se sinta tímida, não goste de se expor e falar em grupo e acredite não possuir conhecimento suficiente para discutir os textos lidos e, por isso, sentir-se intimidada ante à possibilidade de ser “convocada” a emitir uma opinião. Essas inseguranças estendem-se para o convite recebido pela leitora para mediar os encontros do clube: “Não, gente, eu não estou à altura, eu não sou tão boa leitora quanto vocês” (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado), partindo da ideia de que as outras mediadoras possuíam bagagens de conhecimento e experiências de leitura as quais a leitora julgava mais preparadas que as suas próprias, de modo a acreditar não ser boa e não ter repertório suficiente para debater sobre literatura e para a atividade de mediação.



Nesse sentido, apoiados nas considerações de Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998), podemos dizer que as impressões das Entrevistadas 1 e 3 sobre o que poderiam ser os encontros do Leia Mulheres e, especialmente, sobre si mesmas, estão fundamentadas em seus contextos e subjetividades, refletindo os conflitos de autoestima e autoconfiança vivenciados por elas em diferentes momentos de suas vidas que, ainda que não diretamente relacionados aos períodos de crise na adolescência e em cenários de doenças, desencadeiam igualmente desajustes internos, que são evocados, mesmo que de forma inconsciente, quando de situações que as rememoram dessas sensações, impactando, pois, em seus modos de se relacionar não apenas com o espaço do clube (insegurança para manifestar suas opiniões, não se achar boa para falar e discutir sobre um determinado livro), mas também consigo mesmas e com a realidade ao redor. Assim, a maneira como essas leitoras concebem os clubes após sua participação, corroborada pelas relações simbólicas estabelecidas com o Leia Mulheres e seus elementos, recebe novos contornos, novas significações, de modo a oferecer outras possibilidades de atuação nesse *locus*, o que acaba por reverberar, por sua vez, na maneira como se enxergam e lidam com seus conflitos internos.

Especificamente, o discurso da Entrevistada 1 nos revela que a leitora demorou muito a acreditar que era, de fato, boa em alguma atividade, exemplificando que, quando começou a dar aula e quando entrou para o mestrado, sentia uma espécie de “síndrome de impostora” devido à sua insegurança. De certa forma, essa insegurança também se manifesta no já mencionado convite para ser mediadora do clube, contexto de atuação em que o Leia Mulheres foi fundamental para o desenvolvimento de sua autoestima e autoconfiança, sobretudo no que se refere à manifestar suas opiniões e falar em público: “Minha história com o Leia foi super estranha, porque o Leia virou uma escola para mim. Eu tive que percorrer um caminho muito longo para achar que eu era boa em alguma coisa (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado).

Ao contrário de suas concepções iniciais sobre os clubes de leitura, nos quais poderiam ocorrer debates desrespeitosos, o relato da Entrevistada 1 nos deixa entrever uma ressignificação de suas impressões anteriores, que impactam diretamente na maneira como a leitora se manifesta nesse *locus* e atribui sentidos e significados aos saberes ali produzidos e circulados, a permitindo estabelecer conexões afetivas e simbólicas com o espaço e os elementos que compõem o clube. Nesse cenário, a entrevistada passa a conceber o Leia Mulheres como um espaço de aprendizado, tal como apontado na categoria de análise “Interpretações”, na variável “oportunidades de aprendizado”; a presença no clube de mulheres possuidoras de contextos de vida, subjetividades e visões de mundo distintas

propiciam debates igualmente plurais sobre os materiais lidos e, até mesmo, sobre as próprias vivências das participantes, de modo a expandir as chances de essas leitoras aprenderem não somente com os textos lidos, mas também e, principalmente, umas com as outras.

Nessa direção, essas perspectivas são corroboradas por outra variável pontuada no discurso da Entrevistada 1, também presente na categoria de análise “Interpretações”: “preocupação com a fala e escuta das participantes”. O relato da leitora nos revela que a construção do espaço de aprendizado ao qual se refere a partir dos diversos diálogos das participantes sobre suas vivências e experiências de leitura são possíveis sobretudo em razão do “cuidado” das mediadoras em fazer com que as mulheres que desejam ou não se manifestar sintam-se confortáveis para tal, partindo do desejo de fazer com que essas leitoras saibam que podem ser ouvidas e que seus depoimentos e opiniões são dignos de ser compartilhados, isto é, as mediadoras querem que as participantes se sintam à vontade tanto para falar como para escutar, pois há pessoas interessadas em ouvi-las. Essas impressões são também trazidas pela Entrevistada 3, a qual destaca que as mediadoras buscam não deixar que alguém monopolize a fala, uma vez que há a preocupação em “democratizar” o espaço, isto é, em dar chance de todas as participantes que queiram possam se expressar, sendo ambos os “cuidados” das Entrevistadas 1 e 3 um esforço para que o Leia Mulheres seja um ambiente não apenas de compartilhamento de diferentes experiências de leitura, mas também um espaço em que as mulheres, silenciadas e oprimidas tradicionalmente no mundo social, possam se manifestar.

Essas noções dialogam centralmente com as considerações propostas por Barstow (2003), para quem o clube oferece um espaço no qual as mulheres podem trocar experiências não só de leitura, mas também de vida, isto é, um ambiente em que podem trazer relatos sobre como suas vivências se relacionam com o que está sendo discutido ali. Na visão de Souza (2017), esse potencial de “aprendizado”, de apropriação de saberes que permitem às entrevistadas atribuir sentido e significado e aplicar esses conhecimentos em suas vivências, está nas interações informacionais e sociais desenroladas por entre as participantes do clube, uma vez que as experiências de leitura, quando compartilhadas, expandem as possibilidades de reflexões, significações e ressignificações de saberes. Ao reunirem participantes possuidoras de diferentes contextos e subjetividades, as dinâmicas transcorridas no Leia Mulheres estão a proporcionar diálogos sobre pontos de vista distintos, expandindo as possibilidades de as leitoras refletirem e aprenderem sobre si mesmas. Nesse sentido, Long (1992) menciona que os relatos oferecidos pelas leitoras, seja sobre o livro ou suas próprias vidas, configuram “lentes” para que possam refletir sobre aspectos de si mesmas que nem

sabiam existir, bem como sobre a realidade ao redor a partir da perspectiva do outro, seja este outro, esse “desvio pelo outro”, conforme já tratado por Petit (2019), a autora da obra, as personagens ou as próprias participantes do Leia Mulheres.

De maneira específica, é a partir da construção de um ambiente onde as participantes se sentem à vontade para compartilhar não apenas suas experiências de leitura, mas também de vida, esse ambiente “colaborativo”, que favorece a criação de conexões afetivas que fortalecem os laços simbólicos que unem essas participantes. Há, retomando os relatos da Entrevistada 3, o ato de mulheres possuidoras de contextos, subjetividades, vivências e visões de mundo distintas, que se reúnem em torno de uma materialidade em comum, construindo coletivamente saberes que transcendem essa própria materialidade e alcançam reflexões sobre si mesmas e a maneira como se relacionam e se posicionam no mundo. Surgem, pois, as associações inesperadas trazidas por Petit (2019), que possibilitam a atribuição de sentidos e significados que estreitam seus vínculos simbólicos com o *locus*, os objetos e os sujeitos que compõem o Leia Mulheres, fazendo com que, ainda que não percebam nesse momento, alcancem tomadas de consciência e apropriem saberes que podem vir a ser aplicados em suas vivências para o entendimento de aspectos de si mesmas, para a busca daquilo que as constitui, configurando potenciais de transformações pessoais sobre a maneira como refletem e vislumbram novas relações possíveis consigo mesmas e, em sentido amplo, com a realidade ao redor.

Nesse sentido, podemos evocar um trecho trazido pela Entrevistada 1 sobre a maneira em que as mediadoras, bem como os relatos compartilhados pelas demais participantes, contribuíram no caminho percorrido para que se sentisse mais confiante e segura, isto é, para que desenvolvesse sua autoconfiança e autoestima sobretudo para falar em público, manifestar e valorizar suas visões e a forma como pensa:

Eu demorei muito para querer falar. E as meninas me incentivavam... então para mim foi escola mesmo. Porque chegou uma hora que eu achei que ia poder falar de boa, que não ia falar besteira... teve essa coisa de autoestima para mim! Teve essa coisa de aprender, porque assim... eu sou uma pessoa um pouco introspectiva, tenho poucos amigos, eu gosto de ficar sozinha lendo, de ter meus momentos. Eu não sou uma pessoa de galera, não. Mas o Leia era o meu momento mensal de ouvir um monte de gente falando. As minhas primeiras experiências do Leia eram de sair esgotada de lá, porque eu não estava acostumada a ver muita gente falando junto. Chegava em casa cansada, praticamente acabada. Mas aprendi muito de ideias, debates, de debates das opiniões das pessoas e eu aprendi a falar, né. De achar que eu tinha condições de falar para as pessoas, dar a minha opinião, de dizer o que pensa... (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado).

Nessa direção, esse percurso é igualmente vislumbrado pelas sensações advindas das experiências de leitura compartilhadas, que já se manifestaram na Entrevistada 3 em momentos de crise vivenciados em um dado espaço-tempo de sua vida, conforme as situações de doenças graves tratadas acima, através da sensação de pertencimento a um grupo, e são também evocadas quando de outros conflitos internos transcorridos em suas vivências, dialogando centralmente com a atuação do Leia Mulheres como um instrumento para desenvolver e lidar melhor com essas questões. No discurso da leitora, é possível verificar que, ainda que a “diminuição do caráter intimista das reuniões”, isto é, a proximidade e intimidade por entre as participantes, variável pontuada na categoria de análise “Interpretações”, seja distinta de suas experiências iniciais com o clube, quando o mesmo era menor e, por isso, as leitoras tinham mais oportunidades para se conhecerem a fundo, preocuparem-se e saberem o que está acontecendo na vida umas das outras - fundamental para passar por seus momentos de crise -, essa diminuição não faz com que as frequentadoras não estabeleçam laços afetivos entre si.

Essa perspectiva retoma a centralidade das dimensões simbólicas nas práticas informacionais e interações sociais transcorridas no Leia Mulheres, que estreitam suas conexões com a leitura e o espaço do clube, de modo a evocar a sensação de acolhimento na Entrevistada 3, fazendo com que a leitora sinta-se confortável para compartilhar, ouvir e relacionar suas próprias vivências com os relatos de vida e de leitura trocados, de modo a propiciar a atribuição de sentidos e significados que a possibilitam apropriar, ainda que inconscientemente, os saberes ali produzidos e circulados, de modo a aplica-los para refletir sobre si mesma. Nesse cenário, a entrevistada relembra uma expressão utilizada por uma das ex-mediadoras que acredita adequar-se à sensação de acolhimento despertada ao participar do clube: “é quentinho” (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado), representada na concepção do clube como um espaço no qual as mulheres podem sentar e conversar e sentirem-se confortáveis para trocar experiências não somente de leitura, mas também de vida.

Nesse contexto, o relato da Entrevistada 3 nos revela de que maneira essa sensação de acolhimento contribuiu para que pudesse desenvolver sua autoconfiança, especialmente no que se refere, tal como a Entrevistada 1, a manifestar-se em público e valorizar suas opiniões. No início de cada reunião do Leia Mulheres, a leitora sempre se apresentava como alguém que não entendia nada sobre literatura em comparação às demais mediadoras, de modo a acreditar não merecer ocupar tal posição tampouco sentir-se confortável para expor suas interpretações de leitura. Por essa razão, dedicava grande parte de seu tempo às leituras técnicas de apoio sobre as obras a serem discutidas, pois acreditava não ter nada para

contribuir nos encontros caso não buscasse conhecimento em fontes externas ao livro escolhido. Trata-se de uma situação que a deixava muito triste, mas que, a partir do incentivo das demais mediadoras, tornou-se possível desenvolver sua autoconfiança em manifestar suas opiniões nos encontros sem precisar recorrer às leituras técnicas de apoio. Em sua opinião:

Todo mundo tem algo a oferecer, porque quando você se coloca nessa posição de miséria, de escassez, de ‘não tenho nada a oferecer’, você realmente não oferece nada. [...] E foi uma coisa que eu conquistei no Leia. Eu tenho algo a oferecer, sim. Eu recebia também, é uma troca. Todo mundo que está ali tem algo a oferecer, por isso que todo mundo tem que falar (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado).

Desse modo, podemos verificar que as Entrevistadas 1 e 3 modificaram não apenas suas concepções sobre o que seriam os clubes de leitura, mas também expandiram as possibilidades de reflexão sobre si mesmas, configurando potenciais de transformação pessoal. As conexões simbólicas estabelecidas pelas leitoras com o Leia Mulheres relacionam-se, ainda que de maneira inconsciente, aos modos como essas mesmas leitoras percebem e significam o clube de leitura e os elementos que o compõem, impactando nas formas como se apropriam do que é discutido ali. Centralmente, o que as entrevistadas apropriam dessas discussões, aplicados para expandir as reflexões sobre si mesmas, refletem os saberes construídos a partir das relações simbólicas traçadas com esse *locus*, representadas pelos laços afetivos criados ali; são esses laços, esses encontros para conversar sobre a leitura, sobre a vida que, para recorrermos à Petit (2009, 2013, 2019), acabam por oferecer os construtos que as permitem desenvolver sua autoconfiança e autoestima, para que possam se conceber de outra forma, romper com a situação psíquica na qual se encontravam e, com isso, traçar novas relações consigo mesmas.

Nessa perspectiva, é interessante observarmos de que maneira as experiências das Entrevistadas 1 e 3 com o Leia Mulheres nos permitem conceber os clubes de leitura não apenas como ambientes de compartilhamento de experiências de leitura, mas também um espaço de sociabilidade, no qual as participantes podem trocar relatos sobre suas próprias vivências, de modo a construir laços afetivos e simbólicos tanto com os elementos do clube como umas com as outras. A criação dessas conexões simbólicas, na visão de Barstow (2003), possibilita às leitoras aprenderem com os relatos de leitura e as histórias de vida ali compartilhadas, de modo a transcender a discussão do artefato material propriamente dito para alcançar, possivelmente, um conhecimento sobre aspectos de si mesmas, do outro e da realidade ao redor até então desconhecidos por sua consciência, expandindo as formas de lidar

com seus momentos de crise e vislumbrando novas relações para si mesmas e com o mundo, como sugere Petit (2019).

Na mesma orientação proposta por Petit (2019), a perspectiva de Long (2003) nos clubes de leitura sob a ótica da mulher sugere que as dinâmicas sociais e informacionais transcorridas nesses espaços oferecem às leitoras diferentes formas de “narrar a si mesmas”, isto é, de se expressarem e entenderem suas vivências a partir das trocas intersubjetivas. Fundamentalmente, é nesse contexto que surgem, segundo as reflexões de Petit (2019), as associações inesperadas, as tomadas de consciência que possibilitam às Entrevistadas 1 e 3 conceberem o Leia Mulheres não apenas como um espaço para discussão dos textos lidos, mas sim como um ambiente privilegiado de troca com outras mulheres sobre vivências, situações em comum que elas podem estar vivenciando; discussão de mulheres sobre a vida, pensamentos e opiniões, alcançando a noção dessa importância ao que a Entrevistada 3 (2019, não paginado) se refere como “o poder que tem o sentar em roda”, isto é, a relevância de se reunir com outras pessoas, principalmente em momentos difíceis, para debater sobre livros e sobre a vida.

Tratam-se de concepções que possibilitam a atribuição de sentidos e significados diversos às experiências compartilhadas de leitura desenvolvidas no clube, de modo a apropriar saberes que podem, quando aplicados nas vivências dessas leitoras, constituir potenciais de transformação pessoal. Mais uma vez, Petit (2013, 2019) retoma a importância da troca, da intersubjetividade, manifestadas através das experiências de leitura, para expandir as possibilidades de mulheres leitoras encontrarem ou reencontrarem no ato de ler aberturas que as permitam vislumbrar novos olhares e relações consigo mesmas e com suas vidas.

Assim, a partir de Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998), podemos entender, portanto, que a potência para a transformação pessoal se instaura, principalmente, na abertura para um “novo” espaço psíquico criado pelas experiências de leitura individuais e compartilhadas, que pode vir a se efetivar na vivência dessas entrevistadas ao ajuda-las a lidar com as situações difíceis que estão vivenciando e com as novas formas de conceber não apenas essas crises, como também a si mesmas e a realidade ao redor. A potência para a transformação está na maneira como a leitura as ajudam a lidar com essas crises, a estabelecerem novas formas de concebe-las, bem como a si mesmas, o outro e a realidade ao redor, podendo vir a se efetivar quando aplicadas às suas vivências. Essa potência transformadora sempre esteve latente em suas consciências, ainda que não tenham sido percebidas por suas leitoras.

Especificamente no caso das Entrevistadas 1 e 3, o potencial de transformação está na maneira como a leitura as ajudou a lidar com esses contextos de crise, oferecendo possibilidades de reconstruções psíquicas que as permitem construir novas concepções sobre si mesmas e as situações que enfrentam. O alcance desse entendimento representa um potencial de transformação à medida em que esses saberes, essas novas construções psíquicas propiciadas pela leitura as ajudam a lidar com essas situações e podem, a partir daí, ajuda-las a encontrar novas formas de ser e estar na realidade, de tornarem-se mais protagonistas de sua história. A potência está, a partir de Petit (2009, 2013), na retomada da posição dessas leitoras como autoras de suas vidas; posição essa alcançada através do entendimento sobre si mesma, da ruptura com o espaço psíquico no qual se encontrava, para então conseguir vislumbrar esses novos modos de ser e atuar no mundo, as novas possibilidades de caminhos a serem percorridos.

- **Transformação psíquica**

[Os leitores e leitoras] procuram pontos de passagem para uma outra dimensão que altera o olhar sobre o real, algo de extraordinário em uma vida ordinária, um encontro que abra possibilidades, uma respiração, um ângulo de visão diferente  
(PETIT, 2019, p. 118).

Ao contrário da categoria discursiva anterior, na qual os potenciais de transformação pessoal identificados se desenvolvem em torno dos espaços em crise, mais evidentes nos discursos das Entrevistadas 1 e 3, aqui contemplamos os relatos das cinco entrevistadas à luz do que concebemos como transformação psíquica, direcionada ao potencial de expansão de reflexão sobre a realidade ao redor a partir das experiências de leitura. Essa noção está ancorada, especificamente, em Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998), cujas reflexões teóricas demarcam esses potenciais a partir dos saberes apropriados em experiências de leitura individuais e compartilhadas que, durante os processos mentais, proporcionam atividades psíquicas que rompem com a situação atual das leitoras em um dado espaço-tempo, fazendo com que se “abram” para possibilidades de expansão da reflexão sobre a realidade, com foco para temáticas e perspectivas anteriormente não reconhecidas ou vislumbradas com tanta clareza por sua consciência, podendo vir a ampliar as chances de traçarem novos modos de perceber, apreender, interpretar e se relacionar com o mundo que as circundam. Ao mesmo tempo, esses aspectos convergem com a dimensão simbólica conferida por Bourdieu (2004) aos atos de leitura, evocando sua centralidade no que se refere ao seu potencial como

instrumento de expansão das formas de refletir sobre o mundo social, isto é, os modos em que as leitoras concebem, pensam e se relacionam com essa realidade e, a partir daí, constroem sentidos que significam ou ressignificam visões de mundo que reverberam em atuações nesse mesmo real.

No escopo da presente categoria discursiva, partimos da noção sobre a leitura à luz das abordagens de Bourdieu (2004), Budd (2005), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998), concebendo-a como uma experiência particular, intrincada em ações que se efetivam nas interações intersubjetivas entre as entrevistadas e o ambiente em que encontram-se inseridas, sendo a maneira como se apropriam de um artefato informacional reflexos de sua posição no espaço e no tempo, tendo por base seus contextos, subjetividades e configurações psicológicas que, por sua vez, pressupõem modos singulares de perceber, apreender, interpretar e se relacionar com a realidade ao redor.

Sob a via psíquica, fenomenológica e simbólica, reconhecemos a centralidade ressaltada pelos autores da relação entre sujeito, texto e contexto como condição para que possamos entender de que modo os atos de leitura constituem potenciais para a ampliar a reflexão das leitoras sobre o mundo ao redor, de forma a serem conduzidas às transformações psíquicas que nos interessa alcançar. De modo específico, retomamos a perspectiva das experiências de leitura à luz de uma concepção que se estende para um sentido que transcende a leitura do artefato informacional propriamente dito para alcançar uma leitura do mundo, em que torna-se possível, sobretudo a partir das experiências de leitura compartilhadas, desenvolver uma conscientização crítica sobre a realidade que nos cerca e, com isso, criar mecanismos para resistir e enfrentar as opressões vivenciadas nesse mesmo mundo, especialmente por classes historicamente oprimidas, centralizadas nas mulheres que, durante muito tempo, foram restringidas dos processos de produção, uso e apropriação do livro e da leitura em detrimento do domínio quase que exclusivo exercido pelos homens.

Nesse sentido, conforme já mencionado na seção sobre os procedimentos metodológicos, retomamos a articulação teórica elaborada a partir de Bourdieu (2004) e Roubakine (1998), que nos permite estender a noção de opressão para além de uma perspectiva socioeconômica, centralizando-se na opressão de gênero, que reconhece nas leitoras entrevistadas, apesar de estas não estarem incluídas em contextos sociais e econômicos desfavoráveis, elementos opressores que as unem às outras mulheres que vivenciam condições de vulnerabilidade ao redor do mundo simplesmente pelo fato de serem mulheres. É nesse cenário que as experiências de leitura compartilhadas, aqui posicionadas no clube de leitura Leia Mulheres, surgem para demarcar as possibilidades de expansão de uma



conscientização crítica não somente sobre a própria condição das entrevistadas como mulheres, oprimida em sua essência – ainda assim, mais favorável por tratarem-se de mulheres brancas, com alto nível de escolaridade e condições financeiras -, mas também sobre as demais situações desfavoráveis de outras mulheres na realidade social. As contribuições bourdieusianas e roubakinianas enquadram-se, pois, na busca do sujeito em sua intersubjetividade, isto é, em sua relação com o real, no qual torna-se parte da construção de uma realidade que encontra nas experiências de leitura e nos saberes daí apropriados construtos para perceber, apreender e interpretar criticamente o mundo, de modo a constituir potenciais para transformar seus atores e, em sentido amplo, a realidade na qual estão inseridos.

De modo específico, as práticas informacionais desenroladas no Leia Mulheres evidenciam possibilidades de reflexões críticas a partir das discussões entre mulheres possuidoras de diferentes subjetividades e contextos de vida. Esses espaços configuram ambientes em que se torna possível aprender e conhecer outras realidades para além dos contextos de “privilégio” das entrevistadas (tanto através do objeto lido, das diferentes interpretações de leitura e dos relatos de vida), expandindo o potencial de transformação psíquica, isto é, de expandir os modos de refletir sobre a realidade ao redor para, assim, perceber-la, conceber-la e se relacionar com ela de outra maneira.

Nesse sentido, podemos entender que, para além da contribuição das experiências de leitura para o enfrentamento às adversidades, conforme evidenciado nos discursos das Entrevistadas 1 e 3 na categoria espaços em crise, as abordagens teóricas trabalhadas pelo viés de Bourdieu (2004), Budd (2005), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) se estendem à concepção do ato de ler como um meio de perceber, apreender e interpretar a realidade que nos circunda em seu sentido mais amplo, reconhecendo nos saberes aí apropriados os construtos que permitem às leitoras expandirem e/ou ressignificarem suas formas de refletir e conceber essa mesma realidade (e todas as opressões aí existentes), para então relacionar-se com esta, evidenciando os potenciais de transformação psíquica. Em maior ou menor nível, os potenciais identificados oferecem possibilidades de impacto nas ações dessas mesmas entrevistadas na realidade social, através de uma percepção e reflexão do mundo que nos cerca que, segundo Bourdieu (2004) e Roubakine (1998), são concebidos como os elementos centrais que podem conduzir não apenas à uma transformação pessoal, mas também social.

Desse modo, ao analisar a história de vida das entrevistadas, podemos dizer que o caminho de leitura percorrido por essas leitoras está circunscrito em uma série de relações simbólicas traçadas intersubjetivamente com a realidade. Essas relações, manifestadas através

de pessoas, espaços e objetos, têm influência direta do contexto familiar e do ambiente escolar que, para muitas das entrevistadas, demarcam seus primeiros contatos com o ato de ler, o despertar para esse interesse, de modo a orientar a forma como se relacionam e aplicam os saberes apropriados nessas experiências em momentos distintos de suas vidas; isto é, na maneira como buscam na leitura (individual e/ou coletiva) modos distintos de entender e conceber o real e de expandir seus conhecimentos sobre essa mesma realidade.

As histórias de vida das entrevistadas nos demonstram, pois, que suas influências de leitura, estabelecidas a partir das relações afetivas traçadas intersubjetivamente ainda na infância e adolescência com espaços, pessoas e objetos que envolvem, direta ou indiretamente, a leitura, configuram “pontos de partida” que as permitiram estabelecer conexões simbólicas com os artefatos informacionais e o ato de ler propriamente dito, de modo a atribuir sentidos e significados não apenas ao que era lido, como também à experiência de leitura como um todo. Essas experiências, fundamentadas em seus contextos, subjetividades e circunstâncias de ocorrência do ato de ler em um dado espaço-tempo, são influenciadas e, ao mesmo tempo, influenciam, suas relações com a realidade ao redor e com os elementos que a compõem.

Nesse sentido, a variável “família”, presente no discurso das cinco entrevistadas, conforme nos demonstra a categoria de análise “Influências”, se manifesta em maior ou menor grau de acordo com suas histórias de vida, seja através das conexões afetivas estabelecidas em torno da leitura, que evocam a centralidade da intersubjetividade em seu desenvolvimento como leitoras, ou por presenciar atividades relacionadas direta ou indiretamente ao ato de ler, por ter livros em casa, pelos livros presenteados por pessoas importantes na vida das entrevistadas. Todos esses aspectos, em sua dimensão simbólica, orientam os modos de interação, apropriação e uso dos artefatos informacionais em suas vivências.

Ainda que as principais influências de leitura das Entrevistadas 1 e 3 estejam ancoradas em seus cenários de crise, seus relatos nos permitem entender que as conexões simbólicas traçadas com a leitura através das interações com o ambiente escolar e o contexto familiar também atuaram para que pudessem, em outros momentos de suas vidas – não necessariamente vinculados aos períodos de adversidade –, encontrar no ato de ler novas formas de refletir sobre a realidade ao redor. Igualmente, no que se refere às Entrevistadas 2, 4 e 5, as relações traçadas com a leitura estão permeadas por uma rede de vínculos afetivos estabelecidos com familiares, espaços e objetos informacionais, denotando um caráter simbólico que orienta tanto o despertar do interesse pelo ato de ler, ainda na infância e

adolescência, bem como os modos de uso e apropriação desses artefatos em diferentes momentos de suas vidas.

Destacam-se nos discursos das leitoras, centralmente, elementos materiais e imateriais que simbolizam conexões afetivas, como o incentivo dos pais das Entrevistadas 1 e 5 à leitura – não tanto a literária, cujo estímulo é exercido pelo ambiente escolar –, mas sim o ato de ler de modo geral, a partir de sua concepção como “caminho de melhoria”, isto é, de expansão das possibilidades de sair de uma eventual condição de vulnerabilidade socioeconômica; as materialidades que se manifestam nos livros presenteados por mães, pais, tias e avós, os quais a Entrevistada 2 fazia sua mãe ler para ela todos os dias após a escola e outros que marcaram momentos distintos de sua trajetória como leitora; nos quais a Entrevistada 3 enxergava um ato de carinho de sua mãe, uma forma de lembrar-se dela; títulos que a Entrevistada 5 guarda até hoje e lembra-se emocionada do gesto de sua avó e de outros presenteados por seus pais, mesmo que eles próprios não tenham tido em suas vidas referências de textos literários.

Tratam-se de artefatos que representam os vínculos afetivos construídos intersubjetivamente pelas leitoras com o ato de ler através da influência simbólica de seus familiares, como as obras espíritas emprestadas por entre a família da Entrevistada 2 ao longo de sua infância que, alocados em uma estante na casa de sua bisavó materna, integram grande parte dos materiais lidos nesse período. Igualmente, as obras espíritas da avó paterna da Entrevistada 5, armazenadas em uma estante de sua casa, as quais desconhece a razão para estarem ali, mas que configuram os primeiros textos que despertaram seu interesse pela leitura.

Podemos evocar, ainda, os momentos partilhados entre as leitoras com seus familiares, traduzidos em um dos poucos assuntos que a Entrevistada 3 tinha com o pai, que não via com muita frequência, nas brincadeiras de “escolinha” entre a Entrevistada 4 e sua tia, a qual, sem que percebesse, se pegou lendo de verdade, nas histórias construídas pela Entrevistada 2 com a mãe, praticadas como uma forma de passarem o tempo juntas, nos passeios em família da Entrevistada 5 para livrarias e as atividades de estudo desempenhadas por seus pais durante sua infância, as quais presenciava e, mesmo sem entender do que se tratava, a despertou para um interesse em reproduzir, isto é, em buscar alguma leitura que ela mesma pudesse entender.

Nessa mesma direção, tal como se deu com a Entrevistada 1, que encontrou no colégio a descoberta e redescoberta de seu interesse pela leitura e sua concepção como um instrumento para lidar com suas crises, também podemos verificar no ambiente escolar as influências nas trajetórias de leitura das Entrevistadas 2 e 5. No caso da primeira, essas influências ainda estão, ao menos no início de sua vida escolar, intrinsecamente relacionadas

às suas referências familiares, a partir da participação da mãe como contadora de histórias infantis que ela mesma criava para a leitora e seus colegas de classe como parte das atividades escolares propostas para os pais; conforme mencionado, essa prática já era exercida pela entrevistada com a mãe em casa, atuando no colégio como uma espécie de extensão das conexões simbólicas construídas com a leitura através da figura materna. Esse interesse pela leitura incentivado pelo contexto familiar, o qual já se manifesta através dos atos de leitura praticados constantemente pela leitora via obras circuladas por entre sua família, está também representada em outros momentos de sua vida escolar, através dos livros paradidáticos, os quais ela lia muito mais por gostar de ler do que pelos títulos propriamente ditos.

No que se refere à Entrevistada 5, por outro lado, apesar da influência inicial, do ponto de partida exercido pela família em sua trajetória de leitura, é no ambiente escolar que podemos verificar a noção da leitora sobre como a leitura lhe “abriu portas”, configurando, pois, um dos fatores que contribuíram de maneira decisiva tanto para seu desenvolvimento como leitora quanto para as relações estabelecidas com a leitura ao longo de sua vida. A entrevistada descobriu na biblioteca do colégio em que cursou o ensino médio um espaço no qual pôde ter acesso à diversos textos literários cuja existência até então desconhecia, de modo a expandir a si mesma como leitora e, ainda, conhecer diferentes realidades: “Eu li tudo [da Biblioteca], sem nem saber o que era... [...] e aí eu comecei a ter acesso à muita coisa que antes eu não tinha, não sabia [...] E aí isso foi me expandindo...” (ENTREVISTADA 5, 2020, não paginado).

Além disso, as conexões simbólicas estabelecidas pelas entrevistadas com a leitura são também corroboradas pelas lembranças de leitura das Entrevistadas 2, 4 e 5, conforme pontuado na categoria de análise “Lembranças subjetivas”, nas variáveis “lembranças associadas à infância e adolescência” e “lembranças afetivas”, bem como, especificamente no caso da Entrevistada 2, pelas obras que marcaram suas histórias de leitura, apontadas na categoria de análise “Marcos de leitura”, na variável “obras que marcaram as leitoras”. Centralmente, essas recordações e marcos de leitura retomam e reafirmam as relações estabelecidas com o ato de ler a partir da influência do contexto familiar, reconhecendo em um gesto, em elementos materiais e imateriais, os construtos que demarcam a maneira como essas leitoras significam a leitura e podem utilizá-la como um instrumento para entender a realidade em momentos distintos de suas vivências.

No caso da Entrevistada 2, por exemplo, as relações traçadas com a leitura ainda na infância, as quais evidenciam a presença significativa da figura materna, são rememoradas em seus relatos a partir dos momentos compartilhados em atividades que envolvem a leitura,

como frequentar todas as edições da Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Trata-se de uma “tradição” estabelecida entre ela e sua mãe, na qual iam de manhã e percorriam quase todos os corredores e *stands* do evento, estreitando os vínculos afetivos que, ao mesmo tempo, constroem e as unem por meio de práticas que envolvem o universo da leitura. Ainda, os marcos em sua trajetória como leitora evidenciam a presença de artefatos materiais que denotam conexões afetivas e simbólicas estabelecidas com pessoas, objetos e espaços que possuem alguma importância em sua vida, representados em um livro retirado da estante na casa de sua bisavó, o qual guarda há mais de vinte anos, e a primeira edição brasileira de *Harry Potter*, presenteado por sua mãe ainda na infância, mas também guardado até hoje por conter uma dedicatória sua. No caso da primeira obra indicada, mesmo que a leitora não saiba a razão pela qual mantém um vínculo afetivo com esse objeto, o fato de guardar e conservar até hoje um exemplar da década de 1980, cujas condições físicas estão precárias, nos revela a possibilidade de este material, relacionado com a estante na casa de sua bisavó, que armazenava a maioria dos livros que iniciou sua trajetória de leitura, ter influenciado, ainda que inconscientemente, na maneira como a entrevistada traça relações com a leitura, estreitando os vínculos simbólicos iniciados na infância e construindo novos sentidos e significados em torno do ato de ler. Nesse sentido, tendo por base as considerações de Roubakine (1998), podemos dizer que a conexão afetiva estabelecida com essa obra demarca, possivelmente, diálogos entre a mesma com algum nível do contexto e subjetividade da Entrevistada 2, manifestados em estados psíquicos que talvez nem a própria leitora tenha reconhecido, mas que acabam por reverberar em suas formas de refletir, agir e se relacionar com a leitura e, em sentido mais amplo, com a realidade ao redor, em diferentes momentos de sua vida.

Igualmente, os discursos das Entrevistadas 4 e 5 evidenciam em suas recordações sobre momentos, gestos e presentes, o estreitamento de suas relações simbólicas com a leitura, que já denotam uma relação existente (previamente estimulada pelo próprio contexto familiar), mas que se estendem para materialidades que simbolizam essas conexões afetivas, essas influências em suas trajetórias de leitura.

Para a Entrevistada 4, as lembranças evocadas no momento da entrevista remontam, respectivamente, ao período da infância, através dos livros presenteados por sua tia-avó, e à adolescência, no gesto do pai de oferecer acesso à sua estante, quando a leitora percebeu um dia, antes de dormir, ao não ter materiais de leitura disponíveis, que não conseguia ficar sem ler; essas duas experiências, simbólicas em sua essência, demarcam não apenas o contato da entrevistada com uma série de livros cuja existência até então desconhecia, como também e,

principalmente, os vínculos estabelecidos com a leitura a partir das conexões afetivas traçadas com pessoas (família) e objetos ao longo de sua trajetória como leitora.

Ao mesmo tempo, no que se refere à Entrevistada 5, suas lembranças estão posicionadas nos livros apresentados por seu pai e sua avó, os quais guarda até hoje e os rememora como “os livros afetivos da infância” (ENTREVISTADA 5, 2020, não paginado). Essas recordações relacionam-se, especificamente, não ao conteúdo das obras propriamente dito, mas sim às formações simbólicas construídas em torno dessas materialidades, que denotam o gesto de carinho de ambos ao presenteá-la e tentarem, ainda que sem muitas referências culturais em razão de suas próprias trajetórias de vida, oferecer algum tipo de orientação em seu desenvolvimento como leitora. Como exemplo, dentre as obras apresentadas, está a série *Harry Potter*, de J. K. Rowling, a qual, a cada título publicado, seu pai enfrentava a fila do lançamento no primeiro dia para lhe dar de presente; tal como ocorreu com a Entrevistada 4, os relatos da Entrevistada 5 denotam, em si, uma dimensão simbólica, que representa os vínculos afetivos entre a leitora e seus familiares, que se estendem para suas próprias relações com a leitura.

Desse modo, à luz do pensamento roubakiniano, podemos dizer que as lembranças de leitura das Entrevistadas 2, 4 e 5 são rememoradas durante a entrevista por evocarem os estados psíquicos e os sentidos e significados atribuídos à essas obras em determinados momentos de suas vidas, reconhecendo nas conexões afetivas estabelecidas com pessoas que têm algum significado para as leitoras (familiares) e com objetos que circundam essas relações, os construtos simbólicos que estreitam seus vínculos com a leitura e influenciam em seu desenvolvimento como leitoras, orientando a maneira como concebem, se relacionam e significam as experiências de leitura, incluindo aí as sensações despertadas, os sentidos e significados atribuídos e os saberes apropriados a partir dessas experiências.

Todas essas influências, lembranças e marcos nas trajetórias de leitura, que representam, em muitas vezes, as referências e fontes de leitura iniciais das entrevistadas, estreitam e são reafirmadas pelos vínculos afetivos estabelecidos com pessoas, espaços e objetos em torno do ato de ler, sendo os sentidos e significados aí atribuídos relacionados, para recorrermos à Roubakine (1998), não ao artefato material propriamente dito, mas sim às circunstâncias em que este encontra-se inserido (momentos em que se deu a aproximação com esses objetos e experiências de leitura). De maneira central, podemos dizer que são as sensações psíquicas, cognitivas e emocionais despertadas por essas interações que formam e integram, consciente ou inconscientemente, os construtos iniciais, isto é, o “ponto de partida” para que as leitoras criem conexões simbólicas com a leitura e signifiquem suas experiências

com os artefatos informacionais em momentos distintos de suas existências, apropriando saberes que potencializam as possibilidades de refletirem sobre a realidade ao redor.

Nesse contexto, podemos trazer novamente a visão de Petit (2019) sobre a importância das relações intersubjetivas, sobretudo no contexto familiar e escolar, no desenvolvimento de leitura das entrevistadas, na qual destaca a noção dessas influências como uma espécie de incentivo, um ponto de partida que as conduzem aos caminhos de leitura. As reflexões da autora sobre a formação do gosto pelo ato de ler ressaltam a relevância não apenas da presença de livros em casa e das práticas de leitura desempenhadas por aqueles que moram com as leitoras como fator central em suas trajetórias de leitura, como também e, principalmente, o interesse profundo dedicado aos livros – independentemente do tipo de leitura - e a representação dessa materialidade como objeto de conversas e partilhas, como as já mencionadas leituras compartilhadas pela Entrevistada 4 com o pai antes de dormir, as trocas de experiências de leitura entre a Entrevistada 3 e o pai e as histórias construídas pela Entrevistada 2 com a mãe.

Reafirma-se, ainda segundo Petit (2019), mais do que as relações cognitivas e o nível escolar, a capacidade de estabelecer conexões afetivas e emocionais com esses artefatos, que acabam por estimular seu interesse pela leitura. É através dessa dimensão simbólica que essas experiências de leitura constituem influências centrais na vida das entrevistadas, de modo a impactar na maneira como interagem e apropriam esses objetos em momentos distintos de suas vidas e buscam aí não apenas um instrumento para lidar com suas crises, como no caso das Entrevistadas 1 e 3, mas também uma forma de perceber e refletir sobre o real.

Desse modo, podemos dizer que são as relações simbólicas construídas com a leitura ao longo da trajetória de vida das entrevistadas, diretamente vinculadas aos seus contextos e subjetividades em um dado espaço-tempo, que estabelecem os construtos que orientam suas experiências subjetivas e intersubjetivas com os artefatos informacionais, de modo a impactar nos objetivos que circundam seus atos de leitura, nas sensações aí despertadas, nos livros que configuram marcos em suas vivências e, ainda, nas razões que as levam ao *Leia Mulheres* e norteiam suas interações com esse *locus*. De maneira específica, suas histórias de vida nos permitem analisar e compreender de que modo suas experiências de vida e de leitura (subjetividade, contexto, visões de mundo, repertório informacional, bagagem cultural) influenciam nas experiências de leitura individuais e compartilhadas, de modo a apropriar nas interações subjetivas e intersubjetivas saberes que as permitam expandir e potencialmente modificar suas reflexões sobre o mundo ao redor.

Nesse sentido, podemos dizer que, inicialmente, os intuitos que orientam os atos de leitura das entrevistadas, conforme pontuado na categoria de análise “Objetivos”, são alguns dos elementos centrais que nos permitem identificar construtos que se relacionam com a apropriação de saberes que são aplicados, consciente ou inconscientemente, para pensar e refletir sobre a realidade ao redor.

A variável “lazer”, por exemplo, presente nos relatos das Entrevistadas 2, 3, 4 e 5, é posicionada à luz das noções de Dumont (1998), para quem a leitura por lazer é concebida como uma forma de abstrair das obrigações sociais e atribulações do cotidiano, nos quais as leitoras podem encontrar não apenas momentos de entretenimento, mas também atividades que lhes proporcionam, através das construções imaginárias, saberes que podem vir a ser aplicados em suas vivências. O lazer é trazido como um dos primeiros objetivos apontados pelas entrevistadas, permeando suas experiências de leitura desde o início de suas trajetórias como leitoras e manifestando-se através de atividades que oferecem possibilidades de descanso e de passar o tempo fazendo o que gostam, como nos casos das Entrevistadas 2 e 4, oportunidades de acesso à realidades até então desconhecidas ou pouco vislumbradas, como nos revela a Entrevistada 5 e, até mesmo, formas de lidar com contextos de vida adversos em um dado espaço-tempo, como a infância da Entrevistada 3, a qual, conforme já abordado na categoria discursiva espaços em crise, o ato de ler configurava um modo de lidar com a solidão ao mesmo tempo em que se dedicava à uma atividade que a agradava. Essas experiências evocam, segundo Roubakine (1998), sensações que retomam os estados psíquicos, reflexões e desejos vivenciados em outros momentos de suas vidas, possibilitando às leitoras, ainda que de forma inconsciente, apropriar saberes que venham a impactar na maneira como percebem a realidade.

Especificamente no caso da Entrevistada 5, em diálogo com as perspectivas propostas por Budd (2005) e Roubakine (1998), o discurso da leitora evidencia que, a partir do já mencionado acesso à biblioteca do colégio em que cursou o ensino médio, as experiências de leitura desenvolvidas em torno do propósito de lazer a possibilitaram entrar em contato com lugares nunca antes visitados, bem como com situações cujas reflexões ainda eram incipientes, despertando sensações que apuram seus elementos subjetivos, que recuperam, através de uma frase ou uma palavra, o conteúdo retido em seu repertório informacional, os estados psíquicos vivenciados em um dado espaço-tempo de sua existência, de modo a significar os sentidos trazidos pelo autor ou autora da obra à luz de seus próprios contextos e subjetividades, que a permitem apropriar saberes que são aplicados para refletir sobre temáticas e realidades até então não reconhecidas por sua consciência: “A leitura me levou a



conhecer muita coisa [...] era uma forma de lazer e de passatempo, que eu acabava conhecendo um monte de coisa diferente” (ENTREVISTADA 5, 2020, não paginado).

Essa orientação pode ser vislumbrada também nos objetivos de leitura identificados nos relatos das Entrevistadas 2 e 4, para quem, além do lazer que norteia seus atos de leitura, estão presentes os propósitos de “obtenção de conhecimento”, traduzidos normalmente na leitura de materiais de não-ficção, na qual a segunda leitora busca aprender sobre temáticas que não tenha conhecimento sobre ou que conheça apenas de forma incipiente e, especificamente no caso da Entrevistada 2, “reflexão”, manifestada nas possibilidades de refletir “ao redor” dos objetos lidos. Esse último objetivo é posicionado através do intuito da leitora de buscar materiais que a façam pensar não apenas sobre o conteúdo da obra propriamente dito, mas sim sobre o contexto no qual esta encontra-se inserida, alcançando, através do propósito de lazer que também permeia seus atos de leitura, a relação desses artefatos com suas formas de perceber o real, estabelecendo correlações entre o que foi lido e o mundo ao redor.

No cenário das propostas psíquicas, simbólicas e fenomenológicas contempladas, esse potencial reflexivo é alcançado através das relações estabelecidas entre o texto, as leitoras e seus contextos, concebidas por Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) como elementos fundamentais nos processos mentais desenrolados durante as experiências de leitura, que determinam não apenas as sensações despertadas a partir da interação subjetiva e intersubjetiva com o artefato, como também os sentidos e significados atribuídos à essas experiências. Em diálogo com o pensamento roubakiniano, a apropriação de saberes a partir de um objeto informacional está intimamente relacionada às sensações evocadas por sua experiência em um dado espaço-tempo da existência das entrevistadas, recebendo, ao mesmo tempo, influências de suas condições interiores e de seu contato com o ambiente exterior.

Especificamente sob o aporte fenomenológico trazido por Budd (2005) e a ótica psíquica trabalhada por Roubakine (1998), a apropriação de um artefato informacional se dá a partir da criação de uma realidade própria em torno do texto lido que, à luz de seus contextos, subjetividades e estados psíquicos, fundamenta-se na relação estabelecida entre a consciência das entrevistadas com o mundo ao redor, cuja intencionalidade pressupõe, *a priori*, modos subjetivos de percepção e concepção do real e, por sua vez, de interação com o objeto lido. Nessa visão, a partir das considerações de Lyotard (1973) e Saldanha (2018), o ato de ler se desenvolve em torno dos fenômenos informacionais apresentados à consciência das leitoras na forma em que são dados, isto é, de acordo com as representações de objetos pertencentes

ao seu contexto em um determinado espaço-tempo, sendo a realidade criada em torno do artefato uma construção particular e subjetiva sobre o que significa esse mesmo real.

Em outras palavras, significa dizer que a maneira como as entrevistadas pensam a realidade a partir das experiências de leitura pressupõem uma concepção do real tal qual ele é apresentado e percebido por sua consciência, diferindo de acordo com seus contextos, subjetividades e estados psicológicos, que se modificam continuamente. Desse modo, podemos dizer que as sensações manifestadas durante os processos mentais de leitura, bem como os sentidos e significados atribuídos ao conteúdo produzido pelo autor ou autora da obra e os saberes daí apropriados, constituem reflexos de seus modos de conceber, perceber e se relacionar com o real, isto é, da relação de sua consciência com o mundo.

Nessa mesma direção, segundo Petit (2009, 2013, 2019), essa realidade própria construída em torno da narrativa é representada pela “abertura” para um espaço psíquico e simbólico, no qual as leitoras entram em contato com a manifestação de sensações que recuperam, de forma consciente ou inconsciente, conforme já tratado por Roubakine (1998), os estados psicológicos vivenciados ao longo de suas vidas, isto é, suas formas de agir, pensar e se relacionar com o objeto quando diante de uma situação em um dado espaço-tempo, que ficaram armazenados em sua consciência e vêm novamente à tona quando da experiência com um material de leitura que vai ao encontro de seus sentimentos, emoções, valores e vivências, isto é, que apuram seus elementos subjetivos. De maneira específica, é a partir das sensações daí desencadeadas, desse diálogo com seu íntimo, que surgem novas construções imaginárias e atividades psíquicas, tornando possível às entrevistadas correlacionar aspectos de suas vivências e os saberes acumulados ao longo de sua existência com o que está sendo lido, de modo a significar a realidade apresentada pelo artefato informacional e apropriar novos saberes ou ressignificar antigos de acordo com suas próprias visões de mundo, seus modos particulares de percepção do real.

Para Roubakine (1998), são, precisamente, as sensações psíquicas, cognitivas e emocionais manifestadas durante as experiências de leitura que demarcam os efeitos dos objetos informacionais nessas entrevistadas, sendo a realidade subjetiva criada uma representação dos sentidos e significados atribuídos à essas interações que, conforme já pontuado à luz dos atos intencionais da mente propostos por Budd (2005), resultam nas ações interpretativas, na evocação de desejos, reflexões e intenções que podem ser aplicadas para pensar criticamente sobre o mundo que nos cerca.

Desse modo, podemos dizer que, ao mesmo tempo em que essas experiências proporcionam às leitoras momentos de lazer (DUMONT, 1998), orientando uma das razões

pelas quais recorrem ao ato de ler, também despertam sensações e saberes que acabam por lhes oferecer ferramentas para lidar com períodos de crises que estejam eventualmente enfrentando, como o caso da Entrevistada 3 e, ainda, possibilidades de reflexão sobre o que se está a ler para além do conteúdo da obra, abrangendo toda a sua relação com suas próprias vivências, bem como com a realidade que as cerca, como ocorre com as Entrevistadas 2, 4 e 5. Nesse sentido, os objetivos que circundam as experiências de leitura dessas entrevistadas evidenciam o potencial dos processos psíquicos e cognitivos decorrentes das interações subjetivas com os objetos informacionais para a apropriação de saberes que podem vir a significar ou ressignificar suas concepções de mundo, isto é, suas formas de pensar e refletir sobre a realidade, o real, ampliando as possibilidades de modificar suas estruturas cognitivas e, a partir daí, seus modos de conceber essa mesma realidade.

Para Petit (2009, 2013, 2019), tratam-se de atividades psíquicas que suscitam sensações que dialogam com o íntimo das leitoras, fazendo com que surjam associações inesperadas, isto é, construções de sentidos em torno do objeto lido à luz de suas vivências, das lembranças evocadas, das conexões simbólicas em que o ato de ler encontra-se circunscrito, apontando para tomadas de consciência sobre possibilidades de reflexões, formas de vislumbrar e conceber o real que até então eram contempladas apenas superficialmente ou que as entrevistadas nem sabiam ser possíveis.

Especialmente no que se refere às experiências de leitura individuais, os processos psíquicos e cognitivos transcorridos durante a interação das leitoras com os objetos informacionais permitem, conforme já mencionado por Petit (2019) e Roubakine (1998), a construção de uma realidade própria em torno do texto, na qual evocam sensações de natureza psíquica, emocional e cognitiva, manifestadas através da identificação e transcendência para outro contexto. Essas variáveis, presentes na categoria de análise “Sensações individuais”, encontram-se intimamente interligadas entre si, tornando possível às entrevistadas correlacionar aspectos de seus contextos, subjetividades e configurações psicológicas com o objeto lido, de modo a atribuir sentidos e significados a essas experiências e apropriar saberes à luz de suas vivências e concepções da realidade.

Tal como se deu com a Entrevistada 1 na categoria espaços em crise, a sensação de identificação, pontuada nos discursos das Entrevistadas 2, 4 e 5, é evocada especialmente a partir das experiências de leitura de textos literários, nas quais a interação com esses artefatos faz com que as leitoras sintam-se tão envolvidas com a obra, que mexam com seus sentimentos de maneira tão intensa, a ponto de sentir as mesmas emoções que as personagens e vivenciar as histórias lidas como se fossem as suas próprias. No escopo das propostas

psíquicas, simbólicas e fenomenológicas trabalhadas, podemos dizer que essa identificação decorre da criação de um espaço próprio em torno da narrativa, conforme já apontado por Budd (2005), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) que, fundamentada nos modos particulares de percepção e concepção das leitoras sobre o real, representa a abertura para um mundo outrora desconhecido, no qual as novas construções imaginárias e atividades psíquicas aí desenroladas as permitem correlacionar suas vivências em um dado espaço-tempo com o objeto lido, fazendo com que entrem em contato com trechos ou frases que dialogam com instâncias de suas subjetividades e contextos, algo que para elas faça sentido ou, até mesmo, com temáticas pouco ou não vislumbradas até então, de modo a estabelecer relações entre suas construções psíquicas (formas de ser, sentir, agir e pensar) com aquelas vivenciadas nas histórias lidas.

De maneira específica, podemos dizer que as leitoras sentem-se identificadas ao encontrarem nas obras lidas algo que apure seus elementos subjetivos, isto é, que corresponda aos seus valores, visões de mundo, emoções, ideias e desejos, de modo a significar essa experiência à luz da realidade própria criada em torno da leitura, que reflete e traz para o ato de ler suas formas particulares de perceber o real (BUDD, 2005; ROUBAKINE, 1998). Na visão de Petit (2019), a sensação de identificação está intrinsecamente relacionada ao “desvio pelo outro” proporcionado pela leitura, sobretudo a literária, em que torna-se possível abrir-se para um espaço desconhecido, cujas experiências vivenciadas e emoções sentidas pelas personagens, as quais as leitoras sentem como se fossem as suas próprias, oferecem novas construções imaginárias e atividades psíquicas que as permitem pensar e vivenciar realidades diferentes, significando as perspectivas trazidas pelo autor ou autora da obra. Trata-se de uma abertura para um espaço psíquico e simbólico que sugerem novos vislumbres sobre a realidade de outros grupos sociais (PETIT, 2019), recuperando aspectos subjetivos que talvez as entrevistadas nem soubessem estar presentes em sua consciência, que podem ter sido vivenciadas ao longo de suas existências e são agora evocadas quando de um material que desperte essas sensações (ROUBAKINE, 1998).

É, precisamente, a partir da criação de uma realidade subjetiva em torno do texto lido que podemos trazer a noção de Petit (2019) sobre o surgimento das possibilidades de associações inesperadas, isto é, momentos de revelações nos quais as entrevistadas se deparam com algum trecho ou frase em que reconhecem algum nível de seus contextos e subjetividades, algo que para elas faça sentido, que as vincule àquele material, de modo a evocar tomadas de consciência que oferecem novas perspectivas sobre temáticas pouco ou

não vislumbradas até então, que redirecionam seus olhares, possibilitando a construção de novos saberes ou ressignificação de antigos.

Nesse ponto, a antropóloga francesa ressalta as chances de essas experiências de leitura, através dos processos mentais que permitem uma “abertura para um outro espaço”, proporcionarem rupturas com a situação psíquica na qual essas leitoras estão inseridas (no caso, entendidas como suas formas de pensar e agir quando diante de determinada temática e situação), isto é, oportunidades de significações e ressignificações de seus próprios modos de perceber, conceber e se relacionar com a realidade, demarcando os potenciais de transformação pessoal a partir das reconstruções psíquicas e cognitivas sobre as formas de enxergar o mundo via leitura.

No caso da Entrevistada 4, ao exemplificar a sensação de identificação decorrente da experiência de leitura da obra *A culpa é das estrelas*, de John Green, o relato da leitora nos revela que as sensações despertadas pelo livro foram tão intensas, sentimentos que ela não soube articular muito bem durante o ato de ler, que sua primeira reação foi, literalmente, morde-lo, tamanha intensidade essa obra lhe causou, tamanhas emoções que não soube organizar. Mais à frente, ao comentar sobre seus marcos de leitura, presentes na categoria de análise “Marcos de leitura” e, de modo específico, na variável “obras que marcaram as leitoras”, surgem novamente reflexões sobre essa mesma obra, na qual podemos verificar que suas concepções sobre essa experiência de leitura, bem como as sensações daí despertadas, ganham forma, isto é, se delimitam e se organizam, recebendo contornos que se manifestam através de uma linguagem verbal, que permite à leitora entender melhor de que modo esse livro mexeu com suas emoções, lhe despertou sensações tão intensas. Os processos psíquicos e cognitivos transcorridos durante o ato de ler, cuja sensação de identificação evocada é representada “fisicamente” pelo gesto de morder o livro logo após termina-lo - evidenciando uma ausência de palavras capazes de transmitir o que estava sentindo -, proporcionou à leitora correlacionar, consciente ou inconscientemente, aspectos de sua própria subjetividade, vivências e estados psicológicos com o que estava sendo lido, que despertam, conforme já apontado por Petit (2019), para tomadas de consciência sobre a importância da vida, do amor e do sofrimento. A partir das histórias vivenciadas pelas personagens, da realidade, do “mundo desconhecido” apresentado à sua consciência, a leitora entrou em contato com possibilidades de enfrentamento de situações que, possivelmente, não fosse a leitura daquele material, ela acreditaria não ser possível, que não “valeria à pena” lidar.

Essas associações inesperadas e tomadas de consciência, desencadeadas pela sensação de identificação, são também vislumbradas nas experiências de leitura da Entrevistada 4 com

*Harry Potter*, de J. K. Rowling, demonstrada na categoria de análise “Marcos de leitura” como um título que marcou não apenas sua trajetória como leitora, mas também momentos distintos de suas vivências. Centralmente, essa noção parte da experiência de leitura dessa obra ainda na infância, que lhe ofereceu, inconscientemente, uma série de saberes que a leitora não tinha maturidade tampouco condições psíquicas e cognitivas de reconhecer à época, mas que foram retomados na idade adulta em suas formas de perceber e refletir sobre determinadas temáticas, tendo por base as vivências e os saberes acumulados, quando possuidora de outros contextos, subjetividades e configurações psicológicas. Nesse cenário, a leitora percebe “[...] o quanto isso me trouxe de lá” (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado), isto é, o quanto aprendeu com essa leitura, o quanto esta lhe trouxe conhecimentos sobre muitas das situações vivenciadas atualmente em nossa realidade, como analogias políticas e a importância do amor, representados em frases que a marcam até hoje, ao que se refere como as “pequenas frases que ficam” (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado).

Nesse sentido, as perspectivas identificadas no relato da Entrevistada 4 retomam as concepções de Roubakine (1998), para quem as sensações despertadas e os saberes apropriados durante os processos psíquicos de leitura em um dado espaço-tempo ficam armazenados em sua *mneme* e são recuperados em situações distintas de interação com a realidade, que a remontam à essas experiências de leitura e aos estados psíquicos aí vivenciados. É nesse cenário que, apoiados em seus contextos e subjetividades, nas vivências e conhecimentos acumulados ao longo de sua existência, que os saberes apropriados ainda na infância de forma inconsciente são evocados, dessa vez ganhando novos contornos, sentidos e significados. Trata-se, segundo a visão de Petit (2019), de tomadas de consciência que se manifestam muito tempo depois da experiência com o artefato propriamente dito, retomadas ao falar sobre esse material durante a entrevista e se dar conta sobre o quanto aprendeu com essa obra, mas que não havia percebido até então, isto é, do quanto os saberes presentes em *Harry Potter* foram e ainda são aplicados em suas vivências sem que a leitora perceba, reverberando de modo inconsciente quando diante de determinadas situações e, principalmente, para refletir e conceber a realidade, o que a conduz à concepção de que “acho que eu não seria quem eu sou se não tivesse lido *Harry Potter* (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado).

Nessa mesma direção, podemos evocar a sensação de transcendência para outro contexto despertada especificamente nas experiências de leitura da Entrevistada 5. Esta, posicionada junto à sensação de identificação suscitada nela mesma e nas Entrevistadas 2 e 4, encontram-se intimamente interligadas, através das quais podemos reconhecer em Petit (2019)

que é a partir da abertura psíquica e simbólica para um espaço desconhecido para o qual a leitora transcende, sentindo-se tão vinculada àquela narrativa, àquelas personagens como se fosse sua própria realidade, que apura seus elementos cognitivos e subjetivos, desencadeando construções imaginárias e atividades psíquicas que a fazem se sentir identificada com a história lida a ponto de vivenciar as mesmas emoções que as personagens. Novamente, segundo já apontado pela autora, os atos de leitura permitem à leitora reconhecer a si mesma através do “desvio pelo outro”, isto é, identificar aspectos de seu íntimo que talvez nem ela mesma soubesse existir, mas que encontram-se latentes em sua consciência, permitindo que (re)descubra nas obras lidas relações com suas próprias vivências e subjetividades, podendo vir a ressignificar ou construir novos sentidos em torno desse objeto; sentidos que, ao mesmo tempo, influenciam e são influenciados por suas formas de perceber, refletir e se relacionar com a realidade ao redor.

Um dos exemplos que se relacionam às sensações verificadas no relato da Entrevistada 5 é igualmente evidenciado pela categoria de análise “Marcos de leitura”, na variável “obras que marcaram as leitoras”. O discurso da leitora nos revela que as experiências de leitura especificamente com as obras *A redoma de vidro*, de Sylvia Plath, *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e *As vinhas da ira*, de John Steinbeck, representam um marco não apenas em sua trajetória de leitura, como também e, principalmente, na demarcação dos potenciais de expansão de suas reflexões sobre o mundo ao redor.

De modo específico, a experiência da leitora com essas obras em um dado espaço-tempo de sua vida, quando possuidora de um determinado contexto e subjetividade, no caso, no cenário de desenvolvimento de estudos no campo do feminismo, mais precisamente da literatura feminina e feminista, ofereceram à leitora possibilidades de reflexões sobre a temática da mulher até então pouco ou não reconhecidas por sua consciência, mas que, ao dialogar de alguma forma com seus aspectos subjetivos e contextuais (a sensação de identificação evocada apenas pelo fato de ser mulher e ler obras escritas por mulheres, com personagens também mulheres), apontam para tomadas de consciência que revelam percepções e reflexões acerca da existência de realidades opressoras e desiguais vivenciadas por outras mulheres ao redor do mundo que, apesar de diferentes das suas, evidenciam situações e conflitos que ela mesma já vivenciou ou poderia vivenciar apenas por ser mulher, concebendo que essas opressões se dão no plano coletivo e não somente individual.

Podemos evocar um exemplo dessa reflexão, dessa tomada de consciência, a partir do relato abaixo apresentado pela Entrevistada 5 ao lembrar trechos da obra de Sylvia Plath, *A redoma de vidro*:

Não é propriamente uma fraqueza da pessoa, mas do sistema, então pode colocar a Sylvia Plath como um livro que... era uma mulher de classe média... a personagem... de classe média, que estava tendo várias oportunidades profissionais e que... só que ela viveu dentro daquela época que [palavra não identificada], tiveram incontáveis conflitos... ela foi abusada... também tinha conflitos sobre seguir a carreira ou seguir relacionamentos... então você vê que, apesar das épocas, os conflitos que envolvem mulheres estão sempre presentes (ENTREVISTADA 5, 2020, não paginado).

Nesse sentido, apesar de a leitora reconhecer que realidades desfavoráveis, desiguais e opressoras vivenciadas por mulheres ao redor do mundo, significativamente diferentes das suas, sempre existiram, os processos psíquicos e cognitivos decorrentes da interação com as obras *A redoma de vidro* e, em especial, *Quarto de despejo*, a partir das sensações de identificação e transcendência para outro contexto evocadas, a permitiu comparar os saberes já armazenados em seu repertório informacional, acumulado ao longo de suas vivências, com aqueles novos introjetados através da experiência de leitura desses objetos, fazendo com que, segundo Budd (2005) e Roubakine (1998), o espaço subjetivo criado em torno da narrativa a possibilite pensar criticamente sobre esse texto e estenda os saberes daí apropriados para expandir e aprofundar suas reflexões e percepções sobre a realidade no qual encontra-se inserida.

Esses aspectos apontam para tomadas de consciência que se manifestam na percepção (até então vislumbrada apenas de forma superficial) de que existem, apesar da condição historicamente opressora de gênero que as une, mulheres em situações socioeconômicas mais desfavoráveis que as suas, isto é, do quão desiguais e opressoras esses contextos realmente são, de modo a impactar em suas formas de refletir sobre essa realidade e, potencialmente, transformar seus modos de perceber e se relacionar com esse mesmo real. O discurso da Entrevistada 5 nos permite entrever de que maneira a leitura desses materiais a permitiu pensar e repensar suas próprias formas de perceber a realidade de muitas mulheres ao redor do mundo:

[...] foi um livro que me abriu os olhos para o que muitas mulheres no mundo passam, às vezes, por situações muito semelhantes às nossas. [...] Abriu os olhos para... eu já sabia, obviamente, mas que... quando você lê, você sente as dores, então abriu os olhos para o que eu já sabia de outras realidades de mulheres que... não é só a gente que sofre, tem pessoas muito piores (ENTREVISTADA 5, 2020, não paginado).

Essas reflexões se estendem para além da temática da mulher, posicionando na experiência de leitura da obra *As vinhas da ira*, de John Steinbeck, o vislumbre de realidades que apresentam o que a leitora concebe como as misérias humanas em sua forma mais crua,



isto é, cenários de vida desfavoráveis – no caso, o contexto da crise de 1929 nos Estados Unidos, que ocasionou severos conflitos socioeconômicos na sociedade norte-americana da época. A abertura para novas reflexões, que contrapõem muitas das suas percepções sobre o que considerava um “mundo idealizado”, se dá através do espaço criado em torno da narrativa, cujas sensações de identificação e transcendência para outro contexto aí despertadas oferecem atividades psíquicas que permitem o diálogo entre os saberes armazenados na consciência da leitora e as novas informações obtidas a partir do ato de ler, evocando sentidos e significados que possibilitam a apropriação de saberes e acabam por ampliar suas formas de conceber e refletir sobre a realidade.

Em outras palavras, podemos dizer que as sensações despertadas na Entrevistada 5 através de suas experiências de leitura, que propiciam a criação de um espaço próprio em torno do texto lido (a ponto de considerar este um meio pelo qual percebe a realidade), estão intrinsecamente vinculadas à forma como as obras lidas dialogam com determinados momentos de sua vida, no caso, a aproximação com os estudos feministas e a literatura escrita por mulheres, que oferecem os construtos subjetivos e contextuais para que a leitora estabeleça relações entre suas vivências e construções psíquicas com o artefato e possa evocar sensações e atribuir sentidos e significados que a permitam apropriar saberes sobre e a partir desse material (BUDD, 2005; PETIT, 2009; ROUBAKINE, 1998), que se manifestam através da expansão de suas formas de refletir sobre temáticas pouco ou não contempladas até então.

Aqui está, na visão de Petit (2009, 2013, 2019), o potencial da leitura para oferecer saberes anteriormente não vislumbrados pelas entrevistadas, para proporcionar tomadas de consciência que expandem as reflexões sobre suas próprias visões de mundo, crenças e valores; algo que ultrapassa a seara cognitiva para atingir uma dimensão simbólica e afetiva com aquele material, com aquela história que diz algo sobre essas leitoras, sobre seus contextos e subjetividades, elementos que elas ainda nem haviam reconhecido, possibilitando-as sentir-se identificadas. Para a autora, conforme já apontado na categoria discursiva espaços em crise, essas tomadas de consciência podem surgir não no momento específico de interação com o objeto lido, mas sim muito tempo após a ocorrência do ato de ler, de modo a recuperar os sentidos e significados atribuídos inconscientemente à essas experiências de leitura em outros momentos das vidas das leitoras, que são evocados novamente ao lembrar, no caso no momento da entrevista, os marcos em suas trajetórias de leitura.

Esses saberes, rememorados sobretudo pelas Entrevistadas 4 e 5, recuperam trechos e passagens de obras que as marcaram, que fizeram sentido para elas, “as pequenas frases que ficam”, segundo a Entrevistada 4, que lhes vêm à cabeça ao falar de alguma experiência de

vida ou de leitura em momentos distintos da entrevista, evidenciando tanto as conexões simbólicas e afetivas traçadas com essas obras em seu percurso como leitoras, bem como a maneira como essas mesmas relações, iniciadas através da influência do contexto familiar e escolar, reverberam até hoje em suas experiências de leitura, tanto na maneira como apropriam saberes quanto nos modos como a utilizam como instrumentos aos quais recorrem para perceber, interpretar, apreender e interagir com o mundo. As leitoras utilizam os saberes apropriados nesses atos de leitura que, se passaram “despercebidos” por sua consciência em determinados momentos de suas vidas, são agora evocados, consciente ou inconscientemente, para pensar sobre temas que conhecem superficialmente ou, possivelmente para refletir, como nos revela a Entrevistada 2, ao redor da leitura, isto é, sobre seu contexto e relação com o ambiente exterior, projetando a realidade criada em torno da narrativa em suas formas de conceber o mundo.

As sensações manifestadas e os saberes apropriados a partir dessas leituras constituem potenciais para que as leitoras reflitam sobre a realidade na qual estão inseridas e, especificamente no caso da Entrevistada 5, sobre a sua (e de outras) própria condição como mulher que vive, segundo Twomey (2007), em um constante modelo de opressão e dominação de ideologias masculinas. As sensações de identificação e transcendência para outro contexto verificadas em seu discurso decorrem de situações não vivenciadas diretamente pela leitora em sua própria realidade, mas que poderiam muito bem ser pelo simples fato de ela ser mulher e isso já implicar, *a priori*, mecanismos históricos de opressão, tratando-se, portanto, de um elemento que a vincula a esse objeto informacional, que dialoga com seu contexto e subjetividade e permite construções imaginárias e atividades psíquicas que evocam tomadas de consciência que possibilitam significações e ressignificações sobre seus modos de pensar o real.

Essas discussões dialogam, ainda, com o ponto de vista trazido por Dumont (1998) e Petit (2019), no qual a leitura, em especial de textos literários – que integram os objetos lidos identificados nas experiências individuais de leitura das entrevistadas -, atua como instrumento privilegiado de apropriação de saberes e, em sentido amplo, de expansão do potencial de reflexão sobre o mundo. Na visão das autoras, apesar das críticas existentes sobre a leitura realizada por lazer, especificamente em razão da “ausência” de um caráter “utilitário”, as leitoras podem estar, a partir das sensações despertadas por essas interações, a apropriar saberes que transcendem o objeto informacional e seu conteúdo literário propriamente dito e são transpostos para suas formas de perceber e refletir sobre a realidade ao redor.

Ao abordarem temáticas que transitam entre o universo “real” e ficcional, a leitura literária possibilita a abertura para um espaço próprio, ainda desconhecido, o que Petit (2019) já se referiu como o “desvio pelo outro”, que permite às leitoras adentrar e vislumbrar outras realidades à luz de suas próprias formas de concepção do real, de modo a estabelecer relações entre suas vivências com o que está sendo lido e descobrir nas experiências vivenciadas por “outros” (personagens ou autora da obra) respostas para questões que também são suas, indagações que têm em comum. Podemos reconhecer nas construções imaginárias e atividades psíquicas daí desencadeadas aspectos que dialogam com o íntimo das entrevistadas, com saberes presentes em sua consciência, acumulados ao longo de sua existência talvez sem nem terem percebido, mas que vão ao encontro de seus valores, visões de mundo, contextos e subjetividades, despertando-as para tomadas de consciência, construções de sentido sobre temáticas e perspectivas até então não ou pouco contempladas, e utilizando os saberes apropriados através dos textos literários, ainda que de modo inconsciente, para expandir as possibilidades de refletir sobre a realidade na qual estão inseridas, tal como aconteceu com a Entrevistada 5 ao perceber as condições de vulnerabilidade impostas às diversas mulheres ao redor do mundo a partir da interação com as obras de Sylvia Plath e Carolina Maria de Jesus.

Desse modo, reafirmam-se, novamente, as concepções de Bourdieu (2004), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) sobre o ato de ler à luz da resignificação dos modos de perceber, apreender, interpretar e interagir com a realidade ao redor, isto é, o entendimento da leitura - via textos literários - como “leitura do mundo”, em que se apropria conhecimento sobre as diversas formas de opressão existentes que, apesar das épocas, como a própria Entrevistada 5 nos revela, se mantém atemporais. A leitura é tomada, centralmente, como a relação estabelecida entre as leitoras e a realidade que as circundam, considerando seus contextos, subjetividades e configurações psicológicas em um dado espaço-tempo, de modo a atuar como condição fundamental para que ampliem suas formas de reflexão sobre o mundo ao redor, transformando suas estruturas psíquicas, suas formas de perceber e conceber esse real, e podendo, até mesmo, segundo Roubakine (1998), vir a alcançar uma conscientização crítica sobre esse mesmo mundo, que pode ser transformado via práxis da leitura.

As perspectivas simbólicas de Bourdieu (2004), orientadas à potência transformadora das experiências de leitura, aprofundam essa visão ao propor que esse poder simbólico encontra-se na capacidade do livro e da leitura de impactar nas estruturas mentais das leitoras, fazendo com que os sentidos construídos em torno dessas experiências possam ser aplicados para suas formas de refletir sobre si mesmas e sobre o mundo no qual estão inseridas como

mulheres e como sujeito, sugerindo novas formas de pensar os sentidos que constituem esse mundo e estabelecendo potenciais para que modifiquem tanto a si mesmas (através da forma como expandem suas formas de refletir sobre o mundo), quanto as próprias estruturas sociais das quais são parte. De modo específico, essa espessura simbólica manifesta-se na capacidade que o sentido apropriado da leitura tem, na abordagem bourdieusiana, em influir nas estruturas mentais das leitoras, para então modificar suas formas de pensar, refletir e conceber os sentidos que moldam o mundo social (historicamente opressoras), podendo vir a modificá-lo.

Para o autor, apesar dos mecanismos empregados para manipular a apropriação e os sentidos construídos em torno das obras lidas segundo os interesses de classes sociais dominantes, como os homens, as possibilidades de reflexões, as tomadas de consciência proporcionadas pelas experiências de leitura sobre como essas opressões se estabelecem, como ocorreu durante as experiências individuais de leitura da Entrevistada 5, configuram pontos de partida para que se possa questionar e resistir aos “efeitos” dessas circunstâncias. No caso do trecho identificado no relato dessa leitora, o conhecimento sobre a existência de mulheres ao redor do mundo em condições mais vulneráveis do que as suas próprias, todas essas englobadas em um sistema de interesses que oprimem a mulher, podem vir a interferir não apenas na maneira como concebe sua condição como mulher em seu próprio contexto de vida, como também expandir seus modos de refletir sobre as condições das mulheres em um cenário social macro; o que pode vir a impactar em suas ações nessa mesma realidade para ressignificar as noções opressoras sob as quais o mundo social constrói seu sentido e, a partir daí, vislumbrar possibilidades de conceber e atuar nesse mundo para além das categorias que foram dadas *a priori* à sua consciência como configuração do que se concebe como real.

Desse modo, podemos dizer que as concepções sobre a leitura como um modo de refletir sobre a realidade propostas por Bourdieu (2004), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998) estão também ancoradas nas experiências compartilhadas de leitura das entrevistadas no Leia Mulheres, cujas relações traçadas intersubjetivamente com o mundo ao redor, permeadas por seus contextos, subjetividades e estados psíquicos, demarcam, de forma material e simbólica, não apenas os caminhos que as conduziram até o clube, mas também as formas como interagem, transferem e articulam suas formas de perceber o mundo e, principalmente, como atribuem sentidos e significados e apropriam os saberes produzidos e circulados nesse *locus*. O potencial transformador via leitura decorre dos saberes produzidos, circulados, mediados e apropriados durante as discussões transcorridas no clube, que

respondem por uma aplicação, consciente ou inconsciente, para perceber, refletir e compreender a realidade que nos cerca.

No que se refere às experiências das entrevistadas no Leia Mulheres, esse potencial é observado na categoria de análise “Interpretações”, que oferece construtos que nos permitem verificar potenciais de transformação psíquica que, circunscritas nos modos de percepção, apreensão e interpretação da realidade das leitoras, evidenciam o quanto apropriam do que está sendo discutido ali e aplicam esses saberes em suas próprias vivências. Essa categoria, somada às demais trazidas, retoma a centralidade da intersubjetividade, das conexões simbólicas, do diálogo entre subjetividades e contextos distintos para ampliar os modos de as leitoras perceberem o real, demarcando as possibilidades de vislumbres de novos modos de refletir sobre determinadas temáticas até então pouco ou não contempladas pela consciência das entrevistadas, impactando nos potenciais de expansão da reflexão sobre a realidade.

Nesse cenário, os relatos das Entrevistadas 2, 3, 4 e 5 nos revelam que a diversidade característica dos clubes de leitura, manifestada através da reunião de participantes possuidoras de diferentes contextos e subjetividades, evidencia a concepção do Leia Mulheres como um “ambiente propício para o compartilhamento de diferentes experiências de leitura”, cujas práticas informacionais possibilitam despertar para aspectos que passaram despercebidos quando da leitura individual, bem como pensar determinadas temáticas que emergem nas discussões sob outras perspectivas.

Essas noções são verificadas, sobretudo, no relato da Entrevistada 3, leitora que não raro chega aos encontros do clube sem saber o que pensar sobre um determinado livro, mas que, durante o desenrolar dos debates, das novas informações trazidas pelas demais participantes, suas próprias impressões vão se formando ou ganhando novos contornos. Os discursos das Entrevistadas 2 e 4 compartilham dessa visão, acrescentando que, ao propor o diálogo de interpretações distintas sobre as obras lidas, o clube oferece oportunidades não apenas de conhecer as opiniões das demais leitoras e analisar se tiveram percepções diferentes, como também descobrir pontos não vislumbrados quando da experiência de leitura individual e, principalmente, pensar sob outros pontos de vista. Nessa mesma direção, na opinião da Entrevistada 5, as perspectivas não alcançadas na interação subjetiva com o objeto se devem ao fato de as participantes possuírem histórias de vida diferentes, que resultam, por sua vez, em percepções igualmente distintas, sendo estas de acordo com suas próprias vivências e subjetividades, de modo a possibilitar o compartilhamento de diferentes olhares sobre um mesmo objeto e, com isso, ampliar as possibilidades de reflexão.

Inicialmente, podemos observar no discurso das entrevistadas uma percepção sobre como as experiências de leitura compartilhadas contribuem para expandir suas possibilidades de reflexão (tanto sobre o material de leitura propriamente dito como sobre a realidade ao redor), uma vez que as práticas informacionais desenroladas no clube tornam possível dialogar interpretações plurais sobre os objetos lidos, vinculadas à sujeitos possuidores de contextos, subjetividades e estados psíquicos igualmente distintos, fazendo com que, segundo Souza (2017, 2018), as leitoras pensem sobre aspectos que passaram despercebidos no momento da leitura individual, bem como sobre situações e pontos de vista pertencentes não somente à elas, mas também às demais participantes que compartilham ali seus relatos de leitura e de vida. Trata-se, fundamentalmente, de possibilidades de reflexão sobre seus valores, crenças e visões de mundo, que ganham novos contornos à luz dos sentidos, significados e saberes construídos coletivamente nesse *locus*, sugerindo modos diversos de desenvolvimento das capacidades de pensar criticamente sobre si mesmas, o outro e a realidade ao redor.

Especificamente sobre o discurso da Entrevistada 2, a leitora nos revela que o compartilhamento de diferentes experiências de leitura no Leia Mulheres contribui para que desenvolva um olhar mais pontual e atento sobre o objeto lido, de modo a perceber questões que, caso o propósito da leitura fosse outro que não o de debater no clube, passariam despercebidas por sua consciência. Nessa direção, apesar da “ausência de um caráter surpreendente nos debates”, variável também pontuada na categoria de análise “Interpretações”, as discussões transcorridas no clube sempre acrescentam, de algum modo, às suas experiências de leitura, de forma a oferecer possibilidades, conforme já mencionado, de se atentar aos aspectos não percebidos no momento da leitura individual e pensar determinadas temáticas sob outros pontos de vista, evocados a partir das diferentes visões de mundo, ideias e opiniões que emergem nas discussões.

É importante destacar que essas concepções sobre o Leia Mulheres contrapõem as impressões anteriores da leitora sobre o que seriam os encontros dos clubes de leitura, apontadas na variável “previsibilidade das opiniões apresentadas nos debates”, na categoria de análise “Visões de mundo”. De modo específico, essa variável parte da noção de que, ao inferir, ainda que superficialmente, certos posicionamentos e opiniões de algumas participantes sobre determinados livros e temáticas, a Entrevistada 2 acreditava que os debates não apresentariam perspectivas “novas” sobre as quais pudesse refletir e, a partir daí, ampliar suas formas de pensar sobre uma determinada obra, sobre aspectos até então não contemplados. Contudo, apesar de algumas frequentadoras apresentarem pontos de vista que a

leitora já esperasse, a pluralidade característica das leitoras pertencentes ao clube, possuidoras de diferentes visões de mundo, vivências e subjetividades, propicia a cada encontro o surgimento de perspectivas e interações variadas em relação à um material de leitura, que a permitem aprofundar suas reflexões sobre questões não alcançadas quando da experiência de leitura individual ou que, até mesmo, nunca havia pensado sobre, podendo vir a ressignificar ou atribuir novos sentidos ao que foi lido.

Nesse sentido, sob a ótica de Budd (2005) e Roubakine (1998), ao considerarmos que os contextos, subjetividades e estados psíquicos dos sujeitos leitores se modificam continuamente, podemos entender que as opiniões apresentadas pelas demais frequentadoras, mesmo aquelas consideradas já esperadas pela Entrevistada 2, acabam por lhe oferecer novos contornos e significações sobre o texto discutido, uma vez que estão vinculadas à indivíduos pertencentes à diferentes contextos, possuidores de subjetividades igualmente particulares. São esses construtos que permitem, durante os processos de apropriação de saberes, que a entrevistada possa construir uma realidade própria em torno daquele material, tendo por base os saberes já armazenados em seu repertório informacional com aqueles novos introjetados pelas discussões, de modo a produzir novos saberes ou ressignificar antigos. Para a Entrevistada 2: “sempre me acrescenta muito na experiência de leitura; sempre acabo com outras impressões do livro muito além do que eu tive quando eu li os livros. Então eu acho que sempre me faz pensar muito as discussões do Leia” (ENTREVISTADA 2, 2019, não paginado). São esses elementos, para recorrermos à Petit (2019), que favorecem a abertura para um outro espaço psíquico e simbólico, que evocam possibilidades de tomadas de consciência que se estendem dos artefatos lidos para suas formas de pensar e refletir sobre a realidade ao redor.

Desse modo, retomando a variável “possibilidades de reflexão”, também pontuada na categoria de análise “Interpretações”, podemos vislumbrar de que forma algumas das impressões da Entrevistada 2 sobre as discussões transcorridas no clube impactam em seus modos de perceber, apreender e interpretar a realidade ao redor, apontando para os potenciais de transformação psíquica que nos interessa alcançar. O discurso da leitora destaca que a leitura sempre moldou suas formas de ver o mundo, partindo da noção de que o universo da leitura não é restrito ao ato de ler, isto é, ao objeto informacional propriamente dito, relacionando-se, pois, a todo o contexto no qual encontra-se inserido, à sua relação com a realidade.

A concepção sobre as possibilidades de reflexão acerca da realidade via experiências compartilhadas de leitura, construída a partir das conexões simbólicas traçadas com a leitura

ao longo da vida da Entrevistada 2, reverberam não apenas nas interações com os artefatos informacionais em suas experiências de leitura individuais, mas também e, principalmente, na maneira como pensa e se relaciona com o *Leia Mulheres*, incluindo as sensações aí manifestadas e os sentidos e significados atribuídos aos elementos que compõem o clube. De maneira central, um de seus objetivos de leitura mencionados acima, no qual, recorrendo à Budd (2005), podemos dizer que o propósito de refletir “ao redor da leitura” já denota uma intencionalidade *a priori* de sua consciência, que faz com que a leitora projete suas próprias formas de apropriação do texto lido na realidade, se estende, de modo consciente ou inconsciente, para a sensação de “interesse nas interpretações de leitura das participantes” evocada durante suas vivências no *Leia Mulheres*, variável indicada na categoria de análise “Sensações compartilhadas”, cuja vontade de saber como as pessoas pensam sugerem atos intencionais que demarcam o objetivo de pegar um material para ler que a possibilita refletir ao seu redor, isto é, sobre sua relação com o contexto no qual encontra-se inserido, direcionando sua mente para apropriar os saberes ali produzidos e circulados à luz de suas próprias percepções do real. As novas significações ou ressignificações propostas pelos debates no clube são transformadas em sentidos, em saberes em potencial que podem ser aplicados para expandir suas reflexões não apenas sobre o artefato material, mas também sobre a realidade em outros momentos de sua vida:

Eu acho que o debate, em geral, abre as perspectivas. Não acho que o mundo da leitura seja restrito à leitura. Sempre formou a forma como eu via o mundo. Então eu acho que debater em torno disso acaba mudando. O que adianta ler e confinar a reflexão àquilo. Acho que a reflexão sobre um livro transborda as fronteiras daquele livro específico. Então acho que esse debate extravasa como eu penso e vejo o mundo em outros momentos (ENTREVISTADA 2, 2019, não paginado).

Nessa mesma direção, as considerações apresentadas pela Entrevistada 2 são também reconhecidas nos relatos das Entrevistadas 1, 4 e 5 na categoria de análise “Interpretações”. No caso da primeira leitora, conforme indica a variável “possibilidades de reflexão”, seu discurso evidencia que as discussões desenroladas no *Leia Mulheres* contribuem para “afiar”, isto é, aprofundar e expandir sua percepção sobre o mundo, uma vez que as participantes, possuidoras de diferentes contextos e subjetividades, trazem perspectivas distintas sobre os textos discutidos, propiciando debates igualmente plurais, que ampliam as possibilidades de pensar sob outros pontos de vista, sobre questões até então pouco ou não contempladas, estendendo-se, pois, aos seus modos de refletir fora do clube: “Eu acho que a discussão afia um pouco a minha percepção das coisas, porque não necessariamente as pessoas vão falar



muito do que eu falo. Mas eu acho que me ajuda a pensar, discutir um outro ponto de vista” (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado).

De modo específico, essas concepções são ilustradas no relato da Entrevistada 1 sobre os debates de duas obras de não-ficção, *Put a feminist*, de Monique Prada<sup>32</sup>, e *Argonautas*, de Maggie Nelson<sup>33</sup>, cujas interpretações de leitura e pontos de vista trazidos pelas participantes do Leia Mulheres, ancoradas em suas próprias vivências, visões de mundo e bagagem informacional, contribuíram para propiciar aberturas para uma compreensão mais aprofundada sobre a complexidade de determinados assuntos, como a prostituição, tratada no primeiro livro, e a questão de gênero, abordada no segundo, bem como expandir suas formas de pensar sobre essas temáticas sob perspectivas até então não reconhecidas por sua consciência, o que propiciou possibilidades de reflexões sobre o próprio meio no qual encontra-se inserida:

E é interessante, porque eu acho que existe uma tendência geral da gente comprar a ideologia do outro. A gente se identifica com um grupo e a gente tende a nem sempre questionar aquelas coisas. E eu acho que essas duas leituras desafiadoras bota a gente um pouco para revisar o nosso próprio meio com o qual a gente se identifica (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado).

Os aspectos identificados no discurso das Entrevistadas 1 e 2 evidenciam a importância do compartilhamento de diferentes experiências de leitura, do debate, da troca de diferentes opiniões e visões de mundo para oferecer saberes que proporcionam reflexões que transcendem o conteúdo do artefato informacional propriamente dito, permitindo que as leitoras comparem os saberes presentes em sua consciência, acumulados ao longo de suas vivências, com aqueles apropriados a partir dessas discussões, de modo a construir novos sentidos e significados ou ressignificar suas próprias concepções. Nessa perspectiva, as entrevistadas aprofundam suas reflexões à luz de olhares não alcançados na leitura individual, trazidos pelos relatos de outras participantes, possuidoras de contextos e subjetividades diferentes das suas. A própria fala da Entrevistada 2 sobre como as discussões sempre a fazem pensar muito, uma vez que dialogam interpretações de leituras plurais, impacta não apenas em sua experiência com o objeto informacional, mas também em sua própria visão de mundo. Ela comenta, mais à frente: “[A discussão no Leia Mulheres] me faz pensar coisas, às vezes, sobre perspectivas que eu não pensaria normalmente. Não pensei antes quando estava lendo e não pensaria. Às vezes, eu não concordo, mas eu gosto de ver essas outras perspectivas se

<sup>32</sup> Texto discutido no Leia Mulheres Rio de Janeiro de outubro de 2019.

<sup>33</sup> Texto discutido no Leia Mulheres Rio de Janeiro de agosto de 2019.

misturarem e comparar com a minha, e mudar um pouco ou não um sentido ou outro” (ENTREVISTADA 2, 2019, não paginado).

Igualmente, a expansão de uma perspectiva reflexiva resultante das experiências de leitura compartilhadas no Leia Mulheres é evidenciada no relato da Entrevistada 1 sobre a importância do debate, noção que se estende para a concepção do clube como um ambiente que possibilita a ampliação de suas formas de pensar a realidade ao redor através do debate sobre “as coisas do mundo atual a partir da leitura”.

[...] o Leia virou uma espécie de lugar para a gente debater as coisas do mundo atual a partir da leitura. Então é um lugar para aprofundar um pouquinho o conhecimento sobre as coisas, porque a gente também tem a visão de outras pessoas (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado).

A noção de expansão das formas de pensar e refletir sobre determinadas temáticas é também pontuada no relato da Entrevistada 4, para quem, tal como destacado anteriormente, além de possibilitar o vislumbre de pontos de vista não percebidos quando da leitura individual, o que permite que o livro ganhe novos contornos, novos significados, as práticas de compartilhamento de experiências de leitura no Leia Mulheres contribuíram não apenas para expandir as possibilidades de reflexão sobre assuntos que considera que a tiram de sua “zona de conforto”, isto é, que a fazem refletir sobre temas até então não pensados ou contemplados apenas de forma incipiente, como também no aprendizado a partir dos relatos de leitura ali compartilhados, visão dialogada através da variável “oportunidades de aprendizado”, presente na categoria de análise “Interpretações” e igualmente indicado no discurso da Entrevistada 1 como fator central para ajudá-la a lidar com conflitos internos de autoestima e autoconfiança.

A concepção do clube de leitura como um espaço de aprendizado é destacada por Souza (2017), ao propor que as interações sociais e as práticas informacionais desenroladas nesse *locus* expandem as possibilidades de reflexões, significações e ressignificações de saberes, de modo a permitir a apropriação de saberes que são aplicados na vivência das entrevistadas para “aprender” com os relatos trazidos pelas demais participantes, que apresentam, por sua vez, ideias, opiniões e visões de mundo diferentes das suas próprias. No caso da Entrevistada 4, esses aprendizados estão relacionados, centralmente, às suas formas de concepção acerca de temáticas de natureza sociopolíticas que envolvem grupos sociais em condições de vulnerabilidade, os quais a participação no Leia Mulheres a partir das discussões sobre materiais que envolvem esses temas, até então contempladas pela própria leitora de forma incipiente, contribuíram para que refletisse de maneira crítica sobre essas questões.

De modo específico, essas concepções são exemplificadas no discurso da leitora através dos debates transcorridos no clube sobre o título de não-ficção *Memórias da plantação*, de Grada Kilomba, que acabaram por expandir suas reflexões e oferecer oportunidades de aprendizado sobre o tema racismo:

[...] eu nunca tinha lido um livro tão claro e tão incisivo sobre o racismo na sociedade. Eu já tinha lido outros livros de mulheres negras, mas o livro da Grada [Kilomba] é muito forte. É de uma tese de doutorado dela em que ela vai falar de racismo cotidiano. Ela entrevista várias pessoas, mas são duas mulheres que ela pega principalmente e vai contando... E aí ela coloca em tópicos, no livro, situações que elas contavam, desde pessoas pegando no cabelo delas na rua até, tipo, a casa de uma vizinha que tinha um... sabe esses gnomos de jardim? Só que era um negro de jardim. Porque, na época da escravidão, as pessoas tinham na casa delas um criado ali na porta da casa para receber as visitas e depois que a escravidão foi proibida, as pessoas acharam bonitinho colocar um boneco negro na porta, porque ter um escravo na porta era um sinal de *status* [...] todas essas situações, no pequeno, que as pessoas chamam de ‘mimimi’, que configuram a instituição que é o racismo. Embora eu já imaginasse tudo isso, com o Leia foi tudo tão claro, foi assim... uau! Eu acho esse tipo de livro muito importante. Enfim, o Leia faz isso... ele me tira do meu lugar de conforto (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado).

Nesse sentido, podemos relacionar as possibilidades de debates e aprendizados vivenciadas no Leia Mulheres às próprias razões que circundam a participação da Entrevistada 4 no clube, que acabam por impactar, ainda que de forma inconsciente, no que Budd (2005) propõe acerca dos atos intencionais da mente, que se direcionam aos sentidos e significados atribuídos, bem como aos saberes produzidos e circulados nesse *locus*. O relato da leitora nos permite observar que sua principal motivação para participar do Leia Mulheres, conforme aponta a categoria de análise “Motivações”, está não somente no desejo de compartilhar experiências de leitura, mas também na variável “importância dos debates em grupo”, isto é, na crença da relevância das discussões coletivas, de debater diferentes pontos de vista sobre uma mesma obra (sobretudo de obras escritas exclusivamente por mulheres), que constituem, muitas vezes, temáticas que transcendem o conteúdo dos objetos lidos, que expandem as reflexões para o contexto no qual estão inseridas, servindo tanto para enriquecer suas próprias experiências de leitura, como para ampliar as perspectivas de percepção da realidade ao redor através do aprendizado com os assuntos ali discutidos, sobretudo no que se refere às temáticas de caráter político e social, como exemplificado pela obra acima mencionada:

[...] é um ato político, é um ato de resistência e eu acho que, em tempos perigosos, com essa onda de conservadorismo que a gente vem tendo aí, é

muito importante a gente celebrar a cultura, celebrar o encontro, as discussões. [...] Acho que o Leia é muito importante. E eu acho que, além de a gente crescer, o livro cresce com as discussões; há também muita cultura aí, muita política é trocada nesses Leias (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado).

No caso da Entrevistada 4, as reflexões propostas pela discussão desse livro, até então contempladas de forma incipiente por sua consciência, fizeram com que a leitora acredite ter saído outra pessoa: “[...] é um livro incrível sobre racismo, foi uma discussão super intensa e eu acho que a gente sempre aprende com isso, tem um valor político imensurável. É muito importante” (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado). Nesse sentido, ancorados nas considerações de Budd (2005), podemos dizer que as impressões sobre o Leia Mulheres à luz da importância conferida aos debates demarcam os atos intencionais que circundam a participação da leitora no clube, a deixando mais propensa não apenas para estabelecer conexões simbólicas com os elementos que o compõem, como também para refletir sobre e apropriar as interpretações de leitura ali trocadas. Os sentidos e significados atribuídos às práticas informacionais desenvolvidas no clube, bem como aos saberes aí produzidos, circulados, mediados e apropriados ganham novos contornos, ampliando as possibilidades de ressignificar suas concepções de mundo, aspectos presentes em sua consciência que talvez a entrevistada nem soubesse existir, mas que são evocados, conforme já proposto por Roubakine (1998), ao dialogar com algum nível de seu contexto e subjetividade, isto é, com suas próprias formas de conceber o real, estendendo as reflexões daí resultantes para o vislumbre de novos modos de perceber, apreender, interpretar e interagir com esse mesmo mundo.

Trata-se, fundamentalmente, recorrendo à Petit (2019), de discussões em torno de diferentes interpretações de leitura, entrelaçadas às histórias de vida das participantes e imbuídas em modos particulares de percepção do real, cuja abertura para um espaço psíquico e simbólico decorrente das experiências compartilhadas de leitura apontam para a compreensão de realidades, situações e pontos de vista à luz da perspectiva do “outro” (autora da obra, opiniões das demais frequentadoras), configurando o que Long (1992) se refere como “lentes” para que possam vislumbrar a realidade de outros grupos sociais, que se estendem para pensar sobre si mesmas e o mundo ao redor. Para a autora, as interações intersubjetivas e a apropriação coletiva em torno dos objetos lidos tornam o espaço do clube um *locus* privilegiado para despertar reflexões que, segundo já destacado por Petit (2019), se manifestam nas possibilidades de tomadas de consciência, nos sentidos novos e/ou ressignificados construídos a partir dos saberes produzidos e circulados nesses ambientes.

É, precisamente, através do debate, dos processos psíquicos e cognitivos que conferem sentidos e significados às múltiplas interpretações de leitura ali trocadas que fazem com que, apesar de já imaginar as questões que envolvem a temática do racismo, a Entrevistada 4 considere que, com a discussão transcorrida no Leia Mulheres sobre a obra *Memórias da plantação*, “foi tudo tão claro”. Ao relacionar-se com alguma instância de suas visões de mundo, subjetividades, os diferentes relatos trazidos pelas participantes conferem uma espécie de “ordenação” às suas próprias concepções sobre o tema, de modo a tirá-la de sua “zona de conforto”, de fazer com que reflita para além de suas próprias percepções da realidade, do que concebe como real, alcançando, pois, um potencial de transformação psíquica que reconfigura suas próprias estruturas cognitivas, que a leva afirmar que saiu “outra pessoa” desse encontro.

Nessa mesma direção, a Entrevistada 5 traz sua experiência no Leia Mulheres com uma das obras já mencionadas pela Entrevistada 1, *Putafeminista*, cujas discussões também contribuíram para expandir e aprofundar suas reflexões sobre a temática da prostituição, manifestadas no que a leitora se refere como “dá aquele estalo” e “primeira vez que eu fui e me abriu os olhos”, isto é, as tomadas de consciência já tratadas por Petit (2019), que a despertam para novos olhares e vislumbres sobre temas até então pouco ou concebidos à luz de outros pontos de vista:

[...] eu nunca tive uma opinião formada sobre prostituição. Eu sabia que era uma profissão, que muitas pessoas trabalham nisso, mas eu acho... aquela coisa bem clichê ‘ah, mas elas estão sofrendo’, ‘ah, mas é uma exploração’ que, na verdade, está camuflando uma série de preconceitos que a gente tem e, em muitas vezes, a gente fica tentando se negar. [...] quando eu li o livro, na hora eu fiquei bem incomodada e eu fui conversar com a [uma das participantes do clube], e aí eu falei assim: ‘Ah, mas a questão é que as prostitutas reafirmam o ideal de mulher que a gente está lutando contra. Uma mulher extremamente sexualizada e etc’. Aí ela falou assim: ‘Tudo o que a gente faz reafirma esse ideal de mulher, mesmo você casando de branco na igreja. Então, você não acha que isso reafirma?’. Pois é, demais. Então isso me despertou... assim, a sociedade é horrível, mas cada um acha a sua forma de lutar, enfim... a forma, para ela... eu entendi que... dá aquele estalo, coisas que você já sabe, mas que você se nega a ver. É uma profissão e ok ser... eu não tenho nada a ver com isso, cada um está buscando a sua forma de lutar e de ganhar a vida. Então para mim isso mudou. Esse livro, principalmente. Me abriu os olhos, logo de cara. Primeira vez que eu fui e me abriu os olhos e eu fiquei assim: ‘É... estamos todos aí o tempo todo indo contra os nossos próprios princípios’ (ENTREVISTADA 5, 2020, não paginado).

Essas perspectivas, construídas com base em seus contextos e subjetividades em um dado espaço-tempo, ganham novos sentidos e significados a partir das interações intersubjetivas traçadas com o espaço e os elementos do clube, com as visões plurais trazidas pelas demais participantes que, ancoradas em suas próprias vivências e concepções do real,

contribuem para que a Entrevistada 5 ressignifique alguns de seus modos de percepção, apreensão e interpretação sobre determinados assuntos. É interessante observar que, no momento da leitura individual, apesar de nunca ter tido uma opinião formada sobre o tema da prostituição, a leitora sente um certo “incômodo” ao se deparar com posicionamentos que iam um pouco de encontro aos seus próprios valores e visões de mundo. Contudo, a partir da discussão dessa obra no *Leia Mulheres*, das interpretações e perspectivas distintas trazidas pelas demais participantes, suas próprias impressões e compreensão sobre o objeto lido ganham novos contornos, apontando para a construção de outros olhares sobre a forma como pensa e reflete sobre a condição dessas mulheres. A própria tomada de consciência adquirida sobre como suas conjecturas anteriores “camuflavam” uma série de preconceitos demarca a centralidade da intersubjetividade, das trocas orais sobre pontos de vista plurais para ressignificar suas próprias visões de mundo, para expandir seus modos de refletir sobre essas temáticas, o que inclui refletir sobre a própria condição da mulher como um todo e suas possibilidades de escolha.

Tal como se deu com a Entrevistada 4 no que se refere à questão do racismo, esse “abrir os olhos”, esse “estalo” mencionado pela Entrevistada 5 ao debater sobre uma obra que transcende seu conteúdo para a maneira como pensa a temática da prostituição na realidade social denotam possibilidades de reflexão sobre temas anteriormente desconhecidos ou concebidos sob outros pontos de vista pela consciência da leitora, que são ressignificados a partir das discussões no *Leia Mulheres* ao dialogar em algum nível com seus modos de pensar, agir e se relacionar com essa mesma realidade, valores e visões de mundo abrigados em seu íntimo e acumulados ao longo de sua existência e, principalmente, de suas experiências de estudo no campo do feminismo e da literatura feminina. Fundamentados em Petit (2019), podemos dizer que, apesar de, inicialmente, essa obra ter lhe causado certo incômodo, a leitora “rompe” com o espaço psíquico no qual estava inserida, isto é, com suas concepções anteriores sobre o tema, ao criar novas realidades e sentidos em torno das situações relatadas na obra à luz dos significados conferidos ao espaço e aos elementos desse *locus*, dos saberes aí produzidos, mediados e apropriados tanto por meio do artefato informacional quanto dos relatos orais de leitura e de vida aí compartilhados, configurando potenciais de transformação que reverberam em suas vivências através da expansão de seus modos de pensar e refletir sobre a realidade.

Nesse sentido, os relatos das Entrevistadas 4 e 5 retomam as perspectivas simbólicas trabalhadas por Bourdieu (2004) e psíquicas tratadas por Roubakine (1998), que nos conduzem ao potencial das experiências de leitura, sobretudo quando compartilhadas, como

modo de expansão das possibilidades de reflexão dessas leitoras sobre a realidade na qual encontram-se inseridas. Trata-se de pensarmos que os sentidos construídos em torno do objeto livro, respaldados em discussões com mulheres possuidoras de diferentes contextos e subjetividades, podem ser aplicados para refletir criticamente sobre os sentidos que moldam o mundo social, historicamente estabelecidos à luz dos interesses de classes sociais dominantes (os homens, notadamente) e operacionalizados através de mecanismos de opressão; aprofundados, nos exemplos trazidos pelas obras discutidas, nas vulnerabilidades sociais, econômicas, raciais e de gênero que acometem mulheres negras e nas concepções que orientam e determinam qual deveria ser a atuação e comportamento da mulher na seara pública (ainda mais opressoras quando envolvem a questão das mulheres que se prostituem), noções que durante muito tempo foram reforçadas, dentre outros mecanismos, por materiais de leitura direcionados às mulheres que, segundo Bourdieu (2004) e Twomey (2007) direciona sua apropriação, a construção de seu sentido, para corresponder aos interesses dominantes, como modo de reafirmar padrões opressores e restringir a atuação da mulher no mundo social.

Podemos dizer que a leitura e discussão dessas obras (por sua vez, igualmente frutos da produção de autoras que, em algum momento de suas vidas, também precisaram “deturpar” os sentidos que pautam o mundo social e são consolidados pelos livros lidos) abrem caminhos para reflexões que questionam – e propõem, ainda que até então apenas no plano “teórico” – ressignificações dos próprios sentidos que configuram esse mesmo mundo, oferecendo possibilidades de pensar na significação e atuação da mulher na realidade para além das categorizações que sempre lhes foram dadas como “verdadeiras”, sendo a apropriação de saberes a partir desses materiais direcionados para a construção de novos sentidos atribuídos ao real via leitura. Novamente, as perspectivas trazidas pelos autores evocam a centralidade das relações estabelecidas entre as entrevistadas com as experiências de leitura e umas com as outras como condições que impactam na apropriação e uso que fazem dessas leituras em seus contextos de vida, para transformações potenciais de suas próprias formas de refletir sobre temáticas que até então dificilmente pensavam criticamente, o que pode vir a reverberar na maneira como pensam e repensam a realidade e os sentidos que a configuram e, em sentido amplo, como se relacionam e agem no ambiente macrossocial.

Nesse cenário, é interessante observar que o movimento metodológico emanado do *corpus* de pesquisa reconhece nas discussões do Leia Mulheres que tratam dos textos de não-ficção – muitos dos quais são mencionados mais de uma vez pelas entrevistadas - os construtos que demarcam a expansão dos potenciais reflexivos sobre a realidade via leitura,

em contraponto aos textos literários que integram a maior parte dos materiais contemplados no clube e que constituem os elementos centrais para a ampliação dessa potência nas experiências de leitura individuais das leitoras. Apesar de o clube abranger, em sua maioria, obras de literatura, que oscilam para a “discussão sobre o livro como objeto de entretenimento”, variável pontuada no discurso da Entrevistada 1, presente na categoria de análise “Interpretações”, isto é, na experiência de leitura propriamente dita, discutindo se a história foi inspiradora e se ofereceram momentos de lazer, o debate de materiais de não-ficção parte das tentativas das mediadoras, conforme também mencionado pela Entrevistada 1 nessa mesma variável, de propor a leitura de materiais que proporcionam o debate político, a formação de pensamento crítico, isto é, que possibilitem discussões mais diretas e evidentes sobre a realidade na qual estão inseridas.

No relato da entrevistada, podemos verificar que o potencial reflexivo está na maneira como as interpretações e discussões sobre esses textos, que partem de perspectivas sobre realidades muito diferentes das participantes do Leia Mulheres, expandem as possibilidades de questionamento de crenças e estereótipos com os quais as leitoras acreditavam se identificar. Essa concepção já denota uma intencionalidade da mente que se estabelece *a priori*, à luz de suas próprias subjetividades, contextos e estados psicológicos em um dado espaço-tempo, que a torna mais propensa a pensar criticamente sobre os textos ali discutidos, bem a como apropriar os saberes produzidos e circulados nesse *locus*.

Ainda que o foco no clube não seja os aspectos políticos e sociais que eventualmente são extraídos da obra, fator já mencionado por várias das entrevistadas, as discussões em torno dos materiais de não-ficção, propostas justamente para promover o debate, acabam por ocasionar reflexões que se estendem para a realidade atual, que transcendem o objeto propriamente dito. Novamente, essa visão corrobora a importância não apenas dos processos psíquicos e cognitivos de leitura individuais, que dão sentido ao conteúdo produzido pela autora, mas também do debate, do compartilhamento de diferentes ideias e vivências, que dialogam saberes e sensações que vão ao encontro de algum nível do contexto e subjetividade das entrevistadas. A construção de saberes se dá, especialmente, a partir da maneira como as leitoras percebem essas obras, das opiniões e relatos compartilhados que deixam entrever aspectos de suas vivências, de suas subjetividades e contextos manifestados nos modos em que se apropriam desses objetos, apontando para tomadas de consciência sobre a relação desses mesmos artefatos com a realidade na qual estão inseridas, e despertando-as, pois, para novos olhares sob perspectivas, situações e temáticas até então não reconhecidas ou pouco contempladas por sua consciência.



Principalmente no que se refere às possibilidades de expansão da reflexão sobre a questão da mulher a partir das discussões transcorridas no *Leia Mulheres*, estas encontram-se posicionadas à luz de Bourdieu (2004), Roubakine (1998) e Twomey (2007) como instrumentos fundamentais para que as entrevistadas desenvolvam e ampliem suas formas de pensar sobre os mecanismos de opressão impostos às mulheres para, possivelmente, enfrentar e resistir a essas mesmas opressões em suas próprias realidades. Apesar de os debates desenrolados no clube não assumirem uma abordagem teórica e crítica sobre a condição da mulher na sociedade, sobretudo sob um viés especializado, feminista, que dê ênfase às situações de opressão vivenciadas pelo gênero, conforme nos revela os discursos das Entrevistadas 1, 2 e 5 na variável “questões sobre a mulher não constituem o foco do clube, mas surgem inevitavelmente”, presente na categoria de análise “Interpretações”, podemos verificar que essas discussões à luz de um caráter mais crítico ocorrem, sendo apontadas, especialmente, nos relatos dessas entrevistadas quando de suas experiências no clube com textos de não-ficção.

Para a Entrevistada 2 (2019, não paginado), por exemplo, ainda que as questões debatidas no clube estejam posicionadas mais nos textos literários e nas experiências das leitoras com esses materiais, “não tem como não parar para pensar o que o fato dessa escritora ser mulher influencia no conteúdo desse livro”, visão igualmente corroborada pela Entrevistada 5 ao acreditar que os livros escritos por mulheres, sobretudo quando em discussão com outras mulheres, envolvem, invariavelmente, o que é ser mulher na sociedade atual. Ambas as concepções das leitoras sugerem que, independentemente do tipo de leitura debatido no *Leia Mulheres*, discussões com uma perspectiva um pouco mais crítica sobre a condição da mulher surgem inevitavelmente, circunscritas não apenas na própria razão de ser do clube, cujo propósito de discutir obras exclusivamente de autoria feminina responde pelos esforços de dar mais visibilidade à mulher no mercado editorial, no campo literário e no espaço público, mas também por reunir, em sua maioria, participantes mulheres.

Nesse sentido, os relatos das Entrevistadas 2 e 5 acima mencionados recuperam algumas das noções trazidas por Bourdieu (2004), Roubakine (1998) e, mais especificamente sobre a temática da mulher, por Twomey (2007), sobre como os contextos externos que envolvem as condições de possibilidades de acesso ao livro e à leitura influenciam as experiências de leitura realizadas por mulheres. Esses impactos estão posicionados não apenas na apropriação de saberes a partir dos objetos lidos, mas também e, principalmente, na atribuição de sentidos que moldam sua atuação como sujeito participante de uma realidade social construída à luz de opressões e estereótipos historicamente impostos às mulheres,

sobretudo no que se refere aos materiais de leitura que durante muito tempo lhes foram destinados e tiveram sua apropriação orientada por interesses dominantes. No caso do presente estudo, as experiências de leitura compartilhadas no Leia Mulheres ampliam as possibilidades de as entrevistadas pensarem sobre sua condição como mulher, bem como de outras mulheres fora do clube, isto é, ao redor do mundo, a partir da discussão sobre materiais que buscam, em muitas vezes, questionar a própria condição e os estereótipos nos quais a figura da mulher encontra-se circunscrita.

Com base na perspectiva de Bourdieu (2004), podemos dizer que os questionamentos em torno do que as mulheres deveriam ler, como deveriam se comportar, o que deveriam almejar como sujeito, debates exemplificados pelos relatos das Entrevistadas 1, 4 e 5 que tratam da temática de gênero, racismo, desigualdades sociais e prostituição, estão a proporcionar reflexões sobre as condicionantes sempre presentes do que deveria ser uma “leitura feminina”. Trata-se de um movimento do ato de ler que se volta, de maneira simbólica, para questionar e deturbar as noções pretensamente “consolidadas” sobre o que as mulheres deveriam apropriar dos materiais lidos, utilizando os saberes e sentidos aí construídos não para pensar sobre sua condição como mulher, o que gostariam de ser, mas sim para reforçar os padrões que sempre circundaram sua atuação no mundo social, que restringiram suas possibilidades de vislumbrar a partir dessas experiências de leitura caminhos para ser nesse mesmo mundo para além daqueles que lhes foram socialmente construídos, dados à sua consciência.

A partir dos processos de leitura, das realidades criadas e das relações traçadas entre os objetos lidos com as próprias vivências das entrevistadas, cujas apropriações se manifestam nas discussões trazidas para o clube, partimos da noção de que essas discussões oferecem possibilidades de conscientizações sobre a condição da mulher, tanto a partir das obras lidas propriamente ditas, como das trocas orais sobre suas experiências de leitura e de vida, uma vez que as experiências individuais de leitura compartilhadas no clube estão entrelaçadas às histórias de vida das participantes, às formas como estão posicionadas no espaço e no tempo e concebem essa realidade a partir daí, revelando de que maneira esses atos de leitura contribuem para expandir as formas de perceber determinada temática, configurando um potencial de transformação psíquica, o que reverbera, possivelmente, em modificações em suas formas de significar, interagir e se relacionar com essa mesma realidade.

Especificamente, os construtos trazidos apontam para a centralidade do debate para promover o desenvolvimento de uma conscientização crítica, tal como propõe Roubakine (1998), uma vez que esse *locus* congrega mulheres pertencentes à diferentes contextos,

possuidoras de diferentes subjetividades e estados psíquicos, que podem ter vivências e visões distintas sobre a opressão vivenciada por ser mulher. Ainda que as entrevistadas não tenham nos relatado uma vivência direta de opressão (ou se viveram e não perceberam), as discussões em grupo permitem vislumbrar a existência desses cenários de opressão não apenas pelo simples fato de ser mulher (elemento que une simbolicamente todas as participantes do clube), como também em termos de raça, gênero e classe socioeconômica, conforme já apontado nas discussões sobre as obras *Putafeminista*, *Argonautas* e *Memórias da plantação*.

Nesse cenário, à luz das concepções de Long (2003) e Twomey (2007) sobre a relação entre mulheres e clubes de leitura, as temáticas abordadas nos textos discutidos nesses encontros, sejam estes literários ou não, transcendem o artefato informacional propriamente dito, alcançando o debate e a reflexão sobre a posição da mulher na realidade como um todo. As conexões simbólicas que surgem em torno de uma materialidade em comum, cujas discussões daí resultantes, junto aos relatos de leitura e de vida compartilhados, estreitam esses vínculos ao evidenciar semelhanças que unem as participantes apesar de suas próprias subjetividades – o fato de integrarem um gênero historicamente oprimido – possibilitam às entrevistadas traçarem relações com suas próprias vivências ou situações já vivenciadas por elas mesmas ou por outras participantes, sobretudo no que tange aos estereótipos e às ideologias dominantes masculinas que preconizam valores e categorias opressoras que regem suas concepções e condições como mulher. Tais aspectos lhes permitem pensar, pois, sobre a posição que ocupam em sua própria realidade e, em sentido mais amplo, na sociedade como um todo, de modo a expandir as possibilidades de ressignificar suas formas de pensar, refletir e se relacionar com o real. Assim, podemos pensar que esses debates suscitam, para além da produção e apropriação de saberes sobre o objeto lido, possíveis conscientizações dos espaços ocupados pelas mulheres na esfera pública, de modo a permiti-las apropriar esses conhecimentos e aplica-los em possíveis transformações em seus cenários de vida.

Nesse sentido, recorrendo à Barstow (2003), podemos dizer que, independentemente do tipo de leitura discutida, o Leia Mulheres constitui um espaço no qual as mulheres podem interagir umas com as outras, trocar experiências não apenas de leitura, mas também de vida, dos obstáculos sociais que lhes são impostos. Essas concepções dialogam centralmente com as noções apresentadas por Barstow (2003), Long (1992, 2003) e Twomey (2007), para quem os debates plurais transcorridos nesses clubes, decorrentes das diferentes visões de mundo, vivências e bagagens informacionais ali trocadas, acabam por expandir as possibilidades de as leitoras aprenderem não apenas com as discussões sobre os materiais de leitura propriamente ditos, mas também umas com as outras, a partir dos relatos sobre suas próprias vivências,

evocados através da discussão sobre leituras que se relacionam, de algum modo, com suas subjetividades, contextos e configurações psicológicas, expandido as possibilidades de refletir e compreender a si mesmas e, principalmente, a realidade.

O relato da Entrevistada 3 retoma, especificamente, a importância do debate, uma das razões pelas quais frequenta o Leia Mulheres, conforme pontuado pela variável “importância dos debates em grupo”, na categoria de análise “Motivações”, mas, principalmente, a possibilidade de pertencer à um coletivo, de ter um grupo de mulheres reunidas para compartilhar não apenas interpretações de leitura, como também vivências, ideias, pensamentos e opiniões, práticas que já lhe ajudaram a enfrentar períodos de crise em diferentes momentos de sua vida, mas que servem também para expandir suas reflexões sobre o mundo. Trata-se, fundamentalmente, a partir das reflexões de Bourdieu (2004), Roubakine (1998) e Twomey (2007), da reunião de mulheres integrantes de uma classe historicamente oprimida que, ao se juntarem para compartilhar relatos orais sobre suas vidas e atos de leitura, estão a produzir, mediar e apropriar saberes que ampliam, ainda que inconscientemente, as possibilidades de refletirem sobre a realidade na qual estão inseridas.

Conforme já apontado por Souza (2017, 2018), os clubes de leitura oferecem um espaço de sociabilidade no qual a mulher pode se manifestar, construir laços, pensar sobre suas vivências e a realidade ao redor, de modo a, segundo Petit (2009, 2013, 2019), “romper” com a estrutura psíquica na qual encontra-se vinculada. Reafirma-se o potencial resultante da reunião de mulheres em torno de uma materialidade em comum para produzir saberes que podem conduzir à uma conscientização crítica sobre a realidade, contribuindo não apenas para que as leitoras pensem e lidem melhor com si mesmas, com seus momentos difíceis, como aconteceu com a Entrevistada 3, mas também com o mundo ao redor como um todo.

Desse modo, os discursos das cinco entrevistadas nos permitem verificar no espaço do Leia Mulheres potenciais reflexivos que se ancoram não somente no artefato material propriamente dito, mas também nas interações sociais e informacionais aí desenroladas, nos relatos de leitura e de vida compartilhados que estreitam os vínculos simbólicos traçados por entre as leitoras e possibilitam o vislumbre sobre cenários, interpretações e situações pouco ou não reconhecidas por sua consciência. Tratam-se, com base na noção trazida por Marteleto (1995) sobre práticas e cultura informacional, de redes complexas de formações simbólicas fundadas em um dado espaço-tempo, respaldadas nas percepções dessas mesmas entrevistadas sobre o real que, transpostas para as discussões no clube, são ressignificadas a partir da construção de novas realidades em torno dos elementos que compõem esse *locus*, permitindo a atribuição de sentidos e significados e, por sua vez, a apropriação de saberes.

De maneira específica, o discurso das Entrevistadas 1 e 3 nos revela que, em razão da própria orientação do clube em não discutir as obras à luz de vieses teóricos e especializados, é que as mediadoras privilegiam o compartilhamento de depoimentos sobre as vivências das participantes e como os textos lidos se entrelaçam às suas histórias de vida, conforme apresentado na categoria de análise “Interpretações”, na variável “compartilhamento de vivências pessoais”. Esse posicionamento, entrevisto sobretudo no relato da Entrevistada 1 (2019, não paginado), considera que o Leia Mulheres acaba por virar “[...] essa coisa meio misturada”, porque ele [o clube] parte de um comentário sobre o texto do ponto de vista da técnica e da arte, mas ele é um contexto que a gente traz para a vida, a gente traz para a vivência. Muita gente traz depoimento do que viveu”. Em outras palavras, significa dizer que, ainda que as discussões se desenvolvam mais em torno das interações das leitoras com os objetos do que os aspectos teóricos eventualmente extraídos das obras, os debates acabam por transcender o conteúdo do artefato propriamente dito a partir das possibilidades de relações estabelecidas com as vivências das leitoras, que apontam para modos de significação e apropriação à luz de suas percepções particulares da realidade.

Nesse ponto, é interessante mencionar que, até mesmo as leitoras que não costumam se manifestar ou compartilhar suas vivências nas discussões do Leia Mulheres, cenário em que a própria Entrevistada 1 se enquadra, elas acabam por sentirem-se incentivadas a fazê-lo nas situações em que se deparam com uma obra, um trecho narrado, um relato oral trazido por alguma participante, que dialoga com seus contextos e subjetividades. Para a Entrevistada 1, até mesmo ela, que se considera muito reservada sobre sua vida, sentiu-se tocada, da mesma forma que a Entrevistada 4, ao discutirem a obra de não-ficção *Memórias da plantação*, o que lhe despertou a vontade de compartilhar algumas de suas próprias experiências de vida:

[...] é um livro de colonialismo e a família do meu pai é negra e eu vi muitos episódios de racismo na minha família. Tanto de pessoas negras que assimilaram o racismo, tanto de pessoas brancas que eram muito racistas [...] então eu me lembro que foi uma das primeiras vezes que eu falei muito da minha experiência, porque eu achei que seria interessante (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado).

Esse relato denota de que maneira os textos lidos (literários ou não), bem como os debates transcorridos no Leia Mulheres, proporcionam às entrevistadas possibilidades de estabelecerem vínculos com suas próprias vivências. A partir dos aportes de Budd (2005), Petit (2009, 2013, 2019) e Roubakine (1998), podemos dizer que essas relações propiciam, durante os processos mentais de leitura, que a Entrevistada 1 crie uma realidade em torno do texto, uma abertura para um espaço subjetivo, onde correlaciona suas próprias vivências com

o que foi lido e está sendo discutido, reconhecendo nos relatos sobre as experiências pessoais de outras leitoras (com vivências distintas das dela) elementos que dialogam com algum nível de sua subjetividade e contexto, que evocam os estados psíquicos vivenciados em um dado espaço-tempo, os sentidos, saberes e significações presentes em sua consciência, que evidenciam aspectos de seu íntimo, relações com suas vivências que talvez a leitora só tenha se dado conta quando dessa experiência compartilhada no clube, mas que acabam por expandir, de modo inconsciente, suas reflexões sobre seu contexto e a realidade na qual está inserida. Relaciona-se, ainda, a uma questão central tratada na categoria espaços em crise como uma característica presente no Leia Mulheres, mas que se adequa aqui também: a preocupação das mediadoras com a fala e escuta das participantes, que acaba por deixá-las à vontade para manifestar suas opiniões, compartilhar suas experiências não só de leitura, mas também de vida, entendendo que seus depoimentos são importantes e dignos de serem compartilhados.

Nesse sentido, essa noção reconhece nos relatos compartilhados no Leia Mulheres sobre as vivências das participantes fator central que demarca a centralidade da apropriação de saberes nesse *locus* não somente a partir dos artefatos materiais propriamente ditos, mas sim, principalmente, umas com as outras que, fundamentada nas mediações humanas, nas trocas orais, permitem que os saberes sejam apropriados a partir dos relatos de leitura e de vida ali compartilhados. Especificamente no caso da Entrevistada 1, o desejo de relatar sobre o que já viveu, apesar de ser reservada sobre sua vida, parte do que Barstow (2003) afirma sobre a criação de laços simbólicos estabelecidos entre as participantes e entre essas mesmas leitoras com os elementos e o espaço do clube, ancorados nas próprias dinâmicas do Leia Mulheres, que evidenciam a preocupação das mediadoras com a fala e escuta de cada relato, em mostrar que há um interesse em ouvir as opiniões das leitoras, de que seus depoimentos são importantes; tratam-se de aspectos que, no todo, tornam a Entrevistada 1 mais propensa não apenas a apropriar os saberes ali produzidos, circulados e mediados, mas também a sentir-se mais à vontade para compartilhar suas vivências pessoais.

As concepções trazidas sobre a expansão do potencial reflexivo via experiências de leitura compartilhadas, identificadas centralmente no discurso das Entrevistadas 1, 2, 4 e 5, retomam os processos de apropriação de saberes em *loci* tomados como não tradicionais no discurso epistemológico informacional. Essa perspectiva, trabalhada por Saldanha (2014) à luz da noção de mediações sóciotecnológicas, reconhece nos espaços de interações informacionais, simbólicas e sociais constantes, como no caso dos clubes de leitura, a centralidade das relações intersubjetivas traçadas entre participantes possuidoras de diferentes

contextos e subjetividades e entre essas mesmas participantes com os objetos lidos; retoma ainda as trocas de relatos orais de leitura que se entrelaçam às vivências de leitoras que formam e integram à realidade social, considerando ambas as práticas como mediações simbólicas de produção, circulação e apropriação de saberes, que se manifestam através da interação com o artefato (mediação tecnológica), e com os depoimentos trazidos pelas leitoras (mediação humana).

Esse potencial reflexivo está não somente na seleção dos textos a serem discutidos, os quais seu próprio conteúdo denota a intenção das mediadoras, já mencionada pela Entrevistada 1, de proporem materiais que suscitam o debate crítico, que visam a questionar as noções dominantes com as quais nos identificamos (ainda que não tenha muita aderência), de modo a impactar as Entrevistadas 4 e 5, como também os relatos trazidos pelas demais participantes, permeados por seus modos de enxergar a realidade, de produzir conhecimento sobre um dado material, vivências que integram os relatos emitidos e evocam nas entrevistadas processos psíquicos que as permitem ressignificar suas próprias visões de mundo, pensar criticamente o contexto no qual encontram-se inseridas, sobre a própria condição de ser mulher.

Tratam-se, a partir da visão de Saldanha (2014), de objetos e atores significados na ação em torno de uma materialidade em comum, cujas relações simbólicas construídas através dos relatos orais compartilhados pelas participantes, seja sobre a obra propriamente dita ou sobre como esta se relaciona com sua história de vida, oferecem oportunidades para que as leitoras intensifiquem a reflexão sobre determinadas temáticas, como as que já foram aqui mencionadas, de modo a construir novos olhares ou ressignificar os sentidos, significados atribuídos à essas experiências de leitura, sendo os saberes apropriados aplicados nos modos como pensam, refletem e se relacionam com a realidade fora do *Leia Mulheres*.

Desse modo, os relatos trazidos pelas entrevistadas retomam as considerações apontadas por Bourdieu (2004), Petit (2009) e Roubakine (1998) sobre a leitura como um novo modo de pensar a realidade, sendo concebida como uma leitura do mundo, no qual os saberes daí apropriados podem ser aplicados para pensar e refletir sobre esse mesmo mundo, conduzindo, pois, à criação de uma “vida nova”. Para o teórico russo, essa reflexão parte do esforço de possibilitar às classes historicamente oprimidas a apropriação de instrumentos (concebidos via *práxis* da leitura) que lhes dariam os conhecimentos necessários para o desenvolvimento de uma conscientização crítica, que se direciona para a percepção da realidade em toda sua desigualdade, para então poder transformá-la. Os saberes apropriados a partir dessas experiências, concepção também ressaltada por Bourdieu (2004) e Petit (2009,

2013), tornam-se, portanto, instrumentos em potencial de resistência aos mecanismos de opressões sociais que vulnerabilizam diferentes grupos sociais em diversas partes do mundo, principalmente as mulheres sob as quais lançamos os nossos olhares, propondo uma transformação que ultrapassa a seara pessoal para alcançar um nível social, isto é, as macroestruturas econômicas, sociais, políticas e culturais – significativamente desiguais - que formam esse mesmo mundo.

De modo específico, apesar de o presente trabalho não contemplar a transformação pela ótica social, os aportes roubakinianos nos permitem uma articulação teórica que reconhece nos processos psíquicos transcorridos durante o ato de ler, sobretudo em experiências de leitura compartilhadas, as possibilidades de desenvolvimento de uma conscientização crítica de grupos sociais historicamente oprimidos, como as mulheres. Se, para o autor, o potencial transformador se daria através da compreensão coletiva sobre os saberes presentes nos artefatos informacionais, podemos pensar que as discussões que se desenrolam nos clubes de leitura possibilitam uma compreensão igualmente coletiva desses mesmos artefatos.

Além disso, as relações estabelecidas com a leitura integram e são resultados de uma transformação que é, *a priori*, pessoal, cujas possibilidades da expansão do potencial reflexivo decorrem de saberes apropriados em processos de leitura que se efetivam à luz dos modos particulares de as entrevistadas conceberem e refletirem sobre o real, mas que, quando compartilhados, podem ganhar novos contornos de acordo com as práticas informacionais desenroladas no clube. Tratam-se de concepções que sugerem, tal como proposto por Petit (2009, 2013, 2019), construções e reconstruções das estruturas cognitivas e psíquicas dessas leitoras em um nível subjetivo, para então serem transpostas, consciente ou inconscientemente, para as relações intersubjetivas com a realidade, isto é, para a análise do mundo que as cerca, uma vez que são essas mesmas estruturas que orientam e demarcam os modos como essas leitoras pensam, refletem, se relacionam e se posicionam na realidade.

No caso das nossas leitoras, as noções roubakinianas se articulam aos dados emanados do *corpus* à luz da opressão dessas mulheres não pela ótica das vulnerabilidades socioeconômicas propostas originalmente pelo autor, mas sim de gênero, elemento que as une, dadas as devidas particularidades de seus contextos, às opressões vivenciadas por diversas mulheres em diferentes partes do mundo. Apesar de as propostas de Roubakine (1998) estarem ancoradas na expansão desse potencial reflexivo a partir da apropriação da leitura por grupos sociais oprimidos à luz das desigualdades de ordem social e econômica aos quais estão expostos, não há como desconsiderarmos que, no caso do presente trabalho, essas



possibilidades de reflexão decorrem de maneira significativa em razão do contexto de privilégio no qual as entrevistadas encontram-se inseridas, visão destacada pelas Entrevistadas 1, 3 e 4.

Esse contexto é representado por mulheres com escolaridade avançada, como curso superior e mestrado completos, condições socioeconômicas que não as expõem a determinadas vulnerabilidades, evidenciadas por suas rendas mensais, ocupações e bairros onde residem (muitos considerados “zonas nobres” na cidade do Rio de Janeiro), bem como disponibilidade de tempo para ler e participar de um clube de leitura em uma quarta-feira à noite; aspectos que, se comparado com o restante da sociedade, revelam certas prerrogativas e atos intencionais de mentes que se predispõem a apropriar e refletir criticamente sobre os materiais discutidos no Leia Mulheres. Inclusive, a maneira como essas leitoras chegaram ao clube, através da atuação na *internet* no universo da leitura ou por indicação de amigas, como indicado na categoria de análise “Aproximações”, já denota, *a priori*, a circulação em um “nicho privilegiado”, no qual o acesso à leitura e ao livro demarcam o alcance às condições infra estruturais, psíquicas, e cognitivas consideradas essenciais por Bourdieu (2004) e Roubakine (1998) para o desenvolvimento de uma conscientização crítica coletiva sobre a realidade; o que corrobora, mais uma vez, o privilégio das entrevistadas em relação à outras mulheres em situações significativamente desiguais, apesar dos mecanismos de opressão de gênero que as unem.

Nessa perspectiva, é interessante observar que, apesar de inseridas em um nicho privilegiado, as entrevistadas estudadas demonstram certo reconhecimento sobre essa condição, ressentindo-se ao afirmarem que as estruturas que formam o Leia Mulheres acabam por atrair e reafirmar a participação de um público que pensa de forma um tanto quanto semelhante e que integra, em sua maioria, esse mesmo círculo de mulheres com possibilidades de acesso ao livro, à leitura, à disponibilidade de tempo para ler e, principalmente, com nível de escolaridade que oferece condições para pensar criticamente sobre esses materiais. Para a Entrevistada 3, por exemplo, essa situação é entrevista no aumento considerável de participantes no Leia Mulheres, que pode revelar um indicativo de que existem poucos clubes de leitura em diferentes lugares:

[...] uma coisa que a gente se ressenete também no Leia é que é um clube de pessoas de classe média da Zona Sul do Rio e, quando você vai ver o Leia da Baixada Fluminense, tem três ou quatro pessoas. Não sei também qual a solução para isso, mas é uma coisa que me entristece [...] mas fica aqui uma inspiração. Que os Leias se multipliquem pelo Brasil e pelo Rio de Janeiro (ENTREVISTADA 3, 2019, não paginado).

No relato da Entrevistada 4, podemos observar que essas visões se manifestam de maneira significativa nas discussões sobre livros de não-ficção, cujas opiniões apresentadas resultam no que a leitora concebe como “incipiência de opiniões políticas e sociais diversificadas”, variável presente na categoria de análise “Interpretações”. Para a entrevistada, apesar das oportunidades de aprendizado decorrentes do compartilhamento de diferentes interpretações de leitura, os posicionamentos manifestados pelas participantes no que se refere aos aspectos sociopolíticos que surgem eventualmente nas discussões são muito semelhantes em razão de estarem inseridas, em sua maioria, no que a leitora denomina como uma “elite cultural” na qual ela mesma se inclui – já evidenciadas pelas condições “privilegiadas” apresentadas acima - e que poucas têm acesso. Ainda que as discussões proporcionem possibilidades de reflexões que tiram, em muitas vezes, a própria Entrevistada 4 de sua “zona de conforto”, conforme já apresentado mais acima em suas experiências no Leia Mulheres com a obra *Memórias da plantação*, o que amplia os potenciais de transformação psíquica, esse potencial poderia se expandir mais ainda se o clube abarcasse um público de contextos socioeconômicos mais diversificados.

Esses aspectos são observados, centralmente, nos debates sobre os títulos *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus e no já mencionado *Memórias da plantação*, ambas discussões que proporcionaram à leitora tomadas de consciência, rupturas com o espaço psíquico no qual estava inserida, não apenas no que se refere à temática do racismo, mas também sobre como esse mesmo racismo transcende de maneira estrutural e simbólica o conteúdo da obra discutida e reverbera na própria incipiência de mulheres negras presentes nesses encontros para debater um livro escrito por uma autora negra, para trazer suas visões, seus lugares de fala, o que denota uma série de questões sociais, simbólicas e econômicas que respondem por essa “ausência”, mas que não nos cabe discutir aqui. A leitora nos revela:

[...] a gente perde muito nas discussões, por conta de ser um monte de gente branca discutindo o racismo e aí é o momento que a gente fica mais triste ainda por ser uma elite cultural e que, infelizmente, poucas pessoas têm acesso, porque a discussão seria infinitamente melhor se a gente chegasse à outros lugares. [...] na discussão da Grada Kilomba... incomodou. Tinha, tipo, três mulheres negras ali no meio de gente branca discutindo o racismo numa livraria em Botafogo [considerado zona nobre da cidade do Rio de Janeiro]. É uma elite intelectual que chega ali. Infelizmente, fica muito restrito [...] (ENTREVISTADA 4, 2019, não paginado).

Por outro lado, para a Entrevistada 1, essas concepções sugerem que, apesar da incipiência de uma pluralidade maior no que se refere aos contextos socioeconômicos das leitoras que frequentam o Leia Mulheres, algumas dinâmicas propostas pelo clube – ainda que

sem uma aderência significativa – em debater materiais de leitura que visam expandir as possibilidades de reflexão para além de seus próprios contextos, ancoradas, sobretudo, em visões e opiniões trazidas por participantes que dialogam vivências as quais considera que “o público majoritário ali da Zona Sul” não têm, acabam por ampliar as oportunidades de as entrevistadas refletirem sobre temáticas não reconhecidas ou contempladas apenas superficialmente por sua consciência:

A gente tem participantes negras, a gente tem gente que vai da Zona Oeste, que vem da Baixada [Fluminense] e que, em muitas vezes, traz vivências que o público majoritário ali da Zona Sul [considerada zona nobre da cidade do Rio de Janeiro], que consegue ter um grupo de leitura na quarta, de noite, nem sempre tem. Eu acho que o nosso Leia tem muita empatia, muita boa vontade, mas a gente também é cercado pela bolha. Então essas discussões são muito interessantes também para a gente entender o outro lado e entender as complexidades da sociedade (ENTREVISTADA 1, 2019, não paginado).

Os relatos trazidos pelas Entrevistadas 1, 3 e 4 nos direcionam à algumas das noções trabalhadas por Long (2003) no contexto dos clubes de leitura, nas quais a autora posiciona que, apesar das similaridades características no que se refere aos contextos socioeconômicos e às formas de pensar da maioria de suas integrantes, qualquer diferença, quando vivenciada no cenário de um grupo social pequeno – como o caso do Leia Mulheres – pode ser significativa. Essas distinções partem da concepção de que essas mulheres estão inseridas na realidade social de formas múltiplas, sendo possuidoras de contextos, subjetividades e estados psicológicos igualmente particulares, cujos modos de percepção do real determinam a maneira como interagem, pensam e significam o espaço do clube e os elementos que o compõem, evidenciando a singularidade de cada apropriação e expandindo, pois, as possibilidades de reflexão apesar das aproximações dos contextos que as unem.

Especificamente, as experiências pessoais trazidas pelas participantes nas discussões no Leia Mulheres, concebidas como fatores centrais pelas Entrevistadas 1 e 3, acabam por evocar essas particularidades, as subjetividades que permitem que, apesar das trocas de opiniões aparentemente muito similares entre si, essas mesmas vivências, subjetivas em sua essência, proporcionem tomadas de consciência que resultam em novos sentidos, novos olhares que possibilitam às entrevistadas pensar sob outras perspectivas. Muitos dos saberes produzidos e circulados nesses ambientes as permitem refletir sobre temáticas e pontos de vista que até então não faziam parte de suas realidades, de suas formas de perceber e conceber o real.

Desse modo, ainda ancorados nas noções propostas por Roubakine (1998), os relatos apresentados pelas entrevistadas nos revelam que, apesar dos contextos de privilégio nos quais estão circunscritas por serem mulheres com condições de acesso ao que muitas no nosso próprio país e ao redor do mundo não têm, as leitoras não deixam de estar expostas e vulneráveis aos cenários de opressão de gênero que decorrem do simples fato de serem mulheres e compartilham, em maior ou menor grau, de valores, comportamentos e censuras opressoras impostas por ideologias masculinas dominantes em uma sociedade ainda rigidamente patriarcal, no qual as experiências de leitura, inclusive as compartilhadas no *Leia Mulheres*, configuram instrumentos em potencial de expansão de suas possibilidades de reflexão sobre o mundo.

Em sua dimensão simbólica, trata-se de conceber, à luz de Bourdieu (2004), as experiências de leitura como “pontos de partida”, instrumentos de ampliação das oportunidades de desenvolvimento de uma conscientização crítica no que se refere à uma “transformação psíquica”, isto é, em seus modos de pensar, perceber e interagir com a realidade para além de seus próprios contextos, proporcionando, tal como já proposto por Petit (2019), aberturas para espaços subjetivos, atividades psíquicas que se direcionam para o conhecimento da realidade de outras mulheres, sobre como essas mesmas realidades estão circunscritas em mecanismos de opressões, inclusive em condições mais opressoras que as delas próprias, em favor de ideologias masculinas dominantes, o que pode se estender para refletirem, lutarem e resistirem aos diversos mecanismos de opressão impostos ao sexo feminino.

Reafirma-se, novamente, a importância do debate, sobretudo a reunião de mulheres para falar sobre livros e sobre vida, algo tão fundamental para que as Entrevistadas 1 e 3 lidassem com seus momentos de crise, mas também para contribuir para que elas mesmas, junto às Entrevistadas 2, 4 e 5, possam subverter as antigas noções dominantes sobre a “leitura feminina” e expandir seus modos de pensar e refletir sobre o mundo social. Assim, se, para as Entrevistadas 1 e 3, algumas obras foram centrais para ajuda-las a enfrentar seus contextos de crise, oferecendo novos vislumbres de caminhos de vida a serem seguidos, para as Entrevistadas 2, 4 e 5, esses marcos se manifestam através das tomadas de consciência trabalhadas por Petit (2019), que encontram no espaço próprio criado em torno da narrativa os subsídios que permitem às leitoras vislumbrar realidades de outros grupos sociais que conheciam pouco ou nem sabiam existir a partir da leitura, vindo a descobrir que outros também passam pelas mesmas angústias, confusões, fazem as mesmas perguntas que elas. Uma nova abertura é vislumbrada a partir dessas leituras, as quais, ainda que não voltadas

especificamente para o enfrentamento de contextos de crise, conforme a abordagem original proposta pela autora, sugerem igualmente novas possibilidades de refletir e conceber a realidade ao redor.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras, todo tipo de leitura, ajudam a considerar a realidade de um outro ponto de vista e ampliar o balão que se desdobra quando observamos uma parcela do mundo, um objeto, um ser, a dotá-los de detalhes ou a fazer surgir mil histórias  
(PETIT, 2019, p. 135).

Com este estudo, buscamos explorar o potencial das experiências de leitura individuais e compartilhadas para a transformação pessoal de mulheres leitoras pertencentes a clubes de leitura. Uma das primeiras dificuldades encontradas ao longo do desenvolvimento da pesquisa foi a verificação de uma certa incipiência de estudos e discussões sobre a leitura no âmbito nacional da Ciência da Informação, especificamente em sua relação com os clubes de leitura e as perspectivas da mulher; consultas realizadas na BRAPCI através de uma revisão de literatura aleatória que cobre o período compreendido entre 1972 a 2019 nos revelaram que a temática ainda é pouco discutida no contexto brasileiro. Desse modo, foi preciso buscar em fontes de outras áreas do conhecimento e na literatura especializada internacional do campo relações e diálogos que nos permitissem estudar o tema proposto, reafirmando ainda mais a interdisciplinaridade característica do campo informacional.

Além disso, a temática da leitura, complexa e desafiadora em sua essência, nos demandou um olhar cuidadoso sobre os relatos coletados, um olhar que, apesar de nos lançar para as histórias de vida e de leitura das leitoras entrevistadas, deveria, ao mesmo tempo, nos permitir certo distanciamento das narrativas que nos eram reveladas. Ao longo do processo de análise e discussão dos dados, em razão da escolha do método de história de vida tópica e da minha própria condição como mulher, foi difícil manter a todo momento esse distanciamento que me era essencial, uma vez que me sentia identificada com determinados trechos das entrevistas, principalmente aqueles que se debruçam sobre temáticas discutidas no Leia Mulheres que evidenciam nossa condição oprimida como mulher em um mundo social ainda patriarcal. Por isso, em muitas vezes, foi preciso voltar às entrevistas e relê-las com um olhar mais distanciado e minucioso, para que minhas opiniões próprias sobre o tema estudado não interferissem em demasiado na análise e discussão dos resultados alcançados.

Nesse sentido, o método de história de vida tópica selecionado para o presente estudo nos possibilitou interpretar e compreender as relações estabelecidas entre mulheres leitoras e experiências de leitura, sejam estas individuais ou compartilhadas, como caminho potencial de expansão de seus modos de lidar consigo mesmas e, em sentido mais amplo, de refletir sobre o mundo ao redor. De maneira específica, as abordagens fenomenológicas, simbólicas e

psíquicas elencadas posicionam no contexto e na subjetividade, elementos centrais que nos permitiram analisar e compreender essas relações, a maneira como as entrevistadas utilizam a leitura não apenas como instrumento para lidar com seus momentos de crise, para se (re)construírem e encontrarem novas significações para si mesmas, mas também para pensar o mundo e expandir suas reflexões sobre essa mesma realidade.

Os espaços em crise vivenciados pelas leitoras em momentos distintos de suas vidas encontraram na leitura, principalmente quando compartilhada nos clubes de leitura, vislumbres de novas possibilidades de ser e atuar no mundo, de lidar com suas adversidades e perceber que outros caminhos eram possíveis. Sobressaem-se, especialmente, o Leia Mulheres como espaço no qual as mulheres podem se reunir em torno de uma materialidade em comum e trocar não apenas experiências de leitura, mas também vivências pessoais que as unem independentemente de contextos e subjetividades particulares, encontrando no fato de serem mulheres semelhanças que as possibilitam criar laços umas com as outras e enxergar no clube um ambiente de acolhimento em que podem e se sentem à vontade para dar voz aos seus pensamentos, angústias e opiniões. Trata-se de posicionar a leitura e, precisamente, as interações sociais e simbólicas que resultam a partir de suas experiências, como instrumento que possibilitou às entrevistadas encontrar forças para enfrentar doenças e conflitos pessoais, de modo a estabelecer novos modos de pensar sobre si mesmas, de traçar novas relações com sua própria subjetividade.

As experiências de leitura sugerem um movimento, uma abertura para um espaço psíquico e simbólico em que as entrevistadas puderam encontrar, em um dado momento de suas vidas, novos horizontes de ressignificação de si mesmas e de suas vidas, de modo a pensa-las de modo diferente. São essas possibilidades, pois, apesar de não constituírem transformações efetivas e imediatas propriamente ditas, que configuram os potenciais, os pontos de partida para que essas transformações possam, de fato, ocorrer em outros contextos de suas vivências; é a partir do olhar das leitoras voltado para si, do (re)conhecimento, da (re)descoberta de aspectos presentes em seu íntimo, mas que até então não haviam se dado conta, que ofereceram os construtos para que tenham sentido e enxergado a existência de outras possibilidades de caminhos a serem seguidos para além das crises nas quais encontravam-se encurraladas. Evoco novamente Petit (2019, p. 134), cujo potencial de transformação é evidenciado a partir da “[...] a ideia de que eles poderiam tornar-se outra coisa, o desejo por um outro destino. E às vezes o espaço reconquistado não somente areja o cotidiano, mas desemboca em projetos concretos”.

Ao mesmo tempo, para além dos espaços em crise, as experiências de leitura, sobretudo as compartilhadas no Leia Mulheres, apontam para a reorientação dos olhares das entrevistadas para novos modos de refletir e perceber não apenas suas próprias crises, mas também o mundo ao redor a partir da discussão com outras mulheres. As temáticas discutidas no clube, por vezes, reorientam esse olhar ao fazê-las pensar sob perspectivas e sobre assuntos até então pouco ou nada contemplados por sua consciência, por despertar tomadas de consciência que as fazem refletir não apenas sobre sua condição como mulher, mas também sobre a condição de diferentes mulheres ao redor do mundo, de modo a questionar os mecanismos de opressão que as silenciam e aprisionam e, principalmente, subverter categorizações estereotipadas sobre o que a mulher deveria ler, como deveria apropriar e construir sentido em torno dos materiais lidos. Essas noções posicionam nos clubes de leitura, na reunião de mulheres para discutir experiências de leitura, o potencial de expansão das reflexões sobre a realidade em que estão inseridas, podendo vir a reverberar em sua própria atuação no mundo social.

Nessa mesma direção, adentrar as histórias de leitura e vida das entrevistadas, analisar e discutir seus relatos, evocou em mim uma própria tomada de consciência, que se direciona para nossa condição oprimida como mulher em sentido amplo, mas que, ainda assim, torna-se privilegiada quando dos inúmeros mecanismos de opressões contra as mulheres que se aprofundam em contextos de desigualdades socioeconômicas e raciais, por exemplo. Apesar de não ter sido o foco da presente pesquisa explorar o debate sociopolítico da emancipação da mulher, tampouco estabelecer esse debate à luz de macroestruturas sociais, é preciso entender que as entrevistadas estudadas falam de um lugar de privilégio em relação à tantas outras mulheres no Brasil, tanto por tratarem-se de mulheres brancas quanto por não encontrarem-se em situações de vulnerabilidades socioeconômicas.

Ainda que falem de um lugar privilegiado, a micro realidade das leitoras entrevistadas nos possibilitaram vislumbrar o potencial da leitura para uma transformação que se dá de forma pessoal, subjetiva, mas que pode alcançar a seara intersubjetiva, social, entrevendo potências de transformação que podem reverberar de modo efetivo na estruturação do mundo social. Nesse sentido, uma das lacunas abertas pelo estudo está na necessidade de analisar e compreender as condições de possibilidades de leitura e, principalmente, como a distribuição dos recursos que propiciariam essa transformação é feita de forma intencionalmente desigual.

Por essa razão, posso dizer que a epígrafe que inaugura a seção final da primeira etapa deste trabalho, trazida de forma tão poética por Michèle Petit (2019), talvez sintetize tudo o que buscamos tratar ao longo da presente pesquisa: a leitura como caminho potencial de



transformação a partir dos novos modos de enxergar a realidade e nós mesmas. Digo primeira etapa deste trabalho, pois a temática da leitura nos lança para a concepção de que seus potenciais de transformação não se encerram nas transformações pessoais; muito pelo contrário, eles se iniciam justamente na seara subjetiva, alcançando na expansão de nossa reflexão sobre a realidade ao redor e na maneira como nossos espaços em crise nos possibilitam enxergar na leitura novas relações com nós mesmas e com o mundo, potenciais imensuráveis que reverberam nessa mesma realidade. Esse movimento aponta para possibilidades inúmeras de desdobramentos de estudos futuros, dentre os quais podemos destacar um aprofundamento sobre o potencial da leitura como transformação sob a dimensão sociopolítica, seja no próprio contexto de gênero ou de vulnerabilidades socioeconômicas que atinge outros grupos sociais oprimidos, encontrando nos aportes de Nicolas Roubakine, bem como na perspectiva crítica à luz da epistemologia do campo informacional, construtos que nos permitam estudar a leitura como instrumento de emancipação, capaz de nos conduzir à transformação nas estruturas sociais, à criação de uma “vida nova”, tal qual proposta pelo pensamento roubakiniano.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. A leitura do romance. *In: ABREU, Márcia. Os caminhos dos livros.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. p. 265-342.

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Mediação como processo semiótico: em busca de bases conceituais. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, João Pessoa, v. 5, p. 1-18, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/114919/ISSN19835116-2012-05-01-01-18.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 mar. 2019.

ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2008. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/6975>. Acesso em: 24 mar. 2019.

ÁLVAREZ ÁLVAREZ, Carmen. Clubs de lectura: ¿una práctica relevante hoy?. *Información, Cultura y Sociedad*, Buenos Aires, v. 35, p. 91-106, dez. 2016. DOI: 10.34096%2Fics.i35.2512. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/ICS/article/view/2512>. Acesso em: 19 out. 2019.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/985/1026>. Acesso em: 22 nov. 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Manifestações (e ausências) de pensamento crítico na Ciência da Informação. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 9-29, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/3364/2750>. Acesso em: 28 dez. 2018.

BARSTOW, Jane Missner. Reading in groups: women's clubs and college literature classes. *Publishing Research Quarterly*, v. 18, n. 4, p. 3-17, dez. 2003. DOI: 10.1007/s12109-003-0010-x. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12109-003-0010-x>. Acesso em: 17 out. 2019.

BORGES, Ellen Valotta Elias. O texto além das palavras: uma visão ampliada da apropriação da informação por meio de textos literários. *Brazilian Journal of Information Science: Research Trends*, Marília, v. 10, n. 3, p. 15-24, 2016. DOI: 10.5016/brajis.v10i3.5681. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/14569>. Acesso em: 18 nov. 2018.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. *In: CHARTIER, Roger (org.). Práticas da leitura.* 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 231-253.

BOURDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados, literatura. *In: BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas.* São Paula: Brasiliense, 2004. p. 134-146.

BUDD, John. Phenomenology and information studies. *Journal of Documentation*, Yorkshire, v. 61, n. 1, p. 44-59, 2005. DOI: 10.1108/00220410510578005. Disponível em:

<https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/00220410510578005>. Acesso em: 15 fev. 2019.

BURWELL, Catherine. Reading Lolita in times of war: women's book clubs and the politics of reception. *Intercultural Education*, [s.l.], v. 18, n. 4, p. 281-296, out. 2007. DOI: 10.1080/14675980701605147. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14675980701605147>. Acesso em: 22 out. 2019.

CARVALHO, Larissa Akabochi de. *As mulheres na sociedade da informação: acesso, uso e apropriação da leitura*. Orientadora: Giulia Crippa. 2014. 239 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-20012015-144726/publico/LARISSAAKABOCHIDECARVALHOVC.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DENZIN, Norman. The biographical method. In: DENZIN, Norman. *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. 3. ed. New Jersey: Prentice Hall, 1989. p. 182-209.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Lazer, leitura de romances e imaginário. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 117-123, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/131/315>. Acesso em: 15 nov. 2018.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. *O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries*. Orientadora: Nice Menezes de Figueiredo. 1998. 247 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1998.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Os múltiplos aspectos e interfaces da leitura. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, não paginado, dez. 2002. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/44758>. Acesso em: 27 abr. 2019.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. *Ciências & Cognição*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 28-37, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v10/v10a04.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; PINHEIRO, Edna Gomes. Incursões teórico-metodológicas da etnometodologia na Ciência da Informação: aplicações em pesquisas sobre leitura. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 25, n. 3, p. 49-61, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/22773/14523>. Acesso em: 22 nov. 2018.

EDMUND HUSSERL. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2019]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund\\_Husserl](https://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund_Husserl). Acesso em: 10 maio 2019.

HALL, Catherine. Sweet home. In: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 47-78.

JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A leitora no banco dos réus. In: LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996. p. 235-305.

LEIA MULHERES. *Clubes RJ*. [S.l.: s.n.], c2015b. Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/local/rj/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

LEIA MULHERES. *Leia Mulheres: Rio de Janeiro*. [S.l.: s.n.], c2015c. Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/local/rio-de-janeiro/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

LEIA MULHERES. *Sobre nós*. [S.l.: s.n.], c2015a. Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

LONG, Elizabeth. *Book clubs: women and the uses of reading in everyday life*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

LONG, Elizabeth. Textual interpretation as collective action. *Discourse*, Detroit, MI, v. 14, n. 3, p. 104-130, 1992. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41389235>. Acesso em: 24 out. 2019.

LYOTARD, Jean-François. *La fenomenología*. 5. ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1973.

MARTELETO, Regina. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 1-8, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613/615>. Acesso em: 17 mar. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Modalidades de abordagens compreensivas. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010. p. 143-169.

NAFISI, Azar. *Reading Lolita in Tehran: a memoir in books*. New York: Random House, 2003.

OTLET, Paul. *Tratado de documentação*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2018.

PERROT, Michelle. A alma. In: PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 83-108.

PEPLOW, David. 'Oh, I've known a lot of irish people': reading groups and the negotiation of literary interpretation. *Language and Literature*, [s. l], v. 20, n. 4, p. 295-315, 2011. DOI: 10.1177/0963947011401964. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0963947011401964>. Acesso em: 18 set. 2019.

PETIT, Michèle. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETIT, Michèle. *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. São Paulo: Editora 34, 2019.

POLLECK, Jody. Creating transformational spaces: high school book clubs with inner-city adolescent females. *The High School Journal*, Carolina do Norte, v. 93, n. 2, p. 50-68, jan./fev. 2010. DOI: 10.1353/hsj.0.0042. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/375950>. Acesso em: 18 nov. 2019.

PRADO, Geraldo. Leitura: um compromisso social em expansão. In: NOVAES, Claudio Cledson; BESNOSIK, Maria Helena da Rocha; REIS, Mírian Sumica Carneiro (Org.). *Livro, leitura e inclusão social no sertão baiano*. Feira de Santana, BA: UEFS Editora, 2016. p. 101-120.

PRADO, Marcos Aparecido Rodrigues do. A fenomenologia da informação: reflexões essenciais sobre a matriz do conhecimento. *DataGramaZero*, v. 14, n. 4, p. [1-26], ago. 2013.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

REBELLO, Isabel Santana da Conceição. *Biblioteca infantil, leitores e leitura: um estudo a partir da dispersão da literatura especializada*. Orientador: Gustavo Silva Saldanha. 2015. 95 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11917>. Acesso em: 31 out. 2018.

RODRIGUEZ, Simone Meirelles. Leitoras com coração: usos de leitura dos romances sentimentais de massa. *Revista Letras*, Curitiba, n. 65, p. 23-37, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/4294/3443>. Acesso em: 16 nov. 2018.

ROUBAKINE, Nicolas. *Introduction à la psychologie bibliologique*. Paris: Association Internationale en Bibliologie, 1998. v. 1.

SALDANHA, Gustavo Silva. A invenção da Ciência da Informação segundo Nicolas Roubakine (Rubakin). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. *Anais eletrônicos....* 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1089/529>. Acesso em: 22 nov. 2019.

SALDANHA, Gustavo Silva. Gramática de la intencionalidad en los estudios informacionales: estados maquínicos como objeto de la intención simbólica. In: RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel (coord.). *La intencionalidad en la Ciencia de la Información*

*Documental*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018. p. 75-105.

SALDANHA, Gustavo Silva. Mediações e formações simbólicas: notas cassirerianas sobre linguagem, conhecimento e cultura na Ciência da Informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 15., 2014, Belo Horizonte. *Anais eletrônicos...* 2014. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt3>. Acesso em: 19 mar. 2019.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Cultura feirante de informação: um relato de campo sobre as feiras de livro do Rio de Janeiro. *Informação e Informação*, Londrina, v. 22, n. 3, p. 269-296, set./out. 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n3p269. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/27663>. Acesso em: 15 mar. 2019.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. A feira de livros a partir de narrativas orais: uma experiência simbólica na cultura informacional do Rio de Janeiro. *INCID*, v. 9, n. 1, p. 168-193, mar./ago. 2018. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v9i1p168-193. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/140617>. Acesso em: 15 mar. 2019.

SÁNCHEZ-GARCÍA, Sandra; YUBERO, Santiago. Función social de las bibliotecas públicas: nuevos espacios de aprendizaje y de inserción social. *El profesional de la información*, v. 24, n. 2, p. 103-111, mar./abr. 2015. Disponível em: <http://www.elprofesionaldelainformacion.com/contenidos/2015/mar/03.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SAVOVA, Elena. Avant-propos. *In: ROUBAKINE, Nicolas. Introduction à la psychologie bibliologique*. Paris: Association Internationale en Bibliologie, 1998. v. 1. p. 7-18.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e Biblioteconomia. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92/92>. Acesso em: 19 mar. 2019.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; SALDANHA, Gustavo Silva. A caminho da compreensão do “social” da Ciência da Informação: questionando a resignificação de conceitos segundo os estudos sociais da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 17., 2016, Bahia. *Anais eletrônicos...* 2016. Disponível em: Acesso em: 19 nov. 2019.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de. Clubes de leitura: entre sociabilidade e crítica literária. *Informação & Informação*, Londrina, v. 23, n. 3, p. 673-695, set./dez. 2018. DOI: 10.5433/1981-8920.2018v23n3p673. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/29187>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de. Mediações entre as expectativas do leitor comum e do crítico literário em relação aos clubes de leitura. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18., 2017, Marília, SP. *Anais eletrônicos...* 2017. Disponível em:

<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/14/527>. Acesso em: 10 out. 2019.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TSVETKOVA, Milena. Conflicts with the reading and their decisions through the bibliopsychology. *International Journal of Media and Information Literacy*, v. 1, n. 2, p. 128-145, 2016. DOI: 10.13187/ijmil.2016.2.128. Disponível em: [http://ejournal46.com/journals\\_n/1482839264.pdf](http://ejournal46.com/journals_n/1482839264.pdf). Acesso em: 4 dez. 2019.

TWOMEY, Sarah. Reading “woman”: book club pedagogies and the literary imagination. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, v. 50, n. 5, p. 398-407, 2007. DOI: 10.1598/JAAL.50.5.6. Disponível em: <https://ila.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1598/JAAL.50.5.6>. Acesso em: 4 dez. 2019.

TURNER, Deborah. Orally-based information. *Journal of Documentation*, Yorkshire, v. 66, n. 3, p. 370-383, 2010. DOI: 10.1108/00220411011038458. Disponível em: <https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/00220411011038458?journalCode=jd>. Acesso em: 20 jun. 2019.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *A formação do romance inglês: ensaios teóricos*. São Paulo: FAPESP, 2007.

## **APÊNDICE A – SOLICITAÇÃO DE PERMISSÃO ÀS MEDIADORAS DO LEIA MULHERES RIO DE JANEIRO PARA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO**

Oi, [nome da mediadora].

Tudo bem?

Meu nome é Amanda Salomão e sou mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI IBICT-UFRJ), sob a orientação do Prof. Gustavo Silva Saldanha. Minha pesquisa versa sobre a leitura como um instrumento de transformação pessoal sob a perspectiva de mulheres participantes de clubes de leitura. No momento, estou na fase da pesquisa de campo, a qual se desenvolve por meio de intervenções em clubes de leitura que se dedicam a discutir a temática feminina. Escolhemos, para tanto, o clube Leia Mulheres Rio de Janeiro, em razão de sua atuação como um espaço que visa debater não apenas obras escritas por mulheres, mas também sua posição na sociedade como um todo, de modo que acreditamos que as discussões aí desenroladas constituem um potencial para a transformação pessoal de mulheres leitoras. Desse modo, como metodologia principal de coleta de dados, optamos por realizar entrevistas com as participantes e mediadoras do clube, caso seja possível. Para selecionar as mulheres a serem entrevistadas, pensamos em distribuir um simples questionário (respondido em menos de 5 minutos), que busca identificar quem são essas participantes e se elas concordam em contribuir para a pesquisa. O contato para as entrevistas será feito posteriormente, caso elas topem participar. Verifiquei que o próximo encontro será no dia 31/10, na Blooks Livraria Botafogo. Sendo assim, seria possível realizarmos essa intervenção? Digo: participar e distribuir os questionários a serem respondidos (para as mediadoras e participantes) e verificar se vocês teriam interesse e disponibilidade de contribuir para a nossa pesquisa? Peço desculpas pelo texto longo e agradeço desde já.



## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA A APLICAÇÃO DO ROTEIRO DE IDENTIFICAÇÃO NO CLUBE LEIA MULHERES RIO DE JANEIRO

Este questionário faz parte da dissertação de mestrado em Ciência da Informação de Amanda Salomão, sob a orientação do Professor Gustavo Silva Saldanha (PPGCI IBICT-UFRJ), intitulada *Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal: um estudo a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura sob o ponto de inflexão da fenomenologia e do simbólico*<sup>34</sup>. A pesquisa trata sobre as práticas de leitura, em diálogo com a dimensão social da Ciência da Informação, como elementos de transformação pessoal, a partir das perspectivas da mulher.

O objetivo do estudo é analisar sob quais condições os saberes apropriados por meio das experiências individuais de leitura de textos literários e de suas discussões em clubes de leitura se constituem como instrumentos em potencial de transformação de mulheres leitoras. Com este trabalho, esperamos poder contribuir para a conscientização de mulheres leitoras sobre a ampliação das possibilidades de transformação social por meio da leitura, de modo que possam se conhecer, reconhecer e, assim, construir ou reconstruir seu lugar no mundo.

O questionário não leva mais do que cinco minutos para ser respondido:

Dados de identificação:

- 1) Nome: \_\_\_\_\_.
  
- 2) Idade:
  - 18-30 anos;
  - 31-45 anos;
  - 46-65 anos;
  - 66-100 anos.
  
- 3) Gênero:
  - Feminino;
  - Masculino;
  - Outros: \_\_\_\_\_.
  
- 4) Sexo:
  - Mulher;

---

<sup>34</sup> O título da dissertação apresentado neste apêndice refere-se ao título em vigência na época em que o documento foi distribuído e assinado pelas participantes do Leia Mulheres Rio de Janeiro.

- Homem;
- Outros: \_\_\_\_\_.

5) Bairro no Rio de Janeiro: \_\_\_\_\_.

- Outro Município/Estado: \_\_\_\_\_.

6) Escolaridade:

- Ensino básico;
- Ensino fundamental incompleto;
- Ensino fundamental completo;
- Ensino médio incompleto;
- Ensino médio completo;
- Ensino superior incompleto;
- Ensino superior completo;
- Pós-graduação (Mestrado);
- Pós-graduação (Doutorado).

7) Profissão/Ocupação: \_\_\_\_\_.

8) Renda mensal familiar média:

- Até R\$998,00;
- R\$1996,00 a R\$2994,00;
- Até R\$4990,00;
- Acima de R\$4990,00.

9) Caso seja selecionada, concordaria em ser entrevistada para a pesquisa?

- Sim
- Não

10) Caso afirmativo, indique a melhor forma de contato (*e-mail* ou redes sociais):

\_\_\_\_\_.

**APÊNDICE C – E-MAIL DE COMUNICAÇÃO AO LEIA MULHERES SÃO PAULO  
(SEDE) SOBRE O INTUITO DE REALIZAMOS UMA PESQUISA COM O LEIA  
MULHERES RIO DE JANEIRO**

Prezad@s,

Meu nome é Amanda Salomão e sou mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pelo convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCI IBICT-UFRJ), sob a orientação do Prof. Gustavo Silva Saldanha. Minha pesquisa trata sobre a leitura como um instrumento de transformação pessoal, sob a perspectiva de mulheres participantes de clubes de leitura.

No momento, estou na fase da pesquisa de campo, a qual se desenvolve por meio de intervenções em clubes de leitura que se dedicam a discutir a temática feminina. Escolhemos o clube Leia Mulheres Rio de Janeiro, em razão de sua atuação como um espaço que visa debater não apenas obras escritas por mulheres, mas também sua posição na sociedade como um todo, de modo que acreditamos que as discussões aí desenroladas constituem um potencial para a transformação pessoal de mulheres leitoras.

Desse modo, como metodologia de coleta de dados, optamos por realizar entrevistas com as integrantes e mediadoras do clube. Para tanto, antes de iniciar a intervenção, entramos em contato com as mediadoras [nome das mediadoras], para comunicar sobre nossa intenção e verificar se seria possível. Elas concordaram em contribuir para a pesquisa como entrevistadas e em nos apresentar algumas participantes que poderiam concordar em nos ajudar também. Contudo, elas apenas nos pediram para, antes de começarmos qualquer coleta de dados com elas ou com as demais participantes, enviar um *e-mail* para vocês comunicando nossa intenção de entrevistar algumas mulheres participantes do Leia aqui no Rio.

Assim, ressalto que o objetivo das entrevistas é estritamente acadêmico e para fins científico-didáticos, não havendo nenhuma finalidade lucrativa. Ainda, a pesquisa não trará nenhum risco à integridade das participantes e os dados pessoais relatados não são objeto de estudo e serão preservados em sigilo. Me coloco à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que surgirem e agradeço antecipadamente.

Atenciosamente,  
Amanda Salomão

**APÊNDICE D – CONVITE DE PARTICIPAÇÃO COMO VOLUNTÁRIA EM  
PESQUISA ACADÊMICA**

Prezada [nome da selecionada], boa tarde.

Meu nome é Amanda Salomão, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI IBICT-UFRJ), sob a orientação do Prof. Dr. Gustavo Saldanha. Entrei em contato com você no encontro do Leia Mulheres, em 31/10/2019. Na ocasião, comentei sobre minha pesquisa, que analisa a leitura como um instrumento de transformação pessoal sob a perspectiva de mulheres pertencentes a clubes de leitura.

Gostaria de lhe convidar a participar da etapa de coleta de dados. Será realizada uma entrevista aberta baseada nos fundamentos da história de vida tópica, a qual pressupõe que a entrevistada nos conte sua história de vida, a partir do momento em que a mesma se relaciona com a leitura. Trata-se de uma entrevista de 30 minutos. A pesquisa não trará nenhum risco à integridade das participantes e os dados pessoais relatados não são objeto de estudo e serão preservados em sigilo.

Caso concorde em participar da entrevista, gostaria de saber qual é o melhor dia e horário para que possamos realiza-la. Coloco-me à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que surgirem e agradeço desde já.

Atenciosamente,  
Amanda Salomão

## APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA DE HISTÓRIA DE VIDA TÓPICA

Este roteiro de entrevista de história de vida tópica faz parte da dissertação de mestrado em Ciência da Informação de Amanda Salomão, sob a orientação do Professor Gustavo Silva Saldanha (PPGCI IBICT-UFRJ), intitulada *Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal: um estudo a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura sob o ponto de inflexão da fenomenologia e do simbólico*<sup>35</sup>. A pesquisa trata sobre as práticas de leitura, em diálogo com a dimensão social da Ciência da Informação, como elementos de transformação pessoal, a partir das perspectivas da mulher.

O objetivo do estudo é analisar sob quais condições os saberes apropriados por meio das experiências individuais de leitura de textos literários e de suas discussões em clubes de leitura se constituem como instrumentos em potencial de transformação de mulheres leitoras. Com este trabalho, esperamos poder contribuir para a conscientização de mulheres leitoras sobre a ampliação das possibilidades de transformação pessoal por meio da leitura, de modo que possam se conhecer, reconhecer e construir ou reconstruir seu lugar no mundo.

Assim, para não perder o fio condutor do estudo, foi necessário estabelecermos um roteiro de entrevista, que encontra-se dividido em duas partes:

- 1) Histórias de leitura: analisar e compreender a formação e o desenvolvimento das entrevistadas como leitoras, tendo por base seus contextos e subjetividades em um dado espaço-tempo:
  - Principais influências de leitura;
  - Objetivos de leitura;
  - Desenvolvimento das preferências de leitura;
  - Marcos no desenvolvimento de leitura das entrevistadas;
  - Sensações advindas das práticas de leitura individuais;
  - Lembranças especiais com a leitura.
  
- 2) Vivências nos clubes de leitura: compreensão das experiências de mulheres leitoras nesses espaços e como interagem com as práticas informacionais que ali se desenrolam.
  - Como chegaram ao Leia Mulheres Rio de Janeiro;

---

<sup>35</sup> O título da dissertação apresentado neste apêndice refere-se ao título em vigência na época em que o roteiro de entrevista de história de vida tópica foi elaborado.

- Razão para se reunir para debater sobre uma obra;
- Motivação para participar dos encontros;
- Funcionamento e dinâmica dos clubes (apenas para as mediadoras);
- Critérios de seleção dos títulos (apenas para as mediadoras);
- Dinâmicas das reuniões permitem o diálogo, a troca, o trato igualitário;
- O que pensavam e pensam das discussões nos encontros do clube;
- Mudança nas preferências de leitura a partir dos encontros do clube;
- Sensações advindas das práticas de leitura compartilhadas;
- Lembranças especiais com a vivência no Leia Mulheres Rio de Janeiro.

## **APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA QUESTIONÁRIO**

Você está convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa acadêmica. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte o estudo, assine este documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa de participação, após o término da coleta, os dados informados ao pesquisador serão destruídos.

### **INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA**

#### **Título da pesquisa:**

**LEITURA, APROPRIAÇÃO DE SABERES E TRANSFORMAÇÃO PESSOAL:** um estudo a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura sob o ponto de inflexão da fenomenologia e do simbólico<sup>36</sup>

Pesquisadora responsável: Amanda Christina Salomão Manguiera – Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI IBICT/UFRJ)

Pesquisador orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI IBICT/UFRJ)

Telefone para contato: (21) 97621-5450

E-mail dos pesquisadores: amandachrisalomao@msn.com; gustavosaldanha@ibict.br

Endereço: Rua Lauro Müller, 455 – 4º andar - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI IBICT/UFRJ)

Esta pesquisa investiga as práticas de leitura, em diálogo com a dimensão social da Ciência da Informação, como elementos de transformação pessoal, a partir das perspectivas da mulher. O objetivo do estudo é analisar sob quais condições os saberes apropriados por meio das experiências individuais de leitura e de suas discussões em clubes de leitura se constituem como instrumentos em potencial de transformação de mulheres leitoras. Com este trabalho, esperamos poder contribuir para a conscientização de mulheres leitoras sobre a ampliação das possibilidades de transformação pessoal por meio da leitura, de modo que possam se conhecer, reconhecer e construir ou reconstruir seu lugar no mundo.

1. Será aplicado um questionário fechado de 10 perguntas, como parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI IBICT/UFRJ);
2. O objetivo da coleta de dados é estritamente acadêmico e para fins científico-didáticos, não havendo nenhuma outra finalidade oculta;

---

<sup>36</sup> O título da dissertação apresentado neste apêndice refere-se ao título em vigência na época em que o documento foi distribuído e assinado pelas participantes do Leia Mulheres Rio de Janeiro.

3. A participação é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento até o prazo de término da coleta de dados, não havendo qualquer ônus por sua desistência;
4. O material coletado na pesquisa poderá ser utilizado em futuras publicações científicas (livros e/ou periódicos científicos) e apresentações de trabalhos em eventos científicos e acadêmicos;
5. A pesquisa não trará nenhum risco para você e nem oferecerá qualquer vantagem financeira;
6. Os dados pessoais aqui inseridos não são objeto do estudo e serão preservados em sigilo;
7. A pesquisa não faz uso de nenhum princípio ou recurso que atente contra a pessoa humana e o meio ambiente;
8. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

### **CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, portadora do RG \_\_\_\_\_ e do CPF \_\_\_\_\_, concordo em participar do estudo **“LEITURA, APROPRIAÇÃO DE SABERES E TRANSFORMAÇÃO PESSOAL: um estudo a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura sob o ponto de inflexão da fenomenologia e do simbólico”**. Estou devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Contato eletrônico:

Data e local:

---

Amanda Christina Salomão Mangueira

Mestranda do PPGCI IBICT/UFRJ

---

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha

Pesquisador Titular - IBICT  
Docente permanente – PPGCI IBICT/UFRJ



## **APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ENTREVISTA**

Você está convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa acadêmica. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte o estudo, assine este documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa de participação, após o término da coleta, os dados informados à pesquisadora serão destruídos.

### **INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA**

#### **Título da pesquisa:**

**LEITURA, APROPRIAÇÃO DE SABERES E TRANSFORMAÇÃO PESSOAL:** um estudo a partir das perspectivas da mulher sob o ponto de inflexão da fenomenologia e do simbólico<sup>37</sup>

Pesquisadora responsável: Amanda Christina Salomão Mangueira – Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI IBICT/UFRJ)

Pesquisador orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI IBICT/UFRJ)

Telefone para contato: (21) 97621-5450

E-mail dos pesquisadores: amandachrisalomao@msn.com; gustavosaldanha@ibict.br

Endereço: Rua Lauro Müller, 455 – 4º andar - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI IBICT/UFRJ)

Esta pesquisa investiga as práticas de leitura, em diálogo com a dimensão social da Ciência da Informação, como elementos de transformação pessoal, a partir das perspectivas da mulher. O objetivo do estudo é analisar sob quais condições os saberes apropriados por meio das experiências individuais de leitura e de suas discussões em clubes de leitura se constituem como instrumentos em potencial de transformação de mulheres leitoras. Com este trabalho, esperamos poder contribuir para a conscientização de mulheres leitoras sobre a ampliação das possibilidades de transformação pessoal por meio da leitura, de modo que possam se conhecer, reconhecer e construir ou reconstruir seu lugar no mundo.

1. Será realizada uma entrevista baseada nos pressupostos da história de vida tópica, como parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI IBICT/UFRJ);

---

<sup>37</sup> O título da dissertação apresentado neste apêndice refere-se ao título em vigência na época em que o documento foi distribuído e assinado pelas participantes do Leia Mulheres Rio de Janeiro.

2. A técnica envolve a realização de uma entrevista aberta, no qual a entrevistada nos contará a história de sua vida, a partir do momento em que a mesma se relaciona com a temática da leitura;
3. O objetivo da coleta de dados é estritamente acadêmico e para fins científico-didáticos, não havendo nenhuma outra finalidade oculta;
4. A participação é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento até o prazo de término da coleta de dados, não havendo qualquer ônus por sua desistência;
5. O material coletado na pesquisa poderá ser utilizado em futuras publicações científicas (livros e/ou periódicos científicos) e apresentações de trabalhos em eventos científicos e acadêmicos;
6. A pesquisa não trará nenhum risco para você e nem oferecerá qualquer vantagem financeira;
7. Os dados pessoais aqui inseridos não são objeto do estudo e serão preservados em sigilo;
8. A pesquisa não faz uso de nenhum princípio ou recurso que atente contra a pessoa humana e o meio ambiente;
9. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

### **CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, portadora do RG \_\_\_\_\_ e do CPF \_\_\_\_\_, concordo em participar do estudo “**LEITURA, APROPRIAÇÃO DE SABERES E TRANSFORMAÇÃO PESSOAL**: um estudo a partir das perspectivas da mulher sob o ponto de inflexão da fenomenologia e do simbólico”. Estou devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Contato eletrônico:

Data e local:

---

Amanda Christina Salomão Mangueira  
Mestranda do PPGCI IBICT/UFRJ

---

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha

Pesquisador Titular - IBICT  
Docente permanente – PPGCI IBICT/UFRJ

## ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DE HISTÓRIA DE VIDA TÓPICA

### Transcrição de entrevista 1

Entrevistada: Mediadora do Leia Mulheres Rio de Janeiro

Dia: 12/11/2019, às 12:30, no Starbucks do Centro do Rio de Janeiro

Duração: cerca de 45 min

Entrevistada: Meu nome é [nome da entrevistada], eu nasci no Rio mesmo. Eu morei a maior parte da minha vida na Zona Oeste, em Campo Grande, e a minha família é uma família de origem pobre. O meu pai nasceu numa comunidade, em Realengo, e a minha mãe veio de uma situação bem vulnerável, da Bahia pra cá... bem sem dinheiro mesmo, com a minha avó e os irmãos dela. E... apesar das dificuldades todas, tanto o meu pai quanto a minha mãe fizeram nível superior. Meu pai é formado em Contabilidade, fez em uma universidade particular em Realengo e a minha mãe fez UERJ [Universidade do Estado do Rio de Janeiro], que foi a universidade para onde eu fui e meu irmão também foi depois. E a minha mãe se formou em Biologia... ah, eu tinha uma avó meio [palavra não identificada]. Essa minha avó baiana, ela era muito doída, porque ela era esquizofrênica real e foi parte do motivo pelo qual ela resolveu sair de Salvador e vir para o Rio [de Janeiro], porque ela brigava com todos os parentes, então... ela já era desquitada, e aí ela veio com os filhos para o Rio [de Janeiro], mas a minha avó foi bem nascida, apesar de ela ter vindo em uma situação de vulnerabilidade. Ela teve educação. Então ela escrevia poesia, ela tinha... teve aula de piano, foi normalista, deu aula, enfim... mas quando chegou no Rio [de Janeiro], degradingou geral. E aí ela foi, acho, o meu primeiro referencial cultural, porque meus pais não são muito das humanas. Então assim... na minha casa tinha livros... eram os livros que eles leram na universidade. Mas eles eram mais de ler não-ficção, ligado ao interesse deles, coisas de trabalho. A minha mãe lia muitos livros de religião. Minha mãe é muito católica, então ela sempre leu livro de religião. Meu pai lia muito revista, essas revistas de notícias. Quem tinha uma ligação um pouco maior com a literatura era minha avó, com poesia principalmente, que é uma coisa que eu amo hoje! E... a minha ligação com o livro... assim, a minha família não era uma família que me incentivava particularmente a ler ficção. Eles me incentivavam a ler, porque eles viam a educação como uma espécie de... uma maneira de você sair dessa vulnerabilidade. Uma espécie de caminho de melhoria. Então eles incentivavam que eu lesse, de modo geral. Mas não era uma família que lia muito livro de ficção. Só que eu comecei a ler no ensino fundamental ainda. Eu fiz meu fundamental todo em escola particular e o meu nível médio eu fiz num colégio técnico da Rural [Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro], que é um colégio federal, que fica em Seropédica. Que você entra com concurso, enfim... tipo CAPs [Colégio de Aplicação], só que da Rural. E aí... mas no ensino fundamental eu gostava muito dos livros paradidáticos. Acho que foi o primeiro momento, assim, que eu descobri que gostava de ler... era com livro da escola. Era uma coisa engraçada, porque, normalmente, todo mundo acha livro da escola chato e eu achava legal. Aí eu lia e relia, ia para a biblioteca, enfim... só que na adolescência, mais para o final do ginásio e início do ensino médio, eu criei uma paixão por música, e aí eu me afastei um pouco dos livros, da literatura, para me

envolver com música. E aí fui fazer coral, fui fazer aula de violão... e eu voltei para os livros num momento muito crítico da minha vida. Eu não sou uma pessoa que lembra com saudade da adolescência. Eu fui uma adolescente desajustada, tinha muito conflito familiar. Como minha mãe teve uma educação muito difícil, por causa da minha avó, ela não estava, coitada, muito preparada para lidar com crianças e adolescentes. Então assim, ela não tinha muita paciência, não tinha muito repertório de maternidade, então a minha mãe era muito dura, muito crítica. Os meus pais se divorciaram, porque era uma coisa necessária, mas que não deixa de ser triste quando você tem 13, 14 anos, né. E aí, depois disso, eu me sentia muito sozinha, minha mãe tinha muito medo de que acontecesse algo comigo, então eu ficava muito presa, muito protegida, sabe. E a minha mãe, assim, essas coisas de... tipo, devaneios artísticos, ela nunca incentivou. Ela falava que eu tinha que fazer Medicina, umas coisas que não tinham nada a ver comigo. Então ela não incentivava muito essa parte de gostar de música, de escrever poema. Eu comecei a escrever poesia muito cedo também, eu devia ter uns 13, 14 anos. Mas no nível médio, eu fiquei meio mal, muito desajustada. Embora o meu colégio fosse muito diferente, uma dinâmica muito diferente, era um colégio de horário integral. A gente ficava o dia inteiro na escola... era um colégio muito longe. E lá... como era um colégio onde as pessoas entravam por concurso, foi a primeira vez, assim... porque quando estava no ginásio – na minha época chamava de ginásio -, eu descobri os Beatles e fiquei beatlemaníaca! E todo mundo achava que eu era maluca, porque o que uma criança de 13 anos quer com Beatles, né... e aí quando eu entrei no CTUR [Colégio Técnico, vinculado à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro], tinha um monte de beatlemaníaco. Tinha um monte de roqueiro. Então eu ficava: “Meu deus, esse lugar é maravilhoso”. Né, tipo, me encontrei. Umas pessoas estranhas assim... (risos). Mas também tinha esse lado, assim, meio... adolescente, né. Eu era uma garota enxaqueca, eu não era muito integrada, não. Mas aí, no final do nível médio, eu perdi duas pessoas para o câncer: uma menina que morava do lado da minha casa, que era como se fosse minha irmã. Ela era minha vizinha e a gente ficava uma na casa da outra... era mais nova do que eu, ela tinha mais a idade do meu irmão; e a minha tia, a irmã gêmea do meu pai. As duas tiveram câncer e morreram. E eu que já estava meio que desanimada com a vida, fiquei muito perdida. Não queria mais ir para a escola, não queria estudar nada. Achava que não servia para nada. Acho que eu tive um princípio de depressão. E aí a psicóloga da escola percebeu que eu não estava muito bem, foi falar com a minha mãe e aí minha mãe correu atrás de me botar numa psicóloga para fazer orientação educacional e tal. Mas o que que aconteceu: quando eu larguei a escola de mão, eu fiquei em recuperação em várias matérias no terceiro ano. E aí eu meio que voltei para os livros por dois motivos: uma que eu fiquei em recuperação em Literatura e eu tive que ler uma quantidade enorme de coisas e aí eu achei muito legal. Eu acho que eu estava muito no buraco... sabe quando você não tem mais para onde descer? E eu falava: “Nossa, que coisas interessantes. Onde é que eu estava que não prestei atenção nessas coisas?”. Então, assim, de novo a escola, né. Meu caminho é meio doido. Porque as pessoas normalmente gostam de ler porque alguém indica... um irmão, não sei... um livro que não está no universo escolar, mas acho que as duas vezes em que percebi que eu gostava muito de ler foi na escola mesmo. Estranho.

Pesquisadora: Foi algum professor em especial que você admirava, alguém...?

Entrevistada: Então... eu tinha um amigo, que foi muito amigo nesse último ano muito difícil, que ele lia muito. E ele teve alguma influência sobre mim. Ele viu que eu estava muito na

*bad*, assim, e... ele era evangélico... ele me emprestou uns romances evangélicos. Eu não era evangélica, mas... para adolescente ler, porque tinha umas histórias de fantasma... não era fantasma, era uns demônios, um Dan Brown evangélico. Então era divertido (risos). No fim das contas, funcionou. Era uma espécie de escapismo. No nível médio, foi total escapismo. E a outra coisa era que a minha professora de Literatura era muito legal. É... assim... como vou explicar? A gente não gostava muito dela como pessoa, mas como professora ela era ótima, porque assim... o Arcadismo... a gente tinha aula na Rural, então ela levava a gente para o meio do mato, aí a gente tinha aula num piquenique no meio do mato. Então, no Romantismo, ela trouxe... quando a gente deu Barroco, ela trouxe a gente para o Centro [da cidade do Rio de Janeiro], para a gente conhecer as igrejas, o fórum, não sei o que... e aí, quando eu percebi, eu me lembrei que ler era legal. Eu não fazia ideia de para que [palavra não identificada], eu falei: “Cara, dar aula de Literatura deve ser muito legal!”, porque você pode levar os alunos para tudo quanto é lugar doido, você lê uns textos super maneiros, assim... eu comecei a pensar nela, no trabalho dela, como uma coisa muito divertida. E ela tinha uma coisa em comum comigo e com as minhas amigas, que a gente achava o máximo, apesar de achar ela meio chata. Ela via novela mexicana, né. Então, no meio da aula, ela fazia umas piadas com Maria do Bairro [personagem da novela mexicana homônima]... ela tinha um jeito que chamava atenção (risos). E aí eu acho que foi meio que isso. Quando eu fui fazer a orientação vocacional, a psicóloga confirmou muito do que eu já sabia, das minhas inclinações: que eu gostava muito de Artes, eu gostava de Literatura... alguma coisa ligada à Comunicação e Artes, que era a área com que eu me identificava mais. E, assim, a psicóloga da escola, tendo em vista que eu estava muito mal e ter falado com a minha mãe, que me levou para uma psicóloga real... foi bom para a minha mãe baixar a guarda, porque minha mãe não gostava da ideia de eu fazer Letras. Ela falava: “Ai, não vai ter emprego, não vai ganhar dinheiro!”. Ela era muito resistente. Mas acho que ela percebeu que se eu não fizesse vestibular para o que eu gostava, com as coisas que eu me identificava, eu não ia fazer vestibular. Eu ia ficar vagabunda. Eu não estava numa fase muito bacana. E aí a faculdade de Letras para mim foi o paraíso. Eu não podia ter escolhido outra... não me arrependo nem um minuto. Amei, me diverti, e assim... eu saí do nível médio com o senso de limbo, sabe aquela coisa...

Pesquisadora: Você fez Letras/Português...

Entrevistada: Eu fiz Letras/Português. Português/Literatura. E... assim, quando o nível médio acabou, eu fiquei com aquela coisa: “minha mãe não vai mais me sustentar, não tem mais a obrigação da escola”. Eu achei que era um limbo, assim, não sabia... total incerteza. Eu, por “forção” dela, prestei vestibular novamente, mas fui para a UERJ [Universidade do Estado do Rio de Janeiro] fazer Letras. E aí... eu amei. E assim, durante a gradu... eu comecei a trabalhar cedo, tive uns trabalhos mal pagos, uns trabalhos horríveis... mas a faculdade me deu muita perspectiva, eu amava muito.

Pesquisadora: Você tinha alguma preferência de leitura, alguma coisa que você gostasse mais de uma do que outra?

Entrevistada: Ah, eu gostava muito... assim, tem uma ligação muito grande da literatura brasileira com a portuguesa e a francesa, acho que segue essa coisa de escola, né. De Romantismo, Realismo, Naturalismo... eu fiz a minha pós-graduação em brasileira. Eu gostava muito de literatura brasileira. Uma das primeiras autoras que eu li e fiquei muito encantada foi a Clarice [Lispector]... é a resposta mais clichê da face da terra, mas acho que

eu nunca tinha sentido nada parecido lendo a autora, numa idade mais nova, como eu senti lendo Clarice. Eu descobri a genialidade do Machado [de Assis] na faculdade, porque quando eu li no colégio eu dava gargalhada, achava absurdo isso, eu não entendia que aquilo podia ser literatura. É... mas eu acho que foi brasileira mesmo, tanto que eu fiz especialização e mestrado em brasileira. Eu descobri os clássicos, os grandes clássicos da literatura, já na faculdade. Eu criança li muito aquela coleção vagalume, né, amava. Lia muito gibi... então essa coisa de ficar sozinha lendo... eu lia muito gibi da Disney... eu nem sei se existe ainda gibi da Disney.

Pesquisadora: Eu lembro que tinham uns gibis da Xuxa!

Entrevistada: Gente, da Xuxa, é verdade...

Pesquisadora: Eu lembro que tinha do Pato Donald, Tio Patinhas...

Entrevistada: Eu amava Tio Patinhas! E aqueles sobrinhos, né, e eu lia muito Turma da Mônica, que sempre fui muito apaixonada. É isso.

Pesquisadora: E você, comentando da Clarice... me veio na cabeça... tem algum tipo de leitura ou uma obra que tenha te marcado de alguma forma?

Entrevistada: Então, da Clarice, começou com um livro que eu li no nível médio. Foi um momento, assim, que eu já estava meio: “Cara, literatura é o que há”... bem final, segundo semestre do terceiro ano. Era uma coletânea de contos dela que se chamava *O primeiro beijo e outros contos*. Essa coletânea me levou para outra, que foi *Laços de Família*. Esses dois livros são marco! Depois que eu li esses dois, eu fiquei muito encantada e queria ler tudo dela. Aí depois eu fui ler *Perto do coração selvagem*, por causa dessas duas... aí depois eu fui explorando um pouco mais. Eu comecei a dar aula em pré-vestibular comunitário para treinar e porque eu tinha muita vontade de fazer trabalho voluntário. Sempre gostei. Aí por conta de dar aula de Literatura... isso um pouco mais tarde já... ainda estava na graduação... também intensificou o meu amor pela poesia. Eu sempre dava aula muito empolgada sobre os poetas brasileiros, mas acho que marcos é os contos da Clarice mesmo. Acho que foi uma coisa que me fez ter certeza de que era isso que eu queria trabalhar e estudar.

Pesquisadora: Quando você faz essas leituras... o que você sente quando lê? Como isso mexe com você?

Entrevistada: No início, essa parte mais emocional, era identificação. Ler um texto que parece que me entendia. Tinha dois outros autores que eu passei a ler depois da Clarice, que eu achava que tinham escrito para mim. Uma sensação muito mágica. Esses caras me leram... eu estou lendo o livro, mas é um livro amigo.

Pesquisadora: Em que momento da sua vida?

Entrevistada: Eu fui uma pessoa em crise durante muito tempo. Hoje eu estou sendo mais apaziguada, mas eu fui uma pessoa em crise durante um período. E eu acho que foi a poesia do [Fernando] Pessoa, do Álvaro de Campos, e o [Franz] Kafka, que eram dois autores que... nossa! Eu lia e falava: “meu deus, alguém falou do que eu sinto!” Essa sensação de você se reconhecer no texto, assim, é muito mágico! A experiência acadêmica me ensinou a olhar para os livros com um olhar da técnica. Entender que um texto é brilhante ainda que ele não dialogue [palavra não identificada]. Mas eu acho que eu tive, no início, muito essa sensação de escapismo e de identificação. Literatura como salvação da vida.

Pesquisadora: E como isso fazia você se sentir?

Entrevistada: Ah, eu acho que me dá uma motivação para continuar. Porque eu pensava assim: “Cara, esse povo escreveu essas coisas” e, de uma certa forma, dá um entendimento para as pessoas. É um negócio que você não sabe elaborar o que está sentindo e passando. Parece que esses livros criam um repertório que te ajudam a entender uma coisa que você entendia só de um jeito meio caótico. Eles reorganizam. Parece que a gente vira um pouquinho mais protagonista da nossa narrativa quando a gente vê a coisa mais organizada. Parece que você está menos solto no caos.

Pesquisadora: E o que te levou ao clube de leitura, ao Leia, a se tornar mediadora?

Entrevistada: Minha história com o Leia foi super estranha, porque o Leia virou uma escola para mim. Eu tive que percorrer um caminho muito longo para achar que eu era boa em alguma coisa. Eu acho que quando eu comecei a dar aula eu tive um pouco disso, quando eu entrei no mestrado eu tive um pouco disso, porque eu era muito insegura. Eu tinha uma síndrome de impostora do caramba! Então... a gente foi convidada pelas meninas de São Paulo, que eram mediadoras, e eu não quis.

Pesquisadora: Como elas chegaram em vocês?

Entrevistada: A gente era amiga de rede social. Na verdade, eu conhecia a [uma das mediadoras] por intermédio de uma outra colega minha, porque eu tinha *blog*, aí tinha essa colega que tinha *blog* e a [uma das mediadoras] que também tinha *blog*. Essa minha outra colega, ela descobriu um grupo, a gente ficou amiga e ela me apresentou a [uma das mediadoras], que elas já se conheciam, também de *internet*. A [uma das mediadoras] me apresentou quase todo mundo que eu conheci no *instagram*. O povo dos livros. A [uma das mediadoras] teve canal no *youtube*... eu tenho um canal no *youtube*, mas eu demorei para ter muito, em relação à [uma das mediadoras], a [ex-mediadora], que foi a outra mediadora. Mas a [uma das mediadoras] que me apresentou esse pessoal que falava de livros na *internet*. Alguns em *blog*, outros em canal, e depois é que eu fui para o *instagram*. *Instagram* foi o último. E as meninas que criaram o Leia, a gente conhecia porque elas participavam de um *blog* chamado Espanadores [as fundadoras do Leia Mulheres São Paulo]. A [uma das fundadoras do Leia Mulheres São Paulo] tinha um *blog* só dela também. Eles eram muito amigos da [uma das mediadoras] e da [ex-mediadora], da época que elas tinham canal. Elas criaram primeiro em São Paulo e elas vieram perguntar para a gente se a gente tinha interesse em fazer no Rio. Eu acho que elas já estavam em processo de conversa... A [uma das fundadoras do Leia Mulheres São Paulo] a gente conheceu por causa delas, quando elas criaram o Leia. A gente não conhecia ela, não. A [uma das fundadoras do Leia Mulheres São Paulo] trabalha em editora e, então, a gente tem a impressão de que ela conheceu o povo do Blooks [Livraria Blooks Rio], então já meio que estabeleceu uma conversa... acho que elas falaram “Ah, tem chance de ter um Leia aí no Rio, não sei o que...”, se a gente se interessava, e eu fiquei com um cagaço do caramba. “Eu vou mediar?” Eu falei que eu ia como amiga, mas que não ia mediar, não. Aí foi a [uma das mediadoras], [ex-mediadora] e [ex-mediadora], que é uma outra menina que depois saiu... e como a [ex-mediadora] saiu, como eu ia em todos e elas eram minhas amigas, a [ex-mediadora] começou a me apresentar como mediadora e, assim, me incluiu. Foi meio que assim: rolou a votação das amigas. No início, eu não falava, ficava ouvindo... eu achava o Leia muito rico para aprender, né. Porque eram muitas visões, a [ex-mediadora] é historiadora e trabalhava numa editora, a [uma das mediadoras] é das Ciências Políticas, dá aula de Relações Internacionais e Filosofia, então as pessoas tinham

visões muito diferentes... lá no Leia tem gente que vai que é médica, tinha advogada... e era muito interessante, porque a gente via visões muito diferentes das nossas. Tem vezes que a gente ia para o Leia achando o livro ruim e saía achando maravilhoso. Era muito engraçado, né. Eu demorei muito para querer falar. E as meninas me incentivavam... então para mim foi escola mesmo. Porque chegou uma hora que eu achei que ia poder falar de boa, que não ia falar besteira... teve essa coisa de autoestima para mim! Teve essa coisa de aprender, porque assim... eu sou uma pessoa um pouco introspectiva, tenho poucos amigos, eu gosto de ficar sozinha lendo, de ter meus momentos. Eu não sou uma pessoa de galera, não. Mas o Leia era o meu momento mensal de ouvir um monte de gente falando. As minhas primeiras experiências do Leia eram de sair esgotada de lá, porque eu não estava acostumada a ver muita gente falando junto. Chegava em casa cansada, praticamente acabada. Mas aprendi muito de ideias, debates, de debates das opiniões das pessoas e eu aprendi a falar, né. De achar que eu tinha condições de falar para as pessoas, dar a minha opinião, de dizer o que pensa...

Pesquisadora: E o que você pensa sobre a intenção do grupo, principalmente de vocês aqui no Rio de Janeiro, de se reunir para debater sobre um livro? Por que você acha que as pessoas fazem isso, tanto vocês quanto quem vai lá participar?

Entrevistada: Assim, para mim, para a [uma das mediadoras] e para a [ex-mediadora], era meio fácil, porque a gente falava de livro na *internet*. E a gente queria interlocutores. Nem sempre é fácil de você achar gente que gosta do mesmo livro que você, que queira falar dele... porque você leu um livro e achou muito foda e você quer conversar com alguém e você nem sempre tem isso. Às vezes, você não conhece tanta gente que gosta ou a pessoa gosta de outro tipo de livro. Assim, o lance de ler mais mulheres era uma ideia que a gente achava muito interessante e porque, fazendo uma análise, a gente já achava que a gente lia mais homens, que os nossos autores favoritos eram homens, em sua grande maioria. E a gente achava isso muito bizarro, porque, assim, a gente conhecia umas mulheres muito fodas e falava assim: “Por que a gente privilegia homem?”. É uma coisa tão naturalizada... a gente sempre compra mais livros de homem, fala de homens, escolhe, tem projetos de livros que falam de homens, então assim... a gente adorou a ideia de ler mais mulheres e a gente descobriu umas coisas muito maravilhosas. Isso muda mesmo. Uma coisa, inclusive, que a gente aprendeu, eu falo por mim, mas eu acho que as meninas confirmariam... é que você descobre que nem todo escritor sabe criar personagem. Quando você começa a ler um monte de romances escrito por mulher e você vê interioridade da personagem feminina, a gente começa a perceber que tem uns caras que, assim, eles fazem uns personagens super profundos masculinos e as mulheres são super superficiais. Com umas falas banais, assim... extremamente estereotipada. E aí você não consegue mais não perceber isso. É bem bizarro, porque até muda a sua relação com certos autores que você achava geniais, mas que não sabem escrever personagens femininas. Acho que tem esse ponto. O pessoal que vai ao Leia, o pessoal do nosso Leia, porque, assim, eu acho que os Leias, eles variam muito por cidade. Eu fiquei meio surpresa quando eu descobri que teve uma cidade do Sul que leu o livro da Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo*. E eu achei sensacional. Eu comentei com as meninas do Leia e elas ficaram assim também... porque é um livro grande, um livro denso, difícil. Eu acho que tem clubes que são mais militantes no sentido da política ou no sentido feminista. Mas eu percebo que, esse nosso Leia, embora a gente tenha tentado, nesse último ano, jogar umas coisas mais



políticas também, até para debater, porque a gente não tem essa tradição, no Brasil, de debates de ideias e de política. E, assim, reconhecendo que era uma coisa que a gente precisava fazer... mas eu percebo que tem muito essa coisa do querer falar do livro, do livro como entretenimento. Não é só da questão política. Acho também que o pessoal quer ler uma boa história, quer discutir esse personagem, se foi bem construído, se a história foi inspiradora. Eu vejo o pessoal do Leia falando sobre a história inspiradora. Existe uma tendência dos livros chamados, entre aspas, “alta literatura”, de você ter umas histórias que saem do nada para lugar nenhum. São livros muito densos na construção, na forma, na construção do personagem, na discussão de ideias, mas não são livros para inspirar. Inclusive, vários personagens, às vezes, são detestáveis. O que não quer dizer que o livro não seja incrível. Mas tem uma resistência. Muitas vezes, as pessoas falam: “Não entendi porque esse livro foi escrito, não me identifiquei com o personagem, essa história não me inspirou em nada”. Então, assim, eu vejo que tem essa coisa... a gente quer ler uma história que tenha um bom entretenimento, um personagem inspirador, que a gente se inspira. E a gente achou... assim, a gente até tenta botar, relativizar, não no sentido de que a gente não goste desse tipo de história, porque a gente também gosta... mas de que os outros tipos também são bons e válidos. E a gente aprende muito sobre humanidade com eles, mesmo que os personagens sejam “odiei ele”. Eu acho que as pessoas querem ler e falar dos livros.

Pesquisadora: Essa pluralidade de escolha faz parte dos critérios que vocês usam para selecionar os títulos a serem discutidos?

Entrevistada: Então, o Leia do Rio, a gente tentou... a gente tenta variar várias coisas, assim, o gênero do livro, a nacionalidade da escritora, a época em que foi escrito, para conhecer mais as autoras, para não privilegiar a americana ou a europeia, ou... não ler só ficção... a gente já leu biografia, a gente já leu livro de divulgação científica, e acho que foi até bom para a gente descobrir, que a gente talvez até... “poxa, tem um gênero que eu gosto e eu nem sabia, porque eu não tinha o hábito de ler”. Essa coisa de realmente tentar chegar o mais próximo de conhecer a atuação das mulheres no mercado editorial. Então a gente tenta variar. Esse último ano, foi um ano meio que... não só a [uma das mediadoras] está muito “pegada” de trabalho, mas a [uma das mediadoras] começou no mestrado... foi um ano que a gente teve que fazer muita adaptação de escolha de livro, então a gente leu muita não ficção seguida, foi um pouco difícil ficar certinho numa agenda. Tem vezes que a gente quer ler muito um livro e o livro esgota, aí a gente tenta não botar livro esgotado, tenta colocar um livro mais fácil de encontrar.

Pesquisadora: E como é que vocês ficam sabendo desses livros tão variados?

Entrevistada: Ah, isso varia muito de acordo com a história de cada mediadora. A [uma das mediadoras] tem uma história. Pelo o fato de ser muito envolvida com Ciências Sociais, Direitos Humanos e Relações Internacionais, e de ser de uma família hondurenha, então, assim, a A [uma das mediadoras] tem muito interesse no latinoamerica, por exemplo. Até por uma história familiar. E, normalmente, a latinoamerica, de algum modo, tem uma coisa política subjacente. Então ela está mais inteirada, porque ela trabalha com isso. A [ex-mediadora], como é editora, ela tem um conhecimento em termos de editora. Então ela fica sabendo de uns títulos que, às vezes, ela acha [palavra não identificada]. Quem indicou a divulgação científica foi ela. Era um assunto que a gente não conhecia. A gente não conhecia

a história, que é a história da Henrietta Lacks<sup>38</sup>, né, que foram feitas muitas pesquisas sobre câncer a partir das células dela, mas a [ex-mediadora] ficou sabendo por estar dentro da editora. Então, assim, tem muito livro que a gente descobre pelo nosso processo de acompanhar as mídias, *site* de editora, jornal literário, lançamento, essas coisas que eu acho que as quatro meio que fazem. Tem interesse de acompanhar esses eventos. E aí a gente tenta negociar né? O que entra, o que vale numa discussão e o que que não vale, o que tem tempo que a gente não lê... até aquela menina da pesquisa que eu citei antes, a gente leu um trabalho dela na *internet*, onde ela falou que, dos Leias que ela acompanhou no Rio, Niterói e São Paulo, o Rio era o que lia menos autora brasileira. E eu lembro que a gente ficou meio “bolada” com ela, porque ela não perguntou para a gente qual era o nosso critério. Realmente, de fato, a gente lê menos brasileiras, mas é porque a gente não quer hegemonizar o negócio de nenhum modo. Talvez, se ela tivesse prestado atenção nos nossos títulos, ela teria visto que tem muitas autoras africanas, por exemplo, né. E que a gente tentou incluir... uma coisa que foi difícil é ter autoras asiáticas, então... Mas a gente já conseguiu ler uma japonesa e uma sul coreana!

Pesquisadora: E como funciona a dinâmica dos encontros?

Entrevistada: A gente não gosta muito do esquema de palestras, então a gente está lá para mediar. No início, quando o Leia era menorzinho, a gente pedia para as pessoas se apresentarem, quando está muito cheio, não dá.

Pesquisadora: Ah, eu me lembro! Na Maison, né?

Entrevistada: É. A gente pede para cada um falar um pouquinho de si para quem está lá pela primeira vez. E a gente começa com as perguntas, assim, genéricas, tipo, se todo mundo conseguiu ler, se leram o livro todo, se gostou... para então entrar nas coisas mais específicas. E é difícil, que é uma coisa que a gente tem tentado aprender, que é fazer com que todo mundo fale. Assim, quem quer falar, fala, não obrigar as pessoas a falar. Tentar dar voz para todo mundo se manifestar. E é bem difícil, porque tem pessoas que... as pessoas se empolgam e eu acho maravilhoso, mas tem aquelas pessoas que não... que não tem, às vezes, a percepção de falar um momento e deixar as outras pessoas falarem. E isso bota, às vezes, a gente numa situação meio de que ter que pedir para a pessoa dar um pouquinho da voz... até porque, assim, a maioria das pessoas que vão ao Leia são mulheres... não é proibido para homens... e a gente quer que elas saibam que podem ser ouvidas. Isso é uma reclamação em situações profissionais, acadêmicas... existe uma disponibilidade maior para ouvir homem falando do que mulher, então a gente não quer que as pessoas se sintam tolhidas do seu direito de falar. A gente também... é para estar escutando também. A gente não está lá só para falar, é para escutar também. E para conseguir que o debate seja respeitoso, porque até hoje, felizmente, as pessoas discordam com muito respeito. A gente nunca teve bate boca... tudo é feito com muita civilidade, as pessoas são muito cuidadosas.

Pesquisadora: Antes de se tornar mediadora, ou antes de entrar para o Leia, você tinha alguma ideia do que seriam essas discussões?

Entrevistada: Eu tive medo. Até na época em que eu não sabia se eu queria ser mediadora... eu tinha tido uma experiência prévia de ir numa série de palestras no CCBB [Centro Cultural do Banco do Brasil]... isso tem um tempinho já, que envolveu cultura e política... cultura e

---

<sup>38</sup> Trata-se da obra *A vida imortal de Henrietta Lacks*, de autoria de Rebeca Skloot.

filosofia e teve umas discussões sobre feminismo que foram muito acirradas, porque foram várias feministas radicais e... um bate-boca. Algumas pessoas ficaram melindradas e eu fiquei super recalçada, porque eu falei assim: “Cara, eu não tenho repertório para discutir sobre isso, porque eu estou agora começando”. A gente estava nesse processo ainda de ler os textos feministas, então eu tinha um certo medo de rolar uns barracos e o grupo perguntar, tipo assim... até desabar a gente como figura de mediação, no sentido de “quem você acha que você é para estar aí, você não sabe”. E isso nunca aconteceu nesse nosso Leia do Rio. Eu já ouvi falar que aconteceu, não que aconteceu em outras cidades, mas que tem outras cidades onde a mediação é claramente militante, só lê livro feminista, com um viés mais político. Levam a discussão sempre para esse lado. Porque aqui no Rio, por exemplo, o número de pessoas muito feministas, no sentido de pessoas muito aprofundadas na leitura teórica, é pequeno. Eu não vi nenhuma outra pessoa que tem um interesse... nunca vi ninguém que leu de forma especializada. Porque eu conheço gente que estuda isso na faculdade. Mas tem aquelas pessoas que, de certa forma, frequentam um ambiente acadêmico que tem interesse na leitura, mas mesmo essas pessoas falam muito de boa. Uma disponibilidade grande para explicar certas coisas que nem sempre estão muito claras. Então, no início, eu achava que podia rolar isso, de a discussão ser muito militante e nem tanto a partir da experiência da leitura. E não foi assim. Teve um ou outro momento em que houve questionamento do tipo. A gente leu Chimamanda [Ngozi Adichie] e teve uma menina que falou que ficou decepcionada, porque sendo a Chimamanda nigeriana e de um país de muito conflito, que a Chimamanda nem sempre aprofundasse as questões políticas... as questões políticas eram uma espécie de pano de fundo para os dramas dos personagens. E aí uma moça negra que estava no clube falou assim: “Mas aí ela só pode falar desse assunto?” Tipo assim, então negro só pode falar de problema de racismo, nigeriano só pode falar de [palavra não identificada]. Então assim... foi uma colocação muito interessante. Como a gente ali não fala de um lugar de especialista, até porque a gente varia muito os assuntos, a gente também gosta que as pessoas tragam a própria vivência. E aí o Leia vira essa coisa meio misturada. Porque assim, ele é um comentário sobre o texto do ponto de vista da técnica e da arte, mas ele é um contexto que a gente traz para a vida, a gente traz para a vivência. Muita gente traz depoimento do que viveu. Isso é uma coisa que... eu sou muito reservada da minha vida, mas quando a gente leu *Memórias da plantação*<sup>39</sup>, eu fiquei muito tocada, porque é um livro de colonialismo e a família do meu pai é negra e eu vi muitos episódios de racismo na minha família. Tanto de pessoas negras que assimilaram o racismo, tanto de pessoas brancas que eram muito racistas e que faziam comentários, tipo... a minha avó esquizofrênica, ela não gostava da minha avó mãe do meu pai, então ela fazia uns comentários super estranhos e eu era criança, né, eu nem entendia o que ela estava falando. Então eu me lembro que foi uma das primeiras vezes que eu falei muito da minha experiência, porque eu achei que seria interessante. Eu acho que ainda tem gente que relativiza e não existe isso, você não vai falar uma coisa dessas... inclusive teve gente da própria família que [palavra não identificada].

Pesquisadora: Você tinha comentado sobre as suas sensações e experiências individuais de leitura. O que você sente quando você compartilha as suas leituras com outras mulheres?

---

<sup>39</sup> Obra de Grada Kilomba.

Entrevistada: Eu acho que... como falei, o Leia para mim foi muito uma escola. Eu acho que a discussão... ela afia um pouco a minha percepção das coisas, porque não necessariamente as pessoas vão falar muito do que eu falo. Mas eu acho que me ajuda a pensar, discutir um outro ponto de vista. Eu acho que essa discussão da *Putá Feminista*<sup>40</sup> teve muito esse papel, porque a gente tem falado muito dessa coisa de estereótipo de gênero, de exploração, é um ponto de vista que ele é um pouco privilegiado [palavra não identificada]. É uma história desafiadora e que faz a gente olhar com um pouco mais de... entender mais a complexidade do assunto. A gente leu um outro livro, o *Argonautas*<sup>41</sup>, que fala muito de teoria política e que também foi muito... assim, as opiniões da autora eram muito inesperadas. E é interessante, porque eu acho que existe uma tendência geral da gente comprar a ideologia do outro. A gente se identifica com um grupo e a gente tende a nem sempre questionar aquelas coisas. E eu acho que essas duas leituras desafiadoras botam a gente um pouco para revisar o nosso próprio meio com o qual a gente se identifica. E eu acho que as mediadoras, o nosso grupo de mediadoras teria essa tendência. Eu sei que existe um público do Leia que adoraria ler mais livros de escapismo. Tem umas que falam: “Ah, achei chato, história muito chata, personagens insuportáveis.” Teve gente que até falou: “Ah, achei o livro interessante, mas eu não leria...” Tipo esses livros teóricos... não é um livro que eu compraria. Eu acho que tem a ver também com a história das mediadoras desse Leia do Rio. Porque como a gente se conheceu pela *internet*, a gente já veio de uma bolha, né. Essa bolha de mulheres universitárias, com uma tendência progressista, alguma experiência de leitura das Ciências Humanas. A [uma das mediadoras] é historiadora, a [uma das mediadoras] é jornalista, a [ex-mediadora], que saiu, era jornalista também. Então, assim, meio que cria uma tendência.

Pesquisadora: E as suas preferências de leitura mudaram a partir da experiência com o Leia?

Entrevistada: Eu não sei. Acho que eu nunca tinha pensado nisso. Eu acho... eu li coisas que eu, definitivamente, não teria lido. Ou porque eu não conhecia ou porque eu acho que eram assuntos que não me interessavam, talvez. Por exemplo, esse de divulgação científica [*A vida imortal de Henrietta Lacks*], eu nunca tinha ouvido falar desse livro e eu achei ele ótimo. Adorei. Eu até acho que os meus gostos estão bem representados na maioria dos livros escolhidos no Leia. Eu gosto de não-ficção também, eu tenho interesse em ler livros de História, de Sociologia, de Filosofia... eu acho que o gênero mais diferente que eu li cheio de reticências, mas no fim eu achei maravilhoso, foi uma ficção científica, que não é um gênero que eu costumo muito ler. O livro da Ursula Le Guin<sup>42</sup>. Eu tinha muito medo de ler, porque eu achava que o livro era muito difícil, então eu ficava achando que eu não ia entender... não é tão difícil assim, mas eu fui ler com medo. Mas a maioria dos livros do Leia já são mesmo o tipo de livro que eu leria.

Pesquisadora: Eu vou te fazer uma última pergunta: você tem alguma lembrança especial do Leia? Alguma lembrança que tenha mexido com você de alguma forma?

Entrevistada: Eu tenho uma lembrança muito pungente. A gente teve uma participante que morreu de câncer. E, no último Leia que ela foi, ela já estava com metade do [palavra não identificada] paralisado. Então ela não conseguia falar direito, ela não ficou o Leia todo. Ela foi com o marido dela, porque ela não conseguia andar sozinha... e ela mandou uma

<sup>40</sup> Obra de Monique Prada.

<sup>41</sup> Obra de Maggie Nelson.

<sup>42</sup> Trata-se da obra *A mão esquerda da escuridão*, de Ursula Le Guin.

mensagem para a gente no privado dizendo que ela ia fazer de tudo para ir de novo, porque o Leia fazia ela muito feliz e que, mesmo não indo no Leia, ela estava lendo os livros, porque era um momento em que ela ficava muito feliz, se sentia muito à vontade, ela aprendia muito com as discussões... eu fiquei muito chocada, porque eu fiquei... eu não sei se eu que, sou mediadora, valorizava o Leia nesse nível. A [uma das mediadoras] é uma participante, é uma mediadora também, que também teve problema de saúde, não vou me aprofundar, porque só ela pode dizer, mas ela falou que ela teve uma experiência parecida, de ter ficado muito doente e o Leia ser uma espécie de “respiro”. E isso explodiu muito a minha cabeça, porque eu pensava assim: “A gente que está fazendo a mediação, a gente não tem noção que as pessoas desenvolvem essa relação, sabe”. Eu acho que o Leia virou uma espécie de lugar para a gente debater as coisas do mundo atual a partir da leitura. Então, assim, é um lugar para aprofundar um pouquinho o conhecimento sobre as coisas, porque a gente também tem a visão de outras pessoas. A gente tem participantes negras, a gente tem gente que vai da Zona Oeste, que vem da Baixada que, em muitas vezes, traz vivências que o público majoritário ali da Zona Sul, que consegue ter um grupo de leitura na quarta, de noite, nem sempre tem. Eu acho que o nosso Leia tem muita empatia, muita boa vontade, mas a gente também é cercado pela bolha. Então, assim, essas discussões são muito interessantes também para gente entender também o outro lado e entender as complexidades mesmo da sociedade. Eu acho que esse depoimento da [participante que faleceu], ele me mostrou que talvez eu não tivesse a noção de que o Leia tivesse se tornado uma coisa nesse nível para as pessoas. Porque ainda me parecia um momento de se juntar e bater um papo, sei lá, falar do livro, falar de uma história legal...

Pesquisadora: Tem alguma coisa que você queira falar que a gente não comentou aqui?

Entrevistada: Eu... não sei. Acho que falei muito, até. Eu me empolguei.

Pesquisadora: Então eu vou encerrar aqui. Muito obrigada.

## **Transcrição de entrevista 2**

Entrevistada: Participante do Leia Mulheres Rio de Janeiro

Dia: 14/11/2019, às 11:30, no Starbucks do Centro do Rio de Janeiro

Duração: cerca de 30 min

Entrevistada: Meu nome é [nome da entrevistada], tenho 27 anos, eu moro aqui na Lapa. Nasci no Rio mesmo, morei na maior parte aqui no Rio. Eu sou formada em Direito na UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro] e fiz o mestrado na UFRJ também, terminei agora em março. Atualmente, eu moro sozinha, mas eu tenho um irmão e sempre morei com meus pais e com meu irmão. Meus pais são casados até hoje. E esse é o contexto em geral. Eu leio desde sempre. Basicamente, minha mãe comprava livrinhos dessas coleções de jornal, sabe? Não sei se você lembra aqueles *Mais Belos Clássicos de Todos os Tempos*, que vinham com a fita. Eu tinha vários, só que eu não gostava das fitas, não. Eu chegava da escola todos os dias e fazia minha mãe ler para mim, todos na ordem em que ela comprou. E tinha que ser ela, porque meu pai tentava me enganar; meu pai não lê, nunca leu. Nunca vi ele terminar um livro na vida dele. Minha mãe lia um pouco. Hoje em dia não tanto, mas ela lê relativamente bastante. E aí eu pedia para o meu pai ler e ele pulava parágrafo, porque não tinha paciência para ler tudo. Só que eu já conhecia as histórias de cor, então eu falava que ele estava me

enganando e aí eu pegava os livros e ia atrás da minha mãe para ela ler para mim. Então eu acho que sempre li. Minha mãe sempre teve muita paciência. Minha mãe não trabalhava fora quando eu nasci; ela foi trabalhar fora quando eu tinha uns 12 anos de idade, então ela sempre ficava em casa comigo o dia inteiro. E aí ela que lia para mim. A gente inventava muita história também. E minha mãe escrevia historinhas também. Porque teve uma época que, na escola, tinha umas coisas dos pais... não sei se era comum, não, mas eu lembro da minha mãe indo na minha sala da escola e aí lendo historinhas para os meus amigos; historinhas que ela escrevia para a gente. Então eu acho que minha mãe foi a minha principal referência de leitura, foi ela que sempre me deu os livros. Meu pai nunca foi. Acho que o lado da família dela tinha mais essa coisa, esse gosto de ler, o lado dele nem tanto, apesar de que a galera até lê, mas meu pai realmente que não lê nada.

Pesquisadora: Tem alguma relação entre a escola e o seu interesse pela leitura?

Entrevistada: Não sei se teve tanto, porque no começo eu lia muito o que eu tinha em casa. Minha família é espírita, então circulava muito pela família livros espíritas e acho que a maior parte da minha infância eu não lia livros infantis, eu lia livros espíritas. Era mais o que eu lia. E eu adorava! Inclusive, eu tenho a imagem mental de uma cena muito específica que eu nunca mais consegui achar de qual livro ele era e tenho as cenas na minha cabeça até hoje e tenho a certeza de que foi de algum desses livros que eu nunca mais vou descobrir qual era. É uma cena que era uma moça num jardim e alguém olhando pela janela e tem todo esse contexto que eu sei que veio desses livros, porque tem a *vibe* desses livros, mas não sei de qual livro que é. Eu já procurei alguns que eu achei que podia ser, que tinha uma imagem da capa que eu achava que era, mas não consegui encontrar o livro (risos). Mas é isso. Os livros primeiro que eu lia vinham principalmente daí, mas teve alguns outros também... com uns 7, eu li *O pequeno príncipe*<sup>43</sup>, que eu acho que foi minha mãe que me deu; esses clássicos de começo de leitura. E *Harry Potter*<sup>44</sup> começou a lançar também quando eu tinha uns 8 anos, que também tenho até hoje o primeiro com a dedicatória da minha mãe. Foi ela que me deu. E eu me lembro que foi ela que descobriu. Eu nem sabia que *Harry Potter* existia, porque nem existia *internet* naquela época. E aí ela veio falando que ela tinha visto no jornal uma história de um bruxinho, que ela ia comprar para mim o livro. E foi assim que *Harry Potter* entrou na minha vida. Mas eu sempre gostei de ler os livros de escola também. Eu não lembro muito dessa parte das histórias, mas me lembro que minha mãe lia, mas não lembro se eram coisas comuns. Eu não me lembro de outros pais... eu lembro da minha mãe indo lá contar as histórias. (risos). E a gente ficava deitado no chão. Começo do ensino fundamental, devia tá lá pela alfabetização. A gente ficava deitado pelo chão e a minha mãe contava as histórias lá na sala de aula. Mas eu não lembro muito dos livros que eu lia nessa época na escola. Eu lembro que mais tarde, quando eu já gostava de ler mesmo, começava o ano e comprava todo o material escolar e eu já lia todos os livros paradidáticos antes de começar a aula! (risos). Não que fossem muito interessantes, porque nas escolas que eu estudei não passavam os livros. Não passavam *Dom Casmurro*<sup>45</sup>, passavam uma adaptação juvenil de *Dom Casmurro* para a gente ler, porque eu acho que também ia assustar a maior parte das pessoas. Mas eu já estava lendo Machado de Assis na minha vida particular, então achava meio chato ter que ler *Dom Casmurro* da adaptação. Mas sempre gostei. Então eu lia antes já e, às vezes, eu até relia, porque era um por bimestre, né. E eu lia antes de começar o ano e depois ia lendo de novo ao longo do ano. Mas eu lia muito naquela época. Eu lia muito mais até do que eu leio hoje.

<sup>43</sup> Obra de Antoine de Saint-Exupéry.

<sup>44</sup> Obra de J. K. Rowling.

<sup>45</sup> Obra de Machado de Assis.

Pesquisadora: Você tinha alguma preferência de leitura, dentre as coisas que você lia? Alguma preferência que você tinha e você viu mudando ao longo da sua vida?

Entrevistada: Mudou com certeza! Eu lia muito mais “livros sérios” quando eu era adolescente do que eu leio hoje em dia. Eu não lembro de... tirando *Harry Potter*, que é juvenil, eu não lembro de muitos juvenis marcando muito assim... tem alguns muito específicos, tipo *Poliana*<sup>46</sup>, *Manu*, não sei se você conhece. Eu sou louca por um livro que é infantil que chama *Manu: a menina que sabia ouvir*. Ninguém que eu pergunto conhece! É do Michael Ende, de *Uma história sem fim*. Só que é um livro que tinha na estante da casa da minha bisá. Minha mãe... minha avó e meu avó se separaram quando minha mãe era pequena e minha mãe morava com a minha avó, que morava na casa dos meus bisavós. E aí tinha uma estante lá que era meio que livro de todo mundo; eu acho que não tinha muito dono específico. E aí eu catava os livros, porque hoje eu tenho vários livros que são roubados da estante da minha bisá. (*risos*). E aí eu peguei esse, que é *Manu*, que é um livro infantil e está muito cagadinho, porque ele é dos anos 1980 e a minha edição está toda destruída. Colei ele todo com durex, enfim... amo muito ele até hoje. Eu tenho ele guardado até hoje. Eu não gosto de mexer muito nele, porque parece que ele vai descolar a qualquer momento. Mas, assim, são poucas referências de livros infantil mesmo. A maior parte dos livros que eu lia era mais livros espíritas e aí depois eu fui entrando nos clássicos. Eu li vários livros do Machado de Assis de uma tacada só quando eu tinha uns 12, 13 anos. Daí foi... era mais ou menos isso que eu lia. Hoje em dia, eu leio muito mais livros não tão sérios, entre aspas, do que eu lia naquela época. Hoje em dia eu gosto bastante de ler YA [literatura jovem-adulto], esse tipo de coisa, apesar de ainda não ser... eu não sou tão apaixonada quanto a maioria das pessoas do meu círculo social, mas eu gosto bastante e, naquela época, não era uma coisa que eu lia muito. Porque eu acho que lia muito o que tinha a mão, disponível, o que aparecia na estante. Eu pegava e eu lia. Eu li também *Lolita*<sup>47</sup> com 12 anos e eu acho isso altamente não recomendável, mas eu li *Lolita* com 12 anos. E aí era isso. Os livros que eu tinha a mão, mas eu também frequentava muito a Bienal com a minha mãe. Eu nasci no Rio, eu passei a maior parte da vida no Rio, mas dos cinco aos dez anos de idade eu morei em Praia Grande, em São Paulo. Mas aí desde quando a gente voltou para o Rio, eu acho que a gente foi em todas as edições da Bienal. Aí a gente tem essa tradição. A gente vai de manhã e a gente anda todos os corredores, todos os *stands*. Hoje em dia não entra mais exatamente em todos os *stands*, não. A gente costumava entrar em todos os *stands*, nem que fosse só para pegar marcador de páginas. Eu saía de lá com um bolo imenso de marcador de página. Eu gosto muito de escavar... hoje em dia está com bem menos, mas tinha bem mais esses *stands* genéricos, com, tipo, balcões de livros completamente aleatórios, misturados...

Pesquisadora: Tipo de sebos, né?

Entrevistada: É como se fossem, mas acho que não são livros usados. Não sei se são defeituosos, que juntaram, mas são bem genéricos e aí mistura tudo e vendem, assim, por R\$10,00, e eu sempre gostei mais de escavar esses *stands* aleatórios. Pegar mais coisas aleatórias do que das grandes editoras. Então eu sempre saía de lá... porque eram baratos... lá vende de R\$5,00 a R\$10,00 esses livros. Eu saía de lá com uns 20 livros! Inclusive, até hoje, eu tenho dezenas de livros de muitos anos que ainda não li. (*risos*). Mas é isso, acho que foram as minhas fontes. Aí depois de mais velha um pouco eu comecei a ir realmente atrás dos meus próprios livros e comprar meus próprios livros.

<sup>46</sup> Obra de Eleanor H. Porter.

<sup>47</sup> Obra de Vladimir Nabokov.

Pesquisadora: Que tipo de gosto de leitura você foi desenvolvendo que é um pouco diferente? Porque eu percebo que a sua mãe foi a sua maior influenciadora de leitura... só que eu não sei se ela te influenciou muito no tipo de leitura.

Entrevistada: É, eu acho que ela não direcionou tanto assim o meu gosto. Até porque eu pegava muito os livros espíritas em geral que circulavam pela família, tinha essa coisa de um emprestar pro outro, mas tem essa “entidade”, que é essa estante da casa da minha bisa, que parece que muita coisa veio dali que eu não sei exatamente de quem eram aqueles livros. Acho que era meio que de todo mundo e foi ficando lá e muita coisa veio dali. O resto eu realmente não sei.

Pesquisadora: Sua bisa lia muito também?

Entrevistada: Eu não lembro da minha bisa lendo muito, não. Não sei se associo à casa dela, mas não lembro de ela lendo muito, não. Ela lia muito gibi da Turma da Mônica para mim, mas era basicamente isso. Mas eu acho que era meio que colaborativo. Minha avó lê, então pode ser que boa parte da estante fosse dela, porque ela morava lá também. Mas a imagem mental que eu tenho dos meus bisavós, eles já eram bem velhinhos. Então eu não sei o quanto a vista estava funcionando. Mas realmente não sei se eles liam muito. Eu sempre marquei a estante, mais especificamente.

Pesquisadora: Quais eram seus objetivos de leitura, desde quando você começou a se formar como leitora até agora?

Entrevistada: Eu sempre li, porque eu gostei muito. Até porque naquela época não tinha *Netflix*, não tinha programação na televisão, então eu sempre achei mais interessante ler, porque, assim, eu podia escolher o que eu queria naquele momento. Claro, tinha os números de canais da televisão, mas o livro sempre foi uma escolha mais direcionada. Ia ser mais fácil achar um livro à mão de acordo com o que eu queria ler do que achar um programa de TV na grade fixa da televisão naquele mesmo esquema. Então eu sempre li, porque eu gostava de ler mesmo. Eu lembro, quando eu era criança, de passar as tardes na rede lendo o dia inteiro. Eu nunca fui muito de gostar de interagir com pessoas, eu preferia ficar com os meus livros e coisas do tipo. Então, eu sempre... meu momento de lazer, de tranquilidade, era eu com os livros, de boa, em paz a tarde inteira.

Pesquisadora: E tem alguma leitura ou tipo de leitura ou um livro que tenha te marcado de alguma forma?

Entrevistada: Eu acho... *Manu*, eu já falei, né. Não sei porque, qual é o tipo de relação, mas é uma história muito legal. É uma história muito avançada para crianças. Eu amo esse livro! É um livro muito interesse e, inclusive, vou reler. Um livro que eu li deve ter uns 20 anos e ainda é referência. E nem li ele de novo, mas dá para dizer que ele me marcou muito. E marcou muito também essa fase do Machado de Assis, que não sei de onde eu tirei do meu útero que eu queria ler. (*risos*). Eu não li tudo ainda de Machado de Assis, mas eu li vários livros dele, tudo ao mesmo tempo. E de livros específicos, eu acho que... tem muitos livros que marcam muito momentos específicos, mas nem todos eu lembro a longo prazo. Inclusive, uma amiga minha que acho que você pegou contato com ela também naquele dia...

Pesquisadora: A [uma das participantes do clube]?

Entrevistadora: É. Ela tem um canal de literatura, que ela te deu marcador, e ela faz uma matéria que chama “Os cinco livros da vida”. E eu fui o protótipo da *tag*, e aí eu listei os cinco livros que me marcaram e agora já não consigo nem mais lembrar exatamente quais os livros. Se não me engano, teve um que eu li também, mas esse foi bem recente, mas chama *Herland, Terra das Mulheres*. É um livro muito legal, da Charlotte Perkins, que é de 1915, que é tipo uma utopia. Uma terra onde só existem mulheres e é muito legal, sabe? Eu gostei



muito de ler o livro e desde então estou com essa ideia fixa que eu quero escrever a minha utopia também, mas é nesse sentido. Eu gosto de livros que me fazem refletir, que me fazem pensar, porque eu pego um livro, às vezes de literatura, e eu reflito ao redor dele também. Eu acho que essa é uma parte muito legal de ler.

Pesquisadora: E o que você sente quando você está lendo esses livros? Além desse entendimento maior do mundo. Como é que você se sente lendo?

Entrevistada: É porque... eu acho que depende muito do livro. Em geral, assim, eu gosto desse entendimento, é uma parte que eu gosto muito da leitura, é uma parte que me deixa feliz, mas eu acho que o que me relaciona com o livro mesmo são sentimentos, porque eu sou canceriana (*risos*) e eu só trabalho à base dos sentimentos. Eu gosto muito de me relacionar com os personagens. Basicamente, eu me envolvo completamente. Eu fico feliz, fico triste, fico revoltada, fico puta com os personagens, então não é uma coisa específica que eu sinto, mas eu sinto muito ao redor da leitura. Eu acho que eu entro muito no clima da leitura que eu estou lendo. Eu fico arrasada, eu fico feliz... se é romance eu fico feliz... eu acho que eu entro exatamente muito no clima do livro que eu estou lendo. Me dá prazer, o ato da leitura em geral. Normalmente, quase todas as vezes que eu estou lendo, eu sinto prazer, exceto quando o livro é muito chato. Eu vou sentindo muito em torno do conteúdo do que vou lendo. Em geral, eu costumo sentir prazer enquanto eu leio.

Pesquisadora: Fala um pouquinho para mim agora sobre como você chegou no Leia. Como você ficou sabendo? Como você sentiu interesse em participar do Leia e começou a ir nos encontros.

Entrevistada: Eu tenho uma memória péssima! Não tenho certeza se foi nesse momento que eu soube do Leia, não sei se de repente eu já tinha visto em algum lugar na *internet*, mas em 2016, se não me engano. Eu tenho um site que chama Valquíria e a gente faz análise da cultura *pop* em geral, inclusive de livros, mas não é muito focado em livros. E eu também escrevia num site chamado [palavra não identificada]. Não sei se existe ainda. Você conhece *Mulheres que Escrevem*? Tem uma iniciativa também para promover a literatura escrita por mulheres e tal.

Pesquisadora: Você tem essa vontade de escrever?

Entrevistada: Sim. Eu gosto muito de escrever! Além de ler, eu sempre escrevi. Esse *Mulheres que escrevem*, que é uma iniciativa muito bacana e muito interessante, organizou um evento e chamaram a galera da *Opaca*, só que é uma coisa bem descentralizada, no país inteiro... e o evento foi lá na Blooks, onde é o Leia Mulheres, e essa específica que chamaram era sobre ler mulheres. Aí eu fui, entre outras pessoas, lá representar esse *site* que eu escrevia, a *Opaca*, e tinha eu e mais uma menina da *Opaca*, e mais duas meninas que trabalhavam fazendo... eu não sei se trabalham profissionalmente, mas que faziam um coletivo que fazia vídeos, e aí tinha as meninas do *Mulheres que Escrevem*, e tinha duas meninas do Leia. A [ex-mediadora], que não está mais aqui no Rio, agora ela está morando em São Paulo, mas ela era mediadora do Leia, e a [uma das mediadoras], que ainda é mediadora lá e as duas estavam na mesa. E aí todo mundo falou, teve o debate, falando sobre o projeto e tal, e acho que foi assim que eu conheci a existência do Leia, e aí eu cheguei a ir meio aleatoriamente, uma, duas vezes... eu não costumava ir com frequência até esse ano, porque o mestrado acabou com a minha vida literária, né. Eu só conseguia ler as coisas do mestrado e eu queria muito voltar a ler coisas por prazer. Eu falei que eu não gosto de Direito... eu não gosto do Direito, assim, da lei, essas coisas, mas eu gosto da teoria. O meu mestrado foi mais na área de Direitos Humanos, então eu gostei de ler minhas bibliografias do mestrado. Não odiei cada minuto do mestrado, odiei a graduação. Mas eu estava muito só conseguindo ler aquilo, não conseguia

ler mais nada! Aí eu acabei o mestrado foi em abril ou maio, e aí eu tinha me comprometido desde o final do ano passado que quando eu terminasse, eu ia frequentar o Leia Mulheres para eu voltar a ler. Para eu conseguir ler pelo menos um livro por mês, porque eu não estava conseguindo nem isso! E aí foi que em março, abril que eu comecei a frequentar e tenho frequentado todo mês desde o começo do ano. Eu gosto bastante do Leia.

Pesquisadora: Pela sua experiência com o Leia, o que você pensa sobre a intenção dessas mulheres de se reunirem para discutir sobre um livro, debater sobre uma obra?

Entrevistada: Eu sempre achei a ideia de clube de leitura muito legal, né. Geralmente, eu não falo muito, mas eu gosto muito de ouvir o que as pessoas estão pensando sobre a mesma coisa que eu estou lendo. Se perceberam diferente do que eu percebi. Eu gosto dessa parte de interação, apesar de eu, geralmente, não interagir tanto. Eu acho que o Leia é bem legal. Eu já gostei mais, porque na época em que ele era mais vazio eu acho que a interação fica melhor, fica mais fácil de interagir, as pessoas conseguem se manifestar mais. Eu ainda gosto muito, mas ele realmente tem estado bem cheio. Mas eu gosto muito do Leia, porque tem pessoas bem variadas, tem gente mais velha, gente mais jovem... fica num clima meio zona sul, classe média... fica porque é em Botafogo, numa quarta-feira à noite, então acho que isso limita. Mas, ainda assim, eu acho que tem um nível de variedade e eu acho muito interessante ver, assim, como as outras pessoas pensam sobre aquilo que eu li. Sempre me acrescenta muito na experiência da leitura. Sempre acabo com outras impressões do livro muito além do que eu tive quando eu li os livros. Então eu acho que sempre me faz pensar muito as discussões do Leia. Me faz pensar coisas, às vezes, sobre perspectivas que eu não pensaria normalmente, não pensei antes quando estava lendo e não pensaria. Às vezes, eu não concordo, mas eu gosto de ver essas outras perspectivas se misturarem e comparar com a minha e mudar um pouco ou não um sentido ou outro.

Pesquisadora: O que você pensa sobre os livros selecionados para a discussão? Como isso se relaciona com a sua formação como leitora e com as coisas que você lê hoje em dia?

Entrevistada: Eu acho que uma das partes mais interessantes do Leia é justamente essa. Elas tentam muito diversificar ao máximo. Elas nunca botam dois livros de um mesmo país seguidos, elas mudam muito de tipos de livros, de gênero, e eu acho isso muito legal, porque, às vezes, são coisas que eu leria normalmente mesmo e, às vezes, são coisas que eu nem sabia que existia e que eu pego e às vezes gosto, às vezes, não. Às vezes, são coisas que não necessariamente escolheria para ler por mim mesma sozinha. E eu acho que isso acrescenta bastante, mesmo que seja para saber que realmente não curto ou “nossa, que legal, quero ler mais sobre isso”. Acho que sempre é uma experiência interessante também, por essa questão de diversificar as leituras. E acho que também me encoraja a ser um pouco mais variada... eu sempre gostei de variar. Nunca fiquei muito presa a um tipo só. Eu gosto de mudar, até quanto estou lendo muita coisa ao mesmo tempo, do mesmo tipo seguido... aí fica muito cansativo. Então acho que dá um ânimo você ir trocando. Então, eu gosto muito por esse aspecto de variar bastante. Eu acho que elas escolhem livros muito bons. Na maioria dos casos, é raro eu não gostar de algum livro. E, às vezes, acontece também, não só comigo, mas eu já ouvi outras pessoas falando de não gostar tanto assim e chegar lá na reunião ouvir as pessoas falando, sair achando que “gostei mais do que eu tinha achado que gostei antes”. Nunca aconteceu de eu sair gostando menos do que eu tinha achado que tinha gostado, mas já aconteceu de eu aprofundar a reflexão sobre aquele livro e achar que eu gostei mais do que eu achei que tinha gostado.

Pesquisadora: E como você pensa aquele espaço como um espaço de discussão sobre questões da mulher?

Entrevistada: Eu não sei se tem tanto essa perspectiva. Até porque não é... em geral, eu sinto que tem muita discussão sobre isso... mas é porque, hoje em dia... eu estou muito acostumada a frequentar alguns espaços feministas que são mais fechados só para mulheres. Lá não é esse caso. Lá qualquer homem pode chegar e participar da discussão livremente. E eu, pessoalmente, tendo a me sentir mais confortável para discutir, não literatura, mas discutir questões da mulher, questões feministas, em ambientes que são exclusivos para mulheres. Até em geral, para me manifestar, eu me sinto mais confortável em ambientes que são só de mulheres. Tem esse ponto, mas eu acho que saem discussões bacanas, algumas mais rasas, outras mais profundas... mas, em geral, eu acho que, em grande parte, as discussões são mais voltadas para o livro mesmo. É porque, ultimamente, elas têm estado em uma *vibe* mais de teoria. Nos últimos meses, foram livros um pouco mais teóricos, e aí eu acho que, inevitavelmente, entra mais nessas questões, mas, em geral, o grosso do que eu peguei até aqui, tirando esse último período, foram os livros de literatura. Eu acho que, em grande parte, fica mais ao redor da literatura mesmo. Mas sempre passa por essas questões, talvez por ser um grupo mais de mulheres, geralmente tem uns dois ou três homens só na roda e também por serem livros escritos sempre por mulheres. Não tem como não parar para pensar o que o fato dessa escritora ser mulher influencia no conteúdo desse livro. Acho que sempre passa por aí o pensamento, mas não sempre aprofunda nessa discussão.

Pesquisadora: Fala um pouquinho para mim sobre o que você pensava das discussões e dos encontros do clube antes de você participar e como que você vê isso agora que você participa.

Entrevistada: Eu acho, assim... tem muitas pessoas que vão quase todo mês, né. Então, acho que quando você começa a conhecer, ainda que de vista, não conheça muito próximo todas elas, você já começa a esperar o que vai acontecer. Eu acho que, mesmo que você não tenha relação de proximidade com as pessoas, você acaba meio que incorporando. Pelos livros que eu leio para o Leia, acho que, em alguma medida, já começa a antecipar já alguns comentários que vão vir de pessoas que já, que eu sei que frequentam e já sei mais ou menos como se comporta. Então, talvez, com o passar do tempo, você acaba... as discussões acabam sendo mais previsíveis, não porque não sejam boas, mas porque você já conhece, em alguma medida, as pessoas que estão ali. Mas sempre tem gente nova, então sempre tem... são pessoas que eu não conheço tão a fundo, então obviamente sempre surpreende. Mas, no começo, tinha mais a questão da surpresa, vamos ver o que vai ser falado, e, hoje em dia, já não tem tanta surpresa assim do que vai ser falado. Você já espera um posicionamento ou outro, principalmente das pessoas que falam mais. Porque tem sempre tem aquelas pessoas que gostam mais de falar, que falam mais rotineiramente, né... então essas pessoas você meio que já espera, mas sempre sai muita coisa bacana. Então eu acho que sempre acrescenta muito. Eu sempre saio de lá com novos pontos para refletir sobre aqueles livros que eu já li.

Pesquisadora: Isso tem alguma relação com as suas experiências de leitura agora? Desde o momento em que você passou a participar do Leia até agora. Qual relação com a maneira como você lê um livro hoje em dia?

Entrevistada: Eu acho que tem. Eu acho que quando você se acostuma a discutir os livros, você acaba começando a se acostumar a ler de uma forma mais pontual, levantando questões que, às vezes, se você não tivesse lendo com essa mentalidade mais de debater, elas passam mais despercebidas. E eu acho que isso se espalha até para os livros que eu não estou lendo especificamente para o Leia. Eu acho que, quanto mais você lê com essa perspectiva de debater, conversar sobre alguns pontos que são mais ressaltados, passariam despercebidos, você começa a notar mais. Você chega lá e levantam vários pontos que você nem ligou, e aí,

com o tempo, eu acho que você vai aprendendo a ficar mais sensível para esses outros pontos que surgem, que você não repararia normalmente.

Pesquisadora: E isso mais em relação a leitura ou em relação ao mundo todo que a gente vive?

Entrevistada: Eu acho que o debate, em geral, abre as perspectivas. Não acho que o mundo da leitura seja restrito à leitura. Sempre formou a forma como eu via o mundo. Então eu acho que debater em torno disso acaba mudando. O que adianta ler e confinar a reflexão àquilo. Acho que a reflexão sobre um livro transborda as fronteiras daquele livro específico. Então acho que esse debate extravasa como eu penso e vejo o mundo em outros momentos.

Pesquisadora: Agora vou fazer a última pergunta, que é sobre se você tem alguma lembrança especial da leitura no todo e, especificamente, no contexto do Leia Mulheres. Alguma coisa já aconteceu que mexeu com você que você lembre?

Entrevistada: Ai que difícil... (*risos*). Não. Eu acho que não tenho nenhuma memória, assim, específica de um momento. Eu lembro mais, assim, de sentimentos gerais, de estar interessada, de gostar, de acompanhar a discussão e de me sentir, na questão da leitura, de me sentir aconchegada, de ter o conforto ali de ler... mas eu não tenho, pelo menos não me vem à mente agora nada, nenhum momento específico e marcante.

Pesquisadora: E como você se sente nas discussões do Leia?

Entrevistada: Eu acho que depende muito. Depende do tipo de livro. Eu costumo gostar mais das discussões, acho que elas são mais produtivas quando os livros são de literatura. Eu acho que não é um espaço muito politizado, teoricamente aprofundado para chegar num nível de discussão teórica que me agrada. É porque eu tenho algumas reflexões teóricas próprias já e, nesse contexto, é muito bom para quem não tem muita bagagem teórica para entrar e debater. Mas eu não me interessou tanto pelas discussões teóricas de lá. Eu gosto muito das discussões mais sobre livros mais de literatura, ficção e é o que mais me agrada dali. Esqueci o restante do que ia falar. (*risos*).

Pesquisadora: É só como você se sentia nas discussões do Leia, compartilhar pontos de vista sobre a leitura?

Entrevistada: Eu gosto bastante, porque tenho muita curiosidade de ouvir o que outras pessoas... assim, se eu tivesse um poder, se eu pudesse escolher um poder, seria ler pensamentos, porque eu gosto de saber como as pessoas pensam, eu gosto de ter uma noção... acho que é por isso que eu também gosto tanto de ler. Tem relação... de entrar um pouco na cabeça de outra pessoa. E debater os livros também é uma forma de entrar na cabeça das pessoas também. Então eu gosto bastante de ouvir mais do que falar. Por isso que eu não falo tanto, mas eu gosto de ouvir e refletir sobre as discussões.

Pesquisadora: Bom, é isso. Eu vou encerrando por aqui. Tem alguma coisa que você queira falar que a gente não conversou aqui?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: Então eu vou encerrar aqui a gravação. Muito obrigada.

### **Transcrição de entrevista 3**

Entrevistada: Mediadora do Leia Mulheres Rio de Janeiro

Dia: 21/11/2019, às 19h, no Starbucks do Centro do Rio de Janeiro

Duração: cerca de 28 min

Entrevistada: Vamos lá. Bom, nome já tem aí, né? Eu tenho 35 anos, eu sou formada em jornalismo, mas a minha atuação profissional não é com jornalismo. Eu já trabalhei na área, mas eu fiz concurso público. Hoje em dia eu trabalho com Recursos Humanos no setor público e a formação como jornalista tem a ver com esse gosto pela leitura e pela escrita.

Pesquisadora: Você pode falar um pouco sobre onde você estudou, a sua escolaridade, sobre a sua família...?

Entrevistada: Então, eu sou formada em Jornalismo pela PUC [Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. Eu fiz Cinema, trabalhei uma época com cinema também. Eu sou filha de... eu tenho três irmãs e dois irmãos postigos. Minha mãe se casou depois. Eu sou filha de pais separados e a grande relação da minha história familiar com a leitura é porque meu pai é professor de Literatura. Então sempre foi a minha... meu pai se separou da minha mãe muito cedo... eu tinha dois anos... e sempre a minha forma de conexão com ele foi a literatura. Porque eu sabia que meu pai era professor de livros, que ele gostava de ler, então era a minha forma... eu lia os livros para contar para ele, dava livros de presente... eu tinha tão pouco contato com ele e eu sou a única filha dele que pegou o hábito... o gosto da leitura e então ele adorava isso, ele contava na sala de aula: “Minha filha tem 12 anos e já leu *Dom Casmurro*<sup>48</sup>!”. Ficava todo orgulhoso, sabe? Então tem a ver com isso. Minha mãe também é uma mulher que lê muito, mas meu pai tinha essa coisa mais afetiva. Era o nosso assunto... provavelmente era o único assunto que a gente tinha. E por os meus irmãos... as minhas irmãs serem um pouco mais velhas que eu, eu era sozinha em casa e eu acho que a leitura tem a ver com isso também, sabe? Minha mãe trazia livros para mim para eu ficar lendo nas férias... eu lembro que eu lia um livro por dia! Aquela coleção Vagalume, ela trazia um por dia aí, no final do dia, eu falava: “Mãe, terminei!” e ela falava “Já trouxe outro”. Aqueles livros de banca de jornal, que vêm em fascículos, vêm com fita cassete... a Xuxa contava a história, você escutava e lia a história. Então tem essa relação afetiva. E minha mãe trabalhava o dia inteiro, trabalhava muito, e eu era muito criança, meio sozinha. Minhas irmãs eram um pouco mais velhas... era a forma de carinho dela, de ela falar que lembrou de mim. Então eu sempre tive essa relação afetiva com a leitura, sabe. Era a forma de eu ter uma conversa com meu pai e uma forma da minha mãe mostrar que lembrava de mim, ela trazia toda hora um livro para mim....

Pesquisadora: E com qual objetivo você lia?

Entrevistada: Totalmente por lazer. Uma forma de lidar com a situação da vida... essa coisa da solidão. De minhas irmãs serem mais amigas e fazerem mais programas juntas e eu não ter como fazer. Mas aí outras jogam videogame, outras... eu lia, não sei porque, mas era puramente por lazer. Teve uma fase da história da minha vida que a leitura teve um papel mais importante, que foi quando eu fiquei doente. Eu tive [uma doença grave] com 21 anos e é um tratamento pesado. Uma coisa difícil de viver... com 20 anos você não tem maturidade para lidar com isso. Foi nessa época que eu descobri o *Harry Potter*<sup>49</sup>. Eu lia um por dia, e quando eu acabei eu comecei a ler tudo de novo. Eu estava super mal, enjoada [por causa do tratamento] e tal e aí eu lembro que quando eu fui visitar o bar em Edimburgo onde a J. K. Rowling escreveu, várias pessoas botaram histórias parecidas... as pessoas escrevem

---

<sup>48</sup> Obra de Machado de Assis.

<sup>49</sup> Obra de J. K. Rowling.

lembranças da relação delas com *Harry Potter*. Eu entrei no banheiro, tinham várias pessoas: “Eu estava doente e os seus livros me salvaram!” Eu chorava de soluçar. Tem uma foto minha com a cara assim. Eu tirei uma foto no espelho do banheiro, muito emocionada. Não foi só *Harry Potter* que eu lia nessa época. Eu lembro dessa época de... os livros me salvaram muito nessa época... porque é chato, você fica doente, você fica enjoada... Eu estava lendo *Harry Potter*, eu era uma estudante de Hogwarts. O *Harry Potter* existia e eu não estava ali... eu não era uma pessoa doente, fazendo tratamento e tal. Hoje em dia eu consigo falar disso sem me emocionar, porque já tem uns 15 anos. E engraçado que, quando eu frequentei... aí a parte do... eu já estou pulando... se eu tiver deixado de falar a parte desse primeiro...

Pesquisadora: Não, fica tranquila, porque você já falou... será que você pode considerar essa como uma lembrança sua com a leitura?

Entrevistada: Com certeza. Total.

Pesquisadora: O que você sentia quando você lia? Desde a sua formação como leitora? Como você se sentia lendo?

Entrevistada: Não tem como fugir dessa coisa do escapismo, né. Às vezes, você está numa situação muito difícil na vida... a minha infância foi um pouco mais solitária... não foi uma infância ruim, não, mas teve um momento da minha infância em que as minhas irmãs eram mais unidas, porque depois a gente meio que ficou com idade mais parecida. E eu lembro disso... desse vazio... daquele tédio de criança, de “Cara, eu entrei de férias, como eu vou fazer com as minhas férias?” Eu lia o dia inteiro nas minhas férias.

Pesquisadora: Você tinha alguma preferência de leitura? Tinha alguma coisa que você gostava mais gostava de ler?

Entrevistada: Eu lia tudo. Coisas de aventura, aqueles do Pedro Bandeira, esses livros de histórias da Xuxa... depois eu tive uma fase, começando a entrar na fase da adolescência, dos diários. Diário de não sei o que, diário de uma adolescente, diário de Marina, diário de Suzi... eram muitos diários que eu lia. Aí depois teve a fase da Agatha Christie. Eu li tudo da Agatha Christie... na banca de jornal, né. Vários. Mas eu não tenho nenhuma preferência, não.

Pesquisadora: Nunca desenvolveu uma preferência...

Entrevistada: Tem “despreferência”, porque eu nunca gostei de ler quadrinhos, por exemplo. Mas é... o Leia... eu conheci... primeira mudança, assim, em relação com a leitura... foi quando eu conheci o *youtube*. Eu não sabia que as pessoas falavam sobre livros no *youtube*. E eu lembro que eu fiquei maravilhada quando conheci. O primeiro canal que eu conheci foi o da Tatiana Feltrin, que hoje é bem famosa, eu já nem gosto mais. Mas eu lembro que mudou completamente a minha forma de me relacionar com a leitura. Porque eu lia, assim, ouvia um amigo falando, passava numa livraria e via e comprava... comecei a ler muito mais sistematicamente, muito mais intencionalmente, sabe. “Esse tipo de livro que eu quero ler, quero me aprofundar nesse autor, participar de projetos de leitura”... mudou demais. Quando eu vejo, assim, a... eu leio mais e leio melhor. Eu tive um período que eu meio que dei uma pirada. De fazer listas e ter metas, “tenho que ler 6 livros por mês”... ai, foi horrível! Tive gastrite, foi um inferno.

Pesquisadora: Mesmo sendo uma leitura como lazer?

Entrevistada: Totalmente, porque... cara, no *youtube* e no *instagram*, nos livros lidos e você via e “Caraca, elas leram esses livros todos nesse mês”. E eu participava de um projeto de

leitura com as pessoas de *internet*, e aí tinha metas. Tipo, “No sábado, a gente vai discutir até a página tal.” E eu não conseguia chegar e eu queria participar.

Pesquisadora: O projeto era meio que um clube de leitura?

Entrevistada: É. Tipo, o canal da Tatiana Feltrin tinha um que era *A montanha mágica*<sup>50</sup>. E, a cada semana, a gente tinha que ler tantos capítulos de *A montanha mágica* e eu não conseguia. Eu lembro que eu ficava de madrugada lendo *A montanha mágica*... eu queria chegar no dia e estar com o capítulo... meio *nerd*, ainda por cima. Gerava um pouco de estresse. Hoje em dia eu não participo mais disso. O único que participo é o Leia, mesmo assim, até semana que vem e eu ainda nem consegui terminar de ler... aí eu chego lá e falo que não li.

Pesquisadora: E como você chegou no Leia? A ideia de se tornar mediadora.

Entrevistada: Então... aí eu conheci o *youtube* e comecei a conhecer muitos canais no *youtube* e um dos canais que eu conheci foi o da [uma das mediadoras]. Ela nem tem mais canal hoje. E eu adorei o canal dela. Adorei o jeito com que ela fala do livro, aquele jeito dela, toda descontraída. E aí, um dia, em um dos vídeos dela, ela falou: “Esse vai ser o livro que a gente vai ler no clube de leitura que eu sou mediadora, apareçam lá...” E era no Rio e eu morava no Rio, aí eu falei: “vou ver lá qual é”.

Pesquisadora: Ah, ela não era de São Paulo?

Entrevistada: Não. A [uma das mediadoras], não. A [uma das mediadoras] é uma das mediadoras do Rio.

Pesquisadora: Ah tá. Achei que você estava falando da [uma das fundadoras do Leia Mulheres].

Entrevistada: Não. Ela é uma das fundadoras de São Paulo, porque eu acho que o primeiro foi o de São Paulo e, se não me engano, o segundo foi do Rio. Em abril de 2015, a [ex-mediadora], que é uma das mediadoras que saiu e foi de quem eu fiquei no lugar quando entrei. Ela começou a fazer no Rio com a [uma das mediadoras], que é uma das mediadoras, mas que não estava lá no dia que você foi. Depois entrou a [uma das mediadoras] e depois entrou a [uma das mediadoras]. Aí eram quatro. Aí quando a [ex-mediadora] saiu, elas me chamaram. Eu era só a participante, fui a última a entrar. E aí eu fui.

Pesquisadora: Você viu o canal dela e começou como participante?

Entrevistada: Participante. Fiquei um ano ou mais como participante.

Pesquisadora: E como foi esse convite para você se tornar mediadora?

Entrevistada: Eu tive um período como participante, mas aconteceu uma coisa engraçada... eu fiquei doente de novo, enquanto estava frequentando o Leia. Eu tive um problema, até decorrente do tratamento que eu fiz, que me deixou super mal. E, nessa época, eu estava frequentando o Leia e era exatamente a mesma sensação, só que diferente. Tipo, não é... eu não escapava dos meus problemas na história. Tinha também o fator de distração do livro, mas o fato de estar naquele coletivo... E era sempre... quando eu comecei o Leia era bem menor do que ele é hoje. Tinha menos gente, eram sempre as mesmas meninas e virou meio tipo amigas, sabe. A gente se conhecia e sabia... como é que está aquilo, sabe... de você acompanhar, de estar num coletivo, num grupo seguro. Às vezes, as pessoas nem todas sabiam pelo o que eu estava passando, mas era um momento de troca, de estarmos ali juntas. E isso foi muito importante. Eu lembro que, na época, eu até fiz um post no *instagram*, não

---

<sup>50</sup> Obra de Thomas Mann.

falando diretamente, mas agradecendo. Era um momento que... e depois teve até um momento que... não sei se alguém já comentou com você, mas uma das frequentadoras ficou doente e faleceu. E uma das últimas postagens que ela fez foi um comentário no *post* da [uma das mediadoras] e sobre o encontro e ela falava exatamente isso. Tipo, a importância de respirar essa atmosfera quando você está passando por um momento difícil. De troca, de... não sei se estou conseguindo colocar em palavras.

Pesquisadora: Vocês não conversavam só sobre a obra...

Entrevistada: Não! A gente extrapolava. Falava sobre histórias de vida, mas a gente não falava da doença, dos momentos difíceis, mas era... tem uma força aí. Ter um grupo de pessoas, no caso só mulheres, com um componente focado de forma diferente. Tipo, um grupo de pessoas reunidas falando sobre a vida, sobre ideias, sobre livros... livros são isso, né. Histórias de vida, ideias, pensamentos, opiniões e tal. É muito “nutridor”... existe essa palavra? Nutriente. Uma coisa que nutre, sabe? Que faz muito bem. Quando a [participante que faleceu] falou isso, e logo depois ela faleceu, eu fiquei muito emocionada, a [uma das mediadoras] também falou “Caralho”. A gente não tem ideia da importância... e eu tinha passado por isso há pouco tempo, sabe... e eu tinha esquecido, porque, às vezes, a gente fica naquela correria de organizar, botar mais cadeira, mas não é nada disso que importa. É você estar ali, a troca... presente... uma escutar a outra. A Clarissa Pinkola, das *Mulheres que correm com os lobos*, ela tem um texto que eu até citei... um texto que eu escrevi sobre... que fala disso... o poder que tem o sentar em roda. Eu acho que é isso. A mediação foi isso. A [ex-mediadora] foi transferida no trabalho dela para São Paulo e aí as meninas queriam que ficassem quatro, porque volta e meia uma está trabalhando e não pode ir. A [uma das mediadoras], por exemplo, trabalha para caralho, mora em Niterói e trabalha em Petrópolis, toda enrolada... ela vai muito poucas vezes e aí ficando duas, uma não pode ir e a outra fica sozinha, enfim... elas acharam que quatro... era bom manter o número. E aí eu não sei como surgiu meu nome... a [uma das mediadoras] me mandou mensagem “Você aceita” e eu... a primeira coisa que a gente pensa é que “Não, gente, eu não estou à altura, eu não sou tão boa leitora quanto vocês”. A [uma das mediadoras] lê para cacete, é historiadora, a [uma das mediadoras] é professora, a [uma das mediadoras] é mestre em Literatura e eu pensei “Gente, eu não tenho cacife para estar aqui”. E elas falavam: “Imagina, para com isso!”. Quando estamos lá, nós quatro, por motivos diferentes... o Leia é muito isso...

Pesquisadora: E o que você pensa sobre a intenção de pessoas se reunirem para debater, para falar sobre um livro?

Entrevistada: É o que falei agora. Da força que eu acho que tem pessoas se reunirem para debater... eu já frequentei cineclubes... eu acho válido sentar para debater sobre qualquer coisa, sabe.

Pesquisadora: Mas o que te faz querer organizar e participar dos encontros do Leia?

Entrevistada: Participar, acho que foi esse sentimento de expansão da experiência da leitura, sabe. Todas as vezes que eu vou para uma discussão do Leia, o livro aumenta de tamanho. Porque tem milhões de coisas que as pessoas falam que eu não tinha notado. Coisas que emocionavam as pessoas, que não tinham me emocionado, então eu falava “Caramba, esse trecho realmente...” Sabe, o livro cresce. É muito emocionante. A experiência do livro é outra. É... e eu sinto falta de... às vezes, eu vou ler um livro sozinha e é meio chato. Falo para minha amiga: “Vamos ler juntas?” (*risos*). É tão melhor do que ler sozinha, sabe.



Pesquisadora: E como que funciona a dinâmica do Leia?

Entrevistada: O funcionamento do dia do clube ou o planejamento do clube do livro?

Pesquisadora: Tanto o planejamento quanto o dia do clube.

Entrevistada: O dia do clube não tem muito mistério. A gente fecha, no início do ano, as datas com a Blooks, sempre no mesmo dia da semana do mês, sempre no mesmo horário. A gente chega lá e já está tudo montado, a gente senta e fala.

Pesquisadora: E a organização? Como é que rola o critério de seleção dos títulos?

Entrevistada: Então... no início, eu não posso falar muito, porque eu não participava. Mas desde que entrei, a gente tem uma... tem muito das nossas... tanto experiência de leitura, de livros que a gente já leu e quer que todo mundo leia, porque adorou, tanto vontade de leitura. “Ah, eu quero muito ler esse livro, mas se não for no Leia eu não vou ler nunca”. O livro desse mês foi um caso desse. Todo mundo queria ler *Memórias de Adriano*<sup>51</sup>. Mas é um livro que é difícil, dá preguiça de ler e aí “Vamos botar no Leia que aí a gente lê” Tem essas duas coisas. Então a gente se reúne, no início e no final do ano na casa de alguém, normalmente na casa da [uma das mediadoras], porque tem piscina e não sei o que e a gente começa... “Ah, e esse livro? Ah, eu li esse livro”. A gente faz uma lista e...

Pesquisadora: A lista muda de acordo com o ano?

Entrevistada: Com certeza. A gente tem lançamento, a gente planejou, mas está todo mundo louco para ler e a gente fala: “Ai vamos botar? Vamos” Às vezes, tem uma parceria com uma editora, e aí a gente troca... é bem raro, mas tem. E tem as nossas vontades. A gente escolheu esse livro desse mês, “não estou muito nessa *vibe*, vamos mudar”. É bem tranquilo. Ah, indisponibilidade da editora também acontece. Se a editora não tem, a gente não vai indicar um livro que as pessoas não vão conseguir achar.

Pesquisadora: E o que você pensa do clima das reuniões do Leia?

Entrevistada: No geral, a gente... as meninas, principalmente, elas me passaram muito isso... tem uma preocupação muito grande com a escuta. E é uma coisa que eu sentia como participante, sabe. Fulano quer falar, todo mundo sabe o seu nome, quando alguém fala, alguém fixa na tua mão e te dá a palavra, a gente não deixar ninguém querer falar e não falar...

Pesquisadora: Seria um espaço mais democrático?

Entrevistada: Isso. De não virar uma palestra. Às vezes, alguém sabe mais sobre aquele assunto e quer tomar a fala... não deixar... a gente tem esse cuidado de ser acolhedor com todo mundo que quer falar e de democratizar o espaço. Mas isso é uma coisa que se perdeu logo quando eu virei mediadora, porque você passa a ter essa preocupação que eu não tinha como participante. Só estava ali para falar e agora eu estou tensa “Caraca, aquela menina levantou a mão lá trás e...” Eu não consigo mais aproveitar e relaxar tanto. Aproveito, claro, mas é diferente. Tem uma série de preocupações que não tinha antes.

Pesquisadora: E você falou um pouco sobre como que você se atenta aos pontos de vistas diferentes daquela leitura a partir da discussão do Leia. Como você pensa a influência desses encontros nas suas práticas de leitura hoje em dia?

Entrevistada: Já teve encontro que eu saí do encontro e recomencei a ler o livro que a gente tinha acabado de debater, porque a cada vez que as pessoas falam “Como eu li mal esse livro, não peguei nada disso”. Aí eu comecei a ler de novo. E fora que um livro puxa o outro, um

---

<sup>51</sup> Obra de Marguerite Yourcenar.

livro relaciona o outro, você sai dali com uma lista de livros. Eu acho que as minhas leituras são meio correntes, sabe. Eu estou lendo um livro e, na discussão desse livro, alguém menciona um outro livro e eu começo a ler outro livro. E, nesse livro, alguém fala relacionado com outro livro. Uma leitura puxa a outra. O Leia tem muito disso. E, quando eu entrei, eu fiquei querendo ser *nerd*. Fazer leituras de apoio, aí comprava livros técnicos de literatura para ler... eu chegava com o livro marcado, com trechos e tal. Agora eu estou mais relaxada com isso. Mas eu tinha essa preocupação de fazer leituras de apoio, porque eu achava que não tinha nada para contribuir. Foi uma coisa que mudou em mim... muito das meninas, das outras mediadoras e da generosidade delas, do acolhimento. Eu ficava muito triste comigo. Toda vez, no começo do clube, tem a hora que a gente se apresenta e aí, toda vez, eu falava “Eu sou a mediadora que está aqui há mais tempo e eu não sei nada de literatura, eu não mereço estar aqui, eu não vou falar nada, desculpa existir”. E elas falavam: “Para com isso etc”. Todo mundo tem algo a oferecer, porque quando você se coloca nessa posição de miséria, de escassez, de “não tenho nada a oferecer”, você realmente não oferece nada. Você fica “eu sou uma merda e...” E foi uma coisa que eu conquistei no Leia. Eu tenho algo a oferecer, sim. Eu recebia também, é uma troca. Todo mundo que está ali tem algo a oferecer, por isso que todo mundo tem que falar. E só quem tem isso é mulher. Sempre que vai um homem lá, ele acha que tem que falar 15 minutos, porque ele tem muito a oferecer, entendeu? É impressionante como isso é uma característica feminina. Outra coisa que eu acho que mudou nas reuniões do Leia, desde quando eu comecei a frequentar até hoje... o volume de gente aumentou. E isso é uma coisa que a gente ressurte um pouco, porque, ao mesmo tempo que é muito bacana essa iniciativa estar alcançando mais gente, mais gente ter a oportunidade de participar de um clube de leitura ser maravilhosa, perde um pouco daquele clima intimista. Quanto mais gente, menos intimista e menos fala. E mais as pessoas se sentem acanhadas. A gente fica nesse sentimento duplo, de querer que o grupo cresça, de querer que mais pessoas tenham acesso à essa experiência, mas, ao mesmo tempo, é uma coisa que se perde nesse processo. Não sei qual é a solução. Às vezes, a gente fala sobre isso, mas não vamos deixar de divulgar por causa disso. Que venham mais pessoas e a gente vê o que... dividir de 15 em 15 dias, a gente não vai conseguir ler tanto assim, não sei...

Pesquisadora: Teria que mudar, talvez... ser um título mais curto...

Entrevistada: É, pois é.

Pesquisadora: Quais as sensações que você sente quando está ali no Leia? Como você se sente mediando aqueles encontros, debatendo sobre aqueles livros?

Entrevistada: Ah, é sempre uma sensação de... depois que virei mediadora, de orgulho de estar fazendo parte daquilo e de confortismo, sabe. O Leia... A [ex-mediadora], uma vez, acho que usou essa expressão: é quentinho. É um acolhimento, é tipo “Ai, hoje é o dia do meu clube, sabe?” Um espaço para a gente sentar e conversar, sabe? Aí a outra menina vai e leva o crochê dela, faz crochê enquanto a gente conversa, no dia das bruxas a gente leva doce... sabe? É isso. Um quentinho de conforto e de alegria.

Pesquisadora: Teve alguma mudança nas tuas preferências de leitura desde quando você entrou no Leia?

Entrevistada: Muito. Principalmente esse percentual de homens e mulheres que eu li foi uma mudança brutal. Brutal. Eu comecei a anotar os livros que eu li, sei lá, em 2013, não lembro... e eu lia 90% de homens. Assim, naturalmente. Não era porque eu decidi que ia ler homem. E

isso é uma coisa que acontece. Se você não se policiar, se você não [palavra não identificada], você só vai ler homem. São os livros que são mais falados, são os livros que são mais vendidos, são mais publicados. E desde que eu entrei para o Leia, é ao contrário; hoje, 90% do que eu leio são mulheres. É o que eu priorizo ler mais. É o que me dá prazer mais e é o que eu priorizo.

Pesquisadora: O tipo de leitura você também acha que mudou?

Entrevistada: Não. A gente tenta equilibrar um pouco no Leia. Eu até fiz uma planilha no excel. Elas me chamam de a louca das planilhas. Quando eu entrei, eu planilhei tudo: todos os livros que já lemos, o autor, a editora, se é brasileiro, se é estrangeiro, qual o gênero. A gente lê equilibradamente todos os gêneros e todas as nacionalidades. E então a gente está lendo muito americano e digo: “Chega de americano! Estamos lendo muito não ficção. Vamos por mais de ficção.” Então a gente tenta equilibrar. Esse ano eu cismeiei que a gente nunca tinha lido teatro e a [uma das mediadoras] falou: “É verdade, nunca lemos teatro.” Então começamos a ler várias peças, a gente escolheu um para ler.

Pesquisadora: Eu fico pensando: será que é difícil encontrar material de mulheres autoras?

Entrevistada: Não. Não é difícil. Muito, muito. Pelo contrário. Eu queria fazer um clube de 15 em 15 dias, de tanta coisa que tem para ler.

Pesquisadora: O que você pensava das discussões antes do Leia e dos encontros e como você enxerga isso hoje? Você tinha alguma ideia de como que era e o que seria o encontro do clube do livro?

Entrevistada: Eu tinha uma ideia de intimidação. Vou ser chamada a falar. Eu era meio acanhada, eu sou tímida. Eu não gosto muito de me expor. E eu tinha essa sensação de que vou chegar lá e vou ter que ter uma opinião. E não é. É uma construção coletiva. Assim... eu já cheguei no clube “cara, eu não sei o que pensar desse livro” e vão surgindo coisas. E um momento que eu acho que talvez inibe as pessoas e hoje a gente nem tem mais, até pela quantidade de gente, é um momento inicial de ter que todo mundo se apresentar, eu acho que isso intimida as pessoas. Não é bacana. Por um lado, é bom, porque é bom você saber o nome das pessoas e tal, chamar pelo nome, enfim, mas por um lado reforça esse medinho que eu tinha, porque eu achava que eu ia ter que me colocar em algum momento e ter uma ideia genial sobre o livro. E, absolutamente, não é assim. Hoje em dia eu vou, como mediadora, sem ter absolutamente nenhuma ideia, nada para falar e lá a gente constrói junto.

Pesquisadora: O que você pensa dessas discussões que tem lá hoje em dia?

Entrevistada: Como assim? O nível de debate? Se o nível de debate é bom...

Pesquisadora: Não o nível de debate. O que você acha que tem como a gente retirar dali, não sei... para a nossa vida... daquelas discussões? Você tinha alguma ideia de como as discussões seriam e como elas são hoje em dia?

Entrevistada: Eu achei que fosse ser mais palestras, mais aulinhas. Até porque, eu fui sabendo que três... não, aliás, quatro mediadoras tinham canais de leitura, três eram professoras, a [uma das mediadoras] não era professora na época. Eu pensei: “vai ser tipo palestra”. Não achei que fosse ser tão... tão conversa mesmo.

Pesquisadora: Você tem alguma lembrança especial na vivência do Leia que você queira falar sobre?

Entrevistada: Tem essa que te falei, especialmente de receber o diagnóstico da minha última doença e... eu tinha Leia no dia e falei: “Cara, eu não vou conseguir, eu não vou, não estou

legal e tal...” e eu fui! Eu estava com um “*feeling*” de que ia ser bom. Durante duas horas eu nem pensei naquilo e estava ali, conversando sobre um livro, sair daquela... eu me lembro muito desse dia, que foi o dia que eu falei que fiz o *post* e tal. Tantas coisas legais... tantos momentos bonitos de pessoas que se colocam, que contam experiências, contam histórias de vida e se emocionam... já aconteceu tantas vezes e foi tão bonito... eu lembro quando a gente discutiu Angela Davis<sup>52</sup>, tantas pessoas negras foram e se colocaram, suas experiências e... teve momentos tensos também, de debates de ideias, as pessoas se colocam meio combativas e a gente fica meio... tem momentos também dos homens sem noção que vão e querem discutir, não querem conversar, tem mulher sem noção também... mas de um modo geral, é um ambiente super carinhoso e colaborativo.

Pesquisadora: Para encerrar, tem alguma coisa que você gostaria de falar que a gente não comentou aqui?

Entrevistada: Se fosse uma coisa a ser divulgada, nos jornais e tal, eu ia convidar as pessoas a fazer um clube de leitura, porque eu acho que o fato de o Leia estar ficando tão cheio é um sinal de carência desse tipo de clube e talvez existam poucos. E em lugares diferentes. Porque uma coisa que a gente se ressentia também no Leia é que é um clube de pessoas de classe média da Zona Sul do Rio e, quando você vai ver o Leia da Baixada Fluminense, três ou quatro pessoas. Não sei também qual a solução para isso, mas é uma coisa que me entristece. Formar um público leitor... não sei qual é a solução para isso, mas fica aqui uma inspiração. Que os Leias se multipliquem pelo Brasil e pelo Rio de Janeiro.

Pesquisadora: Bem, eu vou encerrar aqui. Muito obrigada.

#### **Transcrição de entrevista 4**

Entrevistada: Participante do Leia Mulheres Rio de Janeiro

Dia: 22/11/2019, às 10h, no Starbucks de Botafogo, no Rio de Janeiro

Duração: cerca de 30 min

Entrevistada: Eu sou [nome da entrevistada], eu tenho 27 anos, eu nasci em Vitória, no Espírito Santo, me mudei com 7 anos para São Paulo, fiquei em São Paulo dos 7 aos 17, me mudei para Curitiba. Em Curitiba foi onde eu fiz faculdade de Jornalismo. Atualmente, estou morando no Rio de Janeiro. Estudei na minha vida em dois colégios em Vitória, dois em São Paulo... na verdade, eu saí de São Paulo formada no colégio, então eu estudei em quatro colégios. Eu morava com a minha mãe e com o meu pai, eu tinha uma irmã mais nova. Só que eu tinha uma tia que morava muito perto da minha casa; e era uma tia que não teve filhos, aí ela ia todo dia lá em casa, ela adorava crianças. Ela visitava a gente todo dia. Morava perto, passando para voltar do trabalho, ela ia lá em casa. Ela fala que ela é a grande responsável por eu ser uma leitora, porque ela me deu livros de brincar na banheira quando eu era bebezinha. Enfim, ela sempre me deu livros. Eu não considero nem meus pais e nem minha tia sejam grandes leitores, estejam sempre lendo um livro... porque eu sou uma viciada, estou sempre lendo um e eles não. Meu pai é um leitor bem pontual. Ele se interessa por uma série, um livro, ele vai lá e lê. E eu achava engraçado, porque meu pai se interessava por livros que eu estava lendo. Eu acho muito engraçado contar que meu pai leu a série *Crepúsculo*<sup>53</sup> inteirinha.

<sup>52</sup> Trata-se da obra *Mulheres, raça e classe*, discutido no encontro do Leia Mulheres de março de 2019.

<sup>53</sup> Obra de Stephenie Meyer.

(risos). Porque ele me viu lendo e falou: “Ah, é fantasia e tal” e achou engraçado e ele leu também. E eu fico pensando, “nossa, meu pai leu aquela bosta” (risos). Hoje em dia, com um distanciamento, eu falo: “Nossa, *Crepúsculo* era horrível”. Então eu me divertia horrores. Mas enfim, minha casa sempre teve livros, minha tia sempre me deu bastante livros e, desde antes de aprender a ler, eu pegava os livros e eu passava o dedinho na página e eu fingia que estava lendo. E eu tenho uma memória muito boa, então eu decorava as histórias que as pessoas me contavam; minha mãe falava que eu passava o dedinho e tinha gente que acreditava no que eu estava lendo, porque falavam que era exatamente o que estava escrito. E eu sempre fingia que estava lendo até eu ler e acabou que, na época, minha irmã era bebezinha ainda, e então minha tia ia na minha casa e minha mãe falava para minha tia: “Fica com a [entrevistada] enquanto eu coloco a [irmã da entrevistada] para dormir”, então minha tia ficava ali comigo. Era um momento de nós duas. E eu pedia para brincar de escolinha. E brincando, brincando, quando minha tia percebeu, eu estava lendo. Ela percebeu que eu estava aprendendo de verdade, que eu queria. E aí, na escola já alfabetizada, queriam me pular do pré para a primeira série, porque diziam que eu já sabia ler, que não tinha porque ficar no pré... e chegaram a me passar por um tempo, mas graças à Deus minha mãe pensou e disse “Não, volta, porque não tem sentido pular etapa”. Eu podia saber ler, mas eu era... eu não tinha maturidade. Me passaram um ano para frente... eu chegava em casa e falava: “Mamãe, eu não pude sair para o recreio, porque eu não consegui copiar a lousa inteira. Mamãe, sabia que a primeira série não vai para o parquinho todo dia?”. E aí minha mãe falou: “Por que estou fazendo isso com a menina?” E aí me voltou. E eu não me lembro, nessa primeira escola, de pegar livros. A primeira era bem pequenininha, era uma escolinha de bairro, ela até faliu no meio do meu pré e eu mudei para uma escola maior. Mas eu não lembro, enquanto morava em Vitória, de frequentar a biblioteca da escola... Era mais em casa mesmo. Eu tinha uma coleção de livros da Disney... esse tipo de coisa... e eu adorava ler! Tem uma historinha muito engraçada que eu adoro contar e que é muito marcante para mim. Foi no meu aniversário de 7 anos, que eu queria um par de patins e eu ficava infernizando a vida das pessoas e minha tia foi lá e comprou o par de patins. E aí minha tia comprou os patins, comprou capacete, comprou joelheira e chegou com aquela caixa de presentes e eu: “Meu patins, meu patins”. Foi até eu terminar de calçar os meus patins, colocar a joelheira... estava toda paramentada e chegou a minha tia-avó, me desejou feliz aniversário e me deu um pacote. Eu abri e eram dez livros, tipo esses livros fininhos, histórias de bichinhos... e daí eu olhei para aquilo, sentei no chão, esparramei aqueles livros todos e eu fiquei lendo sentada de patins. Fiquei sentada de patins, com joelheira, lendo o resto da noite. Eu acho, assim, essa história muito a minha cara. Acho que não podia ser mais a minha cara. Fiquei sentada lendo de patins.

Pesquisadora: O aniversário inteiro!

Entrevistada: Todo, não. Mas também, porque chegaram meus primos e também porque andar de patins num apartamento pequeno... enfim, os patins perderam todo o brilho dele, porque chegaram os livros e eu devo ter lido os dez livros ali, porque... eu já lia fluentemente, eu lia desde os cinco, então com sete eu já lia fluentemente, e eu devo ter lido os dez ali mesmo e depois ido brincar com os meus primos. Aquilo foi tipo: “Meu deus, dez livros de uma vez!” Mas foi muito legal. E aí meus pais percebiam, as pessoas percebiam e me davam livros... livros infantis eu sempre tive vários! Depois dessa história dos patins, uma grande chave na minha vida, que é um clichê ambulante, foi quando eu ganhei meu primeiro *Harry Potter*<sup>54</sup>. Aí eu já morava em São Paulo e aí eu ainda lia bastante livros com figuras e o *Harry Potter* foi o meu primeiro livro sem figuras. Eu lembro que meu pai chegou com o livro e disse: “Olha filha, você gosta de ler, estou ouvindo muita gente falar desse livro e quem sabe você gosta.” E ele leu comigo o primeiro parágrafo e o resto ele falou: “Então toma.” Eu lembro

---

<sup>54</sup> Obra de J. K. Rowling.

que eu suei para ler aquele livro. Era muito difícil, porque era muito grande, era sem figuras, e eu lembro que eu cansava.

Pesquisadora: Mas você gostava?

Entrevistada: Eu gostava. Assim, quando eu estava no terceiro capítulo do livro, estreou o filme no cinema e daí uma amiga da minha mãe me levou para assistir junto com a filha dela, e aí eu adorei o filme e aí eu falei: “Eu preciso conseguir ler esse livro”. E daí eu fui lendo... foi uma maratona ler aquele livro, porque era muito cansativo. E depois que eu terminei de ler o primeiro, eu falei: “Eu quero o segundo”. E aí já fui pegando o ritmo. Mas é o primeiro livro grande sem figuras que eu me lembro de ter lido e que marcou um momento. Eu sou muito fixada em *Harry Potter* e fez muita diferença na minha vida literária. Aí depois de *Harry Potter*, eu fui me interessando... eu fui lendo outras coisas. Livros de séries, *O diário da princesa*<sup>55</sup>, todos esses livros clichês de adolescência, *Crepúsculo*... li todos. E do meio ao final da adolescência, foi quando eu percebi que não conseguia ficar sem ler um livro. Foi um dia em que eu fui deitar para dormir, eu lembro que entrei em crise em casa, deixando os meus pais malucos, porque não tinha nada para ler. E então meu pai apontou a estante dele e falou: “Sirva-se”. E tinha vários livros para ler. Aí eu peguei um do Sidney Sheldon com 15 anos, mas tinha muita putaria, violência... mas eu li e achei ótimo. Hoje em dia eu penso: “Nossa, olha o que eu fui ler com 15 anos!”. Mas eu li quase toda a coleção do Sidney Sheldon que meu pai tinha em casa. E aí meu pai até brincava que era muito mais fácil criar um cachorro à picanha do que me manter com um livro. (*risos*). Às vezes, a gente ia numa livraria e ele dizia: “Vai comprar só um”. Dos *Desventuras em série*<sup>56</sup>... eu pegava os livros de séries e pedia para levar e ele dizia: “Não, hoje você só vai levar um. Quando terminar esse eu te dou outro”. Às vezes, eu chegava no dia seguinte e falava para ele: “Pronto pai, terminei!” E ele: “Já?” (*risos*). Aí ele começou: “Tá, leva dois de uma vez”. E aí depois que eu me formei e comecei a trabalhar, aí eu comecei a comprar meus próprios livros, aí a gente perde um pouco do rumo. Hoje em dia, devo ter mais de setenta não lidos na estante. Mas problema de terminar um e não ter mais outro para pegar, isso nunca mais eu passei. (*risos*).

Pesquisadora: E como que você pensa suas preferências de leitura desde que você começou a ler até hoje?

Entrevistada: Eu acho que idade e maturidade vão influenciando bastante. Eu sou uma pessoa que eu me considero um pouco lenta para algumas coisas. Tipo, porque eu tenho umas amigas que são muito ponto fora da curva... que, com 14 anos, o livro preferido era *Memórias póstumas de Brás Cubas*<sup>57</sup>. E eu, não. Eu tive que ler na escola *Dom Casmurro*<sup>58</sup> e aquilo quase acabou a literatura para mim, porque eu achei muito difícil, muito chato. E então a minha leitura foi mudando na medida em que eu fui criando maturidade literária. Minha amiga [uma das entrevistadas], que inclusive respondeu também para você, ela vive me zoando, porque diz que eu tenho muito medo dos livros. A gente combinou de ler juntas *Grande sertão veredas*<sup>59</sup> e eu estou apavorada. Medo de não entender ou achar chato. Só que eu fui percebendo a minha leitura mudando... teve a fantasia com o *Harry Potter*, os livros da adolescência, e depois eu conheci Sidney Sheldon e eu gostei. Também curti bastante outros livros da Meg Cabot, que é a do *O diário da princesa*, li aquilo tudo... e aí eu comecei a escrever na *internet* quando eu tinha 16 anos e daí, através do meu *blog*, fui conhecendo outras meninas que escreviam no *blog* e que gostavam de ler também. Uma delas é a [uma das entrevistadas]. A gente se conheceu assim, mas foi todo um grupo de amigos que a gente se conheceu pela *internet*, e aí a gente influenciava umas às outras, ficávamos perguntando: “O

<sup>55</sup> Obra de Meg Cabot.

<sup>56</sup> Obra de Daniel Handler.

<sup>57</sup> Obra de Machado de Assis.

<sup>58</sup> Obra de Machado de Assis.

<sup>59</sup> Obra de Guimarães Rosa.

que você está lendo?”. Passei pela fase do jovem adulto também, li o kit todo... John Green... Inclusive, *A culpa é das estrelas*<sup>60</sup> é um dos amorzinhos da minha vida, mas aí tem aquele momento que você percebe que jovem adulto já não funciona mais tanto... e quando eu descobri na *internet* o movimento Leia Mulheres, isso acabou sendo bem impactante para mim, porque minha primeira reação, no início, foi tipo: “Po, que saco, não posso mais fazer nada, até para ler”. Só que depois eu percebi que é um movimento necessário. E aí eu comecei, tipo, vou ler mais mulheres. É uma coisa muito natural, para mim nem foi forçado. Eu percebi que os livros escritos por mulheres me atraíam muito... é importante a gente martelar que existe esse mundo... tipo, não é nada contra os *chick-lits*, a “literatura de mulherzinha”, mas não é só isso que mulher escreve. Tem um mundo além disso. O próprio *Harry Potter* foi escrito por uma mulher, né. E depois que eu entrei super nessa filosofia de buscar mais mulheres, eu brinco que eu tive que criar uma cota homem, porque senão não leio, tipo, eu tenho na estante um Valter, um [José] Saramago, são todos autores ótimos, mas eu falo: “Não, esse mês eu não li nenhum homem, vou ler um”. Porque senão eu leio só mulheres. Eu super me encontrei nessa filosofia de ler mulheres, funcionou muito para mim.

Pesquisadora: Como você chegou no Leia, como você descobriu?

Entrevistada: Então, no grupo foi um pouco mais tarde. Mas antes do grupo, já tinha um movimento na *internet* de ler mais mulheres. Acho que teve um ano, eu não me lembro qual, acho que era 2012... posso estar bem errada, mas era tipo, Leia Mulheres em 201x, acho que se procurar na *internet* tem lá.

Pesquisadora: Foi em 2014. Era até uma *hashtag*.

Entrevistada: Isso. E aí foi o ano em que eu entrei em contato com isso. Fiquei com preguiça no início, mas depois comecei a pensar que poderia ser uma boa ideia. O grupo veio depois. Meu canal, eu criei em janeiro de 2017. Meu namorado me incentivou muito. Ele falava: “Cara, você lê tanto, você fala dos livros que você lê, por que você não cria um canal?” E eu assistia muitos canais e nunca tinha pensado em criar o meu, eu achava que nunca ia conseguir... mas enfim, criei e depois que criei o canal, eu fiquei com mais vontade de me relacionar com pessoas que também gostavam de ler. Eu já tinha minhas amigas, mas seria legal procurar uma outra maneira de fazer isso. Nunca tinha participado de um clube do livro. E aí uma amiga minha que também era desse grupo de amigas que nasceu do *blog*, ela é originalmente do Maranhão, na época que a gente tinha *blog* ela morava em Santa Catarina, fazia faculdade lá. E ela resolveu fazer uma segunda faculdade e passou em Curitiba. Ela é super politizada e ela chegou em Curitiba, ela já ia no Leia Mulheres e eu falei: “Como assim eu nunca fui no Leia Mulheres?”. E então eu procurei no *facebook* o Leia Mulheres Curitiba e comecei a frequentar lá. Como eu vinha direto para cá [para o Rio de Janeiro] por causa do meu namorado, eu pensei: “Por que não procuro um daqui também?” E era aqui em Botafogo. Porque logo que a gente começou a namorar, eu tinha muito medo de andar por aqui... e era justamente aqui, em Botafogo. E comecei a frequentar o daqui também. Hoje em dia, eu gosto muito mais do daqui. O de Curitiba... até porque estou bem mais aqui do que lá... e eu frequento mais, naturalmente, o daqui. Mas o de Curitiba é mais centralizador. Ele só tem uma mediadora, ela tem a panelinha dela... e aqui já não, né. Aqui são quatro mediadoras, então já tem uma pluralidade maior, até de escolha dos livros e tudo e acho que é um Leia mais despretensioso, e então eu gosto um pouco mais do Leia daqui, mas eu acho incrível pensar no Leia Mulheres, que ele existe, que está em várias cidades do Brasil, até em cidades pequeninhas... eu acho que todo o livro cresce quando a gente tem a oportunidade de discutir e, no Leia, “Ah, esse livro foi três estrelas” e sai... “Foi perfeito”. Conversar com as pessoas, saber a opinião delas, o que sentiram lendo... sempre me dá um *up*, porque sempre tem alguma coisa que você não pensou. Então eu acho muito legal.

---

<sup>60</sup> Obra de John Green.

Pesquisadora: O que te leva a participar desses encontros, o que você pensa sobre a intenção dessas mulheres em se reunir para discutir sobre uma leitura?

Entrevistada: O que me leva a participar, primeiramente... o que me levou a começar foi discutir livros com pessoas. Hoje eu já acho que é ainda mais mulheres se reunindo para ler mulheres e para conversar. Não só mulheres se reunindo, porque, às vezes, homens vão aos encontros... tem pessoas se reunindo para ler mulheres especificamente e para conversar sobre isso. É um ato político, é um ato de resistência e eu acho que, em tempos perigosos, com essa onda de conservadorismo que a gente vem tendo aí é muito importante a gente celebrar a cultura, celebrar o encontro, as discussões. Então quando o Leia começou, eu acho que nem as organizadoras tinham ideia da importância que isso ia ter no Brasil de 2019. Acho que o Leia é muito importante. E eu acho que, além da gente crescer, o livro cresce com as discussões, há também muita cultura aí, muita política é trocada nesses Leias. Agora o Leia do Rio andou, durante vários meses, lendo não ficção e isso é muito interessante. A gente leu Grada Kilomba, *Memórias da plantação*, que é um livro incrível sobre racismo, foi uma discussão super intensa e eu acho que a gente sempre aprende com isso, tem um valor político imensurável. É muito importante.

Pesquisadora: Como é que você pensa esses encontros? O clima das reuniões?

Entrevistada: Eu acredito que o Leia foi criado... é um ambiente de troca. Só que, por outro lado, eu acho que isso é até um pouco triste. Eu acho que a gente é muito nichado enquanto sociedade, tirando, claro, o fato que é óbvio, que é uma elite cultural muito privilegiada. Tipo assim, na discussão da Grada Kilomba [*Memórias da plantação*]... incomodou. Tinha, tipo, três mulheres negras ali no meio de gente branca discutindo o racismo numa livraria em Botafogo. É uma elite intelectual que chega ali. Infelizmente, fica muito restrito e o que ia falar de nicho é que acaba que é sempre um nicho muito específico que se interessa por esse tipo de coisas. Então, geralmente, a galera é muito politizada, intelectual e de esquerda, o que faz com que a discussão não cresça tanto no sentido do debate. A gente acaba sempre pregando para o convertido, porque acaba sempre sendo o mesmo tipo de pessoa. Eu acho que o que cresceria, traria mais oportunidade de debate se fosse, assim, tipo meio a meio. Sempre tem alguém, tipo da direita, tipo Bolsonaro, que nunca abriu nem a boca e eu fico pensando que a gente sempre perde com isso. A gente perde quando não tem os dois lados. Então é óbvio que é maravilhoso estar no conforto da sua bolha. Só que eu acho que, apesar de ter sido criado para ser um ambiente democrático, todo mundo que frequenta meio que pensa igual, sabe. Eu tenho essa diferença, porque eu frequentei dois Leias, então eu consigo comparar pelo menos dois. São inúmeros pelo Brasil... mas o daqui é bem mais leve do que o de Curitiba, na minha opinião. O de Curitiba, assim... são, assim... eu já quis levar uma prima minha que é de direita, ela até acabou nunca terminando de ler os livros... só que eu fiquei com medo do que ia dar, porque eles lá são bem mais selvagens. Aqui, eu acho que dão mais abertura. Os de Curitiba são bem *hard* e aí eu pensava: “Trazer minha prima... ela vai sair falando ‘Que tipo de lugar é esse que eu frequento?’ ou, tipo, que ela apanhou lá e ela só tinha ido ler”. Então, eu acho que o movimento é muito importante, politicamente falando. Mas o exagero não chega em lugar nenhum. Eu ia adorar que entrassem pessoas de direita que se propusessem ao debate e que, talvez, saíssem dali transformados. Mas do jeito que é, com a agressividade que é, eu duvido que alguém iria mais de uma vez. Com o discurso que tem aqui, não está propondo a discussão. Então eu acho que isso acaba com o debate. Eu cresci numa família de direita e, até a eleição de 2014, eu me considerava de direita e eu só fui entender, porque tiveram a paciência de me explicar. E, hoje em dia, não se tem mais paciência, né. E então eu fico pensando que eu poderia ser mais uma... porque eu tinha tudo para ser privilegiada... mais uma de família de direita... eu tinha tudo para não ter mudado a minha cabeça se não tivessem sentado comigo e me explicado com calma. Então eu acho que o daqui é mais livre nesse sentido.



Pesquisadora: E como você pensa a influência do Leia nas suas práticas de leitura agora?

Entrevistada: Eu me propus a acompanhar o Leia... quando eu estava em Curitiba, eu acompanhava lá e, agora aqui, eu acompanho o daqui. E eu acho que a principal diferença que ele faz na minha vida... na minha vida literária, além das discussões, é o fato de me tirar da minha zona de conforto. Porque tem vários livros que eu não leria se não fosse o livro da discussão do mês. E, às vezes, isso funciona muito bem. Tipo o livro da Grada Kilomba [*Memórias da plantação*]. Não era um livro que eu estava pensando em comprar no momento, até cogitei em não comprar e pegar emprestado de um amigo que já tinha, e é um livro “descaralhante”. O livro da mulher é incrível! Eu saí outra pessoa depois da leitura dele.

Pesquisadora: Por que você acha que você saiu?

Entrevistada: Outra pessoa?

Pesquisadora: É.

Entrevistada: Porque eu nunca tinha lido um livro tão claro e tão incisivo sobre o racismo na sociedade. Eu já tinha lido outros livros de mulheres negras, mas o livro da Grada [Kilomba] é muito forte. É de uma tese de doutorado dela em que ela vai falar de racismo cotidiano. Ela entrevista várias pessoas, mas são duas mulheres que ela pega principalmente e vai contado... E aí ela coloca em tópicos, no livro, situações que elas contavam, desde pessoas pegando no cabelo delas na rua até, tipo, a casa de uma vizinha que tinha um... sabe esses gnomos de jardim? Só que era um negro de jardim. Porque, na época da escravidão, as pessoas tinham na casa delas um criado ali na porta da casa para receber as visitas e depois que a escravidão foi proibida, as pessoas acharam bonitinho colocar um boneco negro na porta, porque ter um escravo na porta era um sinal de *status*, e elas se transformaram nisso. Uma das mulheres que ela entrevista era vizinha de uma casa que tinha esse bonequinho, e ela foi falar com a mulher. “Cara, tem noção do quanto isso é...?” “Ai não, é só bonitinho, é uma brincadeira...” Ela coloca muito isso o tempo todo. Porque todo mundo fala: “Ah, mas fulano vai se incomodar com um bonequinho? É “mimimi”. Ai, fulano vai se incomodar que pegou no cabelo da menina na rua?” Só que todas essas situações, no pequeno, que as pessoas chamam de “mimimi”, que configuram a instituição que é o racismo. Embora eu já imaginasse tudo isso, com o Leia foi tudo tão claro, foi assim... uau! Eu acho esse tipo de livro muito importante. Enfim, o Leia faz isso. Ele me tira do meu lugar de conforto. Às vezes, funciona muito bem, como funcionou com esse livro. E, às vezes... o livro que vai ser do Leia de agora, que se chama *Memórias de Adriano*<sup>61</sup>, que é um clássico de uma escritora belga, que ela resolve escrever uma autobiografia do imperador Adriano como se fosse ele escrevendo a própria história, eu achei um porre o livro. Eu demorei vinte dias para ler! Eu achei que eu ia terminar novembro agarrada com esse troço ainda. E não rolou. Achei o livro um saco. Talvez a discussão seja ótima e eu saia de lá achando que o livro é bom. Só que, mesmo assim, eu me propus a ler um troço diferente que eu nunca tinha ouvido falar. Não ia chegar sozinho nele, então... mesmo que a leitura tenha sido ruim, eu acho que nenhuma experiência de leitura é inválida. Mesmo que você não goste, mesmo que você ache que o livro não te trouxe nada, toda experiência de leitura é válida. Você sempre consegue aprender alguma coisa com aquilo. E livro é sempre uma surpresa. Uma roupa quando você compra, você já experimentou. Um livro, não! Você compra para usar, você não leu antes de comprar. Então eu acho isso. Sempre você paga pela surpresa. Às vezes, você vai gostar, às vezes, não. Você leu e é uma experiência.

Pesquisadora: E quais são seus objetivos de leitura, assim, quando você pega um livro para ler... O que te leva a pegar um livro para ler?

Entrevistada: Eu acho que cada livro tem o seu papel específico. Vai ter aquele livro que você vai ler... tipo esse que estou lendo aqui, *Tudo que é belo*<sup>62</sup>. São 45 histórias reais focadas nas

<sup>61</sup> Obra de Margueritte Yourcenar.

<sup>62</sup> Obra de José Geraldo Couto.

situações que as pessoas viveram, que elas tiraram lições... e é um livro muito bonito. Peguei para ler, porque eu precisava descansar do *Adriano*, que para mim foi uma saga épica como a dele. Um livro sobre império romano, que para mim foi cansativo para cacete, então quase uma saga. Então esse aqui eu peguei para descansar. Mas quando eu pego um livro de não ficção, como o da Grada Kilomba [Memórias da plantação], *O mito da beleza*<sup>63</sup>, eu pego para aprender mais sobre o assunto. Às vezes eu pego um livro para descansar... às vezes pego um YA [literatura jovem-adulto]... estou querendo ler um livro leve... aí eu e uma amiga, em abril, marcamos de ir ler na praia e eu estava lendo um livro da Conceição Evaristo e falei: “Ah, eu não vou levar Conceição Evaristo para a praia”. Aí peguei um YA e fui para a praia. Cada livro serve para alguma coisa e cada livro, para mim, ao mesmo tempo, serve para tudo e você sempre vai aprender alguma coisa. Sempre vai escapar de alguma coisa, sempre vai ter um pouco de lazer...

Pesquisadora: Você teria alguma lembrança... alguma obra que tenha te marcado... algum tipo de leitura?

Entrevistada: Olha, é ridículo, mas lá vou eu de novo falar de *Harry Potter*. Eu falo que acho que eu não seria quem eu sou se não tivesse lido *Harry Potter*. Porque eu acho que o *Harry Potter* é um livro de criança e ele te ensina tanta coisa. Muita gente fala que a história final de *Harry Potter* é um grande clichê, porque o amor da mãe salvou, mas, cara, é um livro que mostra a importância do amor. E isso é tão bonito... e, ao mesmo tempo, tem tanta política nesse livro! Ela fez uma alegoria do nazismo e, na época, eu nem entendia quando eu tinha 10 anos. E foi depois de grande que fui pensar: “Caraca, olha o quanto isso me trouxe de lá”. Frases... “Você pode encontrar a luz mesmo em tempos escuros”... “Não é porque existe só na sua cabeça que não é real”. São essas pequenas frases que ficam, sabe... outro livro que eu sempre lembro assim é *A culpa é das estrelas*, porque ele trata do sofrimento de uma forma muito bonita. Tem um momento que, para mim, é muito forte no livro que é quando a Hazel [personagem] tem um momento em que ela fala que os pais dela talvez preferiam não ter tido ela para não ter que passar por tantos sofrimentos. Só que ela perde o namorado e aí o pai dela pergunta: “E aí, valeu à pena?” E ela fala que ela passaria por tudo de novo. E ele fala: “É assim que a gente se sente em relação a você”. Gente, eu acho isso tão forte! Eu acho muito marcante, porque ensina sobre a vida, sobre o amor de uma forma muito bonita.

Pesquisadora: E como você se sente quando você lê essas coisas?

Entrevistada: A minha mãe fala que eu somatizo as coisas, mas é mais ansiedade. Eu sou super ansiosa, já diagnosticada. Se tem uma prova para fazer semana que vem, eu já fico doída. Só que tem um lado bom também, porque quando eu leio essas coisas, parece que eu sinto. *A culpa é das estrelas*, depois que eu terminei de ler, eu mordi. Eu terminei de ler e pensei: “O que eu faço com isso agora? É incrível!”. Aí eu peguei e dei uma mordida. É uma coisa muito forte, eu me sinto preenchida. Às vezes, também atropelada pelas histórias. Mas eu acho incrível. Eu acho muito forte e, talvez, até hipócrita, a gente dizer que as coisas que eu leio são melhores do que as outras, mas eu tenho certeza de que eu sou bem melhor do que eu seria se eu não lesse. Os livros são uma grande parte de mim. Eu aprendi muito com eles. Eu vivi muitas coisas por causa deles e acho que eles fazem total diferença na minha vida.

Pesquisadora: E quando você está no Leia, como você se sente?

Entrevistada: Ler, por regra, é uma experiência solitária. Só que, a partir do momento que você tem um clube do livro, que você lê para discutir, vira uma experiência coletiva. E isso é muito legal. É como eu falei: tudo cresce, você se encontra com a opinião de outras pessoas sobre aquilo e, às vezes, você discorda, às vezes concorda... às vezes, você percebe uma coisa que não tinha percebido. Então é muito interessante. Às vezes, eu saio do Leia... quando eu li *A casa dos espíritos*<sup>64</sup>, foi o último livro que eu participei muito. Foi do Leia de julho, e que

<sup>63</sup> Obra de Naomi Wolf.

<sup>64</sup> Obra de Isabel Allende.

eu amei muito quando eu li o livro. E depois da discussão eu saí apaixonada de novo, porque é como se eu tivesse lendo aquele livro de novo com trinta pessoas. Parando para pensar sobre os personagens... e é uma delícia amar em conjunto.

Pesquisadora: Tem alguma lembrança especial que você tenha do Leia? Alguma coisa que você viveu lá e que te tocou de alguma forma?

Entrevistada: É... assim, meu Leia favorito de todos foi o de *A casa dos espíritos*, que foi um livro que eu amei muito, que todo mundo amou muito. E foi uma discussão muito interessante até sobre a situação política na América Latina como um todo. Então, foi um Leia muito interessante. O que me marca em relação à livros muito forte é *Quarto de despejo*, da Carolina Maria de Jesus e o próprio da Grada Kilomba [*Memórias da plantação*], é que a gente perde muito nas discussões, por conta de ser um monte de gente branca discutindo o racismo e aí é o momento que a gente fica mais triste ainda por ser uma elite cultural e que, infelizmente, poucas pessoas têm acesso, porque a discussão seria infinitamente melhor se a gente chegasse à outros lugares. E um Leia muito interessante foi o livro *A falência*, da Júlia Lopes de Almeida, que é um clássico brasileiro de uma escritora que foi apagada, que eu nunca tinha ouvido falar nela até pouco tempo atrás e que foi uma leitura também totalmente fora da minha zona de conforto. Também não pegaria para ler se não fosse o Leia e foi um livro muito interessante dessa escritora, que é muito bacana e a discussão foi muito boa também. E foi um livro que eu estava até em dúvida se eu tinha gostado tanto, mas que a discussão mudou a minha opinião e eu falei: “Cara, o livro é incrível, a escritora é foda”.

Pesquisadora: Existe um impacto nas suas preferências de leitura atuais?

Entrevistada: Então, já estou há alguns anos com esse movimento de ler mais mulheres e... como eu sempre gosto de participar do Leia, eu sempre tento me organizar para ler o livro do Leia no mês. Então acaba que muitas das minhas escolhas acabam sendo pautadas no Leia. Pelo menos um livro por mês eu vou ler por causa do Leia.

Pesquisadora: E como você pensava as discussões do clube de leitura antes de entrar no Leia?

Entrevistada: Eu imaginava que era uma coisa mais focada no literário. A gente vai discutir construção de personagem, a gente vai discutir o gênero literário... e não, o Leia é totalmente diferente. A gente tenta falar da história do livro, mas falar de uma forma mais... eu diria, até política mesmo, como o próprio *A casa dos espíritos*. Que situação é aquela? O que ela traz para a gente? Por que ela se relaciona com a gente? E a gente nunca parou para debater... essas coisas que eu imaginava que se debatia... como questões de literatura de vestibular. Esse livro é do Romantismo, porque isso, isso, isso... esse personagem foi mal construído... e não, até pode surgir um comentário ou outro, acho que tal personagem poderia ter sido um pouco melhor... mas de longe não é o foco. É isso que eu imaginava que era o clube do livro. Totalmente diferente do que eu imaginava.

Pesquisadora: Para terminar: tem alguma coisa que você gostaria de falar que a gente não falou aqui?

Entrevistada: Eu não sei... acho que não. Eu falei demais. Eu acho que não. Não me lembrei de nada.

Pesquisadora: Então eu vou encerrar aqui. Obrigada.

## **Transcrição de entrevista 5**

Entrevistada: Participante do Leia Mulheres Rio de Janeiro

Dia: 06/01/2020, às 16h, no Starbucks de Botafogo, no Rio de Janeiro

Duração: cerca de 35 min

Entrevistada: Meu nome é [nome da entrevistada], eu tenho 27 anos. Eu sou formada em Direito já há cinco anos, agora em janeiro. Vou começar explicando e eu acho que vai explicando tudo. A leitura mudou muito a minha vida. Eu morei na Pavuna até os 20 anos e venho de uma família de pais funcionários públicos, mas acho que não tinha tanto incentivo dentro de casa. Eles sempre falavam que eu tinha que estudar, mas ler, ler mesmo, de gostar do que a gente fazia, do que a gente estudava, do que a gente lia, nunca houve, assim... eles queriam que a gente estivesse estudando, porque eles sabiam que o estudo ia mudar, realmente, nossa perspectiva de vida; mas, em formação cultural, a gente não tinha. O que tinha era o contato na escola. Então, o primeiro contato que eu lembro, assim, de ter com a leitura... que eu comecei a ler, e aí eu lembro que eu tinha uns 9 anos, e aí eu comecei a revirar a estante da minha mãe, porque a minha avó tinha muitos livros lá... porque eu já tinha lido os livros paradidáticos... minha mãe comprava os livros da escola e eu lia antes de todo mundo, lia os livros de português para ficar lendo os textos, os poemas e tudo... e aí eu comecei a revirar a estante da minha mãe e minha avó tinha uns livros lá... a mãe do meu pai... uns livros até espíritas. E eu via aquelas imagens bonitas e comecei a ler, aí minha mãe... eu lembro que minha mãe ligou para a minha avó e falou assim: “Dona [nome da avó da entrevistada], eu vou mandar de volta os seus livros, porque eu acho que a [entrevistada] está pegando aqui para ler”, porque eu não estava na idade de entender... tinham umas perguntas também, porque eram livros... eram romances, mas eram livros espíritas, então não tinha como uma criança com 9 anos compreender. E aí eu lembro que a minha avó foi em um sebo e comprou um monte de livros clássicos para mim e eu lembro disso até emocionada. Tem uns que eu tenho até hoje. Eu devorei, e aí meus pais perceberam que eu gostava de ler e começaram a incentivar... então a partir de então, todo passeio de férias da escola era para a livraria, porque lá não tinha muita opção... eu lembro que não tinha, na época, quando mais nova, não tinha livraria no shopping, não tinha tanto assim. E aí a minha mãe começou a pegar alguns livros emprestados com as colegas da minha idade... e meu pai, nas férias... ele trabalhava no Centro e me trazia, para eu escolher... se eu passasse de ano direto, eu podia escolher o livro que eu quisesse levar para ler nas férias. E... aí fui... até que eu lembro que, o primeiro livro que me marcou, que foi o maior que eu li sozinha, foi *Harry Potter*. Eu acho que muita gente, né... e aí meu pai falou... eu tinha 9 para 10 anos... foi justamente nessa época... aí meu pai começou: “Não, é... um colega me indicou”, porque, até então, ele não sabia muito bem nem como me orientar, assim...

Pesquisadora: Seus pais não liam muito?

Entrevistada: Os meus pais estudavam muito. Minha mãe é professora de alfabetização, então ela estava sempre em contato, mas assim... cultural, em questão cultural, de... não, não tinha. Eles não tiveram, acho, muito incentivo e eles não sabiam muito como me orientar, o que me dá para ler que não fosse enjoar e, ao mesmo tempo, fosse ser interessante para mim. E eu via sempre eles estudando. Meu pai estudava para concurso e, graças à Deus, passou em um concurso e melhorou. Minha mãe dando aula... ela é professora de alfabetização. Então não tinha mesmo muito acesso à leitura... então não, não liam muito. Literatura não liam muito.

Pesquisadora: E essa sua avó, ela lia? Você mencionou a estante...

Entrevistada: Não sei. Ela estudava, era professora também. Minha avó tem uma história mais bonita ainda... assim, minha avó parou de estudar no ensino fundamental e foi trabalhar quando foi abandonada pelos pais... ai, a gente começa a contar e fica... aí ela foi abandonada

pelos pais e aí a tia dela, que morava com uma outra tia dela foi... botou ela para trabalhar e ela parou de estudar no ensino fundamental e aí ela conheceu o meu avô, casou e o meu avô começou a incentivar ela a estudar. Então, ela com filhos ia fazer supletivo. Junto com os filhos. Eles iam para a escola de manhã e ela ia à noite. E ela se formou em Geografia e deu aula até se aposentar. E eu lembro que ela estudava muito a doutrina espírita, mas literatura propriamente eu não lembro de ela lendo. Ela estava sempre envolta em... mas ela estudou bastante dentro das oportunidades que ela teve e ela aproveitou ao máximo. Mas ela tinha alguma instrução, eu acho que maior... foi até adquirindo... não sei se ela conseguiu passar para os filhos, no caso meu pai, mas com o tempo... acho que ela buscava. Hoje ela tem Alzheimer, então acaba que se perde, né... mas ela buscava, ela lutava muito.

Pesquisadora: De alguma forma, isso te influenciou a começar a gostar de leitura?

Entrevistada: Eu não sei. Quando você falou da pesquisa, eu fiquei tentando refletir e relembrar de onde surgiu a vontade de... eu não sei. Talvez de ver meus pais lendo, estudando... acho que de ver meus pais estudando, eu ainda não entendia muito bem. Eu lembro que pegava... meu pai fez faculdade de Direito e eu via ele lendo aquela Constituição e aí eu pegava para ler e não entendia nada, então eu acho que, talvez, seja por aí. E aí eu tentei buscar alguma coisa que eu entendesse... mas eu não sei, eu não consigo... provavelmente foi isso, dentro de casa. Acho que não deixa de ser, apesar de eu não ter recordação de... hoje, eu que indico os livros para minha mãe. Está sendo o papel inverso, assim... apesar de não ter recordação de ter literatura dentro de casa, exatamente, eu lembro que era o estudo... o estudo era o que a gente tinha que estar sempre fazendo. Meu pai estava sempre estudando, então eu acho que é por aí.

Pesquisadora: Quais eram os seus objetivos de leitura?

Entrevistada: Primeiro foi lazer. A leitura me levou a conhecer muita coisa. Eu estudei lá na Pavuna até o ensino fundamental e meu pai decidiu me colocar para estudar e aí eu passei... fui para um colégio afastado e eu não tinha muitos amigos próximos de casa. Então eu acho que era... como eu não tinha muito convívio... meus pais até me protegiam um pouco, tipo, “Você tem que estudar”, e aí eu ficava muito dentro de casa, então... eu tinha dois irmãos mais novos, não tinha muito... então eu acho que era muito isso... eu não tinha muito convívio social, então a leitura era uma forma de lazer e de passatempo, que eu acabava conhecendo um monte de coisa diferente. E aí nisso que eu fui estudar num colégio mais afastado, eu lembro que eu lia até no trajeto, indo e voltando. Isso já com uns 13 anos. E, com 14, a leitura me abriu portas, porque eu comecei a fazer concursos para escolas técnicas e aí eu passei para o CEFET [Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca] com 14 anos. Fui fazer o ensino médio lá. E lá eu tive acesso à Biblioteca. Eu li a Biblioteca inteira.

Pesquisadora: Mas eram livros de literatura?

Entrevistada: Literatura. Lá tinha muita. Eu li tudo, sem nem saber o que era... eu li Agatha Christie, li Noah Gordon, li Isabel Allende... e aí que eu comecei a ter acesso à muita coisa que antes eu não tinha, não sabia... e aí colegas liam mais, porque percebiam que eu estava lendo e aí a gente trocava livro. E aí isso foi me expandindo... e eu passei a ter maior liberdade de andar também... então eu conseguia procurar livrarias. Aí na faculdade eu conheci os sebos do Centro do Rio e foi assim.

Pesquisadora: E como que você pensa o desenvolvimento das suas preferências de leitura ao longo da vida?

Entrevistada: Hum...

Pesquisadora: Você falou que o CEFET te abriu portas para você ler vários tipos de autores. Então como que você pensa... como as suas preferências se desenvolveram a partir daí?

Entrevistada: Não sei, que pergunta difícil (*risos*). É... não sei. Até hoje eu não sei muito bem nem o que eu prefiro. Eu sei o que... eu sempre vou para o romance e poesia. Passei a gostar muito de poesia. Mas... não sei... sempre foi muito aleatório, assim... eu pegava o livro... em muitas vezes, eu pegava um livro pela capa, não sabia muito bem, lia e gostava ou não gostava. E aí, se eu gostava, eu pegava os outros livros do mesmo autor e ia lendo... eu até aprendi o que não fazer, como não ler vários livros do mesmo autor seguido, porque você enjoa (*risos*). Mas não sei... para mim, o que realmente foi um marco foi o CEFET, que me deu oportunidade de ter contato, ilimitado quase, à diversos tipos de leitura. Mas eu percebi que, nessa época, do ensino médio e tal, que a minha preferência era policiais. Romances policiais.

Pesquisadora: Que tinha na biblioteca do CEFET.

Entrevistada: Tinha. E... mas eu também li muito romance adolescente, o que chamam de literatura infanto-juvenil. E aí com o tempo foi evoluindo, mas eu não sei...

Pesquisadora: E como você se sentia lendo? Quais as sensações que passavam por você enquanto você lia?

Entrevistada: De fugir. De sentir que eu não estava ali... acho que foi sempre fuga mesmo. Eu não estava ali, me sentia absorvida e passava a madrugada lendo... isso era muito comum. Me absorvia à um ponto a leitura que entrava a madrugada à dentro. E... conheci muita coisa, muitos lugares que nunca tinha ido. Eu sei que é muito clichê, mas é verdade. Você mergulha ali naquela realidade. Até hoje, quando eu estou lendo, você sente as dores das personagens. Tanto que eu sei que hoje tem livros que tem épocas que eu não posso ler, simplesmente porque... não estou bem, não adianta tentar ler alguma coisa que, às vezes, vai me deixar pior. Porque, à princípio, eu não tinha essa compreensão. E é bem isso. Você mergulha, você sente as dores das personagens como se fosse... o personagem é como se fosse uma pessoa da sua família, então você sofre junto. Inclusive, quando eu li a tetralogia da Elena Ferrante<sup>65</sup> e, quando eu terminei, eu falei assim: “Meu deus, e agora? Como é que eu vou viver?” (*risos*). Porque você sente... você tem que digerir durante um tempo aquilo ali, porque é como se você tivesse vivido, morrido e não vai voltar. Por exemplo, *Harry Potter*<sup>66</sup>, que foi o que me acompanhou... eu tenho um apego enorme a esse livro. Ele está todo destruído, mas foi ele que me acompanhou desde depois que lançou. Toda vez que saía um lançamento, meu pai ia para a fila para pegar no primeiro dia, porque, senão, eu ficava muito brava. Tinha que ser no primeiro dia. E ele, geralmente todo final de ano, enfrentava a fila do lançamento para trazer para mim o livro no primeiro dia do lançamento. Então, quando terminou, eu não sabia o que fazer. Eu pensei: “E agora?”. É como se você vivesse uma outra realidade.

Pesquisadora: E você tem alguma lembrança especial com a leitura?

Entrevistada: Não sei, é muito difícil essa pergunta. Eu, normalmente, vou lendo... não sei.

Pesquisadora: Alguma experiência que você tenha tido com a leitura ou com um livro que, de alguma forma, aquilo te marcou, se tornou especial para você?

<sup>65</sup> Trata-se da tetralogia napolitana de Elena Ferrante, composta pelos títulos *A amiga genial*, *História do novo sobrenome*, *História de quem foge e de quem fica* e *História da menina perdida*.

<sup>66</sup>Obra de J. K. Rowling.

Entrevistada: De alguns anos para cá, eu comecei a ler mais literatura feminina e feminista. E eu sinto que, quando eu li *A redoma de vidro*<sup>67</sup>, foi um ponto que... não sei. Abriu os olhos. Eu já estava vindo estudando feminismo, então eu já vinha de um contexto de... eu já estava entendendo que nem tudo o que a gente passa é individual. Muitas vezes, é um sentimento coletivo... mas foi um livro que me abriu os olhos para o que muitas mulheres no mundo passam, às vezes, por situações muito semelhantes às nossas. Até em questões de doenças mentais e tudo, a questão de casos familiares. Não é propriamente uma fraqueza da pessoa, mas do sistema, então pode colocar a Sylvia Plath como um livro que... era uma mulher de classe média... a personagem... de classe média, que estava tendo várias oportunidades profissionais e que... só que ela viveu dentro daquela época que [palavra não identificada], tiveram incontáveis conflitos... ela foi abusada, também tinha conflitos sobre seguir a carreira ou seguir relacionamentos, então você vê que, apesar das épocas, os conflitos que envolvem mulheres estão sempre presentes. Aí eu li depois *Quarto de despejo*, da Carolina [Maria] de Jesus, que abriu os olhos para... isso eu ali ano passado... abriu os olhos para... eu já sabia, obviamente, mas que... quando você lê, você sente as dores, então abriu os olhos para o que eu já sabia de outras realidades de mulheres que... não é só a gente que sofre, tem pessoas muito piores. Então... mas eu acho que Sylvia Plath foi, para mim, *A redoma de vidro*, é um livro que me marcou.

Pesquisadora: E sobre alguma lembrança especial, você tem?

Entrevistada: As minhas lembranças são afetivas. Os livros que meu pai me dava, minha avó me dava. Mas não especificamente por causa da história do livro, mas, às vezes, pelo carinho que eu via de eles tentando, de alguma forma, me orientar. Então, a lembrança afetiva que eu tenho, acho que não é tanto pelo livro se relacionando com a minha vida, mas muito mais pelo livro mesmo como presente. Pelo ato em si. Um outro livro, que acho que me marcou, é *As vinhas da ira*<sup>68</sup>. Eu estava no segundo ano da faculdade, e aí um ex-chefe me deu o livro e é outro livro, do John Steinbeck, que abriu muita coisa, muitas reflexões. Quando a gente está na faculdade, a gente tem um mundo idealizado, e aí você tem várias teorias... e ali mostrou uma outra realidade que... o livro fala, basicamente, sobre a crise de 1929 dos Estados Unidos e mostra mesmo as misérias humanas. A vida das pessoas da forma mais crua. E foi um livro que também me marcou justamente nessa mudança, eu acho, porque ele viu que eu lia muito, mas eu lia muito literatura juvenil. Então ele me deu esse livro e me deu várias outras indicações... eu li *Ulisses*<sup>69</sup>... então foi também um marco talvez para essa transição para uma vida mais adulta, para uma literatura mais adulta, digamos assim. Comecei a ler mais os clássicos, começar a procurar mais sobre isso, mas... então é isso. Os livros afetivos da infância, aí tem Clarice [Lispector], Érico Veríssimo, apesar de não ser nada infantil, minha avó me deu e tal, então está lá na minha estante até hoje. Os livros do *Harry Potter*, todos eles foram meu pai que ia lá me dar. Esse [*As vinhas da ira*], porque eu acho que marcou justamente a mudança para a vida adulta. E Sylvia Plath.

Pesquisadora: E, de alguma forma, isso se relaciona a como você chegou no clube de leitura, a como você chegou no Leia?

---

<sup>67</sup> Obra de Sylvia Plath.

<sup>68</sup> Obra de John Steinbeck.

<sup>69</sup> Obra de James Joyce.

Entrevistada: Não. Quem me convidou foi a [uma das entrevistadas]. Nós estudamos juntas na faculdade e, quando a gente terminou a faculdade, a gente alugou um apartamento juntas e ficamos dividindo o apartamento por dois anos e meio. A gente morou juntas ali na Lapa [bairro no Centro da cidade do Rio de Janeiro]. Ela me apresentou muita coisa, porque a gente ficou morando juntas, então a gente trocava figurinhas o tempo inteiro. Eu ia na estante dela, ela ia na minha estante... a Sylvia Plath foi, inclusive, um dos livros que ela indicou e eu comprei depois, até porque eu queria guardar... e ela me apresentou muita coisa. Então, assim, eu me relacionei ao Leia através da [uma das entrevistadas] e aí, ano passado, ela falou... eu tinha casado, me mudado para cá [Botafogo] e aí a [uma das entrevistadas] falou: “Vamos, você está pertinho, não sei o que...” Porque eu sempre trabalhei muito e ela falava: “Não, mas agora você está pertinho, vamos”. Aí eu fui, porque eu sentia que precisava de novas indicações, eu queria sair da zona de conforto. Porque, às vezes, você acaba caindo sempre em uma zona de conforto. Você sabe do que você gosta e aí, você vai na livraria e você escolhe os livros que você gosta. E eu acho que o Leia veio justamente para adicionar isso... eu senti que encaixou na minha vida para sair da minha zona de conforto e “vamos refletir”. Ler outras coisas, ler mais mulheres e sair da zona de conforto mesmo, conhecer outros autores e outras leitoras.

Pesquisadora: E o que você pensa sobre a intenção das pessoas em se reunirem para debater sobre uma obra?

Entrevistada: Os poucos encontros que eu fui, na realidade, meio que funciona quase que uma autoanálise. As pessoas projetam muito de si mesmo nos personagens e na interpretação que têm no livro, então eu acho muito legal que você consegue analisar sob perspectivas que, às vezes, você sozinho não tem, porque você tem as suas vivências, a sua interpretação. E aí você vai lá e outra pessoa fala “Não, mas não entendi”. Então eu acho que funciona muito como uma autoanálise sobre o porquê eu pensei dessa forma sobre esse capítulo, por exemplo, sobre essa cena do livro e outra pessoa de outra forma. “O que eu estou projetando aqui?” Então, para mim, funciona mesmo como isso.

Pesquisadora: E como você considera a sua motivação para participar desses encontros?

Entrevistada: Para encontrar minhas amigas e para expandir, realmente o... conhecer coisas novas que, sozinha, eu sei que eu não escolheria na livraria. O livro da indicação do próximo mês, não sei se você já leu, *Com armas sonolentas*<sup>70</sup>, é muito bom. E é um livro que eu olharia na livraria e... não conheço a autora, então dificilmente eu pegaria para ler, a não ser que a [uma das entrevistadas] falasse: “Já leu esse livro?”, porque isso acontece. Mesmo a gente não morando mais juntas, ainda acontece isso de uma indicar para a outra e aí troca... mas se não fosse ela indicando, eu não pegaria, então eu acho que é bem isso... conhecer coisas novas e [palavra não identificada], porque eu acho que é gostoso, né... os encontros, sair um pouco da rotina.

Pesquisadora: E como você pensa o clima das reuniões?

Entrevistada: Eu sou muito nova [no Leia], então eu não sei. Eu acho que as experiências que eu tive foram muito poucas, então eu não sei se sou a melhor pessoa. Eu acho que as mediadoras fazem um trabalho super bacana.

---

<sup>70</sup> Obra de Carola Saavedra.



Pesquisadora: Quais são as suas sensações... você comentou um pouquinho sobre as coisas que você sentia lendo sozinha, então como você se sente lendo para ir para o Leia e nas discussões?

Entrevistada: Eu fico mais preocupada em marcar as partes do livro que eu “Ah, tenho uma observação sobre isso”. Eu acho que... eu fico curiosa, na verdade, para saber se as pessoas vão ter a mesma interpretação que eu. A primeira coisa que eu percebi quando eu estou lendo para ir para as discussões é que eu fico curiosa quando eu estou lendo... “Será que as pessoas vão reparar as mesmas coisas que eu reparei aqui ou vão ter uma visão diferente?” Ou então se as pessoas vão passar batido nisso aqui... eu acho que eu fico curiosa e... pode repetir de novo?

Pesquisadora: Posso. Como você se sente nas discussões do Leia?

Entrevistada: Eu me sinto bem. É... a troca de ideias, muitas vezes, né... tem alguns embates que eu acho que é normal, porque ninguém pensa igual. Não tem como. Muitas vezes, os ânimos ficam mais aflorados. As pessoas defendem suas visões de forma mais apaixonada, mas eu me sinto bem. É uma troca muito boa. E eu fico com uma curiosidade que... é muito legal quando eu chego lá e vejo “Ah, eu pensei da mesma forma” ou “Eu pensei diferente, mas essa parte, realmente, se destacou”. Acho que é isso.

Pesquisadora: Você chegou a perceber já alguma mudança nas suas preferências de leitura desde quando você começou a frequentar o Leia?

Entrevistada: Não, ainda não. Eu gostei dos livros indicados até agora, mas eu ainda não notei alguma diferença, porque eu ainda estou lendo os livros que eu comprei (*risos*) antes e estou tentando me controlar para não comprar mais. Então quem sabe, acho que nos próximos meses, quando eu terminar o estoque que está em casa, eu consiga notar. Mas ainda não.

Pesquisadora: Antes de frequentar o Leia, você tinha alguma ideia já preconcebida de como seriam as discussões dos encontros do grupo?

Entrevistada: Eu já tinha participado de uma discussão de um grupo, também com a [uma das entrevistadas] sobre... mas aí foi muito específico, sobre leituras feministas. Feminismo teórico, tipo Simone de Beauvoir. E aí a gente leu *O segundo sexo*<sup>71</sup>, então... só que era bem menor. Eram cinco pessoas. Cinco, quatro... variava. Eu era uma das que variava... ia encontro sim, encontro não. Então eu já imaginava que ia ser mais ou menos na mesma pegada: você lê o texto... no caso, a dinâmica que a gente tinha era de que alguém ficava responsável pela relatoria, porque não tinha mediadora, era um grupo pequeno; alguém ficava responsável pela relatoria e aí depois cada uma ia fazendo as observações. Então você acabava meio que fazendo um resumo... resumo, não. Fichamento. E aí as meninas iam fazendo as observações e as discussões. Foi diferente, porque, como o Leia é, na maior parte... todos os livros que eu fui até agora, é de literatura, tirando o *Putafeminista*<sup>72</sup>, que foi um livro de não-ficção, eu acho que, quando você vai para o romance, você entra muito mais nas impressões individuais, entra muito mais... as viagens mesmo. Cada um pensou, se afeiçoou, aí entra a experiência de vida das pessoas... se se afeiçoou ou não àquele personagem, enfim... mas eu imaginava que ia ser daquela forma mesmo.

Pesquisadora: Como você pensa as discussões sobre a questão da mulher no Leia?

<sup>71</sup> Obra de Simone de Beauvoir.

<sup>72</sup> Obra de Monique Prada.

Entrevistada: Os livros, geralmente escritos por mulheres... as três experiências que eu tive... as três vezes que eu fui... os livros escritos por mulheres acabam tangenciando assuntos femininos, entre aspas. São assuntos que permeiam o universo feminino, seja através do feminismo, seja através da maternidade, seja através dos nossos corpos e tudo. Então acaba sempre passando pela discussão do que é ser mulher e do que é, na nossa sociedade hoje, viver tudo isso. O livro que eu acho que não teve tanto toda essa questão, que foi o *Memórias de Adriano*<sup>73</sup>, que foi justamente... acho que elas colocaram esse livro para... eu entendi assim... para mostrar que mulheres, não necessariamente, falam apenas sobre assuntos femininos. Eu não li. Eu fui sem ler, porque eu não consegui. Não foi por culpa de que... não era mesmo... era histórico... não fluiu. Não terminei. Eu acho que a intenção não é, necessariamente, falar apenas... eu acho que, quando você reúne mulheres e homens também para falar... para ler mulheres, você acaba discutindo assuntos sobre feminismo e tudo que permeia o universo feminino, mas não sei se é a intenção do grupo. É um espaço para discussão.

Pesquisadora: E como você pensa o impacto da participação no grupo nas suas experiências de leitura?

Entrevistada: Eu acrescentei à minha meta de leitura, porque eu pensei: “Já que tem que ler um livro por mês, então eu tenho que ler... a minha meta de leitura tem que ser adicionada, então eu estou lendo mais, além do que eu já me propunha a ler, mas ainda não senti nenhuma mudança.

Pesquisadora: A participação nos encontros te despertou, de alguma forma, para alguma questão que você não tinha pensado?

Entrevistada: Sim. O primeiro livro que eu fui, justamente o *Putafeminista*... eu nunca tive uma opinião formada sobre prostituição. Eu sabia que era uma profissão, que muitas pessoas trabalham nisso, mas eu acho... aquela coisa bem clichê “Ah, mas elas estão sofrendo”, “Ah, mas é uma exploração” que, na verdade, está camuflando uma série de preconceitos que a gente tem e, em muitas vezes, a gente fica tentando se negar. E aí, o que acontece: quando eu li o livro, na hora eu fiquei bem incomodada e eu fui conversar com a [uma das entrevistadas], e aí ela falou assim... eu falei assim: “Ah, mas a questão é que as prostitutas reafirmam o ideal de mulher que a gente está lutando contra. Uma mulher extremamente sexualizada e etc”. Aí ela falou assim: “Tudo o que a gente faz reafirma esse ideal de mulher, mesmo você casando de branco na igreja. Então, você não acha que isso reafirma?”. Pois é, demais. Então isso me despertou... assim, a sociedade é horrível, mas cada um acha a sua forma de lutar, enfim... a forma, para ela... eu entendi que... dá aquele estalo, coisas que você já sabe, mas que você se nega a ver. É uma profissão e ok ser... eu não tenho nada a ver com isso, cada um está buscando a sua forma de lutar e de ganhar a vida. Então para mim isso mudou. Esse livro, principalmente. Me abriu os olhos, logo de cara. Primeira vez que eu fui e me abriu os olhos e eu fiquei assim: “É... estamos todos aí o tempo todo indo contra os nossos próprios princípios.” Então porque... eu nunca achei que deveria negar, sempre achei que... fui à favor da regulamentação. Isso é óbvio, mas eu ainda achava... ainda botava na posição de “Ah, pobre coitada, elas estão sendo exploradas”. E, na verdade, não é. É um emprego e cada um acha a sua forma de ganhar a vida e de lutar.

---

<sup>73</sup> Obra de Marguerite Yourcenar.

Pesquisadora: Agora eu vou te fazer uma última pergunta: eu sei que você está há pouco tempo no Leia, mas, nesse pouco tempo, você tem alguma lembrança especial da tua vivência no Leia?

Entrevistada: Como assim?

Pesquisadora: Alguma coisa que te marcou, de alguma forma, ou que você gostou... que te tocou de alguma forma ou mexeu com você.

Entrevistada: Muito difícil. Talvez daqui a umas duas horas, quando eu já estiver me despedido, talvez eu lembre (*risos*). Mas agora... assim... não me lembro. Não consigo lembrar.

Pesquisadora: Por fim: tem alguma coisa que a gente comentou aqui, ou não comentou aqui, que você gostaria de falar?

Entrevistada: Não, acho que não. Acho que eu consegui passar bem a questão de que, inicialmente, eu fui... eu não sei como é que começou. Provavelmente vindo em casa... ah! Os meus irmãos, os dois, são leitores vorazes também. O do meio mais. Ele vai muito para ficção. Ele lê. E muito espelhado em mim. Ele pegava os meus livros para ler. Destruíram os *Harry Potter*, inclusive... destruíram de usar muito. Livros são para isso mesmo (*risos*). E eu tentei, sempre, até hoje, eu passo para a minha mãe, eu leio livros e falo “Ah, ela vai gostar”. Mas acho que é isso.

Pesquisadora: Então eu vou encerrar aqui. Muito obrigada.